

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDA RIBEIRO HAAG

“O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”: o futebol como trabalho para
as mulheres no Brasil (1983-2023)

São Paulo

2023

FERNANDA RIBEIRO HAAG

“O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023)

Versão original

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de doutor.

Área de concentração: História Social

Orientador: Flávio de Campos

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

H112? Haag, Fernanda Ribeiro
"O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele": o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023) / Fernanda Ribeiro Haag; orientador Flávio de Campos - São Paulo, 2023.
356 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Futebol. 2. História do Brasil. 3. História Oral. I. Campos, Flávio de, orient. II. Título.

HAAG, Fernanda Ribeiro. **“O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”**: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023). 2023. Tese (doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Flávio de Campos (presidente)

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: _____

Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Julgamento: _____

Prof.^a Dr.^a Livia Gonçalves Magalhães

Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Julgamento: _____

Prof.^a Dr.^a Nadya Araujo Guimarães

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: _____

*Aquelas que fizeram ou fazem do futebol o seu
trabalho, especialmente, as que
compartilharam suas vivências comigo
A todas e todos que lutam contra a exploração
do trabalho*

AGRADECIMENTOS

O fazer-se de uma tese de doutorado possui uma contradição inerente. Por um lado, é um trabalho bastante solitário. Ironicamente, a solidude me fez companhia muitas vezes ao longo dessa jornada. Qual o melhor caminho a seguir? Como organizar o texto? Escolho a perspectiva A ou B? Enfim, inúmeras decisões são tomadas. E nesses momentos é o pesquisador por si só, ele faz isso sozinho. Assumo a responsabilidade por todas as decisões e, sobretudo, pelos deslizes. Por outro lado, e ainda bem, o caminho não é feito somente de solidão. Uma tese é **sempre** um trabalho coletivo. Feito a muitas mãos, incentivos e trocas. Seria impossível não guardar algumas linhas para escalar o time de peso que fez esta pesquisa chegar até aqui.

Começar pelo começo, certo? Primeiramente, meus pais. Obrigada por sempre acreditarem em mim e no meu potencial. Vocês me ensinaram que a gente sempre pode mais na vida, independente das dificuldades. Agradeço às minhas avós, que com as suas especificidades, são mulheres inspiradoras e batalhadoras. Exemplos de vida. À tia Gê e ao Robson, pela torcida constante e Natais especiais. À minha madrinha pelo carinho e incentivo de sempre. Ao Didico, meu cãopaneiro, que viu de pertinho a escrita de todas essas linhas e me ensina todos os dias sobre amor.

O amor não é único, tem diferentes formas e constrói os mais distintos laços. Amor é se sentir em casa, independente de onde estivermos. E tem gente que é “casa”. São as “minhas pessoas”. Lorena e Aldenor ninguém no mundo me conhece como vocês dois. Essas páginas têm muito de vocês, mais do que vocês imaginam. Nas palavras do Zeca: “A sua mão me tirou do abismo / O seu axé evitou o meu fim / Me ensinou o que é companheirismo / E a gostar de quem gosta de mim”.

Falando em amor, as vezes ele chega quando você menos espera, com seu jeito manso, coração imenso e te ensina que a vida pode ser leve e que o companheirismo e o alicerce de um relacionamento estão nessa leveza. Guima, obrigada por ter chegado de mansinho e por me lembrar da gente “amando mais do que o amor é capaz”.

Amor também é amizade. Vou emprestar as palavras de um dos maiores artistas brasileiros vivos para lembrar aqueles que são “um ombro pra chorar depois do fim do mundo”. Às minhas meninas, Carol, Tamara (porco da minha vida) e Monah. Eu estaria bem mais perdida nesse mundo sem vocês. Obrigada por tanto. Agradeço aos que me acompanham há mais de dezesseis anos, Douglas e Lara, por toda a parceria e por vocês serem tão incríveis e me inspirarem sempre.

Como se sabe, o proletariado estabelece laços de sociabilidade nos espaços de trabalho. Em tempos de alta competitividade neoliberal, eu dei muita sorte de trabalhar com pessoas maravilhosas e parceiras. Agradeço aos “feras da História”, André, Mari, Tetê, Glads, Renan e Du, por fazerem o cotidiano mais divertido e por todo o apoio e sugestões que me deram. Agradeço também a Deisily pela parceria que construímos nos últimos anos. À Valéria por ter amenizado as condições materiais nessa reta final.

O pátio da reitoria me deu o GRR2007 e com ele vieram pessoas incríveis. Obrigada Fili, Flora, Tavares, Júlia, Ronaldão e Ticy pelos churrascos, futebóis, risadas e todos os rolês. Dos tempos idos, não poderia deixar de citar e agradecer a Anne, o Líder e o Rômulo pela amizade sincera. Acrescento aqui a Andreia, por aqueles áudios que me ajudaram a colocar a bola no chão e seguir o jogo. Aproveito também e agradeço à Cecília, por fazer parte do familhede, pelo carinho com o Didico e pelo apoio nessa fase.

Eu adotei como mantra a frase “o futebol de mulheres me salva todos os dias”. É a pura verdade. Manteve a minha sanidade e me trouxe mulheres incríveis. Agradeço imensamente às Fogueteiras, pelas bobças, risadas, jogos, rolês e todo o afeto envolvido. Cito especialmente Suri, Gabe, Jéssica, Aline e Barbieri, pois foram fundamentais para o desenvolvimento concreto deste trabalho. Faço o adendo de agradecer ao Vina, por não desistir de me convidar para os rolês mesmo sabendo que eu diria não para continuar escrevendo. Na seara futebol, não poderia esquecer de agradecer a Lê e a Paty. Obrigada também a todas que entraram em quadra comigo nesses anos.

O Rio de Janeiro sempre vai ter um lugar especial no meu coração. Assim como alguns cariocas. Bárbara, obrigada por todas as nossas trocas, as acadêmicas, mas mais ainda, as de afeto. Você é inspiração demais. Renatinho, obrigada por todos os vídeos, gifs e memes de bichinhos enviados nessa reta final, foram essenciais. Lívia, minha flor, obrigada por tanto, longe ou perto, estamos sempre juntas. Mas não poderia deixar de citar São Paulo por ter me dado Mariana Mandelli, gêmea de time, de estudos e de gostos. Obrigada por todas as trocas, Mari! E a Mari Gennari por sempre ter me acolhido na cidade e me dado pouso ainda na época da seleção do doutorado.

Não há tese de doutorado sem a institucionalidade. Por isso, agradeço imensamente a todos os servidores da universidade pública por terem resistido ao desmonte dos últimos anos. Sobretudo, aos servidores da USP, que sempre me auxiliaram quando precisei. Obrigada ao professor Flávio pela orientação. Ao Willian pelos auxílios burocráticos e pelas respostas aos meus e-mails cheios de dúvida.

Agradeço profundamente às professoras e professores que tornaram esse trabalho possível. Primeiro, professor João Malaia, que me acompanha desde o mestrado e hoje tenho muito orgulho de chamar de parceiro, compartilhamos o Parmera, o #PorOutroFutebol do Ludopédio, o anseio revolucionário por outro mundo. Obrigada por aceitar ser minha banca no doutorado também. Professora Nadya Guimarães, pois sem ela a tese não existiria. Foi na disciplina dela com a professora Helena Hirata (a quem também agradeço) que mudei o tema do doutorado e resolvi investigar as relações de gênero e trabalho no esporte. Obrigada pelas sugestões da banca de qualificação e por compor a banca da defesa. Professora Livia Magalhães, que admiro demais como pesquisadora, e abriu muitos caminhos nas pesquisas sobre futebol. Obrigada por estar na banca. Ao professor José Florenzano que compôs a banca de qualificação e agora a suplência. Obrigada também às professoras Ana Zimmerman e Luiza Aguiar pela disponibilidade da suplência.

Um agradecimento muito especial, que não cabe em palavras, às jogadoras entrevistadas para essa tese pela disponibilidade, confiança e, sobretudo, por compartilhar as suas experiências de vida e as dores e as delícias do futebol. Obrigada Carla, Dayane, Duda, Leda, Marina, Maravilha, Simone e Thaisa.

Por fim, como não poderia deixar de ser, agradeço à Sociedade Esportiva Palmeiras. Como disse o Abel: “o futebol existe para que cada um possa pertencer a uma família, a algo que se identifica”. É o Palmeiras que me faz pertencer. E tem sido lindos anos para ser palmeirense. Obrigada por tudo.

Qual que é o teu problema? É fé pequena ou mente ruim?

Quem foi que te ensinou a tratar as mulher assim?

*Agora fica esperto porque a coisa vai mudar
Se for tirar farinha com as mulher, pode apanhar (Mulamba)*

Contra-atacar, contra-atacar

Eu vou traçando vários planos

pra poder contra-atacar (Baiana System)

RESUMO

HAAG, Fernanda Ribeiro. **“O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele”**: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023). 2023. Tese (doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Esta tese tem como tema do futebol como trabalho para mulheres no Brasil, considerando o período de 1983 a 2023. O estudo tem como objetivo compreender como as futebolistas brasileiras vivenciaram e ainda vivenciam o futebol como trabalho. Busca-se entender os significados atribuídos por elas ao futebol como trabalho, suas experiências, como se sentiram e o que define uma jogadora profissional. A pesquisa se insere no campo da História Social e dos Estudos de Gênero. A falta de visibilidade das mulheres no esporte justifica a importância de abordar essa temática. A metodologia adotada é a História Oral, especificamente, a História Oral Temática. Assim, considera-se que as narrativas orais são elas mesmas o objeto de análise, não as definindo somente como uma forma de “tapar buracos documentais”. Com o estabelecimento do corpus documental os seguintes temas são abordados: identidade, condições de vida, condições de trabalho, precariedade, formação educacional, maternidade e aposentadoria. Conclui-se que as experiências vividas pelas jogadoras ao longo de suas carreiras se difere imensamente, mas há semelhanças também, oriundas das características específicas do ser jogadora e da própria historicidade do futebol de mulheres no Brasil.

Palavras-chave: futebol; futebol de mulheres; trabalho; gênero; História Oral.

ABSTRACT

HAAG, Fernanda Ribeiro. "Football wasn't professional with me, but I was professional with it": football as work for women in Brazil (1983-2023). 2023. Thesis (Ph.D. in Social History) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

This thesis explores the topic of football as work for women in Brazil, focusing on the period from 1983 to 2023. The study aims to understand how Brazilian female footballers have experienced and continue to experience football as work. It seeks to comprehend the meanings attributed by them to football as work, their experiences, how they felt, and what defines a professional player. The research is situated within the field of Social History and Gender Studies. The lack of visibility of women in sports justifies the importance of addressing this theme. The adopted methodology is Oral History, specifically Thematic Oral History. Thus, it is considered that the oral narratives themselves are the object of analysis, not merely as a way to "fill documentary gaps". With the establishment of the documentary corpus, the following themes are addressed: identity, living conditions, working conditions, precarity, educational background, motherhood, and retirement. It is concluded that the experiences lived by the players throughout their careers vary immensely, but there are also similarities arising from the specific characteristics of being a female player and the historical context of women's football in Brazil.

Keywords: football; women's football; work; gender; Oral History

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1- Infográfico sobre as três fases do futebol de mulheres..... | 60 |
| Figura 2 - Time Coisinha do Pai da cidade de Recife. | 72 |
| Figura 3 - Jogadora mineira na reportagem da revista Manchete..... | 77 |
| Figura 4 - Charge do Henfil sobre mulher e futebol.. | 83 |
| Figura 5 - Adalzira Kavistki, primeira jogadora registrada na FPF | 96 |
| Figura 6 - Capa da Revista Placar com Vandira..... | 99 |
| Figura 7 - Telefonistas com os uniformes de Coritiba e Atlético..... | 103 |
| Figura 8 - Jogadoras do Torneio Início do Pará | 106 |
| Figura 9 - Time e equipe técnica do Guarani. | 115 |
| Figura 10 - Time do Saad no Estádio do Morumbi | 118 |
| Figura 11 - Time de mulheres do Juventus..... | 119 |
| Figura 12 - Edições da Taça Brasil (1983-1989)..... | 129 |
| Figura 13 - Estádio do Torneio Internacional de Futebol Feminino. | 135 |
| Figura 14 - Ingresso do Mundial de 1991..... | 138 |
| Figura 15 - Charge de Aroeira sobre Pretinha..... | 144 |
| Figura 16 - Infográfico do Ministério do Esporte..... | 155 |
| Figura 17 - Cartaz de divulgação da Estratégia Nacional para o Futebol Feminino | 160 |
| Figura 18 - Linha do tempo | 190 |
| Figura 19 - Informações de Carla Oliveira..... | 192 |
| Figura 20 - Informações de Dayane Rocha | 196 |
| Figura 21- Informações de Duda Luizelli..... | 200 |
| Figura 22 - Informações de Leda Maria | 204 |
| Figura 23 - Informações de Marina Aggio. | 207 |
| Figura 24 - Informações de Marlisa Wahlbrink | 211 |
| Figura 25 - Informações de Simone Jatobá. | 216 |
| Figura 26 - Informações de Thaisa Moreno. | 218 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABI – Associação Brasileira de Imprensa
- ALFC – *Asian Ladies Football Confederation*
- BANDEPE – Banco do Desenvolvimento do Estado de Pernambuco
- CBF – Confederação Brasileira de Futebol
- CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
- CMB – Confederação das Mulheres do Brasil
- CND – Conselho Nacional de Desportos
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- COI – Comitê Olímpico Internacional
- CUT – Central Única dos Trabalhadores
- FEEVALE – Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Nova Hamburgo
- FERJ – Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro
- FIEFF – Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino
- FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*
- FUNARJ – Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro
- GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas
- LIFUFESP – Liga de Futebol Feminino de São Paulo
- MDB – Movimento Democrático Brasileiro
- MEC – Ministério da Educação
- MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
- OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
- ONG – Organização Não Governamental
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
- PT – Partido dos Trabalhadores
- SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
- SEME – Secretaria Municipal de Esportes
- SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional
- UEFA – União das Federações Europeias de Futebol
- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UFV – Universidade Federal de Viçosa
- VAR-Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução..... | 15 |
| Capítulo 1 – Jogando fora de casa: por uma História Social do futebol de mulheres..... | 18 |
| 1.1 História social das mulheres e Estudos de Gênero..... | 19 |
| 1.2 Gênero, feminismo e esporte..... | 35 |
| 1.3 Uma proposta de periodização..... | 51 |
| Capítulo 2 – Uma perspectiva histórica do futebol de mulheres no Brasil (1983-2023)..... | 64 |
| 2.1 A ascensão do futebol de mulheres (1979-1995)..... | 64 |
| 2.2 O futebol de mulheres se consolida? (1996-2019)..... | 142 |
| 2.3 A Explosão feminista e o futebol (2019-2023)..... | 156 |
| Capítulo 3 – “Resgatar a história é você saber aquilo que vem por trás de você”: Histórias Orais de jogadoras brasileiras..... | 162 |
| 3.1 Por que a História Oral?..... | 162 |
| 3.2 O projeto de História Oral “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”..... | 170 |
| 3.3 Entrevistando jogadoras..... | 183 |
| 3.4 As jogadoras..... | 191 |
| Capítulo 4 – O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023)..... | 221 |
| 4.1 Os sentidos do futebol como trabalho..... | 221 |
| 4.2 O futebol como identidade e o fazer-se jogadora..... | 251 |
| 4.3 Jogadoras brasileiras: condições de trabalho e condições de vida..... | 261 |
| 4.4 A vida além do futebol: educação, maternidade e aposentadoria..... | 317 |
| Considerações Finais..... | 332 |
| REFERÊNCIAS..... | 336 |

Introdução

Quando ingressei no doutorado no programa de História Social da Universidade de São Paulo meu tema de pesquisa era outro. O projeto versava sobre os guias e manuais de futebol produzidos no Brasil entre 1904 e 1950 e a proposta era analisar o percurso histórico de produção desses materiais, considerando as perspectivas de masculinidade(s) e civilidade. Foi na elaboração do projeto para o processo seletivo que comecei a me aproximar das discussões de gênero para tentar pensar sobre masculinidades. Da graduação ao mestrado era uma temática tangencial nas minhas pesquisas.

Tudo mudou quando cursei a disciplina *Gênero e Trabalho: Desafios Nacionais, Debates Internacionais* ministrada pelas professoras doutoras Nadya Araújo Guimarães e Helena Hirata. A disciplina teve como objetivo geral acompanhar e refletir sobre o campo dos estudos de gênero e trabalho no Brasil e na França, suas especificidades e interconexões. Ao final da disciplina as alunas¹ apresentaram as temáticas escolhidas para a elaboração de um artigo, relacionado às leituras realizadas ao longo da disciplina e que seria o componente avaliativo. Na época da escolha do tema a treinadora Emily Lima foi demitida da Seleção Brasileira após poucos meses no cargo. Houve indignação e uma grande comoção por conta da demissão. O evento me chamou muito atenção e me fez olhar mais detidamente para o futebol de mulheres e mais, especificamente, para os aspectos que envolviam o trabalho naquele campo.

De tal modo, meu artigo final versou sobre a desigualdade de gênero no futebol brasileiro a partir das relações de trabalho. Aquele foi um ponto de virada. Resolvi mudar o tema da tese. Deixar os manuais e adentrar no futebol de mulheres. Com o tempo e, sobretudo, após a qualificação fui delineando melhor o que pretendia abordar e de que forma. Assim, o tema desta pesquisa é o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil, no recorte temporal de 1983 a 2023. O marco inicial considera a regulamentação da prática futebolística para as mulheres no país e o final coincide com o encerramento da tese e também se justifica porque dentre as entrevistadas duas seguem jogando até o presente ano.

O objetivo é compreender de que forma as futebolistas brasileiras experienciaram e experienciam o futebol como trabalho. A partir das narrativas orais gerar um entendimento histórico da interpretação das atletas sobre as suas condições de trabalho (e de desemprego). Entender quais os sentidos atribuídos por elas para o futebol como emprego e de que forma vivenciaram isso; como se sentiram; o que configura na visão delas uma jogadora profissional. Problematicar tais elementos é pertinente para a análise do desenvolvimento da modalidade no

¹ Optei por utilizar o gênero feminino, pois a turma era majoritariamente composta por mulheres.

Brasil e para a apreensão da maneira pela qual as relações de gênero e de trabalho se constituem de maneira imbricada. O que localiza essa pesquisa no campo da História Social e dos Estudos de Gênero. Falar sobre a experiências das jogadoras também se justifica, pois é consenso acadêmico de que as mulheres no esporte foram por muito tempo invisibilizadas e suas histórias não foram contadas. É necessário tirar das sombras tais histórias.

Acredito que se a proposta é realizar um estudo sobre o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil um caminho adequado é entrevistar as personagens principais desse processo. Não significa partir para uma hierarquização de fontes históricas, pois cada uma tem a sua importância, é apenas considerar que as fontes mais adequadas para este tema de estudo são as narrativas orais das próprias futebolistas. E que essas narrativas podem ser elas mesmas objetos de análise, não servem apenas para “tapar buracos documentais”. Por isso optei como metodologia pela História Oral, mais especificamente, pela História Oral Temática. Escolhi realizar entrevistas diretas.

Considerando que não há uma categoria universal de *mulher* também não há uma categoria universal de *jogadora*. Assim, o entendimento do futebol como trabalho e as próprias experiências vividas pelas jogadoras ao longo de suas carreiras se difere imensamente. Perceber essas nuances e também o que as suas visões têm de próximas é central para a pesquisa. Inclusive, porque se trabalha com uma perspectiva diacrônica. Ou seja, o ser jogadora profissional nos anos 1980 é diferente de ser jogadora profissional nos anos 2000. Contudo, considerar as permanências dessas perspectivas também é fundamental. Essa diversidade buscou ser contemplada na escolha das entrevistadas.

A comunidade de destino estabelecida é de futebolistas brasileiras que tiveram o futebol como trabalho, um grupo de mulheres marcado pela experiência de ter jogado bola e estabelecido relações trabalhistas. A colônia é composta por atletas que atuaram no futebol brasileiro no período de 1983 até 2023 e alcançaram sucesso, pois puderam atuar por times de destaque na modalidade, vestiram a camisa da Seleção Brasileira e estabeleceram uma circulação futebolística. Ao final, foram oito entrevistas com: Carla Oliveira, Dayane Rocha, Eduarda Luizelli, Marlisa Whalbrink (Maravilha), Marina Aggio, Simone Jatobá e Thaisa Moreno.

A tese foi dividida em quatro capítulos. O primeiro procura estabelecer os arcos teóricos, localizando a pesquisa dentro das discussões teóricas da história, do esporte e do gênero. Foi elaborada também uma breve revisão bibliográfica a partir das dissertações e teses brasileiras que abordaram de alguma forma as mulheres no futebol, publicadas a partir de 1997 (data de publicação do primeiro trabalho). Ao final do capítulo, problematizo as periodizações

estabelecidas para o futebol de mulheres nacional e desenvolvo a proposta de nova periodização.

O segundo capítulo parte justamente da periodização proposta – dividida em três fases – para buscar historicizar o objeto de pesquisa. Foram retomados eventos significativos do futebol brasileiro e apresentados de maneira diacrônica, a partir do recorte temporal estabelecido. Para elaborar essa narrativa histórica sistematizada foram utilizadas uma miríade de fontes escritas e visuais: jornais, revistas, charge, crônicas, leis e decretos, documentos pertencentes ao acervo do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), entrevistas, depoimentos, relatórios, dados estatísticos, fotografias. A bibliografia pertinente ao tema também foi de suma importância, como livros, teses, dissertações e artigos. O capítulo se divide em três partes dando conta das três fases estabelecidas dentro da periodização proposta: 1) 1979 a 1995; 2) 1996 a 2019; 3) 2019 a 2023.

O terceiro capítulo apresenta o arcabouço metodológico da pesquisa. Primeiramente, há a justificativa pela escolha da História Oral como metodologia, considerando as características específicas das fontes orais. Em segundo lugar, descrevo como se deu a elaboração e desenvolvimento do projeto de História Oral “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Em seguida exponho como foi o processo de entrevistas futebolistas. Por fim, apresento a trajetória de cada uma das oito entrevistadas, tendo como base as suas próprias memórias.

O quarto e último capítulo parte das narrativas orais para compreender o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil. Para isso busco pensar, inicialmente, os sentidos conferidos ao futebol como trabalho. Logo após há uma discussão sobre futebol e identidade e como é o fazer-se jogadora. Em seguida discuto as condições de trabalho e condições de vida das futebolistas. Para finalizar debato aspectos para além do futebol, como educação, maternidade e aposentadoria.

Capítulo 1 – Jogando fora de casa: por uma História Social do futebol de mulheres

“Se a mulher tem algumas opressões hoje na atualidade, imagina 25 anos atrás. Eu enfrentei preconceito dentro da minha própria família, que os meus tios chegavam na casa do meu pai e perguntavam: ‘Zé, como assim você vai deixar a Marina jogar?’”². O relato da ex-jogadora Marina Aggio não é solitário, a carta de Marta, atleta da seleção brasileira e do Orlando Pride, a ela mesma quando jovem segue na mesma direção ao afirmar: “Não havia outras garotas jogando futebol. E as pessoas faziam questão de deixar isso claro para você: ‘Ela não é normal. É estranho para uma garota jogar futebol. Por que vocês a deixam fazer isso?’”³.

As duas histórias estão longe de serem exceções. Bennett et. al.⁴ abordam diferentes mecanismos sociais utilizados para privar mulheres de participação nos esportes, uma categoria desses mecanismos é o que as autoras denominam “slander”, ou seja, alguma forma de difamar ou abusar verbalmente de garotas e mulheres que procuram praticar esportes. As palavras proferidas às duas atletas acima se enquadram em tal categoria, pois buscam apartá-las do esporte inferindo que não se enquadrariam em uma suposta normalidade esperada de meninas, logo, como os pais poderiam permitir tal ação?

Os outros mecanismos elencados são: o silenciamento, quando as conquistas e práticas esportivas de mulheres são diminuídas ou simplesmente invisibilizadas, na mídia e no cotidiano; a pseudo-lógica, o uso de argumentos sem fundamento científico ou lógico para defender uma inferioridade esportiva de mulheres e explicar o suposto fracasso do esporte praticado por elas; humor paternalista, piadas e frases pretensamente divertidas para reiterar que mulheres praticando esporte não podem ser levadas a sério; as práticas ritualizadas, atitudes comuns que produzem e reproduzem essa lógica, por exemplo, o clássico dar de presente bonecas para meninas e bola para os meninos⁵. Poderíamos acrescentar ainda, em determinados contextos históricos, a criação de legislações e regulamentações institucionais para empreender essa separação.

Quais os efeitos de tais mecanismos? O que o afastamento e o ato de privar mulheres das práticas esportivas causa? A consequência mais óbvia é a geração de obstáculos e empecilhos para o desenvolvimento do esporte de meninas e mulheres, engendrando uma clara

² AGGIO, Marina. **Marina Aggio**: entrevista [28 nov. 2017]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba, 2017. Documento digital (38 min). Arquivo pessoal.

³ SILVA, Marta V. Carta para eu mesma quando jovem. **The players tribune**. 24 ago. 2017. Disponível em: <https://www.theplayertribune.com/marta-letter-to-my-younger-self-portuguese/> Acesso em: 10 fev. 2021.

⁴ BENNETT, R. S. *et al.* Changing the rules of the game: Reflections toward a feminist analysis of sport. **Women’s Studies International Forum**, v. 10, n. 4, p. 369–379, 1987.

⁵ *Ibidem*, p. 371-372.

desigualdade de gênero. Nesse sentido, Bennett et. al. defendem que através da negação de oportunidades para desenvolver habilidades motoras, o patriarcado ganha controle sobre o corpo das mulheres. A separação da experiência que promove a habilidade motora é a separação de autocontrole. Assim, há um reforço da lógica de dominação social que enxerga mulheres não como sujeitos/agentes ativos, não só no campo esportivo, mas em um panorama social geral⁶.

É no bojo dessas discussões que surgem as indagações deste capítulo. O título “Jogando fora de casa” nos recorda que com a desigualdade de gênero encontrada no campo esportivo, em geral, e no futebol, em especial, mulheres se tornam quase que “visitantes” – dentro do jargão futebolístico significa jogar apartado de seus domínios, de sua “casa” – nesse espaço. Precisando sempre arcar com as consequências desse processo. Outra forma do alijamento de mulheres do campo esportivo ocorre no âmbito do trabalho e da profissionalização da categoria.

Como coloca Hargreaves⁷, é preciso compreender mais profundamente as maneiras específicas que as desigualdades de classe e questões de trabalho acentuam as desigualdades de gênero no esporte. É necessário também um aporte teórico mais complexo para lidar com as conexões entre classe, gênero e poder (e incluiria raça aqui). Da mesma maneira, compreender de que forma as jogadoras brasileiras experienciaram e experienciam o futebol como trabalho é pertinente para a análise do desenvolvimento da modalidade no Brasil e para a apreensão da maneira pela qual a desigualdade de gênero engendra relações de trabalho no campo esportivo. Assim, o objetivo capítulo é localizar a tese dentro das discussões teóricas da disciplina histórica, do esporte e do gênero.

Começo pelo campo da História. Em seguida abordo as discussões sobre Gênero e Esporte e finalizo com uma proposta de periodização do objeto desta tese.

1.1 História social das mulheres e Estudos de Gênero

Para iniciar os debates acerca da construção de uma história social do futebol de mulheres trago as contribuições de Hargreaves:

A história dos esportes de mulheres pode fornecer uma compreensão das origens e das causas da subordinação das mulheres nos esportes e da natureza da resistência à mudança e das lutas por mudança. Uma perspectiva histórica é essencial para entender como formas residuais de esporte para mulheres coexistem com as formas dominantes e emergentes. Ao olhar para a experiência das mulheres historicamente, podemos

⁶ Ibidem, p. 370.

⁷ HARGREAVES, J. **Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports**. Nova York: Routledge, 1994.

entender melhor a experiência masculina e toda a história dos esportes⁸. [tradução minha]

Um ponto fundamental do trecho acima é a importância de analisar as experiências históricas das mulheres no esporte para compreender não somente tais experiências, mas para desenvolver uma compreensão mais ampla e aprofundada da própria história dos esportes e, pode-se ir além, da própria história das sociedades. O esporte e a perspectiva das mulheres atuando como uma janela privilegiada para a compreensão de processos sociais. Sobre a trajetória das mulheres devemos realçar ainda que é sempre um viés relacional, não há uma história das mulheres apartada ou isolada, por isso lança luz também sobre a experiência dos homens. O segundo elemento fundamental é a compreensão do esporte como um espaço detentor de uma lógica e estrutura dominante, mas sempre passível de mudanças, pois também aloca atitudes de resistência e transformação.

Só é possível ter esses elementos em vista com a construção de uma história social. É nessa abordagem teórico-metodológica que localizamos este trabalho, utilizando seu instrumental e debates para construir uma perspectiva histórica do futebol de mulheres no Brasil, a partir das questões de trabalho. A História Social nos recorda que a própria história é resultado das ações humanas e não de leis impessoais, traçar a trajetória dessas ações está no cerne de suas preocupações. Nesse sentido, é exequível explicar as condições históricas que constroem e perpetuam as desigualdades e, da mesma forma, analisar as possibilidades de mudanças dessas condições.

Pinsky também nos alerta que: “é ainda no âmbito da História Social que muitas pessoas encontram subsídios para projetos políticos que implicam em romper com ‘determinismos biológicos’ e questionar desigualdades sociais baseadas nas percepções da diferença sexual”⁹. Isso nos é extremamente caro, pois as desigualdades claras ocorridas no futebol não são resultado de características biológicas de homens e mulheres, mas das construções históricas e sociais ocorridas derivadas das ações humanas.

A denominada História das Mulheres, surgida na historiografia a partir dos anos 1960 e 1970, foi fundamental na elaboração desses posicionamentos e mesmo sendo amplamente diversificada, com distintos assuntos, métodos e abordagens, os trabalhos inseridos nessa corrente têm uma preocupação em comum: “a atenção às mulheres do passado e o

⁸ No original: The history of women’s sports can provide an understanding of the origins and causes of women’s subordination in sports, and of the nature of resistance to change and struggles for change. A historical perspective is essential to understand how residual forms of sport for women coexist with dominant and emergent ones. By looking at the experience of women historically, we can better understand male experience and the whole of the history of sports. Ibidem, p. 37.

⁹ PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 1, p. 159–189, 2009.

reconhecimento de que a condição feminina é constituída histórica e socialmente”¹⁰. Assim, a História das Mulheres abriu importantes perspectivas historiográficas e, talvez, sua maior contribuição tenha sido:

O descrédito das correntes historiográficas polarizadas para um sujeito humano universal. (...) A história das mulheres – com suas compilações de dados sobre as mulheres no passado, com suas afirmações de que as periodizações tradicionais não funcionavam quando as mulheres eram levadas em conta, com sua evidência de que as mulheres influenciavam os acontecimentos e tomavam parte na vida pública, com sua insistência de que a vida privada tinha uma dimensão pública – implicava a negação de que o sujeito da história constituía-se numa figura universal.¹¹

A ideia de um sujeito humano universal foi fortemente questionada. Grupos minoritários não se viam representados no suposto sujeito universal da História, pois a sua universalidade se resumia ao perfil do homem, branco, heterossexual e dos países ditos centrais. O perfil era projetado como se valesse para a infinidade de sujeitos históricos, quando na realidade, havia recortes muito bem delimitados. Concluiu-se que o sujeito da História não é universal. A partir dessa conclusão, as historiadoras feministas – lembrando que o movimento feminista se fortalece nesse contexto também influenciando e sendo influenciado pelas produções acadêmicas – passaram a problematizar outros aspectos epistemológicos da disciplina e, obviamente, a analisar as condições históricas das mulheres ao longo do tempo, suas mudanças e permanências e seu caráter relacional.

Sobre as mudanças trazidas no seio da própria disciplina histórica, Perrot afirma:

A história das mulheres ao colocar a questão das relações entre os sexos, revisitava o conjunto dos problemas do tempo: o trabalho, o valor, o sofrimento, a violência, o amor, a sedução, o poder, as representações, as imagens e o real, o social e o político, a criação, o pensamento simbólico. A diferença dos sexos revelava-se de uma grande fecundidade. Esse fio de Ariadne percorria o labirinto do tempo. (...) A história das mulheres e das relações entre os sexos coloca de maneira muito feliz a questão da permanência e da mudança, da modernidade e da ação, das rupturas e das continuidades, do invariante e da historicidade (...) Ela é também um terreno de reflexão maior, “teórico”, como chamariam os americanos, epistemológico, como teríamos dito nas décadas de 1970 e 1980, para a pesquisa, diremos mais modestamente nos dias de hoje. Ela interroga a linguagem e as estruturas do relato, as relações do sujeito e do objeto, da cultura e da natureza, do público e do privado. Ela coloca em questão as divisões disciplinares e as maneiras de pensar.¹²

Dessa forma, percebemos o forte impacto que a História das Mulheres causou na historiografia. Além de questionar, quais seriam os sujeitos da História, agora sim no plural, e visibilizar sujeitos que até então haviam ficado nas sombras, afetou também questões centrais do fazer historiográfico e o que se entendia por isso. Um exemplo é o debate sobre as

¹⁰ Ibidem, p. 160.

¹¹ SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, 2007, p. 286.

¹² PERROT, M. *As mulheres e os silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 25-26.

periodizações. Periodizar e recortar o tempo, precisamos recordar, é sempre um ato de poder, feito a partir de determinados interesses e subjetividades. Se a História considerava a existência de um sujeito universal, seu conhecimento e construção sempre partiu dele, o que inclui as periodizações realizadas.

Trazendo para o nosso debate, se pensarmos numa periodização da história do futebol brasileiro, há um marco de profissionalização do esporte datado de 1933¹³. Questiono agora: profissionalização para quem? Nesse período a proibição ao futebol de mulheres ainda não vigorava, mas as mulheres já ocupavam os gramados, em festivais, circos e subúrbios¹⁴, contudo, não eram profissionais. A profissionalização serve apenas aos jogadores homens e é tida como se fosse uma profissionalização universalizada dentro do futebol. Dessa forma, as experiências masculinas são as únicas representativas da história, há uma clara prioridade à “história dos homens” frente à “história das mulheres”, configurando uma hierarquia dentro dos próprios relatos históricos.

Nesse contexto, como já foi destacado acima no trecho de Perrot, havia uma preocupação com a relação entre os sexos. De acordo com Davis:

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.¹⁵

Para essas historiadoras era necessário pensar a história das mulheres em seu caráter relacional com a história dos homens, não haveria como separá-las ou pensá-las como espaços distintos. Tal elemento é fundamental, pois busca não isolar os sujeitos históricos dentro de suas ações e nem o objeto dentro da pesquisa. Há uma permanência de tal preceito dentro do campo de pesquisa sobre mulheres e gênero, o que julgo fundamental para o trabalho. Há ainda outras especificidades dessa produção historiográfica. A ideia de papéis de sexo, que viria a ser interrogada posteriormente, sobretudo, a partir da utilização do conceito de *gênero*, pois “papéis

¹³ Damo aponta que a profissionalização do futebol, tomada como um processo social, é por definição inacabada e também questiona o marco de 1933, pois o acordo entre as agremiações de Rio de Janeiro e São Paulo não teria reverberado de modo idêntico em todo país. De toda forma, o próprio Damo reconhece o ano de 1933 como uma referência desse processo. Cf: DAMO, A. S. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

¹⁴ BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 213 f. 2019. Dissertação (Mestrado em em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2019.

¹⁵ DAVIS, N. apud. SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

de sexo” implicariam em uma percepção estanque da construção de múltiplas identidades, não dando conta de explicá-las e analisá-las. A própria utilização do termo sexo passaria por indagações e mudanças.

Retomando a discussão sobre o desmantelamento do sujeito universal na História, a própria História das Mulheres passou a ser questionada pela construção de uma mulher vista como universal. Ou seja, a categoria *mulher* utilizada nessas pesquisas também lançava sombras sobre diferentes realidades e experiências:

Os historiadores sociais, por exemplo, supuseram as “mulheres” como uma categoria homogênea; eram pessoas biologicamente femininas que se moviam em papéis e contextos diferentes, mas cuja essência não se alterava. Essa leitura contribuiu para o discurso da identidade coletiva, que favoreceu o movimento das mulheres na década de 1970. (...) Já no final da década, porém, tensões instauraram-se, quer no interior da disciplina, quer no movimento político. Essas tensões teriam se combinado para questionar a viabilidade da categoria “mulheres” e para introduzir a “diferença” como um problema a ser analisado. Inúmeras foram as contradições que se manifestaram, demonstrando a impossibilidade de se pensar uma identidade comum. (...) Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades¹⁶.

Contudo, os impactos que a História das Mulheres teve na disciplina histórica também passaram por algumas indagações. Scott¹⁷ aponta dois elementos. O primeiro é um caráter excessivamente descritivo dessa produção. As pesquisas das historiadoras das mulheres teriam uma defasagem em sua força de análise, restringindo-se mais a um viés de descrição de seus objetos e um déficit teórico. As mulheres foram incluídas na história, mas apenas como um adendo à História Geral, não modificando a forma como essa história era construída. Da mesma forma que esses trabalhos se esforçaram para provar a participação das mulheres nos processos históricos, mas a prova não seria suficiente para impactar a historiografia e provocar um repensar desse saber¹⁸.

O segundo aponta a marginalização ocorrida, a História das Mulheres no interior da disciplina histórica foi marginalizada pelos demais historiadores do campo que, em sua maioria, não reconheceram essa história, confinando-a em um domínio separado e, visto hierarquicamente, como inferior, pois despertara um interesse mínimo. Seria uma reafirmação da proeminência do sujeito universal excludente, pois a história dos grupos minoritários seria apenas um anexo. Tudo isso, para Scott, exigia uma análise não só da relação entre experiências

¹⁶ SOIHET, R.; PEDRO, J. 2007, p. 286-287.

¹⁷ SCOTT, J. 1995, p. 74.

¹⁸ Há, obviamente, um debate sobre tal afirmação. A própria Carla Pinsky, no artigo citado acima, contesta essa visão de que os trabalhos seriam marcadamente descritivos. Haveria, sim, um amparo teórico e uma abordagem analítica combinados com um questionamento do próprio saber histórico.

masculinas e femininas no passado, mas do vínculo entre história passada e a prática histórica presente¹⁹.

Tudo isso levou à busca por formulações teóricas utilizáveis para dar conta de uma reformulação epistemológica da disciplina histórica, expandindo as fronteiras descritivas e questionando conceitos disciplinares dominantes, ou ao menos, abrindo espaço para abalar seus poderes. E para trabalhar com as diferenças sexuais sem desconsiderar as diferenças dentro das diferenças, explicando as mudanças e permanências, considerando a persistente desigualdade existente, ainda que de forma distinta. É nesse turbilhão que emerge o conceito de gênero e revoluciona as discussões travadas até então. De acordo com Perrot, há “três séries de fatores científicos, sociológicos e políticos”²⁰ que auxiliam a pensar esse desenvolvimento – por mais que ela esteja falando da realidade francesa, pode-se expandir alguns aspectos para um panorama maior: a crise dos grandes paradigmas explicativos; a feminização da universidade, tanto com estudantes e quanto com professores; fatores políticos que quebram silêncios femininos, como a atuação do movimento feminista.

Qual seria a contribuição do surgimento do conceito de gênero para os estudos históricos? Para Pinsky:

Os Estudos de Gênero entraram na História. Nesse debut, herdaram muitos dos pressupostos, preocupações e metodologias de pesquisa da já atuante História das Mulheres, mas também reformularam ou contestaram vários outros. Uma das formas, talvez a mais interessante, de adoção do termo é seu emprego como categoria de análise. Nesse sentido, uma das propostas da História preocupadas com gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de gênero no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos²¹.

O ponto central do trecho acima é considerar o gênero como uma categoria de análise remetendo, assim, à ideia de que as concepções de masculino e feminino possuem historicidade. Ou seja, são produzidas, reproduzidas e transformadas ao longo do tempo. Enquanto categoria de análise, gênero descreve que as percepções das diferenças sexuais norteiam e direcionam relações sociais. Mas gênero per se não tem um conteúdo ou alguma definição preestabelecida, por isso, envolve pesquisa e se debruçar sobre uma situação concreta. A pergunta posta então é outra: Como? Gênero busca analisar como em determinadas situações específicas as diferenças sexuais são invocadas e influenciam a construção das relações sociais.

Soihet e Pedro ainda apontam outras contribuições essenciais da categoria de gênero. A ênfase ao caráter social e cultural das distinções fundamentadas no sexo, contrapondo-se

¹⁹ SCOTT, J. 1995, p. 74.

²⁰ PERROT, M. 2005, p. 41.

²¹ PINSKY, C. 2009, p. 162.

veementemente à naturalização. O registro à hierarquia e assimetria nas relações entre homens e mulheres, adicionando o aspecto das relações de poder. O destaque ao caráter relacional entre homens e mulheres, ou seja, a impossibilidade de compreensão da história de um apartada do outro – lembramos que essa preocupação já aparecera na História das Mulheres, o gênero foi importante para aperfeiçoar esse aspecto. Por fim, a possibilidade de articulação do gênero com as categorias de classe e raça/etnia, apontando que as desigualdades se articulam a partir desses três eixos²².

Com a entrada do gênero nos estudos históricos, a história não se restringe mais a somente complementar ou corrigir os relatos historiográficos, nem somente a descrever eventos envolvidos com mulheres, torna-se um “modo de compreender criticamente como a história opera enquanto lugar de produção do saber de gênero”²³. Ademais:

Algumas opõem história de gênero e história das mulheres – que, na verdade, caminham para uma interpenetração que impede a abordagem isolada de cada uma destas, às quais se juntam as abordagens sobre gays/lésbicas e sobre masculinidades. Criatividade, sensibilidade e imaginação tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade, que perduram por tão longo tempo quanto ao passado feminino²⁴.

É desse ponto que parti nesse trabalho. Construir uma história social das mulheres aliada a uma perspectiva de gênero. Não considerando como caminhos antagônicos, mas complementares. Cabe agora debater o conceito de gênero e relacioná-lo com a pesquisa, tendo em vista que é uma categoria extremamente polissêmica não é a intenção fazer um grande balanço teórico ou histórico sobre ela, mas sim, trazer referências centrais explicitando o viés a ser adotado na tese. O que não significa, necessariamente, adotar todos os pontos dos autores utilizados, mas sim, colocar suas preocupações e ideias em debate, buscando tirar uma síntese de tais elementos.

Em 1986, Joan Scott publicou o texto *Gender: a useful category of historical analysis*²⁵ e teve um efeito intenso em todas essas discussões. A definição de gênero de Scott tem duas partes: 1) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos; 2) gênero é um modo primário de significar as relações de poder. Como elemento constitutivo das relações sociais, o gênero tem quatro elementos interconectados: a) símbolos, que evocam múltiplas representações; b) conceitos normativos, visando repreender

²² SOIHET, R.; PEDRO, J. 2007, p. 288-289.

²³ Ibidem, p. 291.

²⁴ Ibidem, p. 296.

²⁵ Publicado pela primeira vez no Brasil em 1990 na Revista Educação & Realidade.

possibilidades alternativas; c) políticas, instituições e organizações sociais; d) a identidade subjetiva, isto é, a constituição das identidades de gênero²⁶.

É central na conceituação de Scott a relação do gênero com o poder. Ao buscar compreender como as hierarquias de gênero são construídas e legitimadas, a autora defende que o gênero é um campo por meio do qual e dentro do qual o poder é articulado, logo, na medida em que o gênero estabelece distribuições de poder, é implicado na construção do próprio poder²⁷. Aos historiadores cabe analisar esses processos e também ter a percepção das mudanças que podem ocorrer. Perceber as mudanças ou a manutenção das hierarquias de poder baseadas no gênero só ocorre dentro de determinado contexto histórico específico e cabe aos pesquisadores articularem os elementos acima para sua compreensão, pois eles nunca operam isolados, mas simultaneamente e em conjunto.

Além disso, em sua compreensão de gênero Scott recupera e desenvolve alguns aspectos presentes anteriormente nos estudos da História das Mulheres. Talvez o principal seja o caráter relacional do conceito de gênero. Ao problematizar a relação entre gênero e poder, não há como isolar determinado grupo social, pois está sempre envolvido nas articulações de hierarquias, seja como dominante ou não. Nesse sentido, o gênero expande a perspectiva de focar somente em mulheres, é necessário fazer uma história dessas relações que se constroem dialeticamente. Outro aspecto claro é a negação de explicações biológicas para as diferenças sexuais que justificariam desigualdades. Extrapolando esses debates, Scott argumenta contra um caráter estanque da oposição binária entre os sexos:

Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual. Devemos nos tornar mais autoconscientes da distinção entre nosso vocabulário analítico e o material que queremos analisar. Devemos encontrar formas (mesmo que imperfeitas) de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à autocrítica.²⁸

Com isso Scott retoma a necessidade de um aporte teórico robusto e disposto a modificar as bases da disciplina histórica, pois assim passamos a tratar a oposição entre homem e mulher como problemática e não como conhecida, ou natural, é algo contextualmente definido e reiteradamente construído. Abrem-se possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas das feministas – há uma preocupação com a ação e a prática social e para modificar as desigualdades –, já que o gênero pode ser redefinido em conjunção com uma visão de igualdade, incluindo também classe e raça. Nesse sentido, as construções de gênero não se restringiriam a

²⁶ SCOTT, J. 1995, p. 86-88.

²⁷ Ibidem, p. 89.

²⁸ Ibidem, p. 94.

uma perspectiva binária, pois é preciso lembrar que há o elemento da identidade subjetiva dos sujeitos.

Sobre a crítica à construção binária de masculino/feminino, Judith Butler afirma que assim como a categoria gênero é construída, o sexo também é. É na materialidade do corpo que ambos ganham signos a partir de uma cultura heteronormativa que insere tais corpos em um enunciado performativo binário sobre o gênero - uma categoria instável, ainda que tida como lógica. Que, por tal enunciação, tem de ser reafirmada constantemente e performatizada: “comporte-se como uma mocinha”, “brinque de boneca”, “não jogue bola”. Butler²⁹ questiona o sujeito no feminismo; defende que os movimentos feministas e os Estudos de Gênero não devem reafirmar o que combatem, os essencialismos. Assim, devem “repensar radicalmente as construções ontológicas identitárias”.

Retomando agora sobre as discussões de Scott. A sua proposta teórica defende o pós-estruturalismo como uma epistemologia mais radical com capacidade de tratar as mulheres como sujeitos e o gênero como categoria analítica. A historiadora se apoia nos pós-estruturalistas que se debruçam sobre o significado, ou seja, escrever a história é observar os significados variáveis e contraditórios que são atribuídos à diferença sexual. O historiador deve buscar as formas pelas quais os significados de gênero estruturam e organizam concreta e simbolicamente a vida social. Dessa forma, é preciso construir a história dos significados subjetivos de homens e mulheres e como foram construídos, enquanto categorias de identidade³⁰.

O pós-estruturalismo de Scott é construído pelas abordagens linguísticas e filosóficas pautadas nas ideias de Derrida e Foucault. Assim, as teorias da linguagem possibilitariam pensar as formas pelas quais as pessoas constroem os significados, como a diferença – incluindo aqui a sexual – opera na construção do significado e como as complexidades dos usos contextuais abre espaços para as mudanças no significado. Nessa lógica o gênero é redefinido como conhecimento sobre a diferença sexual e o conhecimento é tudo que se refere às relações sociais e é inseparável da organização social. Logo, o gênero se torna a organização social da diferença sexual³¹.

É no bojo dessas discussões que se exprime a ruptura de Scott com a História Social:

Nessa abordagem, os interesses que controlam ou contestam significados são produzidos discursivamente, são relativos e contextuais, e não inerentes aos atores ou

²⁹ BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

³⁰ SOIHET, R.; PEDRO, J. 2007, p. 288-289.

³¹ PINSKY, C. 2009, p. 167-169.

às suas posições estruturais (não há, como na abordagem da História Social, interesses objetivamente determinados e nem uma separação entre condições materiais, pensamentos e ações engendrados por aquelas). Os significados são disputados localmente dentro de campos de força discursivos que se sobrepõem, influenciam e competem uns com os outros. Porém, aparecem como verdades, exercendo uma função legitimadora de poder. Política é, portanto, o processo pelo qual jogos de poder e conhecimento constituem identidade e experiência, e estas, por sua vez, são fenômenos organizados discursivamente em contextos e configurações particulares³².

A ênfase pós-moderna na linguagem, cultura e discurso aparece bem delineada nas propostas de Scott. Assim como uma visão fragmentada do mundo e do conhecimento humano, impactando diretamente em identidades também fragmentárias e distantes de um caminho mais unitário. Ainda nessa direção Scott, apoiada no pós-estruturalismo, critica fortemente historiadores que se apoiam no que ela denominou de “quadros de referência tradicionais das ciências sociais”, isto é, teorias baseadas em explicações causais universais. Essas teorias seriam limitadas, pois incorreriam em generalizações reducionistas ou demasiadamente simples – é possível enquadrar aqui também a História Social. Em seu artigo são apontadas três teorias caracterizadas dessa forma, a saber: a feminista, empenhada em explicar as origens do patriarcado; a marxista comprometida com as críticas feministas; e a das teorias anglo-americanas *object-relation theories*.

Vou me ater aqui às críticas às perspectivas marxistas e brevemente à feminista contrária ao patriarcado. Sobre a última, a proposta seria uma análise interna ao próprio sistema de gênero e a primazia desse sistema na organização social e falharia, segundo Scott, em não demonstrar a relação da desigualdade de gênero com as outras formas de desigualdade. Também acabaria colocando a diferença física de homens e mulheres como sendo universal e imutável, pressupondo um significado permanente e inerente ao corpo humano e, por conseguinte, uma a-historicidade do próprio gênero³³.

Como contraponto, Saffioti seguiu defendendo o uso do termo patriarcado, mesmo após adotar o conceito de gênero, pois nele ficaria explícita a desigualdade existente nas relações entre homens e mulheres. Em vez de renunciar ao conceito de patriarcado, ela afirma: “o patriarcado é um caso específico de relações de gênero”³⁴ e deve ser entendido não como uma categoria a-histórica, mas a partir da formação social de cada contexto analisado, considerando que as experiências de dominação e exploração podem ser distintas.

Com relação às teorias marxistas, há um maior detalhamento das críticas e questionamentos. Pode-se partir desse ponto:

³² Ibidem, p. 169.

³³ SCOTT, J. 1995, p. 78.

³⁴ SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

A dificuldade para as/os feministas (...) que trabalham dentro do quadro do marxismo é evidente nos trabalhos que mencionei aqui. O problema que elas/eles enfrentam é o inverso daquele colocado pela teoria do patriarcado, pois, no interior do marxismo, o conceito de gênero foi, por muito tempo, tratado como um subproduto de estruturas econômicas cambiantes; o gênero não tinha aí um status analítico independente e próprio³⁵.

Para Scott o problema central das feministas marxistas é o determinismo econômico. Ou seja, independente do caminho e das possibilidades teóricas que essas feministas seguissem haveria uma determinação do gênero pela produção material. Isso limitaria o avanço de novas linhas de análise. A historiadora ainda segue sua crítica tentando desconstruir algumas tentativas de sínteses dentro do feminismo marxista. Seus comentários aos trabalhos de Joan Kelly e Heidi Hartmann seguem o preceito acima, de que no final das contas, essas autoras mesmo pensando em uma articulação do capitalismo e do patriarcado acabariam dando proeminência ao primeiro e, assim, o patriarcado se desenvolveria somente em função das relações de produção capitalistas. Outra crítica que ela faz é à tentativa das feministas marxistas de incluírem a categoria de reprodução em suas análises, de acordo com Scott, a reprodução não teria status equivalente à produção e por isso seria uma discussão fútil.

Poderia sumarizar as condenações de Scott ao feminismo marxista em dois aspectos: o determinismo econômico e o reducionismo. Ellen Wood³⁶ afirma que a rejeição às preocupações e formas “econômicas” tradicionais de conhecimento, como a economia política são típicas do pós-modernismo e vem no bojo do repúdio às “grandes narrativas” da história, incluindo as teorias marxistas. Esses temas são agrupados nas denúncias de “reducionismo” ou “essencialismo”. No caso do marxismo, ele reduziria a variada complexidade da experiência humana a uma visão monolítica, privilegiando o modo de produção como determinante histórico, inclusive, frente à construção discursiva da realidade.

É exatamente nessa direção que as críticas de Scott seguem e é aqui o ponto inicial de discordância com ela. Nem a História Social e nem o marxismo podem ser acusados em si de serem reducionistas ou deterministas. O que não significa que não existam trabalhos alocados nesse espectro que não o sejam, contudo, não é possível considerá-los como únicos ou generalizar uma crítica a essas teorias e metodologias por conta deles. Para começar a desconstruir esse ponto de Scott retomo os escritos de Thompson:

No lugar da noção da primazia do “econômico” – com que as normas e a cultura são vistas como reflexos secundários -, o que essa passagem enfatiza³⁷ é a simultaneidade

³⁵ SCOTT, J. 1995, p. 80.

³⁶ WOOD, E. O que é a agenda pós-moderna? In: **Em defesa da história:** marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

³⁷ Thompson está se referindo a uma passagem de Marx nos *Grundrisse* sobre o processo histórico e a retomada à “acepção plena” do modo de produção.

da manifestação de relações produtivas particulares em *todos* os sistemas e áreas da vida do social. Não estou pondo em dúvida a centralidade do modo de produção. Estou colocando em questão a ideia de ser possível descrever um modo de produção em termos “econômicos” pondo de lado, como secundárias (menos “reais”), as normas, a cultura, os decisivos conceitos sobre os quais se organiza um modo de produção. Uma divisão teórica arbitrária como essa, de uma base econômica e uma superestrutura cultural, pode ser feita na cabeça (...) Mas não passa de uma ideia na cabeça. Quando procedemos ao exame de uma sociedade real, seja qual for, rapidamente descobrimos a inutilidade de se esboçar a respeito a uma divisão assim.³⁸ [grifo do original]

O historiador inglês é incisivo em sua defesa de um marxismo não ortodoxo e nem reducionista. Quando fala do exame de uma sociedade real Thompson defende a História Social e a necessidade de uma pesquisa sólida e não pautada pelo determinismo econômico. Interessante notar também a crítica à metáfora da base-superestrutura, pois como classificar determinados fenômenos: enquadrar-se-iam na base ou na superestrutura? Essa divisão não teria sentido, pois são todos articulados. A metáfora, para ele, seria “mecânica e insatisfatória” e poderia levar ao determinismo economicista tão combatido em seus escritos.

Sobre as determinações dentro do modo de produção, Thompson afasta-se fortemente da noção de “determinação em última instância” e aproxima-se da ideia de múltiplas determinações. Há a conceituação do modo de produção “no qual as relações de produção e seus correspondentes conceitos, normas e formas de poder devem ser tomados como um todo”³⁹. Dessa forma, a questão da determinação passa muito mais pelo sentido de “estabelecer limites e exercer pressões”⁴⁰ do que pela primazia do econômico determinando os demais elementos em uma suposta superestrutura.

Dito de outra forma, seria a existência de limites e pressões nas distintas áreas da vida social exercidas pelas relações de produção em que os sujeitos estão inseridos. Ademais, gostaria de apontar outra lembrança importante do marxista, uma das maiores ofensas do capitalismo à humanidade é a de definir todas as relações sociais como “econômicas” e de substituir elos afetivos pelos elos impessoais do dinheiro. Assim, não há como uma teoria que busca criticar essa sociedade de mercado incorrer no mesmo erro⁴¹.

Contrariando o pós-modernismo tem-se também dentro da perspectiva marxista a defesa de uma análise totalizante e sistêmica do modo de produção capitalista, o que não significa alijar os sujeitos históricos de suas ações e relações. Para isso recorro da colocação de Marx em O 18 Brumário: “[as pessoas] fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua

³⁸ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 254.

³⁹ Ibidem, p. 259.

⁴⁰ THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes, 2021.

⁴¹ THOMPSON, E. P. 2001, p. 257.

livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”⁴².

Desse modo, a intenção aqui é compreender tanto a ação e agência dos sujeitos históricos, quanto as condições em que estão inseridos, vivem suas experiências e elaboram sua consciência. Isso fica latente ao nos debruçarmos nas narrativas das jogadoras acerca de suas trajetórias, das condições materiais que encontraram, e as ações e estratégias que estabeleceram a partir delas. Diferente do que defende Scott não há uma perspectiva histórica estanque ou sequer reducionista, tampouco, uma visão a-histórica das relações de gênero, pois, os sujeitos e as condições sociais existentes são analisados dialeticamente, compreendendo que se constroem mutuamente.

O caráter fragmentário do pós-modernismo e a forte ênfase nas diferenças em detrimento da unidade também é criticado pelos movimentos sociais, a exemplo de vertentes do feminismo. A crítica aponta o individualismo excessivo e a pouca coletividade. Para os movimentos as posições que privilegiam somente as diferenças – inclusive entre homens e mulheres – correm o risco de tomá-las como permanentes e irredutíveis, deixando os argumentos igualitaristas em segundo plano e focar em um número cada vez maior de diferenças dentro das diferenças, o que pode levar à afirmação de que todo o indivíduo é único e diferente⁴³.

Conforme Wood, um respeito sadio pela diferença e pela pluralidade de lutas contra os vários tipos de opressão, não nos obriga a descartar ou abandonar a ideia de uma emancipação humana universal e de pontos em comum⁴⁴. Aijaz Ahmad complementa: “Se, na constituição de sua identidade, eu não tenho direitos de cognição, participação ou crítica, então sobre que base você pode pedir minha solidariedade, exceto por alguma piedade, alguma boa vontade que posso suspender a qualquer momento?”⁴⁵. Ou seja, é necessário pensar e se posicionar contra todas as diferentes formas de opressão, considerando suas especificidades, mas nem por isso se deve focar em um individualismo ou fragmentação extremos que esqueçamos pontos de contato e um grau de universalismo, pois, o objetivo ao final é o mesmo, superar essas desigualdades e opressões.

É a ideia de que se o capitalismo detém um viés holístico e sistêmico, assim, a sua análise deve fazer o mesmo, considerando as diferentes formas de exploração, dominação e

⁴² MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 25.

⁴³ PINSKY, C. 2009, p. 171-172.

⁴⁴ WOOD, E. 1999, p. 18.

⁴⁵ AHMAD, A. Problemas de classe e cultura. In: WOOD, E.; FOSTER, J. B. (org.). **Em defesa da História: Marxismo e Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

opressão e as maneiras pelas quais são articuladas. Obviamente que os pesquisadores sabem que não darão conta de tamanha missão em sua totalidade, contudo, tê-la no horizonte é fundamental para o desenvolvimento das análises. A própria Scott afirma:

“temos que pensar nos processos como estando tão interconectados que não podem ser separados. É evidente que isolamos certos problemas para serem estudados e que estes problemas constituem pontos de partida ou de entrada para processos complexos. Mas são os processos que devemos ter sempre em mente.”⁴⁶

Seguindo nessa reflexão Scott rechaça novamente explicações causais e reafirma que a explicação dos processos se encontra no significado – como vimos, esses seriam múltiplos. Mas aqui quero me ater à ideia de pensar os processos como sendo “tão interconectados que não podem ser separados”, se o ponto é esse pode-se até aventar que não há um abandono completo de uma noção de totalidade, pois os processos seriam pensados separadamente apenas para fins de estudos, quando na realidade formam uma unidade. O propósito não é criticar essa perspectiva, mas demonstrar que determinado grau de universalidade é necessário também nas reflexões e trabalhos históricos – considerando, como vimos acima, que para os movimentos sociais é elemento chave – mesmo naqueles que buscam uma ruptura nessa direção.

Nesse sentido, aponte a importância do trabalho de Scott e seus desdobramentos. Valorizo suas contribuições e preocupações políticas, a História Social e os Estudos de Gênero devem significativamente a ela. O problema, contudo, não está nas questões que apresenta ou nas provocações que faz, mas na abordagem para resolvê-las. O pós-estruturalismo detém seus problemas e insuficiências, não dando conta de determinados processos sociais.

Como coloca Varikas⁴⁷, o pós-estruturalismo não dá uma resposta clara a perguntas como: qual o espaço para a ação dos sujeitos dentro da lógica dos significados? Se, por um lado, afirma a intervenção dos sujeitos agentes (quando fala da instabilidade dos significados gerados pela contestação), por outro, parece negá-la perante a impessoalidade das forças discursivas que constroem significado. O segundo ponto pode remeter a um perigoso determinismo: o da estrutura da linguagem. O que não deixa de ser irônico, pois é exatamente a crítica realizada pelos pós-estruturalistas às ditas “grandes narrativas”.

Uma defesa da História Social frente às críticas de Scott está plenamente delineada por Pinsky:

As acusações de que a História Social reduz as ações humanas em função das forças econômicas não têm sentido diante das inúmeras pesquisas nessa área baseadas no pressuposto de que a história não é o fruto de leis impessoais acima dos indivíduos, mas o resultado (ainda que frequentemente incontrolável e enviesado) das ações

⁴⁶ SCOTT, J. 1995, p. 85.

⁴⁷ VARIKAS, E. apud PINSKY, C. 2009, p. 175

humanas. Elas levam em conta o problema do ator e das experiências e enfrentam a questão das possibilidades de ação diante das determinações. Fazem isso ao reconhecer que a história e a sociedade são produtos da ação dos indivíduos (mais ou menos intencionais) tanto quanto são capazes de modelar essa mesma ação. É parte do projeto da História Social o reconhecimento da iniciativa humana.⁴⁸

O trecho se relaciona diretamente com a abordagem de Thompson colocada acima. A História Social não é automaticamente marcada por um determinismo econômico que reduziria os sujeitos às leis gerais da economia e restringiria o próprio alcance analítico da disciplina. Ao contrário, as sociedades e a história são construções da ação humana. A acusação de resumir tudo ao econômico, inclusive, e, principalmente as relações sociais, cabe ao próprio capitalismo.

Abordando, especificamente, o debate sobre gênero, Pinsky afirma que não há como acusar de *gender blind* as pesquisas que equiparam gênero à classe e analisam a influência do gênero na constituição da classe (e vice-versa), pois há a preocupação com as experiências diferenciadas de homens e mulheres. Assim, reitero, junto com a autora, uma defesa de uma História Social e de gênero, pois é capaz de explicar os termos e quais as causas e consequências dos processos sociais e as condições históricas que tornam as desigualdades e opressões mais ou menos acentuadas e como os limites mudam com as condições históricas⁴⁹.

Abordei brevemente as contribuições trazidas pelos Estudos de Gênero para a História Social. Tais debates não passaram despercebidos para os estudiosos marxistas. Assim, dentro da teoria marxista se buscou pensar de que forma as relações de produção se articulam com outras formas de opressão, como raça e gênero. Há uma ampla bibliografia e intensos debates com diferentes vertentes dentro do próprio marxismo. Não tenho a pretensão e nem o alcance de desenvolver isso aqui. Vou me ater a algumas autoras do feminismo marxista e suas contribuições teóricas. Começando com Cinzia Arruzza e a necessidade de rechaçar o determinismo econômico, para elas as feministas marxistas:

Discordam da ideia de que o patriarcado seria hoje um sistema de regras e mecanismos que autonomamente se reproduzem. Ao mesmo tempo, insistem na necessidade de considerar o capitalismo não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social, uma ordem que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação. Deste ponto de vista, o desafio é entender como a dinâmica de acumulação de capital continua a produzir, reproduzir, transformar e renovar relações hierárquicas e opressivas, sem expressar estes mecanismos em termos estritamente econômicos ou automáticos.⁵⁰

⁴⁸ PINSKY, C. 2009, p. 180.

⁴⁹ Ibidem, p. 181.

⁵⁰ ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, n. 23, 2015, p. 38.

Assim, o feminismo marxista diferente do que foi acusado não reduz a complexidade plural da sociedade a meras leis econômicas, nem desconsidera as especificidades das relações de poder. Isso se dá porque essa vertente feminista não compreende o capitalismo como um processo estritamente econômico de extração de mais-valia – as relações sociais sob o capitalismo são complexas e até mesmo contraditórias, não pautadas por uma lógica puramente econômica – e também nega encarar as relações de poder como resultados mecanicistas do processo de extração de mais-valia.

Visando empreender esse afastamento do determinismo econômico, o feminismo marxista utiliza a própria História. Para compreender a questão da opressão das mulheres e a própria relação entre capitalismo e patriarcado é preciso ter uma concepção histórica do que é o capitalismo hoje e do que tem sido historicamente. Arruzza, ao discutir com Wood sobre o lugar da opressão de gênero no capitalismo, defende que essa análise deve se dar no nível histórico e não somente no nível lógico, pois se é possível em um alto grau de abstração teorizar que o capitalismo poderia até produzir algumas opressões, como a de gênero, mas elas não são essenciais à sua reprodução, tal fenômeno não ocorre na realidade concreta, historicamente é preciso considerá-lo. Nas palavras de Arruzza:

Para tornar este ponto mais claro: na medida em que consideramos distinção entre a estrutura lógica do capital e sua dimensão histórica, aceitamos a ideia que a extração de mais-valia toma lugar dentro de um quadro geral de relações entre indivíduos formalmente livres e iguais sem pressupor diferenças no status jurídico e político. Mas podemos fazer isso apenas num nível muito alto de abstração – ou seja, no nível da estrutura lógica. Do ponto de vista da história concreta, as coisas mudam radicalmente.⁵¹

A materialidade do argumento é trazida com acontecimentos históricos de que não houve e nem há uma formação capitalista desprovida da opressão de gênero. Jamais ocorreu na História. Para exemplificar Arruzza cita o imperialismo e o colonialismo e suas contribuições para a introdução de hierarquias de gênero em sociedades, nas quais isso não ocorria ou ocorria de uma forma mais nuançada. Ademais, o processo de acumulação do capital foi acompanhado e concomitante ao processo de expropriação das mulheres de diferentes formas de propriedades que tiveram acesso.

Dessas colocações decorrem dois elementos. O primeiro é que houve uma permanência da dominação de gênero após o advento e consolidação do capitalismo, pois, obviamente, já existia em formações históricas anteriores. Contudo, devido à expropriação da terra e acumulação primitiva do capital houve a separação de grandes parcelas da população de seus

⁵¹ *Ibidem*, p. 50.

meios de produção e subsistência, desintegrando a família camponesa patriarcal e gerando uma urbanização sem precedentes históricos. A família deixou de ser a unidade de produção – organizada através de relações patriarcais – transformando radicalmente a relação entre produção e reprodução (aqui no sentido biológico, geracional e de reprodução social). A consequência de todo esse processo é que mesmo com a permanência das relações de dominação de gênero elas foram claramente modificadas pelo capitalismo, deixaram de ser um sistema independente com uma lógica autônoma.

Essa análise do feminismo marxista é marcadamente histórica, não se prendendo a abstrações teóricas somente, considera rupturas e permanências e os processos históricos articulados. Assim – e discordando novamente de Scott – nota-se que é possível partir de uma teoria com perspectiva totalizante e mesmo assim manter o comprometimento histórico, localizando os sujeitos históricos e analisando suas ações e relações sociais. O que não significa partir de uma perspectiva reducionista ou determinista.

O segundo elemento, relacionado ao anterior, é o questionamento de que a opressão de gênero seria um fato a-histórico, fato defendido pelas feministas da segunda onda e revisitado algumas vezes. É preciso considerar que a opressão de gênero nem sempre existiu e também não existiu em muitas sociedades sem classe, como a antropologia já demonstrou. Isso posto reitera-se que a permanência e articulação das relações de gênero estão sempre conectadas de maneiras complexas às condições sociais, relações de classe e de produção/reprodução. Dessa forma, não é possível ter uma compreensão dessas articulações e diferenças adotando uma perspectiva abstrata e a-histórica da opressão de mulheres.

Elaborar os conceitos fundamentais e apresentar as teorias que embasam a pesquisa são parte importante do trabalho e demonstra a intenção de compreender a complexidade dos fenômenos a eles relacionados. A partir do referencial teórico também foi possível avançar na discussão e na compreensão da problemática da pesquisa. De tal modo, esta tese procura construir uma história social do futebol de mulheres compreendendo através das narrativas orais das jogadoras – as trabalhadoras da bola – de que maneira o futebol se constitui como trabalho para elas, partindo também dos Estudos de Gênero.

1.2 Gênero, feminismo e esporte

Verificou-se como o gênero adentrou o campo da História, em geral, a teoria marxista, em específico, e as mudanças trazidas por esses debates. Inclusive sua relação prática e política com o feminismo, ou melhor, com os feminismos. Cabe agora trazer essas reflexões para o esporte. A inquietação inicial gira exatamente em torno da forma como se construiu a relação

entre feminismo e esporte. O questionamento é: por que essa conexão se deu de maneira tardia? A inclusão e utilização da categoria de gênero nos estudos acadêmicos sobre esporte também ocorreu tardiamente.

De acordo com Bennett et. al.⁵², no texto escrito em 1987, o esporte se constituía naquela época em uma temática madura e apropriada para uma análise feminista. Entretanto, recebia pouca atenção. As pesquisadoras feministas – conectadas, sobretudo, aos *Women Studies* – eram importantes para abrir mentes e portas nas áreas das Humanidades, Artes e Ciências Sociais, o que ficava claro em suas produções e nos debates travados dentro da academia. Havia, porém, dois campos notavelmente negligenciados nas reflexões: a ciência⁵³ e o esporte. Uma das respostas possíveis para o afastamento é o fato de que são duas áreas hegemonicamente masculinas e associadas à masculinidade. Desse modo, estariam mais resistentes às mudanças e aos questionamentos, dificultando a aproximação das feministas.

O esporte, especificamente, era visto como um território marcadamente violento, viril e competitivo, sendo dominado por uma lógica patriarcal – lembremos da reflexão inicial do capítulo de como o patriarcado alija as mulheres da prática esportiva visando um controle de seus corpos e ausência de empoderamento. E configurava-se como um espaço hostil às mulheres, o que afastou as feministas, as quais empreendiam essas críticas.

Outro aspecto tem a ver com o próprio campo acadêmico e sua correlação de forças. Dentro da Academia estudos sobre mulheres e depois sobre gênero foram marginalizados e questionados, houve um forte esforço e empreendimento para seu reconhecimento. De qualquer forma, não era um campo constituído. O mesmo se dava com os estudos sobre esporte. Desenvolveram-se mais tarde e encontraram obstáculos para se consolidar academicamente. Nesse sentido, a análise feminista sobre esporte já parte de um lugar duplamente marginalizado, o que dificulta ainda mais seu desenvolvimento⁵⁴.

Goellner também aborda essa relação apartada e que demorou para se consolidar entre feminismo e esporte e, mais especificamente, sobre o uso da categoria de gênero nos estudos sobre esporte:

A inclusão tardia do gênero como uma ferramenta analítica na pesquisa historiográfica acerca do esporte pode sugerir um entendimento tácito de que este representa um campo fortemente associado a pensamentos e ações, que simbolizam o masculino e, como tal, seriam mais resistentes à mudança. Conforme referenciado, raramente os estudos feministas têm focalizado o esporte como um objeto legítimo e pertinente de

⁵² BENNETT, R. et. al. 1987, p. 373.

⁵³ A Ciência referida no artigo está mais ligada às chamadas “áreas duras” como as Exatas e Biológicas.

⁵⁴ BENNETT, R. et. al. 1987, p. 374.

investigação, tampouco têm realçado a importância da prática esportiva como uma forma de empoderamento de homens e mulheres⁵⁵.

O artigo de Goellner é de 2013, ou seja, vinte e seis anos depois a questão do afastamento entre feminismos, gênero e esporte ainda era colocada em pauta por pesquisadores. A resposta dos textos sobre o motivo dessa distância é a mesma, o esporte se configura como um espaço, construído historicamente, de domínio de ações e experiências ligadas ao masculino e por isso haveria uma maior resistência a mudanças. Ainda pode-se considerar esse debate hodierno. Em 2019, Carmen Rial no III Encontro Internacional sobre Futebol Feminino na América do Sul, em sua apresentação “Futebol, lesbianismo e feminismo no Brasil” levantou a temática e chamou a atenção para a necessidade de mais pesquisas e ampliação desse vínculo.

Penso aqui, inclusive, sobre a necessidade latente de expandir a articulação entre feminismos e esporte para além dos muros da academia, e para dentro da realidade esportiva concreta, com ação dos/das agentes envolvidos/das. É importante que atletas, por exemplo, identifiquem-se com a pauta e atuação política feministas e, dialeticamente, que o movimento feminista se aproxime das pautas do esporte.

Hargreaves⁵⁶ também segue nessa direção ao falar, por um lado, como atletas mulheres, de maneira geral, não se enquadrariam como feministas convictas e, por outro, as intervenções feministas que foram amplas em outros setores culturais para politizá-los também ficaram para trás no âmbito esportivo. A autora, contudo, coloca um contraponto afirmando uma mudança nesse cenário, pois o esporte cada vez mais estaria fazendo parte de um movimento amplo pelo desenvolvimento da autonomia feminina.

Mulheres estão atuando concretamente e produzindo novas versões dos esportes para elas mesmas, apoiando a perspectiva do esporte como um processo criativo e constitutivo e apresentando uma visão otimista do potencial das mulheres para transcender prática e simbolicamente as diferentes formas de opressão nos esportes. Lembrando, contudo, que é uma luta, avanços não são dados e inevitáveis, há incorporação, oposição e até fracasso. Afinal, os esportes podem ser um local de liberdade restrição: produzem novas oportunidades e significados para mulheres ao mesmo tempo que reproduzem preconceitos e opressão.

Seguindo na dimensão prática e concreta dos feminismos, Birrell⁵⁷ defende a teoria feminista como uma aberta crítica política comprometida não só em analisar o gênero no

⁵⁵ GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45–52, 2013.

⁵⁶ HARGREAVES, J. 1994, p. 36.

⁵⁷ BIRRELL, S. Feminist Theories for Sport. In: COAKLEY, J.; DUNNING, E. (org.). **Handbook of Sports Studies**. London: SAGE Publications Inc., 2000.

esporte, mas para modificar essas dinâmicas. Dito de outra forma, a teoria feminista tem claras implicações para a mudança social no esporte, funcionando como um terreno para germinar planos para a práxis social. Goellner complementa essa lógica ao afirmar: “os feminismos reclamaram às mulheres a sua condição de sujeito no esporte, analisando-o como um espaço político e, conseqüentemente, um lugar de resistência e transformação das relações de gênero”⁵⁸. Nesse sentido, concordo com a pesquisadora de que estudar mulheres, além de ser uma escolha subjetiva, é uma opção política, pois cabe ao estudioso/a dar visibilidade a histórias que muitas vezes ficaram nas sombras e, então, atribuir-lhes sentido. Ao fazer isso constrói a história não só desses sujeitos históricos, mas também a história do esporte nacional⁵⁹.

Sobre os objetivos das teorias feministas no esporte pode-se colocar a descoberta e exame das diferentes formas que o poder dos homens sobre as mulheres se institucionalizou nesse espaço e a promoção de um desafio prático e simbólico ao privilégio masculino que resultou no reconhecimento do gênero como uma categoria básica de análise, construindo uma consciência sobre as complexidades e contradições das relações de gênero nas práticas e teorias esportivas⁶⁰. Assim, o propósito teórico dos feminismos é raciocinar sobre as relações de gênero, dentro de uma sociedade patriarcal, evidenciando como essas relações se evidenciam através do esporte e outras práticas corporais.

Ou seja, considera-se o esporte como uma atividade *generificada*, a qual recebe meninos e homens muito mais entusiasmamente que meninas e mulheres e também celebra valores marcados como masculinos, tornando-o um espaço de hegemonia masculina.⁶¹ Quando as jogadoras narram a sua introdução no esporte esses elementos ficam explícitos. Todas elas começaram a jogar bola com meninos e eram minoritárias nesses espaços. As teorias feministas também objetivam, ao utilizar gênero como ferramenta analítica, perceber os processos pelos quais a diferença biológica entre os corpos é tomada para justificar e legitimar desigualdades.⁶²

Na esteira dos debates de esporte e gênero há um tema que merece maior debate: o fato de que o esporte é um espaço privilegiado para fazer gênero⁶³, ou seja, é um local que irá produzir, reproduzir e até modificar as relações de gênero existentes no mundo social. Relações, obviamente, construídas historicamente e não impostas por leis sociais, mas resultado da ação humana. Pfister e Hartmann-Tews afirmam: “o esporte, contudo, é uma esfera social na qual o

⁵⁸ GOELLNER, S. 2013, p. 49.

⁵⁹ GOELLNER, S. V. Feminismos , mulheres e esportes : questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171–196, 2007.

⁶⁰ HARGREAVES, J. 1994, p. 26.

⁶¹ BIRREL, S. 2000, p. 61.

⁶² GOELLNER, S. 2007, p. 183.

⁶³ Em inglês a expressão seria “doing gender”.

gênero pode ser não só produzido, mas também desconstruído e transformado”⁶⁴. Pfister⁶⁵, em outro trabalho, recorda que a desconstrução do gênero e a redefinição do “fazer gênero” foram mais estudadas em esportes, tradicionalmente, associados à masculinidade e definidos como “esportes masculinos”.

A autora estava se referindo ao boxe e fisioculturismo, porém, suas colocações também podem lançar luz sobre o futebol – considerado da mesma forma um esporte hegemonicamente masculino. Isso ocorre pois o crescimento da participação de mulheres nesses esportes pode trazer mudanças radicais sobre as imagens do corpo e beleza. O que não significa, obrigatoriamente, uma transformação ou desintegração das desigualdades de gênero, há mais uma ambivalência na construção do gênero, marcada por polos de conformação e resistência ao que é considerado o padrão de gênero.

Messner⁶⁶ argumenta sobre como os esportes serviram de maneira institucional para impulsionar e reforçar uma ideologia de superioridade masculina ao longo do século XX. Isto é, outra forma de produzir gênero. Da mesma maneira, a participação e o movimento das mulheres dentro do esporte representa uma genuína busca por igualdade, controle de seus corpos e, por isso, representa exatamente um desafio à ideologia da superioridade masculina. Ou seja, no esporte, ideologias são perpetuadas, da mesma maneira que podem ser desafiadas e contestadas. No esporte isso merece ainda mais atenção, pois ali as imagens ideológicas, sobretudo sobre o corpo, são apresentadas como naturais, o que daria supostamente uma maior legitimidade argumentativa. Assim, é ainda mais importante nos debruçarmos sobre essas perspectivas para desmistificá-las.

Sobre isso, Goellner afirma: “O gênero nos constitui, inscreve-se na nossa carne. Isso significa perceber que ‘[...] os corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue’ (...) Eles, os discursos, se acomodam no corpo e os generificam”⁶⁷. O “fazer-se” dos corpos enquanto femininos ou masculinos carregam marcas culturais, que conformam as representações de masculino e feminino. Essas marcas são históricas, mutantes e permitem que os sujeitos sejam reconhecidos como pertencentes a determinadas identidades. Isso ocorre da mesma forma no esporte. Um dos efeitos possíveis dessas marcas é elas serem reclamadas a

⁶⁴ No original: “Sport, however, is a social sphere in which gender cannot only be produced but also ‘deconstructed’ and changed”. PFISTER, G.; HARTMANN-TEWS, I. 2003. p. 9

⁶⁵ PFISTER, Gertrud. Women in sport-gender relations and future perspectives. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 234–248, 2010.

⁶⁶ MESSNER, Michael A. Sports and Male Domination: The Female Athlete as Contested Ideological Terrain. **Sociology of Sport Journal**, v. 5, n. 3, p. 197–211, 1988.

⁶⁷ GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esporte: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 173–196, 2007b.

justificar ou legitimar a inserção, adesão e permanência de mulheres e homens em determinadas modalidades. Induzem também, como lembrou Messner, a acreditarmos que são características biológicas e naturais, e por isso, determinam comportamentos e possibilidades de movimentação dos corpos.

Dito de outra maneira, argumentos como esses operam como mecanismos de inclusão e exclusão em diferentes modalidades esportivas. Para as mulheres o efeito acabou sendo devastador, pois foram apartadas de diversas atividades físicas, pois supostamente seus corpos não seriam adequados a elas, por seu caráter frágil. Foram discursos desse tipo que se configuraram como o eixo central da justificativa da proibição da prática de futebol por mulheres no Brasil por quase quatro décadas.

Dessa forma, é importante compreender essas assertivas não como dados naturais, mas como construções discursivas de poder. Puxando para o campo esportivo, especificamente, devemos deixar de ver o corpo como um dado natural, ele também é construído discursivamente. Nesse ponto vem o deslocamento do olhar da análise, perguntarmos não por que mulheres ou homens por conta de seus corpos não podem participar de determinadas práticas culturais, mas por que se construiu a ideia de que é na anatomia que se questiona a presença das mulheres no esporte? Para responder é preciso considerar que não é o corpo que define a participação, mas a discursividade construída sobre esse corpo que o faz. Ou seja, o esporte produz corpos generificados não pela essência dos mesmos, mas porque são construídos. Logo, as práticas esportivas não refletem, mas sim, produzem e reproduzem desigualdades.

Para tratar especificamente sobre a relação das mulheres com o futebol, Pfister⁶⁸ nos auxilia bastante. De acordo com a autora, há uma abundância de estudos sobre futebol, contudo, os homens foram e ainda são o centro de atenção deles e do próprio público, em geral. Foi a partir dos anos 1970, que as federações passaram a aceitar o futebol feminino (aqui ela está pensando no cenário europeu) e houve um aumento do número de times e jogadoras, ainda que os times fossem muito mais tolerados que apreciados. Recordar-se que mesmo com a regulamentação da modalidade aqui no Brasil, em 1983, as atletas ainda demoraram (demoram) para ter um reconhecimento amplo.

O crescimento da prática do futebol por mulheres motivou a realização de pesquisas acadêmicas com essa temática. Os primeiros trabalhos focaram no desenvolvimento e formação das atletas e primeiros times e nas diferentes condições existentes em diversos países. Um

⁶⁸ PFISTER, Gertrud. Assessing the sociology of sport: On women and football. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 4-5, p. 563-569, 2015.

marco significativo dos estudos sobre futebol e mulheres foi a publicação em 2003 do dossiê da revista *Soccer & Society* com esse tema. Em 2011 é publicado um segundo dossiê.

Pfister defende que o futebol de mulheres se tornou um símbolo de força para a igualdade de gênero no esporte e além e, por isso, é necessário contar essas histórias. Inclusive, porque mesmo com o crescimento, o futebol de mulheres ainda é marginal na mídia e no discurso público. O que poderia ser considerado o “futebol real” ainda é o dos homens. Nesse sentido, pensar o porquê do desinteresse no futebol de mulheres também lança luz sob o jogo deles. Sempre cuidando para não cair em uma comparação simplista, a autora também aponta possíveis caminhos de pesquisa que podem ser trilhados, um deles, é o viés do trabalho. Ponto fundamental para esta tese.

Aqui vale destacar a pesquisa de Alex Culvin⁶⁹, na qual se busca compreender por que e como as mulheres tentam forjar uma carreira como jogadora profissional, visto que o futebol evidencia uma situação de emprego precária e insegura. A pesquisadora recorda ainda que no mundo do trabalho, em geral, há mais mulheres em cargos precários e/ou de carga horária parcial e com posições subordinadas. A precarização pode ser sentida na insegurança dos vínculos trabalhistas.

As jogadoras ao redor do global operam com contratos de curta duração, normalmente de um a três anos (padrão menor que dos homens), e muitas delas nem contratos possuem⁷⁰. Culvin explica que a consequência dessa insegurança é similar aos dos trabalhadores *freelance*, eles nunca podem negar um trabalho. Levando-as a um ciclo contínuo de competições e jogos, logo, intensos períodos de treinamento, alta performance e, claro, trabalho. De tal modo, o futebol de mulheres opera em condições de mercado muito instáveis.

Ademais, as jogadoras desempenham todas essas atividades em um ambiente de hegemonia masculina. Os homens predominantemente ocupam as posições de poder do esporte e, assim, controlam o desenvolvimento da modalidade. Nesse meio decisório, muitas vezes os times de mulheres são vistos como caridade, como uma benesse oferecida pelo próprio clube. Mesmo que homens e mulheres joguem o mesmo jogo, dentro do mesmo clube, as relações de poder que dominam os times e organizações reforçam uma suposta distinção entre o “futebol de verdade” e o futebol de mulheres. Por isso, jogadores e jogadoras dificilmente terão

⁶⁹ CULVIN, A. **Football as work: the lived realities of professional women footballers in England.** 420 f. 2019. Thesis (PhD in Philosophy) - School of Sport and Wellbeing, University of Central Lancashire, 2019.

⁷⁰ FIFPRO. **FIFPro Global Employment Report: Working Conditions in Professional Women's.** Manchester, 2017.

experiências semelhantes quando se trata da gestão esportiva, do treinamento e da estrutura que recebem.

As futebolistas também sofrem uma maior pressão para atender um ideal atlético dentro do futebol – com todas as exigências de dedicação, sacrifício e disciplina – e um ideal de feminilidade na sociedade em geral. Além disso, dentre os motivos que fazem as jogadoras desistirem de suas carreiras mais cedo estão a maternidade e as obrigações familiares. E proporcionalmente as obrigações familiares implicam muito mais mulheres do que homens. Há uma dificuldade delas em negociar essas obrigações específicas com o seu gênero. Culvin ainda acrescenta como motivos: a falta de incentivo financeiro para permanecer no esporte e o anseio de procurar oportunidades profissionais fora do futebol.

Após elencar debates teóricos centrais para pensar a relação entre gênero e esporte, é pertinente traçar um panorama da trajetória dos estudos que se debruçaram sobre essa relação. De início, emerge a seguinte pergunta: de que forma a categoria gênero foi introduzida nos estudos das práticas corporais e esportivas? A utilização começou ainda nos anos 1970 e ocorreu por uma convergência de fatores, tais como: a introdução do *gênero* na própria academia com a pesquisa das feministas; o desenvolvimento de disciplinas acadêmicas, em geral, e dos estudos de esporte, especificamente, que incluiu uma ênfase teórica em detrimento da prática; a denominada segunda onda do feminismo e o aumento na mesma época da participação de mulheres nos esportes e de pesquisadoras mulheres nos estudos sobre esporte; a influência do pós-modernismo nos estudos sobre esporte; e o interesse maior sobre o corpo dentro dos muros acadêmicos⁷¹.

Mesmo que os estudos de esporte conectados aos feminismos e utilizando a categoria de gênero existam desde a década de 1970 ainda hoje há um amplo espaço para crescimento e mais pesquisas nessas áreas. Pfister e Hartmann-Tews⁷² afirmam que há dados e informações sobre a participação das mulheres no esporte – em diferentes esferas – porém, há uma variação da quantidade e qualidade, além do uso de abordagens e metodologias muito distintas, pois, usualmente, são pesquisas estatísticas feitas pelas federações ou imprensa, as de cunho acadêmico são em menor número. Mais que isso, há lugares no mundo que o campo de estudos é de uma escassez mais profunda, pois o interesse na temática é reduzido. Por fim, há a questão da barreira linguística para existir uma troca maior e uma compilação sistemática dessas

⁷¹ BANDY, S. J. Gender and sports studies: an historical perspective. **Movement & Sport Sciences - Science & Motricité**, v. 27, n. 86, p. 15–27, 2014.

⁷² PFISTER, G.; HARTMANN-TEWS, I. **Sport and Women: Social Issues in International Perspective**. London: Routledge, 2003.

informações. Elas defendem que é necessário buscar uma perspectiva internacional dessa situação, para que seja possível traçar padrões e também considerar as especificidades de cada localidade.

Para compreendermos brevemente o percurso histórico das relações entre as teorias feministas e o esporte trazemos as contribuições de Birrel:

Eu discuto a relação entre teorias feministas e esporte com base em três estágios gerais. O primeiro foi uma fase inicial com escassez teórica e focada no desenvolvimento de uma área de pesquisa de "mulheres no esporte". Em seguida, surgiu uma busca consciente por perspectivas teóricas dentro do feminismo, que começou por volta de 1978. Finalmente, nosso estágio atual surgiu no final dos anos 1980, fortemente influenciado pelas sensibilidades pós-modernas, através das quais estamos nos movendo, muitas vezes relutantemente.⁷³ [tradução minha]

No primeiro estágio – durante a década de 1970 – as pesquisas sobre meninas e mulheres no esporte se contentavam em documentar as desigualdades e defender uma expansão das oportunidades para mulheres. Assim, era fortemente influenciada pelo feminismo liberal e sua crença de que igualando as oportunidades seria o suficiente para encerrar as desigualdades entre homens e mulheres no esporte – o problema é que não havia uma proposta radical de mudança nas estruturas que geravam desigualdade. Com algumas exceções essas pesquisas não tinham um arco teórico muito bem delimitado. O gênero era concebido como uma categoria variável ou distributiva e não como um conjunto de relações sustentadas através da agência humanas e práticas socioculturais.

No final dos anos 1970 o anseio das feministas por uma direção teórica mais complexa e um rompimento com a abordagem liberal trouxe importantes mudanças. Houve uma virada para as teorias críticas que explicitamente teorizavam sobre as relações de poder e a diferença em termos de relações de classe raça e gênero, movendo os estudos de esporte para os estudos culturais e o feminismo. Como coloca Bandy, é nesse contexto que há a passagem de uma pesquisa focada somente nas mulheres para o conceito de gênero, ou seja, passa-se de uma pesquisa categórica para uma relacional⁷⁴. Percebe-se que essa mudança acompanha as transformações ocorridas nos Estudos de Gênero de maneira mais ampla, quando se constrói o caráter relacional da categoria de gênero.

A partir da década de 1980 há outra mudança importante nos estudos de gênero e esporte. Estágio caracterizado pela autocrítica do campo, sobretudo, sobre os primeiros estudos

⁷³ No original: I discuss the relationship between feminist theories and sport as occurring in three general stages. First was an early atheoretical stage, focused on developing a research area focused on 'women in sport'. Next, came a self-conscious search for theoretical homes within feminism, which began roughly in 1978. Finally, our current stage emerged in the late 1980s, strongly influenced by postmodern sensibilities, during which we are moving, often reluctantly. BIRRELL, S. 2000, p. 63.

⁷⁴ BANDY, S. J. 2014, p. 19.

e suas lacunas teóricas. Assim, as teorias feministas de fora do campo esportivo se consolidam e são usadas dentro dele. Também seguindo a tendência mais ampla das teorias feministas, há uma defesa da diversidade, preocupa-se não com a mulher, mas com as *mulheres*. O projeto é descobrir e teorizar conexões para as diferentes experiências vividas e as distintas relações de opressão. A partir disso surgem os debates sobre a chamada “questão da primazia”, sobre se raça, classe ou gênero teriam prioridade na definição das opressões. As tentativas de síntese desse dilema também surgem, tais como o feminismo marxista⁷⁵.

A nova perspectiva surgida nesse contexto tem como base a noção de que “as práticas esportivas são historicamente produzidas, socialmente construídas e culturalmente definidas para servir aos interesses e necessidades de grupos dominantes na sociedade”⁷⁶. Os estudos do esporte passaram a focar em conceitos como globalização, pós-colonialismo, poder, hegemonia, masculinidade, corpo socialmente construído e muita pesquisa sobre a mídia. O conceito de interseccionalidade também adentra nos estudos de esporte, principalmente, vindo de feministas negras que buscavam desestabilizar o feminismo branco hegemônico.

A partir da década de 1990, mais pesquisadores do esporte passaram a adotar abordagens transdisciplinares e perspectivas transnacionais. Aproximam-se consideravelmente também de teóricas como Judith Butler, Elizabeth Grosz e Judith Lorber. O desenvolvimento mais recente nos estudos de esporte foca a sexualidade a partir de uma perspectiva interseccional da sexualidade, expandindo as noções de gênero e influenciados pela teoria queer⁷⁷.

Todas essas informações nos permitem ter uma noção maior da constituição dos estudos sobre esporte e gênero dentro da Academia. Contudo, as autoras utilizadas, devido, obviamente às suas nacionalidades, acabam tendo um recorte restrito. O foco dessa bibliografia é marcadamente euro-estadunidense. É fundamental que se tenha conhecimento dessa produção, até para dialogar e, como colocaram Pfister e Hartmann, construir perspectivas internacionais e buscar padrões mais amplos, porém, precisa-se conhecer como esses debates são e foram travados no Brasil para ter claramente quais são as nossas especificidades/diferenças e as nossas semelhanças.

De acordo com Goellner⁷⁸, na historiografia brasileira sobre esporte e gênero o primeiro enfoque foi sobre as mulheres, com o questionamento da representação da fragilidade feminina e a descoberta e afirmação da participação delas desde os primórdios do esporte, de distintas

⁷⁵ BIRREL, S. 2000, p. 65.

⁷⁶ No original: “Sporting practices are historically produced, socially constructed, and culturally defined to serve the interests and needs of powerful groups in society”. HALL, Ann apud BANDY, S. 2014. p. 20.

⁷⁷ BANDY, S. 2014. p. 23-25.

⁷⁸ GOELLNER, S. 2013, p. 49.

maneiras, apesar da ausência de registros, sobretudo, os oficiais e institucionais⁷⁹. Além disso, complementa-se esse panorama com o destaque de que grande parte da produção inicial foi muito próxima da historiografia da Educação, com foco principal na Educação Física escolar.

No mesmo texto, a autora alerta que ainda há uma carência de estudos sobre gênero e esportes no Brasil, principalmente, em comparação com a produção internacional. Aponta para alguns caminhos possíveis para suprir essas lacunas, como os estudos de masculinidades não hegemônicas, questões sobre homossexualidade etc. Há ainda a indicação do uso da História Oral como um caminho possível para suprir as lacunas do campo. É uma indicação pertinente, pois é a metodologia utilizada nesta tese.

Para complementar tais afirmações e com o intuito de traçar um breve levantamento bibliográfico acerca da produção acadêmica brasileira, mais especificamente, sobre o futebol e mulheres recorri ao banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); ao Levantamento da Produção Acadêmica sobre o Futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007 elaborado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFut); a textos com revisão bibliográfica como “A produção das Ciências Humanas sobre Futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)⁸⁰”, “O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010)”⁸¹, “Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016)”⁸² e “A circulação e os circuitos futebolísticos de jogadoras brasileira”⁸³; e buscas nas referências bibliográficas utilizadas nos trabalhos localizados através dos meios citados.

O levantamento realizado elencou 48 trabalhos acadêmicos, sendo 12 teses de doutorado e 36 dissertações de mestrado, que abordam a mulher e o (no) futebol. Considerei os trabalhos realizados no período de 1997 (data da primeira dissertação sobre a temática) a 2021 e ligados às Ciências Humanas. Inclusive, da Educação Física, mas desconsiderando pesquisas ligadas a fisiologia e questões como rendimento, força e flexibilidade. As áreas de conhecimento

⁷⁹ No III Encontro Internacional sobre Futebol Feminino na América do Sul, Silvana Goellner afirmou: “Silêncio não é ausência!” para explicar a participação das mulheres nos esportes, mesmo que os registros sejam escassos. Cabe a nós, pesquisadores, encontrarmos outras formas de registros e repensarmos nossas práticas, metodologias e saberes para visibilizar essa participação.

⁸⁰ GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, São Paulo, v. 163, n. jul./dez., p. 293–350, 2010.

⁸¹ SALVINI, L.; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JÚNIOR, W. O FUTEBOL FEMININO NO CAMPO ACADÊMICO BRASILEIRO: MAPEAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES (1990-2010). *Pensar a Prática*, v. 17, n. 4, p. 1–14, 2014.

⁸² DANTAS, M. M.; ANJOS, L. A. dos. Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016). In: KESSLER, C. S.; DA COSTA, L. M.; PISANI, M. da S. (org.). *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

⁸³ PISANI, M. S. A circulação e os circuitos futebolísticos de jogadoras brasileiras. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, v. 31, p. 76–90, 2020a.

envolvidas foram: Antropologia, Cidadania e Políticas Públicas, Ciências do Esporte (com variáveis na titulação como Ciências do Desporto, Ciências do Movimento Humano, Ciência da Motricidade Humana), Ciências Sociais Aplicadas, Comunicação, Educação, Educação Física, História e Memória Social, Psicologia, Sociologia e Teoria Literária. As duas áreas com maior número de trabalhos foram a Educação Física com 16 e se acrescentarmos as Ciências do Esporte (e variáveis) esse número chega a 23, quase metade dos trabalhos. Em seguida vem a Antropologia com 8 e a História com 6.

A maior parte dessas pesquisas foi desenvolvida por mulheres. São 34 das 48 (70%) e 14 foram realizadas por homens (30%). É um dado esperado, pois como vimos, as pesquisas de História das Mulheres ou dos Estudos de Gênero foram primeiro encabeçadas historicamente por mulheres. Quando se aborda gênero, obviamente, não estamos falando apenas de mulheres, visto que é um conceito relacional, e há inúmeras outras possibilidades, como estudar masculinidades⁸⁴ ou sexualidades⁸⁵. De toda forma, no recorte estabelecido aqui elas são a maioria.

Com relação aos locais de produção no Brasil, há a proeminência de pesquisas realizadas em instituições do Sudeste, sobretudo, Rio de Janeiro e São Paulo. São 11 trabalhos elaborados em cada um desses estados. Ainda no Sudeste, Minas Gerais tem 4 produções. Na região Sul, o Rio Grande do Sul também pode ser considerado um polo de pesquisas, pois produziu 10 trabalhos. A influência da pesquisadora Silvana Goellner é um bom indício para explicar a razão dessa quantidade. O Paraná vem em seguida com 5 trabalhos e Santa Catarina com 3. Outros estados com 1 pesquisa cada um são: Goiás, Maranhão, Mato Grosso e Paraíba.

Lembrando que o trabalho pode ter sido desenvolvido na instituição de um estado, mas abordar outro(s). É o caso da tese de Enny Vieira Moraes, “As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990)”, vinculada a PUC-SP mas com foco no futebol baiano. Ou a dissertação de Mariane Pisani, “Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol”, desenvolvida na UFSC, mas

⁸⁴ Cf. BANDEIRA, G. A. **"Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração"**: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 128f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009; BANDEIRA, G. A. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. 342 f. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

⁸⁵ Cf. ANJOS, L. A. **De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. 391 f. 2018. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018; PINTO, M. R. **Pelo Direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 128f. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2017; CAMARGO, W. X. **Dimensões de Gênero e os múltiplos futebóis no Brasil**. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

abordando um time de mulheres do Paraná. Com relação a isso, a UFRGS (6), a USP (4) e a Universidade Gama Filho (4) são as instituições com maior número de produções. UFPR, UNICAMP, UFSC, UFF possuem 3 trabalhos cada uma. UFSM, UFJF, UFGD, UEPG desenvolveram 2 pesquisas cada uma. FGV-RJ, PUC-SP, UERJ, UFMA, UFPB, UFPEL, UFSCAR, UFSJ, UFV, UNIMEP, UNIRIO, Universidade Castelo Branco, Universidade de Araraquara e Universidade do Vale do Rio dos Sinos tem 1 trabalho cada uma.

Com relação aos anos de produção dessas pesquisas, vale elaborar uma breve digressão. O futebol como objeto das Ciências Humanas encontra suas primeiras páginas escritas ainda na década de 1940 com o ensaio “O papel da magia no futebol” de Mário Miranda Rosa (1944) e a resenha do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mario Filho, escrita por Luiz Aguiar Costa Pinto (1947), ambos na revista *Sociologia* da então Escola Livre de Sociologia e política e São Paulo⁸⁶. Contudo, o tema não se estabeleceu naquele momento e a produção sobre futebol manteve-se esporádica na Academia nas décadas seguintes. Ainda que alguns textos, artigos e pesquisas tenham sido publicados. Destaco aqui a famosa dissertação de Simoni Guedes, *O futebol brasileiro: instituição zero*, defendida em 1977, demonstrando que um dos trabalhos pioneiros foi escrito por uma mulher.

Os anos 1980 possuem publicações significativas também como *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizado por Roberto DaMatta e *Futebol e cultura: coletânea de estudos*, organizado por José Carlos Sebe Meihy e José Sebastião Witter, ambos em 1982. Mas é na década de 1990 que as pesquisas sobre o futebol se tornaram mais sistemáticas e cresceram cada vez mais a partir do século XXI. Textos sobre as mulheres e o (ou no) futebol aparecem primeiramente também nos anos 1990. Cabe destacar três artigos publicados em diferentes edições da revista *Pesquisa de Campo*, editada pelo Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ: “Futebol e Relações de Gênero em Maracanã, Adeus”⁸⁷ (1994), “Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural”⁸⁸ (1995) e “Jogos Olímpicos de Atlanta 1996: a imprensa e o ‘futebol de saias’ do Brasil”⁸⁹ (1997).

Em 1997 também foi publicada a primeira dissertação exclusivamente sobre o futebol de mulheres no Brasil: “Representações da Mulher que joga futebol”⁹⁰ de Lúcia da Costa Leite

⁸⁶ GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. 2010, p. 295.

⁸⁷ CAMPOS, M. C. C. Futebol e relações de gênero em Maracanã, adeus. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n. 0, 1994, p. 53-59.

⁸⁸ FÁRIA JUNIOR, A. G. de. Futebol, questões de gênero e coeducação. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n. 2, 1995, p. 17-39.

⁸⁹ PACHECO; A. J. P.; CUNHA JUNIOR, C. F. F. da. Jogos Olímpicos de Atlanta 1996: a imprensa e o “futebol de saias” do Brasil. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n. 5, 1997, p. 95-108.

⁹⁰ REIS, L. C. **Representações da Mulher que joga futebol**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, 1997.

Reis. Entretanto, estava longe de ser um tema preponderante nas pesquisas sobre futebol, que nesse contexto enfatizavam questões como: inserção e participação dos negros no futebol; futebol e identidade nacional, o “jogar à brasileira” ou o “futebol-arte”; formação e circulação de jogadores; torcidas e torcidas organizadas⁹¹. A produção mais esporádica sobre futebol e mulheres seguiu no início dos anos 2000 e passou por um crescimento na década de 2010, sobretudo, no seu final⁹². Pode-se perceber essa variação a partir do seguinte gráfico:



Gráfico 1 – Teses e dissertações sobre mulheres e (ou no) futebol entre 1997 e 2021.

Até 2009 o máximo de pesquisas elaboradas por ano foi de 3, em 2003. A partir de 2010 há um crescimento significativo (ainda que alguns anos apresentem menor número de produções como 2014) e desde 2012 houve sempre ao menos uma publicação, demonstrando maior continuidade dos trabalhos, pode-se aventar que houve um estabelecimento sólido da temática dentro do campo de estudos sobre futebol. O que se alia também com a consolidação de outras pesquisas sobre grupos minoritários, que abordam questões raciais, de classe e de sexualidade. O ano de 2018 merece destaque, pois foram 8 produções concluídas.

Com relação aos temas abordados nas 48 pesquisas, o primeiro elemento que salta aos olhos é a hegemonia de investigações que focam nas jogadoras de futebol. Apesar de serem maioria, não são a totalidade. No levantamento realizado apareceram duas pesquisas sobre as

⁹¹ GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. 2010, p. 296.

⁹² DANTAS, M. M.; ANJOS, 2020 p. 349 (ebook).

torcedoras ou as formas de torcer das mulheres⁹³ e duas pesquisas sobre treinadoras⁹⁴ e suas carreiras. Além de trabalhos com enfoque maior no futebol como lazer ou recreação, afastando-se da visão do futebol como profissão ou carreira. De toda forma, as jogadoras são personagens centrais e há focos distintos sobre o que pesquisar acerca delas. Um dos caminhos possíveis é analisar a carreira das jogadoras, considerando as suas especificidades, as migrações e imigrações necessárias, os desafios e precariedades.

Pode-se destacar: “Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade” de Osmar Moreira de Souza Junior⁹⁵; “Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos”⁹⁶ de Claudia Kessler; “Do sonho ao possível: Projeto e Campo de Possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras”⁹⁷ de Carolina Almeida. São pesquisas que dialogam diretamente com esta tese, pois estão preocupadas com a profissão de jogadora e, por isso, de alguma forma tocam no futebol como trabalho. Contudo, seguem perspectivas teóricas e metodológicas distintas da apresentada aqui. Kessler e Almeida são antropólogas e realizaram etnografias. Souza Junior mesmo sendo da Educação Física também fez um trabalho de campo etnográfico e com questionários. As preocupações desses pesquisadores também são outras e não se conectam diretamente às discussões historiográficas.

A lacuna que esta tese pretende suprir é de aliar as discussões sobre a carreira das jogadoras com os debates do Mundo do Trabalho e da História Social, dentro do recorte estabelecido (1983-2023), ou seja, pertencente também à História do Tempo Presente – historicizar esse recorte contemporâneo. Há uma produção bibliográfica importante sobre o processo histórico de profissionalização do futebol dos homens⁹⁸, assim como análises

⁹³ Cf. ARAÚJO, D. T. **Lugar de mulher é no futebol**: Dulce Rosalina e a Representatividade Feminina nas Torcidas. 104 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Artes e Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2019.; PESSANHA, N. F. **Arquibancada Feminina**: Relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro. 157 f. 2020. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2020.

⁹⁴ Cf. FERREIRA, H. J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. 101 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, 2012.

⁹⁵ SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 314 f. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

⁹⁶ KESSLER, C. S. **Mais que Barbies e Ostras**: uma Etnografia do Futebol de Mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 375 f. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

⁹⁷ ALMEIDA, C. S. de. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 254 f. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

⁹⁸ Cf. SANTOS, J. M.C. M. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 501f. 2010. Tese (Doutorado em História) –

antropológicas fundamentais sobre a formação e profissão de jogadores⁹⁹. A intenção aqui é desenvolver a partir das narrativas orais das jogadoras e de outras fontes primárias uma historicidade do futebol como trabalho para as mulheres no Brasil e pensar o gênero imbricado dialeticamente com a classe.

Retomando o levantamento feito, outra temática recorrente é a das representações das mulheres no futebol: como são vistas? Quais são os discursos e as imagens construídas sobre elas? Quais os estereótipos? Como elas lidam com essas imagens? Nessa seara aparecem muitas pesquisas que analisam a imprensa nacional e internacional e como a cobertura midiática acerca da modalidade se constituiu. Outros trabalhos se preocuparam com questões de gênero e sexualidade das mulheres do futebol e também das relações étnico-raciais do esporte. Pesquisas acerca da história da modalidade também fazem parte desse campo de estudos e são fundamentais para esta tese¹⁰⁰. Sobre histórias de vida há três pesquisas que são biografias de mulheres importantes do futebol: Aline Pellegrino¹⁰¹, Duda Luizelli¹⁰² e Maria Ivete Gallas¹⁰³. As três foram desenvolvidas na UFRGS no programa de Ciências do Movimento Humano. E há um trabalho de descrição do estado da arte das dissertações e teses que abordam os "futs" de mulheres nos Programas de Pós-graduação em Educação Física entre 2010 e 2016¹⁰⁴.

Por fim, pode-se reafirmar o crescimento da temática sobre futebol e mulheres dentro do campo acadêmico de estudos sobre esporte, sobretudo, nos últimos anos. O que acompanha

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁹⁹ Cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen De. **Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão**. 100 f. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980. DAMO, A. S. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

¹⁰⁰ Cf. ALMEIDA, C. S. de. **“BOAS DE BOLA”**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 151 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.; BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 213 f. 2019. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2019.; SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 144 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2015.

¹⁰¹ JORAS, P. S. **Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino**. 128 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

¹⁰² RAMOS, S. dos S. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghelli Luizelli (Duda)**. 157 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

¹⁰³ JORAS, P. S. **“CONHECER PARA RECONHECER”**: O futebol de mulheres e a trajetória de Maria Ivete Gallas. 136 f. 2020. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

¹⁰⁴ CUNHA, A. C. P. **A produção de dissertações e teses sobre os "futs" de mulheres no Brasil (2010-2016)**. 235 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, 2020.

um maior desenvolvimento da própria modalidade, com uma maior visibilidade midiática e algumas iniciativas mais concretas de estruturação e profissionalização. Também podemos conectar tal expansão ao processo denominado de “Explosão Feminista”¹⁰⁵. Assim, a produção dessas pesquisas consolida também a prática futebolística como um campo de estudos legítimo para reflexões acerca das mulheres no Brasil¹⁰⁶.

1.3 Uma proposta de periodização

Visando uma história social do futebol de mulheres no Brasil a intenção desta seção é elaborar uma periodização adequada ao recorte temporal desta tese. Para isso cabem algumas reflexões prévias acerca das fontes e da bibliografia pertinente ao tema. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa ficaram explícitas a fragmentação e a ausência de registros acerca da temática. No subcapítulo anterior, citei alguns trabalhos que buscam preencher essas lacunas, contudo, ainda é um trabalho em progresso. Nesse sentido, recupero algumas reflexões de Kessler:

Do ponto de vista histórico, o futebol de mulheres no Brasil é ainda repleto de pontos de interrogação. Ainda invisibilizado em grande parte dos museus e arquivos, as partidas e os relatos sobre os fazeres dessas jogadoras não permitem construir uma história coerente de sua prática. A história dessas práticas, ainda *fragmentada*, dificulta a construção de uma narrativa linear, em que se possa perceber dentro da grandeza territorial brasileira, a continuidade da prática em espaços de menor visibilidade.¹⁰⁷

O trecho foi escrito em 2015, mas permanece bastante pertinente. Há inúmeros pontos de interrogação ainda sem respostas e os fragmentos dessa história seguem, muitas vezes, afastados entre si ou invisibilizados – mesmo que o objetivo não seja o desenvolvimento de uma narrativa *linear*, pois a História é feita muito mais de rupturas e permanências e a complexidade das práticas humanas impossibilita uma linearidade completamente coerente. Ademais, são necessários estudos que vão além do eixo Rio-São Paulo e deem conta da “grandeza territorial brasileira” e o estabelecimento de acervos em arquivos públicos.

Não é possível, contudo, negar os avanços feitos: o crescimento quantitativo e qualitativo das pesquisas acadêmicas nos últimos anos¹⁰⁸, e o início de uma ocupação de espaços museológicos, como por exemplo, as exposições *Visibilidade para o Futebol Feminino*

¹⁰⁵ HOLLANDA, H. B. **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹⁰⁶ PISANI, M. 2020a, p. 79.

¹⁰⁷ KESSLER, C. S. **Mais que Barbies e Ogras**: uma Etnografia do Futebol de Mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 375 f. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015, p. 69-70.

¹⁰⁸ DANTAS, M. M.; ANJOS, 2020.

(2015), *Contra-ataque! As Mulheres do Futebol* (2019), *Rainha de Copas* (2023) e o *Audioguia Mulheres no Futebol* (2022) do Museu do Futebol e a exposição *Gurias de todos os tempos - a trajetória do futebol feminino no Grêmio* (2022) do eMuseu em parceria com o Grêmio Football Porto Alegre.

Acerca das fontes sobre o futebol de mulheres, Kessler destacou a importância da preservação dos registros de partidas, torneios, times etc. feita pelas próprias jogadoras, através de fotografias, recortes de jornais, objetos pessoais e a memória delas¹⁰⁹. Quase uma década depois isso ainda é válido. Tais acervos particulares são fundamentais para preencher algumas das lacunas existentes, assim como, a realização de entrevistas de História Oral com as futebolistas para registrar suas memórias. Entretanto, outras fontes devem ser consideradas, mobilizadas e analisadas pelos pesquisadores.

Os meios de comunicação, da mesma maneira que no futebol de homens, cumprem um papel importante aqui. Através dos periódicos, por exemplo, historiadores e cientistas sociais podem se debruçar sobre seus temas e acessar o passado futebolístico nacional.¹¹⁰ Só é relevante pontuar que a mídia no caso do futebol de mulheres tem historicamente uma responsabilidade na sua invisibilização e/ou na construção de imagens pejorativas da modalidade. Além disso, ao trabalhar com a imprensa, não se deve ter um olhar reducionista, considerando-a apenas um registro de acontecimentos. É preciso empreender uma análise crítica que dê conta da complexidade de suas articulações e desconstrua o mito da sua objetividade. O que implica também questionar a memória por ela instituída, contemplando nas pesquisas outras interpretações possíveis, que deem visibilidade a outras histórias e memórias¹¹¹.

Antes de apresentar a periodização aqui desenvolvida, vale destacar que ela foi pensada em diálogo com outras feitas anteriormente, cabe agora identificá-las. A primeira foi elaborada por Almeida:

Se fizéssemos uma periodização de cada um desses contextos [do futebol de mulheres], poderíamos dividir grosseiramente em “sete fases”. Uma fase inicial, que iria desde o surgimento da prática do esporte pelas mulheres até o Decreto-Lei de 14 de abril de 1941. A segunda fase compreenderia o período pós-1941 até 1965 e seria marcado pela existência de algumas equipes no país, porém sem competições oficiais e com a restrição à prática por parte do Estado. Depois passaríamos para a fase da proibição absoluta ao esporte que durou até 1979. A fase seguinte compreenderia o espaço de tempo entre os anos de 1979 e 1983 e estaria caracterizada pelo ressurgimento de equipes. Agora as jogadoras poderiam praticar o esporte, mas não poderiam apresentar-se em estádios que recebessem jogos oficiais, nem ter seus jogos

¹⁰⁹ KESSLER, C., loc. cit.

¹¹⁰ HOLLANDA, B.; MELO, V. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 15.

¹¹¹ CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História E Imprensa. **Projeto História**, v. 35, n. 2, p. 253–270, 2007.

apitados por árbitros ligados a alguma federação. O período foi marcado pela luta para que o futebol de mulheres fosse regulamentado. A fase cinco compreendeu o resto da década de 1980 até o início da década de 1990 e apresentaria a organização de ligas estaduais e nacionais, bem como o surgimento dos primeiros ícones no esporte, entre as quais podemos destacar: Meg, Rose do Rio, Pelezinha, Fanta, Cenira, Michael Jackson e Sissi. A sexta fase compreendeu a década de 1990 até meados dos anos 2000 e caracterizou-se pelos fins da equipe do Esporte Clube Radar e da Taça Brasil de Futebol Feminino. No entanto, o período também foi marcante pela ascensão da equipe de futebol de mulheres do Clube de Regatas Vasco da Gama, pela formação da seleção brasileira que disputou os Mundiais da FIFA e Jogos Olímpicos trazendo bons resultados. De 1994 a 2001 existiu também o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Além disso, a circulação de atletas brasileiras indo atuar no exterior tornou-se mais intensa. Por fim, a última fase, compreenderia o ano de 2007 até hoje e é representada por uma reorganização de equipes e ligas no país apoiadas, agora, tanto pela CBF, quanto pelo Ministério do Esporte.¹¹²

Em sua cronologia, Almeida traça um amplo panorama da prática do futebol pelas mulheres no Brasil, desde o seu surgimento até o início da década de 2010. O que extrapola o período contemplado nesta tese. Contudo, decidi abordar a periodização completa para que possamos compreendê-la em sua totalidade e também porque é importante para a historiografia do futebol nacional. Além do que, das sete fases citadas, cinco abrangem o contexto da tese. Sobre os períodos apresentados, destaca-se que dois foram caracterizados pela proibição da prática pelas mulheres, inclusive, as proibições – uma em 1941 e outra em 1965 – são justamente o marco inicial deles.

Outras pesquisas já abordaram tais contextos, gostaria apenas de pontuar que “a fase da proibição absoluta” (de 1965 a 1979) não foi marcada pela inexistência do futebol de mulheres no Brasil, pelo contrário¹¹³. Uma diferença, com relação à fase anterior (de 1941 a 1965), estaria na especificação dentro da legislação dos esportes proibidos para as mulheres. O famigerado Decreto 3.199 de 1941, embasado em discursos médicos e estéticos, generalizava a proibição com a afirmação “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”¹¹⁴. Já a Deliberação nº 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos (CND) afirmava “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”¹¹⁵ e é

¹¹² ALMEIDA, C. S. de. “**BOAS DE BOLA**”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 151 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013, p. 62.

¹¹³ SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 144 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2015.

¹¹⁴ BRASIL. **Decreto-lei 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

¹¹⁵ BRASIL, **Deliberação CND nº 7/1965**, de 2 de agosto de 1965. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres apud SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 144 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2015, p. 37

possível considerá-la, inclusive, uma resposta, como uma forma de acirramento proibitivo, à prática do futebol pelas mulheres existente naquele contexto.

A fase de 1979 a 1983 – em que haveria times de mulheres, mas não poderiam jogar em estádios oficiais e/ou estarem ligados à federações – também é abordada por Silva¹¹⁶, que a denomina como o período do “futebol clandestino”, pois a Deliberação nº 10/79, que revogava a Deliberação nº 7/65, retirou a proibição do futebol de mulheres nos termos da legislação, mas também não possibilitava o seu reconhecimento e regulamentação pelos órgãos esportivos nacionais. Esses anos são muito importantes para esta pesquisa e corroboro a leitura de Almeida ao afirmar que é um momento chave da luta pela regulamentação da modalidade.

Com relação às três últimas fases, que abrangem os anos de 1983 até 2013, há marcos como a realização das Taças Brasil, times de destaque (o Radar e o Vasco), imigração de jogadoras, torneios internacionais (a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos), e no final desse período, o papel estatal na reorganização do futebol de mulheres. São marcos que também julgo relevantes para a modalidade, contudo, organizados de maneira distinta na periodização desta tese, como será visto adiante.

Em outro artigo, Almeida e Pisani – interessadas no desenvolvimento da carreiras das jogadoras de futebol – apresentam uma periodização diferente, com um marco inicial em 1979 e finalizando no que elas denominaram de “dias atuais” (o ano da publicação do texto é 2015, assim, considere este como o marco final): “o futebol praticado por mulheres no Brasil se desenvolveu entre os seguintes espaços de tempo: de 1980 a 1990, de 1990 a 2000 e de 2000 aos dias atuais.”¹¹⁷

Diferente da periodização de Almeida, esta foca nas últimas décadas do futebol de mulheres e não apresenta um panorama desde os seus primórdios, coincidindo justamente com o recorte que trabalho aqui. Tal opção se justifica graças ao objeto do artigo: as carreiras das futebolistas. Conforme as autoras:

O intuito [...] é apresentar às leitoras e aos leitores um panorama mais amplo que mostra como essa prática esportiva veio se modificando ao longo dos últimos anos, ampliando espaços, adquirindo visibilidade, profissionalizando-se e permitindo que cada vez mais mulheres possam escolher esse esporte como meio, possível, de vida.¹¹⁸

Constituir uma carreira como jogadora só se tornou factível após a revogação da proibição, e mais ainda, após a regulamentação da modalidade em 1983. Contudo, não é

¹¹⁶ SILVA, G. C. op. cit. p. 80-81.

¹¹⁷ ALMEIDA, C. S. DE; PISANI, M. S. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. *Labrys, études féministes / estudos feministas*, v. 28, jul./dez., 2015, p. 1.

¹¹⁸ Ibidem, p. 2.

possível desconsiderar as dificuldades e entraves na constituição das vidas dessas mulheres como jogadoras, elementos que são trabalhados nos três períodos apresentados. A divisão por décadas adotada é bastante didática, pois facilita o pensamento cronológico, porém, é passível de negligenciar alguns eventos significativos da própria historicidade o futebol de mulheres, que poderiam se tornar os marcos da cronologia, tornando-a mais específica.

Para Almeida e Pisani, os anos de 1980 a 1990 foram marcados pela luta pelo reconhecimento da modalidade. Luta travada, primeiramente, para que a regulamentação do futebol de mulheres fosse aprovada. Para demonstrar esse processo, elas recuperam relatos de personagens importantes, o caso do I Festival Nacional das Mulheres na Arte, de 1982, e entrevistas sobre o festival publicadas no jornal *ChanaComChana*. Depois a luta seria pelo reconhecimento da existência da prática, o que envolvia a realização de torneios, com um calendário contínuo, o estabelecimento de equipes e a visibilidade na mídia. Assim, são recordados os times existentes na Bahia, especificamente, em Feira de Santana e também o Esporte Clube Radar. O destaque das competições é dado às Taças Brasil e alguns campeonatos estaduais organizados nos anos 1980¹¹⁹, ou seja, os torneios ficavam nos âmbitos regional e nacional.

A segunda fase, de 1990 a 2000, destaca-se, segundo as autoras, “como o momento em que novas possibilidades no campo esportivo futebolístico surgiram para as mulheres brasileiras”¹²⁰. Assim, há a criação e o desenvolvimento de torneios internacionais, com relevo para os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. O que faz com que se forme a Seleção Brasileira e ocorra um leve crescimento do número de notícias sobre o futebol de mulheres nos meios de comunicação. Entretanto, Almeida e Pisani apontam que as reportagens e matérias elaboradas eram fortemente sexistas e acabavam fetichizando a presença das mulheres no esporte. Elas não são vistas como profissionais, mas sim, subjugadas a estereótipos de gênero. A exigência para as jogadoras serem *femininas* era uma constante.¹²¹

Para os anos de 2000 até 2015, as autoras destacam “como a nova geração de mulheres boleiras articula-se de maneira criativa e empoderada para que o Futebol Feminino consiga, de uma vez por todas, visibilidade e espaço – político, social e cultural – em nossa sociedade”¹²². Através de depoimentos de jogadoras de diferentes faixas etárias que atuaram nesse período são demonstradas as formas encontradas por elas para se inserirem e atuarem em um espaço

¹¹⁹ Ibidem, p. 3-9.

¹²⁰ Ibidem, p. 10.

¹²¹ Ibidem, p. 10-15.

¹²² Ibidem, p. 16.

hegemonicamente masculino e vislumbrarem (ou vivenciarem) o futebol como profissão. Ademais, apresenta-se também a criação de novas competições nacionais chanceladas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF): a Copa do Brasil, em 2007, e o Campeonato Brasileiro, em 2013. Assim como o estabelecimento da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino, em 2009.

Há ainda um elemento interessante no artigo: o diálogo com a periodização estabelecida por Jean Williams para pensar a profissionalização do futebol de mulheres na Europa, entre os anos de 1971 a 2011. De acordo com Williams¹²³, esse período pode ser dividido em três fases chamadas de *micro, meso e macro profissionalismo*. O micro profissionalismo abrangeu meados dos anos 1960 até o início dos anos 1980, com a FIFA e a UEFA não se comprometendo com a organização de torneios de mulheres. Contudo, a trajetória de algumas futebolistas pioneiras mostra que havia uma incipiente profissionalização sendo gestada, fora e depois dentro das estruturas das instituições esportivas. Destaca-se também a imigração de algumas atletas, sobretudo, para a Itália, onde havia campeonatos e times organizados.

O estabelecimento de competições entre diferentes países europeus, ocorridas entre os anos de 1982 e 1984, pavimentou o caminho para o meso profissionalismo, pois isso envolvia o aumento do número de times e de jogadoras atuando e acabou influenciando a criação da Copa do Mundo. O macro profissionalismo seria marcado pela diversidade de torneios existentes para as mulheres e também pelo aumento do volume de dinheiro investido, em geral, no futebol, o que levou a segmentação de categorias (sub20, sub17) e na percepção de que as competições de futebol cresceram significativamente em lucros, a exemplo dos megaeventos, afetando também o futebol de mulheres. Esse processo culminou no Comitê Executivo da UEFA aprovando a proposta de uma competição de clubes, em 2000. Foi criada assim a *UEFA Women's Cup*, renomeada para *UEFA Women's Champion's League* na temporada 2009-2010.

Almeida e Pisani afirmam que o modelo de Williams não pode ser aplicado ao caso brasileiro e apresentam três argumentos para isso: 1) o fato do Brasil ter mantido a proibição até 1983, enquanto que na Europa já havia campeonatos oficiais nos anos 1960 e 1970; 2) diferente do caso europeu no contexto dos anos 2000, que havia mais investimento privado, no caso brasileiro a maior parte do financiamento da modalidade ocorria por parte do governo local; 3) o Brasil funcionaria mais como um exportador de talentos do que como receptor, pois a estrutura dos clubes e os baixos salários não tornam o país atrativo para essa mobilidade. Talvez mais interessante do que considerar o *micro, meso e macro* profissionalismo como

¹²³ WILLIAMS, J. **Women's Football, Europe and Professionalization (1971-2011)**. Leicester: De Montfort University, 2011.

períodos estanques e ver se esses mesmos períodos cabem para outros países ou regiões seja encará-los como conceitos, caracterizando-os a partir de elementos próprios e comuns da modalidade.

De tal modo, o micro profissionalismo seria marcado por torneios e ligas mais instáveis, mas com a existência de clubes e, sobretudo, o destaque às jogadoras pioneiras e suas ações para desbravar caminhos. O meso profissionalismo por uma maior participação das instituições esportiva e um aumento na quantidade de competições e, conseqüentemente, de clubes, mas sem uma garantia de investimentos significativos ou profissionalização sólida das atletas. O macro profissionalismo se destacaria por investimentos mais contínuos e o estabelecimento de campeonatos importantes, tanto de clubes quanto de seleções, com grande público e visibilidade, tudo aliado a processos maiores de transformação do próprio futebol, mais ligado ao mercado e aos megaeventos. As atletas, ainda que enfrentassem dificuldades na profissionalização, conseguiriam ter acesso a ela e maior visibilidade midiática e audiência nos estádios.

Com uma abordagem dessa maneira, é possível averiguar se os conceitos cabem para outros contextos que não o europeu. Indiscutivelmente, é fundamental considerar as especificidades locais e sempre há a possibilidade do modelo não se adequar. Afinal, poderiam ter cenários em que situações de macro e meso coincidissem em um mesmo país. Se pensarmos no Brasil e em sua grandeza territorial isso seria plenamente possível. Ou ainda situações híbridas de micro e meso profissionalismo, por exemplo, em um mesmo território e época. Assim, é o caso de lembrar que mais importante do que categorias prontas, cabe considerar a historicidade da prática em diferentes cenários para não “empurrar” modelos conceituais na realidade concreta.

Com relação à periodização proposta por Almeida e Pisani, é uma importante contribuição para a historiografia do esporte e inova ao enfatizar o contexto pós regulamentação da modalidade e não desde os primeiros relatos do seu surgimento. Também acerta na seleção dos eventos e processos destacados na história do futebol de mulheres no Brasil e chamando atenção para que futuras pesquisas possam desenvolvê-los, como é o caso da fetichização dos corpos das jogadoras durante os anos 1990 e como isso ocorreu concomitante à maior visibilidade que elas estavam tendo graças aos torneios internacionais em estruturação. Pensar essa dicotomia é compreender melhor os desafios enfrentados para a consolidação do esporte.

Kessler também sistematizou alguns períodos da prática futebolística:

Ao tentar-se organizar os períodos históricos da prática do futebol de mulheres brasileiro, poder-se-ia pensar em três marcadores históricos: 1) do início do século

XX até o Decreto-Lei nº 3.199/41, com o pioneirismo e alertas a danos à saúde das jogadoras, baseados em argumentos médicos relativos à maternidade e ao “sexo frágil”; 2) a partir de 1980, após os vetos governamentais e o recomeço da prática; 3) a partir dos anos 2000, com as tentativas da profissionalização nacional, o aumento de escolinhas, de competições e de mídia.¹²⁴

Mais do que caracterizar cada um dos períodos estabelecidos, Kessler se preocupou em firmar alguns marcos significativos do futebol de mulheres. Dois dos três são ligados à legislação: o primeiro com o Decreto nº 3199/41 e o segundo, justamente, com a extinção, nos termos da lei, do veto às mulheres de jogarem bola. A recorrência das proibições (ou o fim delas) nas periodizações feitas revela a centralidade que elas tiveram na história da modalidade. Marginalizar e nesse caso impedir mulheres de realizarem práticas corporais é negar a elas oportunidade de desenvolverem habilidades motoras, diminuindo o controle delas sobre seus corpos e favorecendo o patriarcado¹²⁵.

Acrescento ainda que além de reforçar essa dominação social de não enxergar as mulheres como sujeitos ativos no campo esportivo, tal alijamento propicia também uma exclusão delas de um possível campo de trabalho. Aos homens é permitido vivenciar o futebol tanto como lazer quanto como profissão, a elas isso é negado. A clara desigualdade de gênero engendrada aqui interfere definitivamente no desenvolvimento do esporte em termos técnicos, táticos (pensando no jogo em si), estruturais, profissionais e sociais.

São justamente as tentativas de profissionalização que se configuram como o terceiro marco eleito por Kessler em sua periodização e ocorridas a partir dos anos 2000. De tal modo, há uma aproximação com o que fora proposto por Almeida e Almeida e Pisani, dos anos 2000 em diante a modalidade passa a escrever uma nova página vislumbrando a profissionalização como algo mais palpável – sem desconsiderar as dificuldades para isso – ou ao menos no horizonte de expectativas. Almeida traça essa linha a partir de 2007 destacando o papel do Estado. Almeida e Pisani enfatizam a articulação das jogadoras em suas atuações “criativas e empoderadas”, com o marco inicial desse período no ano 2000 mesmo. Por fim, Kessler, além de apontar as tentativas de profissionalização, fala também do crescimento de competições, escolinhas e mídia. São elementos que estão todos relacionados em uma maior viabilização de carreiras profissionais para as atletas.

Após a identificação de outras periodizações e antes de adentrar na elaborada para esta tese, cabe uma breve discussão sobre o *periodizar* para os historiadores. Para isso retomo as profícuas contribuições de Prost¹²⁶, o primeiro ponto é recordar que a História se diferencia de

¹²⁴ KESSLER, 2015, p. 74

¹²⁵ BENNETT, R. *et. al.*, 1987, p. 369-379.

¹²⁶ PROST, A. **Doze Lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

outras disciplinas pela sua dimensão diacrônica, por isso, ela se faz a partir do tempo (“complexo, construído e multifacetado”¹²⁷). O tempo da História é o das sociedades, das coletividades, denominado de tempo social, ou seja, de referências temporais comuns aos membros de uma sociedade – ainda que o tempo não seja o mesmo para todas as sociedades.

Além disso, o historiador remonta o tempo, estabelecendo um vaivém entre passado e presente e entre os diferentes momentos do passado, o que constitui uma operação peculiar da nossa disciplina. Portanto, o historiador “baliza-o [o tempo] com as suas pesquisas e delimita-o com seus pontos de referência, fornecendo-lhe uma estrutura”¹²⁸. É nesse trabalho com o tempo que reside a periodização, constituindo-se como uma tarefa importante para o historiador, pois não é possível compreender a totalidade da História sem dividi-la em períodos.

De acordo com Prost, a periodização permite pensar a continuidade e a ruptura, concomitantemente, identificando as rupturas entre os períodos e a homogeneidade no interior deles. Esse processo possibilita a interpretação histórica e sublinha a relação entre fatos de diferentes ordens. No entanto, é preciso estar atento aos alertas sobre o elaborar recortes periódicos. O primeiro é que a periodização estabelece uma unidade fictícia entre elementos heterogêneos, ou seja, em um mesmo período há a não-simultaneidade no simultâneo – avengei essa possibilidade na afirmação de que em um mesmo espaço-tempo poderiam existir o meso e o macro profissionalismo de Williams. O segundo é que sempre há uma parcela de arbitrariedade no recorte periódico, o historiador toma partido ao datar mudanças ou definir contextos e, por isso, também deve justificar as suas opções¹²⁹.

Ademais, cada objeto histórico possui a sua própria periodização, o que também é válido para o futebol de mulheres no Brasil. Cabe agora apresentar a proposta de periodização elaborada para esta tese. O marco inicial é o ano de 1979 e o final são os dias atuais, considerando que pode seguir adiante. Tal período foi dividido em três fases: 1) de 1979 a 1995, começa com a Deliberação nº 10/79 e finaliza com a Copa do Mundo da Suécia, em 1995; 2) de 1996 a 2019, inicia com a Olimpíada de Atlanta e segue até o princípio da Copa do Mundo da França; 3) de 2019 em diante, considerando justamente a Copa da França como um marco de ruptura e inaugural dessa nossa fase.

¹²⁷ Ibidem, p. 96.

¹²⁸ Ibidem, p. 104.

¹²⁹ Ibidem, p. 107-110.



Figura 1- Infográfico sobre as três fases do futebol de mulheres no Brasil no período de 1979 a 2023. Elaborado pela autora.

A primeira fase é caracterizada pela luta pela **regulamentação** e pelo **reconhecimento** da modalidade. Está diretamente conectada ao processo de transição democrática e às lutas sociais travadas nos anos 1980 e 1990 no contexto brasileiro. Havia uma preocupação de demarcar a existência do futebol de mulheres, por isso, destaca-se a atuação da denominada “geração pioneira”¹³⁰, aquelas que vivenciaram e se dedicaram ao futebol logo após a regulamentação (1983)¹³¹. As iniciativas de estruturação da prática futebolística pelas mulheres eram menos articuladas nessa fase, os times existiam, mas com dificuldades de manutenção, e os torneios se estabeleciam mais em âmbito regional e nacional e com suporte (ou não) difuso das instituições esportivas, como a CBF e as federações estaduais. Outros elementos que sobressaem deste período é a convocação da primeira Seleção Brasileira, a disputa da primeira

¹³⁰ GOELLNER, S. V.; CABRAL, J. R. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022, p. 13.

¹³¹ O pioneirismo aqui se refere às primeiras que jogaram bolas após a regulamentação, mas é importante explicitar que as mulheres sempre estiveram em campo, mesmo antes do ano de 1983, inclusive, durante os anos de proibição.

Copa do Mundo e Campeonato Sul-Americano e a circulação das jogadoras entre o futebol de campo e o futebol de salão.

Os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, constituem um marco para o futebol de mulheres no Brasil e inaugura-se a segunda fase. Há um grau de reconhecimento da existência da modalidade, entretanto, há uma grande carência de estrutura e profissionalismo. Carência que perpassa a estrutura como um todo desse futebol: equipes, federações, calendário, competições, mídia, (falta de) investimentos e patrocinadores. Na mesma medida temos cobranças e exigências demandando mudanças e melhorias. Basta lembrar da icônica faixa “Brasil, precisamos de apoio” levantada pelas jogadoras da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo da China, em 2007¹³². Além disso, essa fase também se caracteriza pelo crescimento significativo da imigração de jogadoras brasileiras, pela consolidação de torneios internacionais, por um crescimento da cobertura midiática (ainda que, por muitas vezes, repleta de estereótipos de gênero) e pela participação e incentivo estatal na manutenção da modalidade.

A terceira fase iniciou a partir da Copa do Mundo da França, em 2019, segue até os dias atuais e terá continuidade em anos futuros. A Copa de 2019 foi um marco para o futebol de mulheres e também a culminância de construções anteriores, tanto dentro do campo esportivo, com as cobranças e disputas por melhorias, quanto fora, relacionadas com a “Explosão Feminista”¹³³. De tal modo, essa fase abriu inúmeras possibilidades, principalmente, com relação à uma maior profissionalização da modalidade e não só no Brasil.

Parece ser um consenso entre os atores envolvidos com o futebol de mulheres que o crescimento ocorrido a partir de 2019 é bastante significativo e abrange todas as esferas (atletas, clubes, federações, investidores, Estados, outros profissionais, gestores e dirigentes, meios de comunicação). Por exemplo, o relatório de transferências da FIFA de 2021 afirma categoricamente que o futebol de mulheres cresce cada vez mais e que há uma clara tendência contínua de crescimento do jogo delas¹³⁴.

Para nos atermos ao caso nacional é importante destacar exemplos dessa profissionalização: ocupação de cargos de gestão na CBF por mulheres, como Aline Pellegrino e Eduarda Luizelli; treinadoras mulheres no comando das Seleções Brasileiras, Simone Jatobá (sub-17) e Pia Sundhage (principal); equiparação das diárias e premiação para homens e

¹³² Seleção cobra apoio financeiro ao futebol feminino do país. **UOL Esporte**. São Paulo, 30 set. 2007. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2007/09/30/ult59u132082.jhtm> Acesso em: 10 fev. 2021.

¹³³ HOLLANDA, H. B. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹³⁴ FIFA – Fédération Internationale de Football Association. **Global Transfer Report 2021**, p. 37. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/2b542d3b011270f/original/FIFA-Global-Transfer-Report-2021-2022-indd.pdf> Acesso em: 10 fev. 2021.

mulheres na Seleção Brasileira pagas pela CBF; criação de mais divisões nos campeonatos nacionais (séries A1, A2 e A3), organização de campeonatos de categoria de base (Sub-18, Sub-16 e Sub-14); crescimento efetivo da audiência e do público nos estádios para acompanhar os jogos, maior cobertura esportiva, inclusive, na televisão aberta, por conseguinte, aumento dos investimentos e patrocinadores, o que afeta os contratos e os valores de transferência das jogadoras.

Nesse sentido, é importante destacar que há uma presença maior da iniciativa privada nos meandros do futebol de mulheres – através de patrocinadores, investimentos dos clubes, os meios de comunicação –, diferente do que ocorreu anteriormente, quando o Estado teve um papel de destaque. Não significa que as iniciativas estatais tenham cessado, pelo contrário, mas houve a inserção mais efetiva do mercado. Será interessante acompanhar nos próximos anos as transformações geradas por esse processo, principalmente, considerando que o futebol de mulheres opera de maneira singular e tem seu próprio desenvolvimento, diferente do futebol espetáculo dos homens. A mercantilização intensa do futebol espetáculo, sobretudo a partir dos anos 1980, modificou estruturalmente esse futebol, compreender se essa mercantilização também chegará no futebol de mulheres e se terá efeitos semelhantes será fundamental.

Uma última ressalva sobre a periodização se faz necessária. Não se deve compreendê-la nem de maneira estanque, cada fase não é completamente autônoma da outra, como se fossem ciclos independentes com fins em si mesmos, sempre há permanências e as rupturas entre elas. Nem como uma linha progressiva, avanços e retrocessos ocorrem ao longo de todos esses períodos. Na esteira disso há uma especificidade na história do futebol de mulheres no Brasil que precisa ser considerada: o efeito sanfona.

Tal efeito não é novidade e as pesquisadoras Mourão e Morel já o destacavam no início do século XXI: “Há no FF um movimento ‘sanfona’, quando o contexto parece representar uma condição de estabilidade observa-se de forma dinâmica uma retração desta prática. (...) Ou seja, oscilações constantes que parecem representar uma condição de instabilidade das mulheres nos campos.”¹³⁵ Kessler, dez anos depois segue na mesma direção: “A ineficácia em termos de ações perenes gera um quadro de instabilidades, de ‘efeito sanfona’, de frequente expansão e retração da visibilidade do futebol de mulheres.”¹³⁶ A mesma percepção era sentida por quem vivia da modalidade:

¹³⁵ MOURÃO, L.; MOREL, M. As Narrativas Sobre O Futebol Feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, jan. 2005, p. 75-84.

¹³⁶ KESSLER, 2015, p. 58.

Dois anos o futebol feminino fica em alta, dois anos em baixa, porque esses dois anos tem Sul-Americano, Mundial e Olimpíada. Acabou a Olimpíada, desaparece o futebol feminino e retoma em dois anos. Em 2004, teve um trabalho bem diferenciado, acho que foi o único trabalho a nível profissional que eu tive, foi com a comissão técnica do René Simões. Tivemos todo o suporte: fisioterapeutas, fisiologistas, preparadores físicos, dois auxiliares técnicos, treinador de goleira qualificados e atualizados. Isso colaborou muito para a evolução do futebol feminino. Ele tinha um projeto de dar uma sequência, mas a CBF não quis.¹³⁷

O relato é da goleira Maravilha em entrevista para o projeto Garimpendo Memórias e dois elementos demonstram a existência do “efeito sanfona”. Primeiro a noção de que haveria ciclos dentro do futebol feminino ligados às grandes competições. Nos anos de Sul-Americano, Mundial e Olimpíada estaria “em alta”, ou seja, haveria maior estrutura e visibilidade. Contudo, nos outros dois anos haveria um desaparecimento ou uma desestruturação. Segundo o caso concreto do investimento em 2004, visando os torneios principais, mas que a maior entidade futebolística do país não quis dar continuidade. De tal modo, o denominado “efeito sanfona” é um elemento de continuidade em todas as fases citadas acima, ocorrendo em maior ou menor grau, a depender do contexto, mas impossível de ser negligenciado. Tal efeito se relaciona diretamente com a *instabilidade* do futebol de mulheres, que atinge diretamente as vidas e as condições de trabalho das jogadoras.

Após a apresentação da periodização e a breve caracterização de cada uma de suas fases, cabe apresentar no próximo capítulo os eventos mais marcantes delas e que se relacionam com o tema da pesquisa. A seleção foi feita considerando a pertinência do fato para esta tese e, por conseguinte, possui um grau de arbitrariedade e de subjetividade. Sem que haja, contudo, um prejuízo, pois houve a preocupação em organizá-los em uma narrativa histórica coerente e amparada na historiografia e nos pressupostos teóricos.

¹³⁷ WAHLBRINK, Marlisa. **Marlisa Wahlbrink (Maravilha)**: entrevista [4 set. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos. Porto Alegre, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139748/000991152.pdf>

Capítulo 2 – Uma perspectiva histórica do futebol de mulheres no Brasil (1983-2023)

O objetivo deste capítulo é retomar alguns eventos significativos do futebol de mulheres no Brasil e que tenham relação com o objeto de pesquisa, ou seja, o futebol como trabalho para as mulheres. Obviamente, não tenho a intenção de cobrir todos os fatos – o que seria historiograficamente impossível. Assim, foram selecionados aqueles mais pertinentes para a pesquisa e apresentados de maneira diacrônica, com base no recorte temporal estabelecido. Também não objetivo retomar contextos anteriores ao nosso recorte ou ainda buscar os primórdios da prática do futebol de mulheres no Brasil, pois o propósito é aprofundar o período trabalhado e evitar cair em armadilhas como a “obsessão das origens”, alertada por Bloch¹³⁸.

De tal modo, busquei utilizar nesta seção uma diversidade de fontes escritas e visuais: jornais, revistas, charge, crônicas, leis e decretos, documentos pertencentes ao acervo do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), entrevistas, depoimentos, relatórios, dados estatísticos, fotografias. A bibliografia pertinente ao tema também foi de suma importância, como livros, teses, dissertações e artigos. No amálgama de documentos históricos e material bibliográfico pesquisados foi feita uma *seleção* dos eventos históricos pertinentes ao tema da pesquisa e que foram organizados em uma narrativa histórica. Tal narrativa foi estruturada a partir da periodização do futebol de mulheres no Brasil elaborada para o contexto analisado e explicitada no capítulo anterior.

Dessa forma, o capítulo se divide em três partes dando conta das três fases estabelecidas dentro da periodização proposta: 1) 1979 a 1995; 2) 1996 a 2019; 3) 2019 a 2023.

2.1 A ascensão do futebol de mulheres (1979-1995)

O início da primeira fase se localiza temporalmente no processo de transição da ditadura civil-militar para um regime de democracia liberal no Brasil. Na realidade, o final dos anos 1970 e a década de 1980 acompanharam por toda a América Latina o movimento de redemocratização, com a saída das ditaduras militares do poder, o Brasil não é o único. De toda forma, para o caso brasileiro, Silva determina como marco inicial, do processo denominado de abertura, o ano de 1974, a partir da vitória eleitoral do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a resposta dos militares com o *projeto Geisel-Golbery*, com objetivo de organizar a constitucionalização (não necessariamente uma redemocratização) do país, realizando uma

¹³⁸ BLOCH, M. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

distensão lenta, gradual e segura – o projeto incluía, ao longo de seus dez anos, uma nova Constituição elaborada pelo regime e não por uma Assembleia Constituinte plena e soberana¹³⁹.

Essa primeira etapa da transição se estenderia até 1982, já no governo do ditador João Figueiredo, e teve um maior controle do poder militar. A partir de 1982 até o efetivo fim da ditadura, o domínio não era mais absoluto e outros atores conseguem uma margem de atuação política muito maior. Com destaque para o movimento estudantil, que voltou a atuar a partir de 1977; o novo sindicalismo, principalmente, com os operários da região do ABCD paulista; associações de bairros; instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)¹⁴⁰. O MDB atuava como oposição dentro da esfera política institucional e ainda havia uma pressão externa, com a mudança na política externa estadunidense, a partir da presidência de Jimmy Carter. Todos esses atores se envolveram de alguma forma com a redemocratização brasileira.

Fontes¹⁴¹ complementa esse raciocínio ao classificar os anos 1980 não como uma década perdida, mas fundamental para a compreensão da atual sociedade civil brasileira, pois foi um contexto de ebulição da luta de classes. Além dos movimentos citados acima, a historiadora destaca a emergência de movimentos sociais de forte cunho contra hegemônico e anticapitalista, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST); outras formas associativas, como grêmios, organizações eclesiais etc.; Organizações Não Governamentais (ONGs), com crescimento elevado nesse contexto; e os partidos e sindicatos, destacando-se o Partido dos Trabalhadores (PT) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Todos com forte atuação política. É no bojo da disputa entre diferentes projetos sociais que alguns temas se popularizam na sociedade brasileira de maneira ampla, como *igualdade*, reformas sociais, dependência e dívida externa etc.

Durante a transição democrática há duas lutas sociais que merecem destaque: 1) as Diretas-Já; 2) pela Anistia. A primeira ocorreu em 1983 e 1984, após o deputado Dante de Oliveira apresentar uma emenda constitucional propondo a restituição das eleições diretas para presidente da República. Começou com pequenos comícios que cresceram muito e levaram multidões às ruas. As manifestações mobilizaram lideranças políticas de diversas correntes,

¹³⁹ SILVA, F. C. T. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). **O Brasil Republicano: o tempo do regime autoritário. Ditadura Militar e Redemocratização.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

¹⁴⁰ FERREIRA, J. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). **O Brasil Republicano: o tempo da Nova República. Da Transição Democrática à Crise Política de 2016.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 31-32.

¹⁴¹ FONTES, V. **O Brasil e o capital-imperialismo.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

artistas e ídolos populares¹⁴² e apesar do tom festivo, eram muito politizadas. Entretanto, no dia da votação a emenda foi vencida, faltaram 22 votos para a sua aprovação. Com toda a mobilização ocorrida a reprovação da emenda foi uma vitória para o projeto de transição controlada dos militares.¹⁴³

A segunda foi a campanha pela Anistia iniciada em meados dos anos 1970 e se difere bruscamente da Lei da Anistia de 1979. Em 1975, o Movimento Feminino pela Anistia foi criado e contava, sobretudo, com mães e esposas de presos políticos e “desaparecidos”. A campanha cresceu e ganhou fôlego com a criação de comitês pela Anistia ao redor do Brasil. Manifestações, dias nacionais de protesto e encontros nacionais foram realizados mobilizando a pauta e unificando diversas pessoas. O slogan “Anistia *ampla, geral e irrestrita*” foi cunhado em 1978 no encontro de Salvador e se popularizou rapidamente. A campanha, contudo, foi frustrada pela aprovação da Lei da Anistia, que perdoava também os chamados crimes “conexos”, o que possibilitou o perdão aos torturadores e aos militares envolvidos com a repressão e a violação de direitos humanos.¹⁴⁴

Apesar da frustração e das graves consequências da Lei da Anistia (vivenciadas até os dias atuais) há de se ressaltar um elemento dessa luta: a intensa mobilização das mulheres. Foram elas as responsáveis por criar o primeiro movimento e se mantiveram ativas na campanha. Não é à toa. Os anos 1970 e 1980 testemunharam uma forte articulação política das mulheres e dos feminismos. Existiam pautas sobre as relações familiares, sexualidade e a constituição de novas subjetividades e no início dos anos 1970, em centros urbanos, a prática de “grupos de consciência” ou “grupos de reflexão” se consolidou aqui no Brasil. Já ocorriam em países do Norte global e muitas brasileiras tiveram contato graças ao exílio ou ao acompanhar familiares fugindo da repressão ditatorial. Esses grupos foram a base para o movimento da Libertação da Mulher e eram originários dos movimentos negros, estudantis e da contracultura. As reflexões partiam das vivências das mulheres e o famigerado mote “o pessoal é político”, tão caro ao que se convencionou chamar de Segunda Onda do Feminismo, era central¹⁴⁵.

¹⁴² Somente para citar exemplos do futebol, os jogadores envolvidos com a Democracia Corintiana participaram ativamente da campanha pelas Diretas-Já. Cf. MAGALHÃES, L. G. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

¹⁴³ FICO, C. **História do Brasil Contemporâneo**: da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Contexto, 2015, p. 103-104 (epub).

¹⁴⁴ Ibidem, p. 98-99.

¹⁴⁵ PEDRO, J. Mulheres. In: PINSKY, J. (org.). **O Brasil no Contexto**: 1987-2007. São Paulo: Contexto, 2007, p. 170.

Na luta das mulheres o ano de 1975 é deveras significativo. Em termos globais, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu-o como o Ano Internacional da Mulher. Especificamente, no Brasil se realizou o evento “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, com patrocínio da ONU. Fundou-se o Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro, para organizar ações diretas e manifestações, servindo de modelo para o surgimento de outros centros pelo país, o que possibilitou uma transformação cultural e legislativa. A imprensa de mulheres ou feminista passou a se articular. De 1975 a 1980, foi publicado o periódico *Brasil Mulher*, com foco inicial justamente na luta pela Anistia e, posteriormente, se engajou também nas pautas feministas. Em anos seguintes, outras publicações surgiram já declaradamente feministas desde a primeira edição: o *Nós Mulheres* (de 1976 a 1978) e o *Mulherio* (1981 a 1988). Eram exemplos de engajamento, pois pautavam e divulgavam demandas e reivindicações, e demonstravam subversão a uma ordem hegemonicamente machista¹⁴⁶.

Portanto, muitas campanhas, durante as décadas de 1970 e 1980, eram mobilizadas por grupos de mulheres e/ou grupos que se intitulavam feministas e estavam no debate público: lutas contra a violência de gênero, a campanha “Quem ama não mata”, o direito de decidir sobre o próprio corpo etc. Contudo, não é possível afirmar que a maioria das mulheres se reivindicava feminista, o termo ainda passava por uma desqualificação. Mas todas as mulheres acompanhavam, seja através dos meios de comunicação, da política ou das expressões culturais e artísticas, as demandas organizadas pelos distintos feminismos¹⁴⁷.

O futebol de mulheres faz parte da efervescência social brasileira durante a transição democrática, de toda essa mobilização política e cultural e do engajamento de mulheres e de grupos feministas em torno de suas demandas específicas. A participação do futebol de mulheres nesse contexto possui pauta própria: a regulamentação da modalidade. Almeida¹⁴⁸ utiliza a expressão “Anistia ao Futebol Feminino” – cunhada por uma de suas interlocutoras que vivenciou esse movimento – para caracterizar a luta pela regulamentação. As futebolistas buscavam uma anistia ampla, geral e irrestrita e na interpretação irônica de Almeida o fato punível (para que se precisasse pedir perdão/anistia) do futebol de mulheres seria, seguindo a lógica das proibições, ter ido contra a própria natureza do corpo de mulher. Na realidade, essa pauta se colocava contra a restrição, historicamente construída, à autonomia das mulheres sobre

¹⁴⁶ Ibidem, p 171.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 172.

¹⁴⁸ ALMEIDA, C. S. de. **Do sonho ao possível:** projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 254 f. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018, p. 103-104.

seus corpos. Além disso, o termo Anistia se conectava diretamente com as lutas empreendidas no Brasil e demonstrava de alguma maneira a relação com as discussões feministas e de grupos de mulheres daquele contexto.

Isso quer dizer que todas as mulheres envolvidas na demanda pela regulamentação, jogadoras ou não, consideravam-se feministas? Com certeza, não. Esses possíveis entrelaçamentos eram mais complexos. Silva traz a fala de Neneca, presidente e treinadora do time do Corinthians do Parque, em entrevista para A Gazeta Esportiva, em 1982, que deixa explícito esse afastamento. O jornal perguntou se ela era feminista e a resposta foi: “Não. Sou contrária a movimentos feministas. Adoro sair com o meu namorado, faço questão que ele abra a porta do carro, fico feliz quando ele acende meu cigarro. Sou romântica, aprecio ver a lua. Mas adoro o futebol”. Depois ainda complementa de que no time não havia “moças masculinizadas”, pois ela queria um ambiente saudável e chegou, inclusive, a afastar uma jogadora por isso. A percepção de mulher masculinizada aqui estaria associada à homossexualidade.¹⁴⁹

Dona Guiomar, jogadora e dirigente do Atlântico Futebol Clube, time amador da cidade de Curitiba, distanciava-se, de maneira ambígua, dos feminismos. A sua equipe anunciava no jornal Diário do Paraná, na coluna DP nos Bairros, que estava procurando adversárias para amistosos, pois já haviam jogado com inúmeros times e sempre com vitória (várias de goleada). As mulheres da Escola de Educação Física ensaiaram topar o desafio, contudo, desistiram, segundo o jornal, por “ciuminho” dos namorados. A resposta de Guiomar foi: “Afinal, porque falam tanto por aqui nessas estórias de movimentos feministas, se nem se libertar para um joguinho de mulheres sabem”.¹⁵⁰ Ela trata o movimento feminista como algo distante, outras falando disso, mas não ela, demonstrando um distanciamento. Contudo, ao insinuar a contradição das universitárias, supostamente ligadas a essas pautas, mas que estavam abdicando de uma atividade só para atender ao autoritarismo/desejo dos homens, Guiomar também acaba endossando ao menos uma ideia de autonomia defendida pelas feministas. Sua companheira de time, a artilheira Ziza, é mais enfática:

Se houver em Curitiba algum grupo de mulheres, realmente dispostas a aceitar este convite, entrem em contato com DP nos Bairros, do Diário do Paraná. Nós faremos uma partida de nível para mostrar que este tipo de esporte não é coisa só para homens. Sejam corajosas. Desliguem-se dos ciuinhos de maridos, noivos e namorados e procurem a gente. Estamos prontas para isto.¹⁵¹

¹⁴⁹ Mulher: o amor em campo. A Gazeta Esportiva apud SILVA, 2015, p. 86.

¹⁵⁰ O desafio feminino está sem resposta. Vila Tapajós. **Diário do Paraná**. Curitiba, 2 jul. 1975, p. 5.

¹⁵¹ O desafio feminino está sem resposta. Vila Tapajós. **Diário do Paraná**. Curitiba, 2 jul. 1975, p. 5.

Ao falar claramente que o futebol não é uma prática somente dos homens, Ziza reivindica às mulheres no esporte a condição de sujeitos e mobiliza transformações nas relações de gênero do campo esportivo. Portanto, ainda que muitas das mulheres envolvidas com o futebol não se identifiquem como feministas, ou também reproduzam normas de gênero em algum grau, ao entrarem em campo e reclamarem seu espaço ali já subvertem a ordem patriarcal estabelecida e demandam controle e autonomia sobre os seus corpos, estabelecendo práticas feministas.

Como falado acima, o futebol de mulheres durante a transição democrática e ao longo dos anos 1980 se conectava diretamente à efervescência social brasileira. Dessa forma, estava presente em grupos organizados da sociedade civil e, concomitante, também se organizava coletivamente em defesa da regulamentação e depois da valorização da existência da modalidade. Alguns eventos podem elucidar tal processo. No 1º de Maio, dia do Trabalhador, de 1977, a Associação Esportiva Cotrasa, constituída pelos trabalhadores e trabalhadoras do comércio de Curitiba e região, organizou um torneio de futebol de salão em homenagem à efeméride. As equipes eram formadas por funcionárias da empresa Cotrasa, ligada à indústria automobilística com a venda de caminhões Scania, e a campeã e vice-campeã ganharam medalhas de ouro e prata¹⁵². No mesmo ano, a Associação de Pais e Mestres da Escola Técnica Federal do Paraná organizou uma festa na sua sede, para celebrar obras da entidade, e um dos eventos da programação era o futebol feminino¹⁵³. Por mais que tais jogos ocorressem em um ambiente festivo, não ligado diretamente a competições – isso aliviava também a própria lógica da proibição – é relevante que mulheres estivessem ocupando esses campos.

Ainda em 1977, mesmo que não relacionado diretamente ao futebol, há um episódio de destaque sobre a participação das mulheres no esporte. A Comissão Parlamentar Mista de Inquérito instaurada para examinar a situação da mulher em diferentes âmbitos (social, trabalhista, político etc.) escutou 32 mulheres, entre as participantes estavam a nadadora Maria Lenk e a tenista e jornalista Íris de Carvalho, chamadas para abordar a temática esportiva. Ambas discursaram sugerindo a revogação da deliberação que vetava a participação das mulheres em algumas modalidades e reivindicaram o direito de escolha das mulheres de se exporem (ou não) às periculosidades dos esportes de alto impacto e contato¹⁵⁴.

¹⁵² Futebol Feminino na Cotrasa. **Diário da Tarde**, 30 abr. 1977, p. 2.

¹⁵³ Pais e mestres em festa. **Diário da Tarde**, 28 abr. 1977, p. 2.

¹⁵⁴ SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 314 f. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2013, p. 125.

Os dois próximos casos ocorreram no Rio de Janeiro. Na Zona Norte da capital fluminense, em 1978, surgiu o jornal *Hora Extra*. A primeira edição foi publicada em março e no editorial trazia a realidade da região que passava por “situações que acabam por se perder por falta de divulgação” e por isso o objetivo do periódico era “divulgar estes fatos de forma a tornar mais amplo o conhecimento dessas situações (...) Hora Extra dará cobertura aos nossos bairros em suas necessidades”.¹⁵⁵ Não há uma identificação exata da periodicidade, mas com base nos exemplares que estão no acervo do Arquivo Nacional é possível inferir que a intenção era ser mensal, contudo, poderiam ocorrer atrasos e sair de maneira mais espaçada. O valor era de Cr\$2,00¹⁵⁶, o que era barato para o contexto.

O jornal possuía uma equipe própria para a produção e distribuição, mas contava imensamente com a colaboração comunitária para a sua publicação, sobretudo, com o envio de notícias e conteúdo. Havia uma preocupação em relatar as mais distintas experiências dos bairros, desde os problemas, como condução, moradia e especulação imobiliária, crescimento alto do custo de vida, até as vivências culturais, como cineclubes, festas, feiras, passando pela divulgação de emprego e das atuações sindicais e de diferentes categorias profissionais. Era um jornal popular, comunitário e voltado para a classe trabalhadora da Zona Norte carioca.

Além disso, havia a página específica sobre esporte, com a coluna *Futebol nos Subúrbios*: “Hora Extra, sendo um jornal da Zona Norte está também preocupado com a diversão das pessoas que moram em nossos bairros. Logo, não pode deixar de dar atenção ao futebol, por ser este o esporte preferido de quase todos nós.”¹⁵⁷ A intenção era promover o esporte no subúrbio, divulgando torneios, times etc. Na edição número 6 do jornal, de outubro de 1978, foi noticiada a III Olimpíada do Conjunto Habitacional do Itararé, localizado na Estrada do Itararé. Os organizadores afirmavam que a olimpíada era uma forma de unir os moradores e também uma maneira da comunidade expressar a necessidade de uma área de lazer e um espaço físico maior para viverem. O futebol de mulheres se fez presente no evento e teve destaque, pois o jogo de abertura da olimpíada foi justamente uma partida entre os times As

¹⁵⁵ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Dossiê Movimento Operário. Março 1978. Fundo: Política Operária. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/brrjanriof3/0/0/0009/brrjanriof3000009_d0001de0001.pdf Acesso em: 16 fev. 2022

¹⁵⁶ De acordo com o Decreto nº 79.610, de abril de 1977, o salário mínimo era de Cr\$ 1.106,40 e a partir do Decreto nº 81.615, de abril de 1978, no Rio de Janeiro, foi para Cr\$1560,00.

¹⁵⁷ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Dossiê Movimento Operário. Março de 1978. Fundo: Política Operária. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: <http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/brrjanriof3/0/0/0009/brrjanriof3000009d0001de0001.pdf> Acesso em: 16 fev. 2022

Panteras e Feito na Hora, equipes compostas por mulheres. O jogo ocorreu às 12h do dia 7 de outubro e o Feito na Hora venceu a disputa. Infelizmente, não foi divulgado o placar final.

A segunda aparição do futebol de mulheres ocorreu na décima edição do Hora Extra, em março de 1979, ao falar do Grêmio Recreativo e Bloco Carnavalesco Dragão de Camará, composto, em sua maioria, por moradores do Conjunto Residencial Santa Cruz. A quadra do bloco tinha uma importância comunitária, abrigava vários outros eventos, inclusive, Assembleias de Moradores do Conjunto Santa Cruz e virou até sede provisória da Associação dos Moradores. Além disso, o vice-presidente da agremiação, Édio Ramalho da Silva, informou o jornal que fora da época do carnaval várias outras atividades eram desenvolvidas pela agremiação, partidas de futebol era uma delas, o que valia para “homens e moças”¹⁵⁸. Ou seja, mulheres participavam da comunidade do bloco e jogavam futebol.

Em Pernambuco, realizou-se em dezembro de 1980 o I Congresso Estadual de Futebol Feminino, com mais de vinte equipes participantes de futebol de campo ou futebol de salão. O encontro, de acordo com o Diário da Tarde (PR), contou com o patrocínio do Banco do Desenvolvimento do Estado de Pernambuco (BANDEPE), foi organizado por Maria do Carmo Nóbrega, a Carminha, e Ivani Barbosa do time Coisinha do Pai e tinha o objetivo de:

Conseguir a igualdade junto ao futebol masculino e todos os desportistas, de onde esperam muito respeito e compreensão, são outros firmes propósitos de Coisinha do Pai, Divinas e Maravilhosas, Realce, Timbuzetes, Garotas do Parque, apenas algumas das agremiações que pretendem discutir, também, a formação de uma futura seleção pernambucana de futebol feminino.¹⁵⁹

O Estado de São Paulo complementa informando que o congresso visava nas palavras de Carminha “solidificar o futebol feminino e acabar com a mania de nós, mulheres, sermos vistas apenas como objeto visual no esporte de campo”¹⁶⁰ e a intenção era contar com palestras de médicos, sociólogos, preparadores físicos, advogados e treinadores de grandes clubes, esboçar e planejar a criação de uma liga ou federação feminina e o primeiro Campeonato do Grande Recife, com apoio até da CBF, e ao final elaborar um documento endereçado ao CND reivindicando a regulamentação do futebol de mulheres. Contudo, o Congresso não teve o alcance almejado, o público foi muito menor do que o esperado, jogadoras e palestrantes faltaram, atrasos ocorreram. Mas na visão de Carminha, o saldo final ainda foi positivo, pois

¹⁵⁸ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Dossiê Movimento Operário. Outubro de 1978. Fundo: Política Operária. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: <http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/brrjanriof3/0/0/0009/brrjanriof3000009d0001de0001.pdf> Acesso em: 16 fev. 2022

¹⁵⁹ O futebol para as mulheres e a classe amadora. **Diário da Tarde**, Curitiba, 29 dez. 1980, p. 7.

¹⁶⁰ No Recife, luta do futebol feminino. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

houve a escrita do documento e o conhecimento de saber com quem poderia contar nessa empreitada¹⁶¹.

O Congresso demonstra uma articulação política de atletas contra a desigualdade de gênero e em prol da regulamentação. Também descentraliza o olhar do eixo Rio-São Paulo permitindo destacar o circuito do futebol de mulheres em outras regiões. De acordo com o Estado de São Paulo, a prática futebolística assumiu naquele contexto uma importância grande em Recife e cidades vizinhas, mobilizando, sobretudo, a juventude. Os principais times eram o Coisinha do Pai, que treinava na Base Aérea do Recife (em plena ditadura civil-militar), e o Coração de Leão, ligado ao Sport Club do Recife, mas é importante citar também: Nápoles, Água Viva, Garotas do Parque, Palmares, Patotinha, Panteras, Escolinha, Vasco, Juventus do Cabo, João Pessoa, Divinas e Maravilhosas, Realce, Timbuzetes. Enfrentavam-se nos mais distintos espaços, como campos de praia e até mesmo na Ilha do Retiro, estádio do Sport¹⁶², contrariando firmemente a proibição que tinha uma preocupação clara com o uso de estádios profissionais por times de mulheres.

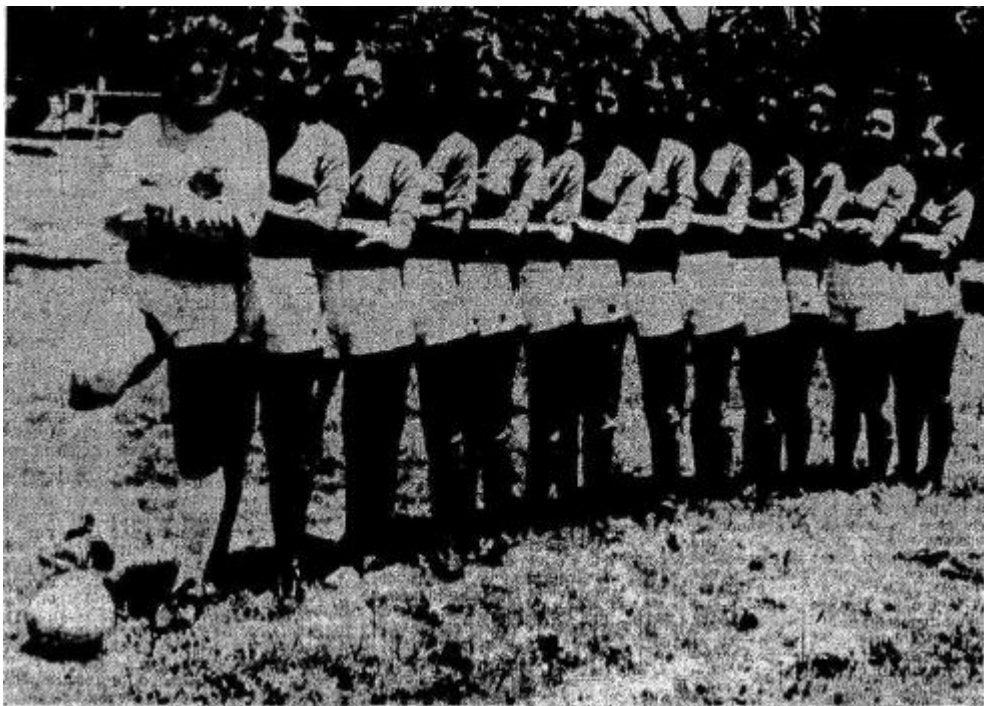


Figura 2 - Time Coisinha do Pai da cidade de Recife, em 1980. Fonte: No Recife, luta do futebol feminino. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

Há ainda histórias interessantes sobre o amadorismo e o semiprofissionalismo dessas equipes. O Água Viva dava uma ajuda de custo às suas atletas de Cr\$100,00 semanais¹⁶³, atletas

¹⁶¹ Fracassa o congresso das mulheres. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 dez. 1980, p. 28.

¹⁶² No Recife, luta do futebol feminino. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

¹⁶³ Daria aproximadamente Cr\$400,00 mensais, o salário mínimo em 1980, de acordo com o Decreto nº 84674 era de Cr\$3436,80, em Recife. Ou seja, a ajuda de custo era quase 10 vezes menor que o salário mínimo.

mais pobres do Coisinha do Pai também recebiam esse valor e alguns outros times davam prêmios, o famigerado “bicho”, em vitórias e empates. O Coração de Leão fez uma negociação para que Jacy, ponta-esquerda do Juventus do Cabo, fizesse parte do seu plantel. Ofereceu a ela um cargo na secretaria do Sport, como auxiliar de escritório, para ganhar um salário mínimo. Nas palavras dela: “Aceitei o convite do Sport porque ganhei um emprego e maior segurança. Se fosse homem seria jogador de futebol. Infelizmente, nesse caso, sou mulher.”¹⁶⁴ A fala escancara a barreira de acesso de gênero existente para o exercício de uma profissão. Assim, as mulheres precisavam lutar pela regulamentação da modalidade e que essa regulamentação garantisse também o acesso e a criação de um mercado de trabalho para elas, através da adoção do profissionalismo para elas.

No ano de 1981 o então ditador João Figueiredo recebeu em sua correspondência institucional o Relatório Geral de atividades da Associação Pró-Ensino Superior em Nova Hamburgo e da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Nova Hamburgo (FEEVALE) referente ao ano de 1980. No relatório constam as ações de extensão realizadas pela Escola de Educação Física. Entre elas se destacam dois eventos de futebol feminino, organizados pelo professor Benno Becker Júnior, que também foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O primeiro foi o Torneio Interno de Futebol Feminino, pelo nome, infere-se que as participantes eram apenas as alunas da faculdade. O segundo foi o II Festival de Futebol Feminino, aberto para equipes organizadas da comunidade em geral. Segundo o relatório, o festival atraiu inúmeras pessoas e chamou a atenção da imprensa. As revistas *Veja*, *Placar* e *Fatos e Fotos*; os jornais *Jornal do Brasil*, *Zero Hora*, *Folha da Tarde*; e as televisões *Gaúcha* e *Difusora* noticiaram o evento¹⁶⁵.

O futebol de mulheres não aparecia somente nos segmentos institucionais das universidades, também marcava presença nas atividades do movimento estudantil, como aconteceu em Viçosa. Em 1981, o reitor da Universidade Federal de Viçosa (UFV) enviou um informe confidencial para a Divisão de Serviço e Informação do Ministério da Educação (MEC) relatando a atuação do DCE da universidade e denunciando que os estudantes haviam publicado o jornal *A Gazeta Universitária*, no qual faziam uma caricatura do reitor e criticavam abertamente a administração da universidade e a ditadura. No periódico dos estudantes também

¹⁶⁴ No Recife, luta do futebol feminino. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

¹⁶⁵ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Correspondência particular recebida – Governo Figueiredo. 25 mai. 1981. Fundo: Gabinete Pessoal do Presidente da República. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_JF/JBF/0/0253/BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0253_d0001de0001.pdf Acesso em: 18 fev. 2022.

havia a coluna “Como vai a Diretoria?”, em que a gestão do DCE fazia um breve balanço das ações realizadas e da participação geral dos estudantes. Entre elas havia um jogo de futebol: “outra atividade proposta para o mesmo dia (15/11) foi o sensacional futebol feminino, um verdadeiro show de pernas e tornozelos para brindar o fechamento das aulas com os times BACANA F.C X ME APERTA E.C. (Bom(as) não?)”¹⁶⁶.

Além do movimento estudantil, o movimento sindical das universidades também contava com o futebol de mulheres. Já no ano de 1987 houve o movimento grevista dos Servidores das Universidades Federais do Rio Grande do Sul que se posicionou contra o Plano de Cargos e Salários e reivindicava a isonomia salarial entre autarquias e fundações. O Serviço Nacional de Informações seguiu fazendo o monitoramento de movimentos sociais e organizações coletivas, pois há um relatório descrevendo a atuação dos grevistas e o desenrolar da greve. Nos anexos do relatório há os informativos da greve produzidos pela ASSUFRGS e na vigésima edição do ASSUFRGS INFORMA, do dia 20 de julho de 1987, descreve-se a programação diária do movimento, como o horário da Assembleia Geral, realizada no Restaurante Universitário e aparece também o quadro “Leve a greve na Esportiva” com a agenda de esportes e o primeiro torneio descrito é justamente de futebol feminino. Infelizmente, não há maiores informações sobre times, placares etc. mas a presença ali já é significativa.¹⁶⁷

O estado de Minas Gerais também foi importante para pressionar pela regulamentação da modalidade. O Diário da Tarde (PR) noticiou, em setembro de 1981, as ações das torcidas organizadas de Cruzeiro e Atlético para a realização de um jogo entre as suas integrantes no estádio do Mineirão. Foi enviado um *telex* ao General Cesar Montagna, então presidente do CND, solicitando a autorização para realizarem uma preliminar do clássico mineiro com futebol de mulheres. Argumentaram que já são realizadas partidas clandestinas no estado e que tal programação seria mais uma atração para o clássico. Ademais, reclamam a regulamentação do futebol de mulheres. Para isso realizaram no Centro de Defesa da Mulher, na escola de Direito de Belo Horizonte, uma reunião para planejar uma manifestação pedindo apoio do público e das autoridades em torno dessa pauta¹⁶⁸.

¹⁶⁶ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Divisão de Segurança e Informações. 24 nov. 1981. Fundo: Divisão de Inteligência do Departamento de Polícia Federal. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_zd/br_dfanbsb_zd_0/br_dfanbsb_zd_0_0/br_dfanbsb_zd_0_0_0016c/br_dfanbsb_zd_0_0_0016c_0008/br_dfanbsb_zd_0_0_0016c_0008_d0001.pdf Acesso em: 18 fev. 2022.

¹⁶⁷ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Movimento grevista dos servidores das universidades federais no Rio Grande do Sul. 1987. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ggg/87014928/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ggg_87014928_d0001de0001.pdf Acesso em: 18 fev. 2022.

¹⁶⁸ Legalização no setor feminino. **Diário da Tarde**, Curitiba, 30 set. 1981, p. 7.

O Diário da Tarde não noticiou se a manifestação efetivamente ocorreu e o desfecho sobre a solicitação para realizar a preliminar. Contudo, a revista Manchete informou que a autorização não foi dada e 14 times de Belo Horizonte fizeram um abaixo-assinado de protesto contra a proibição do jogo. Além disso, traz informações sobre o circuito de futebol de mulheres da região:

As mineiras querem se profissionalizar. São estudantes, domésticas, professoras e secretárias, que nos fins de semana vestem a camisa de um clube amador e jogam nos campos improvisados da periferia de Belo Horizonte. Só na capital são mais de 3 mil moças, entre 15 e 34 anos, que optaram pelo futebol por uma questão de gosto.¹⁶⁹

Não são especificadas as fontes para respaldar esses números e o perfil das jogadoras, entretanto, considerando as duas reportagens e as ações realizadas pode-se afirmar que o futebol de mulheres em Minas Gerais era uma realidade e lutava pela sua consolidação. A Manchete ainda afirma que os times mineiros mais envolvidos na luta pela “legalização do esporte” eram: Camisa 12 (possuía torcida organizada e estrutura profissional, segundo a reportagem), Racing Futebol Clube, CSF, Onze Corações, Bandeirantes e Panterloco. O Camisa 12 chegou a fazer um amistoso com o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, e as mineiras recepcionaram as cariocas com rosas. Sônia, ex-goleira do Camisa 12 e na época era coordenadora e massagista demonstrou confiança na regulamentação naquele contexto: “temos mais força e apoio”.¹⁷⁰

Com relação à formação do circuito do futebol de mulheres em Minas Gerais, Ribeiro aponta a importância da várzea nesse processo e da proliferação de ideias de emancipação feminina. Há o crescimento da participação das mulheres nos times de várzea, seja como dirigentes ou torcedoras e também ocorre a criação e desenvolvimento de equipes femininas. Destaca-se o Panterloco, formado da união dos times Panteras e Locomotiva, ainda nos anos 1970 e composto majoritariamente por atletas jovens e negras, oriundas do bairro Concórdia, de tradição operária e popular. Havia outras também: a equipe da Ferroviária surgiu de torcedoras do time de homens; o Camisa 12, ligado às torcedoras do Cruzeiro; o Vila Olímpica do Atlético, associado ao clube de lazer do Atlético-MG, entre outras.¹⁷¹

O time do Camisa 12 tem histórias importantes para a modalidade. Além de excursionar no interior do estado e participar de festivais, campeonatos e amistosos para manter um calendário contínuo, em 1983, finalmente conseguiu realizar uma preliminar no estádio do Mineirão, antes de Cruzeiro e Guarani, tornando-se o primeiro time de mulheres a jogar naquele

¹⁶⁹ Mulheres no futebol: de olho na Copa. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro 15 dez. 1982, p. 138.

¹⁷⁰ Mulheres no futebol: de olho na Copa. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro 15 dez. 1982, p. 138.

¹⁷¹ RIBEIRO, R. R. **A VÁRZEA E A METRÓPOLE: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)**. 492 f. 2021. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2021, p. 168-173.

gramado. A partida aconteceu uma semana antes da regulamentação do futebol de mulheres ser efetivada e como era uma pauta pretérita é um marco relevante na luta pela regulamentação. Ademais, foi campeão invicto da Taça Torneio do Povo, promovido pela prefeitura de Belo Horizonte e a Belatour, com a participação de 49 equipes¹⁷². Ressalta-se aqui a realização de um campeonato com quase 50 times de mulheres em Belo Horizonte.

Retomando a reportagem da Revista Manchete, são apresentadas duas fotos, mas sem maiores informações ou detalhes. A primeira é um lance de jogo, uma disputa de bola entre goleira e uma jogadora no ataque, destaca-se a torcida no fundo lotando a arquibancada. Pelo uniforme azul com estrelas brancas no lugar do escudo deduz-se que um dos times é o Camisa 12, formado por apoiadoras do Cruzeiro, mas o outro não há identificação. A segunda é de uma jogadora não identificada trajada de chuteira, meião, shorts e top. Ela está com uma camisa na mão e a legenda diz: “troca de camisas é uma atração”. Como dito anteriormente, a mídia cumpria um papel na construção dos estereótipos sobre o futebol de mulheres. Neste caso há uma tentativa de fazer humor com a objetificação dos corpos das jogadoras, pois o momento da troca de camisas seria de exposição desses corpos e considerado “uma atração”. Em vez de ter uma legenda com maiores informações sobre a partida, local, jogadoras etc. há um apelo à objetificação, o que deslegitima a modalidade, pois mulheres seguiriam cumprindo meramente um papel estético e não de sujeito dentro das quatro linhas. No mínimo dicotômico notar que isso aparecia até mesmo em notícias favoráveis à regulamentação e ao desenvolvimento do futebol de mulheres.



Troca de camisas é uma atração.

¹⁷² Ibidem, p. 173.

Figura 3 - Jogadora mineira na reportagem da revista Manchete, em 1982. Fonte: Mulheres no futebol: de olho na Copa. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro 15 dez. 1982, p. 138.

A matéria traz ainda mais um elemento interessante: a promessa de João Havelange em regulamentar o futebol de mulheres no Brasil, feita durante uma visita do então presidente da FIFA a Minas Gerais. Há o complemento de que ele pessoalmente havia autorizado a realização do Campeonato Europeu da modalidade e anunciado a primeira Copa do Mundo Feminina para 1984 – como se sabe, não ocorreu nesse ano. Não foi a primeira vez que algo semelhante fora noticiado. O Estado de São Paulo, no mês de janeiro de 1982, publicou a matéria “Futebol Feminino vence preconceito”, na qual comenta sobre o desaparecimento gradual do preconceito contra o futebol feminino. Identifica times de diferentes estados e logo no início cita uma promessa de João Havelange em oficializar a modalidade em maio daquele ano, para em breve organizar um torneio mundial. Acrescenta a declaração do general Montagna garantindo “oficializar o futebol feminino no Brasil” e já teria transmitido as recomendações à CBF¹⁷³.

Como em maio não ocorreu a regulamentação, ao menos não no Brasil, em agosto de 1982, a Folha de São Paulo publicou:

João Havelange, presidente da FIFA, declarou-se ontem favorável à regulamentação do futebol feminino, revelando já ter encaminhado ofício a todas as Confederações do gênero solicitando que elas promovam essas competições, objetivando inclusive uma futura disputa de Campeonato Mundial da modalidade. Havelange, que fez essas declarações após se avistar com o presidente Figueiredo, afirmou também ser favorável à regulamentação do futebol infantil, reunindo crianças dos 14 aos 16 anos.¹⁷⁴

Dias depois a Folha publicou uma página inteira sobre o futebol de mulheres e no começo do texto recupera essa declaração de Havelange e explica a sua necessidade, pois a Deliberação nº 10/79 apesar de retirar a proibição, não regulamentava a prática, delegando ao CND a responsabilidade da autorização, que por sua vez, aguardava a oficialização pela FIFA. A CBF também não demonstrava interesse na regulamentação¹⁷⁵. De toda forma, as promessas e falas de João Havelange fazem parte do denominado por Burlamaqui¹⁷⁶ como *monopólio contínuo* buscado pela FIFA sobre a “matriz espetacularizada do futebol”¹⁷⁷.

¹⁷³ Futebol feminino vence preconceito. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 jan. 1982, p. 42.

¹⁷⁴ Havelange defende o futebol feminino, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 ago. 1982, p. 23.

¹⁷⁵ Mulheres só esperam o sinal verde da FIFA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 ago. 1982, p. 13.

¹⁷⁶ BURLAMAQUI, L. G. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. (Coleção Entrejogos) São Paulo: USP-Capes Intermeios, 2020.

¹⁷⁷ Burlamaqui dialoga e utiliza o conceito de matriz espetacularizada do futebol cunhado por Damo: DAMO, A. **S. Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores do Brasil e na França**. 435 f. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

A entidade máxima do futebol por muitas décadas negligenciou e até mesmo desencorajou a participação das mulheres no esporte. Tal posicionamento se transforma a partir da realização dos Campeonatos Mundiais de Futebol ocorridos em 1970, na Itália, com apoio da Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino (FIEFF), e em 1971, no México, aproveitando a estrutura da Copa do Mundo dos homens do ano anterior e organizada pela Associação Mexicana de Futebol Feminino¹⁷⁸. Ambos não tiveram a chancela da FIFA, o que deixou os dirigentes da entidade receosos com a possível força política e econômica das mulheres em se organizar paralelamente. A partir de então há uma mobilização para trazer o futebol de mulheres para dentro da organização, é muito mais uma preocupação em manter o seu monopólio e menos com o desenvolvimento da prática pelas mulheres. O mesmo ocorre, por exemplo, com o futebol de salão.¹⁷⁹

Um posicionamento oposto a esse processo acontecia no Comitê Olímpico Internacional (COI). A edição da revista *Placar* de 24 de agosto de 1984 trouxe uma entrevista exclusiva com o presidente do COI, Antonio Samaranch. O foco da entrevista era o balanço dos Jogos de Los Angeles e a missão da entidade em garantir que não houvesse boicote da União Soviética e países aliados nas Olimpíadas de Seul, em 1988. Contudo, a última pergunta do jornalista Carlos Maranhão ao dirigente destoava da temática e questionava se havia alguma pretensão da entidade em inserir o futebol feminino nos jogos. Samaranch foi direto e enfático: “Não, nunca pensamos em torná-lo um esporte olímpico.”¹⁸⁰ Levou mais doze anos para que o futebol de mulheres fizesse parte das Olimpíadas, nesse quesito, a FIFA efetivamente trouxe a modalidade para dentro de sua organização antes.

O 1º Festival Mulheres nas Artes, de 1982, realizado em São Paulo, também foi um marco na efervescência que vivia o futebol de mulheres nos anos 1980. A atriz Ruth Escobar organizou e investiu financeiramente na realização do evento que teve apresentações de teatro, música, fotografia etc. A divulgação do festival foi feita por coletivos feministas e contou até com peças publicitárias publicadas pela Editora Abril, na Revista *Veja*. O fechamento da programação era um jogo de futebol entre as seleções femininas de São Paulo e Rio de Janeiro no estádio do Morumbi, como preliminar de um Corinthians e São Paulo¹⁸¹.

¹⁷⁸ Sobre os Campeonatos Mundiais de 1970 e 1971 cf: COSTA, L. M. da. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 13, p. 493–507, 2017. ; SILVA, Giovana Capucim. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.; HAAG, F. R. “Futebol feminino, a sensação do momento”: O futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense. *Recorde*, v. 14, n. 2, p. 1–32, jul./dez. 2021.

¹⁷⁹ BURLAMAQUI, L. G., 2020, p. 83-84.

¹⁸⁰ Irão todos a Seul? *Revista Placar*, São Paulo, 24 ago. 1984, p. 27.

¹⁸¹ SILVA, 2015, p. 95.

A CBF amparada na brecha deixada pela Deliberação nº 10/79 quis proibir a partida, com o argumento de que a ausência de regulamentação do futebol feminino não permitia a realização de jogos em campos ou estádios oficiais e/ou de times profissionais. Houve uma repercussão e Ruth Escobar, junto com jogadoras como Rose do Rio, e até jogadores envolvidos com a Democracia Corinthiana, como Sócrates e Casagrande, foram pressionar para que o prélio ocorresse. A organização do evento impetrou um mandado de segurança argumentando que seria uma atração de promoção do futebol feminino, junto com isso e a ameaça de que 5 mil feministas entrariam no Morumbi, impossibilitando o clássico dos homens, a partida foi liberada¹⁸². Helena Pacheco foi uma das jogadoras que atuaram pela Seleção Carioca e comenta sobre aquele dia:

Nós íamos jogar dois tempos de 35 minutos, mas como havia a proibição, a confusão aconteceu ficando 20 minutos de primeiro tempo e 20 minutos de segundo tempo. Assim, não era caracterizado como um jogo de futebol, mas como uma demonstração. A TV Globo fez a cobertura e foi a primeira vez que dois times iam entrar em um templo, no caso o Morumbi. Foi muito marcante para mim, ganhamos de 4x0 e eu fiz dois gols. No domingo a Globo passou meus gols no Fantástico.¹⁸³

O relato demonstra a grande visibilidade que o evento proporcionou para a modalidade e os artifícios que precisaram ser mobilizados, como a alegação de que seria apenas uma demonstração e não um jogo competitivo. Assim, com toda a pressão e mobilização houve futebol de mulheres no Morumbi. Mas não sem consequências. Dias depois a CBF enviou uma circular às Federações Estaduais enfatizando que partidas de mulheres não poderiam ser realizadas em estádios oficiais. O São Paulo, como era o mandante do clássico, foi obrigado a pagar uma multa de 16 salários mínimos.¹⁸⁴

Rose do Rio (Roseli Filardo) foi personagem importante para a realização do jogo no Morumbi e também para a modalidade como um todo. É uma das pioneiras do futebol de mulheres no Brasil e um dos nomes mais emblemáticos quando nos referimos à luta pela regulamentação. Curitibana de nascimento, além de jogadora, também tinha formação em Direito e Artes Dramáticas. A perspectiva jurídica sempre aparecia em sua argumentação contra a proibição vigente, considerada por ela, inconstitucional. Jogou futebol de praia no Rio de Janeiro nas equipes do American Denim, Acisul, Radar e Beija-Flor e também atuou em equipes do futebol de campo de São Paulo. Rose possuía uma atuação política bastante participativa. Em entrevista foi bem clara sobre a relação do futebol de mulheres com o Brasil da transição democrática: “Era a época que nós estávamos lutando para que a gente tivesse voto para

¹⁸² ALMEIDA, 2013, p. 55-56.

¹⁸³ GOELLNER, S. V.; CABRAL, J. R., 2022, p. 190.

¹⁸⁴ SILVA, 2015, p. 100.

presidente. Então, tudo isso estava acontecendo. E o futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo"¹⁸⁵.

Ademais, foi fundadora e presidenta da Associação de Futebol Feminino do Rio de Janeiro. Em 1988, participou do congresso de fundação da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB), realizado no Anhembi em São Paulo, entre os dias 1 e 3 de julho. O Congresso teve uma ampla mobilização de movimentos sociais, partidos e coletivos organizados. Na programação havia teses para debates, elaboração do regimento interno e apresentações artísticas, incluindo um show do Gilberto Gil. Em pauta inúmeros temas da realidade das mulheres brasileiras: educação, envelhecimento, igualdade de direitos, saúde, programas sociais, trabalho, negritude, cultura, meios de comunicação, sexualidade etc. Rose consta na ata do congresso de fundação como “Presidente da Federação de Futebol Feminino/RJ”.¹⁸⁶ Além disso, desenvolveu a primeira “escolinha” de futebol feminino de São Paulo, junto à Secretaria de Esportes¹⁸⁷ e foi a primeira mulher registrada na Associação Brasileira dos Treinadores de Futebol.

A imprensa feminista cresceu e ocupou um espaço de relevância no Brasil durante os anos 1970 e 1980. Vários periódicos surgiram e se debruçavam sobre as pautas que mobilizavam os feminismos e a realidade das mulheres. Um deles foi o *Mulherio*. Concebido inicialmente por um grupo de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, interessadas no estudo da condição feminina no Brasil. Foi publicado de março de 1981 até julho de 1988. Passou por três fases: 1) de março de 1981 a setembro de 1983, com 15 números publicados; 2) de 1984 a 1988, há a saída da publicação da Fundação Carlos Chagas e foram divulgados 24 números; 3) em 1988 passou a se chamar Nexo, Feminismo, Informação e Cultura, com uma abordagem mais cultural e diminuição considerável das pautas políticas e também ficou sem o subsídio da Fundação Ford, dificultando a continuidade do periódico¹⁸⁸.

No primeiro editorial, na edição número 0, elas se apresentavam e explicavam a escolha do nome: “*Mulherio* representa mulheres reunidas para expor e debater seus problemas, de

¹⁸⁵ SORYS, Gabriela. **Rose do Rio, técnica de futebol, parte 1**. Canal Sorys Gabriela, 4 set. 2011. 1 vídeo (4min57seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XPNXyfCkoHk> Acesso em: 21 fev. 2022.

¹⁸⁶ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Congresso de Fundação da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB). 12 ago. 1988. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/EEE/88020814/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_88020814_d0001de0005.pdf Acesso em: 21 fev. 2022.

¹⁸⁷ SORYS, Gabriela. **Rose do Rio, técnica de futebol, parte 1**. Canal Sorys Gabriela, 4 set. 2011. 1 vídeo (4min57seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XPNXyfCkoHk> Acesso em: 21 fev. 2022.

¹⁸⁸ FREITAS, V. G. O jornal *Mulherio* e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista. **História, histórias**, v. 2, n. 4, p. 149–166, 2014.

maneira séria e conseqüente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática”¹⁸⁹. Ainda que o esporte não fosse a pauta central do jornal, encontramos, pelo menos, quatro vezes que a prática esportiva foi contemplada. A primeira na décima edição, de novembro/dezembro de 1982, justamente comentando sobre as conseqüências do jogo do Festival Mulheres nas Artes. Uma nota intitulada “Fora de Campo” criticava ironicamente a situação logo no começo do texto: “Em lugar de homem, mulher não entra”. Depois informava que a CBF enviou comunicado às federações estaduais proibindo de cederem campos oficiais para partidas de mulheres. Em seguida abordava o protesto das mulheres com relação à proibição e a existência de times femininos, citando o Beija-Flor, de Rose do Rio. Finalizava com a afirmação “Mulher e futebol são coisas que já começam a aparecer juntas”, contrapondo a ironia inicial¹⁹⁰.

A segunda aparição foi na edição 16, de maio/junho de 1984, marcada pela volta do Mulherio após sete meses sem ser publicado. A reportagem “De Atenas a Los Angeles” ocupa duas (das vinte e três) páginas do jornal, foi assinada por Adélia Borges, editora da primeira fase, e busca traçar um panorama da participação das mulheres, principalmente, das brasileiras nos Jogos Olímpicos. Faz uma crítica firme à marginalização delas no esporte, desde o início das Olimpíadas, questiona discursos tradicionais usados para legitimar a exclusão, como os argumentos médicos de corpos mais frágeis, mas pinta um cenário positivo para o presente e, sobretudo, para o futuro. Traz a história de algumas atletas de sucesso, como Hortência do basquete, Isabel do vôlei e Conceição do atletismo. Há um espaço reservado para falar do futebol também:

No futebol, as mudanças são sensíveis. Até o ano passado, o Conselho Nacional de Desportos **proibia** a prática do futebol feminino, sob a alegação do ex-presidente Giulite Coutinho de que a “mulher é muito frágil para um esporte tão violento”. Nos anos 70, a polícia carioca chegou a ameaçar de interdição os clubes onde se praticasse futebol feminino. Mesmo assim, a prática foi se difundindo rapidamente, das “peladas” da praia e do subúrbio até os grandes clubes. [grifo do autor]¹⁹¹

O trecho recorda a proibição – inclusive mobilizando possivelmente a polícia – para destacar que houve um desenvolvimento e mudanças após a regulamentação. Relembra também a importância dos times amadores da praia e o subúrbio para a modalidade. Logo em seguida traça um breve panorama do futebol de mulheres naquele contexto: “hoje existem cerca de 3000 times espalhados pelo país, e 1615 jogadoras registradas só na Federação de Futebol do Rio de

¹⁸⁹ Por que Mulherio? **Mulherio**. São Paulo, ano 1, número 0, mar./abri. 1981, p. 1.

¹⁹⁰ Fora de Campo. **Mulherio**. São Paulo, ano 2, número 10, nov./dez., 1982, p. 23.

¹⁹¹ BORGES, Adélia. De Atenas a Los Angeles. **Mulherio**. São Paulo, ano 4, número 16. mai./jun. 1984, p. 14-15.

Janeiro”. Não se sabe as fontes dos dados, contudo, registra-se o anseio por demonstrar a existência da prática futebolística das mulheres.¹⁹²

Adélia Borges destaca ainda o Esporte Clube Radar, sua viagem vitoriosa para a Espanha, a conquista do bicampeonato da Taça Brasil de Futebol Feminino e alega que as jogadoras ganhavam “60 mil cruzeiros por mês”. Também se não sabe ao certo da onde vem esse valor – Borges diz ao final da reportagem que as informações em geral foram cedidas pela Placar, Globo Repórter e a repórter Regina Echeverria – e se ele era válido para todas as jogadoras, mas apenas para grau comparativo, de acordo com o Decreto nº 89.589, de 26 de Abril de 1984, o salário mínimo estava estipulado em Cr\$97176,00. Ou seja, elas ganhariam supostamente menos do que um salário mínimo. Por fim, registra-se o apoio da FIFA para a realização da I Copa do Mundo Feminina, em julho de 1985, provavelmente no Havaí.¹⁹³

A terceira aparição é a reportagem de uma página “Mulher não entra ainda”, assinada por Rosali Figueiredo, e publicada na edição de maio/junho de 1987. O foco não são as jogadoras ou os times formados por mulheres, mas o desafio enfrentado pelas jornalistas na cobertura esportiva, principalmente, as repórteres de campo. Além de buscarem ocupar um espaço demarcadamente masculino, ainda mais nos anos 1980, enfrentam deboche e críticas dos colegas homens e precisam lidar com as entrevistas nos vestiários com os jogadores. A matéria aborda o caso das jornalistas Denise Breuer, Betize Assunção e Regiani Ritter, pioneira do jornalismo esportivo¹⁹⁴. É uma pauta interessante e bastante atual para problematizar o lugar da mulher no futebol, além das quatro linhas. Ao final da página foi publicada uma charge do Henfil:

¹⁹² BORGES, Adélia. De Atenas a Los Angeles. **Mulherio**. São Paulo, ano 4, número 16. mai./jun. 1984, p. 15.

¹⁹³ BORGES, Adélia. De Atenas a Los Angeles. **Mulherio**. São Paulo, ano 4, número 16. mai./jun. 1984, p. 15.

¹⁹⁴ FIGUEIREDO, Rosali. Mulher ainda não entra. **Mulherio**. São Paulo, ano 7, número 29, mai./jun. 1987, p. 19

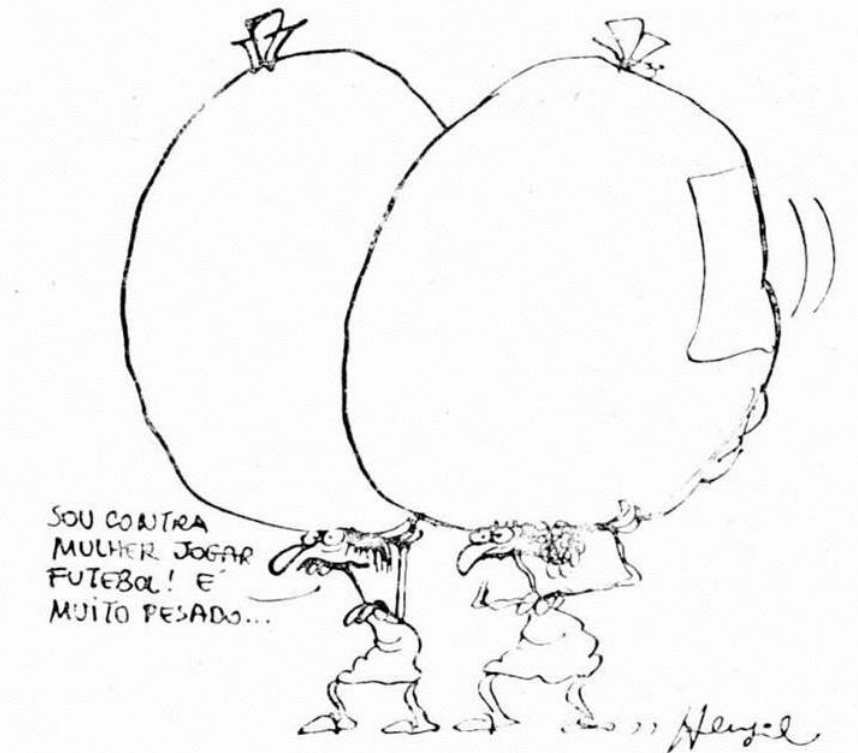


Figura 4 - Charge do Henfil sobre mulher e futebol. Fonte: FIGUEIREDO, Rosali. Mulher ainda não entra. **Mulherio**. São Paulo, ano 7, número 29, mai./jun., p. 19.

Henrique de Sousa Filho, o Henfil, dispensa maiores apresentações. Vale apenas apontar que além da sempre lembrada atuação política também abordou diretamente o futebol em sua produção, com destaque para sua atuação no *Jornal dos Sports* e na *Revista Placar*¹⁹⁵. Sobre a charge acima, o humor político característico do cartunista se faz presente através da contradição exposta. As personagens carregam um fardo pesado, mas se posicionam contra mulheres jogando bola, pois seria justamente “muito pesado”. Mesmo não declarando explicitamente é demonstrado o apoio de Henfil à prática futebolística das mulheres e, mais ainda, a crítica aos detratores e aos discursos falsos utilizados para amparar a proibição ou a marginalização das mulheres no futebol. A publicação da charge em um periódico da imprensa feminista também é coerente com a produção de Henfil na imprensa alternativa daquele contexto.

A quarta aparição conta a história de Charlotte Suetta na matéria “Na marca do gol”, que fez parte do trigésimo sexto número do *Mulherio*, publicado em janeiro de 1988, no fim da segunda fase do jornal. Charlotte era uma jovem de 19 anos, veio da Dinamarca para jogar

¹⁹⁵ Para maiores informações sobre a produção de Henfil e o futebol cf: PESSOA, F. M. L. **HUMOR, FUTEBOL, POLÍTICA E SOCIEDADE NAS CHARGES DO JORNAL DOS SPORTS**: Um estudo comparativo entre as obras de Lorenzo Molas (1944-1947) e Henfil (1968-1973). 207 f. 2013. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

futebol no Brasil e fez parte do elenco do Juventus, de São Paulo. A matéria faz um breve perfil da dinamarquesa, falando sobre suas expectativas, a experiência da vinda para o Brasil, as diferenças com o país natal e, claro, sobre como é jogar futebol. O plano dela foi parar um ano da sua vida, antes de entrar na faculdade de Medicina, para aproveitar e experienciar. Veio o convite para jogar no Juventus – não há a explicação de como isso aconteceu – e ela aceitou, ganhando Cz\$ 3000,00 por mês, menos que um salário mínimo¹⁹⁶, por isso precisava complementar com as próprias reservas financeiras. Charlotte critica também os estereótipos de gênero acerca das jogadoras: “Há também quem pense nessa história de que o esporte masculiniza a mulher, a transforma num macho. Eu acho que, quem pensa assim, não tem inteligência para nada, não sabe o que é a vida (...) não entende nada de futebol.”¹⁹⁷

Ainda sobre a imprensa feminista com pautas sobre o futebol, Silva recuperou dois textos escritos pela jornalista e militante Ireda Cardoso nos anos de 1982 e 1983. Ambos foram publicados na coluna *Feminismo* do jornal Folha de São Paulo¹⁹⁸, ou seja, com uma grande circulação e uma proposta distinta dos periódicos alternativos, como o Mulherio. O primeiro foi publicado no final de 1982 intitulado “Também no esporte, a opressão da mulher” e listava a proibição como uma das formas de opressão vivenciadas pelas brasileiras¹⁹⁹. “Deixem que as mulheres joguem, seus machistas” era o título provocativo do segundo artigo, divulgado no primeiro mês de 1983, no qual criticava veementemente a proibição e reivindicava a regulamentação da prática e o profissionalismo²⁰⁰.

No início do texto Cardoso informava o interesse da então ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, em solucionar o problema da proibição, pois seria inconstitucional e “envergonha(va) o país”²⁰¹. Era um apoio deveras significativo para a pauta. Porém, não foi a primeira e nem a única vez que políticas se envolveram no debate da regulamentação. A Placar, em 1981, trouxe a fala da deputada Heloneida Studart, em resposta aos detratores do futebol de mulheres:

Estou com as mulheres que se dispõem a jogar futebol, seja por lazer ou profissionalismo. Precisamos acabar com essa história dos homens administrarem

¹⁹⁶ De acordo com o Decreto nº 95.686, de 29 de janeiro de 1988, o valor estipulado para o salário mínimo era de Cz\$5280,00 mensais.

¹⁹⁷ CARNEIRO, Lia. Na marca do gol. **Mulherio**, São Paulo, ano 8, número 36, jan. 1988, p. 21.

¹⁹⁸ Silva, 2015, p. 93.

¹⁹⁹ CARDOSO, I. Também no esporte, a opressão da mulher. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 out. 1982, p. 2.

²⁰⁰ CARDOSO, I. Deixem que as mulheres joguem, seus machistas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 jan. 1983, p. 26.

²⁰¹ CARDOSO, I. Deixem que as mulheres joguem, seus machistas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 jan. 1983, p. 26.

nossos bens, marcarem nossos domicílios, interferirem na nossa individualidade. Chega desses democratas de palanque e desses tiranos de cama e mesa!²⁰²

Studart foi escritora, jornalista, feminista e política, na época da matéria era deputada estadual pelo MDB e teve votação expressiva de 60 mil votos nas eleições de 1978, o primeiro de seis mandatos. Em 1988 ajudou na fundação do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e no ano seguinte entrou no PT. Fez parte da Assembleia Constituinte, no chamado “lobby do batom”, cujo lema era “Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher” e deu significativa contribuição para a instituição dos 120 dias da Licença-Maternidade²⁰³. Ou seja, foi uma militante bem participativa e atuante nas pautas feministas e não negligenciou o futebol, pois demonstrou seu apoio àquelas que queriam jogar bola, como profissão ou como lazer.

O apontamento sobre o profissionalismo é bastante pertinente, pois Studart assinalava não somente a necessidade de regulamentar a prática, mas torná-la uma profissão possível às interessadas. Na mesma linha de Cardoso, inseriu a proibição no conjunto de opressões que as brasileiras sofriam e que “interferiam na nossa individualidade”. Também enunciou uma crítica feroz aos homens e os poderes que exerciam sobre as mulheres, seja nos bens, nos domicílios ou nos palanques. Quando fala dos tiranos de “cama e mesa”, pode-se inferir que é uma referência à uma de suas obras mais famosas, *Mulher, objeto de cama e mesa*, editada na década de 1970 e leitura obrigatória da militância feminista desse contexto. Studart ganhou na Placar uma dupla de ataque à proibição, a também deputada e atriz Bete Mendes.

Quatro dias após a regulamentação finalmente ocorrer e ser publicada no Diário Oficial, Mendes escreveu a coluna “A mulher entra em campo”. Ela havia tomado posse como deputada federal (PT) apenas dois meses antes. Mas já possuía uma caminhada política intensa. Militou no movimento estudantil e integrou a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) na luta armada²⁰⁴. Chegou a ser presa e mesmo após a liberação precisava se apresentar ao DOPS frequentemente, inclusive, durante as gravações que realizava para a televisão. Atuou em diferentes peças de teatro, na TV Tupi, Bandeirantes, TV Cultura e na Globo, no cinema filmou “Eles não Usam Black-Tie” em 1981. A ligação com o movimento sindical foi importante para a sua eleição em 1982. Também foi deputada Constituinte (PMDB), além de Secretária da Cultura do Estado de São Paulo e Presidenta da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ). O texto se inicia da seguinte forma:

²⁰² TAKIZAWA, H. As mulheres atacam. **Revista Placar**, São Paulo, 18 set. 1981, p. 33.

²⁰³ CUNHA, C. Uma escritora feminista: fragmentos de uma vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 271–276, 2008.

²⁰⁴ MENEZES, R. **Bete mendes**: o cão e a rosa. (Coleção Aplauso. Série Perfil) São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

No momento em que o Conselho Nacional de Desportos acaba de oficializar o futebol feminino, sinto-me orgulhosa de ver que, também neste palco, a mulher começa a se afirmar e ocupar o seu espaço. Não pensem que o uso da palavra “palco” tem algo a ver com a minha condição de atriz profissional. Na verdade, acho mesmo que há muita coisa em comum entre futebol e teatro. Principalmente quando analisados no contexto da luta que nós, mulheres, travamos diariamente para fazer valerem nossos direitos.²⁰⁵

Mendes vibra com a regulamentação e logo em seguida faz uma equivalência entre futebol e teatro e um dos pontos de encontro seria justamente a luta travada pelas mulheres para poderem ocupar tais espaços. Recorda, então, a exclusão das atrizes dos palcos, pois as personagens femininas eram interpretadas por homens travestidos. Em sua argumentação segue aproximando o jogo de bola das peças e espetáculos teatrais, pois existiriam para entreter as pessoas e são caracterizados pelas manifestações emocionais, vaias e aplausos. Em seguida, recorda da centralidade do futebol para a formação histórica brasileira, recontando a trajetória de ídolos como Pelé e Garrincha e a discriminação que ocorria nos primórdios do esporte, tanto das classes populares quanto das mulheres, pois “mulher que ousasse ir ao estádio torcer por seu time era vista com maus olhos”²⁰⁶.

Constrói assim outro paralelo: da mesma maneira que o jogo se tornou mais democrático, evoluiu técnica e taticamente e os jogadores passaram a ser líderes e participantes ativos do processo social, as jogadoras terão duras batalhas, mas vencerão e ocuparão seus espaços. Para respaldar seu argumento traz o sucesso de atletas de outras modalidades, como Isabel do vôlei, Hortência do basquete e Angélica Almeida do atletismo. E finaliza o texto de maneira otimista: “Primeiro, o atletismo, o vôlei, o basquete. Agora, partimos para o futebol. É mais uma vitória contra o preconceito.”²⁰⁷ Nessa perspectiva a proibição é vista como fruto do machismo e a regulamentação é uma vitória contra esse machismo. Ou seja, o futebol feminino regulamentado é uma vitória coletiva (e por que não política?) das mulheres, suas benesses não ficam restritas às jogadoras e torcedoras, mas às mulheres em geral. Integrando-se, portanto, às lutas e conquistas feministas.

Assim, recuperei alguns eventos importantes do futebol de mulheres durante a transição democrática brasileira e centrais na luta pela regulamentação. Cabe agora compreender o percurso institucional e legislativo da regulamentação. Para isso é preciso retornar à Deliberação nº 10/79. Publicada em 21 de dezembro de 1979 enunciava as instruções para as entidades esportivas sobre a prática pelas mulheres e no seu último artigo decretava: “A presente Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a Deliberação

²⁰⁵ MENDES, Bete. A mulher entra em campo. **Revista Placar**, São Paulo, 15 abr. 1983, p. 36.

²⁰⁶ MENDES, Bete. A mulher entra em campo. **Revista Placar**, São Paulo, 15 abr. 1983, p. 36.

²⁰⁷ MENDES, Bete. A mulher entra em campo. **Revista Placar**, São Paulo, 15 abr. 1983, p. 37.

número 07/65.”²⁰⁸ À primeira vista entende-se que o futebol (assim como os demais esportes proibidos) estava liberado para as mulheres praticarem, pois a proibitiva Deliberação nº 07/65 havia caído. Contudo, o CND condicionou a permissão das práticas esportivas à oficialização das entidades internacionais de cada modalidade, com a realização de campeonatos oficiais. Ademais, as entidades nacionais de cada esporte também poderiam estabelecer condições especiais, como duração menor, alteração/adequação dos materiais e estrutura esportiva etc.

É nesse imbróglio que o futebol de mulheres deixa de ser proibido, mas se mantém clandestino. A FIFA com João Havelange solta promessas com pouca ou nenhuma efetividade. O CND alega aguardar a oficialização da modalidade pela FIFA e não se mobiliza para concretizar. A CBF tem ainda menos interesse e se constitui o famoso “jogo do empurra”. Isso quando essas entidades não atuaram para proibir jogos e manter as mulheres longe dos gramados, como no caso do Festival Nacional das Artes e as consequentes missivas para as federações estaduais reiterando a proibição. O Diário do Paraná também relatou esse fato:

O futebol feminino continua proibido no Brasil. Essa é a versão dada ao DP pelo coronel Osni Vasconcellos, presidente do Conselho Estadual de Esportes, órgão vinculado ao CND, a propósito de informações que o CND estaria estudando a regulamentação do futebol feminino em nosso país. O que há é uma pressão de cariocas em cima do CND para que seja regulamentada essa prática. Mas isso é muito difícil. O que não se pode proibir, segundo o coronel Osni Vasconcellos, é a prática do futebol feminino como lazer. Por exemplo, num campinho do Parque Barigui, na praia, etc. Em campo de futebol profissional está proibido.²⁰⁹

Alguns pontos interessantes das falas do coronel Osni Vasconcellos: 1) a reiteração explícita da proibição mesmo após a Deliberação nº 10/79, demonstrando a permanência da clandestinidade; 2) o reconhecimento da pressão feita pelas mulheres naquele contexto em prol da regulamentação, destacando a atuação das cariocas (mesmo sem maiores informações sobre elas e invisibilizando outras mobilizações); 3) em contraponto a essa pressão o coronel afirma a existência de complicações para regulamentar, sem expressar os motivos para tal dificuldade – importante assinalar que a dificuldade era justamente a falta de vontade política dos dirigentes esportivos homens, primeiro em reconhecer a existência de mulheres já jogando futebol organizado, mesmo que fora da chancela das entidades esportivas e segundo em, finalmente oficializar essa prática, permitindo além da atuação de novos agentes no campo esportivo, um

²⁰⁸ BRASIL, **Deliberação CND nº 10/1979**, de 21 de dezembro de 1979. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país, para a prática de desportos pelas mulheres apud SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 144 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2015, p. 79.

²⁰⁹ Sem título. **Diário do Paraná**, Curitiba, 31 jul. 1982, p. 2.

novo campo profissional para as mulheres; 4) a tentativa de amenizar a proibição, alegando a sua efetividade apenas para campos profissionais e não espaços de lazer, como parques e praias.

Coloca-se, assim, uma diferenciação entre o lazer e o profissionalismo. Mulheres poderiam jogar bola para diversão, como entretenimento próprio, contudo, não estariam permitidas a jogarem nos mesmos campos dos profissionais. A desigualdade de gênero é (re)estabelecida através da barreira de acesso a uma profissão. Elas são apartadas desse mercado de trabalho e é fundamental assinalar que essa exclusão é efetivada por aqueles que detém o poder decisório da modalidade. Ou como coloca Bourdieu, pelos agentes que na disputa pelo monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva detém maior capital político²¹⁰.

Esse processo traz consequências e permanências para o futebol de mulheres. Conforme Pisani, “quando se fala de futebol praticado por mulheres, as fronteiras entre o que é considerado lazer, amador ou profissão **ainda** aparecem bastante borradas” [grifo nosso]²¹¹. Isto é, as barreiras de acesso estabelecidas afetaram todo o desenvolvimento da modalidade, pois ao dificultarem o estabelecimento do futebol como uma profissão para as mulheres, as condições de trabalho – não somente os salários, mas também estrutura esportiva, rotina de treinamento, equipe multidisciplinar, com comissão técnica, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas etc., transporte e viagens, moradia e hospedagem, visibilidade midiática, patrocinadores, entre outras – vivenciadas pelas jogadoras acabaram se materializando justamente nessas fronteiras borradas. Isso faz com que, por um lado, as instituições esportivas (clubes, federações, mídia) de forma perene não expressem vontade política de desenvolver a modalidade, por outro, as atletas se localizem justamente na fronteira borrada, como afirmou, a ex-jogadora da Seleção Brasileira Marina Aggio: “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”²¹².

De todo modo, as pressões e mobilizações ocorridas geraram resultados e o discurso dos dirigentes esportivos se transformou e passou a se direcionar em prol da regulamentação. Em fevereiro de 1983, o Diário da Tarde (PR) soltou a seguinte nota:

O Conselho Nacional de Desportos deverá regulamentar até o final de março o futebol feminino no Brasil. Ontem, o presidente do CND, general César Montagna, pediu a CBF “uma proposição objetiva que caracterize as condições essenciais à prática desse esporte”. A CBF é favorável à regulamentação do futebol feminino no País. Montagna disse que a União Europeia de futebol também já tem estudos adiantados para

²¹⁰ BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 142.

²¹¹ PISANI, M. S. Prática de lazer, amadorismo ou profissão? In: MARTINS, M. Z.; WENETZ, I. (org.). **Futebol de mulheres no Brasil: n**. Curitiba: CRV, 2020. p. 87.

²¹² AGGIO, Marina. **Marina Aggio**: entrevista [28 nov. 2017]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba, 2017. Documento digital (38 min). Arquivo pessoal.

regulamentar o futebol feminino e a FIFA está disposta a reconhecê-lo oficialmente, e até a organizar uma Copa do Mundo.²¹³

O texto é de fevereiro, anuncia a promessa do CND de regulamentar no final de março e a deliberação sai no Diário Oficial em abril. Cria-se uma ansiedade, uma sensação de “está quase”, mas foi um processo institucional e legislativo que foi se prolongando ao máximo e só foi alcançado como resultado das lutas travadas pelas mulheres em defesa da autonomia dos seus corpos. O CND promete a regulamentação, mas Montagna terceiriza à CBF a responsabilidade por uma proposição sobre as condições de realização da prática e se respalda nas ações dos países europeus e na promessa da FIFA em regulamentar e realizar uma Copa do Mundo. Apesar de todos os entraves e desafios é publicada no Diário Oficial da União, em 11 de abril de 1983, a Deliberação nº 01/83 do Conselho Nacional de Desportos:

Deliberação CND nº 01/83 – DISPÕE SOBRE NORMAS BÁSICAS PARA A PRÁTICA DE FUTEBOL FEMININO

O CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei nº 6.251, de 08 de outubro de 1975 e pelo Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977 e, CONSIDERANDO o inequívoco interesse das mulheres, no Brasil, em praticar futebol de campo; CONSIDERANDO que no exterior, principalmente na Europa, na área da jurisdição da UEFA, já existe regulamento próprio para a prática de futebol pelas mulheres; CONSIDERANDO, ainda que a FIFA, diante do inegável interesse que o futebol feminino vem despertando no mundo inteiro, constituiu uma comissão para estudar e organizar o futebol feminino; CONSIDERANDO, finalmente, que os estudos realizados sobre o assunto recomendam a expedição, em caráter experimental, de normas básicas que deverão reger a prática do futebol no país, pelas mulheres, a exemplo das normas baixadas pela UEFA e acolhidas pela FIFA; RESOLVE:

Art. 1º - O futebol feminino poderá ser praticado nos Estados, nos Municípios, no Distrito Federal e nos Territórios, sob a direção das Federações e Ligas do desporto comunitário, cabendo à Confederação Brasileira de Futebol a direção no âmbito nacional

§ 1º - A prática do futebol feminino far-se-á em duas categorias: a) JUVENIL – de 14 até 18 anos; b) ADULTO – acima de 18 anos

§ 2º - Poderão participar na categoria juvenil as atletas que tenham atingido, no ano da competição, o limite-máximo de 18 anos de idade

§ 3º - Ao completar o limite máximo de idade, na categoria JUVENIL (18 anos), no ano seguinte, a atleta, automaticamente, passará a pertencer à categoria ADULTO

§ 4º - Não será permitido que as equipes femininas joguem contra equipes masculinas, não sendo, também, permitida a constituição de equipes mistas

Art. 2º - Só poderão participar de competições, campeonatos, torneios, ou partida, ainda que como simples exibição, com ingresso pago, as associações desportivas filiadas às ligas ou federações

Art. 3º - É vedada, no futebol feminino, a prática do profissionalismo, até que a mesma seja regulamentada por lei

²¹³ Sem título. **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 fev. 1983, p. 7.

Art. 4º - As partidas de futebol feminino serão disputadas de acordo com as leis do jogo promulgadas pelo “International Foot-Ball Association Board”, observadas as exceções a seguir enumeradas: a) o campo de jogo, de forma retangular, não deverá exceder de 110x75 metros, recomendando-se, porém, a utilização de campos de 90x64 metros; b) a bola a ser utilizada, de número 04 (quatro), deverá ter, no máximo, 66cm e, no mínimo, 62cm de circunferência, devendo o seu peso oscilar entre 340 e 390 gramas ; c) cada partida deverá ter a duração de 70 (setenta) minutos, divididos em dois tempos de 35 (trinta e cinco) minutos, separados por intervalo que não poderá ser inferior a 15 (quinze), nem superior a 20 (vinte) minutos

Art. 5º - Nas partidas oficiais serão admitidas 02 (duas) substituições, além de substituição da jogadora que, inicialmente, ocupar o gol

§1º - Nas partidas amistosas poderão ser feitas até 05 (cinco) substituições, desde que as equipes disputantes se ponham de acordo quanto a esse limite e que os termos desse acordo sejam comunicados ao árbitro antes da início da partida

§2º - As substituições poderão ser feitas em qualquer momento da partida, inclusive nas prorrogações, quando houver.

Art. 6º - Só poderão praticar futebol as mulheres de 14 (quatorze) anos, que possuam carteira de atleta e atestado médico de sanidade física, este fornecido pela respectiva Associação

Art. 7º - As equipes e cada Associação serão constituídas de 11 (onze) atletas, numeradas de 01 (um) a 11 (onze), e de 05 (cinco) reservas ou substitutas, numeradas de 12 (doze) a 16 (dezesesseis), com condição de jogo na data da partida

Art. 8º - Aplicam-se ao futebol feminino as disposições do Código Brasileiro Disciplinar do Futebol (CBDF) e, no que couber, as demais disposições normativas emanadas do Conselho Nacional de Desportos (CND) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), para o futebol masculino

Art. 9º - Os regulamentos das competições deverão se aprovados pelo poder competente da liga, federação ou pela Diretoria da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), conforme for o caso

Art. 10º - As competições internacionais de futebol feminino, no Brasil, ou a participação de equipe brasileira no exterior, dependerão de prévia autorização do Conselho Nacional de Desportos, obedecidas as prescrições desta Deliberação

Art. 11º - As jogadoras não poderão usar calçados que tenham travas de metal, travas ponteagudas ou que possam representar perigo para as outras jogadoras

Art. 12º - Nas competições do futebol feminino terão aplicação a Deliberação nº 14/81-CND e RDI 7/82-CBF

Art. 13º - A presente Deliberação entrará em vigor na data da sua publicação revogadas as disposições em contrário

SALA DAS SESSÕES, 25 de março de 1983. CESAR MONTAGNA DE SOUZA – Presidente do CND.²¹⁴

Na ementa da deliberação o CND respalda juridicamente as suas ações na Lei nº 6.251 e no Decreto nº 80.228. Tal lei é chave para a organização geral do esporte durante a ditadura civil-militar, pois organiza e institui todas as normas esportivas, o posterior Decreto regulamenta a lei, especificando e detalhando as normas e medidas. É importante lembrar que

²¹⁴ BRASIL. **Deliberação CND nº 01/1983**, de 25 de março de 1983. Dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol feminino. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF, 11 de abril de 1983. Seção I, p. 5794.

para a ditadura o esporte era um assunto de Estado. Era tratado como uma das questões nacionais, “coisa nossa”, por isso passou por inúmeras transformações, intervenções estatais e foi palco de disputas políticas e ideológicas. Os militares enxergavam o esporte como vetor de desenvolvimento brasileiro, era preciso superar os problemas do passado nessa área para que a nação também se desenvolvesse. A consequência desse ideário foi uma mudança em toda a estrutura esportiva nacional, em termos técnicos e organizativos, sempre com forte presença militar nos cargos e atribuições²¹⁵, vide o próprio General Cesar Montagna na direção do CND.

A Política Nacional de Educação Física e Desportos foi expressa justamente na Lei nº 6.251 e adotava para o país uma organização esportiva baseada em quatro dimensões: o esporte comunitário, o esporte estudantil, o esporte militar e o esporte classista. Assim, o Brasil adotou um modelo esportivo denominado “pirâmide esportiva”: a base é o esporte de massa, que é o primeiro nível do esporte comunitário, cujo ápice é o esporte de elite ou de alto rendimento, conforme previsto no Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil de 1971²¹⁶. Isso é importante porque conforme o Art. 1º da deliberação o futebol feminino poderia ser praticado no âmbito do “desporto comunitário”, no qual estavam considerados os clubes (associações esportivas), ligas, federações e confederações, com competições profissionais ou amadoras, com a prática esportiva sistemática e codificada. Contudo, em um degrau distinto na pirâmide do alto rendimento.

Ainda na ementa é interessante analisar o que o CND julgou importante para deliberar a regulamentação. O primeiro motivo é justamente o “inequívoco interesse das mulheres em praticar futebol de campo”, ou seja, é um reconhecimento estatal da mobilização feita por todas as envolvidas de alguma forma com a modalidade. As pressões surtiram efeito. Logo em seguida cita o regulamento elaborado pela UEFA para a prática e o movimento da FIFA em se organizar diante do crescimento do futebol de mulheres ao redor do mundo, demonstrando que o CND só estaria seguindo e se alinhando às outras entidades.

Além de inserir o futebol feminino no esporte comunitário, o Art. 1º definia as categorias: juvenil, de 14 a 18 anos, e adulto, acima de 18. A divisão por categorias é relevante para qualquer esporte, contudo, não se considerava que meninas com idade inferior a 14 anos jogassem dentro do esporte comunitário, pois a categoria juvenil começaria só a partir dos 14. Uma possibilidade é que a ditadura considerava incluir as menores de 14 anos somente no

²¹⁵ OLIVEIRA, M. A. T. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985). In: PRIORE, M. D.; MELO, V. A. (org.). **História do Esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009 (Kindle).

²¹⁶ Ibidem, p. 191.

esporte estudantil. Outra questão é que essa divisão em categorias muitas vezes não era respeitada. Meninas e adolescentes jogavam com mulheres mais velhas, sem distinção. Um exemplo é da jogadora Suzana Cavalheiro, lateral da Seleção Brasileira no Torneio Experimental da China, em 1988. Quando tinha entre 14 e 15 anos fez parte de algumas equipes, como a Black Cat e a Transvira, até chegar no time do Isis Pop, de São Paulo. Lá ela era a caçula do grupo, formado por atletas mais velhas, maiores de 18 anos e universitárias²¹⁷.

Esse foi um problema perene na modalidade, não restrito aos anos 1980 ou à geração pioneira. Aline Pellegrino, zagueira da Seleção Brasileira e hoje dirigente da CBF, vivenciou experiência semelhante no início da sua carreira, no final dos anos 1990: “Então, o primeiro time era nessa escolinha que é no Horto, mas a escolinha que na verdade não era escolinha, era um time feminino. Tinha eu com doze, uma mulher com quarenta, jogava todo mundo junto ali”²¹⁸. As consequências disso são a demora e a dificuldade para organizar as categorias de base e, com isso, formar novas atletas. Basta pensar que a CBF, somente em 2019, criou e organizou a primeira competição de base nacional, o Brasileirão Sub-18. De acordo com a entidade: “o torneio vem para suprir uma carência da modalidade no país”²¹⁹.

O Art. 3º merece um destaque significativo: “é vedada, no futebol feminino, a prática do profissionalismo”. O artigo concretiza as concepções apresentadas anteriormente pelos dirigentes: o futebol poderia ser praticado pelas mulheres, agora, inclusive, ligados às federações e regulamentado, contudo, elas não poderiam ser profissionais. A profissão *jogadora* seguia vetada às mulheres, contrariamente ao que era almejado por elas. A barreira de acesso à profissionalização é uma desigualdade de gênero que afeta e prejudica as possibilidades de desenvolvimento da modalidade. As atletas não conseguem ter condições de trabalho adequadas e nem se sustentar, em termos financeiros, com o esporte. Forçando-as muitas vezes a terem um emprego fora desse espaço. Tais fatores diminuem as qualidades técnicas dos torneios e atrasam a evolução do futebol de mulheres.

Ademais, é possível analisar essa situação sob o prisma das relações de trabalho. Saffioti recorda a importância de historicizar as barreiras que a sociedade de classes coloca à integração da mulher na produção social, pois tais barreiras não são construídas de maneira uniforme e variam com cada contexto específico. Contudo, há o aspecto comum vivenciado na sociedade

²¹⁷ GOELLNER, S. V.; CABRAL, J. R. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022, p. 129.

²¹⁸ PELLEGRINO, Aline. **Aline Pellegrino**: entrevista [27 nov. 2017]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. São Paulo, 2017. Documento digital (52 min). Arquivo pessoal.

²¹⁹ CBF divulga calendário da base e futebol feminino 2019 com novidades. CBF, Rio de Janeiro, 1 fev. 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/calendario-da-base-e-futebol-feminino-2019-mais-jogos-e-competicoes> Acesso em: 1 mar. 2022.

capitalista, pensada como totalidade, que é o alijamento de grandes contingentes de mulheres da estrutura ocupacional, devido à forma como o gênero é operado dentro da sociedade²²⁰. Tal alijamento ficou explícito, até nos termos da legislação, no caso do futebol de mulheres no Brasil. Há uma fala do general Montagna, logo após a regulamentação afirmando que a profissionalização passaria por grandes resistências:

No momento há vários empecilhos. Primeiro, porque isso acarretaria o surgimento de novos clubes e acho que a existência de 414 times de futebol profissional, atualmente no Brasil, já é um absurdo. Depois, seria preciso mexer com a legislação trabalhista e com a lei que regulamenta o futebol profissional. E há ainda uma posição contrária por parte do Ministério do Trabalho.²²¹

Os argumentos utilizados expressam novamente a falta de vontade política em desenvolver a modalidade. Sobre a quantidade de clubes de futebol profissional, uma possibilidade seria esses mesmos clubes já existentes formarem equipes de mulheres, inclusive, com incentivo do CND ou CBF. Caso isso não ocorresse caberia às entidades esportivas terem estrutura para acompanharem os registros de novos clubes. Quanto a alterar a legislação trabalhista, o general não explica qual seria o problema específico do procedimento. O empecilho era apenas a necessidade de alteração e o processo envolvido? Não fica claro. Entretanto, vale lembrar que as legislações não são estanques, são passíveis de mudança e também devem se adequar a novas realidades e processos.

A Deliberação traz as regulamentações específicas para as partidas, como a obrigatoriedade de seguir o regulamento da International Foot-ball Association Board e as especificações do tamanho do campo, bola, chuteiras permitidas, quantidade de substituições permitidas, numeração das atletas titulares e reservas, duração dos jogos. Interessante notar que há características específicas para os jogos das mulheres. Como o tempo do prélio, desde de 1898 a International Board havia definido dois tempos de 45 minutos com intervalo de 15²²². Para as mulheres os jogados seriam mais curtos, 35 cada tempo, totalizando 70 minutos, em vez dos 90 tradicionais. Além de diferenças como o peso menor da bola. São expressões da ideia do “sexo frágil” e/ou dos discursos médicos defensores do afastamento das mulheres do futebol e outros esportes. Por fim, a Deliberação finalmente revogava em definitivo a proibição da prática do futebol pelas mulheres, expressa em textos legislativos anteriores. Essa parte, sem dúvida, uma importante vitória para as mulheres e para o futebol.

²²⁰ SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classes**. 3a.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

²²¹ Mulheres, novo problema. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 1983, p. 26.

²²² BARBIERI, F.; BENITES, L.; SOUZA NETO, S. Os sistemas de jogo e as regras do futebol: considerações sobre suas modificações. **Motriz**, v. 15, n. 2, abr./jun., 2009, p. 430.

Deste modo, a regulamentação se tornou uma pauta na imprensa nacional. Abordo aqui um pequeno recorte do debate e da cobertura midiática realizados, a partir do Diário da Tarde do Paraná. O jornal trouxe duas perspectivas distintas sobre os planos dos clubes com times femininos. A primeira foi de Jair de Lucca, organizador do Campeonato Feminino de Santa Felicidade (bairro da cidade de Curitiba) e presidente do Flamengo (do mesmo bairro), ao reconhecer a importância da regulamentação. Para ele era apenas questão de tempo isso ocorrer visto a situação da modalidade na Europa e, principalmente, a “luta ininterrupta” das mulheres em prol disso. Contudo, o presidente afirmava:

Os times femininos de Santa Felicidade não estão preocupados e nem dispostos a participar de campeonatos oficiais, por entenderem que haverá muitas exigências por parte da FPF, concernentes a registros, sede com campo de futebol, alvarás de funcionamento. Creio que nos primeiros anos, os clubes estarão mais interessados na estruturação, para depois a filiação à Federação. Mas posso garantir que a motivação pela regulamentação é das maiores. Competições amistosas poderão ser organizadas e divulgadas sem temor de represálias.²²³

Ou seja, as equipes de mulheres estavam satisfeitas com a regulamentação, mas isso era diferente de se filiar à Federação, pois exigiria uma estruturação maior dos clubes, relacionada a campos e sedes, documentação etc. Primeiro, eles deveriam se estruturar para depois se filiar e disputar as competições oficiais. Ele está falando a partir da perspectiva da realidade local, obviamente, contudo, é um contraponto interessante, pois se nota a necessidade de maior estruturação da modalidade há décadas. Estruturar não passa apenas pelas entidades aprovarem nos termos da lei, mas construir condições materiais efetivas para o desenvolvimento do futebol de mulheres.

Ademais, o campeonato organizado antes da regulamentação por Jair havia sido um sucesso. Entretanto, sofreram uma advertência da Federação Paranaense de Futebol por realizar o torneio no campo do Flamengo. O clube, apesar de não ter sido campeão, conseguiu um bom retorno financeiro graças à grande presença do público. No contexto da nova deliberação, a segunda edição estava em planejamento, já com os times participantes e Jair afirmou que com o fim da proibição mais times demonstraram interesse em participar. O contraponto à visão de não filiar e oficializar os clubes veio do presidente e técnico do time Paraná Esporte Clube, Douglas Erineu Félix:

Nosso time é um dos pioneiros do futebol feminino, em Curitiba, com mais de cinco anos de atividades, mas sempre respeitando as autoridades esportivas, com participações apenas em jogos amistosos e em alguns torneios de curta duração.

²²³ Mulheres preferem as competições amistosas. **Diário da Tarde**, Curitiba, 09 abr. 1983, p. 6.

Agora, com a regulamentação do futebol feminino, vamos lutar pela legalização do nosso clube.²²⁴

O Paraná, de Douglas, era um time vitorioso, formado há mais de cinco anos, mantinha a mesma formação e havia vencido a maioria dos jogos com outros times da região. Chegou até a fazer um amistoso com a Seleção Paulista organizado pela Rose do Rio, “grande batalhadora para a regulamentação do esporte” nas palavras do jornal. Apesar de também ser do bairro Santa Felicidade não participou do primeiro torneio organizado por Jair, pois as demais equipes impediram por “possuir um time superior tecnicamente”. Todos esses elementos ajudam a explicar a perspectiva distinta de Douglas, pois a sua equipe era mais estruturada que a do Flamengo e por essa lógica a regulamentação automaticamente vinha junto da filiação à Federação e da disputa de torneios oficiais. O dirigente também se posicionou com relação ao profissionalismo, para ele essa seria a tendência do futebol de mulheres e apresentou os seguintes argumentos:

O futebol feminino tem o poder de empolgar muito mais os torcedores, tendo em vista que a maioria destes é do sexo masculino e gosta de apreciar não só a técnica do esporte como a estética das jogadoras. No momento a estética é a principal atração, mas com o tempo as técnicas serão aprimoradas e o agradável será unido ao útil, tornando o futebol feminino tão popular quanto ao masculino.²²⁵

O motivo da popularidade possivelmente adquirida no futuro pelo futebol de mulheres seria a aliança da técnica com a “estética das jogadoras”. Tal posicionamento é expresso por um homem em posição de poder dentro da modalidade – era presidente e técnico do time – e mesmo vibrando com a conquista da regulamentação e projetando um cenário profissional com interesse do público ele realiza uma objetificação das jogadoras, pois o fator que as tornaria interessantes era o valor estético e elas estariam dentro de campo para a apreciação dos homens e não por motivações próprias e ligadas ao futebol. Ironicamente Douglas negava os argumentos biológicos sobre os corpos das mulheres para afastá-las do esporte. Para ele machucados, como torções ou quebra de perna, poderiam acontecer em qualquer circunstância da vida e as possíveis boladas nos seios poderiam ser evitadas assim como se evitam boladas no nariz ou outras partes sensíveis. Há uma ambivalência no posicionamento expresso. Por um lado, reproduz-se preconceitos de gênero, através da objetificação dos corpos, por outro, nega-se a suposta fragilidade desses mesmos corpos, outro preconceito de gênero amplamente mobilizado no campo esportivo. Todas essas nuances permeiam a construção histórica da modalidade.

²²⁴ Paraná quer jogos oficiais. **Diário da Tarde**, Curitiba, 13 abri. 1983, p. 7.

²²⁵ Paraná quer jogos oficiais. **Diário da Tarde**, Curitiba, 13 abri. 1983, p. 7.

No dia seguinte à reportagem sobre o Paraná Esporte Clube, o Diário da Tarde publicou a Deliberação nº 01/83 completa em suas páginas esportivas. Anunciou que a regulamentação do futebol de mulheres fora estabelecida em 25 de março e já estava em vigor “podendo ser realizadas competições femininas em todo o Brasil”. Em seguida comentou sobre o cenário estadual: a Federação Paranaense ainda não havia tomado conhecimento da deliberação, pois o Diário Oficial chegava com atraso no Paraná. Mas o presidente, Harold Alberge, estava atento e o Departamento Amador seria o responsável pela organização das competições e Ligas²²⁶. Quase um mês depois, no dia 4 de maio, o periódico informou que os clubes filiados à federação poderiam finalmente registrar as atletas, descrevendo os principais procedimentos técnicos e administrativos, e se criou uma expectativa acerca do primeiro registro²²⁷.



Figura 5 - Adalzira Kavitski, primeira jogadora registrada na Federação Paranaense de Futebol. Fonte: Mulher quer registro na FPF. **Diário da Tarde**, Curitiba, 12 mai. 1983, p. 6.

Adalzira Saiz Kavitski ou Zi atendendo à expectativa da federação foi a primeira paranaense registrada como jogadora de futebol, pela equipe do Tupinambá. Ela tinha 25 anos na época e sonhava ser jogadora, começou a praticar aos 7 anos junto com seus irmãos. Havia defendido a equipe da lanchonete Vovó Lalá e no início de 1983 resolveu fundar o seu próprio time, o Tupinambá, que treinava aos sábados na sede do clube, no bairro do Boqueirão. Além do pioneirismo do registro, Adalzira se destaca também pela movimentação para organizar um time próprio e inseri-lo no circuito de mulheres que já jogavam bola em Curitiba e podiam

²²⁶ Vigora o regulamento do futebol feminino. **Diário da Tarde**, Curitiba, 14 abr. 1983, p. 6.

²²⁷ Mulheres já podem se registrar na FPF. **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 mai. 1983, p. 7.

finalmente se filiares e jogares sem maiores preocupações ou receio de represálias e advertências.²²⁸

A revista *Placar*, principal publicação esportiva daquela época, também escreveu algumas páginas sobre a situação dos times após a regulamentação, ressaltando a pauta da profissionalização. Duas reportagens sobre essa temática são de fevereiro e julho de 1984, intituladas de maneira semelhante: “O charme da conquista”²²⁹ e “O charme vai a campo”²³⁰, respectivamente. Os títulos já indicam o tom da revista para com o futebol de mulheres, sempre destacando o fator estético e apostando na objetificação dos corpos, mesmo quando as matérias eram em prol da modalidade e bastante informativas.

A *Placar* tinha um público leitor majoritariamente masculino²³¹, assim como a composição de sua direção, o que se refletia nas matérias. Mas cabe aqui uma ressalva: a segunda matéria foi assinada por Regina Echeverria e como vimos, ela passou algumas informações para Adélia Borges do Mulherio. De todo modo, a ênfase na beleza, no charme e em outras características tidas como “femininas” (tais como preocupação com vestimenta ou maquiagem) encontrou longa permanência nas matérias da *Placar* quando abordava o futebol de mulheres.

As duas reportagens citadas também são bem parecidas. Buscam trazer informações de alguns times formados no Brasil e de maior destaque no cenário futebolístico. A primeira tem duas páginas e a segunda quatro, parece, inclusive, uma versão estendida da anterior²³². Em “O charme da conquista” temos informações sobre o Radar, Atlético-MG, Internacional e São Paulo, de acordo com a reportagem as “quatro grandes equipes” do país. O Radar é o primeiro citado e registram-se as viagens internacionais feitas, as principais atletas, o número de vitórias e a ajuda de custo de 60 mil cruzeiros por mês (mesma citada anteriormente) para as jogadoras, quem não fosse do Rio de Janeiro também recebia “casa, comida e roupa lavada”.

A *Placar* ainda afirma: “O Radar é o melhor time deste novo futebol que ensaia seus primeiros passos rumo à profissionalização”²³³. É possível inferir que o Radar daria esses primeiros passos, na visão da revista, justamente por fornecer um valor às suas futebolistas e pela estrutura para viagens, alojamento e alimentação, ou seja, fornecia um rendimento

²²⁸ Mulher quer registro na FPF. **Diário da Tarde**, Curitiba, 12 mai. 1983, p. 6.

²²⁹ O charme da conquista. **Revista Placar**, São Paulo, 24 fev. 1984, p. 42.

²³⁰ ECHEVERRIA, R. O charme vai a campo. **Revista Placar**, São Paulo, 14 jul. 1984, p. 24.

²³¹ SANTOS, J. M. C. M. . *Placar: 1970. In: HOLLANDA, B.; MELO, V. A. (org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 153.

²³² Não há identificação da autoria da primeira matéria, assim, não podemos afirmar que também era de Regina Echeverria.

²³³ O charme da conquista. **Revista Placar**, São Paulo, 24 fev. 1984, p. 42.

contínuo e melhores condições de trabalho. O Internacional é lembrado pela conquista do Campeonato Gaúcho, porém, não era considerado das equipes mais talentosas e acabou sendo caracterizado pela fama de “ter o mais bonito elenco do Brasil”. Característica reiterada em outros momentos e textos. Segundo a matéria, o Inter montou seu time a partir de equipes femininas já existentes em Porto Alegre e não pagaria suas atletas mensalmente, apenas fornecia uma ajuda de custo nas viagens.

Já o Atlético-MG havia montado seu quadro após o sucesso do Cruzeiro na mesma empreitada e também partiu de equipes já existentes, apenas acrescentando outras “garotas” de Belo Horizonte e interior. Elas se dedicavam apenas ao futebol e estudos – supõem-se, então, serem mais jovens – e foram campeãs mineiras. As associadas do clube do São Paulo foram a base do seu elenco e após ficarem com o segundo lugar em um torneio da capital paulista disputaram mais de 100 jogos.²³⁴ A reportagem ainda elenca algumas jogadoras de destaque destas equipes, como Cenira (Radar), Margarete (Radar), Bel (Internacional) e Regina (São Paulo) e termina afirmando:

Estas são apenas as principais estrelas de um futebol que já vai multiplicando, pelos campos do Brasil afora, a sua capacidade de fazer ídolos que tratam bem a bola e os olhos e corações de seus torcedores. E principalmente um futebol que já volta suas vistas para a profissionalização de suas atletas. “Só poderemos realmente cobrar resultados quando vier o profissionalismo”, defende o técnico do São Paulo, Luís Motta.²³⁵

A Placar ignora o veto ao profissionalismo elencado na Deliberação nº 01/83 e projeta a profissionalização, destacando a sua importância e alguns clubes e atletas que estariam caminhando nessa direção. Na matéria “O charme vai a campo” aparecem algumas repetições de informações, os mesmos times são citados, mas há alguns dados novos. Echeverria inicia seu texto informando a existência de 45 mil brasileiras jogando em 3 mil times amadores espalhados pelo Brasil. Infelizmente, sem a fonte dos dados. Também informa sobre as soteropolitanas jogando no Clube Bahiano de Tênis, com treinos três vezes na semana e participação nas verbas de patrocínio e rendas. Sobre o Atlético-MG, além das informações anteriores, acrescenta-se o investimento mensal de 1,7 milhão de cruzeiros mensais para material e salários – as jogadoras e comissão técnica ganhariam entre 40 e 70 mil²³⁶.

²³⁴ Ibidem, p. 42-43.

²³⁵ Ibidem, p. 43

²³⁶ Como citado anteriormente, de acordo com o Decreto nº 89.589, de 26 de Abril de 1984, o salário mínimo estava estipulado em Cr\$97176,00. Assim, elas ganhariam menos que um salário mínimo, algumas menos da metade desse valor.

O time do Pinheiros, de Curitiba, gastava um valor semelhante por mês, 1,5 milhão de cruzeiros. A matéria traz outros elementos importantes sobre o futebol do Paraná. Como o relato da lateral-esquerda do Colorado, Ziza, sobre os preconceitos vivenciados nos gramados. Muitas vezes as atletas ouviam das arquibancadas os gritos de “Sapatão”, como se a homossexualidade fosse um xingamento. Tal ideia é simplesmente um reforço ao estereótipo de gênero e sexualidade que paira no futebol de mulheres, como se toda a jogadora fosse lésbica e como se isso fosse um demérito. Contudo, Ziza expressa bem a sua visão sobre essa discriminação: “É despeito puro”. Voltando ao Pinheiros, destaca-se a volante Vandira, de 23 anos, que foi, inclusive a capa desta edição da Placar:

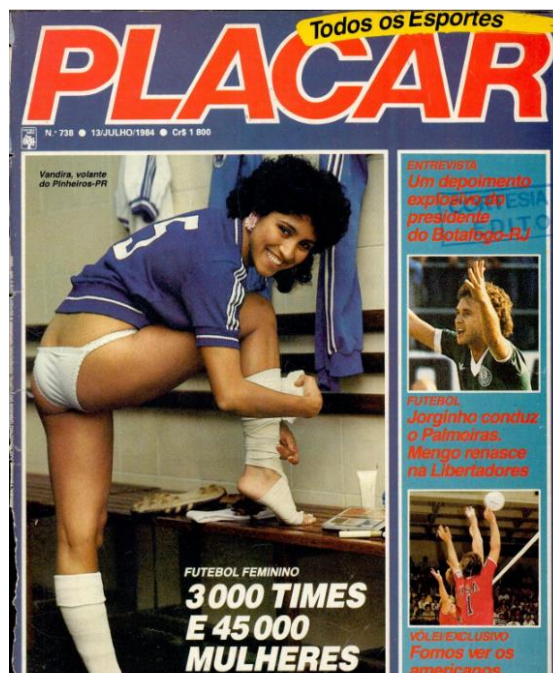


Figura 6 - Capa da Revista Placar com Vandira, volante do Pinheiros-PR, em 1984. Fonte: **Revista Placar**, São Paulo, 24 fev. 1984.

A capa é bastante simbólica de um elemento referido anteriormente: o tratamento e a visão da revista sobre o lugar das mulheres no futebol. Apesar do futebol de mulheres ser destaque da capa da revista, o que, teoricamente, seria importante para dar visibilidade à modalidade recém-regulamentada e na própria visão do periódico, em busca da profissionalização, ele é representado dessa forma: uma jogadora no vestiário com a camisa do seu time, meião e chuteira, mas de calcinha e de costas, dando destaque às suas coxas e glúteos. Ela ainda está de brinco e sorrindo, reforçando um ideal de feminilidade.

Dessa forma, há a objetificação das mulheres do futebol, seu valor não estaria no jogo, na técnica, mas em sua beleza, no fator estético. Souza e Knijnik, em sua pesquisa sobre gênero na cobertura esportiva, enfatizaram que enquanto atletas homens constantemente têm as suas habilidades narradas, as reportagens sobre as mulheres atletas costumam ressaltar a

feminilidade e a beleza²³⁷. Já Messner apresenta quatro padrões de representação dos esportes de mulheres na mídia hegemônica: silenciamento, sexualização e humor, *backlash* e incorporação seletiva de algumas atletas de sucesso. Quando aborda o padrão da sexualização e humor defende que parte do entretenimento gerado pela mídia esportiva ao falar de mulheres (mesmo de forma não declarada) é a oportunidade de apresentar ao público (predominantemente composto por homens heterossexuais) um voyeurismo sexual²³⁸. Parece uma afirmativa pesada, mas ao se olhar novamente para a capa com a Vandira esse suposto peso se esvai. Outros exemplos aparecerão adiante nesta tese.

Esse tipo de cobertura, ao não representar as mulheres como atletas, mas como objetos de desejo, prejudica a visibilidade da modalidade, afasta patrocinadores e gera atraso em seu desenvolvimento. São essas formas de operar o gênero dentro do esporte que embasam e se articulam dentro da sociedade de classes para a marginalização das mulheres também das atividades produtivas. Saffioti recorda a ação do capitalismo em lançar mão da tradição – tradição é aqui pensada a partir dos mecanismos sociais do patriarcado – para respaldar e justificar esse alijamento das mulheres: “assim é que o sexo, fator de há muito selecionado como fonte de inferiorização social da mulher, passa a interferir de modo positivo para a atualização da sociedade competitiva, na constituição das classes sociais”²³⁹.

Contudo, a representação das mulheres na imprensa esportiva é complexa. Não se pode, por exemplo, desconsiderar a agência dos sujeitos históricos. A reportagem “Charme vai a campo”, como dito, foi escrito por uma mulher²⁴⁰ e a própria Vandira ao posar para essa foto possui agência. Não se sabe as circunstâncias exatas sobre o momento em que a fotografia foi tirada, contudo, a reportagem traz ainda uma declaração da jogadora acerca do uso de calcinhas pequenas e coloridas: “eu tenho de estar preparada. Imagina, se num lance, eu fico sem calção”.

Tal pergunta sobre roupas íntimas é impensável para jogadores homens, mas a escolha por um tipo de específico de calcinha, assim como o uso de brincos durante o jogo, é, em certa medida, de Vandira, performando um tipo específico de feminilidade. Ela também era bastante ativa no esporte, além de futebol praticava vôlei, basquete, handebol, caratê e taekwondo e foi

²³⁷ SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 21, n. 1, 2007, p. 45.

²³⁸ MESSNER, M. A. *Taking the field: women, men and sports*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003, p. 97.

²³⁹ SAFFIOTI, 2013, p. 66.

²⁴⁰ A capa da revista, contudo, dificilmente foi escolhida por Regina. A possibilidade mais provável é da escolha do editor. Em uma série especial da RPC, afiliada da Globo, sobre a história do futebol de mulheres, feita em 2018, há uma entrevista com Vandira, na qual ela conta que não sabia o resultado final da capa e nem que aquela foto seria escolhida, caso contrário, afirmou que teria negado. Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/futebol/noticia/mulheres-no-futebol-confira-a-serie-completa-do-globo-esporte.ghtml>

justamente graças ao futebol que conseguiu o emprego como caixa bancária no extinto banco Bamerindus e almejava mais também do esporte: “O futebol feminino vai disparar e o sonho de ganhar salário estará mais próximo”²⁴¹.

Echeverria traz também o caso do Ísis Pop destacando os esforços do time para se profissionalizar. O Ísis foi considerado o principal elenco de São Paulo, desbancando o São Paulo citado na reportagem de fevereiro, e buscava meios para bater o Radar no cenário nacional. Newton de Castro Ribeiro era dirigente da equipe e procurava acrescentar “muitos milhões” como investimento. Os recursos viriam da sua indústria, New Tec, e também seriam destinados à torcida uniformizada, composta por 80 “meninas” e comandada por uma charanga.

Ainda de acordo com a reportagem, o Ísis Pop contratou todo o time da Polícia Militar, último campeão paulista, e outras jogadoras de destaque do interior. O elenco seria composto por 25 atletas ganhando em torno de 300 mil cruzeiros. Bem acima do que outros elencos alegadamente ganhavam e quase três vezes mais do que um salário mínimo. Contudo, além de jogar elas trabalhavam nas empresas dos amigos de Ribeiro. A Placar definiu o Ísis da seguinte forma: “o grande empregador do futebol feminino”²⁴². Não deixa de ser interessante a revista encarar esses fatos dentro de uma lógica de relações de trabalho (empregado – empregador), contudo, mesmo quando elas estavam “empregadas” no futebol precisariam acumular empregos, pois também se dedicavam a outras empresas.

Por fim, a matéria trazia mais uma das complexidades do futebol de mulheres naquele contexto. Comparava a remuneração que as jogadoras do Ísis Pop recebiam com o valor recebido pelas atrizes e vedetes da Rede Globo ao realizarem jogos de exibição em diferentes locais do país. As chamadas *Globetes* chegavam a receber 300 mil cruzeiros por cada jogo realizado. O futebol de vedetes não era uma novidade no Brasil, pelo contrário, já tinha uma trajetória histórica considerável²⁴³ e apesar de terem possibilitado às mulheres pisarem em campos profissionais antes mesmo da regulamentação – como o famigerado jogo no Pacaembu – passavam menos por uma disputa esportiva e muito mais por uma apresentação ou show²⁴⁴.

Assim, as *Globetes* mantiveram essa tradição mesmo com o estabelecimento do futebol de mulheres de maneira regulamentada e os times e torneios iniciando um grau superior de organização e estruturação e chegavam até mesmo a receber mais por isso. A Placar noticiou o convite recebido pelas *Globetes* pela presidência da República para inaugurar o campo de

²⁴¹ ECHEVERRIA, R. O charme vai a campo. **Revista Placar**, São Paulo, 14 jul. 1984, p. 26.

²⁴² ECHEVERRIA, R. O charme vai a campo. **Revista Placar**, São Paulo, 14 jul. 1984, p. 27.

²⁴³ Cf. SILVA, 2015.

²⁴⁴ ECHEVERRIA, R. O charme vai a campo. **Revista Placar**, São Paulo, 14 jul. 1984, p. 27.

futebol da Granja do Torto, quando perderam justamente para o Radar por 12x0. A derrota era lógica, visto que o Radar tinha como atividade básica não as artes cênicas, mas sim, o futebol. De todo modo, a manutenção de equipes de vedetes nesse contexto é, no mínimo, ambígua, afinal, essas mulheres estavam jogando bola ou realizando performances artísticas?

Após traçar brevemente a trajetória institucional e legislativa da regulamentação e as suas primeiras repercussões midiáticas, a intenção agora é apresentar uma seleção de alguns recortes de times e torneios do futebol de mulher no Brasil durante a primeira fase da periodização estabelecida, ou seja, até 1995. Como expressado anteriormente, o propósito não é dar conta de tudo, mas elucidar alguns casos específicos para traçar um panorama da situação do futebol de mulheres nesse contexto, situando historicamente as narrativas das jogadoras que serão apresentadas posteriormente.

Um elemento relevante são casos de partidas realizadas em estádios oficiais mesmo antes da Deliberação nº 01/83 ter sido decretada. Como vimos, havia um grau de anuência do CND e demais entidades com a realização de jogos “por lazer” ou em espaços como parques, praças e praias, a proibição se fortificava quando campos profissionais ou de times amadores do circuito da várzea, como o Flamengo de Santa Felicidade, eram o palco desses jogos. Contudo, alguns casos subverteram essa norma. Um deles foi justamente o jogo no Morumbi, em 1982, no Festival Nacional das Artes, entre as seleções carioca e paulista.

Outro aconteceu em Curitiba, no Estádio Belfort Duarte (pertencente ao Coritiba e hoje chamado de Major Antônio Couto Pereira), em 1976. Foi um Atletiba, apelido do clássico entre Athletico e Coritiba, jogado pelas telefonistas da Telepar, antiga empresa de telecomunicações, em comemoração aos seus treze anos. O Diário do Paraná trouxe três informes sobre o jogo, os dois primeiros breves notas comunicando da realização da partida, na coluna *Enfoque* que comentava sobre fatos cotidianos do estado²⁴⁵, e a última uma reportagem maior com direito a foto de uma atleticana e uma coxa branca disputando a bola e breve resumo da partida²⁴⁶.

²⁴⁵ Sem título. **Diário do Paraná**, 27 e 28 nov. 1976, p. 2.

²⁴⁶ Atlético ganha o jogo. **Diário do Paraná**, 28 nov. 1976, p. 12.



Figura 7 - Telefonistas com os uniformes de Coritiba e Atlético no Estádio Belfort Duarte. Fonte: Atlético ganha o jogo. **Diário do Paraná**, 28 nov. 1976, p. 12.

O periódico ainda informou que o árbitro da partida foi o ex-jogador do Coritiba, Kruguer e o gol da partida chegou a ser transmitido pela televisão. O jogo terminou empatado em 0x0, mas as atleticanas venceram a disputa com um gol de pênalti após as cobranças alternadas. O impacto de um jogo realizado em um estádio de time profissional com uniforme dos dois maiores clubes do Paraná é significativo para o futebol de mulheres e pode ser considerado um marco importante para a modalidade no estado, mesmo sendo um jogo comemorativo e a disputa esportiva não seja o foco. Outro exemplo aconteceu também no Paraná, em 1979. Coritiba e Toledo disputavam uma partida pela fase decisiva do estadual, no Estádio Municipal 14 de dezembro, onde o Toledo Esporte Clube manda seus jogos. Houve uma partida preliminar entre as equipes de mulheres do Toledo e Cascavel, as donas da casa venceram por 2x0²⁴⁷ e ocuparam um espaço até então negado a elas.

Moraes recuperou e visibilizou histórias de mulheres jogando bola na Bahia entre os anos 1970 e 1990. De acordo com a pesquisadora, nos anos 1980 havia mais de cem times espalhados pelo estado, dentre eles: Catuense, Bahia, Ipiranga, Baiano de Tênis, Panteras de Ipiauí, Flamengo de Feira etc. Vinte um deles se concentravam na capital. Tais dados foram organizados em 1986, pois graças ao sucesso de público nos jogos, o Departamento de Esporte e Animação Urbana de Salvador em conjunto com a Federação Baiana de Futebol resolveram sistematizar as informações das equipes e elaborar um ranking baiano da modalidade. A

²⁴⁷ Coritiba empata e ganha Octogonal. **Diário da Tarde**, 23 ago. 1979, p. 8.

intenção era utilizar esses dados para a organização do primeiro campeonato estadual. Assim, o campeonato de 1986 contou com 30 times, sendo 9 do interior e 21 da capital²⁴⁸.

As atletas não recebiam salário, apenas ajuda de custo para alimentação e transporte, e algumas gratificações em caso de vitória ou para as melhores em campo. Os clubes eram dirigidos, em sua maioria, por homens que faziam as peneiras e buscavam talentos para compor seus quadros, chegando a bancar do próprio bolso a mínima estrutura, como casa, alimentação, vestimenta, e negociando com os pais de muitas meninas a autorização para jogarem, pois eram menores de idade. Um exemplo disso é o Flamengo de Feira, importante equipe do futebol baiano e celeiro de craques, inclusive, jogadoras da Seleção Brasileira, como Sissi e Soró.

Edmilson Amorim, ou Michelinho, era o presidente do Flamengo. Decidiu criar uma equipe forte o suficiente para disputar campeonatos estaduais e nacionais, por isso investiu financeiramente em estrutura: casa alugada como alojamento das atletas, alimentação, transporte e uniformes. O plano deu resultado e passaram a ganhar campeonatos baianos e despontaram no cenário nacional. O time mobilizava a cidade de Feira de Santana, a população comprava os ingressos e comparecia aos jogos. O prefeito da cidade, José Falcão, liberou o Estádio Joia da Princesa para os treinos e a prefeitura chegou a fornecer passagens para o deslocamento das atletas para o campeonato nacional²⁴⁹. Sissi, grande jogadora da Seleção, teve passagem pelo Flamengo e compartilhou sua experiência:

Aí eu saí e fui jogar pela equipe do Grêmio (BA). Foi meu primeiro time só de mulheres. Nos jogos regionais a gente enfrentou o Flamengo de Feira de Santana. Foi quando eu conheci o Michelin, que era dono do Flamengo. Quando a gente fez o preliminar o Michelin gostou, conversou com a Miriam e falou a meu respeito. Ele nos convidou para irmos para Feira de Santana e eu tinha quatorze anos. Ele foi à minha casa, falou com meus pais. (...) Eu pedi, implorei para os meus pais, até que minha mãe falou: “Tudo bem!”. Mas eu tive que prometer que ia acabar os estudos nesse período que eu fosse pra Feira de Santana. Aí eu me mudei de Campo Formoso juntamente com a Miriam para Feira de Santana para jogar no Flamengo. Morei em uma casa com dez meninas, foi quando eu conheci a Solange, a Soró, e eu era a mais nova daquele grupo, então, lá a gente era uma família. Não tinha supervisão nem nada, às vezes o Michelin vinha no final da noite, por exemplo, por volta das dez horas e a gente tinha que estar com a televisão desligada. Tinha horário pra ir pra cama, horário de acordar, horário dos treinos, horário de ir pra escola. A gente ia para a escola juntas, voltava e tinham os treinos. A competição na época era muito forte no campeonato baiano. O campeonato baiano foi o primeiro campeonato organizado que eu participei jogando pelo Flamengo.²⁵⁰

²⁴⁸ MORAES, E. V. **Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 25.

²⁴⁹ Ibidem, p. 23-24.

²⁵⁰ DO AMOR, Sisleide Lima. **Sisleide Lima do Amor (Sissi): entrevista** [27 nov. 2015]. Entrevistadoras: Silvana Vilodre Goellner. Concord (EUA), 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139188/000989822.pdf> Acesso em: 6 mar. 2022.

O Flamengo de Feira foi parte importante da carreira de uma das maiores futebolistas do país, só por isso já merece reconhecimento. Da fala de Sissi podemos tirar elementos significativos. Como a atuação de homens na organização de times na época, caso do Michelinho. As relações estabelecidas entre dirigente e jogadoras praticamente passava ao largo das relações de trabalho de uma economia de mercado, operavam mais na chave da reciprocidade, um sistema de trocas²⁵¹. Michelinho exercia um papel paternalista, falava com os pais, garantia casa, auxiliava as famílias e as jogadoras. Por outro lado, elas possuíam uma gratidão e um forte reconhecimento das suas ações.

Solange expressa bem esse sentimento: “Quando ele (Michelinho) me viu e viu a carência que eu tinha dentro da minha casa, ele meio que me adotou”. A jogadora demonstra a sua gratidão ao ser “adotada” pelo dirigente e como isso marcou toda a sua trajetória. Destaca-se também a rotina das futebolistas, com horário definido para treino, escola, acordar e dormir e a união construída entre elas a partir dessa convivência cotidiana. O futebol também funcionava como um formador de laços comunitários e de amizade. Por fim, Sissi ressalta a competitividade do campeonato baiano, com equipes fortes na disputa, demonstrando a importância do estado para a modalidade naquele contexto.

Nos anos 1970, no Pará, o time Fuzuê atraía várias jovens nos finais de semana para jogar o “futebol de pelada” no Parque Fuzuê. João Addário, radialista da Rádio Clube e assessor da Federação Paraense de Futebol, era o diretor da equipe. O Fuzuê era composto por mais de 20 moças, de classes sociais distintas, e popularizou a prática naquela região. Durou até o final da década, quando as jogadoras largaram a bola e se dedicaram a outras carreiras. Nos anos 1980, o futebol de mulheres paraense seguiu em desenvolvimento, com torneios entre as funcionárias de diferentes empresas, como a SIAPESCA, fábrica de camarão que possuía time próprio de mulheres. Os clubes do estado também passaram a formar as suas equipes, como Clube do Remo, Paysandu Sport Club, Tuna Luso Brasileira, Sociedade Beneficente Atlético Club Cruzeiro de Mosqueiro, Olaria Futebol Clube Recreativo, Esporte Clube Providência, Milionário Esporte Clube, Atlético Cidade Nova, Ponte Preta Esporte Clube, Águia Futebol Clube e Yamada. Ou seja, as mulheres já ocupavam esses gramados e ansiavam pela regulamentação para que a Federação pudesse organizar e oficializar o campeonato estadual²⁵².

Assim, o I Campeonato Feminino de Futebol Paraense, organizado pela FPF, ocorreu em 1983, mas teve uma espécie de fase preliminar, o Torneio Início. Somente os finalistas do

²⁵¹ MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

²⁵² MAGALHÃES, S. Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007). *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 1, n. 2, 2008, p. 13.

Início jogaram o campeonato estadual, no qual o Remo se sagrou campeão, após final com a Tuna Luso Brasileira²⁵³. O ano seguinte foi importante para o futebol de mulheres paraense, como acompanhamos a partir do Diário do Pará. Houve a segunda edição do Campeonato Paraense de Futebol Feminino, com o apoio da Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Pará, também com o Torneio Início e contou com seis inscrites: Tuna Luso, Independente, Paysandu, Sport Belém, Remo e Yamada²⁵⁴.

O Diário informou sobre o bom público durante o campeonato, realizado em um dia único. A renda obtida, segundo o tenente-coronel Antonio Carlos Nunes, presidente da FPF, foi utilizada para auxiliar no pagamento das passagens da seleção paraense para o Suriname. O Remo foi o time campeão novamente. O torneio também foi marcado por essas idiossincrasias do futebol de mulheres. Além da taça, havia outro prêmio em disputa: o de Miss Torneio Início. As jogadoras concorreram entre si para serem eleitas como a miss. Yone Pinheiro de Souza foi a escolhida, com 7 votos (não há a explicação de quem votava), e recebeu prêmios ofertados pelo Café Glória e vários discos²⁵⁵.



Figura 8 - Jogadoras do Torneio Início do Pará e o destaque para a escolha da Miss. Fonte: Futebol feminino teve choro e eleição de miss. **Diário do Pará**, Belém, 10 abr. 1984, Caderno 2, p. 1.

A mescla de futebol com concurso de beleza – historicamente criticados por grupos de mulheres e grupos feministas pela imposição de um padrão de beleza e valorização da mulher apenas pelo seu valor estético²⁵⁶ – é mais um episódio de objetificação e de representação das mulheres como objetos de desejo e não como atletas, como vimos acima isso prejudica e atrasa

²⁵³ Ibidem, p. 20.

²⁵⁴ Meninas prontas para o torneio. **Diário do Pará**, Belém, 7 abr. 1984, Caderno 2, p. 1.

²⁵⁵ Futebol feminino teve choro e eleição de miss. **Diário do Pará**, Belém, 10 abr. 1984, Caderno 2, p. 1.

²⁵⁶ Cf. MORGAN, R. “No More Miss America”. In: BLOOM, A.; BREINES, W. (org.). **Takin’it to the streets. A sixties reader**. New York: Oxford University Press, 2003.

o desenvolvimento da modalidade. Levanta também a reflexão de que o futebol de mulheres tem um processo histórico marcado por contradições, pois mesmo quando é um momento de avanço e melhora, há a permanência da discriminação de gênero. A fotografia escolhida para ilustrar a matéria representa bem essa contradição, pois as jogadoras estão justamente como jogadoras: uniforme de seus times, meião, chuteira, dentro de campo, com a bola na mão. Não estão posando ou apamentadas como miss. Mas a legenda foca na escolha de Yone como miss do Torneio Início.

Dois meses depois do campeonato estadual outro evento mobilizou o futebol do Pará: a vinda do Esporte Clube Radar para disputar um amistoso contra a Seleção Paraense no Estádio Evandro Almeida, o Baenão. Segundo o Diário do Pará, foram disponibilizados 15 mil ingressos, com valor de 2 mil cruzeiros²⁵⁷, e outro jogo complementava a programação, Yamada e Moto Clube fizeram a preliminar. O evento contou ainda com hasteamento do Pavilhão Nacional e demais bandeiras ao som da Banda de Música da Polícia Militar, com execução do hino nacional; entrega de flâmulas da FPF, da Tuna Luso, do Águia; presença de importantes dirigentes, o presidente e vice-presidente da FPF, os presidentes da Tuna Luso, do Paysandu e do Remo, o esportista local e promotor do evento Álvaro Rodrigues²⁵⁸. O próprio Diário do Pará colocou na capa do seu Segundo Caderno duas notícias sobre o amistoso (uma antes e outra depois), com várias fotografias e um texto completo, bastante informativo.

Para a alegria da torcida local e surpresa da equipe do Radar, a Seleção Paraense venceu o jogo por 1x0, com gol de Pelezinha. O jornal noticiou o desconforto de Eurico Lyra, presidente do Radar, com o resultado e o seu pedido de revanche lá no Rio de Janeiro. Álvaro Rodrigues respondeu afirmativamente desde que suas atletas tivessem as mesmas condições dadas às jogadoras do Radar em Belém, 20 passagens e mais hospedagem em hotel 4 estrelas para a delegação. Houve concordância e a data ficou para ser agendada. A vitória também empolgou os dirigentes para a participação da Seleção Paraense no campeonato nacional e a articulação de um torneio interestadual, com as participações de Tuna Luso, Paysandu, Sampaio Correa e Fortaleza²⁵⁹.

A Seleção do Pará e outras equipes do estado, efetivamente, competiram em algumas edições da Taça Brasil ocorridas nos anos 1980. Sobre o torneio interestadual não se encontraram mais informações. De toda forma, as declarações e a empolgação dos dirigentes

²⁵⁷ Como citado anteriormente, de acordo com o Decreto nº 89.589, de 26 de Abril de 1984, o salário mínimo estava estipulado em Cr\$97176,00, assim, o ingresso estava proporcionalmente barato.

²⁵⁸ Radar em Belém. **Diário do Pará**, Belém, 10 jun. 1984, Segundo Caderno, p. 1.

²⁵⁹ Seleção disputará o certame nacional. **Diário do Pará**, Belém, 12 jun. 1984, Segundo Caderno, p. 1.

para integrar e articular campeonatos após o sucesso de um jogo revela outra faceta do futebol de mulheres. Primeiro é preciso provar a viabilidade e a popularidade para que depois haja investimento e uma maior articulação organizacional. Contudo, a lógica deveria ser inversa, primeiro, investe-se e depois você alcança maior público e dividendos. A necessidade de “se provar” que se espera do futebol de mulheres também é uma constante em sua história e aparece nas narrativas das jogadoras e na percepção delas sobre seus trabalhos, pois graças à falta de investimento as condições são mais precárias. O que gera um ciclo vicioso, pois com menos estrutura e condições mais precárias a modalidade sofre um atraso em seu desenvolvimento, logo, recebe menos investimentos e assim segue.

Saindo do norte do país e indo para o extremo oposto, Ramos aponta a existência de times de mulheres no Rio Grande do Sul nesse contexto. Na cidade de Santa Maria, nos anos 1980, houve um dos primeiros campeonatos registrados no estado, a Copa Pepsi, com a participação de ao menos 20 equipes. Já em 1983, após a regulamentação, também com intermédio da Federação Gaúcha de Futebol o futebol de mulheres ganha mais força. Internacional e Grêmio, os principais times gaúchos, desenvolveram seus próprios departamentos de futebol feminino e montaram seus respectivos elencos, contando com espaços para a prática, materiais esportivos, uniformes, comissão técnica. Na década de 1990, há a constituição da Seleção Gaúcha para disputar os torneios de seleções estaduais²⁶⁰.

A jogadora Isabel Nunes relembra esses eventos. Ela jogava no Pepsi Bola, equipe que foi a base do primeiro elenco do time de mulheres do Internacional. O seu rival era o Independente, que acabou se tornando a base do primeiro time do Grêmio. O Pepsi também teve seus momentos de destaque, como conta Isabel:

Nós sempre tivemos coordenadores, no caso a Rosa Maria Vieira Dutra e o Getúlio Aurélio Fredo, foi o meu primeiro treinador e depois foi meu treinador no Inter também. Então, eles que corriam atrás dos apoios, do patrocínio. Com essa equipe do Pepsi Bola nós fomos jogar contra o Radar, em Copacabana, na beira da praia. (...) Nós fomos de avião, coisa bem organizada com a equipe do Pepsi Bola, o jogo foi quatro a zero, na areia fofa em Copacabana. Depois que nós fomos para o Inter, tinha o Campeonato Gaúcho, que tinha o Esportivo de Bento, Inter de Santa Maria, que era uma equipe muito boa. (...) Cerâmica de Gravataf, Inter e Grêmio. Não lembro se Pelotas tinha na minha época, tinham seis equipes, mas era bem legal porque nós fazíamos as preliminares dos campeonatos, era muito legal.²⁶¹

²⁶⁰ RAMOS, S. dos S. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul**: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghelli Luizelli (Duda). 157 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016, p. 32.

²⁶¹ NUNES, Isabel Cristina de Araújo. **Isabel Cristina de Araújo Nunes (Bel)**: entrevista [2 mar. 2016]. Entrevistadoras: Silvana Goellner, Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos. Porto Alegre, 2016. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170073/001052742.pdf> Acesso: 6 mar. 2022.

Seu relato revela o circuito de futebol de mulheres existente no Rio de Grande do Sul antes da regulamentação e o seu fortalecimento após a Deliberação nº 01/83, com os chamados “times de camisa” tomando maior protagonismo no cenário. Além disso, a viagem do Pepsi Bola para enfrentar o Radar demonstra a existência de uma rede de contatos e intercâmbios interestadual entre os times de mulheres. Sobre o circuito gaúcho do futebol de mulheres, o jornal *O pioneiro* noticiou em março de 1983 um levantamento feito pela Federação Gaúcha de Futebol estimando a existência de ao menos 300 times femininos amadores, com 4500 mulheres jogando no estado. Para Goellner, a profusão de equipes citadas demonstra a mobilização das mulheres para jogar futebol em diferentes regiões do Rio Grande do Sul e envolvia tanto o futebol de campo, quanto o futebol de salão, sobretudo, o segundo²⁶².

Um evento de destaque envolvendo as equipes gaúchas ocorreu no dia 16 de abril de 1983, poucos dias após a publicação da regulamentação no Diário Oficial da União. A Federação Gaúcha organizou um jogo entre as equipes de mulheres do Sport Clube Rio Grande e do Clube Esportivo Bento Gonçalves. Foi uma preliminar para o jogo entre Grêmio e São Paulo, válido pela Taça Ouro daquele ano. Ocorreu no Estádio Olímpico com um público de 40820 pessoas e durou os 70 minutos previstos pela Deliberação nº 01/83. A equipe de Bento Gonçalves venceu por 8x0 o Rio Grande. O destaque da partida foi a ponta direita Ketí, Claudete Anderle, e na equipe do Bento ainda havia a jovem Marcia Tafarel, jogadora da Seleção Brasileira, na época adolescente. Sem dúvida uma partida de mulheres de equipes já existentes dentro do Estádio Olímpico e com bom público é um marco significativo da modalidade²⁶³.

Como citei acima, a imprensa esportiva destacava reiteradamente a beleza das jogadoras do Rio Grande do Sul, sobretudo, quando falavam da equipe do Internacional. Além dos problemas já citados acima sobre a ênfase na estética das futebolistas em detrimento ao seu futebol, o padrão de beleza exaltado era claramente racista e subjugava mulheres negras. O que ficou bem explícito na reportagem “A Bela e as Feras”, de Lemyr Martins, importante jornalista da revista *Placar*, que começava da seguinte maneira: “A torcida do Internacional anda chegando mais cedo no Beira-Rio. O motivo se chama Bel, tem 17 anos e brilha intensamente nas partidas preliminares, tanto na bola quanto na graça”²⁶⁴. Logo abaixo temos uma foto da “bela” Isabel dentro do gramado, acompanhada de duas bolas, com um biquíni vermelho (em

²⁶² GOELLNER, S. V. Sport Clube Rio Grande e Clube Esportivo Bento Gonçalves: seria este o primeiro jogo de mulheres autorizado no país? *Ludopédio*, v. 141, n. 15, 2021.

²⁶³ *Ibidem*.

²⁶⁴ MARTINS, L. A bela e as feras. *Revista Placar*, São Paulo, 28 out. 1983, p. 49.

alusão ao Internacional) e duas flores, uma na boca e a outra colocada na calcinha do biquíni, olhando para a câmera com os cabelos soltos e caindo no rosto.

Funcionando como um contraponto, na página seguinte, tem-se o trecho a seguir: “Sim, o futebol feminino pode ser jogado por belas, como a jovem colorada das duas páginas anteriores, ou por feras – conforme aconteceu este mês no Estádio de Moça Bonita, durante o jogo entre Bangu e Radar” e as imagens que acompanham são da confusão citada e uma especificamente da jogadora Sara, retratada com um close de seu rosto, semblante sério e estrategicamente posicionada abaixo da palavra “feras”. Como coloca Almeida:

Esses dois tipos de jogadoras – “belas” e “feras” – são colocadas em oposição pela narrativa jornalística. Enquanto as primeiras trazem consigo todas as características necessárias ao padrão atribuído pela imprensa a uma boa futebolista na década de 1980 e compatíveis à heteronormatividade vigente, as outras são pensadas como demasiadamente violentas para estarem em campo.²⁶⁵

E quem são essas “outras”? Pensadas como violentas e que fogem do padrão heteronormativo desejado pelos escribas da imprensa esportiva. Eram mulheres como a jogadora Sara. Eram mulheres negras. Na reportagem fica claro um binarismo entre jogadoras brancas e jogadoras negras, entre “belas” e “feras”. Vistas como extremos opostos e no campo esportivo haveria espaço apenas para um desses polos: das loiras brancas dóceis, as “belas”. Obviamente, não foi a primeira vez que tal discurso foi acionado, mas a Placar endossou e reforçou ativamente estereótipos negativos de mulheres negras. Collins nomeia tais estereótipos de imagens de controle. Essas imagens são constituintes de uma ideologia generalizada de dominação e funcionam como instrumentos de poder de determinados grupos sociais, frente a outros, por isso fazem com que o racismo (ou o sexismo ou a pobreza e outras formas de injustiça social) pareça natural e inevitável na vida cotidiana²⁶⁶. A imagem de “feras” também é uma forma de objetificar as futebolistas negras e como apontam os *Black Studies* “definir as pessoas de cor como menos humanas, animais ou mais ‘naturais’ nega a subjetividade dos povos africanos e corrobora a economia política de dominação que caracterizou a escravidão, o colonialismo e o neocolonialismo”²⁶⁷.

Deste modo, tem-se mais um exemplo da forma pela qual a imprensa esportiva retratava o futebol de mulheres, em geral, e as futebolistas, em particular. A cobertura midiática ainda que pudesse trazer alguns dados e informações relevantes visibilizando a modalidade, predominantemente apelava para discursos sobre a estética das jogadoras buscando moldar um

²⁶⁵ ALMEIDA, 2013, p. 84.

²⁶⁶ COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1a. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

²⁶⁷ Ibidem, p. 138.

tipo ideal de futebolista, um padrão que se encaixasse na expectativa desses homens. Ademais, tal objetificação operava de maneira distinta se acrescentarmos a raça na análise. Mulheres brancas eram vistas como “belas”, dóceis, poderiam encontrar espaço nesse meio – ainda que nos limites impostos pelo papel de “musa” –, já as mulheres negras sofriam mais uma discriminação, associadas a imagens de violência, sendo ainda mais marginalizadas dentro do campo esportivo. Portanto, há uma estrutura social que nega às mulheres negras a valorização de seu fenótipo.

A imagem da jogadora Bel, do Internacional, foi bastante explorada. Ela mesma conta duas histórias sobre:

Foi 1995! Quando eu estava com 17 anos eles já haviam me convidado [para posar nua para a revista *Playboy*], estava no Inter. Mas como eu era novinha não aceitei, mas depois quando eu estava com 29 anos eles convidaram novamente, foi uma experiência legal, foi bom até para o futebol feminino mostrar os seus talentos [risos]. Na época até o cachê não eram cachês exorbitantes, depois se tornou. (...) Para viver do futebol feminino não dava. (...) Eu tive chuteira com o meu nome, tive contrato com uma fábrica. Foi a única chuteira de futebol feminino no Brasil. Ela era toda de náilon e na equipe do Inter todas jogavam e tinha a vermelha com branco, preta com branco e a azul com branco e tinha a minha assinatura “Bel”, e eu fiz um contrato com uma fábrica de Novo Hamburgo que fazia a chuteira Alvinegra. (...) Mas não dava para viver do futebol feminino, fiz alguns comerciais, fiz algumas coisas assim... Mas do futebol...²⁶⁸

Bel foi considerada “musa” desde o início da sua carreira e chegou a ser capa da revista *Playboy* de julho de 1995, com a chamada “GOOOOOLLLLL!!! Tiram os a roupa de BEL. A supercraque do futebol feminino”. Em sua memória, a futebolista considerou uma experiência positiva e até uma possibilidade para visibilizar os “talentos” do futebol de mulheres, mesmo que tenha falado isso com humor. Ou seja, aqui precisamos lembrar que os sujeitos históricos também possuem agência, Bel viu a oportunidade, negou da primeira vez e da segunda aceitou, pois acreditou ser uma forma de ajudar a modalidade e, sobretudo, de ter ganhos financeiros.

Na experiência dela o futebol não possibilitava independência financeira, para contornar isso foi atrás de outros caminhos a partir do próprio esporte, como o ensaio para a revista masculina. A exposição que sua imagem tinha também permitiu assinar um contrato com uma fábrica de chuteiras, lançando um modelo específico para futebol feminino²⁶⁹. De acordo com a Placar: “Bel estará lançando a nova chuteira no mês que vem, contratada pela fabricante, a

²⁶⁸ NUNES, Isabel Cristina de Araújo. **Isabel Cristina de Araújo Nunes (Bel)**: entrevista [2 mar. 2016]. Entrevistadoras: Silvana Goellner, Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos. Porto Alegre, 2016. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170073/001052742.pdf> Acesso: 6 mar. 2022.

²⁶⁹ Interessante considerar que roupas possuam gênero, como se existisse uma chuteira para homens e outra para mulheres e não apenas chuteiras. Claro que há a questão do tamanho e mulheres possuem dificuldade para encontrar chuteiras que caibam em seus pés, muitas vezes, apelando para tamanhos infantis. Mas o artefato em si não possui um gênero definido. Uma chuteira serve para qualquer pessoa jogar bola.

empresa de calçados Esfinge S.A., de Novo Hamburgo. E o modelo terá o nome Tuy-Bel. O contrato prevê o pagamento de 750 000 cruzeiros de luvas e 350 000 mês.”²⁷⁰.

Considerando que o salário mínimo girava em torno de Cr\$97176,00 em 1984, os valores pagos para o contrato com a fábrica de chuteiras foram altos. Sobre os valores pagos pela Playboy, Bel contou à RBS, em 2017, que recebeu 32 mil dólares na época, com isso comprou o terreno da casa que mora até hoje, um carro e mais presentes para a família²⁷¹. Portanto, a partir de uma situação repleta de nuances e complexidades, a jogadora conseguiu alcançar um ganho concreto. Lembrando que tais possibilidades eram restritas a determinadas jogadoras, de acordo com o padrão imposto.

Em São Paulo as mulheres também estavam com as chuteiras no pé e a bola em campo. Silva destaca os times amadores da várzea paulista. Há registros – para além dos jogos beneficentes ou dentro dos clubes da elite – desde 1970. Um deles é do CA Indiano, clube de campo às margens da represa de Guarapiranga e um espaço de lazer para os sócios contribuintes. Tinha uma estrutura de alta qualidade e a equipe de mulheres foi organizada pela comissão técnica do clube contando com as associadas. O CA Indiano não jogava com outros times, suas atletas jogavam apenas entre si, como forma de lazer²⁷².

Ao longo dos anos 1970, Silva mostra o aparecimento de outros times da várzea, destacando que o CND dificilmente atrapalhava suas atividades. Para isso as equipes usavam subterfúgios como alegar que os jogos eram apenas beneficentes e outra possibilidade aventada pela historiadora era um recorte de classe, os times de várzea eram mais periféricos e não adentravam no espaço dos grandes clubes, os quais possuíam maiores investimentos, profissionalismo e visibilidade midiática. Nesse contexto se destacam os festivais de futebol, como o organizado pelo Benfica de Vila Maria ou pelo União Democrática da Mooca. Além dos organizadores, participaram também dos jogos em festivais times como As Águias e o Flamengo de Vila Maria²⁷³. Portanto, há a construção desse circuito de futebol de mulheres na várzea.

Um time de relevo era o AD Política Militar, formado por militares e civis, na época da sua formação o técnico da equipe era o Juba. Ganhou fama por ter sofrido pouquíssimas derrotas em sua trajetória. A equipe também possuía uma pauta muito clara: obter o reconhecimento do

²⁷⁰ Um novo mercado para a indústria de artigos esportivos. **Revista Placar**, São Paulo, 24 fev. 1984, p. 44.

²⁷¹ VILLAR, S. A história de Bel, a ex-jogadora do Inter e da seleção que venceu a luta contra o câncer de mama. **GZH Esportes**, 24 jun. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/06/a-historia-de-bel-a-ex-jogadora-do-inter-e-da-selecao-que-venceu-a-luta-contra-o-cancer-de-mama-9824147.html> Acesso em: 6 mar. 2022.

²⁷² SILVA, 2015, p. 69.

²⁷³ Ibidem, p. 71.

futebol de mulheres junto às entidades esportivas. No mínimo interessante, considerando o contexto de ditadura e que a origem do clube eram justamente os militares. Anteriormente, foi citada a reportagem da Placar informando que muitas das jogadoras do Ísis Pop eram oriundas do time da ADPM. Ademais, Silva traz vários outros times que compunham esse cenário: Portuguesinha da Casa Verde, Cafum (cogitou-se um amistoso com os times de Belo Horizonte), Cruzeiro do Jardim Maringá, Corinthians do Parque²⁷⁴, times ligados a empresas e fábricas como EC Vigor, Lacta Clube, Bradesco FC, Transvira etc.²⁷⁵

A Folha de São Paulo, na reportagem “Mulheres só esperam o sinal verde da FIFA” de uma página inteira, registrou a existência e a consolidação desse circuito:

Apesar da clandestinidade enquanto não vem a oficialização, o futebol feminino está alastrado por quase todo o Brasil. Se as federações regionais não podem promover campeonatos devido à falta de reconhecimento da CBF, ligas e clubes de futebol feminino promovem seus amistosos e certames. Em São Paulo já houve este ano a “Copa São Paulo” e está em andamento o 1º Certame de Futebol Feminino de São Paulo, reunindo 14 equipes da capital, do ABCD e outras cidades vizinhas, com seis jogos aos domingos. Ao mesmo tempo, 14 times disputam também um campeonato de futebol de salão (algumas sendo as mesmas do futebol de campo) na quadra de Clube Rossi e no Lacta Clube.²⁷⁶

Ou seja, o futebol de mulheres já era uma realidade na sociedade paulista mesmo antes da regulamentação. Havia vários times praticando e campeonatos ocorrendo. A Folha ainda informa que existiriam nesse contexto ao menos 120 times de mulheres. Toda essa efervescência também levou à criação da Liga de Futebol Feminino de São Paulo (LIFUFESP) em assembleia com 16 times. A liga era bem organizada, com diretoria, presidência e estatuto próprios. Vanderlei Coelho, o presidente eleito (e então técnico da ADPM), afirmava: “Queremos sair da clandestinidade em termos de Federação Paulista, CBF e FIFA. Mostrar que já existe uma entidade cível do futebol feminino, com organização e lutar pela oficialização”²⁷⁷.

A pauta pela regulamentação era prioritária para a Liga e Vanderlei ainda defendia um futebol de mulheres “sem exploração comercial e sem protecionismo”, para ele seria proibido colocar mulheres apenas pela sua beleza com o intuito de angariar os olhares masculinos para o jogo. A repulsa também se estendia aos empresários no esporte. Segundo ele, esse foi o motivo para ser contrário ao jogo do Festival Nacional das Mulheres, pois haveria empresários lucrando e em sua visão “O futebol feminino sério não pode ter intermediários, atravessadores, faturando às custas dele”²⁷⁸. De tal modo, nota-se uma estrutura sólida na formação da

²⁷⁴ Vicente Matheus, presidente do Sport Corinthians Paulista, tentou trazer a equipe para dentro do clube de forma oficial, mas foi barrado pelo CND.

²⁷⁵ SILVA, 2015, p. 107-108.

²⁷⁶ Mulheres só esperam o sinal verde da FIFA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 ago. 1982, p. 13.

²⁷⁷ Ibidem.

²⁷⁸ Ibidem.

LIFUFESP – a notícia informa ainda que o público dos jogos chegava a 4 mil pessoas – e a consolidação desse circuito amador do futebol de mulheres em São Paulo, o que também pressionou e auxiliou no processo de regulamentação da modalidade.

No quesito organização de campeonatos e ligas é importante ressaltar a atuação do poder público de São Paulo durante os anos 1980, sobretudo, da Secretaria Municipal de Esportes (SEME). Em 1985, a Secretaria de Estado dos Negócios de Esporte e Turismo e a Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo elaboraram um relatório para abordar “as condições de atendimento às necessidades básicas das populações urbanas, rurais e periférica em lazer”, no qual elencavam as ações realizadas visando oferecer lazer gratuito para as diferentes camadas da população. Entre os eventos feitos constava a Taça São Paulo de Futebol Feminino. De acordo com o relatório o torneio tinha como premissa: “visando o desenvolvimento do futebol feminino, esta competição conta com a participação das melhores equipes do Brasil e também com clubes de outros países”²⁷⁹.

A Taça São Paulo se configurou como um importante torneio dessa primeira fase do futebol de mulheres no Brasil após a regulamentação. Grandes times participaram e ganhou espaço em alguns veículos de comunicação. Em 1984, o *Jornal dos Sports* noticiou a tratativa entre Eurico Lyra, presidente do Radar, e Fábio Lazzari, diretor do Departamento de Promoções Esportivas e Lazer do município de São Paulo. A proposta era ter clubes de nove estados do Brasil e de mais quatro países. O torneio foi realizado em outubro daquele ano e o critério principal para participar era ser o campeão estadual do referido ano ou do ano anterior, mas a organização se reservava o direito de convidar outra equipe sem o critério de colocação. As despesas da viagem eram responsabilidade dos clubes, mas a SEME garantia as despesas com estadia e locomoção dentro da cidade de São Paulo²⁸⁰.

O *Última Hora* ao informar os resultados da primeira rodada identifica os clubes participantes: Radar (RJ), Juventus (SP), ABC (SP), Recife (PE), Tupi (SC), Panteras (sem identificação do estado), Paraíba (PB), Baiano (BA), Ponto Frio (GO), Cruzeiro (MG), Transmina (SP), Pinheiros (PR), XV de Novembro (SP), Atlético-MG, Universidad Central de Venezuela²⁸¹. Foram quinze equipes no total. São Paulo contou com quatro representantes, o que é explicável, considerando a sede do torneio. Há participantes da região Sul (PR), Sudeste

²⁷⁹ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Estrutura Político-Administrativa e Social. 19 abr. 1985. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/EEE/85016852/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_85016852_d0001de0001.pdf Acesso em: 7 mar. 2022.

²⁸⁰ Só para o campeão. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 4 ago. 1984, p. 4.

²⁸¹ Radar dá goleada na estréia. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 15 out. 1984, p. 8.

(MG, RJ), Nordeste (PE, PB, BA) e Centro-Oeste (GO), faltando apenas a representação da região norte. Contudo, há a participação de uma equipe venezuelana, representando países estrangeiros – o plano inicial era ter agremiações de quatro países, o que acabou não acontecendo. O *Jornal do Brasil* noticiou o campeão: o Radar, com 29 gols feitos e apenas 1 sofrido, de pênalti²⁸². Campanha bem vitoriosa.

Os clubes de São Paulo foram extremamente relevantes durante essa primeira fase e já revelam o novo patamar do futebol de mulheres pós-regulamentação: ocupando espaços dos clubes antes negados e também de estádios e campos profissionais também vetados anteriormente. Romeu de Castro, dirigente esportivo, foi um dos personagens dessa história e compartilhou em suas redes sociais um pouco do seu acervo e relato sobre esse contexto. No aniversário de 111 anos do Guarani Futebol Clube ele publicou uma foto do time de mulheres e pontuou o pioneirismo da agremiação em investir na modalidade. Complementou com a informação sobre a conquista do I Título do Interior em 1983. Alguns meses depois fez outra postagem celebrando 40 anos de atuação na “gestão do futebol feminino”, que teria iniciado justamente no Guarani em 1982. Segundo Romeu: “daqui [do Guarani] brotaram as raízes para as equipes do Saad, São Paulo e Palmeiras entre os anos 80 e 90”²⁸³.



Figura 9 - Time e equipe técnica do Guarani. Fonte: Acervo pessoal Romeu de Casto. DE CASTRO, R. “111 anos do Guarani FC. Hoje o Bugre Campineiro completa 111 anos de fundação! O clube foi um dos pioneiros do futebol feminino, tendo conquistado o I Título do Interior em 1983. Abaixo as meninas e o staff técnico da nossa primeira equipe na competição.” 2 abr. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1510272523665133573> Acesso em 6 mar. 2023.

²⁸² MOREYRA, Sandro. Bola Dividida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 out. 1984, p. 29.

²⁸³ DE CASTRO, R. “Completamos 40 anos de atividades a gestão do futebol feminino, jornada iniciada no Guarani de Campinas em 1982. Daqui brotaram as raízes para as equipes do Saad, São Paulo e Palmeiras entre os anos 80 e 90, somando 9 títulos nacionais, e a própria gestão da Seleção Brasileira.” 20 jun. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1538987130013327360> Acesso em 6 mar. 2023.

A fotografia mostra uma equipe jovem, formada em sua maioria por mulheres brancas. Os homens aparecem como integrantes da equipe técnica. A pose delas é interessante e contrasta com as representações midiáticas discutidas acima. Aqui elas não se encontram no papel de “musas”, não há fotos de biquíni ou calcinha, elas estão todas uniformizadas (uniforme de um time tradicional do futebol brasileiro) dentro do gramado. Fazem uma pose usual de equipes de futebol, algumas integrantes agachadas e outras de pé com os braços cruzados. A bola não é um elemento meramente decorativo, mas pertence àquele time, duas jogadoras tocam nela. O uniforme do Guarani é do modelo da Adidas de 1982, com gola V e detalhe na manga em branco, mas o símbolo é do uniforme de 1983. Eles também não parecem “sobrar” ou ficar largos para as atletas. É possível inferir que, diferente de outras ocasiões e equipes, elas não reutilizavam os uniformes dos homens, mas usavam os seus próprios.

Importante considerar essas informações e imagem como componentes do acervo pessoal de um dos sujeitos históricos envolvidos no processo, ou seja, compreender essa memória como uma fonte histórica. De Castro se coloca nos tuítes postados como gestor do futebol feminino e personagem importante no desenvolvimento da modalidade, inclusive conecta títulos nacionais e a Seleção Brasileira com essa gestão, e utiliza a primeira pessoa do plural para se referir a essas atividades (“completamos”), mas não fica claro quem faria parte desse “nós” além dele. O dirigente também conecta a história do Guarani com a do Saad Esporte Clube: “Iniciamos o futebol feminino no Saad em 84, assumindo toda a equipe que pertencia ao Guarani de Campinas! O clube foi uma das principais referências do continente por três décadas...”²⁸⁴

Joras corrobora essa narrativa ao contar da dissolução da equipe de Campinas graças às dificuldades financeiras para a manutenção das atletas e funcionamento do time. Romeu de Castro e Mara Villa Boas contataram Felício José Saad, empresário e presidente do Saad na época, buscando soluções. Felício, além de conselheiro do São Paulo Futebol Clube, havia criado o Saad Esporte Clube em 1961 para proporcionar lazer aos funcionários de suas empresas. O clube também possuía uma equipe de futebol de homens e aceitou desenvolver um Departamento de Futebol de Mulheres, iniciado efetivamente em 1985²⁸⁵.

²⁸⁴ DE CASTRO, R. Iniciamos o futebol feminino no Saad em 84, assumindo toda a equipe que pertencia ao Guarani de Campinas! O clube foi uma das principais referências do continente por três décadas...”²⁸⁴ 20 mar. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1505650220817952773> Acesso em: 6 mar. 2023.

²⁸⁵ JORAS, P. S. “**CONHECER PARA RECONHECER**”: O futebol de mulheres e a trajetória de Maria Ivete Gallas. 136 f. 2020. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020, p. 74-75.

Rapidamente o Saad começou a se destacar no cenário regional e nacional. Foi um dos times mais relevantes da modalidade nessa primeira fase, sobretudo, nos anos 1990 quando conquistou inúmeros títulos. Joras destaca os torneios vencidos pelo Saad nessa época: vice-campeão do Mundialito de Clubes (1986), vice-campeão da Taça Brasil (1993), campeão do Troféu Comitê Olímpico Internacional (1993, 1994, 1995), campeão do 1º Circuito Paulista (1994), campeão I Torneio Internacional do Distrito Federal (1994), campeão da Taça São Paulo (1990 a 1995), campeão do Campeonato Brasileiro (1996). A equipe masculina foi encerrada em 1989, porém, a de mulheres permaneceu e alçou o Saad ao alto patamar do futebol brasileiro²⁸⁶.

A estrutura do clube era um diferencial significativo. Em um contexto de intensa precarização, o Saad possuía primeiramente um Centro de Treinamento em Campinas e depois houve a mudança para um centro melhor em Indaiatuba. Felício era próximo do então prefeito, Flávio Tonin, e firmou-se um convênio entre o clube e a prefeitura. O Saad, em 1994, fornecia às suas jogadoras “ajuda de custo de três a seis salários-mínimos, vale transporte, alojamento, alimentação, assistência médica e odontológica”²⁸⁷. A informação foi publicada no Correio Brasiliense e não há maiores detalhes ou se valia para todas as jogadoras, ou como era decidido quem ganharia mais ou menos. Mas sobre a infraestrutura do Saad, Maravilha conta:

O Saad em São Paulo tinha uma estrutura muito boa, em termos de nível nacional de futebol feminino. Era a única equipe que ficava com os treinos regulares, mesmo não tendo competição a gente continuava treinando. A gente morava numa chácara, tinha piscina, sauna, um pomar grande, dois lagos, um campinho de futebol, menor do que de futsal, mas tinha. Era um espaço que a gente tinha para treinar. Infelizmente, a gente corria em ladeiras, corria toda torta e acabou trazendo várias lesões para as atletas. O campo que a gente treinava era muito reduzido. O dia que a gente ia para uma competição oficial, que era um campo grande, a gente sentia muita dificuldade.²⁸⁸

Mesmo com problemas, como gramado pequeno ou necessidade de correr em ladeiras, as condições estruturais do Saad eram diferenciadas perante a realidade do futebol de mulheres desse contexto. O clube também se destacou por investir em categorias de base, inclusive, com passagem de muitas jogadoras importantes, como Emily Lima e Juliana Cabral, e no futebol de salão, pois havia mais campeonatos para disputar, muitos organizados pela própria Federação Paulista. Se recorrermos às memórias de Romeu de Castro são ressaltados momentos relevantes do time. Tais memórias possuem uma perspectiva afetiva e também de exaltação dos fatos do clube. Ele postou em seu perfil da rede social fotografias de elencos do Saad em diferentes

²⁸⁶ Ibidem, p. 78.

²⁸⁷ Ibidem, p. 76.

²⁸⁸ WAHLBRINK, Marlisa. **Marlisa Wahlbrink (Maravilha)**: entrevista [4 set. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos. Porto Alegre, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139748/000991152.pdf>

momentos: partida da Taça Brasil de 1986²⁸⁹; jogo preliminar no Morumbi, na final do Campeonato Paulista de 1987²⁹⁰; jogo preliminar também no Morumbi na decisão da Copa Paulista em 1993²⁹¹. São fotografias das jogadoras como jogadoras, uniformizadas e antes de entrar em campo e saudando os torcedores.



Figura 10 - Time do Saad no Estádio do Morumbi. Fonte: Acervo pessoal de Romeu de Castro.

De Castro afirmou na postagem: “Em 1993, 88.644 pagantes apoiaram as meninas do Saad na conquista da Copa São Paulo, na preliminar de Palmeiras x Vitória”. É relativo creditar o público de quase 90 mil pessoas especificamente para o jogo entre Saad e Mogi das Cruzes para decidir a Taça São Paulo de 1993, afinal de contas, os torcedores estavam lá

²⁸⁹ Nosso objetivo não é mostrar uma verdade como contraponto à memória apresentada, apenas agregar mais informações. Na postagem se afirma que aquele jogo é de 1986 em Brasília contra o Internacional. Contudo, de acordo com fontes da imprensa, a Taça Brasil em Brasília foi realizada em 1987. A dissonância de dados é uma das marcas do futebol de mulheres, pois muitas vezes eles estão fragmentados e esparsos, quando não contraditórios. De toda forma, o Saad jogou tanto a edição de 1986 quanto a de 1987 (assim como o Internacional, adversário citado). DE CASTRO, Romeu. “O SAAD NA TAÇA BRASIL DE FUTEBOL FEMININO DE 1986. Breguê, Ligeirinha, Romeu, Ruth, Mara, Sueca, Cristina Zonaro, Marlova, Kátia e José. Abaixo: Lúcia, Simone, Tafarel, Formiga, Tuca, Cloda e Adriana Bebeto. Grupo do Saad EC na vitória por 4x0 diante do Internacional/RS no DF”. 25 jul. 2020. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1287063363961401344> Acesso em: 7 mar. 2023.

²⁹⁰ DE CASTRO, R. Em 1987, as finais do Campeonato Paulista Feminino foram disputadas nas preliminares da versão masculina. Saad e Juventus jogaram para 109.474 torcedores no Morumbi. Recorde absoluto para a modalidade. Na foto, o elenco do Saad com o saudoso árbitro Olten Ayres de Abreu.” 12 set. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1569429313975455744> Acesso em: 7 mar. 2023.

²⁹¹ DE CASTRO, R. “O Estádio do Morumbi foi palco de grandes jogos do Futebol Feminino. Em 1993, 88.644 pagantes apoiaram as meninas do Saad na conquista da Copa São Paulo, na preliminar de Palmeiras x Vitória. O jogo teve transmissão pela Band em TV aberta, com grande repercussão”. 12 set. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1569425577093828613> Acesso em: 7 mar. 2023.

primordialmente para ver a final do Campeonato Brasileiro masculino entre Palmeiras (2) e Vitória (0), ocorrida em 19 de dezembro. De toda forma, a preliminar possibilitou que muitas pessoas acompanhassem a partida delas e tivessem maior contato com a modalidade, a qual buscava visibilidade e consolidação naqueles anos. As preliminares eram comuns naquela época, segundo De Castro: “As preliminares aconteceram de 1983 a 1988 principalmente. Em 1986 a gente teve uma fase final inteira do Paulista feminino realizada na preliminar do quadrangular final do Paulista masculino, sempre com público superior a 80 mil pessoas”²⁹².

Além da visibilidade, as preliminares possibilitavam às mulheres ocuparem estádios prestigiosos e vivenciarem a experiência de arquibancadas lotadas. Na imagem acima, vemos o Morumbi repleto de gente, a torcida palmeirense compareceu em peso e se vê as faixas alviverdes e as bandeiras das torcidas organizadas. Enquanto as jogadoras estão de braços levantados saudando os torcedores, as bandeiras seguiram erguidas, sinalizando animação. Por mais que todo o arsenal das torcidas não fosse para o jogo delas, as celebrações não minguaram enquanto as futebolistas estavam em campo. Animação que também aparecia nos sorrisos das jogadoras nesse momento. Novamente todas uniformizadas, de chuteira e meião e inseridas no espaço que tanto lutaram para ocupar: o gramado.

O Clube Atlético Juventus foi outra equipe fundamental para o futebol de mulheres de São Paulo durante essa primeira fase. De acordo com Suzana Cavalheiro, ela foi chamada para compor o setor defensivo da nova equipe juventina, que começava a se estruturar e também



Figura 11 - Time de mulheres do Juventus. Fonte: JUVENTUS FUTEBOL FEMININO. "Você sabia que o Juventus é o 1º Campeão Paulista de Futebol Feminino? Em 1987, a PPF organizou o primeiro Campeonato Paulista e as campeãs foram nossas Juventinas! Além disso, das 24 edições do campeonato, a equipe do Juventus esteve presente em 21." 23 jul. 2020. Twitter: @juventusfutfem. Disponível em: <https://twitter.com/juventusfutfem/status/1286366106408701953> Acesso em: 7 mar. 2023.

²⁹² MENDONÇA, R. Por que Corinthians x Fla Feminino não pôde ser preliminar do masculino? **Dibradoras**, São Paulo, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2019/07/22/por-que-corinthians-x-fla-feminino-nao-pode-ser-preliminar-do-masculino/> Acesso em: 7 mar. 2023.

teve muitas jogadoras oriundas da ADPM. No Juventus, assim como no Saad, havia uma estrutura mais adequada. A equipe treinava regularmente, ocupavam os campos cedidos pelo próprio clube, recebiam atendimento médico e de fisioterapeutas, ajuda de custo, transporte e hospedagem nas viagens para disputar jogos e campeonatos. A comissão técnica ainda contava com três mulheres: a diretora Luci, a preparada física Malta de Freitas e a roupeira Aninha²⁹³. No mesmo elenco de Suzana Cavalheiro jogava Magali Fernandes, histórica treinadora do Juventus e que revelou inúmeras craques nas décadas seguintes (como Tamires, Erika, Cris Rozeira, Andressa Alves), em outra fase do futebol de mulheres no Brasil.

A imagem acima foi postada em um perfil de rede social que busca acompanhar o futebol de mulheres do Juventus atualmente, mas faz algumas postagens de memória histórica como essa. Como é um perfil voltado para o clube há sempre um tom de orgulho e exaltação dos feitos. Mas em uma modalidade com grandes dificuldades para resgatar a sua história é uma postagem importante. De fato, uma das grandes conquistas do Juventus foi o Campeonato Paulista de 1987. Sobre ser o primeiro, esbarra-se novamente na dissonância de informações que permeia o futebol de mulheres. O torneio de 1987 é o primeiro reconhecido pela Federação Paulista de Futebol. O jornal *A Tribuna* ao informar sobre a programação televisiva noticiou: “E hoje, às 14 horas, haverá preliminar de futebol feminino, entre Paulistano e Juventus, jogo que abre a primeira copa oficializada pela Federação”²⁹⁴.

Contudo, há registros de torneios tidos como estaduais anteriormente: “a equipe de futebol feminino do Santos perdeu por 2 a 1 para a Ponte Preta, na Vila Belmiro. Na preliminar, a equipe do Juventus derrotou a do Savoy, de Guarujá, por 8 a 0. O Juventus será o próximo adversário do Santos pela terceira fase do Campeonato Paulista de Futebol Feminino.”²⁹⁵ A matéria é acompanhada por uma fotografia do jogo entre Juventus e Savoy, uma disputa de bola entre as jogadoras. Nota-se, assim, a existência de um campeonato estadual anterior a 1987, mesmo que não chancelado pela federação, e se identificam outros times, como o Savoy, Santos e a Ponte Preta, e estádios tradicionais utilizados, como a Vila Belmiro. No mês anterior *A Tribuna* já tinha noticiado um jogo do Santos pelo “Campeonato Estadual” dessa vez contra o Unidos de Vila Andrade, no campo do ECC Tatuapé²⁹⁶.

Voltando ao Juventus, o clube enfrentou problemas:

Sobre o Juventus, uma coisa que para mim até hoje é algo que me incomoda é o fato de estarmos invictas por muito tempo dentro de um clube e para abafar um caso de

²⁹³ GOELLNER, S. CABRAL, J., 2022, p. 131.

²⁹⁴ TV vai mostrar o quadrangular. *A Tribuna*, Santos, 15 ago. 1987, p. 15.

²⁹⁵ O Santos sai na frente mas termina derrotado pela Ponte. *A Tribuna*, Santos, 25 jun. 1984, p. 12.

²⁹⁶ Santos FC. *A Tribuna*, Santos, 8 jul. 1987, p. 15.

desvio de verba acabaram com o time e ninguém conseguiu reverter isso. Essa situação para mim foi extremamente desrespeitosa com as personagens que faziam parte dessa história.²⁹⁷

O relato é de Suzana Cavalheiro e demonstra novamente a inconstância do futebol de mulheres, sobretudo, nessa primeira fase. Os projetos, mesmos aqueles vitoriosos e que angariavam maior estrutura, poderiam ser descontinuados abruptamente e muitas vezes o encerramento nem estava ligado com o futebol de mulheres em si. Mas eram, principalmente, as jogadoras que sofriam as consequências. Ficavam sem local para jogar e precisavam procurar outro time, o que tinha efeitos financeiros e nas condições materiais e também prejudicava os laços de sociabilidade que muitas delas haviam construído dentro daquela equipe, pois se afastam das companheiras de clube, algumas poderiam até não seguir no futebol, encerrando a carreira.

O Rio de Janeiro é outro estado importantíssimo no desenvolvimento do futebol de mulheres e se destaca durante essa primeira fase. Um bom local para compreender o início desse processo é a praia, mais especificamente, a praia de Copacabana. Na virada da década de 1970 para 1980, de maneira espontânea e orgânica, um grupo de garotas da região começaram a jogar bola nas areais da praia, a brincadeira cresceu e se tornou uma prática organizada. Vários times passaram a se formar e eram denominados a partir dos nomes das ruas do bairro (e de outros bairros da Zona Sul carioca) e outros locais da cidade: Prado Junior, Ronald de Carvalho/Lido, Paula Freitas, Constante Ramos, Bairro Peixoto etc. O futebol de areia das “meninas” (as jogadoras eram em sua grande maioria jovens) cresceu e os campeonatos chamavam a atenção do público, da mídia e de marcas locais. Um exemplo era a grife de roupas America Denim que decidiu “adotar” e patrocinar um time, que possuía o mesmo nome da marca²⁹⁸.

Helena Pacheco conta que os times eram compostos por 11 jogadoras e a maioria ainda tinha 9 reservas. Ou seja, não era o padrão do chamado *beach soccer* com 5 jogadores, emulava-se a quantidade de atletas do futebol de campo. A treinadora e ex-futebolista jogava pelo Clube Federal, com sede no Leblon, e acrescenta que os uniformes tinham os nomes gravados nas camisas, havia divulgação na imprensa das partidas e as vezes até transmissão na televisão, a torcida comparecia e se empolgava. Primeiro, os organizadores propuseram utilizar a bola de vôlei, por ser mais leve e se adequaria mais às mulheres, contudo, Helena conta: “Logo que

²⁹⁷ GOELLNER, S. CABRAL, J., 2022, p. 131.

²⁹⁸ ALMEIDA, C. Nas praias e nas várzeas: o movimento de retorno do Futebol Feminino entre os fins da década de 1970 e início de 1980. In: KESSLER, C.; DA COSTA, L.; PISANI, M. da S. (org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

começou o campeonato a gente pediu uma bola mais pesada, porque a de vôlei a gente chutava e ela ia quase até a água. Daí mudaram para bola de futebol normal”²⁹⁹. Seu depoimento também agrega um elemento sobre a proibição e regulamentação do futebol de mulheres:

Era um proibido esquisito, eu tenho fotos do futebol de areia em Copacabana, tinha arquibancada e muitas pessoas assistindo ao futebol feminino. Sinceramente, eu nem sabia que era proibido, eu só fiquei sabendo quando fui estudar futebol na faculdade. Nunca aconteceu de alguém nos proibir de jogar. Foram dois anos seguidos jogando na praia, então, é muito louco isso!³⁰⁰

Pela sua fala recorda-se que a proibição nesse contexto – já mais próximo da regulamentação – possuía certa flexibilidade se as mulheres estivessem praticando em espaços como praias e parques, pois estaria no âmbito somente do lazer, sem uma preocupação profissional ou ocupando espaço dentro dos clubes e estádios do alto rendimento. Helena ainda comenta sobre as arquibancadas cheias. O *Jornal dos Sports*, em 1982, trouxe uma notícia sobre a final do *Coppertone Open*, um dos campeonatos ocorridos nas areias de Copacabana. O jogo foi entre o Clube Federal e o Radar, segundo o periódico, os maiores rivais. O Radar saiu vitorioso por 3x1 e a competição contou com 350 inscritas. O número elevado não era apenas de jogadoras, as arquibancadas para o jogo da final contaram com 8 mil presentes. Pelezinha, fez o terceiro gol e comentou: “O público foi muito bom e confesso que fiquei emocionada com os aplausos quando marquei aquele gol. Tomara que a torcida continue comparecendo em massa”³⁰¹. Não foi possível confirmar as 8 mil pessoas citadas, contudo, parece-me inegável a existência de uma torcida significativa nesses jogos de futebol de areia.

O Esporte Clube Radar já foi mencionado mais de uma vez ao longo deste capítulo. Não à toa. É um dos grandes times dessa primeira fase do futebol de mulheres brasileiro após a regulamentação e sem dúvida, o mais vitorioso. Por isso também é dos mais famosos e há uma maior produção acadêmica sobre. Com destaque para a dissertação de Almeida: “*BOAS DE BOLA*”: *Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. Por isso não me estenderei tanto aqui acerca dessa agremiação. Mas vale ressaltar algumas informações e partirei, sobretudo, da produção de Almeida, acrescentando outras fontes primárias. O Esporte Clube Radar foi criado ainda em 1932, já a equipe de mulheres foi fundada em 1981, pelo dirigente Eurico Lyra Filho. Eurico era advogado e anteriormente responsável pelo time de praia Belfort Roxo/Gang e se envolvia na organização daqueles

²⁹⁹ GOELLNER, S.; CABRAL, J., 2022, p. 189.

³⁰⁰ Ibidem.

³⁰¹ Radar, campeão do Open, já é apontado como favorito. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro 8 mar. 1982, p. 8.

campeonatos. Na criação do elenco, muitas jogadoras vieram do America Denim, assim como o treinador Almir³⁰².

Eurico foi um personagem importante tanto para o Radar quanto para o futebol de mulheres nesse contexto. Como dirigente do seu time inovou ao conseguir parcerias e patrocinadores, como Le Coq Sportif, Unibanco, Banerj, Mondaine, Penalty, Pão de Açúcar. Na já citada matéria da Placar, “O charme vai a campo”, Eurico foi chamado de “cartola, pai e técnico”³⁰³. Almeida relata a formação de uma rede de ajuda estabelecida por ele, através da qual ajudava as jogadoras, a mobilização da sua rede pessoal de contatos para garantir facilidades, além de impressionar as atletas nas viagens com presentes, passeios e jantares³⁰⁴. Tomadas as especificidades de cada um, Eurico e Michelinho, do Flamengo de Feira, eram semelhantes, pois estabeleciam essa ligação paternalista e de reciprocidade com as suas futebolistas. Controvérsias e diferentes opiniões sobre o dirigente do Radar também não faltavam. De toda forma, possuía um projeto claro não só para a sua equipe, mas para a modalidade. O plano era ter times, competições, depois um calendário estabelecido até o desenvolvimento de uma Seleção Brasileira de mulheres.

O plantel recebia moradia, principalmente, aquelas vindas de fora da cidade, ajuda de custo e/ou salário, os custos de viagens eram pagos, uniformes, transporte. Os treinos eram realizados ou no campo da empresa de energia Light ou nos campos do CEFAN/Marinha. O Radar também possuía a sede do clube, em Copacabana mesmo, com piscinas, fisioterapia e musculação. O elenco, sempre atualizado e com a maioria das craques daquela época, era formado através de convites diretos às jogadoras ou entre os dirigentes dos clubes. A assessoria e apoio para realizar possíveis mudanças também ficava a cargo do time.³⁰⁵ Além de multi campeão estadual e nacional (hexacampeão da Taça Brasil), o Radar viajava bastante para a disputa de amistosos e campeonatos, inclusive, fora do país. Eurico era peça chave na organização das viagens, partidas e torneios.

Helena Pacheco contou da sua participação nas viagens para o Chile, em 1983, onde disputaram três jogos em Santiago e depois embarcaram para os EUA, onde jogaram em Miami e Orlando com equipes universitárias³⁰⁶. A goleira Meg relatou sobre a viagem para a Espanha no ano anterior:

³⁰² ALMEIDA, C., 2013, p. 72.

³⁰³ ECHEVERRIA, R. O charme vai a campo. **Revista Placar**, São Paulo, 14 jul. 1984, p. 26.

³⁰⁴ ALMEIDA, C., 2013, p. 74.

³⁰⁵ Ibidem, p. 115-117.

³⁰⁶ GOELLNER, S.; CABRAL, J., 2022, p. 189.

Em 1982 teve o campeonato mundial de futebol masculino na Espanha. Aquela “puta” seleção que a gente tinha e acabou saindo fora. Ele [Eurico Lyra] falou: “Eu vou fazer uma seleção e vou fazer uma equipe a gente vai para a Espanha jogar futebol de campo” (...) E nós fomos... Eurico tinha muita entrada, nós fomos ao hotel da Seleção Brasileira, a gente só ficou em lugar bom. Era um campeonato em paralelo, que a gente foi jogar o torneio e a gente assistiu jogos pela televisão, assistiu o primeiro jogo³⁰⁷.

Logo no início da formação da equipe de futebol de campo já foram disputar jogos internacionais aproveitando o embalo da Copa do Mundo dos homens. A fala também corrobora a visão de Eurico como um dirigente com uma rede de contatos e mobilização para possibilitar as viagens do time. Lembro ainda da ida do Radar ao Suriname, na mesma viagem que realizaram o amistoso com a Seleção do Pará, em 1984. Mas 1986 foi um ano significativo para as excursões internacionais da equipe carioca. O jornal O Globo noticiou: “Durante a Copa do Mundo, o Radar esteve no México e obteve três vitórias: sobre o Canadá, por 16 a 0; a seleção de Guadalajara, por 4 a 0; e o México, por 3 a 0”³⁰⁸. Além do México o Radar também foi para a Itália em agosto daquele ano e disputou dois torneios.

Regressou ao Brasil como campeão do 4º Mundialito de Clubes, conforme nomeado pela Placar³⁰⁹, ou 4º Mundialito de Clubes Campeões de Futebol Feminino, segundo O Globo³¹⁰, realizado em Tortora. Venceu o Bayern de Munique, campeão alemão, por 4x1, três gols de Cenira, escolhida como melhor da partida, e um de Roseli³¹¹. Além disso, de acordo com a Placar, houve em Jesolo, um torneio de Mundial de Seleções e o Radar representou o Brasil ficando com o terceiro lugar. Perderam para os EUA por 2x1, a mesma equipe que tirou o título das cariocas no Mundialito disputado em Cabo Frio em 1985³¹². Entre as duas competições, ainda enfrentou a Itália e venceu por 2x1. A reportagem da revista também comenta sobre os anseios de Eurico Lyra: “Mas os sonhos de Eurico Lyra estão mesmo voltados para 1988, quando a FIFA pretende organizar a Copa do Mundo de Futebol Feminino, no Japão”³¹³.

O Radar estabeleceu uma hegemonia no futebol brasileiro dos anos 1980, contudo, a equipe não continuou existindo na década seguinte. O Jornal dos Sports em uma reportagem de

³⁰⁷ PIORESAN, Margarete Maria. **Margarete Maria Pioresan (Meg)** entrevista [8 set. 2015]. Entrevistadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Suélen de Souza Andres. Salvador, 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201272/001103747.pdf> Acesso em: 20 set. 2022.

³⁰⁸ Radar viaja para jogar o Mundialito. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jul. 1986, Matutina, Esportes, p. 22.

³⁰⁹ CARVALHO, M. C. Conquistando o mundo. **Revista Placar**, São Paulo, 25 ago. 1986, p. 70.

³¹⁰ Radar conquista torneio da na Itália. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1986, Matutina, Esportes, p. 32.

³¹¹ Radar conquista torneio da na Itália. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1986, Matutina, Esportes, p. 32.

³¹² Meg em entrevista para Almeida também citou esse Mundialito ocorrido em Cabo Frio. Sem dúvida tais torneios são um tema de pesquisa para se aprofundar, sobretudo, por essa conexão com outros países.

³¹³ CARVALHO, M. C. Conquistando o mundo. **Revista Placar**, São Paulo, 25 ago. 1986, p. 70.

página inteira sobre a estreia da VI Taça Brasil, em 1989, com uma goleada das cariocas em cima do Saad por 5x0, entrevistou Eurico Lyra sobre as perspectivas futuras do time e a resposta foi justamente na direção do encerramento das atividades: “Esta pode ser a solução para o futebol feminino brasileiro. Se o Radar acabar, suas jogadoras atuarão, em outros clubes. Com isso, haverá maior equilíbrio entre as equipes”³¹⁴. É complexo creditar apenas um motivo para o fim de um time, contudo, o time realmente acabou, o que não deixa de reiterar uma característica já citada aqui do futebol de mulheres: a inconstância. Mesmo grandes equipes têm seus projetos interrompidos, o que abala o desenvolvimento da modalidade.

Se o Radar foi o grande time carioca dos anos 1980, o Club de Regatas Vasco da Gama foi o dos anos 1990. Também com grande projeção nacional, inúmeras vitórias e títulos e elencos com várias das grandes jogadoras da época. A treinadora Helena Pacheco foi uma das grandes responsáveis pela trajetória de sucesso. Após se destacar no comando da equipe de futsal Country Club foi convidada a assumir o time de São Januário. Eurico Miranda – mais um dos dirigentes com uma relação complexa com a modalidade – decidiu que o futebol de salão não era suficiente, ele queria uma equipe de campo e concretizou esse plano. Entre 1992 e 2001, o Vasco, sob a coordenação de Helena, ganhou a alcunha de “time invencível” e foi celeiro de muitas atletas, como Pretinha, Kátia Cilene, Cebola, Marta etc.

Havia uma boa estrutura, destaque para a época, e a comissão técnica tinha nove pessoas: médica, nutricionista, supervisora, profissionais de Educação Física, preparador de goleiras, preparador físico e auxiliar técnico. O projeto funcionou tanto que foram criadas as categorias de base. Passo importante para o futebol de mulheres. Contudo, sobrecarregava Helena Pacheco que precisava dar conta da equipe principal, das categorias de base e mais as questões burocráticas e administrativas, inclusive com a Federação. Além de precisar pressionar Eurico Miranda para o recebimento de verbas³¹⁵.

O Vasco, de acordo com a revista *Manchete*, conseguiu um patrocínio da prefeitura do Rio de Janeiro no valor de R\$12000,00 em 1996³¹⁶. A goleira Meg também falou sobre o assunto: “O primeiro patrocínio profissional que o Vasco deu, então foi legal. Cheguei e começamos a jogar com a camisa do Vasco, o primeiro patrocínio escrito ‘Eu amo o Rio’, a prefeitura deu o primeiro patrocínio”³¹⁷. Meg conta que graças a essa verba conseguiu sair de

³¹⁴ Time acaba para ajudar esporte. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 9 jan. 1989, p. 5.

³¹⁵ GOELLNER, S.; CABRAL, J., 2022, p. 193-194.

³¹⁶ RAMALHO, C. Futebol é coisa de moça. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1996, p. 79.

³¹⁷ PIORESAN, Margarete Maria. **Margarete Maria Pioresan (Meg)** entrevista [8 set. 2015]. Entrevistadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Suélen de Souza Andres. Salvador, 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201272/001103747.pdf> Acesso em: 20 set. 2022

outros dois lugares nos quais trabalhava, pois passou a receber do clube um dinheiro suficiente para se manter. Leda Maria também atuou pelo clube cruz-maltino e relata a sua experiência:

Esse Vasco... É o Vasco da emoção! Então, não sou vascaína, sou flamenguista roxa de doer, mas não tem como eu não ter gratidão pelo clube que me projetou, né? E me colocou na vitrine. Maior ali do futebol de mulheres. Foi através do Vasco que consegui chegar na seleção Brasileira. Nós tínhamos uma equipe, acho que 90% de mulheres. E era tiro. Desculpa a expressão: era tiro, porrada e bomba para cima da gente o tempo todo, porque Helena era assim “A” treinadora. A melhor que a gente teve na época. Então, a gente sempre chegava em finais de campeonato. O Vasco sempre deu uma estrutura para a gente. Depois de 93, teve a primeira Copa Brasil de campo. Foi quando a gente venceu, eu nem fui. Então, o Vasco sempre deu estrutura para gente de treinamento, de salário, de uniforme, é... de alimentação, de estadia, de tudo, de tudo. Então não tem nada para falar absolutamente do Vasco. Só ser muito feliz e grata por ter feito parte desse Vasco de 1990. Porque teve uma época que o Eurico Miranda, Papai do céu o tenha, também não sei aonde ele vai estar... Era complicado lidar com o Eurico Miranda, mas ele fazia de tudo para que o nome do Vasco tivesse sempre no topo. Então, tudo o que ele podia fazer pelo futebol feminino ele fazia. A gente sempre treinou em bons campos. A gente sempre teve as melhores quadras para treinar, melhor estrutura, né? E sempre com o apoio dele, mas com as mulheres que nós tínhamos no Vasco. Era Helena como treinadora e a Carmen, que era coordenadora, duas vascaínas roxas e sempre lutaram por boas condições, né? Pra gente estar ali sempre, sempre brigando nas melhores posições nos campeonatos.³¹⁸

Relato emocionante de uma flamenguista grata com o Vasco e nos traz percepções importantes sobre a agremiação. Primeiro, o protagonismo das mulheres, tanto na composição da equipe, quanto na sua gestão, destacando bastante as qualidades da Helena Pacheco e junto com Carmen Iglesias, a luta por melhores condições. As idiosincrasias de Eurico Miranda também são recordadas: “complicado de lidar” mas que fazia tudo que podia pelo futebol de mulheres vascaíno. A boa estrutura do clube também é ressaltada, nos quesitos de espaços para treinamento e jogos, alimentação, uniforme, salário. Tudo isso se configura como condições de trabalho, o que é fundamental para o desenvolvimento da modalidade e para o bem-estar e qualidade de vida das jogadoras.

Sobre os títulos e conquistas vascaínas, Helena recordou os títulos nacionais de 1993, 1994 e 1998 e os estaduais de 1996, 1997, 1998 e 1999³¹⁹. Um perfil de torcedores em sua rede social ainda acrescentou mais um título carioca, em 2000, e o bicampeonato do Torneio Início em 1999 e 2000³²⁰. Busquei cruzar os dados citados pelo perfil de torcedores, considerando-os parte de uma construção coletiva de memória, com outras fontes. Inicialmente fui no site oficial

³¹⁸ DE ABREU, Leda Maria. **Leda Maria de Abreu**: entrevista [23 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rio de Janeiro, 2022. Documento digital (1h30). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

³¹⁹ GOELLNER, S.; CABRAL, J., 2022, p. 193.

³²⁰ ESTUDE VASCO. “[Maior era do Feminino]. Pretinha e cia (1993-2000). 64 jogos (encontrados); 54 vitórias; 4 empates; 6 derrotas; 241 gols feitos; 30 gols sofridos. Tricampeãs Brasileiras (1993, 1994, 1998). Pentacampeãs cariocas (1996-2000). Bicampeãs do Torneio Início (1999 e 2000). 6 ago. 2022. Twitter: @EstudeVasco. Disponível em: <https://twitter.com/EstudeVasco/status/1556106184398180352> Acesso em: 20 set. 2022.

da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), contudo, as informações disponíveis sobre estaduais consideram apenas a partir de 2007. No site do próprio Vasco da Gama há um local dedicado ao futebol feminino, com os seguintes tópicos: Elenco; Comissão Técnica; Guia de Partidas do Feminino; Títulos. Porém, ao clicarmos em qualquer um deles, o site direciona novamente para a página inicial. Impossibilitando o acesso a tais páginas e informações. Apenas para fins comparativos, esses dados referentes ao time de homens estão disponíveis. Mas se acessar a página da história do futsal vascaíno são elencados também os títulos das mulheres: Torneio Internacional/Copa da Amizade (2000); Campeonato Brasileiro (1987 e 2003); Campeonato Carioca (1991, 1992, 1993 e 1994)³²¹. Lembramos que a equipe de mulheres do futebol campo também atuava no futebol de salão.

Apesar da trajetória vitoriosa o ano de 2001 marcou o encerramento dessa equipe vascaína. A explicação foi a falta de dinheiro para a sua manutenção. Começou com pagamentos atrasados para as jogadoras e comissão técnica. O que incomodava imensamente Helena Pacheco. A treinadora tentou lutar ainda pela continuidade das categorias de base, mas também não foi possível. No meio desse contexto, Eurico Miranda veio com a proposta de contratar três jogadoras de nível de Seleção Brasileira para a disputa do campeonato nacional. Helena discordou fortemente: “Eu não vou dirigir um time que não recebe, eu não me incomodo de não receber, eu assumi um compromisso e vou até o final com ele, mas elas precisam receber!”. Após a disputa dos campeonatos nacional e estadual, Helena se demitiu³²².

Mas o futebol carioca não se restringia somente a esses dois times nessa primeira fase. O Bangu Atlético Clube também possuía uma equipe e travou alguns duelos significativos com o Radar, sobretudo, na época de Castor de Andrade. O Globo, em 1986, fez uma reportagem sobre a Associação Atlética Portuguesa, que iniciou seu elenco de mulheres em 1983. No mesmo ano disputou o estadual e ficou com a terceira colocação. De acordo com o diretor Clóvis Libânio, a Portuguesa investia, em 1986, Cz\$30000,00³²³ mensais para dar conta de uniforme, chuteiras, transporte e alimentação no intervalo dos jogos³²⁴. Pela fala infere-se que as jogadoras só recebiam essa ajuda de custo e os materiais esportivos. Identificam-se também os times do América e Anchieta.

³²¹ Futsal-História. Club de Regatas Vasco da Gama. Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/futsal-historia/> Acesso em: 20 set. 2022.

³²² GOELLNER, S.; CABRAL, J., 2022, p. 195.

³²³ Naquele ano o salário mínimo estava em Cz\$804,00.

³²⁴ Futebol feminino vence preconceito. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 set. 1986, p. Matutina, Jornais de Bairro, p. 17.

Além de registrar algumas equipes dessa primeira fase pós regulamentação, cabe abordar os campeonatos que estavam disputando. Citei acima alguns estaduais e competições mais locais, com apoio ou não das federações estaduais. As iniciativas de estruturação da prática futebolística das mulheres nessa fase também passavam pelas tentativas de estabelecimento de torneios em âmbito nacional. De acordo com Kessler, graças à fragmentação e muitas vezes ausência dos registros sobre o futebol de mulheres há uma impressão de que tudo é novo ou o primeiro. A mudança dos nomes dos times e competições também ajuda nesse efeito e confundem.

Nesse sentido, a antropóloga elenca os campeonatos nacionais que aconteceram e já tiveram distintas nomenclaturas: Taça Brasil de Futebol Feminino (1983 a 1988), Troféu Brasil (1989), Torneio Nacional (1990 e 1991), Torneio de Futebol Feminino (1991), Taça Brasil de Clubes (1993), Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (1994 a 2001), Circuito Brasileiro de Futebol Feminino (2003), Liga Nacional de Futebol Feminino (2006 e 2007), Copa do Brasil de Futebol Feminino (2007 em diante) e Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (2013 em diante)³²⁵. Para o recorte da primeira fase vamos focar na Taça Brasil de Futebol Feminino, pois dá conta de grande parte dessa fase e a caracteriza adequadamente.

Para elucidar melhor as edições e participantes da Taça Brasil foi elaborado um quadro identificando as edições, local de realização, participantes e o campeão. Campeão no singular, pois o Radar venceu todas as edições de 1983 a 1989. A elaboração do quadro foi feita a partir de uma adaptação de quadro semelhante apresentado por Almeida, mas agreguei algumas informações, com base na busca realizada na Hemeroteca Nacional, sobretudo, nas edições do *Jornal dos Sports*. Há ainda uma notícia da *Folha de São Paulo*, acessada através do seu acervo digitalizado. No desenvolvimento dessa pesquisa parti da denominada heurística digital³²⁶.

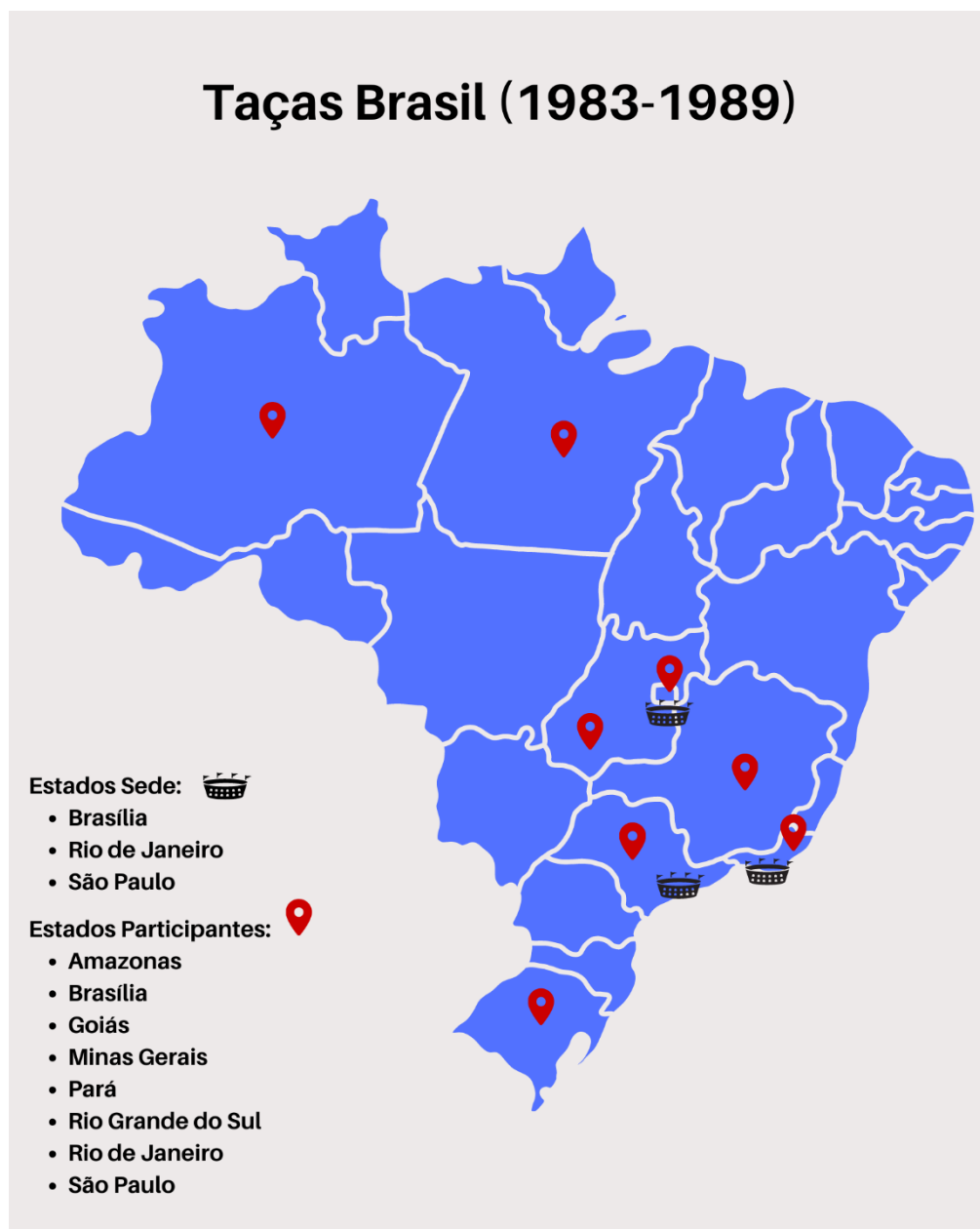
³²⁵ KESSLER, C. 2015, p. 69.

³²⁶ BRASIL, E.; NASCIMENTO, L. F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, v. 33, n. 69, p. 196–219, 2020.

| Edição | Local | Times | Campeão |
|------------|------------------------------|---|---------|
| I - 1983 | Estádio do Olaria - RJ | Radar, Corinthians (SP), Ponto Frio (GO), Cruzeiro (MG) | Radar |
| II - 1984 | Marechal Hermes - RJ | Radar, Atlético-MG, Internacional e São Paulo | Radar |
| III - 1985 | Estádio Luso-Brasileiro - RJ | Radar, Seleção Goiana, Atlético-MG, Seleção Paulista, Tuna Luso (PA) e Internacional | Radar |
| IV - 1986 | Campinas - SP | Radar, Aba (SP), Brasília, Seleção Mineira, Internacional, Saad, Goiás e São Paulo | Radar |
| V - 1987 | Brasília - DF | Seleção do Pará, Goiás, Brasília, Vila Dimas (DF), Internacional, Saad, Portuguesa (RJ) e Radar | Radar |
| VI - 1989 | Estádio Caio Martins - RJ | Radar, Saad, Vila Dimas (DF), Atlético-GO, Independente (PA) e Sul-América (AM) | Radar |

Figura 12 - Edições da Taça Brasil (1983-1989). Fonte: Adaptado de ALMEIDA, 2013, p. 123-124. E **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, jun. 1983 – jan. 1989. Acervo Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Elaboração da autora.

Para considerar a distribuição espacial da Taça Brasil no território nacional foi elaborado o seguinte mapa:



Mapa 1 - Edições da Taça Brasil (1983-1989). Fonte: Adaptado de ALMEIDA, 2013, p. 123-124. E **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, jun. 1983 – jan. 1989. Acervo Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Elaboração da autora.

Antes de qualquer comentário sobre o quadro e mapa, é preciso fazer uma ressalva: justamente por conta da fragmentação dos dados sobre o futebol de mulheres dada a sua construção histórica específica, é quase certo que as informações apresentadas estejam incompletas, sobretudo, sobre as agremiações participantes. Uma pesquisa mais aprofundada voltada especificamente para a história da Taça Brasil pode suprir essas lacunas, como não era o objeto central dessa tese, fiz um recorte para utilizar as fontes disponíveis na Hemeroteca Digital e acervos online de periódicos.

Com base nos dados utilizados, o primeiro elemento que salta os olhos é a pouca diversidade nos estados sede, são apenas três: Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo. Das três, o Rio de Janeiro foi o que mais sediou o torneio, foram quatro vezes das sete edições consideradas. É mais da metade. Uma hipótese para a centralidade fluminense é a influência de Eurico Lyra na organização e articulação das Taças Brasil. Como vimos, o dirigente possuía uma importante rede de contatos e esteve envolvido na gestão de diversos campeonatos do contexto. Ademais, o Radar como multicampeão era um time de peso e provavelmente tinha um capital político significativo nessas negociações.

Ademais, oito estados tiveram times representados no campeonato. Considerando os 26 estados mais o DF, proporcionalmente não houve tanta diversidade. O fato de não ter nenhum time nordestino provavelmente se relaciona com a lacuna dos dados. Como vimos, versando apenas sobre a Bahia já existiam centenas de times e alguns com bastante relevância e com relatos de viagem para o sudeste para competir em certames nacionais. A região norte, por outro lado, registrou quatro times ao longo das edições: Tuna Luso (1985), Seleção do Pará (1987), Independente (1989) e Sul-América (1989). O Centro-Oeste esteve bem representado também, sobretudo, com os times de Goiás e Brasília: Goiás (1983), Seleção Goiana (1984), Brasília (1986), Goiás (1986), Vila Dimas (1987 e 1989) e Atlético-GO (1989). A região Sudeste teve o maior número de times representados, oito, e a maior parte era de Rio de Janeiro e São Paulo: Radar (1983-1989), Atlético-MG (1984 e 1985), São Paulo (1984 e 1986), Seleção Paulista (1985), Aba (1986), Seleção Mineira (1986), Saad (1986, 1987 e 1989) e Portuguesa (1987). O Internacional foi o representante sulista. Talvez pelo mesmo motivo apresentado sobre o Nordeste, basta lembrar do Pinheiros da Vandira, por exemplo, ou até mesmo o Grêmio.

A primeira fase do futebol de mulheres pós regulamentação também é caracterizada pelo trânsito de atletas entre o futebol de campo e o futebol de salão. Um dos principais motivos era financeiro, como o futebol de salão demandava menos investimento, pois quantitativamente eram menos atletas, estrutura mais acessível, mais campeonatos eram realizados e disputados, o que fornecia aos clubes um calendário minimamente mais estável. Dessa forma, é bastante comum as futebolistas desse contexto jogarem em determinados momentos de suas carreiras o futebol de salão, era uma estratégia de sobrevivência financeira e uma maneira de ter continuidade dentro do futebol.

Ademais, na virada dos anos 1980 para os anos 1990, há uma espécie de vácuo no futebol de campo, muitas atletas relatam esse processo em seus depoimentos, houve a convocação para a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1991 e para o Sul-Americano, mas o calendário de torneios ficou escasso (nesse contexto que o Radar encerra suas atividades

também), fazendo com que muitos times se desmontassem. O futebol de salão se tornou uma saída nesses casos. Sissi relata suas experiências:

Naquele tempo sabe, ao mesmo tempo para tentar sobreviver, porque o salário não era muito, então eu comecei a jogar um campeonato de futebol de salão; um campeonato muito forte naquela época, tinha o Corinthians aí começou a Marvel...Acho que o salão me ajudou bastante, eu sempre falo que o futebol de salão te obriga a pensar muito rápido, ter visão de jogo. Então depois do Corinthians tive a chance de jogar pela Bordon, aí na Bordon foi a Marvel, depois da Marvel e a Associação Sabesp de Santos. A Sabesp foi realmente a equipe que me ajudou e muito em termos financeiros, em termos de estrutura. A Bordon também foi uma equipe que, querendo ou não, pagou até muito bem e tinha uma estrutura fenomenal. Então eu comecei a me dedicar mais ao salão do que ao campo, **porque naquela época o salão era mais estruturado**, tinha uma estrutura melhor do que o campo, então, aquela equipe da Bordon, da Marvel pagaram e pagaram muito bem. Foi aí que eu comecei a ganhar e tive que guardar porque o meu sonho era continuar e sei lá comprar uma casa, ajudar meus pais, minha família. (...) Então, quando eu vi que o futebol de salão naquela época estava tendo mais visão, a aceitação era muito maior. (...) É, fiquei, joguei, depois veio a Eurosport. Muita gente conseguiu ganhar bastante e muito bem na época da Eurosport, que tinha uma base na Bahia e uma base no São Paulo. (...) Se você for olhar bem, naquela época de futebol de salão, a competição era bastante forte [grifo nosso].³²⁷

Márcia Tafarel segue na mesma linha:

Então, todo torneio que se organizava no Rio Grande do Sul em nível de competição para futebol, seja futebol, seja futsal, eu tentava participar. Às vezes tinha um período que a gente não disputava competições de futebol, mas tinha competições de futebol de salão, aí a gente dividia a equipe, via quem é que tinha condições dentro da equipe de campo de jogar futebol de salão, aí participava das competições de futebol de salão. (...) Depois que eu saí do Saad [1992], eu passei por algumas equipes de futebol de salão, no caso a Armco, que era uma empresa em São Caetano do Sul que patrocinava o futebol de salão feminino. Aí da Armco eu fui para a Eurosport que também era uma empresa que patrocinava o futebol feminino e também tinha o futebol de salão. Eu fui para o futebol de salão, mas também expandiram do Eurosport São Paulo para o Eurosport Bahia, aí eu jogava futebol de salão pelo Eurosport São Paulo, mas jogava futebol de campo pelo Eurosport Bahia. Então eu saí do Saad, fui para Armco, da Armco fui para o Eurosport, aí joguei salão e campo pelo Eurosport São Paulo e Eurosport Bahia, aí eu saí do Eurosport e fui para Marvel de Santos que era futebol de salão, mas que às vezes disputava campeonatos de futebol de campo também, da Marvel eu fui para a equipe Sabesp; da Sabesp se criou o Corinthians, aí fui para o Corinthians, acabou Corinthians e fui para o São Paulo, acabou o São Paulo fui para o Palmeiras, aí continuei na Sabesp como treinadora das equipes de base, da sub-15 e da sub-17. Perdão, da sub-17 e da sub-20. E fiquei jogando só futebol de salão depois disso.³²⁸

O relato de duas pioneiras do futebol de mulheres e importantes jogadoras da Seleção Brasileira elucida a relação entre futebol de campo e de salão nesse contexto. O trânsito das atletas entre as categorias era bem comum. Esses relatos não são únicos, há outros exemplos,

³²⁷ DO AMOR, Sisleide Lima. **Sisleide Lima do Amor (Sissi)**: entrevista [27 nov. 2015]. Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner. Concord (EUA), 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139188/000989822.pdf> Acesso em: 20 set. 2022.

³²⁸ TAFAREL, Márcia. **Márcia Tafarel**: entrevista [27 nov. 2015]. Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner. Concord (EUA), 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143206/000996205.pdf> Acesso em: 20 set. 2022.

como Duda Luizelli e Isabel Nunes, entre outras. O fato de ser comum também é elucidado pelos vários times citados e que tiveram uma continuidade em suas atividades. É importante, contudo, notar que há uma proeminência das equipes paulistas. Foi nesse embalo que o Saad criou a sua equipe. Maria Ivete Gallas, ex-atleta e integrante da comissão técnica, relatou um diálogo com Romeu de Castro para a formação do time de futebol de salão. Havia a necessidade de colocar as atletas em competições, principalmente, da categoria juvenil, mas a ausência de calendário prejudicava o projeto. Assim, Ivete sugeriu participar dos torneios de futebol de salão, inclusive, muitos organizados pela Federação Paulista. Ela ganhou o aval do dirigente e montou o elenco³²⁹.

Como falado anteriormente, essa primeira fase do futebol de mulheres brasileiro pós regulamentação foi marcada pela realização de torneios de clubes nos âmbitos regional e nacional. Contudo, há outro marco importante relacionado a campeonatos ocorridos nessa fase: a formação da Seleção Brasileira de mulheres para a disputa de certames internacionais. De 1988 a 1995 (marco final desse primeiro período) a Seleção participou: Torneio Internacional de Futebol Feminino³³⁰; Copa do Mundo de 1991 e 1995; Sul-Americano de 1991 e 1995.

A formação do selecionado nacional é um marco significativo da modalidade, tanto em termos simbólicos: o “país do futebol” passa a ser representado dentro de campo também por mulheres, ou seja, é um elemento novo na formação da identidade futebolística nacional (mesmo com uma visibilidade muito inferior) e simbólico para a luta das mulheres dentro do campo esportivo, pois muitas décadas depois, finalmente, elas também vestiram a “amarelinha”, é o acesso a um espaço não ocupado até então. Quanto concretos: abre novas perspectivas para a modalidade, envolve mais profissionais, impulsiona para uma mínima estruturação, possibilita outras (e novas) ações e pressões dos agentes dentro do campo esportivo e pressiona minimamente as entidades a uma mobilização.

O Torneio Internacional de Futebol Feminino em 1988 levou à formação da primeira Seleção Brasileira de mulheres. Foi o primeiro campeonato entre países sancionado pela FIFA, mas não o primeiro a acontecer, além daqueles disputados na Itália e no México no início dos anos 1970, outros ocorreram. Em 1974, a *Asian Ladies Football Confederation* (ALFC) organizou a primeira Copa da Ásia com sete participantes e a Nova Zelândia campeã. Quatro anos depois a ALFC criou a *World Women’s Invitational Football Tournament* realizada a cada três anos e que durou até 1987 em Taipé Chinesa, contando com seleções de vários lugares, além das asiáticas. Esses torneios foram bem-sucedidos, atraíram público e ajudaram a

³²⁹ JORAS, P., 2020, p. 85.

³³⁰ Em inglês: *International Women’s Football Tournament*.

desenvolver uma rede de contato entre dirigentes de distintos países, tudo isso também pressionou a FIFA para organizar a Copa do Mundo de mulheres. A entidade máxima do futebol com seu interesse no monopólio contínuo do futebol e também dado o contexto dos anos 1980 de maior mercantilização da prática futebolística e dos eventos esportivos envereda nesse caminho.

A China foi o país sede do Torneio Internacional de Futebol Feminino e diferente dos demais organizados pela FIFA os países participantes foram convidados e não classificados a partir de algum critério competitivo ou campeonato anterior, seguia a lógica dos campeonatos da ALFC. Foram 12 seleções no total: China, Canadá, Holanda, Costa do Marfim, Noruega, Tailândia, Austrália, Japão, Suécia, Tchecoslováquia, EUA e Brasil³³¹. A escolha da China como anfitriã considerou a experiência dos dirigentes asiáticos e a atuação de Henry Fok, magnata e membro do Comitê Executivo da FIFA, que convenceu a Confederação Asiática e a Associação Chinesa de Futebol a apoiarem a competição³³².

Para a FIFA o torneio funcionou como uma espécie de termômetro, visando medir o interesse do público com o futebol de mulheres. Para as atletas acabava sendo um fator a mais de pressão, uma forma de teste que deveriam passar para conseguir catapultar a modalidade com chancela e organização da entidade máxima do futebol. Aquilo que abordei antes, o futebol de mulheres tem a necessidade de se provar para depois colher possíveis frutos e investimentos. De toda forma, o campeonato ocorreu de 1 a 12 de junho de 1988, foram 26 jogos com 81 gols marcados no total. A FIFA totalizou quase 400 mil pessoas de público, com uma média de 14 mil por jogo. O tamanho da bola foi uma pauta de discussão, os organizadores queriam uma menor, mas acabaram utilizando o tamanho padrão, jogado também pelos homens. Entretanto, a duração das partidas foi menor, 80 minutos. A Noruega se sagrou campeã, eliminou o Brasil na semifinal por 2x1 (as brasileiras tinham ganhado das norueguesas na fase de grupos) e venceu a Suécia na final. A Seleção Brasileira apesar dos desafios garantiu a medalha de bronze³³³.

³³¹ STOKER, C. FIFA's First International Women's Tournaments. **Unlocking the Hidden History of Women's Football – National Football Museum**. 28 ago. 2017. Disponível em: <https://unlockingthehiddenhistory.wordpress.com/2017/08/28/fifas-first-international-womens-tournaments/> Acesso em: 20 set. 2022.

³³² CABRAL, J.; GOELLNER, S. As pioneiras pedem passagem: Memórias do Torneio Experimental da China (1988). **Ludopédio**, v. 154, n. 17, 2022. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/as-pioneiras-pedem-passage-memorias-do-torneio-experimental-da-china-1988/> Acesso em: 20 set. 2022.

³³³ *Ibidem*.



Figura 13 - Estádio do Torneio Internacional de Futebol Feminino, na China. Fonte: Coleção Simone Carneiro, 1988. **Museu do Futebol.** Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/7wVhsuhff_RAKA?hl Acesso em: 20 set. 2022.

A primeira Seleção Brasileira de mulheres foi apresentada no Maracanã no intervalo do clássico entre Flamengo e Fluminense, uns dias antes de viajarem para a China. A preparação durou quarenta dias no total. Primeiro, as jogadoras ficaram reunidas no CEFAN da Marinha, com treinos em dois turnos, ora focando na parte física e técnica, ora no trabalho com bola. Além disso, realizavam alguns coletivos com os marinheiros, o que na visão delas contribuiu para melhorar o desempenho. Depois de vinte e cinco dias no CEFAN foram para a Granja Comary, em Teresópolis³³⁴. Sissi recorda ainda a saga com os uniformes, pois elas receberam os que tinham sobrado da equipe de homens e precisaram dar um jeito para que servissem de maneira adequada para elas:

A gente teve que provar os uniformes na última hora. Meu Deus do céu! A gente tinha que ver quem é que sabia costurar, porque não era todo mundo que sabia costurar e eu lembro que a Susana [Cavalheiro] era uma que sabia costurar, eu sei que ela teve que costurar roupa de um monte de gente [risos]. Ninguém era prendada, mas foi isso realmente, ficamos até tarde da noite arrumando a roupa e não conseguia.³³⁵

³³⁴ Ibidem.

³³⁵ DO AMOR, Sisleide Lima. **Sisleide Lima do Amor (Sissi):** entrevista [27 nov. 2015]. Entrevistadoras: Silvana Vilodre Goellner. Concord (EUA), 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139188/000989822.pdf> Acesso em: 20 set. 2022.

Além de precisarem costurar seus próprios uniformes, cabia a elas a responsabilidade de cuidar deles, da lavagem em diante, e só receberam dois conjuntos. A associação de atividades de cuidado com as mulheres é historicamente consolidada (e muitas vezes nem é vista como trabalho³³⁶) e aqui aparece novamente aliada ao descaso pelo qual a modalidade era tratada. Outros problemas enfrentados foram: dificuldade com adaptação à comida chinesa; ausência de medicamentos e de tradutores para a comunicação das atletas; não foram subsidiadas diárias para as futebolistas³³⁷. Ou seja, as condições de trabalho estavam longe do mínimo necessário. O que torna a conquista do terceiro lugar ainda maior. Apesar das dificuldades é importante compreender o significado de participar dessa Seleção e campeonato para as jogadoras. Segue o relato de Michael Jackson:

Era tudo bancado pelo CND, que hoje é a CBF. Eu só conhecia a China no mapa [risos] e falei: “Eu vou para a China”. Quando eu cheguei lá com a seleção que eu estava em terra firme, eu falei: “Nossa, eu estou na China, tudo é possível!” E então na minha cabeça eu falei: “Tudo que eu quiser daqui para frente, eu posso!” Mudou muito a minha forma de pensar as coisas que eu queria e, graças a Deus, deu tudo certo. (...) Era muito legal porque a gente não entendia o que elas falavam, a gente só sabia jogar futebol, imagina em 1988? Mas a nossa equipe tinha certeza de uma coisa: jogar bola a gente sabe, a gente joga em qualquer parte do mundo, então, os jogos eram maravilhosos porque foi provado que era possível, que a gente estava no caminho certo, que o Brasil sabia jogar futebol, e isso foi uma coisa, pra gente, que marcou o resto da vida e eu sempre lembro disso. Tenho muito orgulho porque eu sou uma das pioneiras, e tive esse prazer e orgulho de defender o meu país, jogando futebol, era a coisa mais linda, uma coisa que talvez eu não saiba nem explicar direito.³³⁸

Fica nítida a emoção dela ao recordar a sua participação em um torneio internacional representando o Brasil e o seu papel como pioneira. E como foi um momento chave também da sua trajetória pessoal “Tudo que eu quiser daqui pra frente, eu posso!”. Ou seja, a oportunidade de atuar como jogadora abriu inúmeros outros caminhos na vida dela. Destaca-se também a consciência do time acerca do seu futebol, “jogar bola a gente sabe”. As convocadas foram: Lica (In memoriam), Simone (In memoriam), Meg, Miriam, Marisa, Fanta, Suzana, Rosa, Elane, Suzy, Sandra, Solange (Soró), Dai, Lúcia Feitosa (Lucy Alves), Pelezinha, Marcinha, Fia Paulista, Fia Carioca, Russa, Sissi, Márcia Taffarel, Cenira, Danda, Cebola, Roseli, Michael Jackson, Flordelis, Adriana, Nalvinha, Pretinha, o treinador foi o João Varela. A campanha foi a seguinte: derrota para Austrália por 1x0; vitória sobre a Noruega por 2x1; vitória sobre a

³³⁶ Sobre as discussões sobre trabalho de reprodução social: VOGEL, L. **Marxismo e a opressão às mulheres:** rumo a uma teoria unitária. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

³³⁷ CABRAL, J.; GOELLNER, S. As pioneiras pedem passagem: Memórias do Torneio Experimental da China (1988). **Ludopédio**, v. 154, n. 17, 2022. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/as-pioneiras-pedem-passage-memorias-do-torneio-experimental-da-china-1988/> Acesso em: 20 set. 2022.

³³⁸ DOS SANTOS, Mariléia. **Mariléia dos Santos (Michael Jackson)**: entrevista [31 mai. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Suellen Ramos. Pelotas, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109608/000950318.pdf> Acesso em: 20 set. 2022

Tailândia por 9x0 e a classificação; derrota para a Noruega por 2x1 na semifinal; vitória sobre a China e o terceiro lugar no torneio.

Três anos depois foi criado o Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino com o objetivo de classificar as seleções do continente para a Copa do Mundo, que seria disputada no mesmo ano. O Estádio Regional Willie Davids, em Maringá no estado do Paraná, foi a sede principal dos jogos que ocorreram entre 28 de abril e 5 de maio de 1991, mas o Estádio Arnaldo Busatto em Cascavel recebeu o jogo entre Chile e Venezuela. Apenas Brasil, Chile e Venezuela participaram. A Seleção Brasileira se sagrou campeã após duas vitórias e doze gols marcados e garantiu a classificação para o Mundial, a única equipe da América do Sul. Demonstrando a potencialidade do futebol de mulheres, a final do campeonato contou com 31500 torcedores. Nas palavras de Márcia Tafarel:

A primeira conquista tem sempre um sabor muito especial, que ficou ainda maior com o apoio do torcedor. O envolvimento do público foi muito grande e isso nos causou uma certa surpresa. Não esperávamos tantas pessoas no estádio, mas quando demos conta o lugar estava lotado. Ver todo mundo nos incentivando é uma das grandes lembranças daquela competição.³³⁹

De Maringá para a China. Em novembro daquele ano a Seleção Brasileira retornou aos campos chineses para disputar a primeira Copa do Mundo, organizada e com chancela da FIFA. Ou quase isso. Indubitavelmente o sucesso de público atingido no Torneio Internacional de 1988 e as pressões existentes fizeram com que a FIFA encaminhasse a realização do Mundial e a escolha da China pareceu lógica, dada a experiência do campeonato anterior. Contudo, a entidade máxima ainda não estava completamente convencida em conectar o seu maior evento e investimento, a Copa do Mundo, ao futebol de mulheres, por isso o torneio foi chamado de I Campeonato Mundial de Futebol Feminino da FIFA ou Copa M&M. O apelido foi dado graças ao patrocinador principal, a Mars, fabricante de chocolate. Ademais, a organização insistiu nos 80 minutos de duração das partidas e não os 90 padrão. April Heinrich, jogadora dos EUA, comentou ironicamente: “Eles estavam com medo que os nossos ovários fossem cair se jogássemos 90 minutos”³⁴⁰.

³³⁹ Sul-Americano 91: Marcia Tafarel fala da conquista. CBF, Rio de Janeiro, 30 mar. 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/sul-americano-91-marcia-tafarel-fala-da-conquista> Acesso em: 20 set. 2022.

³⁴⁰ STOKER, C. FIFA's First International Women's Tournaments. **Unlocking the Hidden History of Women's Football – National Football Museum**. 28 ago. 2017. Disponível em: <https://unlockingthehiddenhistory.wordpress.com/2017/08/28/fifas-first-international-womens-tournaments/> Acesso em: 20 set. 2022.



Figura 14 - Ingresso do Mundial de 1991. Fonte: STOKER, C. FIFA's First International Women's Tournaments. **Unlocking the Hidden History of Women's Football – National Football Museum**. 28 ago. 2017. Disponível em: <https://unlockingthehiddenhistory.wordpress.com/2017/08/28/fifas-first-international-womens-tournaments/> Acesso em: 20 set. 2022.

No ingresso vemos o nome dado ao torneio pela FIFA. De toda forma, a cidade de Guangzhou recebeu as equipes participantes: Alemanha, China, Dinamarca, EUA, Japão, Itália, Nigéria, Noruega, Nova Zelândia, Suécia e Taipé Chinês. Foram 26 partidas e 99 gols marcados. Os EUA conquistaram o seu primeiro troféu, após derrotar a Noruega na final, com um público de 63 mil torcedores – conforme os dados da FIFA, o público total foi de 510000 pessoas com uma média de 19615 por jogo. Demonstrando novamente que o interesse pelo futebol de mulheres existia, faltava vontade política dos dirigentes para reconhecer isso.

As jogadoras brasileiras convocadas foram: Adriana Alvim Viola Burke (Adriana Viola), Cenira Prado, Delma Gonçalves (Pretinha), Doralice Santos (Dai), Elane dos Santos Rego, Lunalva Torres de Almeida (Nalvinha), Marcia Honório da Silva, Márcia Tafarel, Maria Lucia Lima (Fia Carioca), Margarete Maria Pioresan (Meg), Marilza Silva (Pelezinha), Marisa Nogueira (Capitã), Mirian Soares, Rosa Lima, Rosilane Camargo Motta (Fanta), SolangeBastos (Soró), Rosângela dos Santos Rocha (Danda) e Roseli de Belo. O Brasil ficou com o nono lugar e nem passou da fase de grupos: venceu apenas o Japão por 1x0; perdeu para os EUA por 5x0; perdeu novamente agora para a Suécia por 2x0³⁴¹. Uma possibilidade para contextualizar a má colocação brasileira, seja justamente aquele vácuo que ocorreu no futebol nacional, poucos

³⁴¹ CABRAL, J.; GOELLNER, S. 30 anos depois: os relatos das pioneiras no primeiro mundial da FIFA. **Ludopédio**, v. 149, n. 18, 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/30-anos-depois-os-relatos-das-pioneiras/> Acesso em: 20 set. 2022.

campeonatos, encerramento de times, muitas jogadoras foram jogar, por necessidade financeira, futebol de salão.

Em 2021 completaram-se 30 anos da primeira Copa do Mundo de mulheres, na luta por visibilidade e na construção de memória social a efeméride não foi negligenciada. A CBF realizou um evento na Granja Comary em novembro homenageando a geração das pioneiras. De acordo com a entidade: “O encontro resgata e enaltece a história de mulheres pioneiras na modalidade”³⁴². No mesmo ano houve o lançamento pela Adidas de uma camisa comemorativa. O fornecedor de material esportivo criou modelos femininos para três times: Cruzeiro, Flamengo e Internacional. As camisas estavam disponíveis nas cores azul, vermelha e cinza, respectivamente, e tinham um patch comemorativo na frente com o logo da competição e na parte de trás uma inscrição “30 anos”. A campanha de divulgação contou com a participação de três pioneiras que jogaram a Copa lá na China: Elane, Márcia Honório e Roseli. Quem as acompanha são três jogadoras da atualidade dos times envolvidos: Duda (Cruzeiro), Darlene (Flamengo) e Milena (Internacional).

A Seleção pioneira disputou também o Sul-Americano, em 1995, sagrando-se bicampeã. Assim como o anterior, era classificatório para o próximo Mundial. O torneio foi realizado em Uberlândia, Minas Gerais, mais especificamente, no Estádio Parque do Sabiá (Estádio Municipal João Havelange). Além do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile e Equador participaram. As brasileiras saíram vitoriosas novamente, após vencer 5 jogos. O plantel contava com Meg, Marisa, Elane, Solange, Sissi, Leda Maria, Cenira, Pretinha, Roseli e Michael Jackson, entre outras. O treinador foi Ademar Júnior. A média de público foi impressionante, 40 mil, e a final contra a Argentina atingiu o recorde de 68 mil torcedores³⁴³.

Neste ano a Seleção Brasileira e o torneio foram patrocinados pela marca Maizena, de amido de milho. A empresa estampou sua marca nos uniformes de treino das atletas e estava nas placas de publicidade do estádio. Além disso, após o Sul-Americano, a Maizena patrocinou um evento com a Seleção Brasileira, Argentina e Australiana. Roseli recorda os termos do patrocínio: “Financeiramente para gente não [teve nada]. Não ganhamos nada, eles apoiavam a Seleção dando condições para gente treinar, campo, hotel”³⁴⁴. O relato nos conta o

³⁴² CBF celebrará os 30 anos da Primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino. CBF, Rio de Janeiro, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/cbf-celebrara-os-30-anos-da-primeira-selecao-brasileira-de-futebol-fem> Acesso em: 21 set. 2022.

³⁴³ A "Michael Jackson": Seleção brasileira e Europa. **Museu do Futebol**, São Paulo. Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/7wVhsuhff_RAKA?hl=pt-br Acesso em: 21 set. 2022.

³⁴⁴ DE BELO, Roseli. **Roseli de Belo**: entrevista [23 mai. 2015]. Entrevistadores: Luciane Castro e Edson de Lima. São Paulo, 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134872/000988847.pdf> Acesso em: 21 set. 2022.

encaminhamento da verba do patrocínio, não era convertido em salário ou ajuda de custo para as jogadoras, mas sim, em estrutura para treinamento e hospedagem.

Apesar da carência de maiores informações, até sobre valores e afins, é um fato significativo o patrocínio específico para a Seleção Brasileira de mulheres. Vimos que alguns clubes também eram patrocinados, com destaque para o Radar, e outros obtiveram alguma forma de apoio do poder público, através das prefeituras. São iniciativas incipientes, sem dúvida, mas fazem parte dessa primeira fase. Pode-se problematizar também o patrocínio ter vindo de um produto vinculado à cozinha, espaço historicamente associado às mulheres.

A Suécia foi o país sede da Copa do Mundo de 1995. Nesta edição a FIFA finalmente oficializou o nome de Copa do Mundo – e nomeou retroativamente o Mundial de 1991 da mesma forma – e os jogos passaram a ter 90 minutos. Foi o último torneio a ter o troféu M&M, pois na Copa de 1999 a FIFA entregou um troféu oficial da entidade³⁴⁵. O chocolate Snickers, também da empresa Mars, estampou as placas publicitárias. Foram 12 países participantes, com a Noruega se sagrando campeã invicta e a Alemanha na segunda posição. 26 partidas foram disputadas, com 99 gols no total. A média de público foi de 4 mil e o público total foi mais de 100 mil pessoas³⁴⁶. A Seleção Brasileira fez a sua concentração na Granja Comary. Infelizmente, não teve um bom desempenho novamente. Amargou a nona posição. Perdeu para Alemanha e Japão e venceu apenas as suecas.

No final dessa primeira fase houve as primeiras transferências internacionais de jogadoras brasileiras. Como foram iniciativas mais pontuais não é possível dizer que foi uma característica marcante desse primeiro momento, contudo, não são negligenciáveis e antecipam uma tendência posterior. É possível inferir a ligação dessas transferências com os primeiros campeonatos internacionais de Seleções chancelados pela FIFA, como a Copa do Mundo e o Sul-Americano, e os intercâmbios entre dirigentes, estabelecidos ao longo desses anos. As jogadoras citadas a seguir tiveram passagem pela Seleção Brasileira.

Duda Luizelli, jogadora do Internacional, transferiu-se para a Itália em 1994: “Eu já era formada em Educação Física. Acabei a minha formação e fui jogar na Itália. (...) Fiquei duas temporadas, eu joguei uma temporada no Verona e uma temporada no Milan. Ou melhor, ao

³⁴⁵ STOKER, C. FIFA's First International Women's Tournaments. **Unlocking the Hidden History of Women's Football – National Football Museum**. 28 ago. 2017. Disponível em: <https://unlockingthehiddenhistory.wordpress.com/2017/08/28/fifas-first-international-womens-tournaments/> Acesso em: 21 set. 2022

³⁴⁶ Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1995. **Centro de Referência do Futebol Brasileiro**. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/616980/> Acesso em: 21 set. 2022.

contrário, né? A primeira foi no Milan e a segunda no Verona.”³⁴⁷ Não pretendo aqui apelar para um “obsessão das origens”, mas sem dúvida, a imigração de Duda para jogar na Itália foi uma das pioneiras no Brasil e antecipou um destino comum a muitas jogadoras brasileiras posteriormente. Logo após a Copa do Mundo de 1995, Roseli foi jogar no Japão:

Fui sozinha, com a cara e a coragem. Fui tratada muito, muito bem, melhor do que nos Estados Unidos. Fiquei praticamente três meses sem conversar com ninguém no Japão, com ninguém porque não tinha condições. Nada, nada, horrível! Mas depois de três meses veio um intérprete, aí comecei a conversar e ele: “Você quer aprender o quê?” Eu quero aprender a contar dinheiro [risos], isso mesmo, é o mais importante. Era ótima [a estrutura]... Japão, pelo amor de Deus, bom demais.

A fala é bastante reveladora, Roseli imigrou para o outro lado do mundo para “aprender a contar dinheiro” utilizando o futebol para isso. Reconhece também a ótima estrutura existente, a despeito das dificuldades como a falta de comunicação e a demora por um intérprete. A atleta posteriormente foi jogar nos EUA, outras companheiras de Seleção fizeram o mesmo e chegaram a jogar o mesmo campeonato estadunidense, como Sissi, Pretinha e Kátia Cilene. Roseli contou também que antes dela Lúcia Feitosa, atleta do Radar, havia imigrado para o exterior para jogar. No mesmo ano de 1995, a equipe do Torino Calcio Femminile veio para o Brasil disputar amistosos em São Paulo e Sorocaba. Durante essa viagem convidou Michael Jackson para jogar na Itália. A futebolista aceitou e permaneceu durante duas temporadas no campeonato italiano, até 1997. Foi campeã do Torneio Internacional de Menton, na França, e do Torneio Internacional de Blanes, na Espanha³⁴⁸.

De 1979 a 1995 muitos eventos e processos se desenrolaram no futebol de mulheres no Brasil. A modalidade trava uma luta, primeiro, pela regulamentação e em seguida, pela sua existência. Existência no sentido de se estruturar e alcançar visibilidade. Os desafios foram muitos e impostos pela forma que o gênero é operado na sociedade de classes. Entretanto, passos importantes foram dados: o esporte passa finalmente a ser regulamentado, times se formam, campeonatos regionais e até nacionais passam a ocorrer, jogadoras em algumas oportunidades vislumbram ganhos financeiros e melhores condições de trabalho, a Seleção Brasileira é constituída e disputa torneios internacionais, imigrações de futebolistas para atuarem fora do país. Procurei elucidar tais características da primeira fase a partir de alguns eventos específicos, como dito previamente, o objetivo era realizar uma seleção deles e articulá-los em uma narrativa histórica, bem longe da pretensão de dar conta de tudo.

³⁴⁷ LUIZELLI, Eduarda. **Eduarda Luizelli (Duda Luizelli)**: entrevista [24 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Porto Alegre, 2022. Documento digital (54 min). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

³⁴⁸ A “Michael Jackson”: Seleção brasileira e Europa. Museu do Futebol, São Paulo. Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/7wVhsuhff_RAKA?hl=pt-br Acesso em: 21 set. 2022.

2.2 O futebol de mulheres se consolida? (1996-2019)

A segunda fase da periodização tem seu início localizado temporalmente no primeiro mandato presidencial de Fernando Henrique Cardoso, segue ao longo de todo o período do lulismo, até a sua derrocada com o golpe de 2016, e termina durante o nefasto governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro. Nesses anos o Brasil ainda sediou alguns megaeventos esportivos: Jogos Pan-Americanos de 2007, a Copa do Mundo de homens de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Indubitavelmente, foram décadas intensas para o país e inúmeras transformações ocorreram.

O futebol de mulheres não passou incólume a elas, pelo contrário, também auxiliou na construção de toda essa conjuntura histórica. Além de ter se modificado internamente. Houve um grau de reconhecimento da existência da modalidade maior do que havia antes. Contudo, isso não se traduziu automaticamente em estrutura e condições de trabalho adequadas. Muitas mobilizações e lutas foram articuladas em prol do desenvolvimento e estruturação. As próprias pesquisas sobre o futebol de mulheres passaram por uma ascensão quantitativa e qualitativa.

Como a segunda fase da periodização começa em 1996, vale a pena contextualizar os governos de FHC. De acordo com Schwarcz e Sterling:

Nos seus dois mandatos e oito anos como presidente, Fernando Henrique Cardoso – que governou de 1995 a 2002 e ajudou a fortalecer o PSDB, partido do qual é um dos fundadores – obteve sucesso na luta contra a inflação e assumiu o saneamento financeiro possibilitado pelo Plano Real – o país pôde crescer. Seu governo destacou-se também na reforma de Estado. No seu Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado propunha-se o investimento em carreiras estratégicas para a gestão do setor público, numa clara tentativa de ruptura com o projeto varguista³⁴⁹.

A reorganização administrativa do Estado contou com um pacote de reformas: os ministérios passaram por uma reformulação visando o aprimoramento dos serviços; criaram-se agências reguladoras como a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel); na área da educação estabeleceram-se metas de ensino e foram criadas estratégias para medir o aprendizado dos estudantes nas escolas públicas e privadas; criaram-se as Organizações Sociais (OS) com função de prestar serviços que não eram exclusivos do Estado; privatizações das empresas públicas e diminuição das intervenções estatais. Tudo isso se enquadra nas políticas neoliberais que chegaram no Brasil ainda durante o governo Collor, mas encontraram solo fértil para se enraizarem e crescerem nos oito anos de governo de FHC.

³⁴⁹ SCHWARCZ, L.; STARLING, H. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 503.

Em 2002, Luiz Inácio Lula da Silva vence as eleições e assume como presidente da República no ano seguinte, no primeiro de seus três mandatos³⁵⁰. Schwarcz e Sterling caracterizaram os anos de governo Lula da seguinte maneira:

A partir de 2003, o Brasil assistiu a uma ampliação democrática da República. As grandes marcas dos dois governos de Lula foram o combate à miséria, a redução da pobreza, a diminuição da desigualdade e a expansão da inclusão social. O esforço para aumentar a renda do trabalhador incluiu a formalização do emprego, a ampliação do crédito e o aumento do salário mínimo – de cerca de 60% entre 2000 e 2013.

As questões de trabalho e formalização de emprego são fatores importantes para o tema desta tese. E essa segunda fase transcorreu sobretudo durante o lulismo, conceito cunhado por André Singer. O lulismo se refere a um período maior do que os dois mandatos de Lula, na realidade, refere-se ao ciclo petista no poder, de 2003, com a primeira eleição vencida por Lula, até o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. Foi o maior tempo que uma mesma organização partidária dirigiu o país nos períodos de democracia. O que já configura uma especificidade importante. Para Maringoni e Medeiros: “Os anos do que o cientista político André Singer definiu como *lulismo* exprimem uma inédita experiência reformista baseada numa complexa aliança que permitiu avanços, ao mesmo tempo, em que preservou as bases materiais da hegemonia burguesa”³⁵¹.

Com relação ao esporte durante os anos de lulismo, Campos descreveu um entrelaçamento da agenda política à agenda esportiva, em um jogo de múltiplas e recíprocas ressignificações. Um exemplo claro desses vínculos foi a criação de um ministério específico para o esporte e o seu fortalecimento institucional. Veremos adiante o impacto disso para o futebol de mulheres. Foi a retomada de um projeto efêmero iniciado em 1995, mas encerrado três anos depois por FHC, vinculando o esporte ao turismo. O Ministério do Esporte durante o lulismo foi liderado por representantes do PCdoB e do PRB e se constituiu como um espaço privilegiado para a articulação com as entidades esportivas e para a elaboração de políticas públicas para o esporte³⁵².

Em 1996 pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos houve a competição de futebol para as mulheres. A Olimpíada de Atlanta é um marco significativo para a modalidade. Aparece com recorrência na fala das jogadoras daquela época. Foi importante também para um impulso de estruturação do futebol de mulheres dentro do Brasil. A Seleção Brasileira foi

³⁵⁰ Lula cumpriu dois mandatos no início do século XX e a partir do ano de 2023 chegou à presidência novamente. Derrotando o candidato da extrema-direita Jair Bolsonaro nas eleições de 2022.

³⁵¹ MARINGONI, G.; MEDEIROS, J. **Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

³⁵² CAMPOS, F. O lulismo em campo. In: MARINGONI, G.; MEDEIROS, J. (org.). **Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

comandada pelo técnico Zé Duarte. Ficou concentrada em Rapid City, Dakota, e fez sete amistosos preparatórios. A campanha garantiu um quarto lugar bastante comemorado e teve a seguinte sequência de jogos: empate com a Noruega por 2x2, vitória sobre o Japão por 2x0 e empate com a Alemanha por 1x1, garantindo a classificação. Derrota para a China na semifinal por 3x2. Na disputa do bronze com a Noruega foram derrotadas por 2x0. O time base escalado para as partidas era composto por Meg no gol, Nenê, Tânia Maranhão, Elaine e Fanta; Formiga, Marcia Taffarel e Sissi; Pretinha, Kátia Cilene e Roseli.

O Globo fez uma cobertura acompanhando todos os jogos disputados pela Seleção. No início era um tom mais jocoso e desacreditando do time, com o desenrolar do torneio e os bons resultados o discurso foi se alterando chegando até um tom elogioso. Na última reportagem há o seguinte trecho: “Foi um time que entrou desacreditado na competição, mas que deixa os Jogos de cabeça em pé por tudo o que fez. Pretinha conseguiu, inclusive, ser um dos destaques da competição mostrando um grande futebol”³⁵³. Pretinha teve bastante destaque nas notícias do jornal, graças às boas atuações. Na edição do dia 28 de julho foi representada na charge de Aroeira:



Figura 15 - Charge de Aroeira sobre Pretinha. Fonte: **O Globo**, 28 jul. 1996, Esportes, p. 2.

³⁵³ Brasil luta. Norueguesas mostram melhor futebol e ficam com a medalha de bronze. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 ago. 1996, Esportes, p. 10.

O cartunista Aroeira é conhecido por suas inúmeras obras com duras críticas políticas, mas durante as Olimpíadas de 1996 fez várias charges sobre o esporte nacional, incluindo, essa de Pretinha. É um elogio enorme, pois associa a jogadora diretamente a Pelé, graças à reprodução da icônica foto do jogador com a camisa da Seleção e o braço erguido em comemoração e Pretinha reproduzindo o gesto. Na mesma edição o jornal anunciava “O Brasil de Pretinha enfrenta a China”, o foco na jogadora era grande. A reportagem fala da preparação do time para a partida contra a Noruega, contudo, a maior parte do texto fala sobre Pretinha. Quando perguntada pelo jornalista sobre se ouve piadas por jogar bola, respondeu: “Aqueles que qualquer um imagina. Mas não adianta. Eu quero, gosto e vão ter me aceitar”³⁵⁴.

Na notícia “O Brasil descobre agora suas craques” o Globo falou um pouco da trajetória da Seleção até o jogo contra a China, exaltou a campanha, mas teceu algumas críticas: “A CBF não deu a menor importância à seleção feminina. Tanto que aceitou terceirizar a equipe, entregando-a a uma empresa para cuidar da preparação visando aos Jogos Olímpicos”³⁵⁵. A empresa citada é a Sport Promotion, que falarei adiante. Outra crítica partiu de Helena Pacheco e Carmen Iglesias, treinadora e supervisora respectivamente do Vasco, naquela época. O jornal questionou porque elas não fizeram parte da delegação, já que o selecionado tem seis jogadoras de São Januário. Ambas reclamaram de terem sido preteridas por um comando masculino.

Helena acrescentou: “Por isso o time está sem reservas para o meio-campo. Ninguém deve saber, por exemplo, que a zagueira Suzy é ótima marcadora no meio-campo e que a lateral-esquerda Fanta também atua naquele setor. Nós conhecemos melhor a equipe”. Em entrevista para o livro “As Pioneiras do Futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer”, a treinadora recordou os episódios em que foi negligenciada pela CBF para dirigir a Seleção, mesmo com um currículo notável e amplo conhecimento da modalidade, e expõe dois motivos para isso: “Primeiro porque eu era mulher, segundo porque eu não compactuava com as sacanagens que a direção da CBF fazia”³⁵⁶.

O futebol como um espaço hegemonicamente masculino possui uma quantidade muito menor de mulheres em cargos decisórios, como de treinadores. Naquela Olimpíada a Seleção foi comandada por Zé Duarte, que na época, tinha pouquíssimo conhecimento sobre o futebol de mulheres. Em entrevista para a Placar, logo após o retorno de Atlanta, revelou qual era a sua visão, um pouco antes de assumir o time para os Jogos Olímpicos, sobre mulheres jogando bola:

³⁵⁴ CARVALHO, M. C. O Brasil de Pretinha enfrenta a China. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 jul. 1996, Esportes, p. 16.

³⁵⁵ O Brasil descobre agora suas craques. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1996, Esportes, p. 14.

³⁵⁶ GOELLNER, S. V.; CABRAL, J. R. 2022, p. 197.

“Não botava muita fé no futebol feminino, não. Como todo homem, achava que elas não tinham nascido para isso. Para falar a verdade, só tinha visto dois jogos da Seleção no último Mundial pela TV”³⁵⁷. A partir dessas informações a comparação entre Zé Duarte e Helena Pacheco é inevitável, assim como o questionamento à CBF de por que ele e não ela no comando da equipe.

Depois das Olimpíadas de Atlanta tanto a Placar quanto a Manchete fizeram duas grandes reportagens sobre o crescimento do futebol de mulheres no Brasil, como estava agregando muitas praticantes novas e ao mesmo tempo buscava uma estrutura mais profissional. Na matéria da Manchete enfatizou-se a popularização da prática:

As brasileiras estão batendo um bolão. Na praia, nos colégios, clubes e até em escolinhas de craques do passado como Zico ou Rivelino, elas partiram para o ataque, driblaram preconceitos, e invadiram definitivamente um campo considerado, até pouco tempo, exclusivamente masculino. Não que o futebol feminino seja tão novo no país, já vinha rolando desde o início dos anos 80. Mas o inesperado quarto lugar conquistado pela seleção feminina nas Olimpíadas de Atlanta, em julho deste ano, serviu para dar impulso ao esporte e coragem às meninas que flertavam com a bola, mas não sabiam como chegar perto dela³⁵⁸.

Comenta também sobre os times existentes, como o Vasco de Helena Pacheco, o Fluminense de Susana Werner, que disputou uma preliminar contra o Flamengo, com o Maracanã lotado. E termina falando que as meninas não precisam se preocupar em ficar masculinizadas, pois o futebol pode servir para “queimar gorduras e modelar o corpo”, o que provava que o esporte não é coisa de “mulher-macho”. Novamente a mídia acionando imagens de controle e estereótipos de gênero, mesmo quando todo o resto da reportagem visa divulgar a modalidade e enaltecer quem já está jogando.

A reportagem da Placar trouxe a entrevista com Zé Duarte citada acima e abordou a relação da CBF com a Sport Promotion. De acordo com a revista, a CBF repassou para a empresa os direitos de cuidar e explorar o futebol de mulheres até a Copa do Mundo de 1999. O planejamento envolvia organizar também o Campeonato Paulista com os “times de camisa”, transmissão na televisão e um draft para dividir as jogadoras que atuavam na Seleção. Abordou também a opinião da então futebolista Cenira sobre a situação, para ela a Sport Promotion discriminava jogadoras cariocas ligadas a Eurico Lyra, como ela, e favorecia aquelas próximas a Romeu de Castro, pois na sua visão, ele quem verdadeiramente convocava. O gestor negou as acusações³⁵⁹.

³⁵⁷ DUARTE, M.; GARCIA, S.; LUZ, S. R. Valeu meninas, e agora? **Revista Placar**, São Paulo, set. 1996, p. 49.

³⁵⁸ RAMALHO, C. ABRUNHOSA, O. Futebol é coisa de moça. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1996, p. 76.

³⁵⁹ DUARTE, M.; GARCIA, S.; LUZ, S. R. Valeu meninas, e agora? **Revista Placar**, São Paulo, set. 1996, p. 48.

Independente dessas visões, a atuação da Sport Promotion dentro do futebol de mulheres foi marcante. A proposta, junto com a CBF, era incentivar a modalidade. Vale a recordação de que Romeu de Castro já era envolvido com times femininos, como o Guarani e, sobretudo, o Saad. O projeto começou em novembro de 1995, logo após a primeira convocação visando as Olimpíadas de Atlanta e devido ao mau resultado na Copa da Suécia e fornecia um suporte logístico e organizacional. A intenção era atuar no âmbito nacional a partir da Seleção Brasileira e no âmbito regional com a organização dos Campeonatos Paulistas, chamados de Paulistana. Maravilha contou a sua visão sobre a atuação da Sport Promotion:

Fizeram esse projeto, apresentaram para a CBF. A CBF deu autorização para eles que usassem a Seleção. Tanto que a gente não treinava na Granja Comary. A gente treinava em Indaiatuba, São Paulo. A gente ficava numa chácara, a Seleção Brasileira. E aí quando eles assumiram o nosso salário, o meu salário no clube que eu recebia era R\$70,00 foi para R\$500,00. (...) Na época pra mim foi, assim, uma evolução muito grande em termos de valores. Se você passar pro valores da época, era um salário muito bom. (...) A Sport Promotion deu essa condição muito boa e nos respeitavam muito. Olha, a gente machucava... se alguém se machucasse, tinha todo o suporte, recebia salário. (...) Esse foi um momento bastante importante. A Sport Promotion que subsidiou todo essa preparação para a Olimpíada de 96. Todo o trabalho da Seleção. Depois organizou o campeonato, a Paulistana de São Paulo e o Brasileiro de 97. Então eles trabalharam esses dois anos. Aí como o custo era muito elevado, eles pagavam atletas, pagavam comissão técnica dos clubes, de todos. O custo ficou alto para... na verdade, o retorno era baixo na época ainda. Aí eles não suportaram. Eles depois, acho que 98 e 99 eles foram dando apenas uns suportes assim pra Seleção. Daí a CBF assumiu a Seleção e aí eles acabaram saindo³⁶⁰.

As Paulistanas agitaram a modalidade no fim dos anos 1990, várias jogadoras disputaram os torneios. Era a oportunidade de ver as craques jogando: Sissi, Márcia Tafarel, Leda Maria, Maravilha, Kátia Cilene, Marisa, Fanta, entre outras. E a próxima geração chegando: Simone Jatobá, Aline Pellegrino, Emily Lima, Juliana Cabral, Marina Aggio etc. Sobre isso Leda comentou:

Foi muito legal porque a gente viu que foi televisionado. E foi muito legal, gente, muito legal. A gente pensou na época que a gente ia conseguir fazer com que o futebol feminino crescesse de fato. Só que não. Mas a gente conseguiu dar o primeiro pontapé oficial no Brasil de fato, na Paulistana ali em 97. Dali saíram grandes jogadoras que serviram as seleções futuras³⁶¹.

De acordo com a revista Manchete, as Paulistanas eram organizadas em parceria com a Federação Paulista de Futebol. Na edição de 1997, além dos times de camisa, participaram equipes de três universidades paulistas, a São Judas, o Mackenzie e a USP. Os jogos contavam com a presença da torcida e alguns foram televisionados pela Rede Bandeirantes. A notícia

³⁶⁰ WAHLBRINK, Marlisa. **Marlisa Wahlbrink (Maravilha)**: entrevista [5 dez. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Maravilha, 2022. Documento digital (1h34). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

³⁶¹ ABREU, L. 2022.

ainda trazia o quadro “Estrelas do Paulistana”, com imagens de Milene Domingos (“a mais bonita”), Sissi (“a melhor jogadora”) e Kátia (“a artilheira”)³⁶².

Contudo, o projeto da Sport Promotion foi enfraquecendo e o Campeonato Paulista voltou a ser organizado pela Federação sem essa parceria. A edição de 2001 foi marcada pela peneira realizada. Segundo Souza Junior, o embelezamento das atletas foi tido como um dos objetivos principais para garantir o sucesso do torneio. O argumento do então presidente da FPF, Eduardo José Farah, era de que havia uma necessidade de se mostrar a “nova roupagem do futebol feminino” unindo a sua imagem à feminilidade. Alguns critérios foram estabelecidos para alcançar esse objetivo, como o teto de idade de 23 anos para as participantes, buscando forjar uma representação erotizada a partir da juventude. Também foi evidenciada uma preferência pelas candidatas de cabelos compridos³⁶³.

O pesquisador agregou em sua tese o cartaz de divulgação da seletiva, que trazia a modelo e atriz Patrícia de Sabrit segurando uma bola e posando de perfil na capa. Já na parte interna há outras fotos com forte caráter sexista e apelo sensual. Algumas de uma modelo fazendo poses com a bola. Outra de três mulheres juntas, mostrando do ombro para cima, mas insinuando estarem peladas. Uma última de um casal heterossexual abraçado e sem contexto com o esporte. Um trecho do texto de divulgação afirmava “A beleza da mulher brasileira será, mais uma vez, conhecida no mundo inteiro”³⁶⁴. Obviamente, é uma forma de erotização das mulheres no futebol, empreendida pelos dirigentes da maior federação estadual do país, que deveriam fomentar a modalidade e não reforçar estereótipos de gênero.

Na virada da década de 1990 para a de 2000, a Seleção Brasileira disputou a Copa do Mundo em 1999 e as Olimpíadas em 2000. O Mundial foi realizado nos EUA, com a participação de dezesseis seleções pela primeira vez – anteriormente eram doze. As donas da casa se sagraram campeãs e o Brasil voltou com um honroso terceiro lugar. A média de público foi surpreendente, de 37319. A campanha brasileira teve vitória sobre Itália e México na fase de grupos e empate com a Alemanha; vitória contra a Nigéria na prorrogação das quartas de final; derrota para os EUA na semifinal; vitória nos pênaltis contra a Noruega na disputa de terceiro lugar.

Sissi foi sem dúvida o grande nome da equipe brasileira. Apesar de jogar no meio campo foi artilheira do torneio com nove gols e fez o histórico gol de falta contra a Nigéria, garantindo

³⁶² Futebol feminino para valer. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1997, p. 44-46.

³⁶³ SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 314 f. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2013, p. 142.

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 144-145.

a classificação para a semifinal. O jogo foi decidido na prorrogação com o gol de ouro. O Brasil ainda contava com Maravilha, Nenê, Tânia Maranhão, Juliana Cabral, Cidinha Maycon, Formiga, Kátia Cilene, Sissi, Suzana, Andreia, Fanta, Grazielle, Marisa, Raque, Pretinha, Priscila, Deva e Valéria. Foi a Copa do Mundo marcada pela icônica fotografia de Brandy Chastain após converter o pênalti que garantiu o títulos dos EUA. Na comemoração do gol ela tirou a camisa e ficou só de top, ajoelhando-se. A imagem correu o mundo.

Maravilha contou que apesar da conquista do terceiro lugar, o retorno para o Brasil foi problemático: “Em 1999 voltamos para aquela realidade, um pouco melhor, com uma base melhor, mas voltamos para a realidade que era o futebol feminino. A dificuldade de salários, dos contratos”³⁶⁵. Foi na linha do que Leda havia comentado sobre elas terem achado que a Paulistana ia ser o pontapé inicial de um crescimento definitivo da modalidade, contudo, não foi isso que aconteceu. Novamente, é o efeito sanfona do futebol de mulheres brasileiro.

A Placar, em uma reportagem às vésperas da Olimpíada de Sidney, abordou a situação instável da modalidade: “As garotas ainda se ressentem de um calendário organizado, disputam poucos campeonatos e os clubes não mantêm os times o ano inteiro”³⁶⁶. A matéria aborda a preparação delas na Granja Comary trazendo aspectos do cotidiano, dos treinamentos e enfatiza a questão da vaidade das jogadoras e as suas orientações sexuais. Há claramente uma lesbofobia e um reforço da heteronormatividade: “Renatinha, assim como pelo menos metade do time atual, tem um homem para chamar de seu, sepultando a fama do Sapatão Futebol Clube”.

Sobre a expectativa com relação aos Jogos Olímpicos foi falado: “elas sabem o que uma medalha na Austrália significa: continuidade, reconhecimento, melhores condições e quem sabe até patrocínio. Sem a medalha, a luta contra o preconceito, a falta de estímulo e o desinteresse pode terminar em retrocesso”. Ou seja, coloca a responsabilidade de investimentos e estruturação somente nas costas das jogadoras.

Apesar da pressão desmedida, o Brasil ficou com o quarto lugar e venceu a Suécia, Austrália na fase de grupos. Perdeu para a Alemanha e depois foi derrotada pelos EUA na semifinal. As alemãs ainda derrotaram as brasileiras novamente na disputa de terceiro lugar. A equipe comandada novamente por Zé Duarte contava com Andreia, Simone, Juliana Cabral, Tânia Maranhão e Cidinha; Daniela Alves, Formiga, Maicon e Sissi; Pretinha e Kátia Cilene.

³⁶⁵ WAHLBRINK, Marlisa. Marlisa Wahlbrink (Maravilha): entrevista [4 set. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos. Porto Alegre, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139748/000991152.pdf> Acesso em: 6 mar. 2023.

³⁶⁶ Só no sapatinho. **Revista Placar**. São Paulo, mai. 2000, p. 56.

Os anos 2000 foram muito marcantes para a Seleção Brasileira. As maiores conquistas ocorreram nesse período, foi a formação da chamada “geração de ouro”, com destaque para as atuações do trio Marta, Cristiane e Formiga. A Copa do Mundo de 2003 foi novamente nos EUA, a Alemanha sagrou-se campeão, o Brasil ficou com a quinta colocação, mas assistiu à estreia de Marta. Era um time jovem, oito jogadoras abaixo dos vinte anos. Além de Marta com dezessete, Cristiane tinha dezoito.

Um marco relevante dessa década foi também a chegada de René Simões como treinador da equipe. Muitas jogadoras referenciam esse momento, visto como algo positivo. Na visão delas, René enfrentou a própria CBF demandando uma melhor estrutura para as atletas, dentro e fora da Seleção. Nas palavras de Maravilha:

Em 2004, teve um trabalho bem diferenciado, acho que foi o único trabalho em nível profissional que eu tive foi com a comissão técnica do René Simões. Tivemos todo o suporte: fisioterapeutas, fisiologistas, preparadores físicos, dois auxiliares técnicos, treinador de goleira qualificados e atualizados. Isso colaborou muito para a evolução do futebol feminino. Ele tinha um projeto de dar uma sequência, mas a CBF não quis³⁶⁷.

Nas Olimpíadas de Atenas, com dez seleções participantes, o Brasil perdeu a final para os EUA, com gol das estadunidenses na prorrogação. Foi uma medalha de prata dolorida e ao mesmo tempo motivo de muito orgulho. Cris Rozeira comentou sobre esse jogo anos depois: “Chegar em uma final de Olimpíada era um marco para a gente. Foi a primeira final importante na nossa carreira, na história da seleção feminina também. E chegar contra os Estados Unidos, eram absurdas aquelas meninas, deu um peso muito grande pra gente”³⁶⁸.

Na Copa do Mundo de 2007 disputada na China, o Brasil ficou novamente com o segundo lugar. Perdendo a final para a Alemanha. Marta foi a artilheira e considerada a melhor jogadora da competição. O treinador foi o Jorge Barcelos e o time contava também com: Andréia, Bárbara, Bagé, Mônica, Renata Costa, Tânia Maranhão, Cristiane, Dani Alves, Daiane (Bagé), Elaine, Ester, Formiga, Grazi, Katia Cilene, Maicon, Michele, Pretinha, Rosana, Simone. Mas há um episódio muito significativo nesse torneio também. Quando subiram no pódio as jogadoras ergueram uma faixa escrito: “Brasil, precisamos de apoio”. Bagé narrou como foi:

³⁶⁷ WAHLBRINK, Marlisa. Marlisa Wahlbrink (Maravilha): entrevista [4 set. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos. Porto Alegre, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139748/000991152.pdf> Acesso em: 6 mar. 2023.

³⁶⁸ Cristiane relembra desafios até a prata do futebol feminino em Atenas 2004. **Globo Esporte**. São Paulo, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/cristiane-relembra-desafios-ate-a-prata-do-futebol-feminino-em-atenas-2004.ghtml> Acesso em: 6 mar. 2023.

Esse episódio da faixa me causou muito transtorno, porque eu sempre fui uma jogadora que sempre batalhei muito por grupo, porque a gente tem que estar junto. É lógico que você nunca vai desrespeitar quem te comanda ou coisa parecida porque você depende dessas pessoas e tudo mais. E o episódio da faixa, em 2007, nós estávamos praticamente todas reunidas dentro do quarto então nós decidimos: “Vamos fazer uma faixa para mostrar que a gente precisa de apoio”. Não era nada para criticar a CBF. “O que vamos escrever na faixa?” Aí colocamos... Só que quem escreveu fui eu. “Brasil precisamos de apoio” essa era a faixa. Mas não era nada voltada para a CBF, pelo contrário. Quando eu fui para Seleção muita coisa mudou na minha vida, graças a Deus. Eu pude construir uma casinha simples para minha mãe e tudo mais, mas em 2007 foi engraçado. O que as pessoas não sabem que meu treinador entrou no quarto, ele viu a faixa, todo mundo perguntou: “A gente pode fazer?”. Ele disse: “Pode fazer, não tem problema nenhum”. Entendeu? Ai, beleza, a gente foi lá fez a faixa, só que quem fez a faixa fui eu e a Micheli mas estava todo mundo... As meninas rindo, eu escrevi a faixa na hora a gente vai levantar. Quando chegou na final que foi contra os Estados Unidos... Não, foi contra a Alemanha, os Estados Unidos estavam lá dando risada da gente porque a gente tinha perdido para Alemanha. Antes de subir no pódio a gente perguntou para o treinador: “Podemos subir com a faixa?” Aí ele falou: “Podem, agora é o momento de vocês subirem com a faixa”. Subimos Lu, mas quem subiu com a faixa? Eu! Entendeu? A saiu estampado em todos os jornais: “Brasil precisamos de apoio”, que era a faixa. Aí ferrou Lu, porque depois dali eu não fui mais convocada, depois de um tempo... Eu já imaginava que era por causa daquilo mas eu não imaginei que aquilo me causaria um problema dentro da Seleção até porque eu estava em um... Fisicamente eu estava muito bem e eu estava jogando e vinha ganhando todas as competições com o meu clube que era o Botucatu na época. Então eu estava muito bem, não teria porque não estar. Mas eles acabaram optando por me deixar de fora e depois de um bom tempo eu descobri que foi por causa daquela faixa³⁶⁹.

A faixa escancarou a situação precária do futebol de mulheres brasileiro e teve um forte impacto, afinal, foi na final da Copa do Mundo. Pode ser encarada como uma mobilização de classe, pois é a demanda por melhores condições de trabalho, por uma estrutura adequada, por investimentos. Bagé ainda contou sobre as consequências para ela, de ter sido afastada da Seleção. No mesmo ano foi realizado o Pan-Americano no Brasil e a final foi no Maracanã justamente contra os EUA. Os 70 mil torcedores presentes assistiram a vitória brasileira por 5x0. No final desse ciclo da Seleção tiveram os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Ficamos com a prata novamente, ao perder a final por 1x0 para as estadunidenses. Os embates seguidos entre as duas equipes criou uma rivalidade esportiva.

A década seguinte para a Seleção Brasileira não teve tanto sucesso nas competições quanto a anterior, mas disputou as Copas do Mundo de 2011, 2015 e 2019 e as Olimpíadas de 2012 e 2016. Há um fato relevante nesse período: a criação da Seleção Permanente em 2014. Foi proposta, pela CBF, a formação de uma equipe exclusiva que se dedicaria integralmente

³⁶⁹ RODRIGUES, Daiane Menezes. **Daiane Menezes Rodrigues (Bagé)**: entrevista [25 abr. 2015]. Entrevistadora: Luciane Castro. São Paulo, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128089/000975416.pdf> Acesso em: 6 mar. 2023.

aos preparativos para competições importantes, como o Mundial de 2015, no Canadá, os Jogos Pan-Americanos em Toronto em 2015 e os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

Essa seleção permanente tinha como objetivo criar um grupo de jogadoras convocadas que funcionariam de forma semelhante a um clube, com contrato e salários pagos pela CBF. As jogadoras selecionadas receberiam remuneração e passariam por períodos de treinamento constantes na Granja Comary e no Centro de Treinamento de Itu. Aquelas que jogavam em clubes estrangeiros continuariam a ser convocadas e fariam parte do time sempre que possível. Desde o final de janeiro de 2015, aproximadamente vinte e seis mulheres treinaram juntas sob o comando do técnico Vadão.

De acordo com Anjos, o projeto gerou controvérsias, sendo evidente que sua estratégia buscava obter resultados a curto prazo com um investimento financeiro relativamente baixo. A pesquisadora citou os argumentos dos dirigentes. O coordenador de seleções femininas da CBF, Fabrício Maia, reconheceu que a seleção permanente é apenas uma medida temporária para as competições importantes que estavam por vir. Segundo ele: "O futebol feminino de clubes não existe no Brasil. É necessário pensar em mais alternativas para ter um calendário permanente. Por isso, é importante, neste momento, ter a seleção permanente". Essa mesma visão foi compartilhada pelo coordenador de Futebol Feminino da entidade, Marco Aurélio Cunha. Portanto, o discurso unificado da CBF associava a necessidade de criar a seleção permanente à falta de estrutura dos clubes de futebol feminino no Brasil e à escassez de competições no país, o que impede a maioria das atletas de se manterem em atividade ao longo do ano. Para os clubes o projeto trouxe problemas, porque tirou os principais nomes de suas equipes e enfraqueceu as competições existentes³⁷⁰. A Seleção Permanente acabou desfeita.

Olhando agora para além da Seleção Brasileira, no início dos anos 2000 vê-se novamente um refluxo da modalidade, ao menos, na questão da estrutura dos campeonatos e times. É nesse momento que o Estado passa a ser um investidor fundamental. São as medidas e investimentos estatais que sustentam e possibilitam a manutenção da modalidade no Brasil. Vale a recordação de que já estamos falando dos anos de lulismo. Por isso a criação do Ministério dos Esportes e suas ações para construir políticas públicas são importantes.

Contudo, não é só a esfera federal que incentiva o esporte. As prefeituras em parcerias com clubes e instituições cumprem um papel fundamental no futebol de mulheres desse contexto. Apenas para fins elucidativos, o próprio orçamento do financiamento esportivo é mais abundante – considerando o período de 2002 a 2021 – na esfera municipal. Foram mais de R\$58

³⁷⁰ ANJOS, Luiza Aguiar dos. Seleção permanente: algumas reflexões após o primeiro ano da experiência. *Ludopédio*, São Paulo, v. 81, n. 3, 2016.

bilhões, contra R\$22 bilhões da esfera estadual e também R\$22 bilhões da esfera federal³⁷¹ (sem considerar a Lei de Incentivo ao Esporte e os recursos da Loteria Federal).

Um exemplo de sucesso do investimento das prefeituras em equipes femininas é de Araraquara, com a Associação Ferroviária de Esportes. No primeiro mandato do prefeito Edinho, em 2001, estabeleceu-se uma parceria entre a Fundação de Amparo ao Esporte do Município de Araraquara (Fundesport), o supermercado Extra, primeiro patrocinador, e o clube da Ferroviária. Após uma década a equipe havia se consolidado no cenário estadual, conquistando três títulos paulistas. A parceria com a Fundesport foi mantida e a partir de 2012, o time também passou a contar com patrocínio da Caixa Econômica Federal. O banco repassou R\$360 mil para a equipe³⁷². O dinheiro foi investido nas categorias de base e no reforço da equipe principal. No ano seguinte a “Ferrinha” conquistou a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro e em 2015 a Copa Libertadores.

Voltando à esfera federal. O programa Bolsa-Atleta foi fundamental para a permanência de muitas futebolistas no esporte. De acordo com dados da IPIE/UFPR³⁷³, no período de 2010 a 2023 foram distribuídas 1593 bolsas para o futebol, divididas em 729 atletas. Desses atletas 99% foram mulheres. O programa se divide em diferentes modalidades de bolsa – que variam de acordo com os méritos esportivos e os valores pagos³⁷⁴. No futebol a grande maioria é da modalidade Olímpica (1,35 mil), que paga atualmente o valor de R\$3100,00 (são doze parcelas).

A partir de 2011, o Ministério do Esporte se envolveu diretamente na estruturação do futebol de mulheres brasileiro. Primeiramente, o então ministro Aldo Rebelo empossou como coordenadora do futebol feminino a ex-jogadora da Seleção Michael Jackson. Em seguida, criou-se um grupo de trabalho para discutir soluções e buscar melhorias. A jogadora contou em entrevista para o projeto Garimpendo Memórias como foi esse processo:

Eu parei de jogar em 2002, o Ministro do Esporte hoje, o senhor Aldo Rabelo, enquanto era deputado federal, a gente sempre conversava sobre futebol, às vezes, eu ia ao escritório dele em São Paulo, ficávamos falando sobre futebol feminino, porque muitas coisas a gente não entendia. Ele me perguntava: “Mas porque o futebol feminino não é profissionalizado? Mas por que não temos campeonatos? E por que não temos campeonatos em todos os estados?” A gente conversava muito, então ele

³⁷¹ Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (IPIE) – UFPR. **Database – Financiamento Esportivo**. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/> Acesso em: 6 mar. 2023.

³⁷² CESTARI, P.; ROCCO JR, A. A relação entre as práticas de gestão e a evolução do futebol feminino na Ferroviária/Fundesport. **Anais do IV Singep - Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade**. São Paulo, 2015.

³⁷³ Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (IPIE) – UFPR. **Programa Bolsa Atleta**. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/> Acesso em: 6 mar. 2023.

³⁷⁴ São seis as categorias de bolsa oferecidas pelo Ministério do Esporte: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Olímpico/Paralímpico e Pódio.

dizia: “Mas isso não pode acontecer, o que a gente pode fazer?” E ele nem pensava em ser ministro, e quando aconteceu dele ir para o Ministério do Esporte, com duas semanas que ele tinha assumido, ele pediu para eu ir até Brasília, e pediu para eu mandar currículo. Eu falei: “Nossa, agora que ele virou ministro, tenho que mandar até currículo para falar com ele”. E fui até Brasília cheguei para a secretária: “O que está acontecendo?” E ninguém me falava, e aí ele me chamou no gabinete dele e me falou: “Michael, você aceita colocar aquelas ideias nossas, e vir me ajudar aqui no Ministério do Esporte?” Ele criou o meu cargo porque não existia. Não existia o futebol feminino dentro do Ministério, ele criou, e hoje eu estou lá trabalhando com ele. Ele não me chamou depois que ele foi para o Ministério, era uma pessoa que já gostava, quando ele assumiu o cargo ele pensou: “Agora nós podemos colocar aquelas ideias em prática”. Ele é uma pessoa maravilhosa, uma pessoa que realmente quer a evolução do futebol feminino, tanto que, quando têm competições, eu sempre chamo ele para ver as finais e assistir alguns jogos e ele sempre vai, sempre dá um jeito e vai assistir. É uma pessoa que vai ajudar muito o futebol feminino, por quê? Porque ele gosta e não tem interesse nenhum, então, isso é legal, é uma pessoa que está ali e disse: “Vamos fazer!”. Nunca disse: “A gente pode fazer? Vamos fazer!” Acho que **o futebol feminino hoje foi para dentro do governo**, não tinha política, não tinha nada, e nós estamos tentando criar políticas públicas para o futebol feminino, porque amanhã eu posso não estar mais no Ministério, quem entrar tem que fazer, a gente está pensando em todos os detalhes. O Ministério sozinho, não resolve a situação do futebol feminino, porque nós temos uma Confederação, então, a gente tem que procurar parceiros para que se fortaleçam essas parceiras e aí gente vai ter que chegar aqui na CBF e a CBF vai ter que resolver, porque no século XXI não dá mais para o futebol feminino continuar desse jeito, com esse descaso no Brasil, sendo o país do futebol³⁷⁵. [grifo nosso]

A partir desse trabalho o Ministério viabilizou a realização de três Copas Libertadores: a primeira, em 2012, em Pernambuco; a segunda junto com a Conmebol, em 2013, em Foz do Iguaçu; a terceira em São José dos Campos, em 2014. Ainda na seara dos competições, foi criado oficialmente e com reconhecimento da CBF o Campeonato Brasileiro em 2013, que contou com patrocínio de R\$10 milhões da Caixa Econômica Federal e com o apoio do Ministério também. Nos três anos seguintes o incentivo financeiro seguiu acontecendo e com o mesmo valor. O governo criou um infográfico para registrar os incentivos feitos ao futebol de mulheres:

³⁷⁵ DOS SANTOS, Mariléia. **Mariléia dos Santos (Michael Jackson)**: entrevista [31 mai. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Suellen Ramos. Pelotas, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109608/000950318.pdf> Acesso em: 6 mar. 2023.



Figura 16 - Infográfico do Ministério do Esporte com os investimentos no futebol feminino. Fonte: Arquivo Secretaria Especial do Esporte. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/futebol-e-direitos-do-torcedor/futebol-feminino>

Outro elemento fundamental desta segunda fase foram as mudanças promovidas pelas entidades esportivas visando a melhor estruturação e investimentos no futebol de mulheres. Começando pela FIFA. Segundo Almeida, em 2016 houve uma mudança no Estatuto da FIFA, que pela primeira vez incluiu a palavra “gênero” em suas proposições. No artigo 2 expressou como objetivo garantir a todos que queiram jogar bola tenham acesso às melhores condições, independente do gênero ou idade. No Artigo 4 prevê a igualdade de gênero e a luta contra a discriminação e o racismo. No Artigo 49 incluiu “gênero” como categoria de discussão na análise na Conferência Anual do Órgão³⁷⁶.

No ano seguinte, a Conmebol anunciou novas regras para os clubes participantes da Copa Libertadores, a partir de 2019, só poderiam jogar os clubes que mantivessem uma equipe de mulheres disputando um campeonato oficial. Além disso, foi lançado o Regulamento do

³⁷⁶ ALMEIDA, C. S. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. *FuLiA/UFMG*, v. 4, n. 1, 2019, p. 76.

Programa de Evolução visando viabilizar o crescimento de todas as categorias de futebol. A medida previu o destino de 20% do fundo do programa à criação e manutenção de torneios de Futebol Feminino, nos âmbitos nacionais e internacional³⁷⁷.

Na mesma direção a CBF criou a regulamentação de licenças para a operação dos clubes brasileiros, visando a organização do futebol brasileiro. Dentro os critérios a serem cumpridos pelos times há os desportivos e uma das obrigações é que os times da série A tenham um time feminino (ou ao menos uma parceria), além das categorias de base. Todas essas políticas foram fundamentais para o fomento do futebol de mulheres, que passou a ver efetivamente melhores resultados. Importante destacar que não foram fruto da benevolência das instituições, mas das mobilizações feitas pelas mulheres, por um lado, e do interesse mercadológico das entidades, por outro.

A fase de 1996 a 2019 foi caracterizada pela forte atuação estatal na manutenção da modalidade. Assim como políticas de fomento oriundas das entidades esportivas. O efeito sanfona foi uma permanência, com fases de crescimento e de refluxo do futebol de mulheres ao longo desses anos. A Seleção Brasileira passou por altos e baixos, mas sem dúvida, teve muitas conquistas com a geração de outro. As mulheres seguiram resistindo e lutando por melhores condições dentro do esporte. Houve também o crescimento das imigrações de atletas para o exterior e o estabelecimento de grandes competições esportivas: Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro e Copa Libertadores da América.

2.3 A Explosão feminista e o futebol (2019-2023)

A terceira fase da periodização proposta para esta tese teve início com a Copa do Mundo da França. Sem dúvida um grande marco do futebol de mulheres em perspectiva global. São poucos anos incluídos nela, porque acredito que é uma fase em constituição, seguirá adiante nos próximos anos. A sua característica central é justamente o crescimento efetivo e consistente da modalidade, com maior visibilidade, alcance midiático, investimentos e estruturação. Há nesse sentido uma presença maior da iniciativa privada. Não é um processo linear e progressivo e seguimos acompanhando vários problemas, contudo, os avanços neste momento acabam sendo maiores.

Proponho relacionar essa fase com a denominada “Explosão Feminista”. Atualmente, a crítica feminista tomou grandes proporções e se difundiu por diferentes gerações. Temos exemplos pontuais do grande número de discursos de cunho feminista que vemos surgir no

³⁷⁷ Ibidem, p. 77.

Brasil e no mundo nos últimos anos; da conscientização crescente da situação de violência à qual as mulheres estão expostas e também da tomada de consciência da importância política de ocuparem espaços e tomarem os discursos para si.

Este fenômeno contemporâneo é abordado por Heloísa Buarque de Hollanda³⁷⁸ que o denomina como “Explosão Feminista”. Além dele ter se disseminado e ganhado muito visibilidade, tem abarcado novas pautas, formas de ativismo e de organização política. Segundo ela, a explosão feminista se dá em novas formas de organização autônomas, horizontalizadas, sem representação ou liderança política, baseada nas experiências e narrativas de si. Nestes espaços e vivências singulares, coloca-se em discussão e na prática muitas das pautas que foram levantadas pelas gerações anteriores, como a interseccionalidade, a multiplicidade das demandas e das opressões sofridas pelas mulheres e por demais minorias. Por conta disto, Hollanda defende que os movimentos feministas - no plural - alcançaram uma amplitude jamais antes verificada, não estando mais reduzidos aos grupos universitários e/ou intelectualizados, demarcando uma ruptura com as manifestações do passado, formando assim, a quarta onda do feminismo.

Partindo também do debate sobre os feminismos contemporâneos, Margareth Rago (2004) afirma que desde os anos 2014 e 2015 o feminismo está na pauta política de diferentes sociedades. Para Rago, “o feminismo é pop”: está nas pautas televisivas, nas matérias de revistas, músicas, artes, na historiografia, nas mídias sociais, nas roupas, nos muros das cidades. Está efervescente e aparecendo. Tal progressivo destaque está transformando a forma como as feministas são vistas socialmente e assim, contribuindo para a ruptura com estereótipos e preconceitos em relação às ativistas e ao próprio movimento.

Enquanto Hollanda defende a expansão, as mudanças de pautas e formas de ação do feminismo utilizando o termo “quarta onda”, Rago opta pelo termo “pós-feminismo” para designar tal movimento de expansão e transformação. Sendo caracterizado como “dobrar-se sobre si mesmo”, esta fase do movimento feminista, segundo ela, é na verdade composto por vários feminismos, onde a categoria mulher não é mais entendida como estável ou permanente. As múltiplas identidades e experiências levaram à pluralidade de pautas, que por vezes se aproximam e por outras se afastam, mas, que trazem consigo novas lutas que partem de uma reflexão crítica sobre o próprio feminismo e sua historicização. Para Rago pensar historicamente o feminismo, bem como os conceitos com os quais opera e suas práticas é essencial para os rumos do próprio movimento.

³⁷⁸ HOLLANDA, H. B. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

A denominada Explosão Feminista não iniciou somente em 2019, e sim anteriormente, contudo, como esta terceira fase do futebol de mulheres no Brasil também é resultado da culminância de processos, mobilizações e lutas de anos interiores está conexão se torna possível. Os feminismos vão ocupando outros espaços, inclusive, o futebol. O próprio futebol de mulheres se torna um vetor de resistência à discriminação de gênero existente. Não significa que todas as envolvidas com o esporte sejam feministas, mas sempre que há jogadorAs em campo há também uma subversão da norma, um tensionamento do status quo.

Para materializar esse novo momento da modalidade cabe trazer alguns eventos relevantes. O futebol de mulheres passou a ter uma visibilidade maior. A cobertura midiática – ainda que precise melhorar muito – dedicou mais atenção, mais jogos foram transmitidos, chegando a um público maior. Para trazermos alguns dados: a Copa do Mundo da França foi a mais vista da história e quando consideradas todas as plataformas (televisão e sites) a audiência projetada foi de 1,12 bilhão; a final entre EUA e Holanda foi a partida mais vista na história da Copa feminina, com uma audiência média de 82,18 milhões; a média de audiência das partidas foi de 17,27 milhões, dobrando a média de 2015³⁷⁹.

As mudanças na imprensa também afetaram os campeonatos nacionais. A partir de 2019, os jogos do Campeonato Brasileiro série A1 e A2 passaram a ser transmitidos na televisão aberta. A TV Bandeirantes – que nos anos 1990 passava alguns jogos do de mulheres – trouxe para as suas tardes de domingo partidas das duas divisões. Em 2023, a Globo possui os direitos exclusivos de transmissão da série A1. Está transmitindo dois jogos por rodada, contudo, somente no canal fechado SporTV (é um retrocesso, pois tirou jogos da televisão aberta), mas a emissora informou que transmitirá na própria Globo os jogos a partir do mata a mata.

As emissoras também passaram a contratar mais jornalistas mulheres. O grupo Globo hoje conta com Renata Mendonça, Natália Lara, Renata Silveira, Lívia Laranjeira, Isabelly Moraes. A ESPN/Star+ criou o programa semanal Mina de Passe para discutir sobre futebol feminino. Apesar desses avanços, o número de mulheres na mídia esportiva precisa aumentar significativamente, assim como a diversidade de mulheres nesses espaços. Lembrando que avanços não são naturais, mas resultado das lutas empreendidas. A própria mídia só passou a ter outro olhar para a modalidade por conta da pressão dos veículos alternativos que se dedicavam ao futebol de mulheres – importante destacar o trabalho da Vitrine do Futebol

³⁷⁹ Com mais de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história. **Globo Esporte**. 18 out. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-divulga-audiencia-da-copa-do-mundo-feminina-e-diz-que-mais-de-1-bi-de-pessoas-assistiu-ao-torneio.ghtml> Acesso em: 10 mar. 2023.

Feminino e o Planeta Futebol Feminino. Foi na imprensa também que surgiu o movimento #DeixaElaTrabalhar. Jornalistas lançaram um manifesto visando lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações.

Mudanças também ocorreram no âmbito institucional, em 2016 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou o Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro e nesse Comitê foi criado um grupo de trabalho sobre o futebol feminino coordenado pela Ana Paula Oliveira, da Escola Nacional de Arbitragem e a Formiga, o grupo ainda contava com Emily Lima, Aline Pellegrino, Márcia Tafarel, Luciane Castro, Silvana Goellner. O Comitê apresentou onze recomendações aprovadas (nem todas implementadas) pela CBF, incluindo a criação de um Departamento de Futebol Feminino na entidade.

Em 2017, Emily Lima foi contratada como a primeira treinadora da Seleção Brasileira, mas ficou apenas dez meses do cargo, não tendo tempo de desenvolver o seu trabalho, e o retorno do técnico Vadão que chegou na Copa do Mundo mesmo com nove derrotas. Após a queda para a França, a CBF contratou a experiente técnica Pia Sundhage para o comando da Seleção. Simone Jatobá assumiu em 2019 a Seleção Sub-17. Em 2020, houve mudanças significativas na gestão: Aline Pellegrino no cargo de Coordenadora de Competições, cargo criado com a sua chegada para desenvolver a modalidade e Duda Luizelli como Coordenadora de Seleções Femininas. Duda acabou saindo em 2022 após uma reformulação interna da entidade. Além disso, equipararam-se as premiações olímpicas e as diárias entre homens e mulheres.

Em termos de competições, hoje o Campeonato Brasileiro possui três séries: A1, A2 e A3. A última iniciou em 2023. Foram criadas as primeiras competições nacionais de base para atender uma demanda antiga. Em 2019, a CBF realizou o Brasileiro sub-16 e sub-18. Depois as idades passaram por reajustes e viraram sub-17 e sub-20 respectivamente. Dos dezesseis clubes da série A1 dez possuem categorias de base.

O público dentro dos estádios para acompanhar os jogos também está em uma ascendente. Vários recordes foram quebrados nos últimos anos. Os mais recentes foram nas finais do Campeonato Brasileiro de 2022. Os finalistas foram Internacional e Corinthians. No jogo de ida, 36330 mil torcedores estavam no Beira-Rio. No jogo de volta, na Neoquímica Arena, 41070 pessoas estavam torcendo. Tornou-se o maior recorde sul-americano de público. Acompanha uma tendência internacional.

Mobilizações internacionais também foram significativas. Em outubro de 2022, o FIFPro enviou uma carta ao presidente da FIFA, Gianni Infantino demandando: 1) condições e estruturas iguais nas Copas masculinas e femininas, incluindo o mesmo valor de

premiações; 2) uma garantia global de pelo menos 30% do prêmio em dinheiro para quem competir na Copa do Mundo feminina; 3) um acordo coletivo entre a FIFA e as jogadoras envolvidos nesse compromisso. A entidade máxima do futebol respondeu em março de 2023 e anunciou U\$152 milhões de aporte para a Copa de 2023, é um valor três vezes maior que do último Mundial. Os fundos da FIFA se dividem em premiação, benefícios e verba para preparação das equipes. Infantino falou também que o planejamento da entidade é igualar os valores das Copas masculina e feminina já em 2026 e 2027³⁸⁰.

Pensando em termos nacionais, o país passou de um presidente de extrema-direita que enunciava “o futebol ainda não é uma realidade no Brasil”³⁸¹ para um presidente que junto com o Ministério do Esporte, liderado pela ministra Ana Moser, anunciaram a instituição da Estratégia Nacional para o Futebol Feminino, buscando enfrentar a falta de incentivos à profissionalização, a discriminação sexual e o assédio.



Figura 17 - Cartaz de divulgação da Estratégia Nacional para o Futebol Feminino do governo federal. Fonte: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/obrasilvoltou/cuidado/estrategia-nacional-para-o-futebol-feminino>

³⁸⁰ FIFPro. **How FIFPRO helped make the 2023 Women’s World Cup more professional and equitable for players.** Disponível em: <https://fifpro.org/en/who-we-are/what-we-do/foundations-of-work/how-fifpro-helped-make-the-2023-women-s-world-cup-more-professional-and-equitable-for-players> Acesso em: 10 mar. 2023.

³⁸¹ Bolsonaro critica questão do Enem sobre Marta e jogadora rebate. **Placar.** 18 jan. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/bolsonaro-critica-questao-do-enem-sobre-marta-e-jogadora-rebate> Acesso em 10 mar. 2023.

O Artigo 3º delimita os objetivos da Estratégia Nacional para o Futebol Feminino:

- I - promover condições favoráveis para o desenvolvimento do futebol feminino profissional e amador no País, com vistas à descoberta e ao encaminhamento de novos talentos, inclusive com os investimentos necessários ao seu desenvolvimento no esporte;
- II - combater ativamente a discriminação das meninas e das mulheres nas práticas relacionadas ao futebol;
- III - incentivar o estabelecimento de mecanismos efetivos de desmobilização de comportamentos intolerantes ou violentos contra as meninas e as mulheres nos estádios de futebol ou fora deles;
- IV - fomentar a participação das mulheres nas posições de gestão, na arbitragem e na direção técnica de equipes de futebol;
- V - fomentar a implantação de centros de treinamento específicos que adotem metodologia de aprendizado e diretrizes pedagógicas adaptadas às necessidades das meninas e das mulheres para a prática do futebol; e
- VI - incentivar a participação dos clubes de futebol na formação de meninas e mulheres para a prática do futebol³⁸².

Depois de mais de oitenta anos de um Decreto que proibiu a prática futebolística pelas mulheres, ter um Decreto que visa combater a discriminação, promover condições favoráveis de desenvolvimento da modalidade e incentivar a formação e participação de meninas e mulheres no futebol é um avanço sem precedentes. A Estratégia também definiu que o Ministério do Esporte deve elaborar em 120 dias da data da publicação um diagnóstico da situação atual do futebol feminino no país e um plano de ações para a implementação da Estratégia até 2025 e publicar anualmente um relatório de resultados obtidos. Até o final da escrita desta tese não havia completado o prazo de 120 dias, por isso, não tenho como analisar o diagnóstico referido.

A grande característica dessa terceira fase do futebol de mulheres é indubitavelmente o seu crescimento. As maiores audiências da história na Copa de 2019 sinalizaram as mudanças que estavam por vir: mais visibilidade, maiores investimentos, melhor estruturação, mais competições e calendário aprimorado. O que não quer dizer que os problemas inexistem, na verdade, muitos dos anteriores seguem e outros surgiram. Além disso, é preciso atenção com a entrada mais firme da iniciativa privada no circuito do futebol de mulheres, um aumento da mercantilização não é necessariamente o melhor caminho para a estruturação da modalidade e profissionalização das jogadoras.

³⁸² BRASIL. **Decreto nº 11.458**, de 30 de março de 2023. Institui a Estratégia Nacional para o Futebol Feminino.

Capítulo 3 – “Resgatar a história é você saber aquilo que vem por trás de você”: Histórias Oraís de jogadoras brasileiras

No primeiro capítulo apresentei as bases teóricas da tese e uma proposta de periodização para o recorte temporal analisado, a partir das especificidades do objeto de estudo. No segundo houve o desenvolvimento dessa periodização trazendo eventos significativos do futebol de mulheres brasileiro e que tivessem relação com o tema futebol como trabalho. Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar o arcabouço metodológico da pesquisa. Como exposto na frase de Leda Abreu, que intitula esse capítulo, é importante *resgatar* as histórias de jogadoras.

Dessa forma, começo justificando a escolha pela História Oral, a partir de suas próprias características e das especificidades das fontes orais. Em seguida, apresento o projeto de História Oral “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil” e como se constituiu e se desenvolveu. Logo após faço uma descrição aprofundada de como foi o processo de entrevistar jogadoras de futebol. Finalizo com a apresentação das jogadoras entrevistadas para esta tese. Partindo de suas próprias memórias e narrativas orais.

3.1 Por que a História Oral?

Para começar a responder a pergunta que intitula esta seção é preciso justamente compreender o que é a História Oral. Não tenho a pretensão de fazer uma revisão exaustiva do termo “História Oral”, inclusive, dado o tamanho da sua polissemia. Mas é importante contextualizar, a partir de autores fundamentais, o que se entende por História Oral nesta tese. Para começar recorro a Portelli que de modo direto, mas sem perder a sensibilidade, definiu a História Oral como primordialmente uma *arte da escuta*³⁸³. Uma arte baseada em um conjunto de relações:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história - entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.³⁸⁴

Nesta definição já constam elementos importantes como a conexão dialógica entre entrevistado e entrevistador, a importância da memória e da História(s) e o vínculo entre oralidade e escrita. Tudo amparado pela noção de que a base da História Oral é justamente a *escuta*, por isso é uma arte que envolve respeito e ética, sobretudo, do entrevistador para com seus entrevistados e as respectivas narrativas. Assim, a História Oral não é somente sobre algum

³⁸³ PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

³⁸⁴ *Ibidem*, p. 12.

evento histórico específico, mas é também sobre o lugar e o significado desse evento na vida dos narradores: “A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória”³⁸⁵. A memória entendida como um processo contínuo de (re)elaboração de significados e não apenas um depósito de informações.

Portelli descreve brevemente a expressão “história oral” como o uso de fontes orais na História ou Ciências Sociais. O uso de narrativas orais seriam, assim, uma ferramenta adicional na miríade de fontes do historiador. Contudo, ele mesmo expõe um sentido mais específico para História Oral. As fontes orais, não apenas como ferramenta adicional, mas como eixo central de um outro tipo de trabalho histórico, constituído a partir de questões sobre a memória, a narrativa, o diálogo e a subjetividade. Tal tipo de pesquisa histórica demanda abordagens e procedimentos específicos, adequados às suas especificidades, e que realizem um uso crítico das fontes orais³⁸⁶. Aproximando-se dessa perspectiva mais metodológica há a definição de Alberti:

Mas o que vem a ser, afinal, esse método-fonte-técnica tão específico? Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.³⁸⁷

A pesquisadora ligada ao Programa de História Oral do Cpdoc elaborou o *Manual de História Oral* a partir da longa experiência do programa e do diálogo e leitura de outros modelos. Muitos dos procedimentos adotados pelo programa e “ensinados” ao longo do manual foram utilizados nesta pesquisa, começando com a concordância da conceituação apresentada acima. Assim, as entrevistas realizadas são o eixo central da tese. Conforme Meihy e Holanda, mesmo que algumas vezes as entrevistas sejam utilizadas apenas para preencher lacunas ou complementar outros documentos, é importante assumir que é válido considerá-las como um discurso autônomo, com significado próprio. Não serve apenas para “tapar buracos documentais”, mas possuem valor “em si”³⁸⁸.

É com base nessa linha de raciocínio que começo a justificar a escolha pela História Oral, pois as narrativas podem ser elas mesmas objetos de análise. Acredito que se a proposta

³⁸⁵ Ibidem, p. 18.

³⁸⁶ Ibidem, p. 9-10.

³⁸⁷ ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

³⁸⁸ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

é realizar um estudo sobre o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil um caminho adequado é entrevistar as personagens principais desse processo. Não significa partir para uma hierarquização de fontes históricas, pois cada uma tem a sua importância, é apenas considerar que as fontes mais adequadas para este tema de estudo são as narrativas orais das próprias futebolistas – também não é descartar outras fontes, como será exposto adiante, a pesquisa exaustiva realizada durante a preparação das entrevistas utilizou uma diversidade de fontes, o mesmo vale para o momento da análise. A implicação disso é, parafraseando Alberti, considerar a pertinência das perguntas: “como os entrevistados viam e veem o tema em questão?” ou “o que a narrativa das que viveram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?”³⁸⁹.

Ou seja, a intenção é ampliar o conhecimento acerca da profissão jogadora de futebol através de um estudo aprofundado de experiências e visões particulares e estabelecer relações entre o geral e o particular, mediante a análise comparativa de diferentes relatos orais. Importante recordar que a história oral é sempre *social*, pois o sujeito histórico só se explica na vida comunitária³⁹⁰. Seguindo nessa direção e de acordo com Portelli, a fronteira móvel entre a História e as histórias é uma das relações que torna a História oral significativa, pois “a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro. O cerne duro da história oral reside exatamente nesse ponto, no qual a história invade as vidas privadas”³⁹¹.

Sobre a justificativa da escolha pela História Oral, há mais um elemento a ser acrescentado: fazer História Oral é produzir conhecimento histórico e científico. Somente os atos de entrevistar ou de fazer um relato ordenado da vida e experiência de outras pessoas não se constituem como História Oral. O historiador oral é mais do que um gravador que registra indivíduos “sem voz”, pois o testemunho não desloca e nem substitui a pesquisa e a interpretação histórica. O pesquisador não pode se limitar a ser um entrevistador eficiente ou que suas análise e síntese sejam substituídas pelas gravações isoladas³⁹².

Ainda sobre a noção do historiador vocalizar sujeitos “sem voz”, cabe salientar que é uma ideia errônea e incoerente, pois os/as colaboradores/as têm voz e têm as suas histórias para contar, diferente do historiador. Nós, pesquisadores, só podemos escrever porque essas pessoas nos “dão” uma voz. Podemos, minimamente, devolver o favor escutando e *amplificando* as suas

³⁸⁹ ALBERTI, V. 2013, p. 31.

³⁹⁰ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 28.

³⁹¹ PORTELLI, A. 2016, p. 16.

³⁹² LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 17.

vozes. Ou seja, oferecer a elas uma maior exposição e o acesso a um discurso público mais amplo³⁹³, ou ao menos em outras esferas.

Ao tratar da História Oral é necessário pensar as especificidades das fontes orais, algumas delas foram citadas acima, mas cabe um maior desenvolvimento da temática. O primeiro ponto é pensar em tais fontes como algo que acontece no presente e não apenas como um testemunho do passado. Portanto, ao longo da pesquisa deve-se considerar três níveis distintos e interconectados: um fato do passado (o evento ou processo histórico), um fato do presente (a narrativa contada pela colaboradora), e uma relação fluida e duradoura entre esses dois fatos³⁹⁴.

Para Alberti a entrevista adquiriu o estatuto de *documento*, mas não em uma perspectiva positivista de contar um evento “tal como efetivamente ocorreu”, e sim, em como perceber as formas pelas quais um evento foi apreendido e interpretado, ou seja, a entrevista de história oral documenta uma visão do passado. Seu componente fundamental não está no ineditismo de alguma informação ou no preenchimento de lacunas de outros documentos, está na “recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”³⁹⁵. Há duas implicações desse componente: 1) a visão do passado assim como a comparação entre diferentes visões passaram a ser relevantes nas Ciências Humanas – abordarei mais esse aspecto quando falar adiante sobre o *corpus documental*; 2) não se pode pensar em História Oral sem abordar a memória.

Com relação à memória, cabe uma breve digressão para elencar pontos importantes. Primeiro, diferenciar *história* de *memória*. Elas não são sinônimos. A história se baseia no distanciamento, na problematização e na reflexão e para marcar essa diferenciação ainda objetiva investigar os elementos que foram obliterados ou modificados pela memória.³⁹⁶ Recuperando a definição de história de Pierre Nora: “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”³⁹⁷. A história, assim, é uma interpretação das experiências humanas ocorridas a partir da crítica das fontes e fundamentada por uma teoria.

Portanto, o ofício do historiador é também realizar uma interpretação das narrativas memorialísticas. Com base nisso, compreende-se que a produção historiográfica tem nas

³⁹³ PORTELLI, A. 2016, p. 32.

³⁹⁴ PORTELLI, A. 2016, p. 18.

³⁹⁵ ALBERTI, V. 2013, p. 27.

³⁹⁶ MOTTA, M. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Novos domínios da história**. Elsevier, 2012, p. 21-36.

³⁹⁷ NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, 1993, p. 9.

memórias uma de suas fontes e também um de seus objetos de estudo³⁹⁸. Meneses apresenta claramente a diferenciação e a relação entre memória e história:

A memória, como construção social é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é a forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. [...] a História não deve ser o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar a sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da História.³⁹⁹

Ao compreender que a história empreende uma reflexão acerca da memória é importante conceituar e caracterizar a memória. Mauad recupera a definição de Nora: “é o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada, por uma coletividade viva de cuja identidade faz parte integrante o sentimento do passado”⁴⁰⁰. Além da óbvia relação da memória com o passado uma de suas características principais é o vínculo com o presente, ou seja, a memória é um fenômeno sempre atual e deve ser explicada a partir da atualidade.

É do próprio presente que ela recebe incentivos para consagrar um conjunto específico de lembranças e é a partir do presente que compreendemos por que a memória retira do passado alguns elementos e não outros, construindo uma narrativa ordenada e coerente⁴⁰¹. Pollak completa esse raciocínio: “a memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.”⁴⁰². A narrativa de nossas entrevistadas é elaborada em um momento de crescimento significativo do futebol de mulheres, encaixando-se na terceira fase da periodização proposta nesta tese. É importante lembrar disso, pois a maioria das narradoras jogou em fases anteriores, ou seja, momentos distintos. O momento atual do futebol de mulheres brasileiro é significativo para a construção da memória delas sobre períodos pretéritos.

Ademais, a memória é um fenômeno histórico, logo, possui uma historicidade própria. Cabe ao historiador identificar os seus critérios de seleção e analisar como variam de contexto para contexto, de sujeito para sujeito, de grupo para grupo e ao longo do tempo. Se a memória é um fenômeno histórico, ela é também socialmente construída, implicando que, assim como a

³⁹⁸ MAUAD, A. M. Usos do passado e história pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). **História Crítica**, n. 68, 2018, p. 27-45.

³⁹⁹ DE MENESES, U. B.. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 22-23, 1992.

⁴⁰⁰ MAUAD, A. M. 2018, p. 35.

⁴⁰¹ MOTTA, M. 2012, p. 25.

⁴⁰² POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

identidade “são valores disputados em conflitos sociais”⁴⁰³. Pollak acrescenta que a memória é um elemento constituinte do *sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, pois é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa (ou de um grupo) em sua reconstrução de si⁴⁰⁴.

Outras características da memória: 1) a sua seletividade. A memória é seletiva, pois nem tudo fica gravado ou registrado. Ao realizar uma seleção, precisamos considerar que a memória se constrói na lembrança, mas também no esquecimento. 2) As memórias são fontes históricas, auxiliando o historiador a identificar o que tem sido recordado por diferentes sujeitos históricos grupos sociais ao longo do tempo, a permanência ou a mudança de determinadas leituras sobre um acontecimento, visões distintas e contraditórias e os vínculos criados internamente pelos grupos⁴⁰⁵.

Retomando agora as especificidades das fontes orais é fundamental pontuar que elas são fontes narrativas. Conforme Portelli:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. (...) Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais não podem adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (...) Elas se tornam únicas e necessárias por causa do seu *enredo* – o caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores de forma a contá-la. A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história⁴⁰⁶. [grifo nosso]

A subjetividade é central, pois se conecta com a produção contínua de significados e com o desenvolvimento do enredo contado pela narradora. É na narrativa vocalizada pelo/a entrevistado/a que o historiador pode acessar as suas percepções e visões acerca de um evento ou processo histórico pretérito. É especificamente por isso que o pesquisador italiano assume preferir termos como “narradores” e “narrativas” e não “testemunha” e “testemunho”, ressaltando o caráter ativo dessas fontes, pois não há uma recordação passiva dos fatos.

Outra característica é que “as fontes orais são orais”⁴⁰⁷, parece uma obviedade, mas é sempre bom assinalar o status de documento oral. Mesmo após a transcrição, a entrevista de

⁴⁰³ Ibidem, p. 205.

⁴⁰⁴ Ibidem, p. 204.

⁴⁰⁵ MOTTA, M. 2012, p. 26.

⁴⁰⁶ PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, n. fev., 1997, p. 31.

⁴⁰⁷ Ibidem, p. 29.

história oral deve ser considerada em função das condições de sua produção: é uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada e desenvolvida através do diálogo entre entrevistada/o e entrevistadores. Ela se desenvolve através de desvios, interrupções, repetições, evocações paralelas, de tal modo, a análise é distinta daquela de um documento escrito, pois deve possibilitar a apreensão de significados não intencionalmente expressos. O caráter oral preservado pela gravação possibilita ao historiador perceber particularidades e recorrências do discurso da entrevistada, suas hesitações, autocorreções e ênfases etc.⁴⁰⁸

Impossível negligenciar o viés intencional das fontes orais. São criadas no encontro entre historiador e narrador/a, ou seja, são resultado de um relacionamento entre ambos. Essa troca dialógica é nomeada por Portelli de “troca de olhares” – na troca perguntas e respostas não seguem necessariamente em uma só direção. Portanto, os documentos orais não são encontrados, mas *cocriados* pelo pesquisador⁴⁰⁹. Não existiriam sob a forma que existem, sem a iniciativa deste.

Em vez de procurar ou organizar um acervo de documentos já existentes, na História Oral o historiador produz deliberadamente, através de várias etapas, o documento que se torna fonte. Dessa forma, o controle do discurso histórico permanece com o historiador, pois é ele que seleciona quem será entrevistado; contribui para a construção da narrativa através das questões e de suas reações às respostas; elabora o formato e contexto finais do testemunho, através da montagem e transcrição. Os entrevistados não falam no abstrato, mas falam para o historiador, com o historiador e se o material for publicado, através do historiador⁴¹⁰. Da participação direta e intencional do pesquisador decorre que já no momento de produção das fontes orais há um primeiro trabalho de crítica interna e externa do documento, feita concomitante à entrevista, permitindo uma constante avaliação desse documento ainda durante a sua constituição⁴¹¹.

Outra consequência dessa “troca de olhares” é que a entrevista é sempre única. Não há possibilidade de se repetir em outras circunstâncias. Mesmo que outros pesquisadores procurem o entrevistado, pode até sair uma entrevista semelhante, mas nunca serão iguais: a relação entre as partes será distinta, pois são pessoas diferentes, e o momento de realização também será diverso, tanto da vida pessoal do entrevistado, quanto do contexto histórico⁴¹². Ou seja, o

⁴⁰⁸ ALBERTI, V. 2013, p. 30.

⁴⁰⁹ PORTELLI, A. 2016, p. 10.

⁴¹⁰ PORTELLI, A. 1997, p. 37.

⁴¹¹ ALBERTI, V. 2013, p. 27.

⁴¹² Ibidem, p. 141.

testemunho oral nunca é igual duas vezes. Ainda sobre o relacionamento estabelecido, Portelli atenta para como a comunicação sempre funciona de ambos os lados. Assim, por mais que o conteúdo das fontes orais dependa largamente das questões e diálogos travados pelos entrevistadores, os entrevistados estão sempre – talvez discretamente – estudando os entrevistadores que os “estudam”.

De tal modo, o resultado final da entrevista é produto de ambos, narrador e pesquisador. Há uma decorrência prática dessa premissa, quando as narrativas orais são transcritas ou em processo de publicação e há uma omissão completa da voz do entrevistador ocorre uma sutil distorção, pois o texto responde uma pergunta não expressa ali, inferindo que determinado narrador falará as mesmas coisas, independente das circunstâncias, como se tivesse uma fala tão estável e repetitiva quanto um documento escrito: “quando a voz do pesquisador é cortada, a voz do narrador é distorcida”⁴¹³. Compartilho desse posicionamento e por isso nas transcrições feitas para esta pesquisa, as perguntas propostas por mim foram mantidas. É uma opção metodológica e pode variar de acordo com cada projeto de História Oral. Outras perspectivas, como a do Núcleo de Estudos em História Oral (USP), propõem a transcrição e a elaboração de um texto sem as falas do entrevistador.

Meihy e Holanda fazem um acréscimo importante. O resultado desse relacionamento entre entrevistador e narrador é a *entrevista*. Não se deve utilizar o termo “depoimento”, pois traz um viés “policialesco” e jurídico, como se estivesse ligado a um inquérito. Como a História Oral valoriza seu caráter democrático, utilizar depoimento dentro desse escopo seria um contrassenso. Na mesma direção o entrevistado não é um investigado ou depoente e nem o pesquisador é um policial ou investigador. É importante se reconhecerem como *colaboradores*⁴¹⁴.

Outro elemento importante sobre as fontes orais é que elas são “condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas”⁴¹⁵. Pode-se estender tal raciocínio para além da noção de classe, pensando em outros grupos minoritários a partir de um recorte de raça e gênero. Nesse sentido, analisar a trajetória de jogadoras é pertinente para a compreensão do desenvolvimento do futebol no Brasil e para a apreensão da maneira pela qual a desigualdade de gênero engendra relações de trabalho no campo esportivo, além de conhecer as experiências pessoais das futebolistas, relacionando-as com esses fatores sociais maiores. O

⁴¹³ PORTELLI, A. 1997, p. 36.

⁴¹⁴ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 20.

⁴¹⁵ PORTELLI, A. 1997, p. 37.

emprego da História Oral também tem especial utilidade para que olhemos além do circuito do futebol espetáculo masculino, foco constante da cobertura midiática e memorialística⁴¹⁶.

Por fim, uma última característica a se ressaltar é que as entrevistas ganham força em conjunto como *corpus documental*. De acordo com Meihy e Holanda:

Cada entrevista depois de finalizada apenas ganha razão de ser em sua comunicação com outras. É a totalidade organizada das entrevistas que interessa. O reforço dos argumentos ou a oposição deles faz com que as entrevistas se entrelacem, favorecendo conclusões que as justificam. Vistas unicamente como parte, as entrevistas perdem, completamente, funções no corpus documental. Não há sentido social em história oral de pessoas sozinhas⁴¹⁷.

A formulação do *corpus documental* é uma outra etapa do projeto de História Oral. É preciso desenvolver um conjunto de entrevistas capazes de um diálogo interno e com o seu entorno. Logicamente as entrevistas individualmente são relevantes, mas as comunicações com o geral e com o coletivo são essenciais. Não se credita exclusividade às narrativas isoladas, elas só ganham sentido no âmbito da proposta coletiva. Uma das consequências disso e por uma questão de acurácia documental, os historiadores orais citam extensivamente as suas fontes e os seus narradores e as usam em uma extensão superior a de outros historiadores, para tentar ao menos reter parte da polissemia da contação oral de histórias⁴¹⁸

3.2 O projeto de História Oral “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”

A História Oral é um meio de conhecimento e o seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, pressupondo sua articulação com uma proposta de pesquisa previamente definida. É preciso ter perguntas e questões que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação e a História Oral passa a integrar essa formulação quando se determina como o objeto em questão será trabalhado. A partir desse ponto é preciso elaborar um projeto de História Oral, pois ele unifica a motivação do trabalho com os procedimentos a serem efetivados. A conjugação desses dois elementos é o que caracteriza a História Oral e a diferencia de outras propostas, inclusive, das que também se utilizam de fontes orais⁴¹⁹

É consensual entre os historiadores orais a impossibilidade de realizar entrevistas sem ter um projeto de pesquisa, com hipóteses, objetivos e uma orientação teórica bem definida. Claro que o projeto pode ser reformulado ao longo da pesquisa. Mas a sua função prioritária é

⁴¹⁶ HOLLANDA, B. B. B.; RIBEIRO, R. R. História Oral, prática futebolística e cidades no Brasil: conflitos e apropriações nas narrativas de ocupação dos campos de “futebol de várzea” de Belo Horizonte. **História Oral**, v. 22, n. 2, p. 34, 2019.

⁴¹⁷ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 118.

⁴¹⁸ PORTELLI, A. 2016, p. 20.

⁴¹⁹ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 44.

de orientar a pesquisa, precedendo e acompanhando a tomada das narrativas orais. Caso contrário, como saber quem entrevistar, quais perguntas formular e como orientar o tratamento da entrevista?⁴²⁰

O projeto é o instrumento norteador e prevê: o planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados. Deve responder às três situações que orientam a realização da história oral: de quem? como? e por quê?⁴²¹ Assim, as etapas básicas de um trabalho de História Oral são: 1) elaboração do projeto; 2) gravação das entrevistas; 3) estabelecimento do documento escrito; 4) eventual análise; 5) arquivamento; e 6) publicação ou devolução social⁴²².

O projeto está conectado à forma de enxergar a História Oral. Como falado anteriormente, há uma polissemia de sentidos e significados dados a esse termo. De maneira resumida, é possível reduzir a três as principais perspectivas sobre o status da História Oral: 1) como técnica; 2) como uma disciplina; 3) como uma metodologia. Os partidários da primeira se interessam pelas experiências com as gravações, transcrições e conservação de entrevistas e o aparato para isso. Aqueles que a enxergam como uma disciplina utilizam argumentos complexos, por vezes, contraditórios, mas todos partem da ideia base de que a História Oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos únicos e um conjunto próprio de conceitos, constituindo assim um novo campo do conhecimento. Nesta tese a terceira perspectiva é adotada e considerada a mais adequada. Seguindo a visão de Amado e Ferreira:

A História Oral, como todas as metodologias estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho - funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral - o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história.⁴²³

Seguindo nessa perspectiva de encarar a História Oral como metodologia é adequado apresentar os procedimentos metodológicos adotados no projeto “O Futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”, que foi a base desta tese. Uma das escolhas a serem feitas pelo

⁴²⁰ ALBERTI, V. 2013, p. 23.

⁴²¹ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 15.

⁴²² Ibidem, p. 30.

⁴²³ FERREIRA, M.; AMADO, J. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. xvi.

pesquisador é pelo tipo de História Oral a ser executada: de vida ou temática. Uma das práticas decisivas para diferenciar ambas é a existência de um questionário. Na história oral de vida costumadamente adotam-se as chamadas “entrevistas livres”, já na história oral temática, os questionários auxiliam no estabelecimento de critérios de abordagem dos temas almejados⁴²⁴.

Optei pela história oral temática, pois as entrevistas temáticas versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido – no caso, o futebol como trabalho no Brasil. E porque essa escolha é adequada para o caso de temas com estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos narradores, como por exemplo, um trabalho ou função desempenhada. Nessas situações o tema pode ser “extraído” da trajetória de vida mais ampla e se constituir no cerne e objeto das entrevistas. A escolha dos entrevistados parte do critério dos que participaram ou se envolveram no tema abordado⁴²⁵.

Como esse tipo de História Oral envolve um questionário é preciso definir de que forma as perguntas serão feitas. Aqui optei por acompanhar os procedimentos adotados pelo programa de História Oral do Cpdoc com a prática do diálogo entre entrevistado e entrevistador, com maior espaço e peso para a fala daquele. O entrevistador ouve muito e bem mais do que fala, contudo, conduz a conversa, logo, também fala. Esse procedimento se denomina entrevista diretiva, que se baseia na crença de que uma entrevista conduzida em forma de conversa (prolongada) produz resultados melhores do que aquelas sem a intervenção do pesquisador⁴²⁶.

Isso não quer dizer que não haja cuidados específicos. O primeiro é não fazer com que as perguntas formuladas funcionem como uma “camisa de força”. Há uma flexibilidade ao longo da entrevista, inclusive, porque depende do ritmo e da narração do entrevistado. A segunda é conduzir a entrevista procurando ao máximo reduzir as influências do pesquisador sobre a narrativa, o que requer muita atenção na hora de falar. As perguntas elaboradas também devem ser abertas, fornecendo espaço para o entrevistado expor o seu ponto de vista, sem uma direção previamente exposta. As questões também devem ser desenvolvidas extensivamente, propondo diferentes ângulos de abordagem⁴²⁷.

Para a escolha das entrevistadas e a definição da comunidade de destino⁴²⁸ e da colônia⁴²⁹ partiu-se da problemática de analisar o futebol como trabalho para as mulheres e do

⁴²⁴ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 35.

⁴²⁵ ALBERTI, V. 2013, p. 37.

⁴²⁶ Ibidem, p. 154.

⁴²⁷ Ibidem, p. 157.

⁴²⁸ É um grupo de pessoas formado por experiências de bases materiais, psicológicas, de gênero ou de orientação política, cultural ou sexual comuns e com uma memória que marca seus elementos identitários. In: MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 52.

⁴²⁹ Se a comunidade de destino é o todo, a colônia é a sua primeira divisão, ou seja, é definida pelos padrões gerais de parcela de pessoas dessa comunidade. A colônia visa organizar a condução do estudo fazendo-o viável, pois é

objetivo de compreender a interpretação das jogadoras sobre as suas condições de trabalho (e de desemprego). Assim, a comunidade de destino estabelecida é de futebolistas brasileiras que tiveram o futebol como trabalho, um grupo de mulheres marcado pela experiência de ter jogado bola e estabelecido relações trabalhistas. A colônia é composta por atletas que atuaram no futebol brasileiro no período de 1983 até 2023 e alcançaram sucesso, pois puderam atuar por times de destaque na modalidade, vestiram a camisa da Seleção Brasileira e estabeleceram uma “circulação futebolística”⁴³⁰ de sucesso.

Retomando as etapas de um trabalho de História Oral⁴³¹, cabe explicitar como foram feitos nesta pesquisa. A elaboração do projeto, como visto, partiu da perspectiva da História oral como metodologia; da opção pela História Oral Temática, a partir disso, da escolha pela entrevista diretiva atentando para os cuidados necessários; da definição das entrevistadas com base na comunidade de destino e na colônia; e da previsão sobre a duração das entrevistas e seus aspectos técnicos; tudo isso em consonância com o tema, a problemática e os objetivos da tese. A segunda etapa é a realização e a gravação das entrevistadas:

É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo. Por seu papel central, esta etapa deve ser objeto de todo cuidado e dedicação da parte dos pesquisadores. Isso significa, entre outras coisas, investir seriamente na elaboração dos roteiros, produzir os instrumentos de controle e de acompanhamento da entrevista, cuidar da carta de cessão de direitos do depoimento e, principalmente, ter consciência da especificidade da relação que se estabelece com o entrevistado⁴³².

A preparação para as entrevistas é um momento chave e, como citado, deve ser feita com atenção e cuidado especial. Uma das primeiras atividades de preparo deve ser a investigação exaustiva do objeto de estudo, em fontes primárias e secundárias, objetivando obter uma sólida base de conhecimento do assunto. É estudando e se aprofundando no material disponível em fontes, arquivos, acervos e bibliografia pertinente que o pesquisador se prepara para desempenhar todas as funções ligadas à produção das entrevistas, otimiza o seu desempenho e imprime um alto grau de qualidade nesse processo. É possível situar com clareza a atuação e a experiência dos entrevistados em relação ao objeto de estudo e se preparar para dele obter uma narrativa de grande valor para a pesquisa, com perguntas enriquecedoras para o

uma fração representativa que pode ter como critério: geração, classe, etnia, gênero, profissão etc. In: , J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 53.

⁴³⁰ RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21–65, 2008.

⁴³¹ Relembrando: 1) elaboração do projeto; 2) gravação das entrevistas; 3) estabelecimento do documento escrito; 4) eventual análise; 5) arquivamento; e 6) publicação ou devolução social.

⁴³² ALBERTI, V. 2013, p. 120.

diálogo e apreendendo respostas significativas⁴³³. Tal esforço foi executado durante o desenvolvimento da tese, a pesquisa exaustiva foi fundamental para chegar nos nomes das entrevistadas, para historicizar o futebol de mulheres no Brasil (dando origem ao capítulo 2) e pensar teoricamente as questões de gênero e trabalho.

Outra atividade de preparação é a elaboração dos roteiros. Começando pelo roteiro geral das entrevistas. Deve ser elaborado a partir do projeto e da pesquisa exaustiva e possui dupla função: 1) promover a síntese dos tópicos levantados na investigação em fontes primárias e secundárias; 2) serve de base e orienta a elaboração dos roteiros individuais. O roteiro geral é um esforço de sistematizar os dados levantados e de articulá-los com as questões que impelem a pesquisa. Envolve uma cronologia minuciosa dos acontecimentos ocorridos no período analisado e relevantes para o tema; informações sobre os autores e fontes consultadas. A partir disso se tem uma visão abrangente e ao mesmo tempo aprofundada do que já se sabe sobre o objeto de estudo e aquilo que se quer saber através das entrevistas⁴³⁴.

O roteiro geral das entrevistas desta tese foi feito seguindo esses procedimentos. Elaborei primeiramente uma cronologia do futebol de mulheres dentro do recorte estabelecido, partindo de fontes primárias e secundárias, depois a aprofundei para torná-la menos descritiva e anotando pontos relevantes para a problemática em pauta, identifiquei os documentos, autores e bibliografia consultados. Cruzei todos os dados e informações e cheguei por fim no roteiro geral. A primeira versão ficou muito longa e precisou de ajustes, sobretudo, para deixar as perguntas mais abertas para que as entrevistadas pudessem falar mais livremente. A segunda versão ficou adequada, reduzida e foi a utilizada como base para os roteiros individuais. Dividi o roteiro em quatro eixos: 1) Infância, adolescência e a formação; 2) História, carreira e profissão; 3) Maternidade e aposentadoria; 4) Identidade pessoal e a modalidade. A partir deles, fazia perguntas mais amplas e, claro, relacionadas aos seus respectivos temas.

A proposta do roteiro geral é garantir uma relativa unidade no acervo produzido, mas não é uma camisa de força. Uma determinada pergunta constar ali não significa que será tratada da mesma maneira em todas as entrevistas e tampouco terá pesos equivalentes. É durante a entrevista que os diversos tópicos vão se ajustando e adquirindo, por vezes, valores diferentes dos previstos. Os dados do roteiro servem para orientar e ajudar a acompanhar a narração, mas não são perguntas prontas ou estanques para serem respondidas à risca. É diferente do que ocorre em uma entrevista jornalística. Primeiro, ouve-se o relato, o entrevistado conta o que lembra naquele momento e a nossa função é estimulá-lo a lembrar e o roteiro tem esse papel de

⁴³³ Ibidem, p. 120.

⁴³⁴ Ibidem, p. 120-121.

estímulo, de condução da entrevista e no auxílio ao entrevistador para não esquecer de perguntar aspectos relevantes. De toda forma, a relativa unidade concebida pelo roteiro geral permite a identificação de divergências, recorrências e/ou concordâncias entre as narrativas obtidas, permitindo um maior aprofundamento na análise.

A segunda função do roteiro geral é orientar a elaboração dos roteiros individuais. Aqui entra a biografia das entrevistadas, também pesquisadas a partir de documentos e bibliografia. Como o futebol de mulheres possui uma escassez e fragmentação de fontes essa parte foi mais desafiadora, mas cumprida da mesma forma, inclusive, porque era importante saber antecipadamente como se deu a carreira delas, se jogaram pela Seleção Brasileira, quando jogaram, por quais clubes passaram, o que fizeram após o final da carreira, se são ou querem ser mães etc. De tal modo, o roteiro individual decorre do cruzamento do roteiro geral com os resultados da pesquisa biográfica, é o cruzamento entre o particular e o geral. No momento da entrevista, os pesquisadores não precisam se ater exclusivamente ao roteiro individual, ele deve ser algo flexível, aberto para a orientação do entrevistador, mas não como o único recurso a ser considerado⁴³⁵.

A etapa seguinte é a realização das entrevistas e o primeiro elemento importante é encarar a entrevista de história oral como uma *relação*. Uma relação entre pessoas diferentes, com opiniões e experiências diferentes, que têm em comum o interesse por determinado tema e um conhecimento prévio sobre ele. O entrevistado a partir de sua vivência e o entrevistador a partir de sua atividade de pesquisa. Quando se inicia a entrevista, ambos se avaliam mutuamente e passam a formular uma imagem de seu respectivo interlocutor, a partir da fala, comportamento, reações, disposição por estar ali etc. Tais impressões vão sendo corroboradas ou alteradas à medida que a entrevista avança.

Após a fase inicial, marcada mais por um distanciamento, é possível chegar em uma empatia positiva para a reflexão pretendida, assim, entrevistado e entrevistador podem se tornar cúmplices no processo de recuperar e interpretar o passado. Por isso, a qualidade da entrevista depende muito do tipo de relação estabelecida entre os envolvidos. O ideal é que se encaminhe para um diálogo informal e sincero, possibilitando espaço para a cumplicidade. Tal cumplicidade pressupõe que ambos reconheçam suas diferenças e respeitem a visão de cada um⁴³⁶.

Portelli complementa esse raciocínio ao afirmar que a entrevista se estrutura sobre um solo comum, o qual possibilita o diálogo, mas também se estrutura sobre uma *diferença* que a

⁴³⁵ Ibidem, p. 133.

⁴³⁶ Ibidem, p. 138.

torna significativa. Afinal, uma troca de conhecimentos só tem significado se esse conhecimento não foi previamente compartilhado, ou seja, se há entre os envolvidos uma diferença significativa e um deles está em situação de aprendizagem. Pontos em comum tornam a comunicação possível, mas é a diferença que a faz significativa. Por conseguinte, é a abertura do historiador para a escuta e para o diálogo, e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua pautada pela diferença, abrindo o espaço narrativo para o entrevistador entrar. De outro lado, é a disposição do entrevistado em falar e se abrir que permite aos historiadores fazerem seu trabalho⁴³⁷.

Em todas as entrevistas realizadas para esta tese busquei ao máximo partir das noções propostas acima e creio que as relações de entrevista estabelecidas se basearam na empatia e no diálogo frutífero. Algumas seguiram exatamente o descrito anteriormente (eu diria que a maioria), começaram com um afastamento natural e ao longo da entrevista foi desfeito, inclusive, porque muitas das histórias compartilhadas tocavam em questões sensíveis ou muito caras às entrevistadas. Se não houvesse a abertura para falarem, não teriam compartilhado. Abertura construída justamente nessa *relação*, estruturada pelo interesse por um assunto comum, mas sobretudo, pelas diferenças existentes, que tornaram o diálogo significativo.

Outras pelo perfil da entrevistada ou por eu já conhecer anteriormente pularam ou amenizaram essa parte do estranhamento. Mas claro, também teve a situação de a relação se manter mais distanciada ao longo de toda a entrevista, como se estivéssemos em um ambiente profissional mais corporativo. O que não deixa de ser um elemento interessante para a análise. De toda forma, ao detalhar mais adiante sobre as entrevistadas e como se deu todo o processo das entrevistas esses processos ficarão mais claros.

Há uma especificidade do contexto em que as entrevistas foram feitas, pois a maioria delas se realizou a distância, de maneira online. Sei que é um tema deveras polêmico quando se fala de História Oral e sem dúvida entre os historiadores orais é um debate em aberto. Para preservar e dar conta dos procedimentos metodológicos procurei bibliografia pertinente sobre essa pauta, pois percebi que as entrevistas, dado o contexto de pandemia de COVID-19 (ainda que bem mais flexível) e a preferência das entrevistadas, acabariam acontecendo a distância, como de fato ocorreu com a maioria.

Santhiago e Magalhães⁴³⁸ propuseram uma reflexão sobre a realização de entrevistas conduzidas de acordo com os princípios da história oral no ambiente digital, para isso

⁴³⁷ PORTELLI, 2016, p. 13-15.

⁴³⁸ SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos* 90, v. 27, p. 1-18, 2020.

realizaram uma revisão da literatura existente até então e partiram de experiências que eles mesmos tiveram utilizando entrevistas online. De acordo com os pesquisadores, a eclosão da pandemia acabou acelerando a necessidade dessa revisão e afirmam logo de saída que o assentamento do ambiente online como um espaço de produção de relatos de memória possui implicações informadas por rupturas e continuidades. Contudo, as primeiras são sempre mais enfatizadas.

Ademais, mudanças tecnológicas reorientam hábitos, costumes e práticas da comunicação humana e novas modalidades de comunicação transformam gêneros do discurso, seus conteúdos e formas de dizê-lo. À História Oral caberia apreciar criticamente tais transformações, propondo considerações sobre a mudança efetiva na memória e na cultura a partir da incorporação de novas tecnologias e sob o impacto destas sobre a forma de se contar histórias⁴³⁹. Cabe, então, avaliar as rupturas e continuidades e a partir das primeiras pensar em estratégias para a manutenção dos princípios da História Oral nas pesquisas.

Assim, vale ressaltar os aspectos positivos de realização de entrevistas online, que são facilmente encobertos. Primeiro, lembrar a existência de razões de cunho cultural para fazer entrevistas no ambiente digital. As relações sociais vêm mudando substancialmente com os relacionamentos online ou mediados por máquinas, a presença física não é mais um critério de definição do que se considera uma relação social. A entrevista de História Oral se constituindo como uma *relação*, como visto acima, se enquadra nesse aspecto.

A virtualidade da entrevista também não desvia o entrevistado de sua rotina usual, acaba sendo um fator facilitador. Isso foi um elemento bem claro nas nossas entrevistas, muitas das entrevistadas afirmaram que a possibilidade de ser online deixava mais fácil de encaixar na agenda delas, ainda mais em rotinas atribuladas. Além das vantagens mais óbvias, como “vencer” o distanciamento geográfico e a economia financeira.

De tal modo, o recurso virtual pode ser entendido como uma ferramenta a aproximar o entrevistador e o entrevistado, um caminho para o entendimento das interações e dos pontos de vista sobre a história que não estariam disponíveis de outra forma. Seitz chama a atenção para um possível comprometimento causado pelo uso do recurso visual na leitura da linguagem corporal, considerando que os equipamentos não mostram o corpo integralmente e como se sabe a expressão corporal é componente chave da História Oral. Uma saída para tentar amenizar essa dificuldade, proposta pela autora, seria prestar mais atenção às expressões faciais do

⁴³⁹ Ibidem, p. 5-6.

entrevistado, intensificando as nossas de entrevistadores, e ao mesmo tempo não descuidar do “olho-no-olho”⁴⁴⁰.

Há também cuidados técnicos a serem tomados. Primeiramente, uma atenção maior à qualidade da gravação do áudio, pois o som pode se dispersar na interação mediada pelo computador, ocasionando mais ruídos. Em segundo lugar, fornecer toda a informação possível ao entrevistado sobre o projeto de pesquisa, garantindo que ele fique seguro em relação à confiabilidade do projeto e à idoneidade do entrevistador. O terceiro cuidado é combinar com o entrevistado a forma de autorização de uso da entrevista, seja gravada ou assinada e escaneada.

Considerei esses três cuidados e ao agendar a entrevista com as jogadoras enviava um texto com todas as informações sobre a pesquisa e demonstrando o vínculo com a Universidade de São Paulo, para elas perceberem que havia respaldo institucional e que não era algo falso. Um breve adendo nesse relato para falar sobre o contato inicial com as futebolistas. Tonini⁴⁴¹ relata em sua tese as dificuldades e desafios para conseguir entrevistar jogadores de futebol, que são um tipo de celebridade, e por isso há conflitos de agenda, preocupação exacerbada com uso da imagem e da gravação, uma espécie de desinteresse em ceder a entrevista, pois diferente de uma entrevista jornalística, a acadêmica dificilmente traria maior visibilidade para o jogador.

Comparativamente, esses não são empecilhos encontrados quando procurei entrevistar jogadoras. Elas acabam sendo muito mais acessíveis. Não que eu não tenha tido negativas, mas as barreiras de acesso geradas por celebridades não se aplicam. É também reflexo da invisibilidade do futebol de mulheres no Brasil e da diferença para com a matriz espetacularizada do futebol de homens.

Mas volto a abordar os cuidados citados acima. Quando a decisão por realizar em ambiente digital era tomada – seja pela COVID-19, seja por preferência das entrevistadas devido às suas agendas ou localização geográfica – eu também deixava claro o procedimento de assinatura e escaneamento da carta de cessão e caso sentisse necessidade e abertura citava algumas dicas para a melhoria do som gravado, como o uso de fones de ouvido com microfone, a escolha por um ambiente com poucos ruídos externos.

Além de explicar que utilizaria a plataforma Zoom para gravação do som e áudio e como elas poderiam acessá-la. Esses momentos pré-entrevista podem fortalecer o relacionamento

⁴⁴⁰ SEITZ, S. Pixilated Partnerships, Overcoming Obstacles in Qualitative Interviews via Skype: A Research Note. **Qualitativo Research**, v. 16, n. 2, p. 229–235, 2016.

⁴⁴¹ TONINI, M. D. **Dentro e fora de outros gramados**: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. 480 f. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

com o entrevistado e servem também para a explicitação e negociação sobre os aspectos técnicos⁴⁴². Optei pelo Zoom após pesquisa sobre vantagens e desvantagens dessas plataformas e também porque já havia tido experiências práticas melhores com ele do que com outras no meu trabalho⁴⁴³.

A facilidade de acesso do participante à conferência no Zoom creio que foi o principal critério para minha escolha, pois assim, apenas precisava enviar o link para as futebolistas, elas clicavam e poderiam utilizar o próprio navegador para participar da entrevista. O Zoom também garante a gravação completa e há uma preocupação com arquivamento, pois ele permite armazenar tanto na nuvem quanto no próprio computador. Como a preservação da gravação também é uma etapa fundamental do projeto de História Oral foi um elemento importante a se considerar na escolha da plataforma. Optei por salvar as gravações no meu computador e depois fiz o upload para o drive, o que possibilitou criar um link de compartilhamento da mesma, para poder repassar às entrevistadas.

De toda maneira, as futebolistas que entrevistei online possuíam aptidão e intimidade com os recursos de videoconferência – outro cuidado citado por Santhiago e Magalhães para esses casos – ,inclusive, fazem cursos online na área do esporte, ou trabalham em profissões com demandas no ambiente digital, ou moram longe de suas famílias e amigos e utilizam essas plataformas para amenizar as saudades e manter os vínculos afetivos (conforme foi citado acima, a normalização de relações sociais mediadas por máquinas), então, já tinham familiaridade.

Sobre as possíveis perdas da entrevista online, Adams-Hutcheson e Longhurst⁴⁴⁴ em seu artigo acerca das especificidades de entrevistar colaboradores utilizando o Skype se preocupam com a performance dos corpos, do entrevistado e do pesquisador, e recordam que é um meio para as pessoas se manterem “em contato”, contudo, não conseguem tocar fisicamente o outro ou objetos representados na tela, o que poderia ser uma dificuldade para a constituição de fontes orais. Contudo, ainda que haja uma redução das sensações proporcionadas pela proximidade física, as emoções continuam pulsando ritmadas em qualquer espaço, seja online ou offline e a popularização gradual e crescente da interação virtual traz um maior conforto para esse tipo de relação, criando novas formas de experimentar emoções e afetos no meio virtual.

⁴⁴² SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. 2020, p. 12.

⁴⁴³ Sou professora do Ensino Superior de uma instituição privada e trabalho com Educação à Distância, assim, para além da pandemia já testamos diferentes plataformas (Teams, Zoom, Google Meeting, Skype, uma própria da instituição etc.) e a que garante melhor qualidade técnica, facilidade de acesso e maior interação é o Zoom.

⁴⁴⁴ ADAMS-HUTCHESON, G.; LONGHURST, R. At least in person there would have been a cup of tea: interviewing via Skype. *Area*, v. 49, p. 148–155, 2016.

À guisa de conclusão, Santhiago e Magalhães questionam se diante da possibilidade de conseguir uma entrevista indispensável no modo online, deve-se descartá-la, por não cumprir as expectativas de interação corpo-a-corpo e respondem prontamente que não, pois em vez de recusar entrevistas online, cabe assumir os riscos de produção de entrevistas nessas condições e considerar as suas idiosincrasias. Não valeria a pena correr o risco de ignorar a riqueza de narrativas gravadas virtualmente nem a importância de alguns entrevistados⁴⁴⁵.

Ademais, a partir das experiências que eles mesmos tiveram realizando entrevistas no ambiente digital em projetos de História Oral concluíram que apesar do debate precisar ser ainda mais aprofundado, a entrevista conduzida virtualmente pode ser frutífera e até necessária, desde que as condições de sua produção sejam discutidas metodologicamente e pensar como podem impactar o resultado final do relato. Isso porque os aspectos centrais da História Oral podem ser mantidos nesse tipo de entrevista: a oralidade, a imediatez, a dialogicidade e a situacionalidade. Nas entrevistas realizadas não perceberam diferenças, em termos puramente conteudistas, entre esse tipo de narrativa e as outras ouvidas presencialmente⁴⁴⁶.

Outro elemento fundamental para historiadores orais é o Caderno de Campo e insiro essa discussão aqui, pois considero pertinente compartilhar um trecho do meu acerca das entrevistas realizadas em ambiente digital. De acordo com Meihy e Holanda, o caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo, para o registro da evolução do projeto, e no qual deve constar as impressões do pesquisador, as ilações feitas a partir dos vínculos com as demais entrevistas, as hipóteses levantadas para enlaçar com as futuras entrevistas, os registros de como foi o aceite das ideias pelos entrevistados (positivo ou não), e qualquer outra reflexão teórica decorrente do diálogo travado⁴⁴⁷.

Alberti complementa com outros elementos a serem registrados no Caderno de Campo: todo tipo de observação acerca do entrevistado e da relação com ele estabelecida, desde antes do primeiro contato; como o entrevistado reagiu à solicitação do pesquisador; descrição de como foi a entrevista; reação do entrevistado a determinadas perguntas; dificuldades dos pesquisadores, interrupções e problemas na gravação; relação do entrevistado com o objeto de pesquisa, comentários sobre sua memória; a evolução do relacionamento entre ambas as partes etc. Portanto, o Caderno de Campo auxilia na posterior reflexão sobre o documento no conjunto

⁴⁴⁵ SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. 2020, p. 8-9.

⁴⁴⁶ Ibidem, p. 10-15.

⁴⁴⁷ MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. 2020, p. 151-152.

da pesquisa e escrever nele as impressões decorrentes da entrevista é realizar uma reflexão em torno do objeto de estudo⁴⁴⁸.

Reproduzo a seguir um trecho do meu caderno de campo sobre a percepção de realizar a primeira entrevista online:

Marina trabalha comigo e já fizemos vários eventos sobre futebol juntas na faculdade onde atuamos, por isso também que optei por começar as entrevistas por ela. Eu já tinha entrevistado a Marina em 2017 para o artigo final da disciplina de Gênero e Trabalho, então, revisitar também foi uma experiência interessante. Mande mensagem no WhatsApp perguntando se ela topava ser entrevistada e desde o início ela se mostrou super disposta: “é um prazer, é um prazer participar da tua pesquisa”. O que me tranquilizou bastante, pois estava com medo de receber uma negativa.

Logo de cara me avisou que não estava mais morando em Curitiba e sugeriu que a entrevista fosse feita online. Eu informei que se precisasse poderia me dirigir a cidade onde ela se encontrava e teríamos os cuidados sanitários necessários, mas ela reafirmou enfaticamente que online estava ótimo e preferia dessa forma. Acatei sua preferência, pois lembrei das considerações da História Oral para deixar a colaboradora sempre a vontade, sempre que possível. Além disso, considerando as reflexões da História Oral sobre as diferenças da entrevista presencial e remota, fiquei pensando que é preciso problematizar, claro, e considerar as idiosincrasias da entrevista remota, mas nesse caso específico, a entrevista online em 2022 foi muito mais proveitosa do que a de 2017 presencial. Posso pensar em alguns motivos: primeiro, claro, houve um amadurecimento considerável da pesquisa, tanto em termos conceituais, teóricos, historiográficos e, sobretudo, de método – o roteiro estava bem elaborado e adequado aos objetivos da tese e houve uma preocupação com todos os procedimentos metodológicos da História Oral, a entrevista de 2017 nem se encaixaria nesse caso, pois o projeto de História Oral ainda não existia, foi muito mais uma entrevista semiestruturada básica; outro fator a ser contemplado foi a maior proximidade que desenvolvi com a Marina ao longo desses anos de trabalho, então, estávamos mais à vontade para dialogar sobre e em conversas ou eventos já tínhamos tocado em pontos que são centrais para a pesquisa.

Mande mensagem na sexta-feira e agendamos para a terça seguinte pela manhã. Na segunda-feira confirmei para ver se estava tudo de pé e ela garantiu que sim e 11h30 nos encontraríamos. Fiz toda a preparação e testes operacionais na segunda a noite só para garantir que estava tudo certo. Na terça, ela me avisou lá pelas 11h25 que já estava liberada, então enviei o link do Zoom. Tivemos uma conversa trivial no começo, comentamos do clima, se estava tudo bem, um pouco do trabalho. Depois disso expliquei novamente sobre a pesquisa (já havia feito de maneira escrita no convite via WhatsApp) e lembrei que a entrevista seria gravada e que, ao final, eu pediria para ela assinar o termo de cessão. Ela concordou sem problemas e logo em seguida começamos a entrevista que durou 1h37. As questões técnicas não foram um problema, o áudio captado estava ótimo, tanto o meu quanto o dela, as imagens também, então, aspectos da História Oral definitivamente estavam presentes (situacionalidade, oralidade, memória, corporal etc.).

A entrevista em si foi ótima, sai bastante feliz e com a sensação de “é por isso que estamos aqui”. Funcionou bem na chave do diálogo, Marina falou bastante, sem respostas curtas, pelo contrário, super elaboradas, informativas. Repletas de memórias e percepções bem pessoais. Com certeza, com muita coisa para analisar nas respostas, muito material para a pesquisa, enriquecedor. Rolaram momentos emocionantes também, Marina chegou a chorar, embargar a voz quando falou do pai e sua importância para a carreira dela – admito que não foi a única, a emoção também chegou em mim e cheguei a lacrimejar, pois foi um momento muito bonito e sensível, gratidão e memória juntos.

⁴⁴⁸ ALBERTI, V. 2013, p. 136-138.

Ou seja, apesar do corpo-a-corpo ter as suas limitações na entrevista online, as emoções continuam sendo latentes, assim, como a percepção das recorrências, ausências, pausas, expressões faciais, indignações etc.

Considero o trecho significativo para demonstrar como se deu essa entrevista online e afirmar que as demais seguiram nessa toada. Os conteúdos não foram prejudicados e mesmo com as limitações, sobretudo, de performance corporal, todos os elementos centrais da História Oral foram contemplados. Compactuo assim com Santhiago e Magalhães que não vale a pena abrir mão de narrativas e entrevistados apenas pela entrevista não se realizar presencialmente. Se fosse dessa maneira, a pesquisa perderia em termos qualitativos de forma significativa.

Após a realização das entrevistas há as etapas seguintes do projeto de História Oral: o tratamento das entrevistas, ou seja, a transcrição para o texto escrito; o seu arquivamento; a possível análise e posterior publicação. Sobre a transcrição, Alberti colocou: “nos últimos anos, algumas ferramentas bastante eficientes surgiram no mercado, facilitando e agilizando de modo significativo o trabalho de transcrição”⁴⁴⁹. Para a transcrição automática eu utilizei o *Condens*⁴⁵⁰, um software online voltado para pesquisa – tem outras atribuições úteis, tais como categorização e criação de tags para análise e armazenamento, pois fica tudo em uma nuvem que pode ser compartilhada – e que possui essa função. É bastante interessante e vale explicar o passo a passo de como utilizei.

Primeiramente, fiz o cadastro de usuário⁴⁵¹ e criei dentro do Condens o projeto “O Futebol como Trabalho para as mulheres no Brasil”, identifiquei todas as entrevistadas no que se denomina ali dentro como “participants” e te permite criar uma espécie de ficha para cada uma delas com informações básicas (escolhidas pelo pesquisador): nome, data de nascimento e idade, local de nascimento, formação educacional, tempo de carreira, clubes em que jogou e se jogou pela Seleção Brasileira – depois ele unifica esses dados e permite a exportação no formato de um arquivo do Excel. Algumas informações preenchi a priori e outras fui preenchendo após as entrevistas e com base na transcrição feita. Uma vantagem significativa do Condens é que você pode sempre acompanhar o texto da entrevista com a gravação. De um lado fica o texto e do outro a tela da gravação.

É um artifício interessante de ser utilizado junto com o Caderno de Campo para a percepção das emoções, reações, expressões faciais e corporais. Quando você dá o play no vídeo o software também destaca em cinza em que parte do texto está a fala que aparece naquele

⁴⁴⁹ Ibidem, p. 97.

⁴⁵⁰ Agradeço imensamente à antropóloga e minha amiga Gabriela pela indicação, pois também utiliza o Condens em suas pesquisas.

⁴⁵¹ O Condens possui a versão gratuita, mas como eu tinha muitas horas de gravações optei pela versão paga para que todas as entrevistas estivessem ali e pudessem ser transcritas e categorizadas depois.

momento, facilitando o acompanhamento de texto e áudio/vídeo em paralelo. Tudo isso enriquece a análise, pois fortalece o aspecto primordial das fontes orais que é a sua subjetividade. Para cada vídeo ele cria o que se denomina “session” (os dados “puros” ou *data*) e conecta com a respectiva “participant”. Importante pontuar a utilização para a transcrição automática. Obviamente, após essa primeira transcrição realizei uma revisão profunda do texto, afinal, ainda é uma máquina transcrevendo falas humanas.

Não omiti as minhas falas, como pesquisadora, seguindo o direcionamento de Portelli citado acima e buscando evitar uma distorção da fala das narradoras e o sentimento falso de uma fala estável e repetitiva, independente das circunstâncias. Na revisão tornei o texto o mais compreensível possível para o leitor (retirando, por exemplo, muitos “nés” repetidos) e sempre prezando pela narrativa da entrevistada e respeitando a sua subjetividade. Importante apontar que mesmo a entrevista realizada presencialmente também foi gravada em áudio e vídeo, inserida no Condens e transcrita da mesma maneira que as demais.

Por fim, sobre o armazenamento das gravações. Como comentei, possuo os arquivos no meu computador, na nuvem do Google Drive e do próprio Condens e há uma cópia reserva de cada uma delas, mas somente o áudio, no meu celular e também enviado para o Google Drive. O link do drive pode ser compartilhado. E o compartilhamento do texto com as entrevistadas pode ser através do link do Condens. Ofereci a todas a transcrição revista e finalizada, contudo, não houve muito interesse, a maioria afirmou que gostaria somente do envio da tese pronta para poderem ler e divulgar. Compromisso que mantereí após a finalização completa. Com relação à análise, ela foi feita justamente nesta tese e aparecerá nas próximas páginas.

3.3 Entrevistando jogadoras

Durante a elaboração do projeto de História Oral “O Futebol como trabalho para as mulheres no Brasil” e como um de seus requisitos necessários pesquisei jogadoras que poderiam ser entrevistadas. Um ponto de partida importante foi o acervo do projeto Garimpando Memórias da UFRGS, que realizou 126 entrevistas de histórias orais de vida com pessoas envolvidas com o futebol e futsal de mulheres – não somente atletas, mas também treinadores/as, jornalistas, árbitras etc. Dessa amostra consultei as entrevistas realizadas com jogadoras, o que foi fundamental para aventar nomes e possibilidades e também auxiliaram bastante na posterior pesquisa exaustiva de preparação das entrevistas.

Outro elemento importante foi a recomendação da professora Nadya Guimarães durante a qualificação: partir da ideia de “casos tipo”, ou seja, atletas que qualificam um período ou geração, escolhê-las a partir dos marcos macro do próprio objeto, preocupando-se menos com

a quantidade de entrevistas e mais com qual a relação entre a jogadora e o momento que exercia o futebol: “quem viveu o que?”. Inicialmente, a proposta era periodizar através das décadas (1980, 1990 e 2000). Contudo, o projeto foi adaptado em virtude da pesquisa realizada e da periodização estabelecida.

Considerou-se também que da mesma forma que não há uma categoria universal de *mulher*, não há uma categoria universal de *jogadora*. Assim, o entendimento do futebol como trabalho e as próprias experiências vividas pelas jogadoras ao longo de suas carreiras se difere imensamente. Perceber essas nuances e também o que as suas visões têm de próximas foi central para a pesquisa. Inclusive, porque se trabalha com uma perspectiva diacrônica. Ou seja, o ser jogadora profissional nos anos 1980 é diferente de ser jogadora profissional nos anos 2000. Contudo, considerar as permanências dessas perspectivas também é fundamental.

Da mesma maneira, o fator regional pesa na análise, por isso, a proposta foi entrevistar jogadoras que atuaram em diferentes cidades do Brasil, para contemplar especificidades locais e ao mesmo tempo perceber elementos em comum nesses diferentes territórios. A carência de uma universalidade faz com que as narrativas produzidas pelas jogadoras sejam abalizadas pelos marcadores sociais da diferença. Portanto, na análise foi essencial considerar os recortes de classe e raça, além de outras clivagens relevantes nas narrativas das entrevistadas.

Com base nesses pressupostos foram estabelecidos alguns nomes. A etapa seguinte envolvia acessar e entrar em contato com as futebolistas para conseguir agendar as entrevistas, caso houvesse interesse delas. Ressalto (o óbvio) que o interesse do pesquisador na entrevista não garante o mesmo interesse de seu possível entrevistado. Há inúmeros motivos para negativas e eu tive algumas delas – expressas de diferentes formas. Contudo, de maneira geral, é perceptível nas jogadoras, sobretudo, nas mais velhas, uma vontade de contar suas histórias e uma busca por reconhecimento de suas experiências, como explicitado na frase de Leda, título deste capítulo. Isso é bastante enriquecedor para a pesquisa, pois as colaboradoras estão abertas a compartilhar suas vivências e interpretações sobre o passado.

Creio ser importante pontuar neste espaço a insegurança que tive durante esse período da pesquisa em não conseguir entrevistas suficientes ou receber somente negativas dos convites que faria, pois, obviamente, isso inviabilizaria o trabalho. Tal receio ganhou um pouco mais de força quando tentei entrar em contato com jogadoras através de um projeto de entrevista conduzido por pesquisadoras, mas não consegui aceite para participar. Mudei a estratégia e resolvi partir de uma relação que eu já tinha com a Marina Aggio, ex-jogadora e uma das entrevistadas.

Como citado no trecho do meu caderno de campo, Marina e eu somos colegas de trabalho e desenvolvemos uma maior proximidade nos últimos anos graças ao emprego e a participações nossas em eventos sobre futebol. Assim, além de começar as entrevistas por ela, pedi o contato de outras jogadoras, que poderiam aceitar serem entrevistadas. Ela me passou o WhatsApp de Leandra⁴⁵², jogadora atual de um grande clube brasileiro, e indicou o Facebook de Dayane Rocha, me orientando a falar para Dayane que a Marina Aggio tinha indicado.

Esse caminho passou a dar mais resultado, além da entrevista marcada com a Marina, as suas duas indicações me responderam e demonstraram interesse. Leandra me respondeu uns cinco dias após eu ter enviado a primeira mensagem, foi simpática e respondeu objetivamente: “Eu topo sim. Vou ver o horário e dia e te falo”. Agradei prontamente e falei que estava à disposição, tendo bastante flexibilidade para me adequar à data e local que fossem melhores para ela – inclusive, porque sabia que naquela época ela estava disputando torneios internacionais com o seu time, então, envolvia viagens para fora do Brasil. Passaram alguns dias e não obtive retorno. Entrei em contato novamente, também sem sucesso. Ainda insisti mais um pouco, contudo, ela não me respondeu mais. Pode ter sido a agenda atribulada de uma jogadora profissional ou simplesmente desinteresse na entrevista. Fiquei em uma situação difícil por não saber se deveria insistir mais ou já estaria cruzando um limite. Busquei um equilíbrio entre essas decisões e como nesse período já estava com outras entrevistas marcadas, acabei aceitando a “não-resposta” como uma negativa.

Enviei uma mensagem privada no Facebook da Dayane, informando sobre quem eu era, sobre a pesquisa – fiz um texto base e enviei para todas elas de maneira adaptada – e salientando a indicação vinda da Marina. Ela respondeu no dia seguinte já me passando o número do WhatsApp, pois seria mais fácil combinar e pontuou que deveríamos ficar atentas ao fuso horário, pois ela mora e joga atualmente na Itália. Conseguimos agendar para três dias depois, em um dia em que os treinamentos começariam mais tarde e ela teria tempo de conversar. No dia agendado enviei o link do Zoom pelo WhatsApp, ela acessou rapidamente e seguiu uma espécie de protocolo padrão das entrevistas, explicava novamente sobre o projeto, deixando-as à vontade para qualquer questionamento, reafirmava sobre a carta de cessão e informava que começaria a gravação assim que elas estivessem confortáveis. Funcionou e nesse acolhimento inicial sempre havia alguma conversa descontraída que ajudava no desenvolvimento da relação de entrevista.

⁴⁵² Usei aqui um pseudônimo, pois a entrevista acabou não ocorrendo e não tive a possibilidade de perguntar se a jogadora autorizava a divulgação de seu nome. Assim, optei por preservar a sua identidade.

Tonini⁴⁵³ comentou como as indicações foram importantes para conseguir acessar os jogadores, inclusive, era a maneira que eles sentiam menos desconfiança. Para minha pesquisa também foram essenciais. Depois das indicações da Marina, fui atrás de outras possibilidades. Tenho duas amigas⁴⁵⁴ jornalistas, uma envolvida diretamente com jornalismo esportivo e a outra que é amiga de infância de uma das entrevistadas, e ambas me deram o contato de mais jogadoras. Reis me passou o e-mail pessoal da Thaisa Moreno e Barbieri me passou os telefones de Simone Jatobá e da assessora de imprensa da Duda Luizelli, a Kelly.

Mandei e-mail para Thaisa e recebi uma resposta dois dias depois com o aceite e o número de telefone para combinarmos por lá. Como ligações sem um aviso prévio não são mais tão usuais atualmente, mandei uma mensagem pelo WhatsApp e agendamos para dois dias depois, contudo, neste dia o clube pelo qual atua modificou o planejamento e houve mudança de horários, então, no momento que teríamos a entrevista ela estaria treinando. Não foi um empecilho e reagendamos para a manhã seguinte, quando tudo funcionou normalmente.

Após eu perguntar sobre a estrutura física dos clubes pelos quais passou Thaisa me perguntou se aquela entrevista não iria para imprensa, eu respondi que não, pois o foco era a minha tese, logo em seguida, ela revelou alguns problemas estruturais existentes. Eu deixei bem claro que qualquer trecho ela poderia retirar da transcrição/gravação e que caso preferisse eu poderia não a identificar diretamente, utilizando um pseudônimo, mas ela afirmou que não precisava de pseudônimo, poderia ocorrer a identificação. Fiquei um pouco na dúvida de como proceder, mas no momento em que me enviou a carta de cessão assinada, ela reafirmou isso. Assim, optei por respeitar essa afirmação.

Mandei mensagem para Simone e sabia que ela estava na Índia para a Copa do Mundo Sub-17, pois é a treinadora da Seleção Brasileira, por isso, informei que tinha disponibilidade para me adaptar para quando e como fosse possível para ela. Mesmo com todos os compromissos durante o Mundial ela me respondeu rapidamente e disse que assim que voltasse para o Brasil nós agendaríamos. Foi isso que aconteceu. Ela voltou⁴⁵⁵ e só pediu alguns dias para poder se ambientar novamente. Como ela também mora em Curitiba agendamos presencialmente a entrevista. Simone pediu para eu escolher o lugar, pois seria melhor para ela e agendei um estúdio de gravação para garantir a qualidade do áudio e vídeo.

Duda Luizelli foi a única entrevistada que o contato se deu através da assessoria de imprensa, justamente, porque ela é a única que tem uma assessora. Kelly foi muito solícita

⁴⁵³ TONINI, M. 2016.

⁴⁵⁴ Aline Reis e Camila Barbieri, agradeço imensamente os contatos que me deram.

⁴⁵⁵ O Brasil chegou até as quartas-de-final da competição.

desde o primeiro contato, repassou para Duda as informações da entrevista e me informou sobre o aceite. Nesses trâmites passaram alguns dias, mas conseguimos agendar. Duda iria fazer a entrevista em uma sexta-feira a tarde de uma das suas escolinhas de futebol – ela tem o projeto Escolas da Duda de iniciação esportiva de meninos e meninas -, porém, a internet estava muito instável e tivemos que reagendar para a segunda-feira próxima. Na segunda tentativa, Duda se encontrava em sua casa, a internet estava estável e conseguimos fazer a entrevista. São situações técnicas que desafiam as entrevistas online.

Além disso, outro aspecto da entrevista, talvez pela questão da internet e do reagendamento ou talvez pela mediação ter sido feita via assessoria e não diretamente, mas foi o diálogo menos descontraído, houve a manutenção de uma formalidade. Vale lembrar que Duda até pouco tempo antes era coordenadora de Seleções da CBF e também já tinha atuação como dirigente no Sport Club Internacional, além de administrar seu próprio negócio, as escolinhas, desde os anos 1990. Isso pode também ter influenciado em uma postura mais próxima do mundo corporativo.

Ainda sobre as indicações, Simone me passou o telefone da Marlisa Wahlbrink, a goleira Maravilha, pois ela é parte da comissão técnica, como preparadora de goleiras, da Seleção Sub-17 e também havia ido para Índia. Mandeí mensagem e ela respondeu rapidamente, só me informou que poderia fazer a entrevista dali duas semanas. Respeitei e passadas as duas semanas entrei em contato novamente e conseguimos agendar para o domingo próximo. Maravilha escolheu o domingo, pois era o seu dia de descanso e teria maior disponibilidade. Contou-me que antes de entrar no Zoom para a entrevista estava mexendo no jardim, pois mexer na terra é uma de suas atividades prediletas.

Além das indicações outro caminho utilizado para entrar em contato com as futebolistas foram as redes sociais através de seus perfis pessoais. Não obtive tão bons resultados como através das indicações, mas ainda assim, consegui duas entrevistas pelo Instagram: Leda Abreu e Carla “Índia” Oliveira. Já as seguia no Instagram anteriormente e a Leda também me seguia, aproveitei esse vínculo inicial e enviei uma mensagem privada no perfil dela. Leda foi muito atenciosa desde o início e eu diria, até carinhosa – respondeu a primeira mensagem logo com “minha linda” – e aceitou prontamente, já me dando seu número de telefone para marcarmos. Agendamos para um domingo final da tarde (“após a rodada do futebol”) e tivemos algumas interrupções durante a entrevista por conta de problemas de conexão. Afetou um pouco o fluxo do diálogo, pois precisava ser retomado do ponto anterior. Por outro lado, foi uma entrevista bastante afetiva e com um tom bastante amigável. Credito isso ao perfil muito querido de Leda.

A Carla não me seguia, mas por sorte a minha, aceitava mensagens privadas de pessoas que não estavam na sua lista de amigos do Instagram. Mandeí o texto de apresentação meu e da pesquisa e ela foi bem solícita, aceitou e me passou o seu telefone. Agendamos a entrevista, através do WhatsApp, no meio da agenda atribulada dela e conseguimos realizá-la. Carla conversou comigo após o dia cheio de trabalho, depois de tomar banho e com a toalha na cabeça para secar o cabelo ainda.

Esse é um ponto também a se destacar. Os locais onde ocorrem as entrevistas também são significativos para a História Oral. Claro que em interações online isso fica mais restrito. Contudo, vale o apontamento de que em todas as entrevistas realizadas pelo Zoom, as jogadoras estavam em suas casas – a única que era para ser diferente seria a Duda, mas até isso mudou depois – ou na sala de estar ou em seus quartos. É um ponto interessante, pois elas em certa medida “abrem suas casas” e também é um ambiente no qual já se sentem mais confortáveis. Isso ficou claro na toalha de Carla, na jardinagem da Maravilha, na cama da Dayane, no armário de roupas da Marina no fundo do quarto.

Retomando brevemente o ponto das redes sociais, ainda tentei contato com outras jogadoras utilizando as redes, ou o Instagram ou o Facebook ou o WhatsApp. Não identificarei as futebolistas, justamente por não ter conseguido a entrevista. Uma delas também já me seguia no Instagram e enviei mensagem privada, demorou um pouco para responder, mas aceitou ser entrevistada e pediu para eu entrar em contato novamente dali uns dias para agendarmos. Fiz isso e não obtive resposta. Tentei novamente e ela falou para tentar de novo na próxima semana. Esse cenário acabou se repetindo mais algumas vezes, então, pensei que talvez houvesse um receio em dizer não diretamente, essa era a forma de expressar a negativa. Desisti. Outras tive o mesmo procedimento de enviar mensagem privada no Instagram, elas visualizaram, contudo não responderam. Tentei mais uma vez e segui sem resposta, para não incomodar, também desisti. A do WhatsApp eu havia conseguido o telefone graças a Silvana Goellner para uma live do #PorOutroFutebol⁴⁵⁶ no Ludopédio, em 2020 convidei essa atleta para a live, mas não obtive resposta. Para a tese mandei novamente, era o mesmo número, mas da mesma maneira, ela não me respondeu. Achei melhor não insistir.

⁴⁵⁶ #PorOutroFutebol foi um programa organizado pelo Ludopédio, maior portal de divulgação científica sobre futebol da América Latina, em seu canal do Youtube, e um dos programas versava sobre Futebol Popular. Eu e João Malaia trazíamos convidados para uma mesa redonda sobre assuntos relacionados ao futebol popular. Uma dessas lives versou sobre as “Trabalhadoras da Bola”, por isso tentei convidar essa atleta. Infelizmente, não foi possível. De toda forma, o programa aconteceu e conversamos com a jogadora Nini Baciega e a pesquisadora Silvana Goellner. Cf.: MALAIA, J.; HAAG, F. #PorOutroFutebol – Trabalhadoras da Bola. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/agenda-de-eventos/poroutrofutebol-com-a-jogadora-nini-baciega/>

Busquei relatar como se deu a escolha das entrevistadas e o processo de contato e realização das entrevistas. Cabe agora identificar quem foram as jogadoras que compartilharam suas experiências do futebol como trabalho e as suas interpretações sobre o passado. A partir dos dados inseridos no Condens, desenvolvi um quadro com as informações básicas delas:

| ATLETA | DATA DE NASCIMENTO | LOCAL DE NASCIMENTO | TEMPO DE CARREIRA | FORMAÇÃO EDUCACIONAL |
|--------------------------|--------------------|---------------------|-------------------|----------------------|
| CARLA OLIVEIRA | 07/11/1985 | Rio de Janeiro (RJ) | 11 anos | Educação Física |
| DAYANE ROCHA | 13/05/1985 | Curitiba (PR) | 25 anos | Educação Física |
| DUDA LUIZELLI | 25/08/1971 | Porto Alegre (RS) | 19 anos | Educação Física |
| LEDA MARIA | 16/04/1966 | Rio de Janeiro (RJ) | 26 anos | Educação Física |
| MARINA AGGIO | 17/12/1981 | Iretama (PR) | 20 anos | Mestrado em Educação |
| MARLISA MARAVILHA | 10/04/1973 | Constantina (RS) | 14 anos | Educação Física |
| SIMONE JATOBÁ | 10/02/1981 | Maringá (PR) | 26 anos | Treinadora UEFA A |
| THAISA MORENO | 17/12/1988 | Xambê (PR) | 23 anos | Educação Física |

Quadro 1 - Informações das entrevistadas. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora.

Como pode ser visto no quadro, foram realizadas oito entrevistas. As entrevistadas são em sua maioria da região Sul, com destaque para Paraná e Rio Grande do Sul (Maravilha viveu grande parte da vida em Santa Catarina) e duas do Rio de Janeiro. As cariocas foram as que consegui o contato via Instagram e as demais por indicação, como também sou da região sul, isso pesou. Tentei jogadoras de outras regiões, contudo, não obtive retorno positivo. Outro fator interessante é a formação em Educação Física, todas possuem formação nesta área. Ainda que a Jatobá não tenha a graduação específica de educadora física, o seu curso da UEFA de treinadora também é na área das práticas corporais. Este tema será aprofundado posteriormente.

Com relação à idade e tempo de carreira, prezei por uma maior diversidade. Todas possuem ao menos uma década de atuação. Para determinar o tempo de carreira, considerei a própria fala delas sobre o tema – por quanto tempo elas julgavam que jogaram. O marco inicial da carreira foi sempre quando encontraram o primeiro time ou escolinha que disputava competições, mesmo quando eram menores de idade. Inclusive, a maioria começou a jogar muito cedo. Somente Maravilha começou um pouco mais tarde. Além disso, as oito jogaram em momentos distintos dentro do recorte temporal proposto para esta tese (1983-2023), o que é importante para a análise diacrônica. Elaborei uma linha do tempo para essas informações ficarem mais claras:

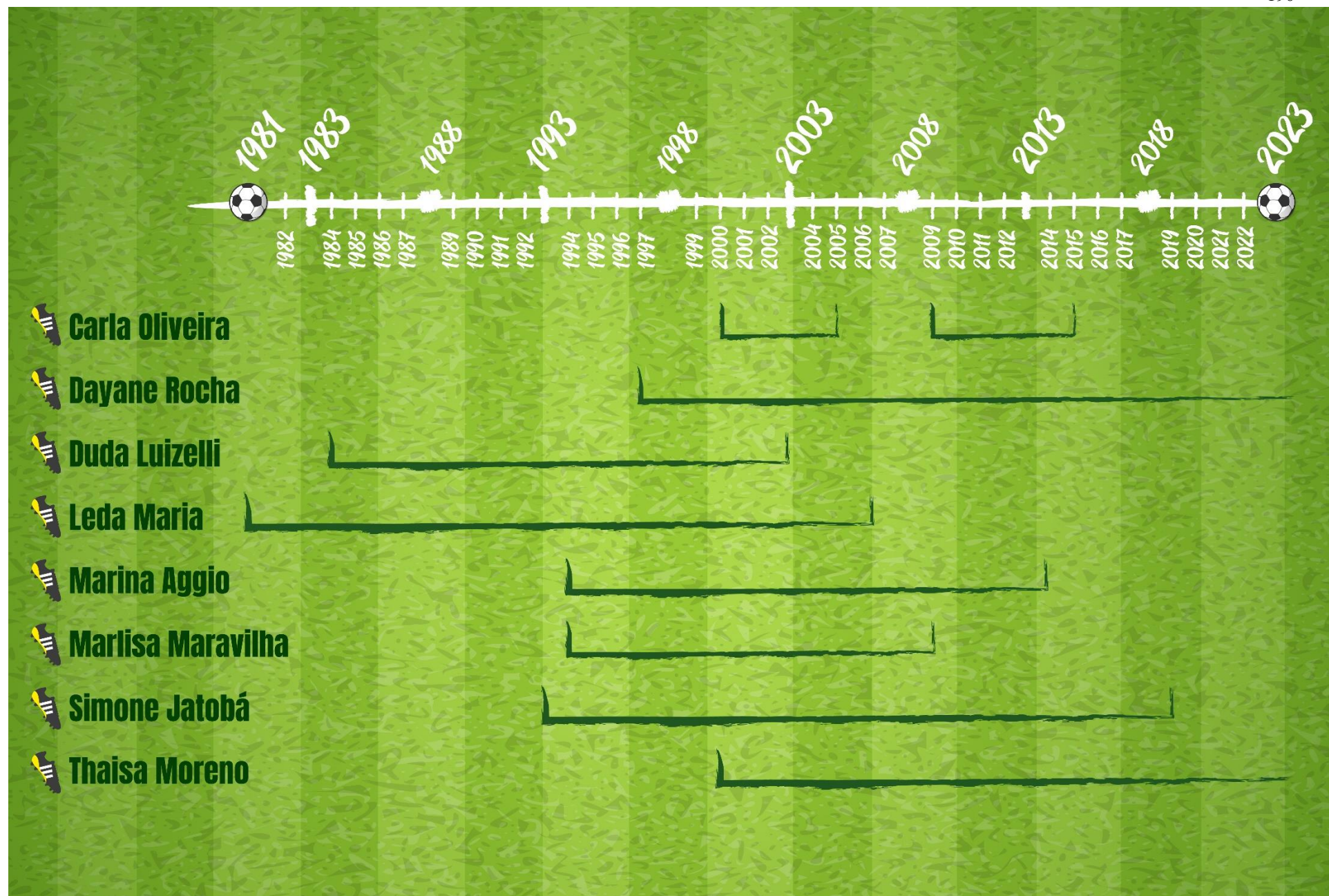


Figura 18 - Linha do tempo com a distribuição geral do tempo de carreira das entrevistadas. Fonte: Arquivo pessoal. Elaborada pela autora e por Kamilla S. Maneia.

3.4 As jogadoras

Após a identificação das entrevistadas cabe saber um pouco mais acerca de suas vidas. A partir das narrativas construídas ao longo das entrevistas, busco agora contar um pouco da trajetória de cada uma delas. Como citado anteriormente, optei pela História Oral Temática para aprofundar nas questões relativas ao futebol como trabalho, e não, pelas Histórias Orais de Vida. Contudo, no início da entrevista sempre pedia para elas contarem sua trajetória no futebol. Um passo fundamental para conhecer melhor a entrevistada a partir de sua própria fala. Era sempre um momento importante da entrevista, pois permitia que elas ficassem mais a vontade e rememorassem o que elas consideraram relevante em suas carreiras. É com base nesses relatos que seguem as informações a seguir.

Antes do início de cada texto, haverá um quadro com as informações da trajetória de cada uma: nome, data e local de nascimento, se jogou na Seleção Brasileira, por quais clubes jogou e tempo de carreira⁴⁵⁷. Junto haverá outros mapas: 1) mapa do Brasil identificando os respectivos estados onde jogaram; 2) um pequeno mapa-múndi destacando os continentes de atuação; 3) caso tenha atuado fora do Brasil um mapa identificando os países estrangeiros pelos quais jogaram. Algumas das entrevistadas jogaram tanto futebol de campo quanto futebol de salão, nesse caso, optei também por identificar os times de futsal, estão marcados com asterisco⁴⁵⁸.

⁴⁵⁷ Conforme exposto, a intenção é valorizar a narrativa das próprias jogadoras sobre suas carreiras, assim, inclui somente os clubes citados por elas nas entrevistas.

⁴⁵⁸ Historiadores possuem maior aptidão para pesquisar e sistematizar dados e até mesmo pensar em maneiras de como expô-los de maneira assertiva e didática. Foi a partir disso que pensei nos quadros citados, contudo, me faltava a aptidão para transformar essa ideia em um design concreto, mas como diz o Emicida “quem tem um amigo, tem tudo” e agradeço imensamente à Kamilla Maneia por ter debatido comigo possibilidades de como fazer e conseguido concretizar esses designs para mim.

3.4.1 Carla “Índia” Oliveira

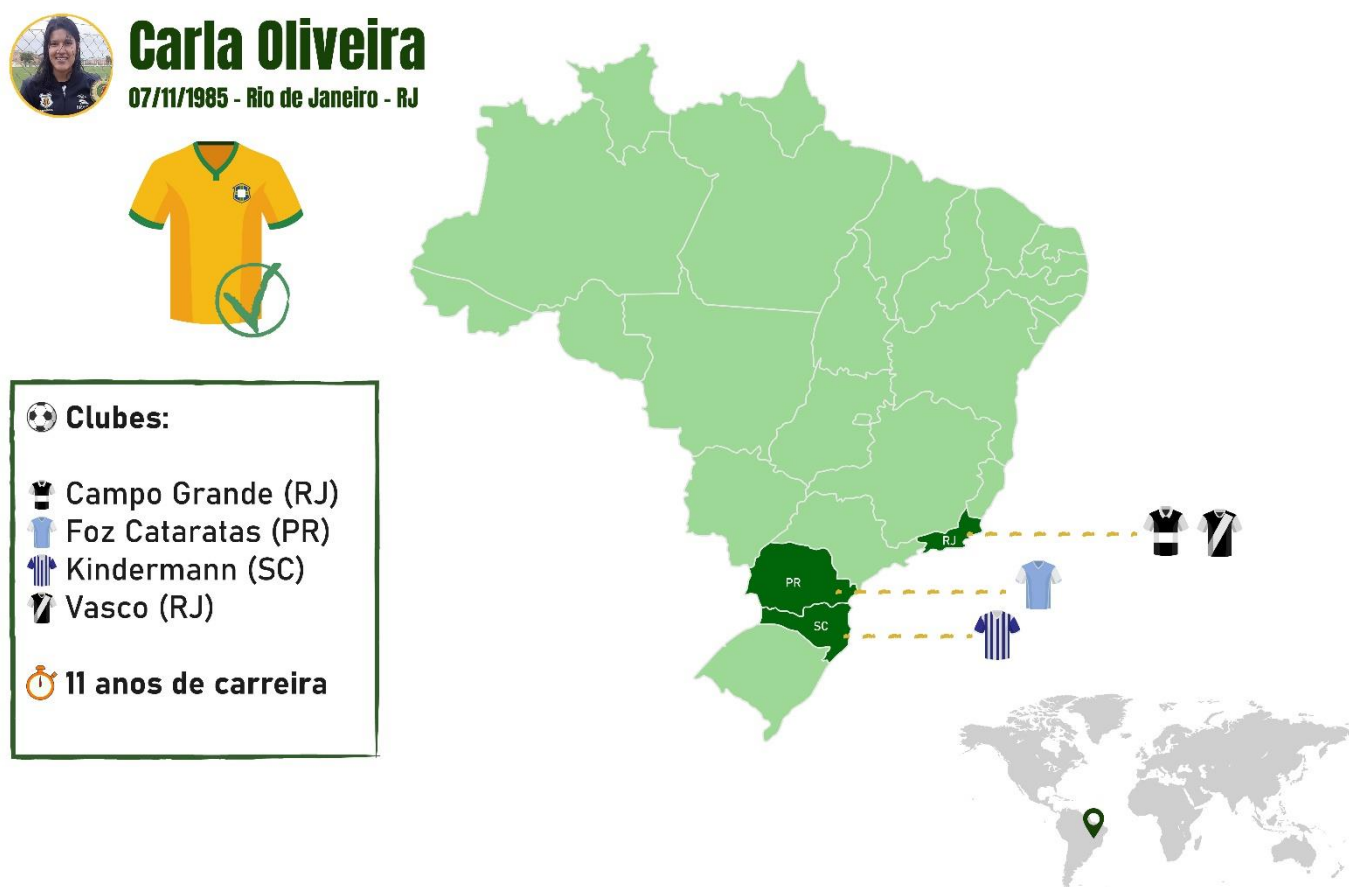


Figura 19 - Informações de Carla Oliveira. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M

Carla logo em sua apresentação disse “No futebol sou conhecida como Carla Índia”, não explicou o motivo do apelido, só deixou claro que era assim. É também o seu usuário nas redes sociais. Porém, há outra alcunha pela qual já foi chamada: “Eu era, segundo o treinador, dirigente, dono... O treinador/dirigente/manda chuva, eu era a *criadora de motins*”⁴⁵⁹. Isso porque, segundo a jogadora, ela exigia seus (e de suas colegas de equipe) direitos, o que era para os homens responsáveis pela gestão um “problema duplo”. Reivindicar direitos e melhores condições de trabalho envolve disposição e articulação das/os trabalhadoras/es e na maioria dos casos (para não dizer todos) gera um incômodo em chefes diretos ou patrões. Pelo relato de Carla, parece ter sido o caso. Acrescenta-se a isso os estereótipos de gênero ou emprestando o conceito de Collins⁴⁶⁰, as imagens de controle sobre as mulheres quando demarcam os seus

⁴⁵⁹ OLIVEIRA, Carla S. **Carla Santos de Oliveira**: entrevista [18 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rio de Janeiro, 2022. Documento digital (1h38). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

⁴⁶⁰ COLLINS, P. H. 2019.

posicionamentos, quando são tidas como insurgentes (com um viés negativo), intransigentes ou “criadoras de motins”.

Carla apresenta a sua personalidade como alguém combativa: “Vai da minha personalidade. Tem gente que não se incomoda. Tem gente que se incomoda e aceita. Eu me incomodo, bato de frente e aí eu bato de frente com muita coisa”. Isso refletia diretamente nas ações que tinha dentro dos clubes e acabava inspirando outras atletas que a viam como uma liderança. Ela tem consciência de que isso pode ter afetado o desenvolvimento de sua carreira:

Eu já tinha vivido situações na própria Marinha que talvez, se eu tivesse ficado calada, quieta e aceitado, eu não tivesse saído da Marinha com 4 anos, tivesse ficado os 8 anos. Então no Foz a minha postura foi a mesma, era não me calar, não me dobrar com que eu achasse que estava errado. (...) Eu sempre fui muito essa pessoa de chegar e exigir os direitos e as condições e até ficar um pouco queimada por causa disso⁴⁶¹.

Também se vê como uma pessoa que se cobra demais e bastante decidida: “a partir do momento que eu decidi que eu queria aquilo, eu levava aquilo muito a sério”. Isso fez com que sempre encarasse toda e qualquer competição com muita seriedade e dedicação: “Eu encarava tudo como muito igual, pra mim jogar um Sul-Americano com a Seleção, jogar o Mundial com as Forças Armadas, jogar depois que me aposentei um campeonato de fut-7, era tudo a mesma coisa”. Tais características pessoais influenciavam diretamente nas suas atitudes como jogadora e nas suas ações dentro de campo.

Ao traçar o seu perfil de jogadora, afirmou categoricamente lidar muito bem com a pressão e de gostar de jogos difíceis e da atmosfera de pressão. Inclusive, intensificando esse clima: “eu era aquela jogadora que botava inclusive uma pimentinha a mais no jogo para o jogo ficar mais tenso”. Também sempre muito cuidadosa, prezava pelo corpo e relatou que durante as férias mantinha todos esses cuidados, inclusive, não tinha o hábito de beber (bebidas alcoólicas) e buscava sempre recarregar as energias. Tinha uma preocupação e uma inteligência técnica bastante perceptível:

Eu fui uma atleta que sempre reconheci muito os meus defeitos e reconheci muito as minhas qualidades e sempre fiz muita, muita questão de usar os meus defeitos e as minhas qualidades ao meu favor. Aí você pensa, assim, como usar os seus defeitos a seu favor? Reconhecer meus defeitos e fazer com que aquilo ficasse cada vez menos perceptível no jogo. Eu nunca tive muita velocidade, então, se eu era uma jogadora de pouca velocidade, todas as minhas ações no jogo eu procurava exigir pouco de mim no quesito velocidade. Aí que eu fui fazendo? Fui desenvolvendo a minha inteligência a minha tática, o meu emocional e desenvolvendo inclusive coisas que não dependessem de repente da natureza. A pessoa pode ficar mais veloz do que ela é, mas se não for da minha natureza, tem uma característica já de velocidade, eu vou melhorar, melhorar, melhorar, mas eu nunca vou ser a jogadora mais veloz porque

⁴⁶¹ OLIVEIRA, C. 2022.

tem uma jogadora ali que é muito veloz. Aí eu comecei a desenvolver muito essa coisa da inteligência, da tática, de observar o jogo, de entender o jogo.⁴⁶²

Carla ao longo da entrevista elaborou uma periodização da própria trajetória e elencou alguns marcos significativos. Trouxe logo no início uma divisão da sua carreira em dois momentos: 1) quando passou no teste para o Flamengo aos 13 anos, mas o clube encerrou as atividades da base feminina e ela seguiu para o Campo Grande, já com 15 anos e ficou até os 20, chegando inclusive na Seleção Brasileira; 2) aos 21 fez uma pausa na carreira para cursar Educação Física, e retornou com 24 anos jogando até os 30 anos, quando se aposentou dos gramados. A convocação para a Seleção Brasileira foi considerada importante, assim como fazer parte do time da Marinha/Vasco, pois foi o primeiro trabalho como jogadora, já aos 24 anos de idade.

Os pais de Carla são trabalhadores domésticos (“eu venho de uma família muito humilde”), a mãe era diarista e o pai também realizava trabalhos em espaços privados. Ele é “completamente apaixonado por futebol” e muito apegado à filha também. Por isso sempre incentivou o sonho dela de ser atleta. O futebol fazia parte do cotidiano familiar. Na frente do local onde mora e morou desde a infância há um “campinho” e ela tem primos com idades próximas e vários amigos e vizinhos também se dirigiam até aquele campo para jogar bola. Assim, durante a infância Carla dividia seus dias “entre estudar, brincar de boneca até um certo momento e jogar futebol”.

Foi assim até a adolescência e com 13 anos fez o seu primeiro teste, no Flamengo. O que a deixou bastante empolgada, pois é torcedora da equipe. Contudo, a equipe sub-17 feminina foi encerrada e atrapalhou o desejo de vestir rubro-negro. Passou então a jogar no time do seu bairro (“na verdade, o time não era do meu bairro, mas era montado por meninas do meu bairro”) e disputavam a Taça das Favelas, na época de Carla, chamava-se Campeonato das Favelas. E foi, na sua visão, a primeira competição que encarou com “seriedade profissional”. Com 15 anos chegou no Campo Grande e ficou por cinco anos, até entrar na faculdade. Disputou o Campeonato Carioca e “e na época não tinha essa coisa de divisão. É sub-17, sub-20 e adulto, você era jogado aos leões no adulto ali e foi o primeiro campeonato profissional que eu disputei”.

Quando estava no Campo Grande foi convocada para a Seleção Brasileira, aos 19 anos. Era Seleção Sub-19, pois na época não tinha a Sub-20. Carla fala sobre essa geração da qual fez parte: “A minha geração era eu, Marta, mas a Marta não cheguei a jogar porque ela só foi pro Mundial e eu não fui. Cristiane, Erika, a Fran que se aposentou, Maurine também, que já se

⁴⁶² Ibidem.

aposentou. A Gabi Zanotti, até do mesmo ano”. Logo em seguida, aos 20, entrou na faculdade de Educação Física e deu uma “pausa na carreira”. Contudo, seguiu jogando futebol de salão, inclusive, tinha bolsa de estudos graças ao esporte e competia pela equipe da faculdade e por um clube, chegou a ganhar a segunda divisão da Taça Brasil.

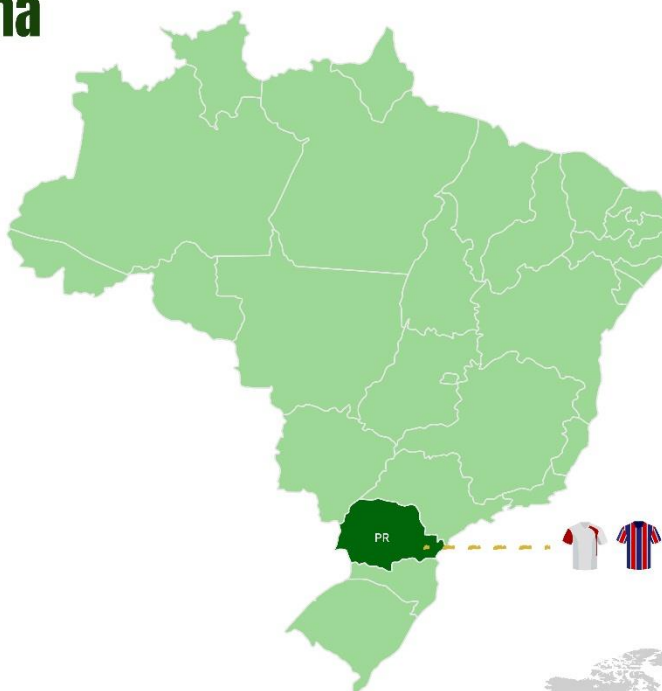
A pausa dos gramados chegou ao fim quando estava com 24 anos, a faculdade concluída e o registro no Conselho de Educação Física emitido. Carla já poderia atuar como educadora física. Mas nesse momento acabou entrando para a equipe da Marinha, com parceria com o Vasco, onde ficou por quatro anos. Saiu de lá e foi para o Foz Cataratas. A ida para o Foz foi em 2013, naquele ano o Foz disputou a Copa Libertadores, a Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro e Campeonato Paranaense. Contudo, Carla só conseguiu jogar a Copa do Brasil, pois lesionou o joelho e teve que fazer cirurgia, inclusive, precisou refazer a cirurgia depois. Ficando dedicada à sua saúde de 2013 a 2015. Retornou da lesão em 2015, com 30 anos e foi para o Kindermann. Ficou lá por seis meses. Resumiu a sua trajetória: “Então, a minha carreira, assim, ela foi longa, mas muito interrompida, muito cheia de interrupções. Ela foi longa em período de ano a ano, mas ela foi muito curta num somatório dos períodos que eu joguei e aí me aposentei no Kindermann e já tem 7 anos”.

3.4.2 Dayane Rocha



Dayane Rocha

13/05/1985 - Curitiba - PR



Clubes:

- Badajoz (ESP)
- Huelva (ESP)
- Lyon (FRA)
- Novo Mundo (PR)
- União Ahú (PR)
- Verona (ITA)
- Futsal
- Rovigo Orange (ITA)*

25 anos de carreira



Figura 20 - Informações de Dayane Rocha. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M.

“Sou bem esforçada, né, Fernanda? Eu procuro ajeitar minha vida. Sou muito prática nas coisas”⁴⁶³. Dayane resumiu assim a percepção sobre si mesma. O esforço e a dedicação em qualquer aspecto da vida foram ressaltados reiteradamente ao longo da entrevista. O desafio de morar em um país estrangeiro há mais de uma década também exigiu muito empenho e superação das adversidades, muitas vezes, sozinha:

Eu antes era uma menina que adorava dormir depois do almoço... sei lá, faz uns 2 anos da minha vida que eu nem sei mais o que é dormir depois do almoço. Eu fico aqui no meu quarto isolada, mas eu estou sempre estudando. Eu estou sempre fazendo minhas coisas e depois aqui é uma vida sozinha. Pô, você tem que lavar roupas, tem que fazer compras, tem que abastecer meu carro. Você tem que, né, não tem mãe, pai aqui pra fazer comida ou “pai, deu um problema no carro”, leva o carro pra arrumar, “mãe, compra aí”. Não, aqui é você ou você. Então assim você tem que ser muito prática, você tem que acordar pra vida, se não a vida te deixar para trás aqui. Mas eu me viro bem assim⁴⁶⁴.

Dayane credita ao seu esforço individual e à necessidade de “se virar” o fato de conseguir conciliar os dois empregos que possui atualmente: de jogadora e de professora de Educação Física. Sobre seu perfil de atleta, ela se coloca como alguém bastante competitiva e com aversão à derrota: “eu não gosto de perder. Eu jogo com a minha sobrinha, eu roubo até dela para eu ganhar. Ela tem só 2 anos. Eu odeio perder”. Dayane expõe isso com uma expressão preocupada e movimentando as mãos para cima, enfatizando como fica “mal” quando perde. A preocupação é justificada, pois para a futebolista, tamanha competitividade gera um grau de cobrança exacerbado, que afeta a “parte psicológica”.

Dentro dos campos e quadras – fez a transição do futebol de campo para o futebol de salão – atuou e atua como atacante: “Enfiar a bola na rede, então, é uma coisa que eu gosto, uma coisa que eu sei fazer”. Possui uma carreira bem vitoriosa: “Aqui dentro da Itália eu ganhei Supercopa, eu ganhei Campeonato Italiano, eu ganhei Copa Itália, eu ganhei Copa da Divisão, eu disputei uma Champions League de futsal, então assim, tudo que se imaginar eu ganhei e joguei”. Tantas vitórias podem ser consequência do ódio a perder e da cobrança exagerada, mesmo com os custos psicológicos. Como atleta também destacou que sempre foi “muito de brigar” em relação aos incentivos e para ter os direitos assegurados.

A paixão pela bola começou aos seis anos de idade. Dayane contou que era uma “menina muito hiperativa” e tudo que fosse redondo e desse para chutar, ela chutava. Cortava a cabeça das bonecas e cortou o próprio cabelo para conseguir jogar entre os meninos. A mãe não gostava

⁴⁶³ ROCHA, Dayane F. **Dayane de Fátima Rocha**: entrevista [14 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rovigo (ITA), 2022. Documento digital (1h20). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

⁴⁶⁴ Ibidem.

da filha jogar bola, mas “um dia se rendeu” e colocou Dayane na Escolinha do Amaral. Era a única menina no meio dos meninos e ficou lá dos seis aos doze anos. Na visão da jogadora ter jogado no meio dos meninos por muitos anos fez toda a diferença, em termos físicos, competitivos, técnicos, pois quando foi jogar só com meninas estava em nível superior. Foi nesse momento, inclusive, que passou a acreditar verdadeiramente que poderia ser uma atleta de alto rendimento.

Aos doze anos fez a primeira “peneira”⁴⁶⁵, foi selecionada e passou a integrar o elenco do União Ahú, de Curitiba. Apesar da pouca idade, jogava na equipe sub-20. Depois disso, nas suas palavras teve “uma trajetória dentro do futebol muito rápida. Explosiva”. Demonstrou essa explosão contando que chegou à Seleção Brasileira já com dezesseis anos e aos dezoito saiu do Brasil para jogar na Europa. Antes de emigrar, aos dezessete, saiu do União Ahú para o Novo Mundo, time curitibano mais conhecido dentro do futebol de mulheres da região. Passou na peneira e depois teve o próprio pai como treinador e as idiossincrasias disso: “Putz, minhas amigas indo para baladas sexta e eu não podia, porque sábado tinha jogo. Eu morava com o treinador, né, que é meu pai”.

Ao se tornar maior de idade, assinou seu primeiro contrato de trabalho e foi jogar no Lyon, da França. Apesar da satisfação com o contrato, com a estrutura do clube e com a possibilidade de morar fora do país graças ao esporte, enfrentou diversas dificuldades: “era a primeira vez que eu saía de casa e eu não sabia fazer nada, não sabia lavar, não sabia cozinhar, não sabia passar. Uma menina sempre que viveu com a família. Nunca tinha visto neve. Nunca tinha escutado francês, nunca tinha visto o euro na minha vida”. Ficou um ano na França e voltou para o Brasil.

Dayane tinha começado a faculdade de Educação Física em uma instituição de Curitiba e cursado seis meses, trancou para jogar no Lyon e no retorno, retomou o curso também. Em seu relato, conta que levou no total dez anos para terminar a graduação. Cursava um tempo, trancava, depois retornava. A intermitência foi causada justamente devido à mobilidade de sua carreira, jogou a maior parte do tempo fora de Curitiba. Contudo, enfatizou a felicidade de ter conseguido se formar, pois garantiu uma profissão para depois do encerramento da carreira como jogadora. Também agradeceu a instituição de ensino, pois sempre teve bolsa de estudos, por ser atleta, e pela flexibilidade do calendário e tempo de curso.

Quando retornou para a cidade natal após o fim do contrato com o Lyon prometeu para si mesma que nunca mais sairia do Brasil. Logo após dizer isso, abriu um sorriso debochado de

⁴⁶⁵ Nome dado, dentro do jargão futebolístico, para os processos seletivos para ingressar nos times.

canto de boca e disse: “Mentira, né?”. Após um semestre, recebeu uma oferta, através de uma amiga, para jogar na Espanha. A equipe dessa amiga estava precisando de uma atacante e ela indicou a Dayane, que aceitou e foi jogar durante um ano no Badajoz. O clube acabou falindo – a descontinuidade de clubes é uma constante no futebol de mulheres, veremos isso em outros relatos – e ela foi jogar no Huelva, em uma cidade que fazia fronteira com Portugal. Ficou mais um ano no futebol espanhol jogando neste clube e retornou para o Brasil e para sua graduação novamente. Sobre o período na Espanha, ela comentou da dificuldade burocrática em ser estrangeira, por questão de documentação, visto, consulado etc.

Mesmo no seu país de origem, Dayane queria realizar o sonho de jogar na Itália. Para concretizá-lo enviou e-mail para vários clubes italianos. Um deles respondeu em português (ela demonstrou surpresa com a língua da resposta): “o teu currículo é um currículo muito bom e alto para os clubes que você está escrevendo, para clubes da tabela para baixo. Você tem que escrever do meio da tabela para cima, não do meio da tabela para baixo”. Em seguida, ela mandou o currículo para o time líder do campeonato italiano e recebeu o retorno de que eles fariam uma oferta, sim. Embarcou, então, para a Itália para jogar no Verona Calcio Femminile, onde tinha contrato de um ano e depois acabou levando a Marina Aggio para atuar lá também.

Contudo, ficou mais de cinco meses sem poder jogar no time, pois era estrangeira e a documentação para poder jogar, o *permesso di soggiorno*, era bastante burocrático e demorado. Foi essa dificuldade que a fez procurar e tirar a cidadania italiana, pois era descendente e podia conseguir. Cumpriu o contrato de um ano, mesmo jogando, somente nos seis meses finais e voltou para o Brasil bastante chateada com a situação. Mobilizou o processo da cidadania e quando conseguiu, aos 22/23 anos, retornou para a Itália no mesmo time, onde ficou por quatro anos.

Depois desse período retornou uma última vez para Curitiba, quando concluiu a faculdade, teve que cursar matérias de manhã e de noite para conseguir dar conta. O cenário do futebol curitibano era bastante desanimador: “Quando eu cheguei em Curitiba, eu me deparei com o futebol de campo perdido no mundo, né? Não existia mais times, o que existia era um [grupo] que jogava contra um outro, lá da Fazenda Rio Grande⁴⁶⁶, que era uma coisa que eu não conseguia encarar”. Foi graças a esse vácuo que Dayane fez a transição para o futebol de salão. Passou a jogar em times de Colombo e Araucária⁴⁶⁷ e concomitante estagiava e dava aulas em uma escola particular. Nas suas palavras: “dentro do Brasil, eu nunca vivi do futebol como o meu ganha pão”.

⁴⁶⁶ Município da região metropolitana de Curitiba.

⁴⁶⁷ Também municípios da região metropolitana de Curitiba.

Após um ano e meio sendo o que ela chamou de “pessoa normal” recebeu uma proposta para jogar futsal na Itália e como já possuía a cidadania italiana não teria as dificuldades burocráticas de documentação. Aceitou a proposta e está há seis anos (em 2022) atuando por clubes italianos de futebol de salão. De acordo com Dayane, lá o futsal é semiprofissional e caracterizado por: dedicação exclusiva para o clube, salário, moradia, transporte, fisioterapia, acadêmica e “tudo aquilo que um atleta tem”. Só não é institucionalmente profissional, pois não há a assinatura de um contrato trabalhista. Porém, a Federação Italiana profissionalizou recentemente o futebol de mulheres de campo e a proposta é profissionalizar o de salão em breve também.

Aos trinta e sete anos Dayane joga no Rovigo Orange e contou já estar se preparando para “pendurar as chuteiras”, para isso está tentando o reconhecimento do seu diploma de educadora física lá na Itália, o que envolve novamente muita burocracia e o complemento da formação com uma espécie de pós-graduação para poder atuar profissionalmente. Além disso, também precisa fazer a proficiência da língua italiana. De toda forma, o plano é permanecer e morar mesmo na Itália.

3.4.3 Duda Luizelli



Duda Luizelli

25/08/1971 - Porto Alegre - RS



 **Clubes:**

 Internacional (RS)

 Milan (ITA)

 Verona (ITA)

 **19 anos de carreira**

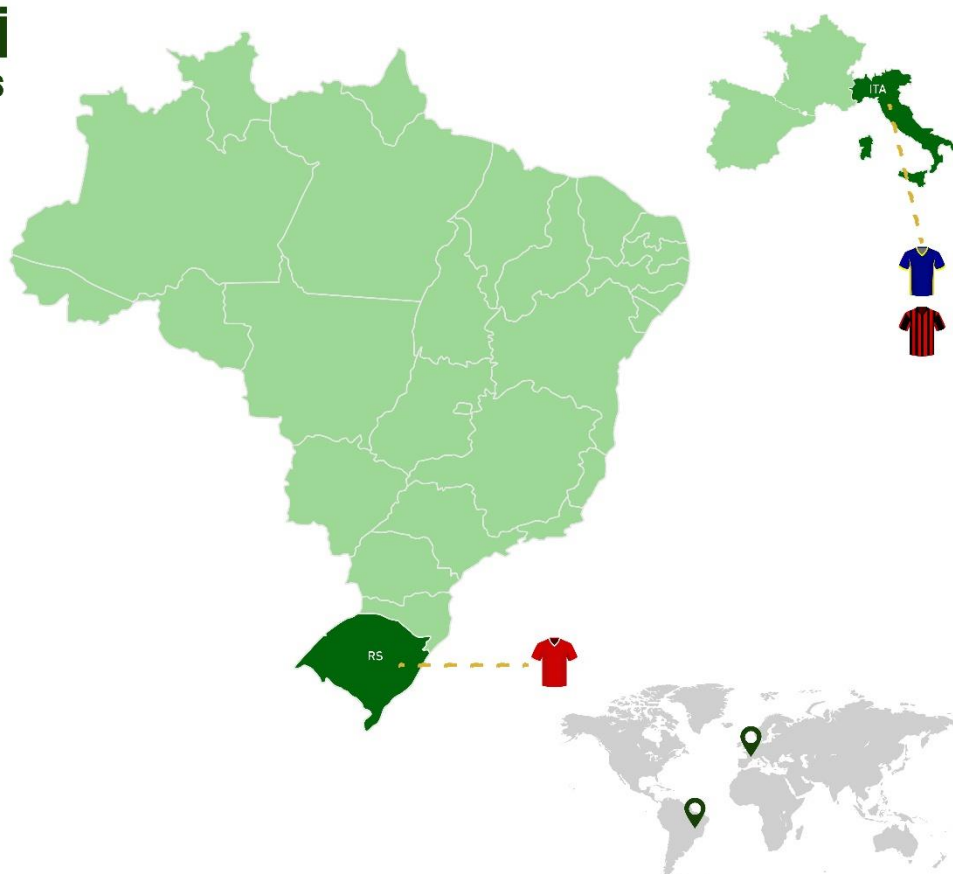


Figura 21- Informações de Duda Luizelli. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M.

“Porque eu acho que os momentos na vida da gente passam e a gente tem que saber aproveitar todos eles da melhor forma possível”⁴⁶⁸. Eduarda Luizelli, ou melhor, Duda Luizelli, como é conhecida, falou o trecho acima ao ser perguntada sobre como foi a experiência de morar fora do Brasil para jogar futebol e sintetiza bem a visão de mundo apresentada por ela ao longo da entrevista. Como falei anteriormente, foi a entrevista que manteve um tom menos informal, algo mais próximo de um ambiente corporativo, também com respostas bastante informativas, mas mais diretas que as demais. Frases motivacionais como a citada foram comuns também.

Claro que toda a entrevista de História Oral estabelece uma relação entre passado e presente, como visto. Mas devo destacar que na entrevista de Duda isso ficou ainda mais latente. Nas outras a relação passado-presente se estabelecia, sobretudo, pela narrativa ser construída no presente revisitando e interpretando um passado. Duda além de fazer isso trouxe constantemente uma comparação entre esses dois tempos. Começou muitas de suas respostas rememorando um fato do passado e que respondia a pergunta feita e logo em seguida fez uma análise da mesma situação em sua perspectiva atual. Como fez parte da geração pioneira e iniciou sua carreira como jogadora ainda nos anos 1980, na primeira fase da periodização desta tese, as diferenças com a realidade atual foram bastante significativas, o que deixava a comparação ainda mais chamativa.

Naquela época a comissão técnica era de 5 pessoas e olhe lá. Era o treinador, o preparador físico, treinador de goleiro não, era um chutador de bola, eu diria assim. Aí a gente teria mais o que? O médico que daí, sim, mas paramos por aí. Um roupeiro, muitas das vezes o roupeiro foi a gente mesmo. Então hoje as coisas evoluíram, mudaram muito. E hoje, eu diria assim, eu que estive numa Seleção Brasileira, coordenando uma Seleção Brasileira, não perde em nada para uma Seleção Brasileira masculina, por um time de Série A do masculino. A gente tem hoje toda infraestrutura.⁴⁶⁹

Esse foi apenas um exemplo dessa ponte passado-presente, muitos outros ocorreram ao longo da entrevista. Apenas para fins de esclarecimento, quando a pergunta era feita, claro que prezei por mantê-la mais ampla e aberta possível, dando espaço para a subjetividade da narradora, só que no contexto compreendia-se que a referência era o passado vivido e as experiências como jogadora. Havia espaço para trazer o presente para a fala, como de fato, aconteceu, mas o ponto de partida da indagação era o passado. O que pude inferir para

⁴⁶⁸ LUIZELLI, Eduarda Marranghello. **Eduarda Marranghello Luizelli (Duda Luizelli)**: entrevista [24 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Porto Alegre, 2022. Documento digital (54 min). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

⁴⁶⁹ Ibidem.

compreender essa dinâmica, além claro de ser uma característica pessoal e subjetiva da própria Duda, é a valorização da sua atuação após “pendurar as chuteiras”, principalmente, como gestora esportiva. Seja como gestora das suas escolinhas, do Sport Club Internacional ou até mesmo da Seleção Brasileira, como visto na citação. Trazer a situação atual do futebol de mulheres joga luz em seu trabalho de gestão, pois nessa visão, houve uma melhora significativa da modalidade comparado com a época em que atuava dentro das quatro linhas.

Como citado anteriormente, as fontes orais são marcadas pela subjetividade e o historiador deve ficar atento às diferentes maneiras pelas quais essa subjetividade é expressa. Nesse sentido, outra característica bem pessoal da narrativa de Duda é o uso do “a gente” para se referir a ações feitas (somente) por ela durante a vida: “Eu rompi o tendão de Aquiles porque lá tudo era muito, muito rápido. (...) Era tudo rapidinho e aí acabei me machucando, mas enfim, deu tudo certo e *a gente* ficou alguns meses sem jogar, mas fazendo tratamento da melhor forma possível”.

Esse é apenas uma das vezes que isso aconteceu ao longo da entrevista. Acredito ser um ponto interessante para se atentar, porém, não tenho uma explicação definitiva para isso, é possível inferir que é uma forma de enxergar a sua carreira como uma construção coletiva, compartilhada, sobretudo, com o marido e a família, pois são as pessoas mais próximas e que estiveram presentes longo de toda a trajetória dela. O marido, Carlos, por exemplo, acompanhou Duda quando ela foi jogar por times italianos, também foi parceiro na administração das escolinhas.

Duda é sem dúvida um dos grandes nomes do futebol gaúcho e tem uma história pioneira importantíssima no futebol brasileiro. Atuou como jogadora e como dirigente e deixou um legado nas duas formas de atuação. Há na sua fala a percepção e o orgulho da trajetória construída: “foram coisas que me levaram a ser quem eu sou, eu diria assim, uma pessoa de sucesso dentro da modalidade futebol feminino”. E tudo isso fruto de muita luta e perseverança: “A gente era uma gladiadora no meio do mato alto, né? Com facão na mão. Só que a palavra desistir ela não existe no meu vocabulário. Isso eu falo muito, porque quando as pessoas me falam não, eu quero saber o porquê do não”. E de uma visão de vanguarda: “Na verdade tudo o que eu fiz, eu não fiz para ser ninguém diferente. Eu fiz porque eu queria fazer, porque era algo que eu enxergava lá na frente”. Já o seu perfil de jogadora foi descrito por ela da seguinte forma:

Eu fui uma atleta que pra jogar bem, eu tinha que estar 110% fisicamente. Eu sempre fui uma atleta pesada, pesada, não no sentido de peso, mas pela minha constituição física. Eu sempre tive que estar muito bem fisicamente, até porque as pessoas esperavam de mim algo diferente e se eu não tivesse bem, era muito fácil me marcar na época, então eu tinha que estar muito bem. Eu sempre me cuidei e eu sempre procurei ser uma jogadora nota 10 dentro e fora de campo, porque eu sempre fui uma

das líderes na época do Inter. Eu acho que praticamente eu fui 98%, não no primeiro campeonato mas depois, quem foi a capitã da equipe, sempre fui eu que fui dialogar com as pessoas, conversar, tentar melhorar. Enfim, até o momento que eu acabei fazendo tudo: eu era coordenadora e jogava.

O caminho para se tornar essa jogadora e liderança dentro de campo começou com o desenvolvimento da paixão pelo futebol e pelo Sport Club Internacional, o pertencimento clubístico teve um papel muito importante na trajetória de Duda. Ela se apaixonou pelo esporte, porque era vizinha de Valdomiro, ídolo colorado dos anos 1970, e nas folgas dele sempre jogavam bola. Além disso, ia constantemente ao Estádio Beira-Rio com a sua família. Começou a jogar no Internacional aos 13 anos e na passagem dos 14 para os 15 anos fez a sua estreia em um campeonato nacional, a Taça Brasil de 1986, disputada em Campinas. Vale recordar a partir de suas palavras:

Estreei na decisão de terceiro lugar, com o Saad. Eu não tinha jogado nenhum jogo, eu era muito jovem, mas eu jogava bem já na época. E faltando 15 minutos para o jogo, o treinador me deu uma oportunidade. Eu entrei, na primeira bola fiz aquele gol que o Pelé não fez do rabo de vaca lá no goleiro, eu fiz exatamente igual, só que a bola pegou na trave e entrou. Bom, e aí o Inter foi terceiro lugar no Campeonato Brasileiro e depois ali eu nunca mais saí da equipe.

Sem dúvida, uma estreia marcante e um gol antológico. A despeito disso, Duda apontou a instabilidade do time, pois foi desfeito e reiniciado várias vezes: “Troca gestão, cancela, recomeça, cancela”. Paralelo a isso, ela seguiu jogando futebol de salão também. Depois ingressou na faculdade de Educação Física – chegou a iniciar Administração, mas saiu logo no início do curso – e se formou. Após a conclusão da graduação foi jogar na Itália. Ela possuía cidadania italiana, o que facilitou o processo. Carlos que também jogava futsal acompanhou Duda e casaram lá para que ele também tivesse acesso à cidadania italiana.

Ficou por dois anos na Itália e jogou uma temporada pelo Milan e outra pelo Verona. Foi uma das primeiras brasileiras a emigrarem para jogar no exterior. Também atuou pela Seleção Brasileira: “foram 8 anos entre a primeira e a última convocação da Seleção Brasileira, fui bicampeã sul-americana com a Seleção em Uberlândia”. Retornou ao Brasil e já veio com o objetivo de formar uma escolinha de futebol. Na visão de Duda, havia uma demanda reprimida e muitos pais gostariam de ter um espaço para que as crianças jogassem futebol. A primeira escolinha foi no Partenon Tênis Clube, depois chegou a desenvolver o projeto dentro do Internacional e seguiu, então, para a Escola da Duda, atualmente com atuação em quatro cidades no Rio Grande do Sul e o plano para abrir uma no Rio de Janeiro.

Em 2017, Duda recomeçou o Departamento de Futebol Feminino do Internacional, antes mesmo da obrigatoriedade dos clubes da série A terem equipes femininas. E em 2019, foi convidada por Rogério Caboclo para ser coordenadora de Seleções na CBF, cargo que ocupou

até o início de 2022. Na visão de Duda foi uma vivência fantástica, apesar das dificuldades, oriundas principalmente da pandemia. Hoje ela segue na gestão das suas escolinhas, tem feito vários cursos de formação e especialização e se preparando para fazer o curso de gestão da CBF. Foi candidata a deputada estadual em 2022 pelo partido CIDADANIA e ficou na suplência, recebeu 2405 votos. Também dá consultoria para clubes de futebol que queiram implementar o futebol feminino. Como ela mesma colocou: “o futebol nunca saiu da minha vida e nunca vai sair. (..) Então, enfim, a Duda não para, a Duda vive, a Duda respira futebol.”

Ao final da entrevista, deixei aberto caso quisesse fazer mais algum comentário ou falar algo que julgasse importante. Em respeito a isso, reproduzo aqui a mensagem:

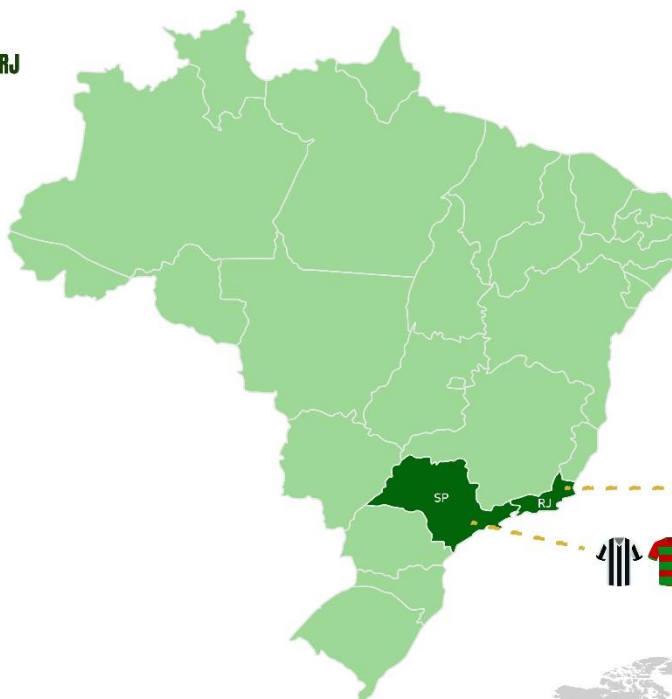
O pessoal que vai assistir no @duda_luizelli, ali tem todas as nossas informações do que a gente está fazendo. A gente tem o @abcdabola com as meninas, a gente tem o @soccerwomanpoa, a gente tem o @escoladaduda. Então, a gente tem muita coisa hoje acontecendo e cada vez a gente vem tentando evoluir. Eu acho que é sempre bola pra frente e nunca deixar a peteca cair. A gente está aí tentando buscar também novos apoiadores para os nossos projetos sociais, através da lei de incentivo que o ano passado a gente teve 4 cidades e o ano que vem a gente está indo para 4 cidades do Rio Grande do Sul e mais Rio de Janeiro. Então, a tendência é de crescimento.

3.4.4 Leda Maria



Leda Maria

16/04/1966 - Rio de Janeiro - RJ



⚽ Clubes:

- 👤 América (RJ)
- 👤 Portuguesa (SP)
- 👤 Santos (SP)
- 👤 Vasco (RJ)
- ★ **Futsal**
- 👤 América(RJ)*
- 👤 Mackenzie (SP)*
- 👤 Radar (RJ)*
- 👤 Sabesp (SP)*
- 👤 Vasco (RJ)*

🕒 26 anos de carreira

Figura 22 - Informações de Leda Maria. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M.

Leda foi a jogadora mais velha que eu entrevistei e que começou a jogar mais cedo de todas as entrevistadas. Ainda em 1981. Naquela fase clandestina do futebol de mulheres, a proibição tinha caído, mas a regulamentação ainda não era realidade. Seguiu jogando até 2007, foram 26 anos de carreira. Acompanhou e ajudou a construir muitas das mudanças que ocorreram no campo esportivo brasileiro. Só de ouvir alguém como ela rememorar este passado já valeria a pena. Mas para completar Leda é decididamente uma pessoa muito receptiva e carinhosa. Acolheu a ideia de ser entrevistada com entusiasmo desde o início.

Nosso diálogo foi extremamente produtivo – mesmo com as intercorrências da internet – e ela foi acolhedora do começo ao fim. Foi uma entrevista bastante descontraída e emotiva. Creio ser importante pontuar isso aqui, pois falamos de temas sensíveis, como depressão, reconhecimento, alegrias e dificuldades. Como pesquisadora tenho compromisso com a análise e reflexão crítica, mas a História Oral sendo uma “troca de olhares” não é marcada apenas pela subjetividade do entrevistado, a do entrevistador também faz parte e preciso afirmar que me senti admirada pela sua narrativa. Sobre contar a sua trajetória Leda falou o seguinte:

Me deixa muito feliz assim, emocionada até, porque quando a gente fala da gente, quando a gente revisita o nosso passado, a gente está falando com a alma, está falando com o coração e eu sei que isso vai para a pesquisa de vocês, para o trabalho de vocês. E eu sou muito grata. Obrigada, obrigada⁴⁷⁰.

A conexão entre “revisitar” o próprio passado e as emoções (“falando com o coração”) deixa explícita a subjetividade envolvida nas fontes orais, assim como, o seu caráter narrativo. Constrói-se um enredo emocionante. Leda fala como uma das pioneiras do futebol de mulheres do Brasil e com muito orgulho de ter feito parte desse momento e dessa geração. Há também um senso muito forte de coletividade com as outras pioneiras: “a minha geração é pioneira e todas elas estão comigo”. E uma clareza sobre quais eram os objetivos dessa geração: “a gente era muito sonhadora. A gente queria que o futebol que a gente jogasse fosse reconhecido. Que ele fosse melhor estruturado. Que a gente tivesse melhores condições”.

Além disso, Leda ao falar de características pessoais destacou a sua relação com o dinheiro: “eu sempre fui muito, não vou dizer mão de vaca, mas eu gostava muito de gastar o dinheiro com aquilo que eu achava que era importante. Sou assim até hoje, graças a Deus. Então, eu meio que segurava o dinheiro, eu falei, esse dinheiro aqui, tem que esticar ele”. Sobre o seu perfil de jogadora contou que sempre foi muito disciplinada taticamente e bastante

⁴⁷⁰ DE ABREU, Leda Maria. **Leda Maria de Abreu**: entrevista [23 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rio de Janeiro, 2022. Documento digital (1h30). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

comprometida, era uma das primeiras a chegar nos treinamentos e a última a sair. Desenvolveu relações próximas com os seus treinadores, pois sempre teve muito interesse em saber dos elementos do jogo, saber como seriam os treinos e eles viam nela uma atleta que poderia transmitir o que eles quisessem para dentro do campo e para as demais.

O futebol esteve presente na vida de Leda desde a infância, a família é apaixonada por futebol, pai, irmã, primo. Foi com o pai e o primo que aprendeu a jogar bola, no quintal de casa. Era uma brincadeira de criança que depois foi para rua “com a molecada” até chegar na primeira equipe de futsal em 1981. Leda tem uma visão semelhante a de Dayane ao dizer que ter jogado muito tempo com meninos foi fundamental para a sua formação técnica: “isso agregou muito pra gente. Porque acho que a maioria das jogadoras da minha geração começou jogando na rua com moleques. Então, uma geração que foi muito privilegiada, com habilidade, com técnica, com essa questão do cognitivo, porque a gente trouxe isso”. Ao mesmo tempo diz que ninguém ensinou o futebol para elas, era algo “inato” e porque passavam muito tempo jogando bola sozinhas, chutando na parede. Credita essa solitude ao machismo, porque meninas muitas vezes não podiam jogar na rua, então, desenvolviam seus talentos em casa.

O caráter brincante do futebol seguiu com Leda. Quando recorda das partidas e times do início dos anos 1980 fala “o futebol nessa época, pra mim, era pura diversão”. Com essa característica, aos 17 anos disputou a primeira Taça Brasil, em 1983. Jogou com mulheres mais velha, lembra de algumas terem 25 e 28 anos. Em sua visão: “era que eu estava só brincando no meio das adultas”. Acrescenta ter um orgulho muito grande de ter jogado o primeiro torneio nacional oficial após o fim da proibição.

Leda passou por inúmeros times e se dividiu entre o futebol de salão e o futebol de campo praticamente em toda a sua carreira. Citou alguns dos clubes pelos quais atuou sem se preocupar com uma linha muito cronológica: Vasco da Gama, Santos, Portuguesa (SP), Mackenzie, América, Sabesp, Radar. Pelo Vasco teve uma passagem bastante vitoriosa, tanto nas quadras quanto nos campos, foi tricampeã nacional no futebol de campo e uma vez campeã no futsal. Era o memorável Vasco da Helena Pacheco. Nas quadras fez parte da Sabesp, em suas palavras “a maior equipe de futsal que o Brasil já teve” e lá foi pentacampeã brasileira. Leda vê um saldo bem positivo: “eu tive durante a minha carreira, muito mais vitórias do que derrotas. Eu sou muito feliz”.

Atuou também pela Seleção Brasileira, a primeira convocação aconteceu em 1991, quando jogava pelo Vasco, chegou a se apresentar, mas não cumpriu a convocação. Leda deu dois motivos para isso. O primeiro foi por questão de trabalho. Depois acrescentou outro motivo para não ter ido para a Copa do Mundo da China: Eurico Lyra. Nas suas palavras: “porque eu

não batia muito com o dono, patrono, presidente, que era treinador, que era tudo, o Eurico Lyra. Eu não batia muito com ele, não gostava da maneira com que ele tratava as atletas, era um baita treinador, baita gente, mas tinha a questão pessoal que eu não gostava muito”. Mas depois foi campeã Sul-Americana pela Seleção em 1995, disputou a Copa de 1995 e foi suplente nas Olimpíadas de 1996.

Em 1997 e junto com Marisa, Fanta e Cenira, outras jogadoras do Vasco, que era a base da Seleção Brasileira, foi para São Paulo disputar a Paulistana. Jogou pela Portuguesa. Seguiu jogando em outros times e atuou até 2006, quando estava com 42 anos e disputando os Jogos Universitários Brasileiros, pois na época cursava Educação Física. Contou como a aposentadoria foi um processo difícil e ao mesmo tempo repentino, pois não houve uma preparação para aquele momento. Leda segue sendo pioneira e da sua geração é a primeira a fazer os cursos da CBF para ter licença como treinadora. Era uma das duas mulheres no meio de cinquenta e sete homens do curso. Também atuou no Campeonato Carioca de 2021 como analista de desempenho de uma das equipes. Está buscando novamente ter o futebol como trabalho em sua vida: “Resistindo e lutando. Isso me faz muito feliz também. Continuo porque é como se fosse uma coisa normal para mim, porque foi a vida inteira”.

3.4.5 Marina Aggio



Marina Aggio

17/12/1981 - Iretama - PR



Clubes:

-  Ferroviária (SP)
-  Foz Cataratas (PR)
-  Guarapuava (PR)
-  Juventus (SP)
-  Londrina (PR)
-  Novo Mundo (PR)
-  Palmeiras (SP)
-  Santa Cruz (MG)
-  São José do Rio Preto (SP)
-  Sjölevads IK (SUE)
-  Umeå IK (SUE)
-  Verona (ITA)

 20 anos de carreira

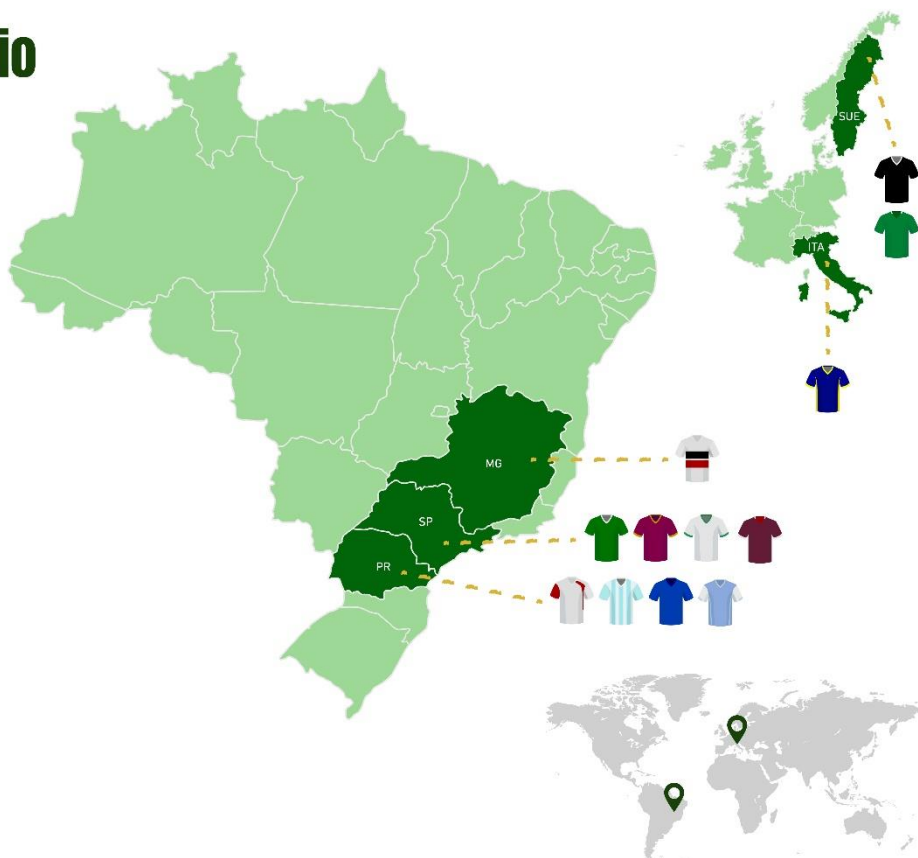


Figura 23 - Informações de Marina Aggio. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M.

De Iretama para o mundo. Marina nasceu em uma cidade do interior do Paraná e que atualmente tem dez mil habitantes. Demonstra um carinho grande ao contar como através do esporte conseguiu conhecer diversos lugares ao redor do globo e vivenciar inúmeras culturas. Hoje atuando como docente do Ensino Superior voltou a morar em Iretama, são as voltas que o mundo dá. Marina compartilhou ao final da entrevista como foi a vivência de contar a própria história. Faço, então, uma pequena licença poética (e mais uma dessas voltas do mundo) de começar pelo fim:

Eu acho que eu contei um pouco desse cenário do que é o futebol feminino, né? A partir da minha visão, enquanto jogadora. Mas essa foi a minha história. (...) Esse cenário que a gente constrói é a partir das experiências que nós temos e isso é muito importante as pessoas saberem, porque não é uma verdade absoluta, é aquilo que eu tive como experiência. E, claro, concordem ou não, essa é minha experiência e eu fico muito feliz em dar o meu relato, porque foram 20 anos de futebol feminino, foram 20 anos de muitos desafios, de muitas alegrias. Eu vivi o alto rendimento e eu pude vivenciar culturas que eu jamais vivenciaria, por meio do esporte. Eu saí de uma cidadezinha de dez mil habitantes e fui conhecer Paris. Fui conhecer a Europa, né? Fui falar inglês, fui falar sueco, fui falar italiano, fui conhecer pessoas de outras nacionalidades, então essa experiência que o esporte me trouxe, ela é muito rica e ela vai ser rica para o resto da minha vida. Porque a gente fala de viver o esporte, mas junto com o esporte vem outras riquezas também. Que é essa questão cultural que eu vivi, essa questão de localização, que eu pude estar presente, dessas pessoas que eu conheci, pessoas que trouxeram muita experiência. Então, esse é o poder do esporte, né? Me tiraram uma cidadezinha para me levar para um lugar que eu jamais imaginei que poderia estar, e são as oportunidades que o esporte proporciona na nossa vida. De alto rendimento ou de forma amadora eu pude vivenciar isso, então eu sou muito feliz. Quando eu falo que eu vivi de esporte, que por 20 anos eu tive uma trajetória no esporte. Então, são experiências bacanas⁴⁷¹.

Em sua fala se nota o estabelecimento da relação entre o macro e as vivências individuais. Entre o futebol de maneira ampla e a vida de uma mulher nesse contexto. Há também a percepção do esporte como algo transformador e que traz inúmeras oportunidades. Apesar de ser um discurso recorrente na fala de muitos atletas e vemos isso constantemente na mídia, Marina deixou a capacidade mobilizadora do futebol muito palpável – “Eu saí de uma cidadezinha de dez mil habitantes e fui conhecer Paris”. Ela deixa claro que foi por meio do esporte que teve a sua vida transformada. Destaca-se também a consciência acerca da relevância do seu relato e das experiências que viveu (“mas essa foi a *minha* história”), não para contar a história “efetivamente como ocorreu” ou como se fosse uma “verdade absoluta”, nas palavras dela, mas no sentido de partilhar a própria vivência e a memória da modalidade.

⁴⁷¹ AGGIO, Marina Toscano. **Marina Toscano Aggio**: entrevista [27 set. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Iretama, 2022. Documento digital (1h37). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

Ao rememorar a sua carreira, Marina estabelece uma periodização dividida em dois momentos. O marco divisório é justamente a ida para Europa. Assim, sua carreira de vinte anos teve, primeiramente, dez anos em que, nas suas palavras, “consegui me sustentar com o básico do básico”, e os dez anos seguintes, “já tinha uma condição melhor como atleta”. De acordo com a sua percepção, ela foi uma jogadora *criada*: “temos dois tipos de jogador: o que nasce sabendo jogar futebol e o que se disciplina para ser jogador de futebol e eu sou a segunda opção, porque eu não nasci com muita técnica. Eu nasci com a técnica básica para jogar futebol e eu fui aprimorando ela no decorrer da minha carreira”.

O aprimoramento que garantiu a sua *criação* como futebolista. Para alcançar isso, na sua perspectiva, precisou treinar muito e se dispor a fazer tudo o que lhe pediam, mesmo que algumas coisas “fossem difíceis”. Um dos seus principais atributos era justamente a parte física, “fisicamente eu sempre fui muito forte”. Teve plena ciência disso quando foi jogar na Europa, pois jogava de igual para igual com as demais.

O orgulho pelas conquistas alcançadas ao longo da carreira também foram devidamente destacadas na fala de Marina. Mesmo quando falou de maneira breve (citou rapidamente e retomou a fala sobre os sucessos) do corte na Copa do Mundo de 2011, a ênfase acabou recaindo nos triunfos e na sabedoria que adquiriu com essa situação. Contou bastante satisfeita que foi “nomeada melhor jogadora de zaga do Campeonato Sueco”. Relatou também ter sido campeã Sul-Americana pela Seleção Brasileira e de ter participado do Campeonato Internacional de São Paulo com a equipe nacional. É comum vermos nas narrativas de atletas o destaque às suas conquistas, algo completamente coerente dadas as dificuldades e os desafios para se chegar lá. Porém, talvez a ênfase somente nesses aspectos escamoteie justamente tais dificuldades vividas. É preciso percebê-las mais nas entrelinhas.

Marina também começou a jogar bola “no meio da criançada”, com meninos e meninas e sempre contou com o incentivo do pai, fanático pelo esporte e treinador de times locais. Ela credita a popularidade do futebol ao fato de ser “um esporte muito barato”. Participava dos jogos escolares, competições da própria cidade e foi “compreendendo que era aquilo que queria”. Aos 13 anos descobriu uma Escolinha do Zico, em Campo Mourão, a 60km de Iretama. O pai a incentivou a fazer a peneira e falou “vai lá, veja o que você acha”. Há uma recordação sensível sobre a ida até Campo Mourão:

Meu pai patrocinou e eu fui pro local. Cheguei lá. Bom, primeiro que eu não sabia descer no ônibus, né? Era daqueles ônibus de cordinha. Eu lembro como hoje esse momento muito importante. Eu andei 60 km olhando: “como é que as pessoas faziam para fazer a parada do ônibus?”, porque eu não sabia. Eu era muito nova, da cidade do interior, uma menina do sítio. Além de ser da cidade, eu ainda era do sítio, eu era de uma comunidade 3 km longe da cidade. Vinha para a cidade estudar, mas ainda

não tinha um conhecimento um pouco mais ampliado. Aí andei 60 km observando como que eu fazia para parar o ônibus. Consegui, porque eu vi que alguém sempre puxava uma cordinha. Desci do ônibus, fui até o local, cheguei lá, me assustei porque tinha mais de 150 meninos fazendo a inscrição e eu entrei no meio deles e fui na Secretaria e perguntei como eu fazia para fazer a inscrição. A secretária disse: “mas é para você?”. Eu disse: “sim, é para mim”. Ela disse: “eu vou verificar se tem futebol feminino aqui”. Ela foi e no retorno disse assim: “os professores falaram que você pode participar”.

A aventura de pegar um ônibus, viajar para outra cidade e tentar uma seleção no meio de 150 meninos já demonstra a vontade de jogar bola e a coragem para tentar. Desse início desafiador Marina ainda destaca a oportunidade que lhe foi dada pelos treinadores de permitirem uma menina participar da escolinha. Ali permaneceu por dois anos e assim como Dayane e Leda destacou o diferencial de ter feito uma parte de sua formação de base junto com os meninos, principalmente, com relação à parte física. A comissão técnica também foi importante na carreira dela, porque passou a buscar espaços só para mulheres.

Foi dessa forma que aos quinze anos Marina chegou ao Londrina Futebol Clube e disputou o seu primeiro torneio profissional, o Campeonato Paranaense. Segundo ela, era uma competição forte e jogavam em cidades como Maringá, Curitiba, Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu. Saiu do Londrina e foi para São Paulo (“porque é o foco do futebol feminino”), jogar no Palmeiras. Deparou-se com outro desafio. Estava para fazer dezesseis anos e chegou em um elenco composto por jogadoras da Seleção Brasileira e que “só via pela televisão”, como Sissi, Márcia Taffarel, Pretinha. Citou como seu nível de experiência e futebol não era o mesmo que o delas e acabou sendo dispensada após dois meses.

Foi para o Juventus da Mooca, onde havia mais meninas da sua idade e um clube com um histórico de formação e revelação de jogadoras. Nesse contexto, Marina recordou da treinadora Magali: “foi um clube que revelou muitas jogadoras, inclusive a minha treinadora, chamada Magali Fernandes, foi uma mulher assim, de grande pulso, porque ela dominava”. Vestiu a camisa grená por quatro anos e próxima de completar vinte anos se deparou com a questão “o que eu ia fazer?”. Contou ser o único momento em sua trajetória que se enxergou em outro local e não dentro de um campo de futebol. Voltou para a casa da mãe, mas por pouco tempo. Em duas semanas as equipes paranaenses ao saber de seu retorno já entraram em contato para tentar contratá-la.

Jogou o Campeonato Paranaense pelo Guarapuava e logo na sequência foi para o São José do Rio Preto. Não permaneceu, pois o acordo era ter bolsa em uma faculdade porque era jogadora do clube, contudo, a bolsa não saiu. Foi jogar no Santa Cruz Futebol Clube de Minas Gerais, onde ganhou o campeonato mineiro. Dali deu um salto significativo na carreira, que foi o grande marco para Marina: a ida para a Europa, para jogar na Suécia. Não foi sozinha, mas

muito bem acompanhada: “fui na época com a Marta (...) eu fui como companhia, porque a Marta era menor e quando ela foi, não podia ir sozinha, então foi todo um trâmite ali, conversando com o clube dela para levá-la, né?”. As duas foram para o Umeå IK.

Marina contou sobre a diferença de jogar lá: “comecei a treinar com elas e ali, Fernanda, eu de fato compreendi o que era alto rendimento”. Umeå IK além de toda a estrutura considerada profissional, na visão da jogadora, levava um público de até quinze mil pessoas para seus jogos. Uma realidade distinta do futebol brasileiro na primeira década do século XXI. O elenco do clube era de alto nível e a disputa por vaga intensa, assim, Marina acabou se transferindo para o Sjölevads IK: “Ali eu tinha certeza de que eu tinha vivido o futebol”. Enquanto jogava neste time foi eleita a melhor zagueira e melhor estrangeira do campeonato sueco. Um fato interessante é que quando o Umeå IK disputava a Champions League Marina ficava no banco desta equipe quando era necessário, mesmo sendo jogadora do Sjölevads IK.

Ficou na Suécia até 2009, quando decidiu ir embora. Estava com pouco mais de 27 anos, e foi por escolha própria, sentiu que já tinha vivido o que podia por lá e precisava de mais perspectivas. Voltou ao Brasil e sentiu a necessidade de estudar, afinal, a pergunta “o que eu vou fazer depois que eu parar?” permeava constantemente seus pensamentos. Iniciou a faculdade de Educação Física em Curitiba e concomitante jogava no Novo Mundo Futebol Clube e nas suas palavras “por 3 anos eu fui a única jogadora a ser paga da equipe”. Ficou de 2009 a 2011 e em seguida foi contratada pelo Foz Cataratas.

Foi o período de ascensão do Foz no cenário paranaense e nacional. Marina participou da boa fase e foi campeã da Copa do Brasil com a equipe. Logo em seguida contou sobre o convite para voltar para a Europa, jogando pelo Verona. Como sabemos, o convite foi concretizado com a mediação de Dayane Rocha⁴⁷². Para Marina as temporadas no Verona (de 2011 a 2013) foram o auge da sua carreira, jogou a Champions League e a equipe chegou até as oitavas de final. Lá foi campeã da Copa Itália. Novamente o retorno para o Brasil foi motivado pela ânsia por estudar: “essa fixação de ter que estudar, eu tinha muito medo de parar e não saber o que fazer”.

Saiu do Verona direto para a Ferroviária, em Araraquara. A “Ferrinha”⁴⁷³ também estava se consolidando no futebol de mulheres brasileiro, era (e é) uma equipe referência. A passagem durou dois anos, 2013 e 2014, mas rendeu boas conquistas. Marina foi campeã do Campeonato Paulista (2013), da Copa do Brasil (2014) e do Campeonato Brasileiro (2014). Em

⁴⁷² Vale lembrar também que foi a Marina quem me passou o contato de Dayane para a entrevista, demonstrando novamente o vínculo entre as duas.

⁴⁷³ Apelido carinhoso da Associação Desportiva Ferroviária.

2014 tomou a decisão de parar de jogar: “Eu já tinha 34 anos. Já tinha feito toda essa trajetória aí como atleta, já estava bem cansada do ambiente também e eu queria muito ser mãe”. A maternidade passou de desejo para realidade e em Araraquara mesmo continuou a sua formação educacional, fez Mestrado em Educação pesquisando as questões de gênero na escola a partir do futebol. Depois ingressou na docência, na qual permanece até hoje. Morou por uns anos em Curitiba e depois regressou para Iretama, onde tudo começou.

3.4.6 Marlisa Whalbrink, goleira Maravilha

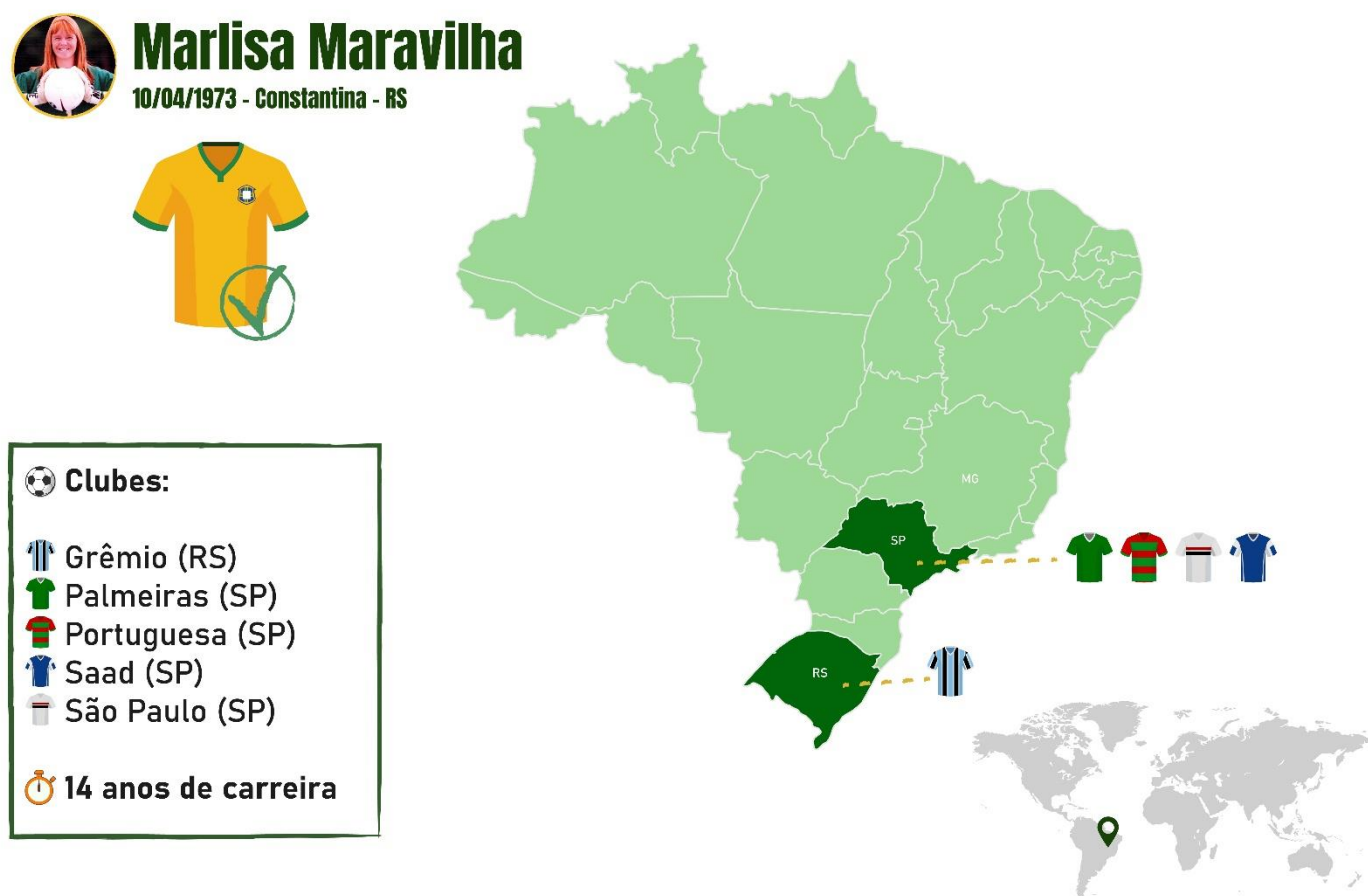


Figura 24 - Informações de Marlisa Wahlbrink. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M.

“Maravilha é a calma na tempestade brasileira”. De acordo com Marlisa Wahlbrink, conhecida como goleira Maravilha (graças à cidade que se mudou quando tinha dois anos), essa frase foi publicada na imprensa estadunidense após o empate do Brasil com a Alemanha, por 3x3, na fase de grupos da Copa do Mundo de 1999. Além de poética, a sentença é reveladora da serenidade de Maravilha, independente da situação. Essa serenidade foi bastante perceptível durante a entrevista. Ela tem uma fala calma, pausada, mesmo quando aborda temas difíceis ou momentos desafiadores.

A calma, em sua visão, tem relação com a posição na qual atua: “o goleiro tem que ser frio, tem que calcular as coisas”. Maravilha se caracterizou como essa jogadora, com a responsabilidade de ter maior discernimento e manter a frieza mesmo se o seu “time está desesperado” ou o “jogo está pegado”. Buscava passar isso para as companheiras de campo: “Eu falava o tempo inteiro, eu saía rouca do jogo porque eu falava a sequência de jogada até lá na finalização. Às vezes ouvia, às vezes não ouvia, mas eu estava sempre muito ligada”.

Como jogadora também tinha uma obsessão pelos treinos: “Na época, eu só pensava em treinar, só queria treinar. Eu não me envolvia em brigas, em discussões que eles tinham, sempre aquelas vaidades de equipe, eu ficava na minha, só pensando em treinar”. A dedicação e a vontade de sempre melhorar foram marcantes em sua fala, tanto na maneira de contar esses aspectos, com expressões faciais mais enfáticas, quanto na recorrência. Foi algo reiterado por ela ao longo de toda entrevista e abordando diferentes momentos de sua vida:

Eu trabalhava até dia de folga, eu treinava até dia de folga. Eu sempre fui alguém muito dedicada. (...) Eu me preocupei ao máximo, eu me entreguei demais para tudo aquilo que eu fazia e quando eu tive possibilidade de aprender coisas diferentes, de ver situações diferentes, estudar, eu sempre fiz para que aquilo me desse mais suporte para ser um atleta profissional. (...) Tudo que eu faço, eu faço com muito carinho, com muita dedicação.⁴⁷⁴

Maravilha vem de uma família de agricultores, com nove irmãos. Cresceu e viveu até os vinte e um anos no pequeno pedaço de terra arrendada que possuíam. Viviam do plantio e nas suas palavras a família “tinha uma condição financeira muito restrita”. Jogou bola desde criança com seus irmãos, irmãs e vizinhos. A bola era o presente que ganhavam em datas especiais (Natal, aniversário, Páscoa), pois era algo barato e que poderia ser aproveitado por todos os irmãos. Na sua localidade só havia escola até a quarta série, para dar continuidade nos estudos precisaria ir e voltar para cidade, mas não tinham condições de arcar com o custo do transporte. Ela sofreu muito por não continuar estudando e foi “trabalhar na roça”. Sempre teve um espírito questionador e não se conformava com aquela realidade:

Eu queria estudar, queria ver outros horizontes. Porque a gente percebia que na roça a gente trabalhava muito, era de começo, final de ano, ao nascer do sol, pôr-do-sol. Às vezes só tinha o domingo de folga e a gente não mudava muito a nossa situação de vida e eu comecei a questionar isso. Com 13, 14 anos, eu já comecei a questionar a sociedade: por que que a gente vivia daquele jeito? Se a gente via pessoas que não trabalhavam tanto tinham uma condição financeira melhor que a nossa. Então, eu tinha muitas dúvidas e eu queria, eu questionava, eu não achava as respostas e eu queria algo a mais.

⁴⁷⁴ WAHLBRINK, Marlisa. **Marlisa Wahlbrink (Maravilha)**: entrevista [5 dez. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Maravilha, 2022. Documento digital (1h34). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

Também não se conformava com os padrões de gênero impostos: “As mulheres não ganhavam nada, nem para comprar absorvente, coisas básicas de higiene. E os homens ganhavam parte da safra. Então, na verdade, era um trabalho quase que escrava. A gente só trabalhava pela comida e a casa”. Tudo isso a instigou a seguir estudando, mesmo com as dificuldades existentes. O irmão mais velho havia estudado e se formado em um colégio agrícola para terminar a Educação Básica. Ele mobilizou contatos e possibilitou que Maravilha, aos vinte e um anos, fosse estudar em uma escola ligada ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Ali ficaria 45 dias: “onde você aprendia meio período; você estudava e meio período você aprendia a trabalhar em alguns setores. Tinha vários setores de horta, a criação leiteira, administração, vários setores.”

Nas aulas de Educação Física jogou futebol e era a única mulher no meio dos homens e ouviu de algumas colegas que deveria tentar peneira em algum clube, pois tinha muita habilidade. A ideia se fixou na cabeça de Maravilha. Após esse período de estudo, a proposta era retornar à sua região e fazer algum trabalho junto ao MST, aplicando o que fora aprendido na escola. O problema era a discordância de seu pai, contrário aos estudos, pois na visão dele, estudar não daria retorno, especialmente, para as mulheres. No dia que estava saindo de casa para começar esse trabalho, o pai se posicionou veementemente contra e falou “ó, se você sair de casa, não precisa mais voltar”. Ela saiu. Saiu de vez: “eu não volto mais atrás. Agora eu não volto mais pra casa”.

Andou nove quilômetros para chegar na cidade, sem dinheiro, e foi para a casa de um amigo, que ofereceu casa e um salário para ela fazer os trabalhos domésticos. Ficou muito feliz e realizou também o trabalho no assentamento do MST. Na convivência com esse amigo comentou sobre o sonho de jogar futebol. Ele passou a entrar em contato com alguns clubes e descobriu que a Federação Gaúcha de Futebol estava fazendo testes para formar um time de mulheres para disputar a Taça Brasil e mediou para Maravilha fazer o teste em Porto Alegre e também uma casa para que pudesse ficar. O teste foi no dia 20/06/1994 (ela fez questão de recordar a data exata) e ela fez dois gols. Goleira fazendo dois gols? Não, naquele dia jogou como atacante, nunca tinha atuado embaixo das traves.

Foi a última a ser escolhida, mas passou na peneira. Começou os treinos e percebeu que as outras jogadoras tinham “uma base no futebol melhor” que ela, sentia uma carência grande em sua parte tática, de posicionamento e na tomada rápida de decisões. Inferiu que seria cortada e notou a existência de apenas uma goleira na equipe. Perguntou se poderia fazer um teste para jogar no gol. O treinador aceitou, o teste foi no dia seguinte e ele falou “você leva jeito, no

treino da tarde vou trazer um treinador de goleiro, luvas, e você começa a treinar no gol”. Com menos de um mês ganhou a titularidade de goleira.

Essa equipe gaúcha foi disputar um torneio nacional e em um dos jogos Romeu Castro, do Saad, estava lá. Conversou com a comissão técnica sobre Maravilha, gostou muito dela. E membros da comissão junto com a goleira foram para São Paulo treinar no Saad. Seguiu jogando no clube paulista e passou a prestar atenção nas convocações para a Seleção Brasileira. Almejava que alguém dali lhe dessa uma oportunidade. Em 1995 a oportunidade chegou: “Agora estou me emocionando um pouco. Aí quando teve convocação para Olimpíada de Atlanta, em 95, em novembro de 95, foi minha primeira convocação para a Seleção”. Infelizmente, machucou o pulso, se recuperou a tempo de viajar com o grupo para os EUA, mas no último corte não passou e não disputou aqueles Jogos Olímpicos. Mas depois viveu grandes momentos com a Seleção, disputou a Copa do Mundo de 1999, as Olimpíadas de 2000 e 2004 e o Sul-Americano de 2004.

Como o Saad possuía convênio com o São Paulo Futebol Clube, atuou brevemente no tricolor. No período em que o Campeonato Paulista, chamado de Paulistana, era organizado pela Sport Promotion, havia o *draft*⁴⁷⁵. Nesse processo, em 1997, foi jogar no Palmeiras. Em junho do mesmo ano regressou ao São Paulo, onde ficou até 1999. Foi campeã paulista invicta pelo clube. Em 2000, atuou pela Portuguesa (SP) até os Jogos Olímpicos. Mas “depois disso a gente teve problemas, os clubes acabaram depois da Olimpíada, não tinha onde jogar. Eu voltei para casa, comprei a minha casa com o dinheiro do futebol, uma casa que eu tenho até hoje. E uma semana depois, conheci meu marido”.

Estão juntos até hoje, ele é professor de História e Geografia e indicou vários livros para Maravilha e debatiam juntos:

Então foi muito bom porque eu comecei a compreender aquelas dúvidas que eu tinha quando eu era adolescente, quando eu tinha treze, catorze anos. Porque fui estudar como funcionava a sociedade; como funciona o sistema capitalista; como é o socialismo; como é o comunismo; o que é o fascismo? Eu fui entendendo de onde vem o lucro. Por que que as pessoas são pobres? Algumas que trabalham muito e são pobres. Então eu fui entender, aí eu fui sanando todas aquelas minhas dúvidas.

A goleira afirma que todo esse conhecimento foi fundamental para o seu crescimento enquanto atleta, passou a jogar muito melhor, porque fazia a leitura das pessoas que a cercavam (jogadoras, treinadores, dirigentes etc.) a partir de suas ações e falas e largou muitas das superstições que possuía. Considerou esse processo “fantástico”. Colocou tudo isso em prática quando voltou a jogar em 2001, pelo Grêmio.

⁴⁷⁵ Expressão dentro do esporte para indicar a divisão de jogadoras/es entre os times que disputam um campeonato.

Após a Olimpíada de Atenas ficou desempregada por nove meses. Sem clube retornou para Santa Catarina. Voltou para os gramados em 2005, novamente pelo São Paulo. Em 2006 recebeu uma proposta dos EUA para ser treinadora de goleira de uma universidade, dos times feminino e masculino. A instituição garantia as despesas básicas, como moradia, mas não lhe dava um salário, obrigando-a a trabalhar em outros turnos também. Trabalhou como faxineira e jardineira. O trabalho com as plantas lhe “dava muito prazer”, pois remetia às suas origens na agricultura. Retornou ao Brasil no final de 2007. O Saad a contratou no início de 2008, onde ficou até 2009, disputou campeonato paulista e a Copa do Brasil.

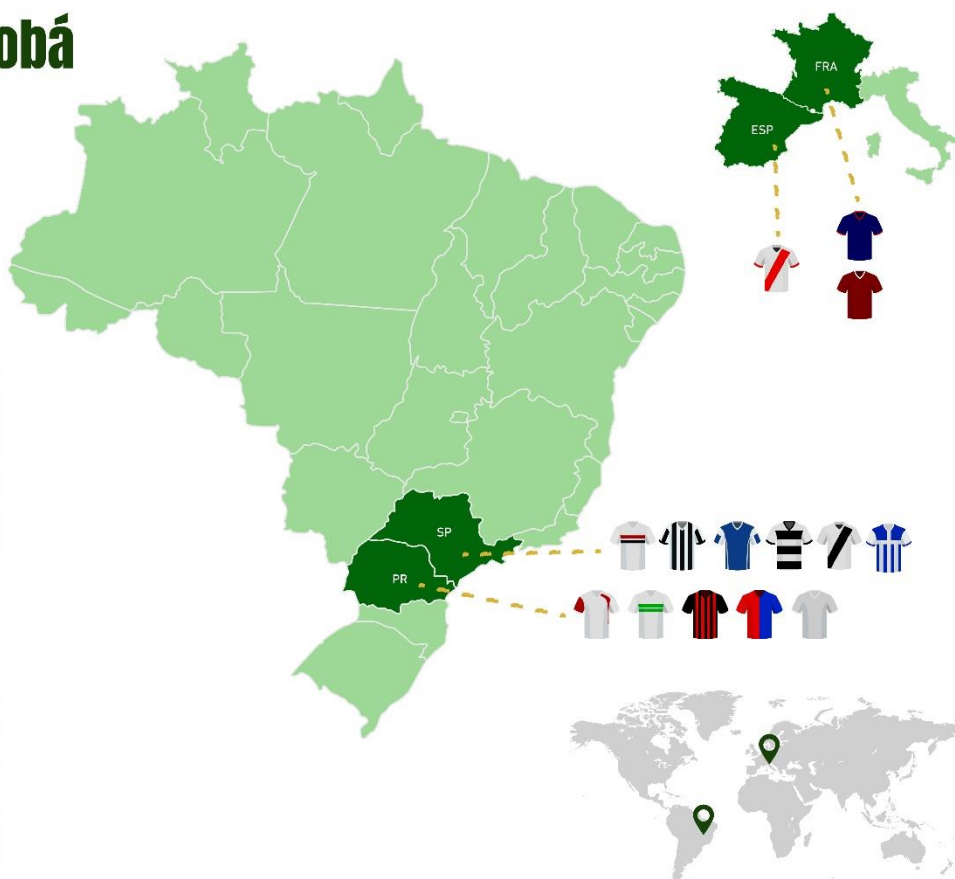
Encerrou a carreira justamente em 2009 “porque queria ter filho”. Pendurou as chuteiras em novembro e no mês seguinte já engravidou. No ano seguinte se dedicou aos estudos. Fez o magistério, mais tarde a graduação em Educação Física e o curso de treinamento de goleiras da CBF. Quando o filho completou três anos passou a trabalhar como treinadora de goleiras pela prefeitura de Maravilha. Também atuou no clube da cidade, treinando os goleiros do sub-17 e da equipe principal. Em 2019, retornou à Seleção Brasileira, agora com outra função, fora das quatro linhas, como preparadora de goleiras. Atua na comissão técnica de Simone Jatobá na Seleção sub-17.

3.4.7 Simone Jatobá



Simone Jatobá

10/02/1981 - Maringá - PR



Clubes:

- Atlético (PR)
- Coritiba (PR)
- Grêmio Londrinense (PR)
- Lyon (FRA)
- Matonense (SP)
- Metz (FRA)
- Novo Mundo (PR)
- Paraná (PR)
- Ponte Preta (SP)
- Rayo Vallecano (ESP)
- Saad (SP)
- Santos (SP)
- São Paulo (SP)
- XV de Piracicaba (SP)

26 anos de carreira

Figura 25 - Informações de Simone Jatobá. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M.

Simone Jatobá é a atual treinadora da Seleção Brasileira sub-17. Só a existência da categoria de base para o futebol de mulheres é uma grande conquista⁴⁷⁶, o fato desse elenco ser treinado por uma mulher e que foi jogadora anteriormente é ainda mais representativo. A entrevista com Jatobá foi feita presencialmente e ela demonstrou disposição para participar desde o início. Chegou no lugar combinado um pouco antes do agendado, com um olhar compenetrado e com vontade de colaborar. A seriedade inicial está conectada ao profissionalismo e à dedicação que coloca em todas as suas atividades, elemento que ficou claro ao longo de sua narrativa. Conforme a entrevista foi se desenvolvendo ficou “mais solta”, demonstrou um lado sensível e bondoso (comigo, com a entrevista e com as próprias memórias). A conversa ficou mais informal e se tornou um diálogo bastante empático e produtivo.

Comentou mais de uma vez ao longo de sua fala sobre como é uma pessoa bastante dedicada e preza pelo seu profissionalismo. A sensibilidade comentada acima pode ser notada na seguinte fala: “Eu acho que hoje, falando hoje como treinadora, e olhando para trás, eu acho que eu fui uma atleta exemplar no sentido de ser um atleta boa. No sentido de bondade, dentro e fora de campo, de profissionalismo e de dedicação”⁴⁷⁷. Complementou a percepção sobre si mesma contando ser alguém muito tranquila “não da turma da bagunça”, também não gostava de balada, festa, preferia um cinema ou uma programação mais “sossegada”. Além disso, gostava muito de treinar e de jogar, cobrava-se demais, o que em sua visão, até a prejudicou, pois a cobrança excessiva talvez tenha impedido uma evolução ainda maior, pois “te faz bloquear, não te faz crescer o necessário”.

O futebol entrou na vida de Jatobá também por conta da família. É sobrinha do ex-jogador Carlos Jatobá, que atuou no antigo Pinheiros e no Corinthians. O futebol era algo familiar. Apesar da influência do tio, a treinadora é bem assertiva ao dizer que foi sua avó a maior responsável por impulsionar o esporte e a sua carreira: “Com certeza, eu acho que o princípio, o meio e sempre vai ser o fim também, é minha avó”. A avó sempre defendeu a neta, mesmo quando outros familiares reprendiam a sua relação com o futebol, ajudou a procurar times de mulheres, acompanhava nos jogos desde a infância, “ia na pracinha só com os meninos

⁴⁷⁶ Há uma cobrança para que a CBF desenvolva mais categorias como a sub-15 e sub-13. Um projeto que Duda Luizelli quando se tornou coordenadora de Seleções falou que era necessário e estava empenhada em conseguir, porém, até agora a entidade máxima do futebol brasileiro não concretizou.

⁴⁷⁷ JATOBÁ, Simone Gomes. **Simone Gomes Jatobá**: entrevista [31 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba, 2022. Documento digital (1h34). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

e ela estava sentadinha”. Foi presença importante e constante na vida de Simone, “agora no céu, ela continua presente também”.

A dupla avó e neta estavam sempre juntas, assistiam bastante futebol, as partidas disputadas pelo tio, viajavam para ver jogos também. Foi assim que a paixão pela bola começou e depois passou para dentro de campo, pois jogava na rua com os meninos. Quando tinha nove anos a família se mudou de Peabiru, cidade do interior do Paraná, para Curitiba. As praticas continuaram a ser o espaço de diversão com a pelota. Aos doze anos, “um pessoal” viu Jatobá jogar com os meninos e a avisou sobre a peneira em um time de meninas. Ela fez o teste e foi aprovada no Paraná Clube. Contudo, não era exatamente um time de meninas, pois era a equipe adulta. Jogavam futebol de areia e de campo em alguns campeonatos. Passou a integrar a equipe, apesar da pouca idade e a partir dos catorze pôde disputar os campeonatos. Jogavam, sobretudo, no interior do Paraná e de São Paulo. Também fez parte de uma equipe paulista chamada Make Plans, de Itapeva. O nome era em virtude do patrocinador. Tinha quinze, dezesseis anos. No fim de semana, ela e outras colegas saíam do Paraná iam até São Paulo, a despesa do transporte paga pelo patrocinador e quem dirigia era o pai de uma delas, e cada uma ganhava R\$50,00.

Exatamente no dia em que completou a maioridade foi fazer um teste no São Paulo Futebol Clube e em suas palavras “aí começou a minha vida profissional”. Não era mais somente diversão, passou a encarar com profissionalismo também. No ano seguinte teve a primeira convocação para a Seleção Brasileira e também jogou a primeira Olimpíada aos dezenove anos. Seguiu jogando “em alguns clubes” no Brasil e foi convocada para a Copa de 2003. Ganhou projeção internacional e no ano seguinte foi jogar no primeiro time fora do país, o Rayo Vallecano. Jogou na Espanha até 2005 quando seguiu para o Lyon, onde ficou por cinco anos.

Em 2010 retornou ao Brasil, participou de campeonatos em 2011 e em 2012 foi para Rússia. Passagem rápida e bastante complicada, no quesito condições de trabalho – falarei mais disso futuramente. No mesmo ano volta para o país de origem e retorna para a França em 2014, para o Metz. Atuou por cinco anos ali, até se aposentar em 2019. Nessa passagem já estava preocupada com a sua formação educacional, por isso, exigiu em contrato que o clube arcasse com os custos da formação para treinador ofertada pela UEFA. Enquanto cursava atuou nas categorias de base do Metz. Terminou o curso e veio de férias para o Brasil. Estava com algumas propostas, mas ainda tentando decidir o que faria. Pouco antes de regressar para Metz recebeu a proposta da CBF para o projeto da Seleção sub-17, aceitou e está lá até hoje. Com relação ao futuro: “Eu pretendo continuar como treinadora, mas eu também gosto muito da parte de gestão.

Como eu tenho aprendido muita coisa nesse processo, eu também gostaria um dia, porque não, de junto a um clube, montar uma big de uma estrutura para um time feminino”.

Perguntei para Simone se havia outras equipes e competições que tinha jogado, além dos já citados e ela deu uma resposta bastante completa:

Nossa, foram tantas que às vezes até ruim assim a gente esquecer de algum. Mas eu comecei no Paraná e como era amador, era um campeonato, acabava, montava outro time, acabava. Então, na época, foi Paraná Clube, foi Coritiba, foi o Atlético. Grêmio Londrinense, que é do interior. Aí São Paulo, Matonense, Ponte Preta, Saad, XV de Piracicaba. Nossa, foram tantos... Santos. Bom, não sei se eu vou lembrar de todos agora, mas depois para fora, foi o Rayo Vallecano da Espanha, o Lyon e o Metz da França. Eu joguei uma temporada também, um campeonato pelo Novo Mundo. (...) Os campeonatos estaduais, regionais. Aí por clubes eu disputei os campeonatos lá fora, franceses, espanhol, Copa da França, Copa da Rainha. A UEFA, que hoje é a Champions League. Também o último foi a Champions League. E na Seleção Brasileira os campeonatos que foram extremamente importantes, teve o nosso Pan-Americano no Brasil. As duas Copas do Mundo, duas Olimpíadas que são campeonatos assim incomparáveis que a gente vivencia.

3.4.8 Thaisa Moreno

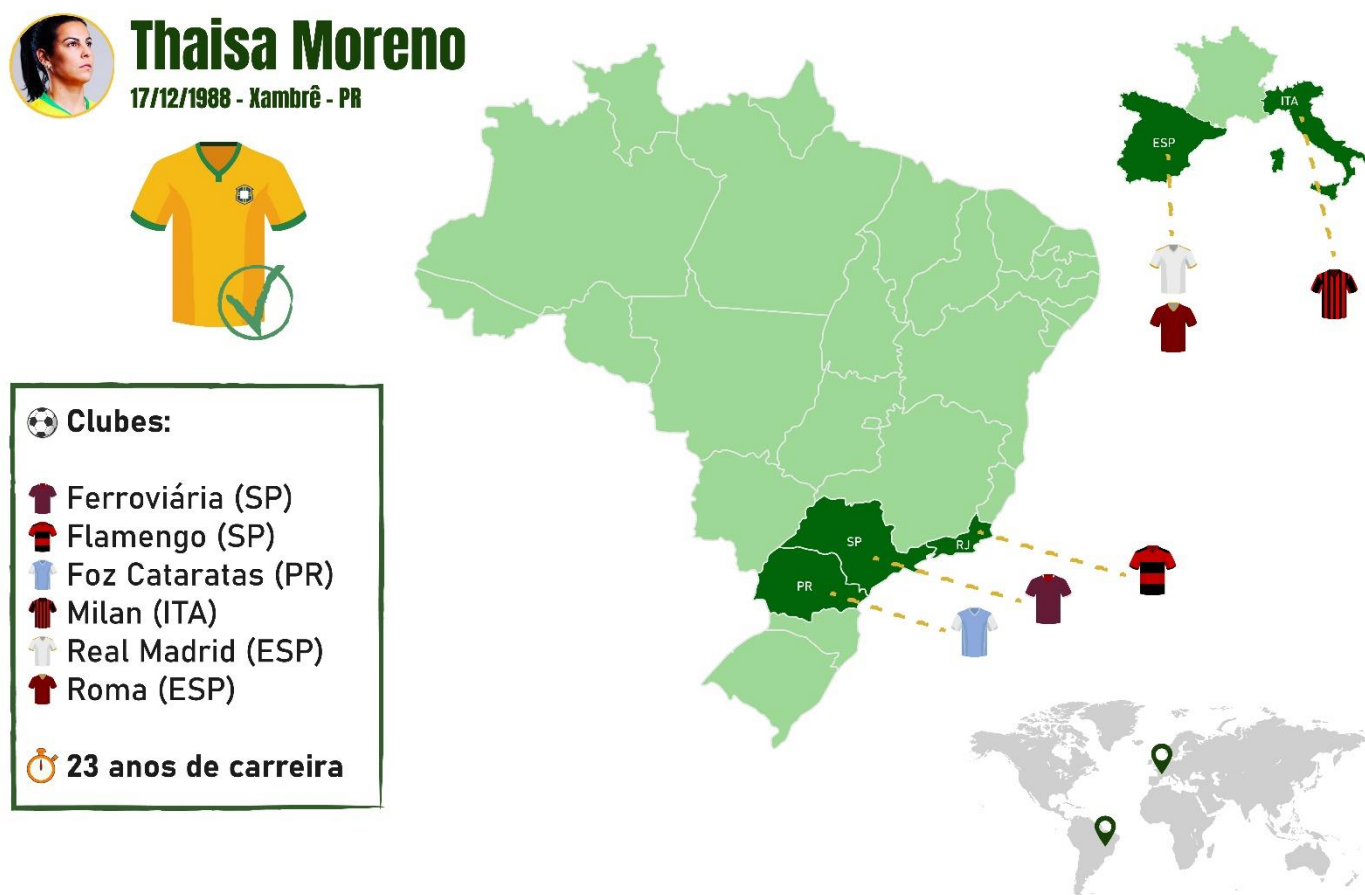


Figura 26 - Informações de Thaisa Moreno. Fonte: Arquivo Pessoal. Elaborado pela autora e por Kamilla M.

Ser mulher em um ambiente hegemonicamente masculino exige coragem. Deixar a sua cidade e o seu país de origem para trabalhar em um lugar completamente diferente, que é algo

típico da profissão de jogador/a, também. Partindo dessas premissas e das suas memórias, Thaisa é definitivamente uma pessoa muito corajosa. Com plena ciência de tal característica:

Eu não sei se eu tive muita sorte na minha carreira, eu não sei, mas eu nunca tive medo. Eu nunca tive medo. Tiveram amigas minhas que tiveram as mesmas propostas, mas não quiseram sair. Então, assim, pra mim eu estava vivendo um sonho, eu queria sair, eu queria. Quando eu fui para a faculdade, eu estava morrendo de medo, mas eu queria ir, eu não sabia inglês, eu não sabia nada, mas eu queria ir. Então, eu nunca tive medo assim de sair, da mudança. (...) Nossa, eu passei por vários clubes, porque eu sou uma atleta que eu nunca consegui ficar muito em um clube. Quando surgiu uma oportunidade... Eu não sei, porque todo mundo fala que é pelo signo, é sagitário, que tem essa liberdade.⁴⁷⁸

Independente da explicação estar relacionada ao signo astrológico, o fato é que Thaisa não hesitou em vivenciar as oportunidades ao longo de sua trajetória. Construiu e constrói uma carreira sólida. Começou a jogar no início dos anos 2000 e segue atuando profissionalmente até o momento da escrita desta tese (2023), em um grande clube brasileiro. Ou seja, seu percurso dentro do futebol se insere dentro de duas fases da periodização proposta nessa tese e vivenciou/a intensas mudanças do futebol de mulheres no Brasil, sobretudo, nos últimos anos.

Xambrê, uma cidade do interior do Paraná, atualmente com cinco mil habitantes, foi onde Thaisa nasceu. Sempre foi muito ligada em esportes de modo geral, gostava muito de vôlei, basquete e, claro, futebol. Brincava com o irmão e o primo na rua. O tio também queria que o primo se tornasse jogador do Athletico Paranaense e chamou Thaisa para que o ajudasse no treinamento do menino, ela ficava sempre chutando a bola. Em suas palavras, o tio “inconscientemente” a incentivava no futebol. Depois a família se mudou para Campo Mourão, também no interior do Paraná.

Na adolescência ganhou uma bolsa de estudos graças ao futebol para estudar em um colégio particular da cidade de Umuarama. Aos catorze anos disputava alguns jogos na cidade de Altônia, jogaram contra o time do Cianorte, que a convidou para disputar alguns jogos pela equipe. Ganhava R\$80,00 por jogo. Quando tinha quinze anos de idade foi convidada para jogar em um time futebol de salão de Maringá. Mudou-se para a cidade e morava em uma casa junto com outras jogadoras. Disputou campeonatos estadual e nacional. Apesar de tudo isso, durante a infância e a adolescência não pensava em uma carreira profissional dentro do futebol: “até porque na época não tinha tanta visibilidade para isso, então eu só queria me divertir. Eu queria jogar”.

⁴⁷⁸ MORENO, Thaisa de Moraes Rosa. **Thaisa de Moraes Rosa Moreno**: entrevista [3 nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rio de Janeiro, 2022. Documento digital (1h07). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

Essa perspectiva mudou quando foi para os EUA cursar faculdade. Ganhou uma bolsa de estudos também por conta do futebol. Sentiu um aumento da pressão, porque por mais que não recebesse um salário, havia uma cobrança, tanto de desempenho quanto com as notas das disciplinas:

“Eu comecei a entender que o futebol... A pressão ali já era diferente do que eu tinha aqui. Tinha pressão de todo mundo desde torcida na faculdade, os professores, os treinadores. Eu comecei a entender que, mesmo sendo um estudo, ali era uma coisa mais profissional do que eu tinha aqui no Brasil”.

Concluiu a graduação em Educação Física nos EUA, aos vinte e um anos, e retornou ao Brasil. Foi jogar no Foz Cataratas. Disputou o que considerou o seu primeiro torneio profissional por esse clube, o Campeonato Paranaense. Ficou por um tempo, mas não se sentia satisfeita, não via tanto apoio e “via muita coisa errada”. Seguiu para a Ferroviária e sentiu que foi um momento de ascensão da sua carreira. Destacou-se no Campeonato Paulista, em sua visão, “um dos campeonatos de mais visibilidade para uma atleta”. E chegou à Seleção Brasileira.

Foi jogar na Suécia e comentou “foi a primeira vez que eu joguei com a Marta”. Contudo, o clube pelo qual atuava⁴⁷⁹ perdeu muitos investimentos e declarou falência. Por isso retornou ao Brasil para a Ferroviária. Também fez parte da Seleção Brasileira Permanente e outros times brasileiros. Retornou para a Europa para jogar pelo Milan. Em seguida, para o Real Madrid. Quando contou de sua passagem pelo clube merengue, foi bastante elogiosa, principalmente, com relação à estrutura ofertada. Em seguida foi para a Roma e por estar mais velha (dentro dos parâmetros de idade da profissão de jogadora) resolveu decidir retornar ao Brasil. O Flamengo fez uma proposta, pois estava reformulando o elenco e com planejamento de investir em jogadoras com experiência, e ela aceitou. É uma das “Meninas da Gávea” atualmente.

⁴⁷⁹ Thaisa não identificou o Tyresö FF como o clube, por isso, não o inclui no quadro de identificação da jogadora.

Capítulo 4 – O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023)

No final do capítulo três foram apresentadas as jogadoras entrevistadas para esta tese e as suas respectivas trajetórias. O objetivo deste capítulo é a partir de suas narrativas compreender o futebol como trabalho para as mulheres. Para isso busco pensar, primeiramente, os sentidos conferidos ao futebol como trabalho. Logo após há uma discussão sobre futebol e identidade e como é o fazer-se jogadora. Em seguida discuto as condições de trabalho e condições de vida das futebolistas. Para finalizar debato aspectos para além do futebol, como educação, maternidade e aposentadoria.

4.1 Os sentidos do futebol como trabalho

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho. Nas suas bases conceituais entende ocupação como a “agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas” e por emprego ou situação de trabalho compreende “um conjunto de atividades desempenhadas por uma pessoa, com ou sem vínculo empregatício”. Outro conceito que sustenta a nomenclatura da CBO é o de competência: “competências mobilizadas para o desempenho das atividades do emprego ou trabalho”, que possui um domínio, ou seja, “as características do contexto do trabalho como área de conhecimento, função, atividade econômica, processo produtivo, equipamentos, bens produzidos que identificarão o tipo de profissão ou ocupação”⁴⁸⁰.

O código 3771 do CBO identifica a ocupação *atletas profissionais* e, mais especificamente, o código 3771-10 se refere à/ao *atleta profissional de futebol*. A descrição sumária da ocupação é: “Tomam parte como profissionais em competições e provas esportivas. Participam, individualmente ou coletivamente, de competições esportivas, em caráter profissional”⁴⁸¹. Descreve como norma regulamentadora a Lei nº 9.615 de 1988, a lei Pelé. Sobre a Formação e Experiência indica a ausência de pré-condição para o exercício da ocupação, pois a formação prática dos atletas pode se dar por treinos, exercícios, participação em jogos e competições. Acerca das condições gerais de exercício expressa o seguinte:

Os profissionais trabalham em clubes, agremiações esportivas, academias, órgãos da administração pública afetos aos esportes, no ensino etc. Não há regras comuns para

⁴⁸⁰ Informações Gerais – Classificação Brasileira de Ocupações. **Ministério do Trabalho**. Brasília. Disponível em: <https://cbo.mte.gov.br/cbsite/pages/informacoesGerais.jsf;jsessionid=PQ0R15vdTdf6X9p6Sq7IY-80L603eIKLiSz5omUP.CBO-SLV03:mte-cbo> Acesso em: 11 abr. 2023.

⁴⁸¹ Relatório da Família: Atletas profissionais – Classificação Brasileira de Ocupações. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Brasília. Disponível em: <https://cbo.mte.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaDescricao.jsf> Acesso em: 11 abr. 2023.

todas as modalidades de esporte. Para obterem a profissionalização seguem, regras específicas das agremiações esportivas a que se vinculam, construindo, portanto, trajetórias diferenciadas, baseadas em diferentes combinações entre tempo de exercício do esporte, participação em jogos e eventos, premiações etc. A maioria trabalha como autônomo, em horários irregulares. Em algumas atividades, alguns profissionais podem estar submetidos a condições especiais de trabalho, como pressão psicológica, ruído intenso e altas temperaturas, bem como permanecer por longos períodos em posições desconfortáveis⁴⁸².

A/o atleta tem como seu local de trabalho o clube/time de futebol e, de acordo com o texto, são essas agremiações que determinam as regras para a profissionalização. Interessante notar o destaque dado ao trabalho autônomo e aos horários irregulares, além, da pressão psicológica. O relatório também apresenta as atividades realizadas por essa ocupação: conhecer as regras do esporte, definir metas de carreira, preparar o físico para as competições, atualizar o preparo técnico, preparar-se psicologicamente para as competições, manter o preparo nutricional, desenvolver estratégias e táticas para competição, participar de competições desportivas oficiais e demonstrar competências pessoais.

Há, assim, o reconhecimento oficial da profissão de jogador/a de futebol⁴⁸³ e quais seriam as suas atribuições, atividades e condições específicas de trabalho. O Estado apresenta o significado e os sentidos que dá ao trabalho da/o atleta. A intenção agora é compreender quais os sentidos que as próprias entrevistadas dão para o trabalho de futebolista. Primeiramente, se chegam a considerar um trabalho. E se a percepção for afirmativa, como elas veem e definem o futebol como trabalho? O que torna a atividade realizada dentro do esporte um trabalho? Elas se viam como profissionais?

Duda Luizelli afirmou de maneira direta e sem pestanejar que não enxergava o futebol como um trabalho quando era jogadora. Em sua visão o futebol de mulheres ainda era muito amador e, por isso, ela nunca chegou a ser profissional como as atletas de hoje:

Então, era um outro momento do futebol feminino, não existia profissionalismo com o futebol feminino. Então, a gente tinha nossa vida normal e treinava só a noite e jogava aos finais de semana. (...) O futebol naquela época ele era amador. Então, eu estudava, enfim, eu fazia outras coisas. Eu não vivia o meu corpo 100% para jogar futebol. Até porque a gente não recebia para aquilo ou recebia muito pouco. Era outro momento, a gente está falando aí de 30 anos atrás⁴⁸⁴.

As justificativas para o amadorismo foram os treinos somente a noite e jogos somente no fim de semana, ou seja, não se constituíam em uma rotina de trabalho; a não dedicação exclusiva à atividade (“não vivia o meu corpo 100% para jogar futebol”); e a ausência de

⁴⁸² Ibidem.

⁴⁸³ A CBO deixa claro a sua função de *identificar* e registrar as ocupações existentes, contudo, não tem o papel de regulamentação da profissão, pois isso é função legislativa e daí derivam as normas regulamentadoras, como a própria Lei Pelé.

⁴⁸⁴ LUIZELLI, E. 2022.

pagamentos ou pagamentos muito baixos; o próprio distanciamento temporal com relação ao futebol em 2023. Lembro que Duda faz parte da geração pioneira, começou a jogar em 1984, quando entrou em campo pelo Internacional na Taça Brasil, apenas um ano após a regulamentação da modalidade. Ainda que tenha jogado por dezenove anos e vivido outros contextos do futebol de mulheres, não considerou a sua atuação de futebolista como um trabalho.

Fez apenas uma exceção quando se referiu às duas temporadas que jogou na Itália, pois a realidade era distinta. Contou que a modalidade era “dileitante”, termo utilizado lá para designar o caráter semiamador do futebol, ou seja, as italianas estudavam/trabalhavam durante o dia e treinavam à noite, em uma situação semelhante à vivida no Brasil na época, mas para Duda a organização do campeonato, do calendário de competições e os treinamentos eram bem melhores, mais estruturados. Além disso, lá ela conseguiu viver economicamente somente do futebol.

Entretanto, quando perguntada se futebol e trabalho eram a mesma coisa para ela, Duda responde afirmativamente e justifica “porque a minha vida sempre foi dentro do futebol”. A diferença é que para ela o futebol como trabalho aconteceu após sua atuação como jogadora. Quando passou a atuar como gestora ou dirigente, seja das escolinhas ou dos clubes e Seleção Brasileira, é que considerou o futebol como um trabalho. Creio ser interessante conectar essa lógica ao que citei no capítulo anterior: ao longo de toda a entrevista Duda respondia a pergunta feita contando como vivenciou aquela temática no passado, mas logo em seguida, construía a narrativa com os acontecimentos do presente. Ou seja, para ela é na gestão – algo desempenhado atualmente – que ela é uma trabalhadora do futebol e não quando era jogadora.

Da mesma geração de Duda, entrevistei a Leda Abreu. Os sentidos de Leda sobre o futebol como trabalho são mais fluidos. Algumas vezes ao longo da entrevista negou o caráter profissional do esporte na época em que atuava. Cito dois trechos de momentos distintos da nossa conversa apenas para exemplificar:

1) Vou te falar uma coisa, eu acho que hoje as meninas têm mais a pressão do que a gente, sabia? Eu acho que sim, porque hoje o futebol feminino é profissional, de fato, e na nossa época não era profissional. (...) 2) Pois é, a gente na nossa época, como a gente não era profissional de fato, a gente jogava por prazer, jogava por amor. E aí, onde tinha bola, a gente estava lá⁴⁸⁵.

Aqui há uma proximidade com a percepção de Duda, como a modalidade não era profissionalizada, elas faziam porque gostavam, sentiam prazer/amor, mas não *trabalhavam* com o futebol. Nessa perspectiva a modalidade não era profissional e por isso elas também não

⁴⁸⁵ ABREU, L. M. 2022.

eram profissionalizadas, não trabalhavam com aquilo. Por outro lado, também houve momentos em que Leda ao contar sobre sua carreira, descreveu elementos que tornavam o esporte uma profissão:

Eu vivi só do futebol já meio que no final da carreira. Aí eu consegui só viver do futebol. O Vasco me pagava e a Sabesp me pagava e eu jogava futebol de campo sábado aqui pelo Vasco e domingo eu viajava para jogar pela Sabesp futsal e eu recebia pelos dois. (...) Primeiro jogando pelo Vasco que eu comecei a receber de fato, ali, algum salário, alguma coisa que fosse. E pensava: “Pô, eu tô dando o meu esforço, o meu trabalho e estou sendo remunerada!” (...) Quando eu fui jogar no Vasco, eu comecei a ganhar. Tinha um valorzinho ali e falei: “Gente, olha lá, eu estou ganhando um dinheiro para jogar futebol. Que legal, né?”. Mas isso é gratificante, né? Porque é uma questão de você estar sendo remunerada por um serviço. Um trabalho, uma remuneração.

Não considero adequado encarar essas duas perspectivas como contraditórias, creio que seja a percepção e a interpretação sobre momentos distintos de sua trajetória. Como a própria jogadora coloca, ela só foi “conseguir viver do futebol” mais ao final da carreira, passou grande parte jogando e “vivendo” de outra atividade concomitante, seja o estudo ou outro emprego. Essa fluidez ao buscar compreender se o futebol era trabalho ou não foi nítida quando perguntei para Leda se os dois eram a mesma coisa. Assim que terminei de enunciar a questão, ela olhou para cima, de uma forma pensativa, mordeu os lábios e houve uma pausa silenciosa de cinco segundos até responder: “Sim...sim”. Um tom de voz mais baixo, mas um sorriso leve ao final. Talvez demonstrando a satisfação de no final de sua reflexão chegar a uma resposta afirmativa.

Ademais, destaca-se a relação feita entre o trabalho e a remuneração. O futebol se tornou uma profissão quando ela passou a ser “remunerada por um serviço”. Ou seja, quando há um valor de troca na venda da mercadoria força de trabalho. Leda ainda acrescenta outros elementos que configuravam o profissionalismo da sua carreira:

Se eu colocar a relação trabalho-futebol em termos financeiros, isso não acontecia. Mas em termos de responsabilidade e disciplina, sim. Por isso que eu coloco o trabalho e futebol no mesmo patamar, está me entendendo? Enquanto trabalho não era meio que o sustento, mas enquanto disciplina e comprometimento eu sempre tive isso com o futebol. Independente se eu ganhasse alguma coisa, se eu fosse remunerada ou não. (...) Eu sempre sempre fui profissional porque eu sempre fui comprometida, sempre fui disciplinada. Sempre quis estar ali e fazendo parte do processo. Enfim, cumprir com minhas obrigações, sabendo que tem hierarquia que a gente tem que respeitar.

Independente do fator remuneração, a relação trabalho-futebol estava relacionada à disciplina e responsabilidade. Inclusive, um respeito com relação à hierarquia e ao cumprimento das “obrigações”. Ou seja, a profissão jogadora requer comprometimento individual, mesmo que pelo lado das instituições não haja reciprocidade. A dedicação e a entrega são elementos recorrentes na fala das futebolistas quando buscam definir o futebol como trabalho, como veremos adiante.

Há ainda um aspecto para destacar das narrativas da Leda e da Duda. Ambas são dessa geração pioneira e, como visto, responsável por abrir inúmeros caminhos. Não creio ser coincidência o fato das duas negarem o futebol como trabalho – mesmo com graus de negativa diferentes, pois Duda é bem mais assertiva nesse posicionamento, enquanto Leda mantém uma ambiguidade e fluidez. A explicação pode residir justamente no período em que atuaram dentro de campo. Para essa geração a questão do *reconhecimento* era fundamental. Talvez possa ser visto até como uma pré-condição do futebol como um *trabalho* para as mulheres. Em outras palavras, a primeira condição é aquela atividade ser reconhecida, a sua existência precisa ser notada, em seguida há a luta pela profissionalização e melhores condições de trabalho.

Vale lembrar as inúmeras mobilizações citadas no segundo capítulo em prol da regulamentação da modalidade. Mesmo após a sua conquista em 1983, a pauta do reconhecimento reverberou por muito tempo. Até em 2023 ainda se fala muito em dar visibilidade ao futebol de mulheres, creio, contudo, que para essa geração era o epicentro que mobilizava todas as outras demandas. Obviamente as demandas por reconhecimento e pela profissionalização estão conectadas, contudo, na narrativa das pioneiras o fator reconhecimento pesa muito.

Nas palavras de Leda: “a gente era muito sonhadora. A gente queria que o futebol que a gente jogava fosse *reconhecido*. Que ele fosse melhor estruturado. Que a gente tivesse melhores condições. E foi a nossa briga a vida inteira foi por isso”⁴⁸⁶. O primeiro desejo é o futebol delas ser reconhecido, depois vem a estrutura e melhores condições. Esse anseio por reconhecimento aparece também na fala de outras pioneiras. O episódio “O Futebol Feminino Contra-Ataca”, da série *Absolutas* produzida pela Federação Paulista de Futebol, traz trechos de entrevistas com Márcia Honório e Roseli de Belo, duas importantes jogadoras dessa geração. A gravação ocorreu no clube Juventus (SP), onde atuaram nos anos 1980, ambas comentam como as atletas atuais não fazem ideia de quem sejam Roseli e Márcia, pois não há uma preocupação em divulgar e preservar essa história. Nesse diálogo há uma fala significativa de Roseli: “O meu sonho, o sonho de todas é ser *reconhecida*. Não digo em verba, não digo em nada, eu digo trabalho”⁴⁸⁷.

Mesmo antes da remuneração há a vontade de ter as suas atividades como futebolista reconhecidas. Outra expressão desse sentimento apareceu na entrevista de Márcia Tafarel para

⁴⁸⁶ Ibidem.

⁴⁸⁷ FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. *Absolutas – Ep. 3 O Futebol Feminino Contra-Ataca*. 6 nov. 2022. 1 vídeo(14min45seg). Disponível em: <https://www.facebook.com/futebolpaulista/videos/765842013972410> Acesso em: 11 abri. 2023.

o projeto Garimpando Memórias. A atleta conta de uma frustração de sua carreira: não desfilar na cerimônia de abertura das Olimpíadas de Atlanta. Seu sonho era participar dos jogos, representar seu país e o seu foco era estar na abertura. Contudo, a equipe estava alojada em Washington, não em Atlanta, por isso não puderam fazer parte. Márcia conta: “A gente não participou do desfile de abertura. A gente assistiu no telão na Vila Olímpica em Washington, eu falei: ‘Eu queria estar lá, eu quero desfilar’ e eu chorava quando entrou a Seleção Brasileira [dos homens]”⁴⁸⁸. Ao colocar o foco das Olimpíadas na participação da cerimônia de abertura demonstra a vontade de ser vista, de ser reconhecida como atleta. Por isso, o choro e a tristeza ao não poder fazer parte.

Todo o anseio dessas futebolistas por serem reconhecidas como tal é completamente justificável e compreensível. É a tentativa de demarcar posição em um espaço hegemonicamente masculino e que há pouquíssimo tempo havia regulamentado oficialmente a participação delas ali. Demarcar a sua existência é uma condição necessária para o desenvolvimento de um profissionalismo, do processo de tornar a profissão jogadora viável, em termos ideológicos e concretos.

Leda expôs o seu trabalho como jogadora ligado à responsabilidade e à disciplina, por isso se considerava profissional, independente se o clube onde atuava correspondia esse profissionalismo. Tal perspectiva é compartilhada por Marina Aggio. Na verdade, é um raciocínio recorrente na narrativa da Marina, posso considerar, inclusive, que é o fio condutor de toda a entrevista. Ela sempre se colocou como profissional, sempre considerou o futebol o seu trabalho, independente da reciprocidade do local onde jogava. Ou seja, se o clube ou a modalidade em uma perspectiva ampla não fossem profissionais, ela se mantinha como tal e buscava outras alternativas. É uma visão interessante, pois o trabalho de futebolista é tido como algo dela, da identidade individual, não atrelado somente às condições materiais existentes. Vejamos como ela expõe isso:

Eu costumo dizer que o futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele o tempo inteiro, porque eu vivi o futebol no seu mais alto rendimento. Eu me cuidava muito, eu tinha muito cuidado para as coisas acontecerem. Então, eu não era atleta de ficar jogando um campeonato aqui, um campeonato lá, ou eu tinha um clube, jogava por ele ou eu não jogava. Porque eu achava que se eu machucasse no clube, o clube ia me dar respaldo para conseguir fazer o retornar ao futebol de novo, quando na verdade, se eu ficasse jogando em espaços amadores, se eu me machucasse, eu teria dificuldade no retorno ao profissional⁴⁸⁹.

⁴⁸⁸ TAFAREL, Márcia. **Márcia Tafarel**: entrevista [27 nov. 2015]. Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner. Concord (EUA), 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpando Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143206/000996205.pdf> Acesso em: 11 abr. 2023.

⁴⁸⁹ AGGIO, M. 2022.

A frase “o futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele” (título desta tese) sintetiza bem essa concepção. Ela se cuidava, ela prezava pelo seu trabalho, não atuava em espaços que poderiam prejudicar sua performance, mesmo quando essa dedicação não era recíproca. Para exemplificar tudo isso Marina compara os dois momentos da sua carreira, no Brasil e no exterior:

Eu falo que existe duas divisões da minha carreira. Eu joguei vinte anos, dez deles eu fui amadora, mas eu me considero uma profissional e dez deles eu fui profissional. Eu vivia de futebol, eu vivia só de futebol. Por dez anos eu consegui me sustentar com básico do básico, os últimos dez anos eu já tinha uma condição melhor como atleta de saber aonde é que eu iria, qual clube que eu gostaria de atuar. Isso foi bem bacana nos últimos anos.

Ou seja, mesmo quando atuava no Brasil e era “amadora”, pois vivia com o “básico do básico” ela se considerava uma profissional. As condições de trabalho e a estrutura não eram profissionais, mas independente disso, ela era. Quando as condições materiais se alteraram, melhoraram para alcançar o profissionalismo, ela manteve a mesma postura, pois já se sentia uma profissional antes. Apenas encontrou um ambiente recíproco nesse sentido. Sobre os dez anos finais da carreira Marina complementa:

Eu vivia disso [do futebol] na Suécia, eu tinha uma casa, eu tinha um carro, eu tinha uma vida profissional, a mesma coisa que o masculino tem hoje. É para aquele local, porque existe um clube que te contratou, que quando você chega lá, o seu salário já está caindo na conta, sem você precisar pedir pelo amor de Deus para alguém pagar. Você tem um carro, você tem uma alimentação adequada, você tem os profissionais que te auxiliam o tempo todo que estão ali, ao seu dispor. (...) Eu era uma atleta que fornecia um serviço para o clube, que pagava pelo meu serviço. Eu era contratada de um outro país para jogar um campeonato em um lugar extremamente competitivo.

O trabalho aqui se definia pela boa estrutura fornecida pelo clube: alimentação adequada, profissionais especializados e salário em dia, sem necessidade de cobrança. Também pelos dividendos gerados: a casa, o carro, as mesmas condições “que o masculino”. E ainda pela relação de troca estabelecida: a prestação de serviço e o pagamento por esse serviço. Relação social firmada pelo contrato com o clube de outro país. Dessa forma, Marina destaca que “vivia do futebol” e justificava “porque que se eu vivia o futebol profissional, era o meu trabalho e eu me dedicava para tal”.

Na entrevista com Dayane Rocha também houve uma ambiguidade ao longo das respostas. Principalmente nas falas relacionadas à transição de carreira – ou seja, o que ela faria após “pendurar as chuteiras” – o futebol (ou futsal⁴⁹⁰) era colocado em uma esfera distinta do trabalho:

⁴⁹⁰ Lembro que Dayane há aproximadamente seis anos foi para Itália e passou a jogar futebol de salão em vez de futebol de campo.

E eu agora estou num processo da minha vida que é aquele processo que você começa a assimilar o “largar” o futebol para começar a realmente trabalhar (...) Essa é a minha vida do futsal, já quase virando uma pessoa do mercado de trabalho. (...) Mas eu estou já nesse processo de começar entrar no mercado de trabalho. Então, na segunda-feira de manhã, eu dou aula em uma escola para crianças de 6 a 8 anos.

Ou seja, é quando “largar” o futebol é que vai se inserir no mercado de trabalho, que vai “realmente trabalhar”. Processo que já iniciou, pois busca a validação do diploma de educadora física na Itália e enquanto isso atua na Educação Infantil – contou também sobre um trabalho realizado com idosos. Contudo, em outros momentos rememorou ter vivenciado o futebol como trabalho. Quando foi para o Lyon da França, pois assinou um contrato de trabalho (o primeiro da carreira) e tinha uma estrutura de qualidade: “Acho que quando eu cheguei lá no Lyon da França e me deparei com toda aquela estrutura. Eu falei, nossa, eu realmente hoje eu vou viver do futebol. E pra mim, aquilo é sensacional”⁴⁹¹. A transição do futebol de campo para o futebol de salão também foi um marco significativo:

Eu acho que ali eu tive um maior reconhecimento como atleta no esporte, porque ali eu comecei a ser valorizada. Aí eu comecei a ver time vindo atrás de mim todo tempo, ali eu comecei ver times que mudavam a forma de jogar porque eu estava dentro da quadra. Ali eu comecei ver que na Itália eu estava criando uma raiz enquanto jogadora, sabe?

Nessas situações o trabalho no futebol se associa a condições materiais: a estrutura ofertada pelo clube empregador e a formalização da relação trabalhista através do contrato, possibilitando “viver do futebol”. Mas também a aspectos mais subjetivos, como a valorização individual: sendo cobiçada por várias equipes, times adaptarem o padrão de jogo por causa dela, o sentimento de pertencimento na Itália a partir da identidade de jogadora. Importante atentar que os sentidos dados ao futebol como trabalho não se restringem somente a fatores materiais, mas está atrelado também a ganhos subjetivos, como reconhecimento e valorização pessoal. A esses elementos, Dayane ainda acrescenta: “Só que, claro, quando você joga sempre em times de ponta a cobrança é muito maior. É a mesma coisa que você trabalhar numa superempresa, então você é cobrada constantemente”. A cobrança como elemento constituinte da realidade do trabalho e o clube de ponta comparado a uma superempresa.

Assim como Leda, a pergunta sobre futebol e trabalho serem a mesma coisa demonstrou toda a ambiguidade presente ali. Dayane ficou calada por dez segundos, com uma expressão bastante reflexiva, até soltou um suspiro alto, típico de quem está realmente analisando uma situação, e ao final disse: “Até meus 35 anos foi. Agora, eu acho que eu tenho trabalho e trabalho, tenho dois trabalhos. Agora eu tenho trabalho que é o futebol e o trabalho que é ser

⁴⁹¹ ROCHA, D. 2022.

professora de Educação Física”. Na época da entrevista, ela estava com 37, isto é, em sua visão fazia dois anos que atuava em dois trabalhos. Assim, percebe-se que há uma dúvida acerca de considerar o futebol como trabalho, caso contrário, não seria necessária a reflexão, a resposta viria de “bate-pronto”. Porém, no balanço final, o futebol é considerado um trabalho, junto com o de professora. Aliás, o encerramento da atuação como jogadora levará à atuação como docente.

Maravilha⁴⁹² foi bastante assertiva ao considerar, sim, o futebol como seu trabalho quando era jogadora: “Era, para mim era um trabalho! Porque eu não usava isso... não era um lazer para mim, era o que eu gostava de fazer, mas para mim era um trabalho. Eu trabalhava até dia de folga, eu treinava até dia de folga. Eu sempre fui alguém muito dedicada”⁴⁹³. Havia o fator de apreciar o esporte, mas não significava estar na esfera do lazer, era efetivamente um trabalho, e que demandava bastante dela, pois treinava (palavra usada como sinônimo de “trabalhava”) até mesmo em dias de folga. Ou seja, para ela o trabalho como futebolista se conectava diretamente ao foco e à disciplina: “O foco, saber onde quer chegar, saber o que quer. Se você sabe o que você quer da tua vida, se você gosta daquilo, você tem que se privar de muita coisa, e você tem que ter foco e vai ter momentos difíceis”.

Além disso, para Maravilha o futebol seguiu sendo a sua profissão mesmo após a aposentadoria, mas a partir de então fora das quatro linhas. Contou não ter planejado se tornar preparadora de goleiras, acreditava que atuaria como professora de Educação Física, mas sua trajetória tomou outro rumo:

Eu, na verdade, nunca tinha planejado ser treinadora de goleiras, sabe? Parei de jogar e ia seguir outra carreira. Ia trabalhar como professora de Educação Física na Educação Infantil. E aí quando eu estava aqui na cidade, tinha... chamava Genoma Colorado, era um clube, na verdade, eram pessoas que através da prefeitura organizaram escolinhas de futebol. Aí eles falaram “o dia que tu parar de jogar pode vim trabalhar com a gente, dar treinamento de goleiro para os goleiros da cidade e da região que vinham aqui” e foi onde eu comecei.

Os sentidos do futebol como trabalho para Simone Jatobá são atribuídos através da remuneração, dedicação e seriedade: “Olha, é claro, ser remunerada por isso, mas eu acho que ser atleta profissional é ser dedicada, séria”⁴⁹⁴. O foco e o sacrifício são atributos recorrentes ao trabalho como futebolista, várias delas pontuaram isso. Nas palavras de Jatobá: “ser profissional é realmente deixar uma parte ali muito importante da vida para seguir a outra parte, também extremamente importante que sustenta essa parte boa que é a família para dar o melhor para

⁴⁹² Como visto no capítulo três, Maravilha é o apelido da goleira Marlisa Wahlbrink, optei por utilizar Maravilha, pois é a forma pela qual é identificada e se apresenta.

⁴⁹³ WAHLBRINK, M. 2022.

⁴⁹⁴ JATOBÁ, S. 2022.

eles”. Ou seja, é preciso abrir mão de determinados aspectos da vida em prol do desenvolvimento da sua carreira.

A relação com a família é muito forte na fala da atleta, é a “parte boa”, mas que ela precisou “deixar” de certa maneira por conta do esporte – fez grande parte da sua carreira na Europa, longe dos familiares. Jatobá também demonstra a responsabilidade que tinha com as contas a serem pagas, inclusive, da própria família e era o futebol que lhe pagava: “Eu sempre procurei ajudar muito na minha casa no momento que eu passei a ter o meu salário. Então, para mim sempre foi muita responsabilidade. (...) A partir do momento que passa a ser profissional, a gente tem contas para pagar e passa a ser o nosso trabalho”.

Para Carla Índia Oliveira o futebol se tornou um trabalho quando passou a jogar pela Marinha (em parceria com o Vasco) já com aproximadamente vinte e quatro anos: “Quando eu me senti jogadora assalariada, com direitos concedidos, foi na Marinha”⁴⁹⁵. Ela inclusive havia tido passagens antes disso pela Seleção Brasileira. Carla deixa bem claro que o futebol era sinônimo de trabalho para ela: “Era. Exatamente a mesma coisa. Eu percebi isso depois que eu me aposentei, inclusive. Mas pra mim era exatamente a mesma coisa. E aí, quando deixou de ser trabalho, até parei de jogar. Hoje eu não jogo.”

Ainda há uma aproximação da perspectiva de Carla com a de Leda e Marina, de atuar de maneira profissional, mesmo quando os clubes não faziam o mesmo, não ofertavam estrutura adequada, boas condições de trabalho, quando não havia remuneração ou era uma remuneração irrisória: “Olha, analisando a época que eu joguei, eu me senti um atleta muito profissional, inclusive mais profissional do que mereceram de mim, alguns clubes por onde eu passei”.

“Todo o meu dia-a-dia é voltado para o rendimento do meu trabalho, sem dúvida nenhuma⁴⁹⁶”. Essa foi a frase proferida por Thaisa Moreno para definir a relação entre futebol e trabalho para ela. É o fator *cotidiano* que define a sua profissão de jogadora e, claro, tudo que ela vive no seu cotidiano. Ou seja, o trabalho acaba tocando todos os aspectos da vida, não é só a carga horária cumprida nos gramados. As ações fora do ambiente profissional também influenciam e são influenciadas por ele.

Thaisa citou outros fatores para significar o futebol como trabalho e citados por outras atletas. Um deles é a pressão, quando foi jogar nos EUA fazendo faculdade, sentiu um aumento da cobrança e maior pressão sobre ela, caracterizando um maior profissionalismo, mesmo sendo um espaço universitário: “ali eu comecei a entender que, mesmo sendo um estudo, era uma coisa mais profissional do que eu tinha aqui no Brasil”. Ela relatou sobre um de seus treinadores

⁴⁹⁵ OLIVEIRA, C. 2022.

⁴⁹⁶ MORENO, T. 2022.

desse período. Como ele foi importante na sua trajetória: “um técnico que eu tive, ele mostrou que não era simplesmente o esporte, que sim, o futebol formava cidadãos. Então, acho que foi ali um momento da minha carreira, que eu dei um clique e entendi realmente o que era ser um atleta profissional”. A *cidadania* conectada à profissão de futebolista é bastante interessante. O futebol desempenhando um papel de formação humana das atletas.

Além disso, comentou sobre a assinatura do contrato de trabalho e a carteira assinada:

Eu acho que quando eu vi realmente que eu poderia ser profissional, foi quando cheguei ali no Real Madrid. Na Espanha que eu comecei a entender que eu tinha uma carteira assinada, que eu poderia ser mandada embora, mas na verdade eu não poderia ser mandado embora do nada. Eu tinha que cumprir o contrato de dois anos. Acho que foi ali. Eu acho que quando eu vi que eu tinha meus dois anos, não me dava medo de nada, que eles iam cumprir o contrato e ali eu vi que era realmente profissional e não faz muito tempo. Foi em 2019.

A estabilidade e a segurança proporcionadas pelo contrato, situação distinta da vivida no Brasil, configuraram os significados de trabalhar como futebolista para Thaisa. Assim como havia sido também para outras jogadoras. Por fim, ela acrescentou:

É a gente poder focar no trabalho como se fosse um trabalho de qualquer outra pessoa. É eu ter as minhas férias, é eu ir pro meu dia fazer o meu treinamento como uma pessoa normal, cumprir meus horários e poder focar só no meu trabalho. Eu acho que seria isso: ter as condições que qualquer outra pessoa tem.

A última frase é bastante significativa, pois busca uma equalização do trabalho de jogadora com o de outras profissões, sobretudo, a partir de uma rotina (cumprir horários), das condições do dia a dia e também dos direitos trabalhistas (ter as minhas férias). Sabe-se a impossibilidade dessa equalização, até porque, as demais pessoas desempenham ocupações muito distintas e a profissão de atleta é bastante específica, mas é perceptível em sua fala a intenção de garantir uma *normalidade* na sua ocupação, de vivenciar o que é considerado padrão para as demais profissões. Além de aspectos práticos e mais óbvios, como o cumprimento de horários estabelecidos, creio que essa normalidade está associada a uma maior estabilidade. Claro que é muito difícil traçar um padrão para as profissões e mesmo essa suposta estabilidade está longe de ser a norma no Brasil, país onde a instabilidade ocupacional é uma característica histórica, porém, é uma percepção calcada em um ideal de trabalho regulamentado, seguro e estável.

Dedicação, salário, responsabilidade, estrutura, sacrifício, dia a dia, contrato, foco, treinamento. Essas foram algumas das palavras ditas pelas entrevistadas para caracterizar o trabalho de futebolista. Ajudam a formar os diferentes sentidos do futebol como trabalho para elas. Também há outras categorias envolvidas no processo de significação: amador, profissional, semiprofissional, “diletante”. A partir das características e das categorias

utilizadas pelas próprias atletas, surge um questionamento: o futebol de mulheres é profissional? É amador? É semiprofissional?

Sobre esse debate recorde-me da fala da Aline Pellegrino no III Encontro Internacional sobre Futebol Feminino na América do Sul, realizado em 2019, de que o futebol feminino não se enquadraria nem como profissional e nem como amador. Outro elemento para demonstrar esse desafio de definir o caráter do futebol de mulheres aparece quando nos deparamos em diferentes espaços com a categorização: Futebol Profissional – Futebol de Base – Futebol Feminino. Como exemplo, cito o site da Federação Paranaense de Futebol⁴⁹⁷, quando acessamos a página de Competições para procurar qual delas gostaríamos de maiores informações é justamente essa a separação apresentada. Ou no site do Clube de Regatas do Flamengo⁴⁹⁸ (considerado o mais popular do Brasil pelo tamanho de sua torcida), quando se procura informações sobre as equipes de futebol da agremiação elas são divididas: Elenco Profissional – Futebol de Base – Futebol Feminino⁴⁹⁹. Há ainda uma variação: Futebol – Base – Futebol Feminino. Pode ser verificada, por exemplo, quando buscamos no site do Globo Esporte⁵⁰⁰ (importante portal de notícias esportivas do país) pelas tabelas dos campeonatos nacionais aparece: Brasileirão Série A – Brasileirão feminino – Brasileirão sub-20⁵⁰¹.

De acordo com essas instituições (midiática, de gestão e clube) o futebol de mulheres não se enquadraria nem na esfera de formação de atletas e nem na esfera profissional, que é automaticamente relacionada ao dito “futebol masculino”, protagonizado por homens. Na visão de Aline, ex-jogadora e atualmente dirigente da CBF (na data da referida fala era coordenadora de futebol feminino da Federação Paulista de Futebol), temos uma “não-definição”, pois a modalidade não seria nem profissional e nem amadora. Partindo das nossas entrevistadas temos visões distintas: é/foi amador, é ou não é profissional, é profissional em alguns aspectos e outros não, é semiprofissional etc.

Toda essa polifonia deixa explícita a dificuldade de conceituar de maneira taxativa o caráter da atividade exercida pelas jogadoras no futebol de mulheres. Creio que nem seria o caminho mais adequado, pois essas distintas perspectivas dos próprios agentes do campo

⁴⁹⁷ Competições. **Futebol Paranaense de Futebol**. Disponível em: <http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Competicoes/Competicao.aspx> Acesso em: 11 abr. 2023.

⁴⁹⁸ Futebol. **Clube de Regatas do Flamengo**. Disponível em: <https://www.flamengo.com.br/> Acesso em: 11 abr. 2023.

⁴⁹⁹ Não é uma exclusividade paranaense ou flamenguista, citei aqui apenas dois dos inúmeros exemplos possíveis. Vale, contudo, mencionar a exceção do Sport Club Corinthians que divide: Futebol Masculino – Futebol Feminino – Formação de Atletas.

⁵⁰⁰ Tabelas. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://ge.globo.com/> Acesso em: 11 abr. 2023.

⁵⁰¹ As outras divisões são contempladas, como Brasileirão série B ou Brasileirão feminino A2. Mas segue a mesma lógica.

esportivo compõem uma característica significativa desta modalidade e não devem ser negligenciadas. Não quero dizer, contudo, que não caiba uma complexificação dessas categorias “nativas”, pelo contrário, é um caminho necessário para a melhor compreensão do objeto desta tese.

Um bom começo é dar um passo “atrás” e considerar que há uma diversidade de práticas futebolísticas e à essa diversidade corresponde uma multiplicidade de sentidos. Essas práticas possuem uma estrutura em comum, a partir da qual são socialmente reconhecidas, e são caracterizadas por: 1) duas equipes; 2) com objetivos idênticos mas assimétricos; 3) uma disputa mediada por um objeto; 4) um conjunto de regras⁵⁰². Mas de acordo com Damo, “futebol” é um termo que funciona como referente a uma extensão de elementos heteróclitos, por isso propôs o uso do plural, não mais futebol, mas *futebóis*⁵⁰³.

O futebol jogado nas ruas é muito distinto daquele praticado nas arenas multiuso dos clubes brasileiros⁵⁰⁴. Tal diversidade deve ser enfatizada e utilizada para as pesquisas acadêmicas não reproduzirem o monopólio das representações exercido pela versão espetacularizada do futebol, tão presente no status quo e na mídia esportiva. É importante se perguntar: quando se usa o termo futebol a qual deles se está referindo?

Com base nisso, Damo elaborou uma classificação estratégica para articular as diferentes maneiras de praticar o futebol. Na sua tese, escrita em 2005, nomeou-as de *matrizes*, mas em um artigo de 2018, no qual procurou esboçar um balanço da proposta de horizontalidade epistemológica encarnada no uso do termo *futebóis*, revisou essa nomenclatura e optou por nomeá-las de *circuitos*, pois a noção de matriz deu mais a ideia de um sistema, do que de processo, ao contrário da noção de circuito, mais próxima de uma ideia de fluxo⁵⁰⁵. De toda forma, os circuitos principais seriam: espetacularizado, bricolado, comunitário e escolar.

O primeiro é o mais reconhecido e muitas vezes é visto como o padrão a ser seguido pelos demais. A grosso modo é o futebol profissional dos homens, organizado de forma monopolista, globalizado e centralizado pela FIFA e suas afiliadas, caracterizado pela intensa divisão social do trabalho dentro e fora do campo – há uma distinção clara entre quem pratica e quem assiste. E seus principais agentes seriam: os profissionais, todos que interferem

⁵⁰² Ibidem, p. 36.

⁵⁰³ DAMO, A. S. **Do Dom à Profissão**: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores do Brasil e na França. 435 f. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

⁵⁰⁴ Ibidem, p. 30.

⁵⁰⁵ DAMO, A. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, set.dez., 2018, p. 49.

diretamente no jogo; os especialistas, ligados à mídia; os torcedores; os dirigentes, aqueles que detêm o controle político e econômico⁵⁰⁶.

Em sua tese Damo classificou esses quatro circuitos. Porém, no artigo escrito posteriormente acrescentou: “Faria outros ajustes, agregando um quinto circuito, o futebol de mulheres, aos outros quatro”⁵⁰⁷. O acréscimo desse circuito se justificaria pela história singular desse futebol, marcada pelas proibições e bloqueios, pelos embates em termos de políticas de corpo e de gênero associadas a ele e a maneira como são enfrentados, inclusive, fazendo repensar a história social do futebol dos homens.

Pensar em futebóis e não mais em um futebol único permite considerar as especificidades de cada um deles, sem perder os elementos-base que os unem, além de contemplar as suas formas de interação. A resposta para pergunta proposta por essa horizontalidade epistemológica – “a qual futebol estou me referindo?” – é o caminho para problematizar a questão que coloquei acima, sobre o caráter da atividade desenvolvida pelas jogadoras e o respectivo status do futebol de mulheres. A partir do momento em que se considera a existência de um circuito do futebol de mulheres, distinto dos demais circuitos, sobretudo, do circuito espetacularizado dos homens, pode-se pensar as suas características próprias.

Nesse sentido, as reflexões de Kessler são fundamentais. Partindo da seguinte citação: “No universo de possibilidades dos diversos futebóis, o futebol de mulheres deve ser entendido como um astro com luz própria, mas que não está apartado de um ‘todo’”⁵⁰⁸. A antropóloga é bastante enfática na necessidade de encarar o futebol de mulheres como um “astro de luz própria”, ou seja, realizar pesquisas que pensem esse circuito futebolístico a partir dele próprio, sem associá-lo ao futebol de homens ou utilizar suas categorias. Logo de partida para materializar essa proposta explica a escolha pelo termo “futebol de mulheres” em vez de “futebol feminino”:

Neste sentido, a expressão futebol de mulheres se propõe a abarcar a diversidade deste grupo heterogêneo e ampliar as percepções sobre as ações das mulheres no esporte, indo além das noções tradicionais de feminilidade que associam a elas atributos contrários à força, potência e vigor (DEVIDE, 2005). A participação das mulheres no futebol tensiona, penetra e impacta na reconstrução das masculinidades⁵⁰⁹.

⁵⁰⁶ Damo partiu da segmentação tripartite proposta por Toledo, em sua obra *Lógicas do Futebol*, e acrescentou os dirigentes, pois para ele possuem atuação distinta dos demais profissionais. Toledo havia categorizado todos juntos.

⁵⁰⁷ DAMO, A. 2018, p. 50.

⁵⁰⁸ KESSLER, C. 2015, p. 58.

⁵⁰⁹ Ibidem, p. 42.

Optar pela expressão futebol de mulheres é também uma posição política, visando pontuar que “futebol feminino” é pensado em uma perspectiva normativa hegemônica de gênero como a “outra” face do futebol (no caso “do masculino”). Quando se fala de futebol de mulheres se destaca as riquezas desse futebol, que está ainda a *fazer-se e definir-se*⁵¹⁰. Esse “fazer-se” deixa claro uma perspectiva de *processo*, algo em desenvolvimento, e ajuda a explicar aquela polífona de sentidos explicitada acima acerca do seu status. Obviamente, é preciso lembrar a não universalidade da categoria *mulher*, por isso utilizar o plural e complexificar o debate a partir das diferentes experiências das mulheres.

Acrescenta-se ainda como o futebol de mulheres é um espaço de transformação das relações de gênero – recorro aqui das discussões travadas no primeiro capítulo – e um terreno de contestações. Por isso, para Kessler, as práticas corporais das jogadoras podem subverter a feminilidade heteronormativa, apresentando protagonismos presentes nos corpos e subjetividades, invisibilizados pela mídia tradicional. Ao enfrentar as dificuldades para superar os estereótipos de gênero e lutar por igualdade de direitos (e eu acrescentaria por boas condições de trabalho), elas se empoderam (em uma perspectiva coletiva e não apenas individual) e demonstram que há um longo caminho na extinção das desigualdades existentes em relação à participação das mulheres na área esportiva. Também no circuito do futebol de mulheres há a emergência e existência de masculinidades e feminilidades alternativas⁵¹¹, transgressoras dos ideais hegemônicos de feminilidade e masculinidade⁵¹².

Outro elemento do circuito do futebol de mulheres é considerá-lo como um espaço de prática futebolística e de sociabilidade com predominância de mulheres, contudo, elas não são exclusividade. Os homens, ainda que minoria, fazem parte dele. Inclusive, é importante pensar a ocupação de cargos de gestão e treinamento, usualmente, mesmo dentro deste circuito, ocupados mais por eles. Talvez vejamos uma mudança disso no futuro, mas por enquanto, ainda é a realidade. Mais adiante discutirei melhor as relações estabelecidas entre as jogadoras com os dirigentes e treinadores.

Kessler enfatiza a necessidade de dissociar a análise das diversas práticas futebolísticas do circuito espetacularizado, conectado a visões de mundo conservadoras, com o benefício do capital financeiro e o reforço de uma imagem da mulher como objeto sexual. A luta contínua das atletas para se adequarem a uma elite é extremamente desgastante e empobrece a riqueza

⁵¹⁰ Ibidem, p. 31.

⁵¹¹ Como exemplos de atletas que desafiam a feminilidade hegemônica, Kessler cita: 1) atletas fisicamente mais musculosas; 2) as feministas; 3) as lésbicas.

⁵¹² KESSLER, C. 2015, p. 36.

das práticas já realizadas⁵¹³. Essa discussão é bastante interessante. Pensar o futebol de mulheres não como uma cópia falhada do futebol espetáculo dos homens, mas a partir de suas próprias significações.

Creio, contudo, importante pontuar que isso não exige a necessidade de uma estrutura adequada e de boas condições de trabalho, cuja ausência também está conectada diretamente ao gênero e por isso presente ao longo da trajetória da modalidade. Assim, o futebol de mulheres vê-se diante de um desafio, manter as suas peculiaridades e riquezas – caracterizadas, sobretudo, pelo questionamento, tensionamento e ruptura com as normas de gênero e a contestação das desigualdades geradas – em contrapartida ao crescimento de sua mercantilização. O interesse da FIFA pelo jogo delas, por exemplo, passa muito mais pela manutenção de seu monopólio contínuo e a intenção de ter mais um “produto” a ser vendido, do que por uma ânsia por resolver as desigualdades de gênero.

Assim, a maior comercialização dentro do circuito do futebol de mulheres – principalmente, no seu nível mais alto, isso é importante considerar também, dentro desse circuito há uma diversidade de mulheres praticantes, jogando em diferentes níveis – pode por um lado, acelerar processos de profissionalização e com isso trazer melhores condições para as atletas, e por outro, tentar formatar esse circuito de acordo com os interesses mercadológicos, alterando as suas principais características. Nem cabe nesta tese prever o que virá, apenas compreender as alterações ocorridas na modalidade e apontar conforme afirmou Kessler o *fazer-se* desse futebol, ou seja, encará-lo como um processo em desenvolvimento. Por isso também difícil de definir de maneira taxativa e marcado pela polifonia de significados.

Dessa forma, a antropóloga propõe apresentar o futebol de mulheres como um futebol de devir, descolando-o do futebol espetáculo dos homens e considerando as potencialidades das suas integrantes, de maneira a visibilizá-las e valorizá-las⁵¹⁴. Considero uma perspectiva interessante, pois foca no que há de peculiar no futebol de mulheres, sendo necessário também levar em consideração o seu devir, compreendendo que o processo é feito pela ação dos sujeitos a partir das estruturas estabelecidas.

Até agora analisaram-se os sentidos da profissão de futebolista a partir das narrativas das entrevistadas e da caracterização do futebol de mulheres. É pertinente agora pensar a partir da perspectiva do trabalho. Primeiramente, lembrar que a divisão social do trabalho no capitalismo é composta por dimensões complexas, as quais se articulam e atingem estágios diferentes e desiguais entre os países – aqui se considera a realidade brasileira, país constituinte

⁵¹³ Ibidem, p. 57.

⁵¹⁴ Ibidem, p. 66.

do que se convencionou chamar de Sul Global, distante do centro do capital. Já o esporte, em geral, passou desde suas origens pelo processo de mercantilização⁵¹⁵ e, por conseguinte, pela proletarianização de seus trabalhadores (atletas, treinadores, funcionários das agremiações etc.). Malaia recupera os escritos de Downward para sintetizar essa noção tomando o futebol como base:

No caso do futebol e de sua estruturação econômica, fatores como o **trabalho** (dos jogadores, técnicos e funcionários dos campos) é combinado com o capital investido (nos campos, nos estádios, nos equipamentos usados pelos jogadores, em funcionários contratados para a organização do espetáculo e manutenção do clube) para produzir com outros times de uma liga um produto (o jogo) para ser vendido a consumidores (espectadores e torcedores) em uma praça esportiva adequada para recebê-los⁵¹⁶.

A partir dessa lógica, a atividade desenvolvida pelas jogadoras se constitui como um trabalho. Quando elas citam o salário e o fato de prestarem um serviço aos clubes estão se referindo à venda da sua força de trabalho e à produção de uma mercadoria (o jogo). Contudo, como visto anteriormente, a mercantilização do futebol espetáculo dos homens é muito distinta daquela que ocorre no futebol de mulheres – logo, a proletarianização dos/as jogadores/as também. No segundo há uma histórica luta pela formalização do trabalho e pela constituição formal de um mercado de trabalho para as futebolistas.

Primeiramente, inclusive, foi necessário *reconhecer* a existência daquela prática futebolística, após décadas de proibição. Em seguida, foi preciso vencer barreiras de acesso ao estabelecimento da profissão de jogadora, pois na própria regulamentação da modalidade o artigo 3º da Deliberação nº 01/83 proibia o profissionalismo – conforme apontado no capítulo dois. De tal modo, o futebol de mulheres é historicamente marcado pela prestação de trabalhos precarizados. Sabe-se que no futebol espetáculo dos homens também há um alto grau de precariedade, a porcentagem dos que alcançam o sucesso e boas condições é pequena. Entretanto, há esse patamar, no qual, a formalização do mercado de trabalho e as condições de trabalho são adequadas. No circuito do futebol de mulheres até o mais alto patamar é precarizado.

Vale também recorrer a uma reflexão marxiana para aprofundar a questão:

Uma cantora que entoa como um pássaro é um trabalhador improdutivo. Na medida em que vende seu canto, é assalariada ou comerciante. Mas a mesma cantora, contratada por um empresário, que a faz cantar para ganhar dinheiro, é um trabalhador

⁵¹⁵ A codificação dos esportes no século XIX na Inglaterra já era marcada pelos vínculos estabelecidos com as relações de mercado, tudo isso no contexto de mudanças estruturais geradas pela industrialização e urbanização. Cf. TRANTER, N. **Sport, economy and society in Britain, 1750-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

⁵¹⁶ DOWNWARD, P.; DAWSON, A. apud MALAIA, J. M. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, v. 13, n. jan./jul., p. 125–155, 2008.

produtivo, já que produz diretamente capital. Um mestre-escola que é contratado com outros, para valorizar, mediante seu trabalho, o dinheiro do empresário da instituição que trafica com o conhecimento, é trabalhador produtivo⁵¹⁷.

A preocupação de Marx aqui é com a diferença entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo. Sendo o primeiro aquele que diretamente produz mais-valor, portanto, só o trabalho que é consumido no processo de produção visando à valorização do capital. Marx utiliza o exemplo da cantora, mas creio ser possível emprestar para o caso da jogadora. Ela pode jogar bola como um trabalho produtivo ou não (diferente da cantora não pode vender seu “jogo” como comerciante, pois o caráter do esporte não permite isso), isso vai depender das condições concretas. Mas a partir do momento em que é contratada por um clube para produzir uma mercadoria tem um trabalho produtivo. De toda forma, vale pensar conforme Mattos, que a proposta marxiana não era restringir o caráter produtivo do trabalho e do trabalhador ao emprego na grande fábrica, tampouco a classe trabalhadora se constitui apenas daqueles que exercem trabalho produtivo. Pelo contrário, é a condição proletária e o assalariamento que a definem⁵¹⁸. Partindo desses pressupostos, é impossível desconsiderar as jogadoras como parte da classe trabalhadora.

Ainda sobre os sentidos da profissão de futebolista, Roderick⁵¹⁹ trouxe boas reflexões acerca das suas especificidades. Cabe elencá-las aqui e problematizar essas considerações com base na realidade das entrevistadas. 1) É um trabalho que demanda uma habilidade manual altamente especializada e diferente dos trabalhadores industriais, pois o envolvimento do jogador com a sua profissão é mais intensa, e por vezes, pode-se encontrar uma sensação de auto realização nela, sobretudo, no início da carreira.

Sobre a habilidade manual altamente especializada, as jogadoras sempre citam os treinamentos como fundamentais para o desenvolvimento da parte física, técnica e tática. São muitas horas dedicadas para alcançar tamanha especialização e que se inicia ainda na infância. Além disso, Marina citou a perspectiva de ser uma jogadora “criada”, essa criação é justamente o desenvolvimento de tais habilidades. Com relação à sensação de auto realização no início de carreira, há uma fala de Jatobá que vai ao encontro dessa visão:

Porque chega um momento da vida do atleta, que querendo ou não, ele perde um pouquinho do prazer. A partir do momento que passa a ser só profissional. Isso, não é que é triste, mas parece que você não está completa com aquilo. E foi o que

⁵¹⁷ MARX, K. **O Capital**: livro 1: capítulo 6. São Paulo: Ciências Humanas, 1978, p. 76

⁵¹⁸ MATTOS, M. B. E. P. **Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019, p. 68.

⁵¹⁹ RODERICK, M. **The Work of Professional Football. A labour of love?** Londres: Routledge, 2006.

aconteceu, mas isso mais para o final da carreira e não no começo, porque no começo você envolve muito o prazer de jogar com ser remunerada por aquilo⁵²⁰.

2) É uma carreira comparativamente de curto prazo, para os atletas o padrão é começar suas trajetórias ainda jovens ou crianças, mas são poucos que continuam após os 35 anos. Durante esses anos eles são expostos a riscos relativamente altos, que podem resultar no encerramento antecipado da sua carreira, e passam por intensos e prolongados períodos de exercícios físicos. É comum nas suas narrativas as falas sobre a necessidade de muita dedicação e disciplina para ter sucesso.

Dedicação e disciplina definitivamente são elementos centrais da profissão de atleta, esteve presente na fala de todas as entrevistadas, como visto acima. Com relação a ser uma carreira de curto prazo, é algo relativo. É curta se partirmos da premissa que elas encerram cedo comparativamente com o tempo de vida de alguém. As entrevistadas realmente se aposentaram em torno dos trinta a quarenta anos. Mas justamente por terem iniciado jovens, crianças ou adolescentes, tiveram um tempo de carreira considerável. Nenhuma atuou por menos de uma década. Leda e Jatobá chegaram a vinte e seis anos de atuação. É um tempo bastante considerável. Os riscos de um encerramento antecipado, sobretudo, por conta de lesões também se apresentou na fala delas. Carla foi a que mais destacou isso, pois passou por duas cirurgias no joelho e acabou encerrando a carreira não muito tempo depois disso.

3) Aliado a isso a profissão futebolista tem uma dimensão temporal específica, a sua carreira é muito vulnerável ao envelhecimento, por isso o envelhecer e a aposentadoria são elementos fortemente presentes e se relacionam com a identidade e reputação. Assim, quanto mais velho, mais o jogador se torna sensível à insegurança do trabalho, pois características importantes da atividade física envolvida variam com a idade. A questão “o que vou fazer depois de me aposentar?” foi uma constante nas entrevistas e se relacionou bastante com a formação educacional das jogadoras. Assim, a dimensão temporal é bastante presente e arrisco afirmar que há uma temporalidade própria dessa profissão, por conta, de começar muito cedo, ser muito intensa, o que pode gerar uma percepção acelerada do tempo, e encerra cedo também.

4) Com relação à insegurança trabalhista, o futebol é um mercado de trabalho altamente competitivo e caracterizado por contratos de curta duração. As instituições que contratam (ou seja, os clubes) são constituídas por trabalhadores altamente especializados e de alta mobilidade, isto é, que se movem continuamente entre um empregador e outro. De tal modo, a vasta maioria dos jogadores assina contratos determinados e de curta duração (normalmente

⁵²⁰ JATOBÁ, S. 2022.

duram de um a cinco anos), nos quais há uma gigantesca concentração de lucro nas mãos de um número pequeno de contratantes.

A insegurança e a precarização são perenes na carreira das atletas, elas deixaram isso bem claro, como será visto alhures. Contudo, vale agora recordar a máxima de que “a classe operária tem dois sexos” e conforme Hirata e Kergoat as condições de trabalho (e de desemprego) de trabalhadores e trabalhadoras são quase sempre assimétricas, não é possível pensar essas condições de forma homogênea⁵²¹. Isso vale também para os futebóis. Sobre a alta mobilidade dos/as atletas considerando a trajetória das entrevistadas é uma realidade, todas passaram por diferentes clubes ao longo das suas carreiras.

5) A progressão de carreira é bastante peculiar, diferente de outros empregos, nos quais há a noção (ou ao menos a perspectiva) de progredir para melhores cargos com o passar do tempo, para os atletas o avanço na carreira nunca é garantido e como seu ápice físico ocorre anos antes da aposentadoria a tendência ao final é um aumento da insegurança para encontrar outros contratantes e que provavelmente não terão o mesmo destaque ou as mesmas condições de trabalho.

A progressão na carreira também é marcada pela insegurança graças à possibilidade de lesões. A preocupação excessiva com o corpo é uma constante, por isso são comuns os casos em que os jogadores são levados a terem um comportamento marcado pela abstinência e sacrifício em prol de preservar o seu físico. A necessidade de se sacrificar e/ou de se abster de determinadas práticas (como beber álcool e ir em festas) também apareceu na narrativa das entrevistadas, assim como a insegurança com o final da carreira e o medo de não encontrar outros clubes. Mas também são questões a serem aprofundadas adiante.

As proposições de Roderick são fundamentais para uma melhor compreensão do que envolve o futebol como profissão. Contudo, seu recorte abrange somente o futebol de homens. É preciso pensar o lugar das mulheres nesse contexto e quais são as especificidades da profissão de jogadora. Como visto no primeiro capítulo, a pesquisa de Culvin⁵²² busca compreender por que as mulheres tentam construir uma carreira como jogadora profissional? Para responder esse questionamento ela realizou entrevistas semiestruturadas com futebolistas que atuam profissionalmente na Inglaterra. O recorte temporal estabelecido para selecionar as entrevistadas parte de 2018/2019, quando a FA Women’s Super League realizou uma

⁵²¹ HIRATA, H.; KERGOAT, D. A classe trabalhadora tem dois sexos. *Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 93–100, 1994.

⁵²² CULVIN, A. **Football as work**: the lived realities of professional women footballers in England. 420 f. 2019. Thesis (PhD in Philosophy) - School of Sport and Wellbeing, University of Central Lancashire, 2019.

reestruturação e passou a exigir de todos os clubes que suas atletas tivessem contratos profissionais com “full-time status”, ou seja, sem carga horária parcial. As jogadoras teriam dedicação exclusiva ao esporte e seus respectivos times.

Apesar da diferença dos recortes temporal e geográfico, esta tese dialoga bastante com os escritos de Culvin, pois ela expõe características significativas para o entendimento do trabalho de jogadora. A pesquisadora delimita dois lados da profissão de futebolista: a histórica e recorrente precariedade existente e as potenciais perspectivas e possibilidades. A precarização é vista como generalizada nas relações de trabalho atuais e é presente no futebol, tanto para homens como para mulheres, mas elas são mais atingidas reproduzindo a lógica do mercado de trabalho em geral, no qual mulheres são mais comuns em trabalhos informais, com carga horária parcial e em posições subordinadas. Além disso, nessas condições há um crescimento da competição individual em detrimento do estabelecimento de laços coletivos de solidariedade, o que levaria a uma deterioração de relações sociais e ao crescimento de insegurança⁵²³.

As jogadoras também atuam em um espaço hegemonicamente masculino. Tanto na perspectiva ideológica, de ser um ambiente acolhedor para meninos e homens (e não para meninas e mulheres) e (re)produzir valores associados à masculinidade hegemônica, tais como força, virilidade, potência etc. Quanto nas condições concretas, pois como coloca Culvin, os homens predominam na ocupação de posições de poder e decisórias do esporte, inclusive, no futebol de mulheres, por isso controlam o desenvolvimento da modalidade⁵²⁴. Para o caso brasileiro, basta lembrar dos políticos (no masculino sem o sentido universal) legislando acerca das deliberações sobre a prática futebolística das mulheres, ou dos dirigentes da CBF, todos homens até a chegada de Aline Pellegrino e Duda Luizelli, e dos dirigentes dos clubes, em sua imensa maioria composta por homens historicamente, ou da quantidade muito maior de treinadores.

Trabalhar em um ambiente altamente masculinizado traz consequências para as mulheres com a imposição de inúmeros desafios. Primeiramente, relacionados a questões de legitimidade e credibilidade. Nas narrativas das entrevistas feitas para esta tese, as atletas relataram frases ouvidas durante suas carreiras, tais como: “futebol não é para mulher”; “não tem que jogar futebol”; “mulher que joga futebol é macho”; “perdeu e não sabe fazer porque é mulher”; “e você era jogadora? De quê? De vôlei [futebol nunca era considerado]?”. Ou seja, elas não teriam legitimidade o suficiente para ocuparem os gramados e nem credibilidade para serem jogadoras.

⁵²³ Ibidem, p. 58.

⁵²⁴ Ibidem, p. 61.

Além disso, como os cargos decisórios são dominados por homens, muitas vezes somente o fato de existir um time de mulheres já é visto como uma grande realização, independente das condições e estrutura, ou ainda as equipes delas são vistas como uma caridade, como uma benesse oferecida pelo clube – não à toa a descontinuidade de equipes femininas ocorrem constantemente e foram relatadas muitas vezes nas nossas entrevistas. As consequências de tais elementos é que apesar de homens e mulheres jogarem o mesmo jogo em um mesmo clube, as relações de poder existentes nos times e organizações reforçam uma suposta divisão entre o "futebol de verdade" (o masculino) e o futebol praticado por mulheres. De tal modo, as experiências de jogadores e jogadoras são diferentes quando se trata da gestão esportiva, treinamento e estrutura recebidas. Reiterando os apontamentos de Hirata e Kergoat: as condições de trabalhadores e trabalhadoras são quase sempre assimétricas.

As jogadoras também sofrem maior pressão para performarem estereótipos de gênero dentro e fora dos gramados. São pressionadas a cumprir um corpo atlético dentro do futebol – mas de acordo com o ideal de feminino, ou seja, não podem ser muito musculosas para não acabarem “se masculinizando” –, demandando delas um alto grau de disciplina e sacrifícios. E também um ideal de feminilidade na sua vida social extracampo. Ou seja, delicada, cumprindo com o padrão de beleza socialmente imposto, com a heteronormatividade em seus relacionamentos e afetos, altamente dedicada à família e à esfera do privado.

Tais pressões e cobranças estão conectadas a fatores que as fazem desistir antecipadamente de suas carreiras. Culvin cita como motivos centrais para desistências: a maternidade e as obrigações familiares. Proporcionalmente, as incumbências ligadas à família recaem muito mais sobre as jogadoras do que sobre jogadores. Com relação à maternidade isso fica ainda mais explícito e será desenvolvido adiante. Acrescenta-se ainda a falta de incentivo financeiro para permanecer no esporte desenvolvendo um anseio para procurar oportunidades profissionais fora do futebol⁵²⁵.

Especificamente sobre a profissionalização de futebolistas, é interessante trazer alguns elementos do circuito espetacularizado dos homens, não para inserir forçosamente no circuito das mulheres, mas para problematizar se essas características também são úteis para refletir sobre o nosso objeto. Damo ao pensar o mercado de trabalho para os pés-de-obra brasileiros, descreve a profissionalização do futebol como um processo social *inacabado* e compreende uma série de transformações pelas quais a prática amadora se converteu em um grande espetáculo⁵²⁶. O antropólogo associa a profissionalização dos futebolistas à espetacularização

⁵²⁵ Ibidem, p. 85.

⁵²⁶ DAMO, A. 2005, p. 171.

do futebol. Para compreender essa associação como um processo histórico vale recuperar o contexto em que os jogadores se tornaram profissionais aqui no Brasil:

Em relação ao contexto histórico em que se passou a regulamentar a profissionalização dos jogadores, os primeiros anos do governo Vargas foram marcados pela aceleração no estabelecimento de uma política social que beneficiasse os trabalhadores sem prejudicar os austeros lucros da burguesia urbana. (...) Os diretores de clubes de futebol, como gestores de empresas capitalistas provedoras de espetáculos esportivos comercializáveis, faziam parte da burguesia urbana, que como classe, passou a estabelecer uma posição mais firme naquele período na defesa de seus interesses. A profissionalização dos atletas era perfeita para atingir a duplicidade das medidas tomadas pelo governo Vargas. Primeiro, entrava no contexto da legalização do trabalhador, da assinatura de um contrato, de direitos reconhecidos por lei, como cláusulas de rescisão contratual, luvas e indenizações em caso de contusão de algum jogador. Por outro lado, dava aos dirigentes e associados do clube a possibilidade de tratar seus jogadores de futebol como empregados do clube e não mais como sócios. Assim, como pessoas de origem muito mais humildes, muitas vezes negras e analfabetas, os jogadores passaram a não mais conviver nas dependências sociais de seus elegantes clubes. Além disso, com a profissionalização do futebol, os dirigentes brasileiros poderiam auferir das vantagens das vendas de passes de jogadores, ao invés de perdê-los de graça para o mercado de profissionais fora do país, trazendo mais uma quantidade grande de receitas para os clubes⁵²⁷.

Santos explica claramente a conjuntura histórica da profissionalização dos futebolistas. O período varguista com a sua intensa preocupação com as questões de trabalho e como o futebol adentra e compõe essa lógica. Também a conjuntura do próprio campo esportivo com as ações de seus agentes, sejam jogadores ou dirigentes. Dessa forma, convencionou-se dentro dos estudos sobre futebol o ano de 1933 como um marco significativo da profissionalização.

Damo compartilha da referência, mas relativiza alguns pontos, partindo primeiro da perspectiva geográfica, pois caberia mais para as agremiações de São Paulo e Rio de Janeiro, ocorrendo de formas distintas no resto do Brasil. O segundo argumento relaciona o profissionalismo e a constituição do mercado de pé-de-obra à diversidade histórica da espetacularização dentro do país. A espetacularização vinculada e impulsionada pela urbanização e pelo desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação tem uma historicidade própria e por isso, no Brasil pode ser considerada um processo diversificado e inacabado, mesmo com a consolidação de um circuito nacional, a partir dos anos 1970⁵²⁸.

Os dois autores jogam luz para pensarmos a profissionalização das jogadoras. Como fez Santos, é fundamental considerar a conjuntura histórica desse processo. Mas antes disso, recupero a noção de Damo de que a profissionalização é um processo *inacabado*, para as mulheres mais ainda, talvez seja mais coerente afirmar que está nos estágios de iniciais. No

⁵²⁷ SANTOS, J. M.C. M. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 501f. 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010, p. 414.

⁵²⁸ DAMO, A. 2005, p. 171.

relatório de 2017 do FIFPro, em perspectiva global, 50% das jogadoras não recebiam salário e 30% delas possuíam outro emprego além do futebol⁵²⁹. O Brasil segue a mesma direção. Em 2019 das 52 equipes das séries A1 e A2 apenas oito tinham todas as suas atletas com carteira assinada e contrato de trabalho⁵³⁰, e por isso, com salário garantido. As nossas entrevistadas também relataram as mesmas situações: não recebimento de salários, ausência de contrato de trabalho e/ou de carteira assinada. Somente para citar elementos básicos de formalidade e profissionalização.

Assim, diferente do futebol espetáculo dos homens para o futebol de mulheres brasileiro não é possível cravar um ano como marco exato dessa profissionalização. Ela está em processo e no devir desse futebol. Contudo, pode-se recuperar alguns elementos centrais ligados à historicidade da prática futebolística de mulheres no Brasil que contextualizam a profissionalização e ajudam a pensar os seus estágios de desenvolvimento. Não cabe aqui esmiuçar novamente tudo isso, pois foi o objetivo contemplado no segundo capítulo desta tese. Porém, é válido recuperar alguns aspectos: 1) as mobilizações em prol da regulamentação e do reconhecimento do futebol de mulheres conectadas às lutas travadas na transição democrática e até o fim dos anos 1980.

2) A reivindicação pelo profissionalismo, iniciada com as mobilizações pela regulamentação, sofreu um revés oficial graças ao artigo 3º da Deliberação nº 01/83, mas seguiu (e segue) mobilizando as mulheres dentro do campo esportivo. Em termos de legislação a profissionalização delas foi contemplada com as leis posteriores relacionadas ao esporte, como a Lei Pelé, graças à indistinção de gênero. Em termos práticos segue ainda como uma demanda a ser conquistada. Mas que nos últimos anos teve avanços significativos.

3) Ocorre em um período de mudança no regime de acumulação do capital, denominada de acumulação flexível⁵³¹, caracterizada por um crescimento do trabalho precário e informal e pelos ataques aos direitos sociais e trabalhistas conquistados (junto com um defesa do Estado Mínimo em termos de justiça social). Tudo isso aumenta a exploração do trabalho e incrementa uma lógica individualista em detrimento a lutas coletivas. Por outro lado, com relação a esse período é preciso considerar uma maior entrada das mulheres no mercado de trabalho – a despeito do alijamento histórico de grupos minoritários da esfera produtiva do capitalismo – e

⁵²⁹ FIFPRO. **FIFPro Global Employment Report: Working Conditions in Professional Women's**. Manchester, 2017.

⁵³⁰ COSENZO, L. Só minoria no Brasileiro feminino tem atletas com carteira assinada. **Folha de São Paulo**, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/so-minoria-no-brasileiro-feminino-tem-atletas-com-carteira-assinada.shtml> Acesso em: 11 abr. 2023.

⁵³¹ HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

a denominada “Explosão Feminista” dos últimos anos. No caso brasileiro recordar também os investimentos estatais feitos para a manutenção da modalidade, ainda mais com o efeito sanfona.

4) As transformações ocorridas dentro do próprio circuito do futebol de mulheres, em termos globais e nacionais. A luta histórica de jogadoras por melhores condições de trabalho e as estratégias empreendidas por elas para realizarem seu projeto de trabalharem com o futebol. Um leve crescimento de mulheres nos cargos de gestão e treinamento, muitas delas ex-jogadoras que seguiram no meio futebolístico. Um aumento dos investimentos, dos patrocinadores e da cobertura midiática. Políticas institucionais das federações, começando pela FIFA, e dos clubes para o desenvolvimento da modalidade – visando formatá-la como mais um produto a ser vendido. Importante ressaltar que muitas vezes, as instituições desenvolvem essas políticas de igualdade de gênero muito mais como discurso do que como prática, visando os ganhos de possuírem uma imagem pública positiva.

O crescimento dos investimentos e patrocínios se relaciona à potencialização da mercantilização do futebol, por vezes, vista como uma saída para a efetiva profissionalização delas. Discordo dessa visão, pois não são as ações mercadológicas que possibilitarão melhores condições para as jogadoras, pois é a própria lógica de exploração que rege as relações de mercado capitalista e essas relações não resolvem ou extinguem desigualdades de gênero, pelo contrário. De acordo com Bakan, a exploração – enquanto uma relação social mediada através do processo de produção – interage com várias formas de diferença humana, e como os trabalhadores mercantilizados interagem em uma relação competitiva, tais diferenças são enfatizadas⁵³². Ademais, um possível boom de mercantilização reafirmaria o futebol de mulheres como mera cópia do futebol espetáculo dos homens.

A estruturação adequada e a profissionalização do futebol de mulheres deve considerar e partir das riquezas desse circuito, seu poder contestatório e de tensionamento do status quo, e as suas características próprias. A fala de Thaisa exemplifica essa percepção: “a minha carreira toda eu briguei pelo que? É por estrutura. Eu nunca quis ganhar como o masculino, porque envolve outras situações, você tá entendendo? Então, assim, a minha briga foi sempre por estrutura”⁵³³. Mas, obviamente, construir essa estruturação fora da lógica mercadológica dominante é um desafio. Dessa forma, o futebol de mulheres atua em uma contradição: crescimento significativo e condições instáveis no mercado de trabalho.

⁵³² BAKAN, A. B. Marxismo e antirracismo: repensando a política da diferença. **Revista Outubro**, n. 27, nov., 2016.

⁵³³ MORENO, T. 2022.

Para finalizar as reflexões acerca dos sentidos do trabalho da jogadora de futebol, gostaria de recuperar e aprofundar um ponto citado acima: considerar as futebolistas como integrantes da classe trabalhadora, ou mais especificamente, ao que Antunes nomeou de classe-que-vive-do-trabalho – a escolha por essa expressão tem a intenção de conferir validade contemporânea ao conceito marxiano de classe trabalhadora e dar amplitude ao ser social que trabalha. A noção de classe-que-vive-do-trabalho deve contemplar a totalidade dos trabalhadores assalariados que vivem da venda de sua força de trabalho. Inclui assim o proletariado industrial, o conjunto de assalariados que vendem a sua força de trabalho (com ou sem carteira de trabalho), os que estão desempregados graças à lógica destrutiva do capital, os que trabalham por conta própria. Ou seja, a definição de classe trabalhadora é dada pelo assalariamento e pela venda da própria força de trabalho⁵³⁴.

Ter essa compreensão ampliada da classe-que-vive-do-trabalho permite apreender as transformações importantes sofridas pelo mundo do trabalho. Há, por um lado, uma redução do proletariado industrial, *estável* e especializado e, por outro, um crescimento do novo proletariado, marcado pelo avanço do trabalho *precarizado*. São os “terceirizados”, subcontratados, “part time”, informais⁵³⁵. Tudo isso aliado à maior presença da força de trabalho empregada nos serviços e à participação paritária das mulheres no mercado de trabalho indica uma mudança no perfil da classe, uma nova etapa da sua (re)formação⁵³⁶.

O que é importante desse raciocínio para a tese? Há dois elementos. O primeiro é justamente a precariedade presente no trabalho das futebolistas: insegurança e instabilidade, vínculos empregatícios curtos, alta rotatividade, condições inadequadas de trabalho, “part time”, o que faz muitas delas trabalharem em outro emprego além do futebol, ausência de contratos formais etc. Roderick faz uma ressalva ao defender que a despeito da flexibilização e precarização do trabalho das últimas décadas, a profissão de jogador sempre foi marcada pela instabilidade e por trabalhos de prazo curto e determinado⁵³⁷.

É um ponto a se considerar, entretanto, é inegável que com a massificação desse tipo de trabalho há uma maior naturalização desses processos, não vistos mais como a exceção e sim como a regra – ainda mais se considerarmos a realidade histórica brasileira. O que pode dificultar a organização dos trabalhadores, inclusive, futebolistas, para pensar e direcionar formas mais adequadas de trabalho e vislumbrar um horizonte de expectativas melhor. O

⁵³⁴ ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 101-103.

⁵³⁵ Ibidem, p. 104-105.

⁵³⁶ MATTOS, M. B. 2019, p. 111.

⁵³⁷ RODERICK, M. 2006, p. 28.

segundo é que, como comentado acima, o futebol de mulheres do Brasil começa a buscar e a estruturar a sua profissionalização em um contexto que essas formas de trabalho precárias são justamente tidas como normais. Mais ainda para mulheres.

O segundo elemento é chamar atenção para as origens sociais das nossas entrevistadas. Todas são oriundas da classe-que-vive-do-trabalho. Primeiro, como visto, devido justamente ao trabalho desempenhado como jogadoras ou suas atividades após a aposentadoria. Segundo, por suas origens, pois fazem parte das camadas populares e médias da população. Não foram todas que descreveram as profissões dos pais e familiares ou especificamente sobre como foi a sua infância ou as condições de vida. Mas é possível apresentar alguns aspectos relevantes.

Carla falou claramente “eu venho de uma família humilde. A minha mãe, os meus pais, eles estudaram pouco. A minha mãe é, era diarista, empregada doméstica e meu pai também é empregado doméstico”.⁵³⁸ Moradora da zona norte do Rio de Janeiro, a casa da família é um anexo do local onde o pai trabalha. Também contou dos grandes deslocamentos que precisava fazer para treinar no seu primeiro time: “Depois Campo Grande era longe da minha casa, mas assim, longe, digamos, uma hora, uma hora e meia. E aí, a carona, come dentro do ônibus, come dentro do trem”.

Fez questão de destacar o apoio financeiro dos pais: “eu tinha um benefício de morar com os meus pais e de não receber cobranças deles por essa ajuda financeira dentro de casa. Então, a minha vida era sempre muito foco no rendimento”. Ao final da entrevista, afirmou: “Eu vivi de futebol porque eu também vinha de uma realidade onde eu vivia com muito pouco. Mas como eu vivo hoje, tendo carro, tendo o cartão de crédito, tendo uma viagem de vez em quando, já não daria para viver como a jogadora que fui”. Ou seja, o futebol não possibilitou uma ascensão social significativa. Importante destacar a consciência de que era justamente por vir das camadas populares é que o futebol se tornou uma opção.

Maravilha contou sobre sua família de nove irmãos, viviam no interior de Santa Catarina (cidade que lhe rendeu o apelido). Os pais agricultores e arrendatários de um pequeno pedaço de terra. Toda a família trabalhava “na roça”, em suas palavras, e como contou “a gente tinha uma condição financeira muito restrita”⁵³⁹. Como visto no capítulo anterior, Maravilha superou inúmeras dificuldades na infância e adolescência: muito trabalho, poucos ganhos; desigualdade de gênero dentro de casa, pois o dinheiro era restrito aos homens da casa, além do autoritarismo do pai; dificuldade para concluir os estudos da Educação Básica. Quando sai em definitivo de

⁵³⁸ OLIVEIRA, C. 2022.

⁵³⁹ WAHLBRINK, M. 2022.

casa passa a trabalhar como empregada doméstica. Para ela o futebol abriu muitas portas e foi graças a ele que comprou a casa que mora até hoje com o marido.

Duda era vizinha de um grande ídolo do Sport Club Internacional, costumava frequentar o Estádio do Beira-Rio, não só nas arquibancadas, pois “batia bola” lá com os jogadores da época. Graduou-se em Educação Física, mas também chegou a cursar por um tempo Administração. Quando ainda era jogadora, em torno dos seus vinte e seis anos, iniciou o projeto de abrir escolinhas de futebol para meninas e meninos. Projeto bem-sucedido, pois hoje “a escolinha tem trinta e um anos de idade, a gente está muito feliz, porque por aqui passaram mais de 20000 alunas que jogaram ou jogam e muitas convocações para as Seleções Brasileiras”⁵⁴⁰. Além disso, foi dirigente tanto do Internacional quanto da CBF. O futebol foi fundamental para a constituição de sua vida financeira, mesmo que com maior intensidade após encerrar a carreira de jogadora.

Leda nasceu, cresceu e vive até hoje no Rio de Janeiro. Quando começou a jogar pelos clubes ainda era menor de idade e estudava somente, passou a jogar bola e trabalhar depois de completar dezoito anos. Nessa época o futebol não era suficiente para pagar as contas, por isso acumulava empregos. Durante um período da carreira jogava em São Paulo e no Rio de Janeiro ao mesmo tempo, para isso viajava de carro entre as duas capitais. Cursou Educação Física e atualmente faz o curso da CBF para poder se inserir novamente no mercado de trabalho futebolístico.

Marina nasceu e cresceu na cidade de Iretama, interior do Paraná, e com doze mil habitantes. Contou da sua saga quando pegou o ônibus para Campo Mourão pela primeira vez para fazer teste na escolinha e naquele momento aprendeu que para descer precisava “puxar a cordinha”. Relatou que começou a jogar bola porque era um esporte “muito barato” e por isso fácil para meninas e meninos jogarem na escola. Intitulou-se “uma menina de sítio”⁵⁴¹ e lá passou a maior parte da infância brincando, correndo, subindo em árvore. Teve um apoio imenso da família, especialmente, do pai, para viver de futebol. É bem direta ao falar como o esporte a levou a lugares até então inimagináveis, possibilitou também que tivesse uma graduação e mestrado. Hoje é professora do Ensino Superior.

Jatobá é de Maringá, uma das principais cidades do interior paranaense, ainda criança a família se mudou para Curitiba. Pegavam ônibus para de tempos em tempos assistir uma partida de futebol do tio em São Paulo, também jogador. A avó foi uma pessoa fundamental para a vida e carreira dela, sempre apoiando. Jatobá comentou sobre as despesas dentro de casa: “eu sempre

⁵⁴⁰ LUIZELLI, E. 2022.

⁵⁴¹ AGGIO, M. 2022.

procurei ajudar muito na minha casa no momento que eu passei a ter o meu salário”⁵⁴². Quando atleta iniciou e finalizou o curso de treinadora da UEFA e após pendurar as chuteiras seguiu dentro do futebol, mas agora fora das quatro linhas.

Dayane é curitibana, foi muito cedo para a Europa para jogar, lá que aprendeu a lavar e passar roupa, cozinhar a própria comida. Até então sempre viveu com a família, assim como nos períodos em que voltou para o Brasil, e contou “sempre tive meu quarto, sempre tive a minha moto, meu carro, ia trabalhar tal. Sempre consegui ter as minhas coisas”. Relatou a felicidade após receber o primeiro salário como atleta, quando comprou um iPod e afirmou “era realizar sonho, era ajudar o pai e a mãe não que precisava”. Com relação ao dinheiro se descreveu como alguém muito cuidadosa:

Sempre fui uma menina que sempre fui muito cabeça em relação a isso, não é Fernanda? Tivesse que gastar mil reais com tênis ou mil reais com uma pós, tentava fazer a pós, depois comprava o tênis. Sempre fui uma pessoa muito cabeça em relação a isso. Nunca fui de ficar esbanjando, nunca fui de ficar ostentando, de ficar fechando balada, de ter o carro do ano ou usar o relógio mais caro. O brinco de ouro. Nunca fui assim. Nunca tive também pra fazer essas coisas. Sempre procurei ter outras coisas que para mim eram mais importantes do que isso aí⁵⁴³.

Araújo em sua dissertação realizou um estudo de caso com oito jogadores profissionais atuantes em 1980 com o objetivo de compreender por que escolheram o futebol como profissão e a concepção que possuíam sobre suas carreiras. Na sua análise abordou a visão de seus entrevistados sobre os futebolistas “esbanjadores”: “Firmes nesta posição, meus entrevistados vão condenar aqueles jogadores que esbanjam o dinheiro que ganham, dissipando-o em roupas, carros novos etc.”⁵⁴⁴. Dayane não critica diretamente outras jogadoras que teriam mais gastos, mas afirma positivamente como sempre teve uma preocupação em não “ostentar” e prezar por investir em educação, por exemplo, e não em bens de consumo. É uma racionalidade econômica e também moral. Ela concluiu a graduação de Educação Física no Brasil com bolsa de estudos e agora busca a validação do diploma e a proficiência da língua na Itália para poder dar aula.

Xambrê é a cidade natal de Thaisa, com apenas cinco mil habitantes. Na adolescência ganhou bolsa de estudos graças ao futebol para estudar em um colégio particular, o que aliviou nas despesas de casa, nas suas palavras, “porque tirava do bolso da minha mãe”⁵⁴⁵. A graduação em Educação Física nos EUA também foi custeada por uma bolsa, tornou-se atleta universitária. Relatou a importância do futebol para conhecer outras culturas, aprender outros idiomas. Hoje

⁵⁴² JATOBÁ, S. 2022.

⁵⁴³ ROCHA, D. 2022.

⁵⁴⁴ ARAÚJO, R. B. **Os gênios da pelota**: um estudo do futebol como profissão. 100 f. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

⁵⁴⁵ MORENO, T. 2022.

é atleta do Flamengo e o plano é seguir no futebol após a aposentadoria, talvez, na área da preparação física. Mas assim como as demais seguirá trabalhando, seja no esporte ou não.

É um fator a se ressaltar. Nenhuma das entrevistadas, mesmo as que atuaram no mais alto nível do futebol de mulheres, alcançou um patrimônio ou renda suficiente para não trabalhar mais e poder viver apenas desses rendimentos. É algo fora do horizonte de expectativas para o futebol de mulheres. O que não quer dizer que a modalidade não tenha sido fundamental para conquistas financeiras delas e até mesmo uma forma de ascensão social. Como relatado o esporte possibilitou formação educacional e posterior atuação profissional na área de estudo, empreendimentos, compra de bens materiais como casa, carro, moto, experiências como viagens etc. Só pontuei que elas seguem como parte da classe-que-vive-do-trabalho.

Ainda sobre a questão de classe e o futebol, destaca-se a seguinte fala de Carla:

Eu acho que a questão financeira também. É visto como um esporte muito popular. Então é difícil... hoje não, mas na minha época, ter alguém de muita condição social que praticasse futebol, que jogasse futebol profissionalmente. Então, era muito tido também como esse esporte do meio mais marginal. Mas no sentido de marginalizado, assim, ao lado da sociedade, não inserida no meio social⁵⁴⁶.

A atleta falava nesse momento sobre os estereótipos vinculados às jogadoras e deixa bem claro como havia uma percepção negativa sobre as/os praticantes de futebol com base em um preconceito de classe. O próprio futebol era visto como “do meio mais marginal”, praticado por pessoas sem “muita condição social”. Tal fala é semelhante às narrativas dos jogadores brasileiros que representaram o Brasil nas Copas do Mundo entre 1954 e 1978. A partir das entrevistas feitas com esses atletas para o projeto “Futebol, Memória e Patrimônio” do CPDOC, Astruc refletiu acerca da imagem futebolista, se era uma profissão desejável socialmente e quem era atraído por ela.

De acordo com o autor, a partir das décadas de 1930 e 1940, quando houve um acréscimo considerável de jogadores oriundos das classes trabalhadoras, negros e jovens a imagem da profissão foi decaindo. Eles passaram a ser vistos como marginais e a sofrer preconceito social. Os entrevistados concordaram entre si ao dizerem que durante a infância deles, os futebolistas eram mal vistos – inclusive pelas famílias da classe operária – e a sua reputação era descrita com termos como malandro e vagabundo. Alguns ainda contaram que atleta era tido como uma “pessoa meio desempregada”, revelando, conforme Astruc, um duplo sentido: por um lado, o estatuto precário da profissão e, por outro, o não reconhecimento da atividade como um trabalho de verdade. Assim, considerações econômicas e morais estavam

⁵⁴⁶ OLIVEIRA, C. 2022.

conectadas⁵⁴⁷. Isso se alia à fala de Carla ao comentar da percepção social da sua época sobre aqueles que jogavam bola como profissão.

4.2 O futebol como identidade e o fazer-se jogadora

Para quem joga bola profissionalmente, o futebol é constituinte da sua própria identidade. Ao investigar a carreira de jogadores escoceses os autores McGillivray et. al. tinham como objetivo compreender por que muitos jovens da classe trabalhadora arriscavam uma carreira de futebolista mesmo com a insegurança e instabilidade daquele mercado de trabalho. Para isso procuraram pensar desde a infância desses jovens como o jogo acabava se incorporando neles, assim como seus valores, práticas e ideias.

Os pesquisadores partem dos escritos de Wacquant sobre o desenvolvimento de um capital corporal (uma forma de capital cultural do Bourdieu), fundamental dentro do campo esportivo e desenvolvido não através da educação formal, mas incorporado diretamente através das práticas e socializações dentro do campo⁵⁴⁸. A análise da narrativa dos participantes concluiu que o futebol foi *incorporado* neles desde a sua formação inicial e por isso representa parte de suas identidades, elemento reforçado por seus colegas e até familiares. Nesse processo de incorporação o jogo passa a ser visto como uma segunda natureza, graças às contínuas e constantes repetições, e não algo que eles precisam conscientemente refletir sobre.

De tal modo, o corpo passa a ser visto como uma commodity especialmente importante para os atletas profissionais. O futebolista *é* o seu corpo – a analogia também é emprestada de Wacquant ao pensar sobre os boxeadores –, que passa a ser o epicentro de sua vida e incorpora uma história. Eles trabalham *no* corpo e *com* o corpo. O capital corporal, como uma forma possível de capital cultural, pode ser convertida em capital econômico⁵⁴⁹. Essa conversão é mais um dos motivos da atração de inúmeros jovens para o esporte. Contudo, o processo de conversão do capital corporal é limitado, afinal a carreira é relativamente curta, especialmente, se considerarmos que lesões ou doenças podem encerrá-la de forma prematura.

Ademais, o campo esportivo com sua relativa autonomia possui uma lógica própria, suas regras e maneiras de ser. Conforme Wacquant, o futebolista é “habitado pelo jogo que habita” e tem dificuldade para enxergar fora dessa lógica, linguagem e aspirações. O jogo tem

⁵⁴⁷ ASTRUC, C. O futebol como profissão: origem, ascensão social e o mundo do trabalho dos futebolistas brasileiros (1950-1980). In: HOLLANDA, B. B.; FONTES, P. (org.). **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

⁵⁴⁸ MCGILLIVRAY, D.; FEARN, R.; MCINTOSH, A. Caught up in and by the beautiful game: A case study of Scottish professional footballers. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 29, n. 1, 2005, p. 105.

⁵⁴⁹ Ibidem, p. 106.

a sua própria educação, denominada “ilusão do futebol”⁵⁵⁰, isto é, a crença orgânica no valor do esporte. Para os atletas o esporte não é só algo que eles fazem como suas ocupações, mas representa uma colonização integral do seu mundo. Mais do que algo que eles trabalham é algo que eles *são*. Define as suas identidades pessoais, o seu cotidiano, seus afazeres e o acesso ao espaço público e em qual posição desse espaço⁵⁵¹.

Culvin traz a perspectiva das jogadoras e complementa todo esse raciocínio. Para ela é subestimado o fato de que mulheres jogam futebol simplesmente porque amam o jogo e se identificam com ele (e a partir dele), visto que há uma imensa insegurança financeira envolvida. Muitas das jogadoras entrevistadas por ela relataram como o futebol fazia parte de suas identidades e desde jovens basearam muitas das decisões importantes da vida no amor pelo jogo. Portanto, o futebol pode ser considerado um campo relativamente autônomo, no qual os jogadores e jogadoras o formam e por ele são formados e assim constroem as suas próprias identidades vinculadas ao esporte, influenciando diretamente nas tomadas de decisões da vida e na escolha profissional.

A narrativa das nossas entrevistadas vão ao encontro das proposições colocadas acima. Na realidade, foi algo que me chamou atenção durante as entrevistas, como elas conectavam o futebol com o próprio senso do “eu”, constituindo um vínculo forte e íntimo. Mais de uma das jogadora, na realidade, a maioria delas enunciou em algum momento de suas narrativas a frase “o futebol é a minha vida”. Cabe aqui trazer algumas dessas falas completas:

Eu vou te falar, é a minha vida, o futebol. Eu gosto, é uma coisa que eu gosto de fazer, então a gente vai perder um amigo por causa do futebol, paciência. Não podemos abraçar o mundo, não é?⁵⁵²

Futebol, literalmente, tudo que eu vivi. Minha vida, é minha vida. Foi como eu falei, eu não sei se eu fui sortuda, mas o futebol foi o que eu conquistei. Foi aprender outros idiomas, foi conhecer outras culturas. Eu acho que o futebol é minha vida. Literalmente é a minha vida. Eu me baseei... tudo o que eu fui vivendo foi nisso. Então **futebol é o que eu sou, o futebol sou eu**⁵⁵³.

É a minha profissão, é o que eu quero fazer. É que algumas coisas você vai descobrindo e se identificando quando você está vivenciando, **quando eu entro dentro de campo, eu sou eu lá. Eu me sinto eu**⁵⁵⁴.

Dayane, Thaisa e Maravilha explicitam a centralidade do futebol na constituição das suas identidades e em suas vidas. Dayane chega a comentar a preferência pelo esporte perante um amigo. Thaisa comenta como se baseou no futebol para viver, como suas conquistas se

⁵⁵⁰ Em inglês: football illusio.

⁵⁵¹ Ibidem, p. 108.

⁵⁵² ROCHA, D. 2022.

⁵⁵³ MORENO, T. 2022.

⁵⁵⁴ WAHLBRINK, M. 2022.

devem ao futebol e a frase impactante no final, de que o futebol é ela. Maravilha começa falando sobre o futebol como profissão e finaliza associando a sua presença dentro do campo com o sentimento de se sentir como ela mesma. Maravilha, apesar da frase forte, em outro momento comentou: “Então eu acho que o que me move muito é a sociedade. Primeiro lugar para mim: a sociedade e o futebol é apenas o futebol, é um trabalho”. Há uma ambivalência ali, pois no segundo trecho delimita o esporte apenas à esfera do trabalho, não à sua subjetividade individual.

De toda forma, é possível afirmar que o futebol cumpre um papel fulcral na construção da identidade das futebolistas. É, de fato, *incorporado* às subjetividades e ao corpo delas. Isso ocorre desde cedo. Ao considerar os relatos delas sobre a infância ou sobre como começaram a jogar é perceptível a incorporação do jogo e como isso as move para determinadas decisões da vida. Por exemplo quando Thaisa decidiu estudar em outra cidade porque conseguiu a bolsa de estudos graças ao futebol. Ou quando Marina durante a adolescência se deslocou para outra cidade sozinha para jogar bola na escolinha.

A identidade aqui se relaciona com outro aspecto já citado nessa tese: o reconhecimento. Quando as jogadoras demandam que o futebol de mulheres seja *reconhecido* ou tenha visibilidade, de certa forma, é uma demanda também por reconhecimento de si mesmas, de suas trajetórias e realizações. Como a identidade também é construída em termos relacionais, é um exercício de alteridade, o anseio por serem vistas perpassa essa relação. Obviamente, não estou partindo de uma percepção narcísica individual, mas o reconhecimento extremamente válido das histórias das jogadoras, também marcadas pela agência e subjetividade de cada uma delas, tendo o futebol papel central.

Após debater o futebol como identidade das futebolistas, cabe agora pensar como se dá a trajetória profissional delas, ou seja, analisar o processo de *fazer-se jogadora*. A construção de uma carreira como atleta de futebol está interligada à lógica do campo esportivo, assim como, à estrutura da sociedade de classes. Ademais, as jogadoras possuem agência no desenvolvimento do seu projeto (constantemente chamado de sonho) e empreendem estratégias diversificadas para realizá-lo, alcançando também distintos resultados. Ou nas palavras de Damo: “Não há boleiro que tudo possa, nem há quem se submeta a tudo”⁵⁵⁵. Emprestando a perspectiva de Thompson sobre o fazer-se da classe operária, podemos encarar que o *fazer-se*

⁵⁵⁵ DAMO, A. 2005, p. 169.

jogadora se configura como um “processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos”⁵⁵⁶.

Para o Araújo a carreira de jogador é uma escolha feita com muita “reflexão e cálculo”, considerando os riscos dessa escolha, mas sobretudo, a possibilidade de ascensão social e a independência financeira. Portanto, a decisão de jogar profissionalmente o futebol foi tomada a partir de um *projeto*, de uma “atividade eminentemente consciente”⁵⁵⁷. Já para Astruc⁵⁵⁸ a escolha da ocupação futebolística não é fruto de uma reflexão estratégica ou um projeto visando o longo prazo e a ascensão social. Há dois argumentos para embasar tal posicionamento: 1) ser jogador profissional era a realização de um sonho infantil, transformar a paixão pessoal em ocupação; 2) a ênfase no fator sorte e de circunstâncias ocasionais para se tornar jogador. Assim, eles se *tornaram* jogadores, mais do que *escolheram*.

A profissão de jogadora, além das dificuldades já existentes em uma carreira futebolística, sofre com os agravantes oriundos das desigualdades de gênero. Surge o questionamento: será que as mulheres escolhem consciente e estrategicamente serem jogadoras ou se tornam por situações ocasionais de suas vidas? As futebolistas entrevistadas, em sua maioria, declararam que jogar futebol profissionalmente era um objetivo desde a infância ou adolescência, a despeito de todos os desafios existentes. De acordo com Carla: “Sempre, sempre. Eu sempre falei que eu ia ser jogadora de futebol”⁵⁵⁹. Elas relataram um empecilho vivido nessa época da vida: enxergar as condições materiais para concretizar esse projeto, principalmente, pela ausência ou pouca quantidade de times de mulheres. Jatobá expôs uma mudança nessa visão quando assistiu mulheres jogando profissionalmente:

Teve uma preliminar que jogaram as meninas. E aquilo me encantou, então falei “nossa, agora sim, eu posso no futuro ser uma atleta, uma jogadora de futebol profissional.” (...) Isso tinha, acho que 6 ou 7 anos, é isso. Acho que a final foi em 87, 88. Então, nós fomos todos para São Paulo para assistir, toda a família, e aquilo me chamou muita atenção. Então, eu falei “poxa, é o que eu quero”⁵⁶⁰.

Apenas três atletas foram categóricas ao afirmar que ser futebolista não estava em seus planos. Duas são da geração pioneira, Duda e Leda:

Não, nunca passou e as coisas foram acontecendo assim... De uma forma que foram acontecendo, foram passando e aí as coisas foram acontecendo⁵⁶¹.

⁵⁵⁶ THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa. A árvore da liberdade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

⁵⁵⁷ ARAÚJO, R. 1980, p. 7-8.

⁵⁵⁸ Mesmo que ambos estejam preocupados com o futebol enquanto profissão, o próprio Astruc coloca que os depoimentos colhidos das duas pesquisas ocorreram em condições distintas, os perfis dos entrevistados e as perguntas também diferem, o que contribui para os resultados diferentes.

⁵⁵⁹ OLIVEIRA, C. 2022.

⁵⁶⁰ JATOBÁ, S. 2022.

⁵⁶¹ LUIZELLI, E. 2022.

E eu escrevi uma história no futebol. Eu não previa isso pra mim. Eu não sonhava, naquela época a gente não sonhava ser jogadora de futebol. Eu pelo menos não sonhava ser jogadora de futebol. Mas eu consegui chegar, eu acho que no mais alto nível que a gente consegue. (...) Nada que tenha sido programado, nada que tenha sido assim sonhado, enquanto jogadora. Até por conta da minha época, a gente vivia na época da proibição. (...) Mas era uma brincadeira de criança que ficou séria e eu sou muito grata por isso⁵⁶²

Talvez a explicação para não vislumbrarem no início uma carreira futebolística resida justamente no período em que elas começaram a jogar. A proibição existente e aquela fase inicial logo após a regulamentação, na qual há um crescimento da modalidade, porém, longe de uma estrutura profissional ou de condições de profissionalização para as atletas. Como são de uma geração pioneira, elas precisaram pavimentar esse caminho que quando começaram a praticar o esporte ainda era inexistente. Elas fazem parte justamente da geração vista por Jatobá no estádio e que a fez perceber o futebol como uma profissão possível para mulheres.

Thaís também afirmou não imaginar uma carreira como futebolista e ironicamente é a mais distante temporalmente de Duda e Leda, pois joga atualmente. O motivo é o mesmo apresentado por Leda, de acordo com Thaís: “até porque na época a gente não tinha tanta visibilidade para isso, então eu só queria me divertir”. Há permanências no futebol de mulheres brasileiro graças à deficiência na estruturação da modalidade além do efeito sanfona, tais elementos seguem dificultando para meninas vislumbrarem uma carreira esportiva. Thaís também relaciona a falta de visibilidade de mulheres no esporte ao contexto em que cresceu, no interior do Paraná, e em sua entrevista utilizou a palavra “sorte” ao falar de sua carreira, aproximando-se da perspectiva dos jogares entrevistados por Astruc. A sorte em termos históricos e sociológicos deve ser entendida a partir das contingências e condições sociais existentes (ou nos termos de Thompson, limites e pressões).

Sobre o contato inicial com o futebol, todas contaram que começaram a jogar ainda na infância. Desenvolviam diferentes estratégias para jogar, tais como transformar a cabeça das bonecas em bola ou ficar chutando incessantemente uma bola na parede. Como visto no capítulo três, elas também jogaram na infância com meninos, seja na escola, no sítio, nas praças ou nas ruas. Algumas relataram que isso auxiliou no desenvolvimento corporal e até técnico, pois sentiram a diferença quando foram jogar apenas com meninas. Foi na adolescência que a brincadeira passou a ser mais institucionalizada, algumas relataram o início em escolinhas de futebol, outras o recebimento de bolsa de estudo em escola graças ao esporte e algumas já adentraram em times (profissionais e/ou categorias de base).

⁵⁶² ABREU, L. 2022.

O fazer-se jogadora não é um processo individual e completamente autônomo. Tanto pela questão entre agência e estrutura, comentada anteriormente, quanto pela possibilidade de compreender as carreiras como uma construção coletiva, no sentido de que as jogadoras ao longo de sua trajetória recebem apoios fundamentais para a consolidação de sua atividade profissional. Personagens de dentro ou de fora do campo esportivo interveem diretamente e auxiliam e/ou impulsionam o sonho delas e são reconhecidos em suas narrativas por isso.

A família realiza intervenções decisivas. Diferente de muitos relatos comuns no futebol de mulheres, nos quais os familiares eram contrários às meninas jogarem bola, as famílias das entrevistadas não só foram favoráveis, como fundamentais no estímulo da prática. Algumas relataram que o futebol era parte importante da vida familiar, algum integrante da família também jogava ou havia jogado ou eram torcedores e acompanhavam bastante o esporte e passaram adiante essas práticas e sentimentos. Além do compartilhamento de uma paixão em comum e a introdução no meio futebolístico, muitos familiares foram responsáveis por ações concretas na trajetória delas: inscrição em escolinhas de futebol, enfrentamento de preconceitos de outras pessoas próximas, conselhos e orientações em momentos decisivos da carreira, apoio emocional e financeiro, procura por times femininos.

Os pais e as mães foram os mais citados. Os pais, principalmente, na introdução ao futebol, por já terem um contato maior com a modalidade, seja como torcedor ou praticante. O que não é por acaso, pois o futebol é um esporte de hegemonia masculina. Os pais também teriam um orgulho em ver a filha jogando bola e tendo sucesso, conforme relatado por Dayane. As mães são retratadas como importantes ao longo da carreira, auxiliam com demandas decisórias, ajudam com atividades do dia a dia, incentivam (ou até cobram) os estudos. É a perspectiva de mulheres ligadas ao cuidado. Na narrativa de Jatobá quem assumiu esse papel foi a sua avó: “Ela pegava ônibus comigo, ela andava a pé, então a gente procurava, ia na pracinha só com os meninos e ela estava sentadinha”⁵⁶³.

As mães também se destacam por, inicialmente, não estarem tão entusiasmadas com a possibilidade da filha ser jogadora (Dayane contou que precisou convencer a mãe a inscrevê-la na escolinha). Muitas vezes não por considerarem que o futebol não deveria ser praticado por meninas, mas porque havia uma preocupação financeira e com a discriminação. Carla contou:

A minha mãe me apoiava também, mas ela tinha muito receio por não ter apoio. Por ela sonhar com uma carreira para mim, eu venho de uma família humilde. A minha mãe, os meus pais, eles estudaram um pouco. A minha mãe é diarista, era diarista, empregada doméstica e meu pai também é empregado doméstico, então existe essa preocupação com o estudo, com o desenvolvimento intelectual, com a profissão. Então, se hoje já é um pouco difícil, imagina lá? Eu, com 10 anos, falando que queria

⁵⁶³ JATOBÁ, S. 2022.

ser jogadora de futebol, era 1995. Imagina a preocupação da minha mãe no que eu ia passar, tanto de preconceito quanto financeiramente⁵⁶⁴.

A fala é bem elucidativa dessa perspectiva da preocupação e do cuidado, sobretudo, pela realidade material que envolvia a carreira de futebolista para as mulheres. Isso relativiza a noção proposta por Araújo dos jogadores enxergarem o futebol como um meio de ascensão social, para as mulheres, em determinadas situações, o esporte poderia implicar mais em uma trajetória com dificuldade financeira do que com mobilidade social – apesar de tal possibilidade também não ser completamente excluída em outros casos.

Somente para uma das jogadoras a família não cumpriu esse papel tão decisivo, ainda que na infância tenha praticado o esporte com familiares, mas isso porque Maravilha saiu de casa cedo e rompeu com o pai, por ele ser contrário à continuidade dos estudos dela. Mas além da família as jogadoras muitas vezes estabelecem ou se inserem em uma rede de apoio que ajuda na carreira. Para Maravilha foi um amigo que passou a buscar times femininos e possibilitou a ela a oportunidade de fazer uma peneira em Porto Alegre ou outros amigos pastores que fizeram uma coleta em um culto e repassaram parte do dinheiro para ela: “Aí esses amigos, essa família também me ajudou. Um dia fizeram uma coleta no culto e deram toda, quase toda ela para mim, acho que 50%, alguma coisa assim, para me ajudar”⁵⁶⁵.

Carla contou sobre a “patroa” da sua mãe: “a minha mãe trabalhou nessa casa e a patroa dela já não era uma pessoa muito bem de finança, mas me ajudou na faculdade. E o fato de eu ter ficado na faculdade me manteve no futsal e o futsal acrescentou muito na minha carreira depois do futebol.⁵⁶⁶”. E com bastante carinho recordou de dona Inês, dirigente do Campo Grande, o seu primeiro time:

No meu período de Campo Grande, antes da faculdade, tinha a Dona Inês. A filha dela jogava. Ela morava na Tijuca, eu moro no Alto da Boa Vista e ela era supervisora do time. Eu dormia na casa dela, eu ia de carona com ela. Ela me dava comida quando às vezes eu não levava comida e eu comia às vezes minha marmita ou a marmita que ela fazia para mim dentro do carro dela. Então, até hoje, por exemplo, Dia das Mães, eu mando mensagem pra ela, Natal eu mando mensagem pra ela. Eu estou falando de alguém que convive comigo desde que eu tinha 15 anos. Hoje eu tenho 37. É, então, a Dona Inês foi indispensável.⁵⁶⁷

O relato demonstra como a rede de apoio também é composta por agentes do próprio campo esportivo. Na mesma linha, as jogadoras citaram treinadores ou treinadoras fundamentais em suas trajetórias. Marina rememorou a importância dos primeiros técnicos da escolinha e também os que vieram depois:

⁵⁶⁴ OLIVEIRA, C. 2022.

⁵⁶⁵ WAHLBRINK, M. 2022.

⁵⁶⁶ OLIVEIRA, C. 2022.

⁵⁶⁷ Ibidem.

Os meus treinadores que me deram a oportunidade de jogar na escolinha do Zico, no meio dos meninos. Porque se eles dissessem ‘não, a gente não tem futebol feminino e a Marina não vai poder fazer’, eu não tinha seguido. São as oportunidades que as pessoas vão dando para nós. Não é que as mulheres não possam fazer, talvez faltem oportunidade para elas fazerem, e aí eu nomeio todo os meus treinadores que de alguma forma me ensinaram alguma coisa. Pessoas importantes, que não estavam dentro de campo, mas estavam fora de campo. Principalmente quando a gente mora fora do Brasil, que a gente tem pouco contato com os familiares.⁵⁶⁸

Como visto anteriormente, Thaisa citou o treinador dos EUA ao fazê-la compreender como o futebol também formava cidadãos. Leda também compartilhou uma história sobre treinadores importantes na construção da carreira:

Ele foi meu treinador, primeiro no América. O nome dele é Robson Prado. Depois ele foi treinador no Bangu, que era o rival do Radar. E eu tive o privilégio de trabalhar com esse cara e ele que me descobriu como volante. Até então eu não era volante, eu era meia, era meia-direita. Joguei de ponta direita. Joguei de meia-direita e quando ele me viu jogar, ele falou “eu vou te colocar como volante”. Na época, era a cabeça de área. E aí, esse cara, assim tiveram outros tantos, mas ele foi tipo assim.... Até por conta da projeção que eu tive enquanto jogadora. Porque depois fui pro Vasco, fui pra Seleção Brasileira como volante. Esse cara me descobriu. Ele descobriu a Leda Maria volante. Ele viu em mim que eu tinha essa característica. E é um grande amigo, é um grande amigo meu.⁵⁶⁹

Os treinadores citados foram importantes nas respectivas trajetórias de diferentes maneiras: 1) dando uma oportunidade; 2) demonstrando a importância do esporte para além das quatro linhas; 3) percebendo uma nova posição tática, uma intervenção direta na forma de jogar da atleta. Comparativamente treinadores foram muito mais citados do que dirigentes. Na realidade, apenas Carla citou uma dirigente como importante para a construção da carreira. Talvez não ironicamente, uma mulher dirigente e não um homem. Ainda que a atuação de dona Inês tenha recordado, tomadas as devidas proporções, as atuações de Michelinho lá no Flamengo de Feira. Um gestor que efetivamente se importa com as suas atletas e estabelece uma relação para além das meramente econômicas.

O caminho percorrido pelas mulheres para terem o futebol como sua profissão está longe de ser linear ou progressivo. Na compreensão do processo de fazer-se jogadora, a intenção agora é compreender a transição do futebol como lazer para o futebol como trabalho, em outras palavras, quando deixou de ser uma brincadeira e passou a ser obrigação? Algumas dessas histórias apareceram de certo modo no capítulo três, quando a trajetória individual de cada entrevistada foi abordada. Agora a proposta é pensar essas narrativas em conjunto, enquanto corpus documental.

⁵⁶⁸ AGGIO, M. 2022.

⁵⁶⁹ ABREU, L. 2022.

As jogadoras começaram a praticar o esporte ainda na infância e quando se tornaram adolescentes as primeiras oportunidades começaram a surgir. Aconteceu de diferentes maneiras: entrada em times femininos seja nas categorias de base ou equipe principal, bolsa de estudo, convocações para a Seleção Brasileira (Dayane foi convocada quando tinha dezesseis anos), disputa de campeonatos de alto nível (Duda jogou a sua primeira Taça Brasil com apenas treze anos, Marian o Campeonato Paranaense com quinze, Thaisa o Campeonato Brasileiro de futsal com quinze), participação em peneiras e seletivas, mudança de posição para assegurar vaga em um time (Maravilha fez um teste para jogar como atacante, mas ao notar que seria cortada decidiu jogar como goleira). Nesse momento de transição que os primeiros ganhos financeiros aconteceram. Inicialmente, era mais uma ajuda de custo, sem um rendimento seguro e recorrente. Nas palavras de Simone, Thaisa e Carla:

Meu primeiro dinheiro foi R\$50,00 como atleta. A gente sempre ia jogar aos finais de semana no interior de São Paulo, tinha quinze, dezesseis anos. A gente ia jogar lá para um time chamado Make Plans e aí pagava as atletas. Então, meu primeiro dinheiro como atleta foi aí para jogar no final de semana. Cada final de semana a gente ganhava R\$50,00⁵⁷⁰.

Eu lembro na época que o Cianorte falou assim, ó: “vem pra cá, vou te pagar R\$80,00 pra você jogar pra mim”. Eu falei: “mãe, tem um time que quer que eu vá jogar, vai me dar R\$80,00”. Naquela época, se você for pensar R\$80,00 era até legal. Daí minha mãe falou: “então vai”. Eu tinha catorze anos e eu ganhei R\$80,00, eu acho. Eu falei: “mãe, tem gente querendo pagar pra jogar, entendeu?”⁵⁷¹

O meu primeiro real foi com a Seleção Brasileira e foi esse real, suado, limitado. Eu sei que a gente vai falar era anos atrás. Mesmo assim era pouco. Sim, a verdade é essa. Mesmo assim era pouco⁵⁷².

Outro elemento dessa fase transitória é a percepção de que o esporte deixa de ser uma brincadeira e passa a ser uma responsabilidade, o que envolve alguns sacrifícios e uma grande responsabilidade com o corpo, como contaram Marina e Carla:

Eu sempre tive o esporte como algo muito importante na minha vida. Quando saí da cidade pequena e fui para a escolinha do Zico, eu já tinha essa responsabilidade de ser atleta. Eu já sabia quais eram as minhas responsabilidades. Eu sabia que tinha que dormir cedo, eu sabia que tinha que dormir bem, eu sabia que tinha que descansar. Eu sabia que eu tinha que ingerir muita água. Eu sabia que para eu ser atleta, eu tinha que abdicar de algumas coisas e viver outras, e foi isso que eu fiz⁵⁷³.

Eu acho que no meu primeiro teste, porque eu sempre me imaginei jogando futebol. A partir do momento que eu decidi que eu queria aquilo, eu levava aquilo muito a sério, então treinei para mim. Era muito sério cuidar do corpo. Eu sempre estudei longe, então se eu tinha que sair de casa às 6h da manhã, eu tinha que acordar às 5h30. Na verdade, eu acordava 5h15, fazia série de abdominais, umas séries assim de polichinelo, essas coisas, e tomava banho e ia pra escola. Pra mim não era sacrifício, na verdade, era um objetivo só⁵⁷⁴.

⁵⁷⁰ JATOBÁ, S. 2022.

⁵⁷¹ MORENO, T. 2022.

⁵⁷² OLIVEIRA, C. 2022.

⁵⁷³ AGGIO, M. 2022.

⁵⁷⁴ OLIVEIRA, C. 2022.

A fase seguinte do fazer-se jogadora é justamente o início como profissional: a chegada em um clube que cria um vínculo trabalhista com a atleta – não necessariamente formalizado com contrato de trabalho –, um salário contínuo e não apenas o recebimento pontual e a disputa de torneios oficiais e institucionalizados. As experiências de Leda e Marina demonstram esse estágio:

Quando eu fui jogar no Vasco, eu percebi que eu estava virando uma jogadora de fato. Isso em 92. Olha, eu levei de 81 a 92, onze anos para meio que a ficha cair, que eu estava começando a trilhar uma carreira de futebol. Mas não que isso fosse uma coisa consciente. Não era consciente para mim porque eu trabalhava, eu era obrigada a trabalhar. Até então com 18 anos, eu estudava e jogava e aí depois eu fiquei trabalhando e jogando. E aí, quando eu cheguei no Vasco, aí sim: você vai receber X, mas que também não era o suficiente para sobreviver. Eu tinha que trabalhar e jogar, mas aí foi quando eu comecei a disputar os campeonatos mais importantes da minha vida. Foram os Brasileiros de futsal e os Brasileiros de campo, chamados Taça Brasil. Então essa virada de chave foi quando eu comecei a jogar no Vasco. Foi jogando pelo Vasco que eu comecei a receber de fato, ali, algum salário. “Pô, eu tô dando o meu esforço, o meu trabalho e estou sendo remunerada” (ABREU, 2022)⁵⁷⁵.

Eu joguei o meu primeiro Paranaense, em 1999, pelo Londrina Futebol Clube. Os próprios treinadores da escolinha [do Zico] começaram a buscar espaços para mim, então eu fiquei de 13, 14 anos com eles, com 15 eu já jogava o Paranaense pelo Londrina Futebol Clube, que era uma equipe que já tinha uma organização no Paraná e ela competiu em vários locais. Naquela época, nós tínhamos um Paranaense forte e competimos em Londrina, Maringá, Curitiba, Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu, e foi ali que eu comecei a dar entrada nos meus primeiros campeonatos profissionais. Seguindo em frente, dali parti para São Paulo, porque é o foco do futebol feminino. Ainda hoje é São Paulo. Achei que eu tinha que sair do Paraná para conseguir algo melhor⁵⁷⁶.

A fala de Leda é significativa, pois evidencia que chegar no patamar de ser uma jogadora profissional poderia levar muitos anos, afinal, ela começou a jogar em 1981 e só se profissionalizou em 1992 quando chegou no Vasco da Gama. Novamente, é preciso considerar o contexto dessa geração pioneira, que construiu esses caminhos até então inexistentes. E mesmo quando o futebol se tornou trabalho, não era o único, pois em 1992 ainda precisava trabalhar em outros locais para conseguir se manter. Pouco depois disso se modificou e Leda passou a viver apenas de futebol por uns anos. A trajetória de Marina demonstra que esse início como profissional pode acontecer cedo, para ela já foi aos quinze anos.

Outro elemento interessante é a migração para outro estado, visando melhores oportunidades. Como ela mesmo apresentou, São Paulo foi (e é) um polo importantíssimo do futebol de mulheres no país. A fala e experiência de Marina corroboram a análise de Pisani sobre a circulação de jogadoras pelo Brasil. A antropóloga afirma que a capital paulista emergiu como o ponto principal no circuito futebolístico de mulheres, que jogar e atuar em alguma

⁵⁷⁵ ABREU, L. 2022.

⁵⁷⁶ AGGIO, M. 2022.

equipe da cidade é extremamente desejado por diversas atletas brasileiras e se constitui como uma etapa crucial e necessária no processo de formação profissional de inúmeras jogadoras⁵⁷⁷.

A migração das atletas não acontecia somente dentro do Brasil. Seis das oito entrevistadas atuaram na Europa (Thaisa além do continente europeu jogou durante a faculdade nos EUA). A imigração se constitui em um momento definidor da carreira de futebolista, pois graças às melhores condições de trabalho que elas encontraram em clubes europeus, se comparado com os clubes brasileiros, elas se sentiam profissionais e consideravam o futebol como trabalho. Isso é um consenso na fala de todas que emigraram. Abordarei melhor essa temática adiante. Dessa forma, foram apresentados elementos constituintes do processo de fazer-se jogadora com o recorte da infância até o momento em que se consideraram profissionais e/ou tiveram a experiência de imigrarem por conta do esporte.

4.3 Jogadoras brasileiras: condições de trabalho e condições de vida

A intenção deste subcapítulo é compreender em quais as condições as futebolistas brasileiras atuaram ao longo de suas carreiras e o impacto em suas vidas. Para isso abordarei os seguintes aspectos: condições de trabalho; precariedade; dificuldades, pressões e sacrifícios; transferências e (i)migrações; instituições, dirigentes e treinadores.

4.3.1 Condições de Trabalho

“Eu vejo que eu poderia ter dado muito mais para o meu país e para o futebol se eu tivesse tido condições melhores para desenvolver o futebol”⁵⁷⁸. A frase foi proferida por Maravilha e sintetiza uma parte das falas de muitas das entrevistadas. Não foram poucas as vezes em que relataram problemas no cotidiano para desenvolverem o seu futebol e realizarem os seus trabalhos. Entretanto, deve-se considerar da mesma forma os relatos sobre condições adequadas ou estruturas apropriadas. Mas o que compõe essas condições de trabalho? O que as experiências dessas mulheres nos contam sobre a estruturação do futebol brasileiro? Para responder essas perguntas partirei das narrativas das futebolistas sobre: estrutura dos clubes – campos de treinamento e jogo, alimentação, equipe de funcionários e moradia; atendimento médico; calendário e rotina; contratos de trabalho e salários.

As vivências das jogadoras sobre as estruturas fornecidas pelos clubes que atuaram, como é de se esperar, são bastante diversas. Uma mesma atleta pode ter passado por clubes

⁵⁷⁷ PISANI, M. S. A circulação e os circuitos futebolísticos de jogadoras brasileiras. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, v. 31, 2020, p. 85.

⁵⁷⁸ WAHLBRINK, M. 2022

muito bem estruturados e com todo o suporte, mas também por agremiações bastante deficitárias no quesito estrutura. Essa variação da realidade dos diferentes clubes é uma permanência ao longo de todo o recorte temporal trabalhado. Da geração de Duda e Leda até Dayane e Thaisa, que jogam atualmente, todas passaram por clubes com estruturas distintas.

Por vezes os clubes mais estruturados eram dos ditos “times de camisa”, ou seja, times tradicionais do futebol espetáculo dos homens, por vezes esses mesmos clubes careciam(em) de estrutura apropriada para as mulheres. Agremiações que mantinham somente a equipe feminina também variaram na oferta desse quesito. A grande mudança foi quando se referiram aos times estrangeiros, sobretudo, europeus, onde atuaram. Foi um consenso sobre como havia uma grande preocupação e cuidado dessas equipes com a estrutura proporcionada às atletas. Abordarei especificamente a vivência delas no exterior, mas desses elementos é possível propor que a variação se relaciona com o processo inacabado de profissionalização do futebol de mulheres no Brasil assim como o efeito sanfona, característico da modalidade.

Durante a primeira fase da periodização proposta para esta tese alguns times se destacaram, o Internacional apareceu diversas vezes na imprensa esportiva – como visto constantemente era destacada a beleza de suas jogadoras – e o Vasco dos anos 1990 também, inclusive, por ter sido multi campeão. Duda e Leda atuaram respectivamente nas duas equipes. Sobre o Colorado Duda contou:

Naquela época também a comissão técnica era de 5 pessoas e olhe lá. Eu diria que era o treinador, o preparador físico, treinador de goleiro não, era um chutador de bola. Aí a gente teria mais o que? O médico. Mas paramos por aí. Um roupeiro, quando muitas das vezes o roupeiro foi a gente mesmo. (...) Não existia [o campo de treinamento]. A gente ainda no Inter, quando muito, aos sábados, a gente conseguiu campo Z, para treinar. E olhe lá. Quando muito não teria que treinar fora do estádio, fora do complexo. O futebol feminino, ele não era uma coisa... Para eles era um estorvo aquilo ali, era uma coisa que era só gastar dinheiro. Nem gastar, porque no caso era só um estorvo mesmo. Porque nem gastar dinheiro assim gastava⁵⁷⁹.

Comissão técnica reduzida, sem local adequado para treinamento, por vezes, sem acesso aos espaços do próprio clube e os dirigentes do clube com uma visão negativa sobre a modalidade, vista como “um estorvo”. Interessante o comentário sobre o roupeiro ou como muitas vezes elas mesmas precisavam cuidar de suas vestimentas. Marina comentou situação semelhante ao comparar a situação da Suécia com a do Brasil, pois em território nacional nas equipes femininas muitas vezes “cada uma leva o seu [uniforme] pra casa e lava”. Para pensar essa situação específica, é preciso considerar o déficit estrutural das equipes, pois não era só o roupeiro que não existia, havia outros problemas e ausências também, mas é difícil não

⁵⁷⁹ LUIZELLI, E. 2022.

acrescentar o componente ideológico, isto é, a normalização da ideia de mulheres realizando atividades domésticas, como lavar e passar roupas. Marina mesmo falou que isso não ocorre nas equipes de homens, pois a figura do roupeiro – aqui sim poderia ser um homem, mas realizando a ação de cuidar das roupas na esfera pública, do trabalho, e não dentro de casa – é completamente padrão.

Leda, por outro lado, retratou uma situação melhor no Vasco, sobretudo, no que diz respeito à composição de uma equipe multidisciplinar para atender a modalidade. A comissão técnica era mais completa, assim como a parte médica. Havia, contudo, um acúmulo de funções, que na visão dela, não impedia ou prejudicava a situação. Fez uma comparação com a situação atual dos clubes, constatando uma diferença de cunho quantitativo dos profissionais envolvidos.

No Vasco, a gente tinha preparador de goleiras, treinador e preparador físico. Três. E a gente começou a ter médico e fisioterapeuta. Isso exclusivamente do Vasco, então, era: preparador físico, auxiliar técnico também, tinha treinador, fisioterapeuta e médico. E aí, o que que acontecia? Nutricionista: não existia. Tudo o que era questão médica estava dentro do médico. Era nutrição, era fisioterapia, enfim. Mas é... completamente diferente de um cenário que a gente vê hoje, né? A gente vê, às vezes uma comissão técnica com onze componentes, como se fosse um time completo ali de dentro do campo. Na nossa época as coisas eram assim bem acumuladas. As funções eram muito acumuladas, mas dava certo, a engrenagem funcionava⁵⁸⁰.

Marina recordou da sua passagem pela Ferroviária em 2014 com uma equipe multidisciplinar bastante completa. Além dos profissionais da comissão técnica, do grupo de médicos, do roupeiro comentado acima, ela destacou a equipe de marketing para cuidar da divulgação e ações midiáticas e administrativa do clube, aspecto associado àquele momento do futebol de mulheres de crescimento da sua mercantilização:

Em Araraquara quando eu finalizei [a carreira] em 2014, eu tive uma equipe interdisciplinar que trabalhava conosco. Então, eu tinha o técnico, o auxiliar, o preparador físico, auxiliar do preparador físico. Os médicos fisioterapeutas, que nos clubes muitas vezes eles não ficavam o tempo todo conosco, mas eu tinha sempre alguém ou algum fisioterapeuta que estava junto para auxiliar caso acontecesse. E o massagista também a gente sempre tinha. Tinha um rapaz que pegava a bola, tinha um rapaz que trabalhava com o nosso uniforme, que depois que você trocasse, acabava de jogar, deixava ali uniforme e eles colocavam para lavar. (...) Aí tinha o setor de marketing, que agora o futebol feminino começou a ser visto como um produto. Isso era bom porque eu estava o tempo todo na mídia e tem o setor de gestão e administrativo que fazia toda a parte de pagamento, toda a parte de contratação, de conversação com as federações⁵⁸¹.

Sobre o time que joga atualmente, o Rovigo Orange de futsal, Dayane elogiou a equipe técnica e médica: “Nós temos um fisioterapeuta muito bom. Nós temos um preparador físico também muito bom, top. Nós temos uma auxiliar técnica também, que é uma italiana, que ajuda

⁵⁸⁰ ABREU, L. 2022.

⁵⁸¹ AGGIO, M. 2022.

o nosso treinador”⁵⁸². Mas fez questão de fazer uma ressalva: aquela era a realidade do time dela, não poderia comparar com outras equipes, pois tinha conhecimento que algumas não têm fisioterapeuta e o treinador acumula função de preparador físico. Lembrou positivamente de como era esse aspecto no Lyon: “eu tinha dois preparadores físico, eu tinha dois psicólogos, eu tinha dois treinadores. Era uma coisa totalmente diferente”.

Com relação aos equipamentos e locais de treinamento Dayane contou também sobre a sua situação atual:

A quadra é muito boa, é uma quadra que no frio é aquecida. A gente tem toda a estrutura, acabou o treino, dá pra tomar banho lá no campo. Porque aqui, frio, neve. Então, a gente tem essa mentalidade. Tem uma academia perto ali do centro da cidade, uma academia grande, boa, a gente vai pra academia, mas a gente tem o nosso preparador físico que segue a gente, né. A gente faz mais um trabalho voltado para o crossfit, ele usa bastante exercícios voltados pro crossfit. É uma coisa que vem dando resultado. A gente está conseguindo chegar no final da temporada, todo mundo inteira, sem lesão e bem fisicamente, sabe? E é isso.

É citada a quadra aquecida, pois como vale lembrar, Dayane joga futebol de salão no momento. De toda forma, é bastante perceptível que ela e as demais jogadoras possuem um suporte apropriado para seus treinamentos e cuidados com o corpo. Jatobá também comentou sobre a estrutura dos clubes pelos quais passou para enfrentar o frio europeu:

Bom, no Brasil é de terrão e começando a melhorar depois. A gente vê muito hoje ainda alguns clubes aí treinando em situações complicadas, como era também na minha época, mas também tinha alguns gramados bons, mas em dias de jogos, porque em dias de treinamentos os gramados estavam aí bem “judiados”. Bom, fora do país se treinava muito em grama sintética pelo fato do frio e para manter também o gramado para os jogos e a manutenção muito especial porque faz muito frio, então arrebenta com gramado. Então, a gente treinava durante a semana em grama sintética e os jogos no final de semana eram em gramas naturais. Os campos eram muito bons. Os gramados que depois de um certo tempo do campeonato em andamento, ele começava meio que se desgastar no período invernal. Porque neve, frio, chuva. Então, para manter mesmo eram mais complicados. Mas mesmo assim, a estrutura: vestiário, campo, estádio, muito boa lá fora. Aqui eu acredito que tem melhorado muito e está num crescimento aqui no Brasil⁵⁸³.

O treinamento em grama sintética era uma saída para evitar o desgaste dos gramados naturais, devido às condições climáticas. A academia e o estádio também foram elogiados. Jatobá comentou ainda sobre os campos brasileiros pelos quais atuou. Percebe-se uma variedade, alguns de terrão e outros que foram melhorando ou eram bons, mas usados somente para os jogos e não treinamentos. Mas traça uma perspectiva positiva de melhora recente e para o futuro. Acerca do presente, há o relato de Thaisa sobre o clube onde joga atualmente:

Hoje aqui no Flamengo, quando eles me apresentaram o projeto, não era tão verdadeiro como o que eu peguei. Foi até uma tristeza, mas assim, o que hoje eu tenho

⁵⁸² ROCHA, D. 2022.

⁵⁸³ JATOBÁ, S. 2022.

brigado muito é por isso, por exemplo, a gente treina no CEFAN, que é o centro de treinamento da Marinha. Eles falam lá: “você têm um campo só para vocês e tal”, mas realmente não é um campo só profissional, é tudo uma mistura. São 2 campos para todas as categorias sub-20, sub-17, sub-15, sub13. (...) Eu acho que nem o Palmeiras... Eu sei porque eu converso com as meninas. O clube de verdade, que realmente dá o que a gente merece é o Corinthians. Entendeu? O Flamengo me prometeu, não deu, mas eu estou aqui hoje, não só eu, como outras atletas que eles trouxeram nessa leva, que foi a minha leva agora que a gente chegou, a gente está brigando por essa melhoria, pelo menos para a gente estar no centro de treinamento do masculino. Pelo menos o profissional, para que? Para que essas meninas também possam desenvolver, para ter um sonho no dia de chegar aonde a gente tá brigando pra tá, que é no centro de treinamento do masculino⁵⁸⁴.

A fala é bastante reveladora das contradições da terceira fase do futebol de mulheres brasileiro (de 2019 em diante). Há o investimento e o interesse dos clubes (maior do que em fases anteriores), o estabelecimento de projetos ambiciosos, como a vinda de jogadoras de sucesso para a equipe como foi o caso da Thaisa e outras atletas chegadas recentemente no Flamengo, contudo, há ainda carências e problemas na estrutura. Isso quando as atletas não se decepcionam com propostas não cumpridas e precisam se mobilizar para alcançar esse mínimo. A mobilização feita pelas jogadoras é destacada na fala dela e pensando na estruturação da modalidade para atletas futuras. Esses aspectos demonstram as permanências da modalidade no Brasil.

É interessante pontuar a diferenciação feita por Thaisa com relação ao Corinthians, na sua percepção, o único que “dá o que a gente merece”. Em 2016, o clube voltou a investir no futebol de mulheres em parceria com o Grêmio Osasco Audax. Foram duas temporadas com esse formato e com resultados positivos: a conquista da Copa do Brasil em 2016 e da Copa Libertadores em 2017. A partir de 2018, a parceria foi desfeita e o Corinthians resolveu bancar sozinho o projeto. Houve um alto investimento e garantia de uma estrutura de qualidade. As conquistas vieram em decorrência: Brasileiro (2018, 2020, 2021, 2022), Paulista (2019, 2020, 2021) e Libertadores (2021). Thaisa aponta como um dos diferenciais o apoio da gestão do clube e dirigentes: “Corinthians, eu vejo hoje tem a diretora do lado deles, a Cris, não sei o nome dela, é Cris alguma coisa [Gambaré]. Ela realmente briga pela modalidade. O presidente do Corinthians realmente gosta da modalidade”.

Com relação à moradia e alimentação destacou-se a fala positiva de Carla sobre o Kindermann:

Eu fui para o Kindermann. O Kindermann também era um dos três primeiros colocados do país, tinha vindo de um título da Copa do Brasil. Aí eu encontrei um clube onde se acabasse o gás domingo à noite, se você ligasse pro dono do time, falando: “acabou o gás”, aparecia um gás na casa, sabe? Comida, não faltava, despensa não era trancada. No Kindermann era comida de primeira qualidade. Você

⁵⁸⁴ MORENO, T. 2022.

morava no alojamento que não era tudo muito apertado, logo atrás do campo e tinha um treinamento de força na academia. Era uma academia, a gente precisava usar a van para se deslocar, mas sempre ok, tudo que era combinado era cumprido em relação ao dinheiro. Em relação à alimentação, em relação à estadia, passagem de ida e volta⁵⁸⁵.

O Kindermann na década de 2010 foi um dos grandes destaques do futebol brasileiro. Além da conquista da Copa do Brasil, em 2015, o clube foi vice-campeão brasileiro em 2014 e 2020 e chegou nas quartas de final da Libertadores em 2021. O time é da cidade de Caçador em Santa Catarina – atualmente tem parceria com o Avaí de Florianópolis – e a partir da fala de Carla demonstrou ofertar boas condições de trabalho para suas atletas, ao menos nesse período. Marina deu uma visão geral sobre moradia ao longo de sua carreira:

Porque nos primeiros dez anos eu morei nos clubes aonde eu atuei. Nos últimos dez anos eu já conseguia ter um espaço só meu. Ou seja, eu pagava um aluguel fora dos locais aonde eu morava. Porque a gente vai passando muito tempo do lado das meninas e nos primeiros dez anos foi muito legal morar com tanta gente, nos últimos dez anos que eu estava mais velha, eu já queria meu próprio espaço. Eu já não queria acordar com ninguém abrindo a porta. Eu não queria usar o mesmo banheiro que todo mundo estava usando. Coisas de atletas, porque as pessoas não compreendem que às vezes, nesses locais onde nós estamos falando que é profissional ainda assim, por trás dos bastidores, isso não acontece de forma linear, igual acontece no masculino. No masculino cada um vive no seu espaço. Muitas vezes tem a casa do atleta, também. Não foge muito dessa regra. Mas as meninas, eu vivi 10 anos com elas e depois vivi dez anos sozinha. E aí, dentro dessa minha rotina sozinha, que eu gostava de viver sozinha, às vezes morava com duas ou três só para dividir o aluguel, mas ainda assim cada uma com o seu quarto, cada uma com seu banheiro, na cozinha sabia que ninguém ia pegar coisas de ninguém⁵⁸⁶.

Como visto anteriormente, Marina estabeleceu essa periodização na sua carreira, os primeiros dez anos vivendo com o básico e os dez seguintes bem mais estruturada. A divisão fica clara também ao relatar sobre os espaços onde morou. Na primeira fase da carreira vivia nos alojamentos ofertados pelos clubes, dividindo com as companheiras de equipe. Quando alcançou condições financeiras melhores – já mais velha também – nos clubes passou a alugar um espaço só seu. Ou no máximo dividindo com duas ou três pessoas. Mas prezando pela sua autonomia e aproveitando que o seu salário bancava isso.

O futebol é uma prática incorporada na atleta. Futebolistas trabalham *no* corpo e *com* o corpo. Precisam desenvolver o seu capital corporal, pois é o capital corporal que lhes permite melhores posições dentro do campo esportivo e pode ser convertido em capital econômico. É óbvia a centralidade do corpo no trabalho das jogadoras, por isso há todo um cuidado e dedicação envolvidos. Nas palavras de Marina: “Eu cuidava muito daquilo que eu tinha. Porque eu sabia que o meu corpo era a fonte de renda que eu teria para esse ano.”⁵⁸⁷. Em decorrência

⁵⁸⁵ OLIVEIRA, C. 2022.

⁵⁸⁶ AGGIO, M. 2022.

⁵⁸⁷ Ibidem.

disso, o atendimento médico ofertado pelos clubes é uma das condições de trabalho mais fundamentais, inclusive, porque lesões podem significar a interrupção prematura da carreira. O trabalho de prevenção, relacionado à preparação física, também é de suma importância.

De maneira geral, é possível afirmar uma oferta adequada de atendimento médico às atletas entrevistadas. Todas em grande parte da carreira passaram por times que prestavam esse atendimento. Poderia ocorrer de diferentes maneiras: dentro do próprio clube havia toda a estrutura médica; o clube bancava atendimento particular com profissionais da saúde; convênio ou parceria com hospitais e planos de saúde para atender as jogadoras; versões híbridas, com alguns profissionais dentro do clube, como médicos e fisioterapeutas, e o resto da cobertura de saúde realizada pelo plano ou particular, devidamente financiado pela agremiação. Contudo, algumas jogadoras também relataram situações problemáticas nesse quesito, que afetaram sua performance e revelam a existência de condições inadequadas de trabalho.

Quando perguntada sobre essas questões de saúde prestadas pelos clubes, Duda escolheu relatar sobre a sua passagem por equipes italianas. Lá havia um convênio com uma clínica de fisioterapia e as atletas poderiam fazer os tratamentos necessários na clínica, mas não existia um departamento próprio dentro do clube. A explicação dada por ela para essa situação é o semiprofissionalismo existente no futebol de mulheres da Itália naquele contexto da virada dos anos 1980 para 1990. Leda também nos anos 1990, quando jogava futsal pela Sabesp e havia acabado de jogar um campeonato de futebol de campo com a Portuguesa, contou sobre uma lesão séria: um entorse no joelho, que lesionou o ligamento colateral medial. Ficou afastada para tratamento por aproximadamente seis meses, mas celebrou não ter precisado de cirurgia. Relatou sobre como foi o atendimento médico naquela situação e em outros momentos da carreira:

Nessa época eu tive a cobertura da Sabesp, que foi por onde eu me lesionei. E aí como as comissões técnicas eram praticamente as mesmas pessoas, Lusa e Sabesp, eu consegui fazer o meu tratamento todo dentro da Lusa, todo. Eu fui no melhor médico, eu tive que fazer ressonância e toda a parte de fisioterapia eu fiz dentro da Portuguesa. Vasco: toda a questão de lesão, a gente tinha um suporte, toda a estrutura do Vasco. A gente tinha dentro do Vasco. Agora daí para trás, esquece. A minha sorte é que eu nunca tive uma lesão séria, mas tive várias entorses de tornozelo. E a gente jogava... Tipo, tive entorse de tornozelo hoje: tu colocava o gesso amanhã ou particular ou pelo clube e daqui duas semanas eu ia lá, arrancava o gesso. Aí enfaixavam o tornozelo e ia lá, jogava bola. Você não tinha aquele período de transição, você sai, você se machuca e você sai do departamento médico, você vai para a fisioterapia, aí você vai pra o preparador físico ou você tá entregue lá pra comissão técnica pra jogar. Às vezes melhorava só clinicamente. “Está com uma dorzinha? Vamos embora. Vamos jogar bola”⁵⁸⁸.

⁵⁸⁸ ABREU, L. 2022.

Para a reabilitação do joelho após o entorse teve todo o tratamento de qualidade realizado na Portuguesa, em uma espécie de parceria com a Sabesp, por serem os mesmos responsáveis. O Vasco disponibilizava a estrutura do clube para as atletas⁵⁸⁹ já naquela época. Mas Leda destacou como antes de chegar na equipe vascaína as situações de lesão não eram tratadas de maneira apropriada. Faltava uma transição correta pós lesão para retornar aos treinos e jogos. As dores sentidas também eram negligenciadas. E algumas vezes quem bancava o atendimento médico era a própria atleta. Lembro da fala de Leda sobre como levou onze anos de carreira para se sentir profissional, foi justamente a chegada no Vasco, quando passou a receber salário, que a fez se sentir assim. Não se deve desconsiderar além do fator salário as condições fornecidas pelo clube para a profissionalização das atletas, por isso a estrutura e atendimento médico adequados fornecidos pelo Vasco se destacam.

Maravilha contou sobre a cirurgia que precisou fazer e como foi o atendimento médico:

A Sport Promotion deu essa condição muito boa e nos respeitavam muito. Olha, a gente machucava... se alguém se machucasse, tinha todo o suporte, recebia salário. Se tivesse que fazer cirurgia, tivesse que fazer fisioterapia, tinha todo o suporte. Eu lembro que até em 99, quando eu voltei do mundial dos Estados Unidos, eu jogava no São Paulo. Eu voltei do Mundial, cheguei no São Paulo e tive uma lesão de menisco e aí o São Paulo me largou. Na hora que eu machuquei me largaram. Isso era por causa da coordenação que tinha, porque o São Paulo sempre foi um clube que deu muito suporte, mas aí era a nossa supervisora que não era muito boa, né? Tinha outros interesses. Aí eu machuquei no São Paulo e fiquei mais de meses sem ter um exame, só fazendo fisioterapia no clube e aí eles me encaminharam para o médico, o doutor Moisés Cohen, que é um médico muito famoso de São Paulo. Faz cirurgia de vários atletas. Eles me levaram até esse médico e ele quando eu entrei no consultório dele, disse assim “não, eu vou fazer tua cirurgia, nem que seja de graça”. Aí ele disse “ó, a única coisa que eu quero é a camisa do clube que tu vai jogar depois”. Ele fez a cirurgia de graça. O São Paulo só pagou o quarto do hospital para eu ficar um dia de internamento. Só que eu já saí do hospital e quando eu estava no clube, eu precisava ir até eles, me deram 15 dias de fisioterapia na clínica dele. Eu entrava às 8 da manhã, saía às 7 da noite, eles me davam um almoço na clínica, davam lugar para dar uma descansada depois do almoço, para tarde fazer de novo. Então, a Sport Promotion me deu dinheiro para eu pagar o táxi para ir para a clínica dele e voltar. Assim, a amizade que eu construí com as pessoas que trabalhavam na Sport Promotion, os donos, foi tão grande que eles me admiravam muito pela minha entrega, por aquilo que eu fazia.

Há várias nuances nesse relato. Primeiramente, o São Paulo, time onde jogava na época da lesão. Em sua fala, era um clube estruturado e que fornecia o suporte para suas atletas, porém, naquela situação específica isso não aconteceu graças à ação individual de uma supervisora “que não era muito boa”. Não temos como saber as entranhas da gestão esportiva são paulina, de toda forma, como contou Maravilha, ela ficou meses sem fazer exame adequado e só depois foi encaminhada para avaliação médica. Conseguiu realizar a cirurgia e o tratamento de fisioterapia, de maneira gratuita, e os deslocamentos até a clínica eram pagos pela Sport

⁵⁸⁹ O time de homens do Vasco nos anos 1990 teve muito destaque e conquistas. Era um dos principais times do país.

Promotion. Empresa que no final dos anos 1990, como vimos, teve significativa atuação no futebol de mulheres brasileiro, organizando os campeonatos paulistas e estruturando a Seleção Brasileira. A goleira ainda cita a amizade estabelecida com “os donos” da Sport Promotion. A relação começou ainda quando ela foi jogar pelo Saad, levada por Romeu de Castro, nome forte da empresa.

Marina e Jatobá relataram que os clubes, destacando-se os europeus, sempre assumiram com responsabilidade o atendimento médico prestado às atletas. Marina falou como isso já estava previsto até no contrato de trabalho:

Principalmente na Suécia, a cláusula já dizia que se eu me machucasse jogando futebol ou participando de eventos daquele clube, o clube tinha por obrigação fazer toda a parte de tratamento. E fazer com que eu voltasse em campo. Então, tudo estava na cláusula. Não era um médico, não era um plano de saúde em específico, era o próprio clube que se responsabilizava por fazer com que eu retornasse aos campos depois da lesão⁵⁹⁰.

Jatobá complementou com a sua experiência: ou o clube possuía convênio de saúde e dava conta do tratamento ou era o próprio departamento médico da instituição. E acrescentou: “quando eu tinha carteira ou contrato meu salário continuava o mesmo. Eu continuava tratando e não interferia em nada”⁵⁹¹. É uma informação relevante, pois além do time ter a responsabilidade de arcar com os custos do tratamento em caso de lesão, o afastamento dos gramados não era motivo para ficar sem recebimento de salário. O que dava segurança para as atletas. Jatobá contou que isso não ocorria quando atuou por times amadores, se não jogasse, independente se fosse por lesão, não ganhava o dinheiro combinado.

Carla passou por situações bem distintas ao longo da sua carreira com relação ao atendimento médico. Quando atuava no Campo Grande não havia equipe especializada, então, em caso de lesão as jogadoras eram encaminhadas ao SUS. Na Seleção Brasileira havia toda a estrutura necessária, inclusive, de prevenção de lesões e caso alguém se machucasse, o tratamento seria custeado pela CBF. E na Marinha: “tem a estrutura militar. O que a gente precisava tinha que ir no hospital Marcílio Dias. Eu nunca usei muito, só para aqueles exames básicos. Mas tinha os ambulatórios, ambulatórios menores e tinham um grande hospital, caso precisasse”⁵⁹². Nos dois times da região Sul onde jogou teve experiências opostas. No Kindermann: “a gente tinha fisioterapeuta no clube. A gente não tinha plano, mas tudo o que precisasse o clube custeava. ‘Olha, eu preciso de algum exame’ ou se estivesse alguma lesão, o clube custeava”. Já no Foz Cataratas:

⁵⁹⁰ AGGIO, M. 2022

⁵⁹¹ JATOBÁ, S. 2022.

⁵⁹² OLIVEIRA, C. 2022.

O Foz Cataratas me surpreendeu muito negativamente, porque era um time que estava entre os 3 primeiros do ranking. Tinha tido a passagem da Erika, tinha feito final com o Santos de Marta e eu cheguei lá e era um time muito mal administrado. Eu tive que esperar pela cirurgia do meu joelho. Porque quando você chega no clube, o clube oferecia um plano de saúde bom, parceria com a Itaipu. Então, nosso plano era Itamed, só que a documentação do meu plano não tinha ficado pronta quando eu lesionei, eu ainda não tinha plano de saúde. (...) Era esse nível de amadorismo que eu encontrei no Foz Cataratas. Fisioterapia que eu fiz lá, não foi boa, foi por isso que eu tive que operar novamente. Na teoria, foi por isso, porque quando você faz uma ressonância aqui, diz que a cirurgia foi ok, significa que a recuperação da cirurgia é que foi um problema. Não era uma fisioterapia especializada de atleta.

Carla denuncia como um problema de gestão e administração afetou o seu tratamento médico após uma lesão no joelho. Destaca a má administração e o amadorismo – em um sentido pejorativo – do clube. E no quesito médico, a fisioterapia inadequada para o tratamento de futebolistas. Além disso, a jogadora destacou outro problema envolvendo a sua recuperação médica:

Continuava recebendo [salário]. No Foz eu passei por uma situação que foi assim: eu continuei recebendo normal. Antigamente, dizia-se que a recuperação de LCA⁵⁹³ era de seis meses. Hoje, o protocolo já é de 8 meses. Quando chegou no meu sétimo mês eles começaram a acelerar meu processo e me botar pra [jogar] coletivo. Porque a partir do momento que eu voltasse a jogar, eu poderia ser demitida. E aí eu não tinha condição de jogar o coletivo. Eu não tinha, eu não tinha a extensão da perna, eu corria manca. Daí eu pedi, eu fui ao médico, que me operou e falei. Ele pediu uma nova ressonância e ele atestou que eu precisava de uma nova cirurgia. Mas o Foz em todo momento ficou dificultando porque eles queriam se livrar de mim. A verdade é essa. (...) No fim do processo da primeira cirurgia, eles queriam me mandar embora, mas não funcionou. Tiveram que arcar com o meu tratamento da segunda cirurgia. Só depois disso eu vim embora.

De acordo com o relato de Carla, além do problema com o atraso para o início do tratamento, da fisioterapia inadequada, o clube ainda buscou formas de acelerar o retorno dela para os campos, pois assim haveria precedente para demiti-la. Foi contando esse caso que ela revelou ter ganhado o apelido de “criadora de motins”, pois era um “problema duplo” para o time, pois não estava apta para jogar e suas mobilizações e demandas por direitos tumultuavam o ambiente e dificultavam para a gestão do clube. Mas não é de se estranhar o impulso de reivindicar condições adequadas, pois envolvia uma questão de saúde e do corpo, o principal instrumento de trabalho das jogadoras.

Dayane e Thaisa relatam sobre as situações recente e atual desse quesito. A primeira informou que o seu clube disponibiliza, médico, fisioterapeuta, seguro saúde, o qual garante a cobertura de todas as despesas médicas e também do salário no período de afastamento. A segunda comentou sobre uma lesão grave na coluna ocorrida durante a quarentena da pandemia de COVID-19. Ela estava na Espanha e contou como o “lockdown” foi bastante severo, elas

⁵⁹³ Lesão no Ligamento Cruzado Anterior.

não saíam para a rua ou CT e, por isso, o treinamento era feito dentro de casa. Em um dia de treino senti um impacto e travou a coluna. Foi necessária a realização de cirurgia e seis meses de recuperação. Mas foi bastante elogiosa sobre a estrutura e atendimento médico proporcionados pelo Real Madrid:

Eu não posso citar o Real Madrid, porque eles realmente foram uma coisa assim, que eu vivi, que eu acho que todo o clube feminino tinha que ser assim. Lá era sensacional, dentro do centro de treinamento do Real Madrid tem tudo. Você tem ressonância, você tem tudo o que você precisava. Como eu comentei com você: aqui estava o Zidane, aqui estava a gente [sinal com as mãos para demonstrar divisão espacial em dois quadrantes diferentes]. É só atravessar que a gente estava ali no centro de treinamento do masculino. Eles tinham literalmente tudo. O plano de saúde, tudo que você queria, ele tinham. Todo tipo de médico, odontologia, tudo, podólogo. Aqui no Flamengo, eu tenho um plano de saúde também, que eu tenho tudo. Se eu machucar, eu tenho um plano de saúde, então eu sei que eu estou assegurada, mas antigamente não, antigamente era mais complicado. Você machucava, ficava esperando, entendeu? Não tinha plano de saúde, era um outro clube que tinha plano de saúde. Hoje em dia eu me sinto mais segura e o Flamengo, graças a Deus ele tem cumprido com esses quesitos.

O Real Madrid é um dos times mais ricos do mundo. De acordo como o tradicional relatório da Deloitte Football Money League, o clube espanhol teve uma receita superior a € 700 milhões na temporada 2021/2022⁵⁹⁴. O projeto da equipe feminina é recente, iniciou somente em 2020 quando anexaram o CD Tacón, um time de mulheres também de Madrid. Com a criação da equipe de mulheres, elas passaram a usufruir de toda a estrutura do clube da mesma forma que os homens e como Thaisa relatou tem bastante qualidade nas dependências e suporte médico.

No Flamengo, onde joga atualmente, dispõe de plano de saúde, o que lhe dá segurança e comparou com situações anteriores, nas quais poucos clubes disponibilizavam essa seguridade. Contudo, destacou que diferente do Real Madrid e até do Roma, no Brasil nunca teve acompanhamento nutricional e psicológico. Por isso investe do próprio dinheiro em um nutricionista, psicólogo e até fisioterapia separada do clube, pois segundo ela, o Flamengo tem 3 ou 4 fisioterapeutas para várias categorias, inclusive, a equipe de mulheres e esses profissionais não dão conta da demanda. Ainda mais que graças a cirurgia feita anteriormente ela requer atenção especial.

Organização de competições e um calendário bem planejado de partidas são elementos básicos para a estruturação de um esporte. Se uma modalidade possui mais jogos e mais competições a tendência é uma intensificação do vínculo com seus torcedores. As exigências com relação às jogadoras também são alteradas, há uma maior preocupação com rendimento e eficácia e há implicações diretas nas condições de trabalho e no cotidiano delas.

⁵⁹⁴ Disponível em: <https://www2.deloitte.com/uk/en/pages/sports-business-group/articles/deloitte-football-money-league.html> Acesso em: 20 abr. 2023.

No circuito do futebol de mulheres brasileiro é perceptível a dificuldade histórica na organização dos torneios e na configuração de um calendário contínuo e adequado. O que se relaciona ao processo inacabado (incipiente?) de profissionalização e à falta de vontade política dos dirigentes homens em construir efetivamente a modalidade, vista não como um futebol “de verdade” ou como caridade. É preciso lembrar, tais tarefas pertencem à esfera da gestão e administração, fortemente dominada e ocupada pelos homens, mesmo no circuito do futebol de mulheres. Há um impacto de tudo isso nas condições de trabalho das jogadoras e também nas suas condições de vida, pois estamos falando de rotina e atividades diárias, folgas e férias.

A possibilidade de encerramento dos times ou o fato de não renovarem com o plantel ou ainda o não cumprimento do que fora acordado fazia com que muitas atletas ficassem períodos sem jogar, como conta Jatobá: “Bom, no Brasil era aquela coisa maluca. Eu estava de férias forçadas porque eu não tinha clube. Quando você tinha os campeonatos eram picotados. Então, você tinha um tempo dizendo, digamos assim, para encontrar clubes”⁵⁹⁵. A instabilidade, na sua visão, acabava gerando “férias forçadas”. Mas na realidade era uma situação constante ou intermitente de desemprego vivenciada por várias futebolistas em momentos distintos da carreira. O que causa insegurança e sofrimento psicológico, além dos transtornos econômicos.

Sobre as férias “reais” Jatobá contou como era quando jogava na Europa, especificamente, na França:

A temporada é gigante. Então você disputa três campeonatos. Campeonato Francês, Copa da França e Champions League. São três campeonatos durante o ano. Você começa a pré-temporada no mês de junho, julho. Campeonato começa agosto ou setembro e termina em maio, junho do ano seguinte. Então, para mim, era muito maluco, porque quando eu vinha para o Brasil era só Natal e Ano-Novo. Eu vinha, por exemplo, chegava no Brasil dia 22 de dezembro, passava Natal e dia primeiro já voltava para a França porque o campeonato lá já estava dando continuidade. Dia 15, mais ou menos, a gente voltava para treinar. Dia primeiro, nossa, quando a gente voltava dia 2 era uma maravilha, porque a gente tinha esse tempinho de folga. E quando estava com a Seleção, eu fazia o seguinte: quando acabava a temporada lá que acabava no mês de maio ou junho, tinha os campeonatos pela Seleção. Então eu já ia direto para a Seleção fazer os campeonatos que tinham e quando acabava os campeonatos com a Seleção eu já tinha que voltar para lá porque estava começando novamente. Então, às vezes emendava assim, às vezes eu tinha, sei lá, uma semana estourando, às vezes não tinha nem uma semana de folga. Então era bem pegado mesmo, super corrido.

Aqui já é uma situação distinta, pois havia campeonatos estruturados e um calendário bem definido, com ao menos três competições. O problema neste caso é o contrário: as férias ficaram muito reduzidas e se tivesse convocação para a Seleção Brasileira podiam até não acontecerem. O que, obviamente, é bastante desgastante. Férias são direitos trabalhistas

⁵⁹⁵ JATOBÁ, S. 2022.

garantidos e fundamentais para o descanso. Duda descreveu situação semelhante. Quando jogava na Itália as férias eram programas antecipadamente, porque os calendários também eram feitos com antecedência, por isso, chegava a ter até dois meses. Contudo, era justamente nesse período que jogava na Seleção Brasileira. Acabava “perdendo” as férias. Marina especificou como era quando jogava na Suécia:

Nunca ganhei nada para ter férias. As equipes encerravam os contratos e aí te contratavam para janeiro do ano que vem. Então, eu encerrava em dezembro, ficava um mês sem receber e voltava em janeiro a receber, trabalhava para receber. (...) As férias por si só eu vinha para a casa da minha mãe, ficava aqui um mês, principalmente, quando morava na Suécia, ficava um mês, um mês e meio e eu me mantinha em treinamento aqui. Eu tinha ali um período de dez dias de folga, de descanso. E aí, quando era primeiro de janeiro, a equipe do clube já me mandava um cronograma de treinamento que eu tinha para quando chegasse na Suécia eu já tivesse, não em alta performance, mas numa crescente para alta performance, porque se eu chegasse lá e fosse fazer toda a parte física, ainda mais em janeiro que janeiro é um mês que estava -30°, muito frio, então eles queriam que a gente treinasse no Brasil para chegar lá numa crescente. Nesse período que eu treinava no Brasil, o meu salário era cortado pela metade. Mas eu ganhava para treinar aqui.⁵⁹⁶

As férias, na realidade, eram um período em que ela ficava sem o contrato, pois só seria renovado ou assinado um novo contrato na virada do ano, a partir de primeiro de janeiro e nesse momento já deveria retornar aos treinos, mesmo que não estivesse na Suécia. Assim, restavam poucos dias de descanso efetivo. Dayane, por outro lado, expôs uma situação mais equilibrada. No final do ano há uma pausa entre Natal e Ano Novo de três a quatro dias e as férias mesmo são no final de junho: “a gente está livre para fazer o que quiser até começar outra temporada, mais ou menos três meses de férias”. Como é um período relativamente longo, ela contou que tira um mês para trabalhar em outra atividade e depois vem para o Brasil e sempre que possível realiza uma viagem turística.

Ainda com relação ao calendário de competições, Leda narra a realidade da primeira fase da periodização proposta nesta tese:

Mas o extracampo era complicado. Você lutar contra essas barreiras, a questão de ter mais campeonatos, porque a gente não tinha campeonatos para jogar. A gente jogava, treinava um ano inteiro para jogar dois campeonatos, um campeonato estadual e uma Taça Brasil que durava duas, três semanas. Hoje a gente vê um cenário completamente diferente. Não é ideal ainda. Está longe de ser ideal, mas muito melhor. Inclusive, eu estou com você, mas estou preparada para depois assistir a Libertadores feminina. Na nossa época não existia Libertadores feminina, não existia, não existia Pan-Americano, a gente sentia muita falta dessas competições. Por isso eu acredito que a gente jogava simultaneamente o futsal e o campo. Porque a gente queria jogar bola, então se você jogasse só um segmento, que fosse o campo ou futsal, você ficava muito restrita. Era isso que a gente sentia muita falta: de competições, de jogar, jogar, jogar, jogar e terem mais e mais espaços pra gente jogar⁵⁹⁷.

⁵⁹⁶ AGGIO, M. 2022.

⁵⁹⁷ ABREU, L. 2022.

A ausência de campeonatos, naquela época restritos a um âmbito mais regional e eventualmente nacional, fez com que elas estabelecessem estratégias para seguir no futebol, uma delas foi justamente jogar tanto no campo quanto nas quadras. Como visto no capítulo dois, o futebol de salão foi bastante presente na carreira de diferentes atletas da geração pioneira, inclusive, supriu um vácuo de alguns anos do futebol de campo. Leda seguiu jogando os dois por vários anos da carreira ainda e contou sobre a rotina para conciliar ambos:

Jogava o campo no sábado e o futsal no domingo. E nem sempre jogava no mesmo time, eu jogava em times diferentes. Eu jogava no América no sábado campo e no domingo eu jogava no Radar, no futsal. Então, uma pessoa jovem tinha disposição, não é? Em épocas para trabalhar, treinar e jogar em duas vertentes. Mas eu vou te falar assim, mais especificamente da época do Vasco e Sabesp. Eu treinava a semana inteira no Vasco. Às vezes eu tinha que treinar na Sabesp em São Paulo. Eu treinava de manhã no Vasco, viajava para São Paulo, treinava à noite. Voltava no dia seguinte, já ia treinar de manhã pelo Vasco. Pelo menos uma vez por semana, eu tinha que fazer isso porque a Sabesp me pagava e o Vasco me pagava, certo? E aí o que acontecia? Final de semana eu jogava com Vasco no sábado, futebol de campo e no dia seguinte eu tinha que jogar futsal. Campeonato pela Sabesp, eu saía do campo aqui do Rio de Janeiro, viajava para São Paulo para jogar o campeonato lá no dia seguinte. Ia e voltava no domingo, às vezes direto, na segunda-feira direto já para treinar no Vasco (...) Eu só vivia do futebol e aí era essa correria. Tinha dias... porque eu ia de carro, eu saía de casa, jogava sábado aqui [RJ], campo, descansava um pouquinho, sabe? Domingo de manhã pegava o meu carro. Saía de casa 4h30 da manhã, 5 horas da manhã pra chegar em São Paulo, 11 horas, meio-dia para jogar 1 da tarde na federação, que era ali pertinho, na Marginal. Jogava e vinha embora dirigindo. Chegava em casa 10, 11 horas da noite e descansava pra segunda-feira tá treinando no Vasco. Enfim, era essa rotina.

Sem dúvida uma rotina bastante acelerada e cansativa. Era uma forma de se manter financeiramente através do futebol, mesmo que envolvesse deslocamentos interestaduais e jogar em futebolis distintos. Apesar da correria ela contou da felicidade com aquela “rotina maravilhosa” que ela e “outras tantas faziam com o maior prazer, era gostoso demais viver isso” e sempre com “um sorriso aberto, largo e feliz da vida”. Poder viver só de futebol era a realização de um sonho de Leda e de suas colegas, a despeito de todas essas dificuldades, por isso desenvolviam estratégias distintas para dar conta das condições existentes.

Sobre a rotina das jogadoras a realidade atual é distinta, como retratou Thaisa:

Na Espanha sempre dava um dia de folga após o jogo, sempre um dia. Eu não lembro quantas folgas exatas a gente tinha que ter por mês, mas na Espanha, no mínimo eram umas cinco por mês a gente tinha. Aqui no Brasil também, como tem a carteira assinada no Flamengo. Mas às vezes, vou dar um exemplo: eu joguei na terça e eu tenho jogo no sábado. Eu não vou ter folga essa semana. A gente não tem. Tem semanas que eu preciso fazer duas semanas direto, porque a gente tem jogos quarta, sábado, entendeu? Só que daí o que que eles fazem? Eles dão três, quatro dias de folga quando a gente pode. Mas isso eu acredito que seja porque quem organiza a CBF ou a federação carioca, é muito desorganizado, é muito desorganizado! Não é como na Espanha ou nos Estados Unidos, que já sai uma programação do ano todo, aqui não acontece isso. Infelizmente. Eu vejo que a federação e a Confederação Brasileira, elas precisam organizar melhor o nosso calendário. É dia, é dia! Vamos organizar com a televisão. Por exemplo, o Campeonato Brasileiro. A gente tinha jogo tal no sábado:

“não, o Flamengo tem que jogar na SporTV, então é segunda-feira à noite”. Então imagina toda a minha programação da semana tem que ser mudada, eu não vou ter folga mais que eu ia ter. Mas eu acho que isso não são os clubes, eu acho que grande culpa é da CBF e da federação. É igual comentei que você, nosso calendário, porque eu tenho um Campeonato Brasileiro de quatro meses, depois eu tenho um Campeonato Carioca de dois meses, eu vou jogar uma Libertadores de duas semanas, isso não existe, não existe isso, não existe! Agora, por exemplo, eu joguei terça, vou jogar sábado, viajo para Araraquara, fizeram um torneio ali pra gente. Eu jogo, tenho folga, jogo, tenho folga. Isso não existe. Lá fora do país, por exemplo, tem a regra que fala: no mínimo é igual Copa do Mundo, no mínimo! No mínimo, o jogador tem que ter dois dias de folga para o próximo jogo. Então você dá três dias de folga, ok,. Aqui a gente vai jogar dia sim, dia não, dia sim, dia não. Então, assim, eu acho que eles realmente não se importam. Eles querem fazer: “poxa, estamos fazendo, estamos colocando elas”. Agora essa Ladies Cup que a gente vai jogar, “Elas vão jogar na SporTV e vamos trazer o Atlético de Madrid, vamos trazer tal time, Flamengo, Palmeiras, Santos...” Nem sei mais quais os times que estão, mas assim, eles não entendem que a gente vai jogar dia sim, dia não, que vamos morrer. Aí o povo vai assistir, vai falar: “poxa, essas meninas não estão correndo”, mas eles não estão entendendo, entendeu?⁵⁹⁸

A fala escancara as deficiências de calendário ainda existentes no futebol de mulheres brasileiro. Há claramente uma permanência nesse aspecto. Agora há mais campeonatos a serem disputados e não só em âmbito regional, mas nacional e internacional, como por exemplo a Ladies Cup⁵⁹⁹ e a Libertadores. Contudo, não há antecedência na publicação do cronograma dos jogos, afetando na preparação das atletas e nos seus dias de folga. Um elemento novo dessa fase também é a interferência da televisão, como contou Thaisa, a data de um dos jogos do seu time foi alterada devido à grade de programação de um canal. A demanda da profissão de jogadora é altamente desgastante para o corpo, não ter tempo adequado de descanso e remuneração, além do stress pode acarretar possíveis lesões. Assim, a desorganização e a negligência com o calendário e competições afeta as condições de vida e trabalho das jogadoras. A comparação com a Espanha e EUA acaba evidenciando ainda mais essas deficiências.

Com relação ao seu dia-a-dia, Thaisa descreveu um padrão de afazeres e atividades: acorda cedo, toma café “bem regrado” pela nutricionista, apresenta-se no clube às 7h20, realiza o pré-treino, a ativação para diminuir o risco de lesão, o treinamento, logo após almoço no clube. A tarde dedica-se a atividades como fisioterapia, cursos de formação e como disse “minha vida é baseada no futebol”. Já a rotina de Marina era da seguinte maneira:

A minha rotina era basicamente: eu dormia muito cedo, umas 9, 10 horas pra ter umas 6 a 8 horas de sono por noite. No outro dia acordava, tomava meu café ou em casa ou no clube e ia preparada para treinar. Já levava chuteira, material e bolsa para tomar banho. Treinava de uma a duas horas ao dia, né? Ia para casa, almoçava, descansava e começava a treinar entre duas e meia até as cinco horas mais ou menos de novo.

⁵⁹⁸ MORENO, T. 2022.

⁵⁹⁹ É um torneio amistoso entre clubes realizado em 2021 e 2022, organizado pela Federação Internacional de Football Soccer Society, com apoio da Federação Paulista e aprovada pela Lei de Incentivo ao Esporte. Na edição de 2022 (comentada por Thaisa) contou com oito clubes: Atlético de Madrid, Ferroviária, Flamengo, Internacional, Palmeiras, Santos, São Paulo e Universidade de Chile. O Flamengo foi o campeão.

Vinha para casa, jantava e descansava no próximo dia, porque quando são turnos de dois dias, dois horários de treino, fica muito cansativo. Aí você tem que fazer sempre essa reposição de energia por meio da alimentação, por meio de suplementos e até mesmo por meio de descanso. Hidratação e descanso para que a gente consiga ter no outro dia também essa mesma rotina. (...) eu passei os últimos dez anos treinando dois períodos, então de manhã e tarde, sempre pensando em duas horas. Aí nessas duas horas a gente fazia muito fundamento, muito tático, muito técnico, muito posicionamento em campo, muito treinamento específico para zagueiro. Muito treinamento específico, de pequenos jogos, principalmente na Europa. Eles vivem muito pequenos jogos, situações que são muito próximas de uma partida, mas em pequenos espaços. Justamente para que o atleta crie um raciocínio muito rápido quando ele estiver com a bola no pé e exista o deslocamento das equipes com mais rapidez do que o normal. Sem contar que você tá o tempo todo chutando para o gol quando você joga em pequenos espaços. Porque tem os gols também em pequenos espaços. Então, era uma época, que gente fazia muito parte física e, junto com a parte física, muita parte técnica e muito parte tática. E tinha épocas que a gente descansavam também bastante, porque como estava em uma rotina muito grande de jogos, o descansar ele é muito mais positivo do que o treinar muitas vezes⁶⁰⁰.

Os treinamentos realizados pelas jogadoras eram diferentes, elas relatam como isso mudou ao longo das próprias carreiras e como todas são da Educação Física acabam comparando com o conhecimento formal que adquiriram na graduação. Porém, elas sempre falam de uma duração padrão de duas horas para cada treino, da regularidade de treinamentos táticos e técnicos e que os treinos da parte física foram se desenvolvendo e se modificando com o passar do tempo. Também há uma variação sobre treinar duas ou uma vez por dia, a depender da estrutura do clube, da necessidade de conciliar com outro trabalho, se haveria mais ou menos partidas a serem disputadas, qual época da temporada, a visão e estratégia da comissão técnica etc.

De toda forma, é evidente o quanto é um trabalho que demanda e consome bastante de suas trabalhadoras e como o corpo é acionado o constantemente, muito além das horas de treinamento e jogos, pois todas as atividades do dia a dia envolvem um cuidado com ele. Se considerarmos a partir dessa perspectiva é um trabalho quase que ininterrupto, pois elas precisam estar atentas ao que afeta seus corpos – alimentação, sono, atividades etc. – o tempo todo. Carla expressou essa percepção:

Eu acho que é a questão também dessa disciplina que você tem. Você tem que ter cuidado com o corpo. Essas questões de hora que dorme, a hora que acorda, o que come. E também saber que qualquer coisa que eu faço ali, por exemplo, andar de moto. Se eu cair de moto e for uma médica, de repente, manca eu consigo operar alguém. Agora, jogadora de futebol com um dedo quebrado, mindinho, ela não vai jogar. Toda ralada, ela não vai jogar. Participar de algumas brincadeiras, tipo pelada de fim de ano, jogar um futebolzinho com os amigos, essas coisas assim. Você às vezes é vista como muito “caxias”. Você é muito certinha. Você acaba entre aspas, para algumas pessoas, se tornando uma pessoa chata. Porque você acaba levando a sua carreira muito a sério. É muito isso. A pessoa quando está fora do ambiente de trabalho, ela é uma pessoa completamente livre. Se for o médico, ele não vira ex-médico, mas ele pode de repente, aquele dia ele ficar bêbado de cair. Se ele não tiver

⁶⁰⁰ AGGIO, M. 2022.

nenhum compromisso de médico. E a gente é atleta. Ele continua sendo atleta nas férias, ele continua sendo atleta, porque a vida dele é uma eterna construção. E os dias vão se somando para o rendimento, então, se ele começar a fazer coisas que prejudiquem o rendimento, que remem contra a maré do rendimento, ele vai sofrer esses prejuízos lá na frente. Até nas férias. Qualquer pessoa de qualquer profissão, por exemplo, pode ir para umas férias e, de repente, dar o luxo de comer demais, beber demais e acabar engordando. A gente que é atleta, quando chega numa pré-temporada muito acima do peso, muito despreparado, a gente acaba sofrendo as consequências, tendo que treinar mais, sofrendo mais pra emagrecer, para entrar em forma. Então o atleta, ele é atleta todas as horas do dia dele, você tem que ter uma boa noite de sono, você tem que ter uma boa alimentação⁶⁰¹.

Outro aspecto a ser considerado quando se fala das condições de trabalho se refere ao contrato de trabalho. Borj considerou que a formalização de um contrato era uma das características básicas do regime de emprego que emergiu no século XX, caracterizado também pelo vínculo dos trabalhadores com grandes empresas (sobretudo, indústrias), duração padrão da jornada de trabalho e maior estabilidade, pois o trabalhador se mantinha por muito tempo naquele emprego⁶⁰². Esse regime foi fortemente afetado pela acumulação flexível e deixou de ser o padrão.

De acordo com Noronha, no Brasil o contrato formal se conecta diretamente com a ideia de carteira assinada e com a CLT. A legislação trabalhista estabeleceu histórica e de forma cada vez mais detalhada, as normas mínimas de relações de trabalho justas: salário mínimo, jornada de trabalho, férias e outros direitos. Assim, o contrato de trabalho formaliza a relação estabelecida entre trabalhador e empregador e procura garantir esses direitos. Ademais, para a opinião pública a existência do contrato atesta que aquele emprego pode ser considerado *justo*, pois assegura o cumprimento das normas trabalhistas e dos direitos previstos em lei⁶⁰³.

Como era o estabelecimento dos contratos de trabalho para as jogadoras? Havia a assinatura de contrato? Quais os termos desse contrato? O que essa assinatura significava para elas? A partir das narrativas das entrevistadas busco responder tais questionamentos. Durante as temporadas que jogou na Itália, Duda tinha contrato de trabalho registrado na Federação Italiana, a despeito da modalidade ser considerada “diletante” (semiprofissional). Quando atuou pelo Internacional contou também ter contrato de trabalho, ou nas palavras dela “carteira assinada, já tinha CLT lá naquela época”. Entretanto, disse que o vínculo contratual durante sua passagem pelo Colorado ocorreu em alguns momentos e outros não porque “muda gestão, muda tudo, acaba aí, recomeça de novo, e aí vai”⁶⁰⁴. Ou seja, mesmo a formalização do vínculo

⁶⁰¹ OLIVEIRA, C. 2022.

⁶⁰² SORJ, B. SOCIOLOGIA E TRABALHO: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 43, p. 25–34, 2000.

⁶⁰³ NORONHA, E. “INFORMAL”, ILEGAL, INJUSTO: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 53, p. 111–179, 2003.

⁶⁰⁴ LUIZELLI, E. 2022.

empregatício através do contrato e carteira assinada não garantiu para ela uma estabilidade como empregada do clube. Da mesma geração, Leda narrou sobre a única experiência com contrato de trabalho como jogadora:

Só na Lusa, na Portuguesa. A Lúcia e eu, a gente tinha acabado de vir da Seleção, em 96. A gente foi disputar a Paulistana em São Paulo. Eu era do Vasco, fui emprestada, porque eu queria disputar a Paulistana de qualquer maneira. Recebi um convite para ganhar o receber um valor X. E nessa época eu já jogava na Sabesp e aí eu falei “eu só vou por tanto, porque não sei o que, não sei o que lá, eu falei, não, mas eu vou por tanto”. Aí eu consegui fechar esse contrato e foi o único contrato escrito que eu fiz na minha vida. Foi com a Lusa. E aí estava lá, eu vou receber X, por isso, por isso, aquilo, e enfim, **eu me senti gente**⁶⁰⁵.

A atleta jogou na Portuguesa no fim dos anos 1990 e iniciou a carreira ainda em 1981, já tinha vivido a experiência de se sentir profissional quando atuou no Vasco, pois recebia salário, usufruía de uma boa estrutura e atendimento médico, também fora assalariada da Sabesp e só com aproximadamente vinte anos de carreira assinou o primeiro contrato e revelou ainda que teve espaço para negociar o valor que gostaria de receber de salário. A última frase de Leda é bastante simbólica, “eu me senti gente”, ou seja, com a assinatura do contrato veio (finalmente) um sentimento de *reconhecimento*, tão caro para a modalidade e, sobretudo, para essa geração. Mesmo com a garantia de direitos, do salário por ela escolhido e outras condições materiais conquistadas naquela formalização, o significado daquela conquista se encontrava mais no âmbito da subjetividade, no encontro com a própria humanidade.

Mas Leda não foi a única a ter apenas um contrato de trabalho, segundo Maravilha: “Eu tive carteira assinada durante onze meses no São Paulo, em 97. Foi o único tempo que eu tive de carteira assinada. O restante era só verbal, não tinha nenhum documento assinado”⁶⁰⁶. Com catorze anos de carreira por apenas onze meses ela teve um vínculo formal de trabalho. Essa ausência não impediu a consolidação de uma carreira como jogadora, nem o sucesso esportivo conquistado e nem os ganhos econômicos – afinal, comprou uma casa com o dinheiro do futebol e se sustentou dele por muitos anos.

Contudo, Maravilha recordou: “Por isso da dificuldade agora para fazer uma aposentadoria, né? O tempo de trabalhar. Aliás, agora a gente já não tem mais. Tem que ir por idade mesmo”. Há uma perda material que vai afetar o seu futuro, pois como não teve vínculo formal e nem carteira não consegue contar o período de trabalho como jogadora para a aposentadoria, são pelo menos, treze anos a menos na contagem. Ou seja, essa ausência a prejudicou em termos materiais.

⁶⁰⁵ ABREU, L. 2022.

⁶⁰⁶ WAHLBRINK, M. 2022.

As futebolistas que jogaram em times europeus relataram constantemente a formalização de seus vínculos trabalhistas e mais de uma vez contrastavam essa situação com a realidade brasileira, ou seja, aqui o padrão é a fragilidade ou a inexistência desses contratos no circuito do futebol de mulheres. Nas palavras de Marina:

No Brasil não tive nem carteira assinada, não cheguei a pegar esse momento que hoje algumas equipes têm. (...) Quando eu fui para a Suécia que eu fui com o passaporte escrito “jogadora profissional”. Quando eu assinei um contrato e esse contrato, ele tinha uma validade exclusiva do primeiro dia que você chegasse ao último, nem mais e nem menos. Tudo deveria ser estipulado nele. Desde a passagem de volta, porque custava muito caro, desde a internet que você paga lá fora, desde a alimentação que você paga, desde o carro que você utiliza. Se você tem o carro, você não sabe se você paga a gasolina ou não, porque lá fora a gasolina é muito cara. Parece meio estranho, mas eu tenho carro, mas se eu não tinha dinheiro para pagar a gasolina também, então aí você tem que determinar nesse contrato. Você determina em contrato que se caso você machucar, o salário permanece o mesmo. E se você é atleta que está jogando, o seu contrato é um. Se você é atleta que está no banco, o seu contrato é outro. Se você atleta que está na reserva o contrato é outro. Principalmente na Europa, então você tinha que estar sempre em alto rendimento porque eu tinha que ser titular. Então eu sendo titular, eu tinha uma garantia. Passando para o banco e para arquibancada meu salário caía. Parece muito estranho, mas muitas pessoas não sabem disso, que o jogador que está em campo ele ganha um valor. O jogador que está no banco, ele ganha outro, jogador que tá na arquibancada ganha outro, mas é por causa da performance. É simples. Se quem está no banco, se quem está na reserva ou na arquibancada não está se esforçando para estar em campo. É uma situação um pouco estranha. Outro detalhe, se acontecesse alguma coisa com a minha família aqui no Brasil, eu tinha uma passagem extra, eu tinha que colocar isso também, porque senão eu tinha que pagar a passagem para vim para cá. Então, pensava-se em tudo isso para não ocorrer nenhum problema, porque depois de assinado o contrato não se voltava atrás⁶⁰⁷.

Pela fala é perceptível o quão minucioso era esse contrato. Buscava-se contemplar as mais distintas situações nele, e não só as específicas de trabalho, como possíveis lesões, mas também aspectos extracampo, como o valor da gasolina, ou a garantia de uma passagem de avião a mais caso ocorresse alguma emergência. São elementos importantes para garantir um bom desempenho da atleta, pois há uma solidez e confiabilidade demarcadas ali, além do registro oficial como “jogadora profissional”. Entretanto, os termos do contrato também revelavam o caráter altamente competitivo desse mercado de trabalho, pois o salário era alterado conforme a titularidade em campo ou não. É uma espécie de pagamento por metas ou rendimentos. Obviamente, isso gera uma pressão a mais da futebolista, podendo até impulsioná-la a fazer sacrifícios para conseguir cumprir essa “meta”. Também é uma forma de maior controle do trabalho estabelecida pelo empregador.

Dayane narrou sua experiência no Lyon, quando assinou um contrato, em suas palavras, “meio amador”, pois possuía somente o visto de estudante ainda. Mas quando foi para Espanha

⁶⁰⁷ AGGIO, M. 2022.

teve contrato de trabalho padrão, válido por dois anos. Esse é um aspecto comum também no futebol de mulheres, os contratos além de terem duração determinada (o que é padrão para o esporte) eles são muito curtos. Se isso também é válido para os jogadores, no caso delas, a brevidade dos vínculos é mais intensa. No futebol a média da duração do contrato dos homens é de um a cinco anos, já das mulheres é de um a três anos⁶⁰⁸. Resultado da estruturação e profissionalização tardia, o que não é restrito ao Brasil. Em seu clube atual, Dayane tem um contrato de prestadora de serviço. Para explicar a partir de parâmetros brasileiros coube a analogia como Microempreendedor Individual (MEI).

Jatobá antes de ir para a Europa teve contrato assinado com o São Paulo, o seu primeiro clube. No continente europeu, assinou contrato com o Rayo Vallecano, com o Lyon e com o Metz. Como treinadora da Seleção Brasileira Sub-17 tem a carteira assinada pela CBF. Contou também como passou por inúmeros clubes sem contrato. Explicou qual era o sentimento de conseguir um vínculo formalizado:

Segurança, não é? Aquilo que a gente não tinha quando a gente jogava para outros clubes. Era pago assim, por exemplo, para jogar no final de semana, ou diziam “você joga pra gente aí dois campeonatos, vou te pagar tanto” e aí depois, só Deus sabia. Mas assim era muita segurança quando tinha algum contrato ou carteira, era uma segurança, então dava um pouco mais de tranquilidade⁶⁰⁹.

O contrato representava segurança. A garantia de que a despeito das condições ou do que fora meramente verbalizado haveria o pagamento do valor estipulado. A insegurança, por outro lado, era oriunda de situações nas quais ficou sem receber, de promessas não cumpridas e que não estavam registradas. A principal consequência positiva da segurança representada pelo vínculo formal era a tranquilidade. Ou seja, a preocupação seria com aspectos do jogo, dos treinos, com a parte esportiva e não com a parte financeira. São fatores que influenciam, inclusive, na performance das atletas. A percepção de Thaisa também é positiva:

Então, assim, eu acho que foi realmente a realização de um sonho de falar assim: “meu, estou realmente sendo valorizada, como eu queria que isso fosse no Brasil também.” Então, foi isso, foi a realização de um sonho, foi uma briga de anos que a gente vai brigando aqui e ali, sabe?⁶¹⁰

Ela estava se referindo à assinatura do seu primeiro contrato de trabalho quando jogou pelo Real Madrid. É uma fala impactante, pois o contrato exprimia a realização de um *sonho*, é a concretização do projeto de ser jogadora profissional. O aspecto subjetivo do reconhecimento e da valorização também é demonstrado na fala, próximo do sentimento de Leda de “se sentir

⁶⁰⁸ FIFPRO. **FIFPro Global Employment Report: Working Conditions in Professional Women's.** Manchester, 2017.

⁶⁰⁹ JATOBÁ, S. 2022.

⁶¹⁰ MORENO, T. 2022.

gente”. Além disso, a formalização contratual é vista como a conquista de “uma briga de anos” e uma conquista coletiva, pois Thaisa usou “a *gente* vai brigando”. Ou seja, é o reconhecimento também da mobilização histórica das mulheres por garantia de direitos dentro do futebol e pela profissionalização. A atleta também contou sobre outras vivências:

Meu primeiro contrato de trabalho foi com o Real Madrid, que realmente valia. Assinei com o Foz Cataratas um negócio lá, mas quando a gente foi pra brigar... Lembra que eu falei que tinha coisas erradas, que eu assinava um valor tal [e recebia outro]? Quando eu fui atrás, a gente queria entrar na justiça para brigar por isso, o nosso contrato não valia de nada, era contrato amador, não vale de nada, não foi registrado e tal. De certa forma fomos passadas para trás e o meu primeiro contrato, assim, se eu for falar, foi no Real Madrid. E hoje no Flamengo, quando eu voltei, fiquei muito tempo fora do país, Real Madrid, os outros contratos lá fora foram verdadeiros. Aí agora que eu voltei no Flamengo, que eu voltei depois de muito tempo, aí eu já tive meu contrato tudo certinho aqui. Carteira de trabalho, tudo, 13º, tudo que um trabalhador normal tem.

Se o contrato com Real Madrid foi a realização de um sonho, definitivamente, o vínculo não formalizado com o Foz Cataratas pode ser considerado um pesadelo. Além do valor divergente pago – com ela recebendo menos do que o acordado – o suposto contrato não tinha validade e como expressou “fomos passadas para trás”, ou seja, não só ela outras atletas também. Felizmente, atualmente no Flamengo as condições são adequadas e Thaisa mobilizou novamente a figura do “trabalhador normal”. Há o anseio por ter as mesmas condições garantidas a outros trabalhadores – ainda que esses outros trabalhadores também atuem em condições bastante diversas.

4.3.2 Precariedade

A precarização do trabalho é um fenômeno histórico e encontra lastro na história brasileira ao menos desde a transição do trabalho escravo para o livre⁶¹¹. Houve alguns momentos de recuo desse fenômeno, graças ao avanço da industrialização e das lutas da classe trabalhadora. Como, por exemplo, com a conquista de direitos trabalhistas agrupados na CLT. Graças às modificações no regime de acumulação capitalista no final do século XX, a precarização ganhou mais destaque nas discussões científicas das Ciências Humanas, pois passou por um processo intenso de generalização em termos globais. Era preciso pensá-la de maneira conceitual.

Guimarães e Paugam atentam para o fato de que a construção de um conceito, como o de precarização, é altamente dependente do contexto nacional em que é concebido e definido. Por isso ainda que seja adequado associar a precarização no Brasil com as mudanças globais

⁶¹¹ DRUCK, G. A precarização social do trabalho no Brasil: indicadores selecionados. In: ANTUNES, R. (org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

do capitalismo é necessário também pensar as suas especificidades⁶¹². Nesse sentido e considerando especificamente o contexto a partir da década de 1990, Druck adota o conceito de nova precarização social do trabalho. O seu caráter dessa é a institucionalização da flexibilização e da precarização modernas do trabalho, reconfigurando a precarização histórica e estrutural do trabalho no Brasil, agora amparada na necessidade de adaptação aos novos tempos globais. Conecta-se à noção de Castel de que a precarização deixa de ser marginal e passa a ser o centro do desenvolvimento capitalista⁶¹³. A socióloga acrescenta:

O conteúdo dessa (nova) precarização é dado pela condição de instabilidade, insegurança, fragmentação dos coletivos de trabalhadores e brutal concorrência entre eles. Uma precarização que atinge a todos indiscriminadamente e cujas formas de manifestação diferem em grau e intensidade, mas têm como unidade o sentido de ser ou estar precário numa condição não mais provisória, mas permanente⁶¹⁴.

Assim, a precarização dos empregos está associada à insegurança das remunerações, à menor proteção social, à maior rotatividade da força de trabalho e às perdas de direitos, empregos, saúde e vida para todos os que vivem do trabalho. Para Mattos as marcas mais visíveis da precariedade nas relações trabalhistas são: número cada vez maior de mulheres com salários inferiores aos pagos aos homens nas mesmas funções/posições; as formas de contratação temporária ou por tempo parcial, muitas vezes aprovadas por reformas neoliberais na legislação trabalhista; os processos de terceirização; o crescimento do trabalho informal; e a elevação generalizada das taxas de desemprego aberto⁶¹⁵.

Apesar do Brasil durante a primeira década dos anos 2000 ter visto um crescimento moderado da sua economia, o que possibilitou uma queda expressiva do desemprego, tal crescimento não foi capaz de promover uma redução do trabalho informal na mesma proporção e nem de gerar trabalhos “decentes”⁶¹⁶ para incorporar a grande quantidade de trabalhadoras/es ainda envolvidos em formas de trabalho precárias, desprotegidas e ilegais⁶¹⁷. Portanto, não houve uma ruptura no processo de precarização social do trabalho no país desde o início dos anos 1990 até o momento atual⁶¹⁸.

⁶¹² GUIMARÃES, N.; PAUGAM, S. Work and Employment Precariousness: a transnational concept? *In*: LA ROSA, M.; MORLICCHIO, E.; PAUGAM, S. (org.). **Sociologia del Lavoro**. Milano: Franco Angeli, 2016.

⁶¹³ DRUCK, G. 2013, p. 56.

⁶¹⁴ *Ibidem*.

⁶¹⁵ MATTOS, M. B. 2019, p. 102.

⁶¹⁶ Termo utilizado pela Organização Internacional do Trabalho: trabalho decente é um trabalho produtivo e adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, sem quaisquer formas de discriminação, e capaz de garantir uma vida digna a todas as pessoas que vivem de seu trabalho. OIT. Trabalho decente nas Américas: uma agenda hemisférica (2006-2015). *In*: XVI REUNIAO REGIONAL AMERICANA, Brasília, 2006.

⁶¹⁷ ARAÚJO, A. M.; LOMBARDI, M. R. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 452–477, 2013.

⁶¹⁸ DRUCK, G. 2013, p. 61.

Como já comentado, é justamente nesse contexto de generalização e crescimento da precarização do trabalho que o futebol de mulheres no Brasil inicia os seus estágios de profissionalização, após anos de proibição da prática (mesmo no âmbito somente do lazer). Se por um lado, há a mobilização das mulheres e alguns avanços, sobretudo, nos últimos anos, por outro, não é possível negligenciar tal contexto. As mulheres do futebol acabam vivenciando a exploração do trabalho (generalizada para toda a classe-que-vive-do-trabalho) devido à precariedade de seus empregos, conectada à opressão, que inclui elementos ideológicos e materiais e, mais exclusivamente, à opressão específica. Na definição de Bakan:

A condição da opressão de classe não é, contudo, unidimensional. Aquilo que há em comum na experiência como uma classe é contraposto pela diferenciação imposta pela opressão específica, onde grupos definidos dentro e através das classes, identificados por características determinadas, são sujeitos a práticas discriminatórias específicas⁶¹⁹.

A autora estava analisando a questão racial quando se debruçou sobre as opressões específicas, mas tais reflexões podem ser pensadas para a questão de gênero também. Ou seja, há a opressão de classe, experienciada por todos que vivem do trabalho, e o capitalismo tende a mercantilizar todos os trabalhadores, contudo, e mesmo de maneira contraditória, há a diferenciação desses trabalhadores e aí reside a opressão específica, que atinge grupos definidos dentro da própria classe. Para exemplificar a partir das vivências da mulheres Hirata descreve o aumento do emprego feminino nas últimas décadas, mas sempre acompanhado do crescimento simultâneo do emprego vulnerável e precário das mulheres⁶²⁰.

Antunes complementa ao afirmar que o aumento significativo do trabalho feminino, atingindo mais de 40% da força de trabalho em vários países tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no trabalho “part time”, precarizado e desregulamentado. Essa expansão também tem significado inverso quando se trata da temática salarial, pois a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. O mesmo frequentemente ocorre no concernente aos direitos e condições de trabalho⁶²¹.

Pensando a partir do futebol de mulheres brasileiro, vemos que houve, de fato, o aumento, ou melhor, antes disso, a própria autorização para que mulheres pudessem viver financeiramente do futebol, o que liberou um novo mercado de trabalho até então barrado para elas. Com isso houve o crescimento da participação das mulheres nesse mercado (até porque antes era nulo) e até o momento um crescimento contínuo. Porém, esses novos postos de

⁶¹⁹ BAKAN, A. 2016, p. 64.

⁶²⁰ HIRATA, H. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 24–41, 2009.

⁶²¹ ANTUNES, R. 2009, P. 105.

trabalho foram caracterizados majoritariamente pela precariedade, relacionada ao mesmo tempo à historicidade da modalidade e ao contexto histórico mais amplo e suas respectivas condições materiais.

De toda forma, também é necessário reafirmar a melhoria dessas condições precárias nos últimos anos, impulsionadas, em grande parte, pela mobilização constante das mulheres para garantir a profissionalização, mas também, pela melhor estruturação da modalidade de maneira geral, envolvendo ações de gestão, sobretudo, da FIFA, visando a maior mercantilização. Como falei anteriormente, não creio que o aumento da mercantilização garantirá no longo prazo relações de trabalho favoráveis às jogadoras, as melhoras recentes, além de se conectarem com a luta das mulheres, aparecem, porque até mesmo para conseguir comercializar um pouco mais o “produto futebol feminino” eram necessários investimentos básicos.

Retomando os pontos de Druck⁶²², ela apresentou cinco formas de expressão da precarização: 1) nas formas de mercantilização da força de trabalho, que reconfigura os modos precários de inserção dos trabalhadores em relações de assalariamento. Para uma parcela dos trabalhadores há perda de vínculos na condição de empregado, perdendo direitos sociais e trabalhistas. Para outra parcela, há uma condição provisória que se torna permanente, a inserção precária, desprovida dos parcos direitos. 2) Na organização e nas condições de trabalho, ou seja, intensificação do trabalho, ritmos acelerados, pressão de tempo, extensão da jornada, rotatividade. 3) Nas condições de segurança no trabalho, ou seja, sua fragilização, envolvendo maior exposição a condições aviltantes, como metas e ritmos acelerados que levam a manobras para aumentar a produtividade e fragilizam a segurança e a saúde. 4) No reconhecimento, na valorização e no processo de construção de identidade individual e coletiva, levando à descartabilidade das pessoas, à reificação das relações e à banalização da injustiça social. O ápice disso é o desemprego, que se torna cada vez mais presente e até permanente. 5) Nas condições de representação e de organização sindical, fragilizando a ação política dos trabalhadores.

Cabe agora analisar a narrativa das próprias jogadoras sobre a precarização do trabalho no futebol e como se relacionam com a discussão bibliográfica apresentada. Primeiramente, é preciso questionar se elas consideram que vivenciaram condições precárias. Se sim, quais seriam? De forma generalizada na carreira ou em poucos clubes? Quais eram essas condições

⁶²² DRUCK, G. 2013, p. 62.

precárias? Para responder tais questões são abordados os seguintes temas: estrutura, instabilidade, contratos e salário e o que trabalho precário significava para elas.

As entrevistadas citaram problemas de estrutura nos mais diferentes times pelos quais passaram. Jatobá comentou que jogou em vários campos de “terrão”. Thaisa ao falar do Flamengo comentou sobre a desatualização do preparador físico “que dá treinamentos de quando eu tinha dezessete anos, porque ele é o capitão da Marinha, por isso ele está aqui”⁶²³ e citou muitos erros de preparação física do Palmeiras atual, mesmo sendo campeão da Libertadores⁶²⁴. Na sua visão houve uma evolução no Brasil, mas não sabe até que ponto evoluirá mais, porque “a incapacidade de muitos clubes ainda hoje é grande, infelizmente”.

Sobre a responsabilidade da gestão, Carla pontuou como o Campeonato Carioca na sua época era muito deficiente, por isso, havia pouca (ou nenhuma) diferença para os campeonatos amadores: “pelas estruturas que eram oferecidas para a gente antigamente, os campeonatos eram similares, sendo profissionais ou não”. Ela também relatou sobre a estrutura oferecida no Foz Cataratas:

A despensa da casa, ficava trancada depois de sábado meio-dia, como se no domingo o atleta não comesse. (...) Esses dias eu achei um vídeo que eu fiz em Foz. Na época eu recebia bolsa atleta [da prefeitura] e algumas meninas o salário atrasava muito em Foz e algumas meninas às vezes não tinham o que comer. O que tomar café diferente do que o clube oferecia, daí eu ia na padaria, uma outra que tinha uma condição porque estava recebendo algum dinheiro de algum outro lugar, ia na padaria. E uma vez eu fiz um vídeo de uma comida que fizeram, sabe aquela carne que mais tem osso e gordura do que carne, que você vê a gordura nadando? Eu fiz um vídeo desse. Não foi uma boa experiência em Foz do Iguaçu⁶²⁵.

A privação de comida para suas atletas, com a despensa trancada, ou a oferta de alimentação excessivamente gordurosa como a relatada escancaram uma precarização nas condições de segurança no trabalho, pois expôs as jogadoras a condições aviltantes. Com o agravante de que, como vimos, o fator nutricional é chave para o bom rendimento das atletas. Negar comida aos trabalhadores é definitivamente uma situação degradante de trabalho. Junto a isso ainda havia o atraso dos salários, agravando tudo, pois além do clube não fornecer alimentação adequada as jogadoras que dependiam exclusivamente do salário pago pelo time ficavam sem opção a não ser depender da ajuda das companheiras de equipe.

⁶²³ MORENO, T. 2022.

⁶²⁴ No início de 2023 foi publicada uma reportagem no site Dibradoras escrita por Mariana Pereira relatando inúmeros problemas do departamento feminino do Palmeiras. Cf. PEREIRA, M. Denúncias contra diretor mancham temporada 2022 perfeita do Palmeiras. **Dibradoras**, 5 jan. 2023. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2023/01/05/denuncias-contra-diretor-mancham-temporada-2022-perfeita-do-palmeiras/> Acesso em: 20 abr. 2023.

⁶²⁵ OLIVEIRA, C. 2022.

Carla já havia relatado o problema no Foz Cataratas quando teve a lesão no joelho. Thaisa também contou alguns problemas vivenciados, sobretudo, com relação à salário e recibo de pagamento. São vários aspectos que formam um cenário precário nesse clube especificamente. Pisani⁶²⁶ pesquisou no mestrado o futebol de mulheres, enfatizando a trajetória, a migração e a profissionalização das jogadoras e realizou a etnografia justamente no Foz Cataratas. De acordo com a antropóloga, a equipe foi criada em 2010, por iniciativa do jornalista Luciano do Valle, e visava buscar jogadoras talentosas para montar a base da Seleção Brasileira para a Copa de 2015. Primeiramente se chamava Foz do Iguaçu Futebol Clube e mudou para Foz Cataratas Futebol Clube em 2011. Despontou no cenário do futebol de mulheres, ganhando o campeonato Paranaense, a Copa do Brasil e garantindo vaga na Copa Libertadores.

Pisani foi até Foz do Iguaçu acompanhar o time por duas vezes durante o mestrado, a primeira em 2011 e a segunda em 2012. Na primeira incursão de campo ao perguntar para algumas jogadoras sobre o que o futebol mudou em suas vidas, elas responderam se sentirem privilegiadas, pois no Foz treinavam duas horas por dia, ganhavam salário, não possuíam despesas com moradia ou alimentação. Essa estrutura era bancada pelo patrocínio que a equipe recebia de empresas municipais ou de fora da cidade, fator considerado um diferencial, pois era incomum para os times de mulheres⁶²⁷.

Quando retornou em 2012 relatou encontrar as atletas bem desanimadas. Os motivos para o desânimo foram: os salários estavam atrasados havia dois meses; o treinador havia pedido desligamento do clube; o novo responsável pelo clube, Gezi Damasceno, acabara de anunciar que o clube não conseguia mais bancar suas despesas, causando preocupação entre as atletas, pois ficaram com medo de serem demitidas no meio da temporada. Pisani acrescentou que dias após ter retornado do campo, as jogadoras receberam os salários atrasados e retomaram as atividades normais⁶²⁸.

De toda forma, nota-se que os problemas relatados por Carla não foram uma situação isolada, ela foi para o clube mais de um ano depois da conclusão da dissertação de Pisani. Configura-se em um caso simbólico, pois o clube teve bastante destaque no cenário da modalidade, várias jogadoras tinham vontade de ir para lá, conquistaram campeonatos,

⁶²⁶ PISANI, M. da S. **PODEROSAS DO FOZ: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 166 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

⁶²⁷ Ibidem, p. 77.

⁶²⁸ Ibidem, p. 100.

possuíam patrocínios, mas mesmo assim, apresentava diversos problemas nas condições ofertadas para as atletas.

Carla acrescentou quais seriam as consequências do déficit de estrutura adequada – aqui de maneira geral, não estava falando especificamente de um clube:

Pelo fato da gente vir de uma estrutura muito deficiente é mais difícil para a gente lidar com a pressão do que uma pessoa que tem uma estrutura boa, porque é muito mais fácil você confiar em si próprio quando você está muito preparado do que quando você está pouco preparado. Principalmente quando você tem um trabalho, por exemplo, de psicologia, que a gente nunca teve. Então você está muito preparado isso por si só já te ajuda, mas vai que você dá aquela bobeadada. Aí você tem ali um setor de psicologia pra te dar o up pra você confiar, acreditar e a gente não tinha isso⁶²⁹.

Ou seja, condições inadequadas de trabalho afetam diretamente a performance esportiva das atletas, pois elas possuem mais um motivo de preocupação. O foco não fica somente nas partidas a serem disputadas, mas se dissipa nas questões de trabalho. E como colocado pela atleta, por vezes, não há nem uma preocupação com a saúde mental das futebolistas nos clubes, não há um profissional de psicologia com quem elas possam trabalhar essas questões. É mais uma carência estrutural das agremiações.

Carla passou na peneira do sub-17 do Flamengo e o time acabou. Duda contou que várias vezes o Internacional começou o time feminino, depois o encerrou, variava muito de acordo com a gestão. Maravilha narrou como depois das Olimpíadas de Sidney vários clubes encerraram suas atividades e as jogadoras não tinham onde jogar – depois de representarem a Seleção Brasileira no maior evento esportivo do mundo. Ou seja, não saber o dia de amanhã foi uma constante na carreira das nossas entrevistadas. A instabilidade estava sempre presente. De acordo com Jatobá:

Nossa, no Brasil... Eu via assim, como algo muito instável, muito inseguro, muito que não tinha estabilidade, porque a gente ia para um clube, aí formavam um time para jogar um campeonato de dois, três meses. Acabava o campeonato, já não tinha mais verba, a gente ficava sem clube, aí tinha que procurar outro clube. Então, eu via como uma instabilidade muito grande. Por isso eu decidi sair do país para procurar algo. A partir do momento que eu fui para a Seleção e a gente foi pra fora do país, comecei a ver realmente que tinha uma vida muito melhor, profissionalmente falando, fora do nosso país e que tinha respeito, tinha apoio. Isso me fez ver que realmente o nosso país estava muito abaixo e muito aquém dos outros países. (...) A gente tinha medo, muita insegurança, porque o clube montava uma equipe e aí, depois de dois, três meses, ele encerrava e para a gente a partir do momento que passa a ser profissional, a gente tem contas para pagar e passa a ser o nosso trabalho. Então a insegurança de daqui dois ou três meses estar sem trabalho era algo muito ruim, isso era uma preocupação muito grande naquela época. Aí quando a gente encontrava um clube, por exemplo, que assinava a carteira, o que era raríssimo, a gente ficava muito feliz, mas também com uma pulga atrás da orelha, porque ao mesmo tempo ele tinha

⁶²⁹ OLIVEIRA, C. 2022.

um prazo ali e a qualquer momento ele poderia acabar encerrar as portas. Então, eu acredito que na minha época no Brasil era isso. Era essa instabilidade⁶³⁰.

A fala é bem explícita acerca da precarização das formas de mercantilização da força de trabalho, pois há uma inserção precária dessas trabalhadoras em relações de assalariamento e essa inserção frágil se torna uma condição constante, não algo eventual. Também há uma precarização no reconhecimento e na valorização, pois há claramente uma descartabilidade das pessoas. As jogadoras vivem sempre com o assombro de ficarem sem emprego e sem condições de arcarem com as próprias contas. Sem falar na duração brevíssima das equipes, montadas apenas para um campeonato. Se elas são contratadas por três meses, como pagam as contas nos outros nove meses do ano? Obviamente, há uma sensação perene de insegurança e preocupação. Jatobá acrescenta que mesmo quando havia um vínculo formal, já uma raridade e motivo de felicidade, o medo do clube encerrar as atividades não desaparecia. Marina também conta sobre o receio constante com relação ao futuro:

Muitas [preocupações]. Primeiro seria ter clube para jogar o próximo ano. Na cabeça de um atleta passa o tempo todo. Eu estou contratada nesse clube, mas e o ano que vem? Porque como não existe um contrato longo, é muito difícil as equipes fazerem contratos longos. Eles te contratam para um ano, para dois, e você fica pensando, o que que você vai fazer com o terceiro, no quarto ano. Ainda mais quando você se dá bem numa equipe, que você consegue ter um alto rendimento, ou seja, você participa de grandes campeonatos e está o tempo todo ganhando, isso ajuda você a permanecer na equipe⁶³¹.

Os contratos por tempo determinado são um padrão dentro do esporte, mas como vimos, tem duração curta e para as mulheres mais ainda. Tal fator alimenta uma preocupação: “na cabeça de um atleta passa o tempo todo”⁶³². Mesmo quando ela está em um clube com boas condições e estrutura esse receio permanece, nesse caso, justamente por querer se manter naquele espaço. À pressão da alta competitividade esportiva é acrescentada a pressão da insegurança trabalhista. Outro aspecto disso é abordado por Maravilha:

Acho que foi a carreira toda, né? A gente tinha muita instabilidade no futebol feminino, não era como tem hoje, já tem uma segurança maior. A CBF já assumiu mais os campeonatos, obriga os clubes a terem equipes femininas. Na época não. Falavam “ah, se você...se não ganhar o campeonato terminou o time, né?” A gente vivia sempre isso, sempre. E na Seleção era a mesma coisa, se não fosse bem “ah, vai acabar a Seleção, não vai ter mais”. Sabe, essa pressão a gente sempre teve e a gente teve que aprender a lidar com ela e trabalhar. E mesmo todos esses anos eu tive vários tempos que eu ficava sem clube, né?⁶³³

Além da conviverem com o medo de ficarem sem local de trabalho, a pressão para a manutenção dos times era colocada nas costas delas, na dependência de bons resultados

⁶³⁰ JATOBÁ, S. 2022.

⁶³¹ AGGIO, M. 2022.

⁶³² Ibidem.

⁶³³ WAHLBRINK, M. 2022.

esportivos. Inclusive, no mais alto nível, a Seleção Brasileira. Isso se alia à ideia recorrente no discurso das jogadoras de que o futebol de mulheres precisa sempre “se provar”, há uma cobrança antes mesmo dos investimentos ou da oferta de estrutura e condições adequadas. Carla comentou: “Existe uma pressão. As pessoas cobram muito o resultado. Eu acho que o futebol feminino ainda é hoje injustiçado com a cobrança de resultados que tem, porque se cobra um resultado de um trabalho que ainda é deficiente e hoje com muito mais qualidade, mas ainda pagando o preço de anos de esquecimento”⁶³⁴.

Um aspecto relacionado à instabilidade é a necessidade de conciliar o futebol com outro trabalho. Mulheres no mercado de trabalho atual são mais alocadas no chamados trabalhos “part time”, por isso precisam acumular mais de um emprego (além do trabalho de reprodução social, usualmente, desempenhado mais por elas). Isso também ocorreu com algumas jogadoras. No caso do esporte é bastante complicado, pois como vimos, é um trabalho que demanda exaustivamente do corpo e tudo que você faz fora da sua jornada trabalhista afeta profundamente o seu rendimento, tornando-se um agravante quando há a necessidade de trabalhar em mais um espaço. Marina compartilhou a sua experiência:

Tive mais um emprego [além do futebol] principalmente no início da minha carreira que eu não conseguia sobreviver só com aquilo que eu ganhava. Ou aquela diária que ganhava, aquela ajuda de custo que eu ganhava. Eu trabalhava de garçonete, trabalhei lavando louça, trabalhei limpando casa de gestor, sempre em paralelo ao futebol, porque eu precisava me manter e aí pra não ter que ficar pedindo dinheiro pra minha família, eu mesmo tentava me virar. (...) Nesse período eu conseguia trabalhar no final de semana quando não jogava, ou se não, na parte da noite, sempre depois das seis horas, quando eu trabalhava no restaurante, depois das seis, ele funcionava. Então, eu treinava de manhã e na parte da noite eu trabalhava em outros locais⁶³⁵.

O acúmulo de empregos, um no futebol e outro em atividades diversas (no caso da Marina, como garçonete ou diarista na residência do próprio gestor do clube), caracteriza-se como uma precarização na organização e nas condições de trabalho, pois há uma intensificação do trabalho, extensão da jornada e um ritmo extremamente acelerado. Por conseguinte um aumento do desgaste e do cansaço. Creio que aqui poderia ser acrescentado os casos das futebolistas que jogavam além do futebol de campo o futebol de salão, de certa forma, também é um acúmulo de dois trabalhos. O caso mais emblemático, sem dúvida é da Leda, que inclusive viajava para jogar as duas modalidades. Mas Dayane, Duda e Carla também jogaram os dois futebolis. Dayane, inclusive, fez a transição definitiva para o futsal.

Sobre a insegurança financeira, há também o aspecto dos salários. Dayane relatou como aqui no Brasil seus rendimentos oriundos do futebol eram insuficientes para se manter, ela só

⁶³⁴ OLIVEIRA, C. 2022.

⁶³⁵ AGGIO, M. 2022.

conseguiu “viver do futebol” na Europa, aqui fazia estágio, trabalhava em outros espaços para ter alguma renda. Ou seja, os salários são baixos e/ou insuficientes. Maravilha narrou uma situação vivida na Portuguesa, chegou a entrar na justiça para garantir o que lhe era devido:

Ah, eu entrei na justiça, porque eu fiquei muito magoada na época que eu joguei lá, eles atrasavam muito salário e eles faziam você vir, diziam que iam te pagar naquele dia, você ia, ficava esperando, esperando três, quatro horas pra eles falarem com você. Estávamos no relento, né? Não tinha nem uma salinha para a gente esperar, pra eles falarem com você e aí eles foram humilhando a gente. Aí por isso que eu entrei depois na justiça contra a Portuguesa. E recebi, né? Os valores baixos. Mas recebi⁶³⁶.

Além de precisar acionar o judiciário para conseguir ter o básico, o seu rendimento, a jogadora ainda citou uma precarização do reconhecimento, pois na sua visão o clube foi “humilhando a gente”, ou seja, é uma banalização da justiça social e um descarte das pessoas. Havia casos bem complicados também. Novamente Thaisa e Carla compartilharam suas vivências no Foz Cataratas:

Quando eu estava no Foz Cataratas a gente tinha pra época um investimento absurdo, só que não era aplicada nas jogadoras, não era aplicado no clube. Por exemplo, eu assinava lá meu salário na época, sei lá, era R\$2000,00. Aí o que que acontecia? Eu assinava um recibo de R\$3500,00, pra onde ia o resto do dinheiro? (...) A gente não tinha ninguém pra falar, aí no fim a gente sempre perdia. Por quê? Porque o contrato não era de verdade, porque não tinha legalidade alguma nos contratos, então assim, eu lembro até hoje, uma vez que a gente estava com três, quatro meses de salário atrasado já. Eles tinham que dar alimentação pós-treino e tal, e a gente já não tinha comida pra comer⁶³⁷.

Reiterado o problema com o fornecimento de alimentação adequada e dos salários atrasados. Sobre o contrato com o Foz, Pisani conseguiu ter acesso a um deles, era um contrato de prestação de serviço, assinado pela atleta, pelo time e mais duas testemunhas. As jogadoras não ficavam com a posse de uma via e não havia registro em cartório ou órgão competente e ao menos na folha que ela viu, já com as assinaturas, não havia carimbo ou reconhecimento de firma⁶³⁸. A ausência desses elementos oficiais corrobora a fala de Thaisa da falta de validade daquele documento, o que deixou as jogadoras em situação problemática. Além de tudo isso, salta aos olhos a questão da contradição dos valores efetivamente pagos às atletas e ao que o clube registrava que pagava. Carla complementa:

A gente teve que assinar papéis que não condizia com o valor que tinha recebido para prestação de conta. Porque o meu salário era X, daí quando chegou lá a gente recebeu bolsa atleta da prefeitura que era Y. Daí eu tinha que receber X do clube e Y da prefeitura. Eu não tenho problema de falar de valores. Eu fui para lá para ganhar R\$1500,00. E a prefeitura daria R\$600,00. Então são R\$2100,00 para mim, R\$1500,00 do clube R\$600,00 da prefeitura, que chamava bolsa atleta municipal de Foz do Iguaçu. Daí o clube chegou na conclusão que, se eu recebia R\$600,00 da

⁶³⁶ WAHLBRINK, M. 2022.

⁶³⁷ MORENO, T. 2022.

⁶³⁸ PISANI, M. 2012, p. 101.

prefeitura e foi o clube que arrumou, segundo ele [o dirigente], o clube só me pagaria R\$900,00 para chegar no somatório de R\$1500,00. Mas eu tinha que assinar um recibo de R\$1500,00. A maioria assinava, eu não assinei. Eu falei, eu recebo, eu assino um recibo de R\$900,00. Porque se não, você vai prestar conta como se você tivesse me pagado R\$1500,00, você vai pegar o meu R\$600,00 enfiar no bolso porque os outros R\$600,00 que saiu da prefeitura você vai dizer que você me deu. Você não me deu, então, você vai enfiar no seu bolso. Você vai dar outro jeito. Eu não vou assinar. Eu não assino o papel de R\$1500,00. Já tá errado, eu não estou recebendo os R\$1500,00 que você tratou pra mim, eu tratei R\$1500,00 com você, mais a prefeitura. Era como se na época da Marinha, quando eu comecei a ganhar o bolsa atleta nacional, vindo do Ministério dos Esportes, a Marinha falasse assim pra mim: “não, já que você está ganhando esse bolsa atleta pelo título que você ganhou com a gente, então vamos abater isso do seu salário”. Isso não existe⁶³⁹.

Sem dúvida uma situação extremamente problemática, degradante e de precariedade das relações de trabalho estabelecidas. Nesse sentido, cabe agora compreender melhor o que as próprias entrevistadas definiram como trabalho precário. A definição consensual foi de que o trabalho precário é não ter as condições e a estrutura adequada para desempenhar a sua função. Todas associaram com momentos de suas carreiras. Algumas citaram exemplos. Marina contou sobre alimentação:

Eu fui tirada da minha casa, fui levada para um clube em São Paulo, onde comi arroz, feijão e ovo durante o mês inteiro e o ovo era eu que comprava. Porque não tinha carne, ela tinha ali por durante duas semanas, nas últimas duas semanas, a gente tinha ovo e eu dividi o meu ovo, que ganhava o dinheiro dos meus pais com todas as atletas⁶⁴⁰.

Leda sobre remuneração e estrutura: “você não seja remunerada (...) Que você não tem estrutura, uniforme, você não tem as mínimas condições”⁶⁴¹. Carla pensou especificamente no esporte e a busca pela excelência e também na instabilidade:

Eu acho que a precariedade no esporte está muito ligada também à questão de excelência, não só do atleta, mas de todos os profissionais, de tudo o que é oferecido, aquele atleta é o atleta. Ele não se alimenta para sobrevivência, para subsistência, por exemplo, o atleta se alimenta para rendimento. Então é uma alimentação que talvez tenha que ser muito mais adequada do que a grande maioria da sociedade em comum, até porque ele tem um gasto ali de energia e tal maior do que pessoas que trabalham de forma mais tradicional (...). É quando você não recebe o ano inteiro, quando a partir do momento que você não está treinando, você não recebe mais, você não tem mais alimentação, você não tem mais clube⁶⁴².

Maravilha puxou para o seu trabalho atual como preparadora de goleiras e falou da falta de condições materiais adequadas e de um salário digno:

Exemplificando: eu, como treinadora de goleiras, quando eu não posso viajar e assistir outras meninas, chegar nos clubes para observar as atletas, para ver como é que elas estão desenvolvendo para fazer a melhor escolha, isso é uma precariedade na condição do meu trabalho. E quando a gente não consegue fazer jogos competitivos de alto

⁶³⁹ OLIVEIRA, C. 2022.

⁶⁴⁰ AGGIO, M. 2022.

⁶⁴¹ ABREU, L. 2022.

⁶⁴² OLIVEIRA, C. 2022.

nível pela estrutura, isso também é uma precariedade no nosso trabalho. (...) Quando a gente não tem um salário de qualidade⁶⁴³.

Thaís comentou sobre a falta de carteira de trabalho, de estrutura e a insegurança:

Tem clubes que tem meninas que não tem nada, que não tem uma carteira assinada, não tem nada. Isso para mim também é um trabalho precário. (...) Uma menina que não tem segurança de ser mandada embora ou não. Se ela machucar, o que vai acontecer com ela? (...) Não ter uma estrutura de trabalho, não ter segurança no seu trabalho. E isso para mim seria um trabalho precário. Ter medo de estar desempenhando o seu papel ali.

Dayane contou uma história para explicar a precariedade:

Trabalho precário é... Vou te contar uma história pra você entender o que é trabalho precário. Eu sempre morei em Curitiba com meus pais. Sempre tive meu quarto, sempre tive a minha moto, meu carro, ia trabalhar e tal. Sempre consegui ter as minhas coisas. Eu escutava a história de umas meninas: “Fui jogar em São Paulo. Aceitei a oferta de jogar em São Paulo. Nossa, os caras vão me pagar R\$1000,00 por mês.” Nossa legal, né? E eu sempre preferi ficar com os R\$500,00 do meu estágio, mas ter o conforto da minha casa, dormir na minha cama, ter as minhas coisas, porque eu sempre achei que aquilo ali era muito importante para mim. Dois meses depois eu falava: “e aí como é que tá lá em São Paulo?”, “pô tudo uma merda. Estou num alojamento que durmo com quinze. A gente precisa juntar duas camas para dormir em três. Dos R\$1000,00 por mês eu só vi R\$200,00. Porra, a gente se machuca não tem uma pomada para passar na perna. Pô, a gente vai viajar, sai duas de manhã no ônibus mais barato, às três no ônibus à tarde.” Isso aí é precário para mim. Então, fica em casa trabalhando, ganhando teus 500 suado. Na tua casa, mas não fica passando por essas coisas lá fora, né, meu⁶⁴⁴.

Jatobá associou, além de condições inadequadas, a precariedade diretamente à exploração:

Eu acho que é exploração, exploração sem dar condições, exploração, obviamente. E também você não dar condições adequadas. Então não adianta eu pedir algo no qual eu não dou o mínimo possível de estrutura, então eu acho que... isso ainda acontece muito. Eu acho que muitos clubes exigem resultados, mas não dão camisa, não dão alimentação, não dão campo. Mas quando tem algo que é bom, eles querem aparecer. Então eu acho que a gente já passou da época de ser precária e sim de apoiar e de dar estrutura, porque a gente tem muito⁶⁴⁵.

Outro elemento bastante ressaltado por elas é o fato de que há uma permanência da precariedade no futebol de mulheres, ainda é um fenômeno bastante atual. Carla, por exemplo, comentou: “mas hoje, inclusive, eu acho que tem clubes... e eu não tenho problema em citar nomes, por exemplo, o Esmac que foi um clube que disputou Série A de Campeonato Brasileiro e é trabalho precário”. Thaís seguiu na mesma direção: “Então assim, eu acredito que isso ainda aconteça em muitos clubes do Campeonato Brasileiro de primeira divisão. Flamengo não, o Flamengo a gente está no 0,0001% diferente, mas eu acho que é isso”. A única voz dissonante nesse aspecto especificamente foi Duda:

⁶⁴³ WAHLBRINK, M. 2022.

⁶⁴⁴ ROCHA, D. 2022.

⁶⁴⁵ JATOBÁ, S. 2022.

O trabalho precário é o que a gente tinha trinta anos atrás dentro de qualquer equipe de futebol feminino que existisse. Agora eu acho que hoje não deve existir trabalho precário. Hoje quem tem o futebol feminino tem que buscar apoio, nos clubes em que há necessidade de ter obrigatoriedade do futebol. Porque é impossível hoje um clube ter um CT com dez campos e não poder ter duas horas de treino para uma equipe feminina três vezes por semana, que seja para começar. Então, enfim, eu acho que tem que se achar meios, tem que se achar formas de tentar o futebol feminino ser parte do clube, não ser um gasto. E as pessoas que estão na gestão tentarem as várias formas que existem de tentar um custo zero dentro do próprio clube. Eu vou dar um exemplo do Palmeiras hoje. Se Palmeiras hoje vence a Libertadores, que tem uma premiação de U\$1.500.000, praticamente zera o seu custo no ano⁶⁴⁶.

É uma fala interessante e creio partir mais de uma visão de gestora do que de jogadora. O que é coerente com a realidade e atuação atuais de Duda – como vimos, a História Oral é uma interpretação de processos e acontecimentos feita no presente. Ela, inclusive, demonstra caminhos que uma gestão pode trilhar para conseguir bancar o futebol de mulheres de maneira estruturada e com condições adequadas.

4.3.3 Dificuldades, pressões e sacrifícios

“Uma vida de atleta não é fácil” foi a frase dita por Jatobá ao contar sobre aspectos do cotidiano das jogadoras que outras pessoas tem dificuldade em compreender. Mas poderia facilmente ter sido proferida por qualquer uma das entrevistadas. Todas apontaram as dificuldades enfrentadas durante a carreira. Dos mais variados tipos: cuidado com o peso, preocupação com o rendimento, saudade da família, cobrança excessiva, necessidade de se provar e provar a viabilidade da modalidade, com os campeonatos e jogos disputados, os erros técnicos ou táticos cometidos em uma partida, o encaminhamento dos investimentos feitos, com o salário, a instabilidade do emprego. Enfim, uma diversidade significativa, que somente comprova a fala de Jatobá.

É importante também trazer essas dificuldades para a tese e pensá-las como componentes do trabalho realizado pelas futebolistas, até porque são especificidades muito marcantes desse trabalho. Talvez o fator mais facilmente lembrado pela opinião pública quando se fala de atletas é a questão do rendimento e foi um fator bastante comentado nas entrevistas realizadas. Thaisa fez justamente uma comparação entre a percepção das pessoas fora do esporte e a das atletas:

Eu tenho amigas, que até hoje falam “nossa, porque você joga futebol ainda, vamos lá, vamos sair comigo. vem comer um doce, vem fazer isso. por que você dorme 8:30 noite? Para, vem fazer...” Então, assim, muita gente que é fora não vê o futebol feminino, mas eu acho que não é só o futebol feminino, eu acho que o futebol em si como um trabalho, sabe, eles pensam: “você está lá se divertindo”, mas não é isto. Eu estou com dor, eu estou cheia de dor, tenho dor na minhas costas, uma cirurgia nas

⁶⁴⁶ LUIZELLI, E. 2022.

costas e eu tenho que render pra caramba, tenho que render pra caramba, porque eu fiz um nome na minha carreira toda, tem o nome, então se eu não rendo... Poxa, vem uma pressão absurda, vem muita situação. Esses aspectos eu acho que as pessoas não entendem. Porque ele vai lá no final de semana, joga futebol aí ele fala “poxa, eu me divirto jogando futebol”. Mas ele saiu, churrasco, cervejinha e não é isso. Para mim, não é isso. O futebol é a pressão. É você ter que render ao máximo. Você está com dor? Você tem que jogar com dor. Acho que isso muita gente não entende, mas eu acho que não é só no futebol feminino, é no esporte em si. Então, eu acho que esses aspectos, muitas pessoas não entendem. (...) Muitas ainda acham que não é um trabalho pra gente, mas é⁶⁴⁷.

Thaisa aborda a não compreensão das pessoas sobre o seu trabalho, como elas nem chegam a entender como trabalho, mas sim, como lazer. Em decorrência há uma cegueira das dificuldades cotidianas da vida de futebolista, como manter uma alimentação sempre regrada, dormir cedo e a pressão, “futebol é a pressão”. Em virtude da busca pela excelência, por manter o rendimento muito alto, as atletas seguem treinando e jogando em condições adversas, por exemplo, quando sentem dores. Na fala há a preocupação também com a reputação, “fiz um nome”, e em mantê-la positiva. O que, conforme Roderick, é um desafio com o passar do tempo, pois a parte física com o envelhecimento do/a jogador/a acaba não sendo a mesma de quando ele era mais novo. Marina também contou sobre isso:

O rendimento individual é uma preocupação do atleta também, porque ele tem que estar o tempo todo em alta performance e não se machucar, porque se ele se machucar, nós temos aí outros atletas que querem entrar na equipe, então é uma competição com você e uma competição com outro atleta, porque você fica pensando que se por um acaso venha ocorrer que você se machuca e tem uma lesão grave, isso vai te tirar do futebol por seis meses, por quatro, seis, oito meses. E a renovação desse contrato vai partir da performance que você teve. Então uma preocupação importante era tanto estar bem coletivamente, como estar bem individualmente⁶⁴⁸.

Há diferentes elementos nesse relato. O cerne é a preocupação em manter o rendimento individual em um nível elevado. A performance precisa ser a melhor possível sempre. O que leva ao medo de sofrer uma lesão. De acordo com Roderick, se machucar é a maior preocupação de um futebolista, pois ele sabe as consequências disso. Pode em casos mais extremos até encerrar a carreira de maneira prematura. Como Marina destacou, uma lesão gerava uma preocupação de cunho trabalhista, pois a renovação do contrato dependia da sua performance, se a atleta não conseguia performar no alto rendimento as suas chances de ter o contrato renovado diminuía. Carla contou como se sentiu quando lesionou o joelho:

Foi a primeira vez que eu vivi uma lesão quando eu operei meu joelho. Eu tinha chegado há três meses num clube onde eu não tinha nem um amigo. Foi um momento que eu não dormia de noite. E foi o momento que entrou a Gabi Zanotti na minha vida, porque a Gabi tava na Coreia, na China, não lembro, o fuso horário dela era diferente, então todas as madrugadas que eu não dormia, era umas tardes comuns para Gabi, entre um trem e outro, e a gente ficava conversando basicamente todas as noites

⁶⁴⁷ MORENO, T. 2022.

⁶⁴⁸ AGGIO, M. 2022.

pra mim, meio de tarde pra ela. Foi a primeira vez que eu vivenciei lesão e eu estava longe da minha família, eu doente lá [em Foz do Iguaçu], meu pai doente aqui [no Rio de Janeiro]. E foi um momento que eu falei assim “nossa, não é esse mar de flores” e não é só uma questão financeira, tem a questão pessoal, emocional, a questão da saúde. Foi um momento que eu comecei a pensar em aposentadoria, mesmo que o meu joelho permitisse voltar a jogar⁶⁴⁹.

A lesão afeta muito além da parte física, há uma carga emocional intensa. O sentimento de solidão, saudade da família. Mas, felizmente, no caso de Carla teve a amizade de outra jogadora. Além disso na fala anterior da Marina, destaca-se o grau competitivo da profissão e em dois lados da mesma moeda: 1) ao competir com sua companheira de time há a perspectiva esportiva, pois a jogadora acima de tudo quer jogar; 2) é uma competição no âmbito do trabalho, pois ir para reserva pode significar diminuição do salário e até mesmo complicar as possibilidades de renovação. Com tudo isso, retomamos a centralidade do corpo no emprego de atleta, precisa de cuidados constantes, muito além das horas da jornada de trabalho. Desse ponto também deriva a narrativa delas – sempre reiterada – sobre o alto grau de dedicação demandado pelo esporte. Dayane complementou com outro aspecto:

A pressão existe. Eu sempre fui acostumada a ser uma jogadora que sofreu muita pressão. Pelo fato que eu sempre fui uma jogadora de fazer a diferença. Hoje eu já nem sinto mais a pressão... Mas antes, não que eu sofria, mas eu sempre me cobrei muito. Pelo fato, sei lá... Eu terminar o jogo e ter feito só um gol. Para mim era muito difícil, não sabia encarar isso. Eu queria fazer dois, três, quatro. Eu sempre me cobrava muito. E essa pressão, quando eu era mais nova, ainda deixava interferir bastante na minha vida, durante a semana, tudo. Mas agora eu falo “gente, acabou o jogo, preciso deixar isso aqui”. Porque agora a gente vai para uma pizzaria, todo mundo comer, eu preciso falar de outras coisas, não posso só ficar pensando no jogo. Quando eu tive esse discernimento que eu estava perdendo tempo na minha vida. Eu chegava lá na pizzaria e ficava bem assim, ó: [braços cruzados, olhos revirados para cima e bufando]. Estou aprendendo. Estava emburrada porque eu tinha errado uns dez passes, daí eu ficava lá [faz novamente os gestos de braços cruzados, olhos revirados para cima e bufando]. As gurias falavam “meu, você só está envelhecendo assim”. Agora eu estou lidando um pouco melhor com a pressão assim⁶⁵⁰.

A demanda por estar sempre no seu melhor, por apresentar o mais alto rendimento em todo o jogo torna o futebol um ambiente marcado pela pressão. É a precarização nas condições de segurança do trabalho, pois se criam metas extremamente difíceis de serem atingidas e as atletas se sentem constantemente pressionadas e desenvolvem uma cobrança exacerbada sobre si mesmas. Isso afeta a saúde mental e o psicológico. O exemplo de Dayane é simples mas significativo, ela não conseguia aproveitar um momento de descontração com as colegas, pois continuava se cobrando, penalizando-se pelo o que não foi feito ou por erros. Há um desgaste grande. Como ela mesma ouviu estava envelhecendo precocemente. Sobre esse ponto Jatobá falou:

⁶⁴⁹ OLIVEIRA, C. 2022.

⁶⁵⁰ ROCHA, D. 2022.

Mas uma vida de atleta não é fácil. Porque além dela ter que enfrentar os monstros ali fora tem que enfrentar seus próprios monstros, que são mais difíceis: insegurança, fases difíceis. Por exemplo, treinamentos onde um passe que você sabe dar, tem uma fase tão ruim que você não está conseguindo dar um passe. Não está conseguindo fazer nada. Então, isso no dia-a-dia é muito difícil para você construir a sua própria confiança. Ter que lidar com os seus medos e receios. E isso envolve tudo que vem depois. Então, para as pessoas que estão fora, é muito fácil julgar, mas: “ganha tanto, não ganha nada, mas só corre atrás da bola.... mas isso é muito fácil fazer”. (...) A vida de atleta também é ultrapassar seus próprios limites, que não são fáceis. Em treinamentos tem que vomitar. Você está doente, ter que treinar. Está frio, está quente, então tem muitas situações que as pessoas talvez não param para analisar ou não pensam que são realmente complicadas. (...) Se você não está preparada mentalmente, você não tem uma estrutura familiar ou se você não tem uma estrutura, é difícil, porque hoje você vê, não se fala tanto, mas já começou a falar. Mas não se fala tanto no futebol feminino, é mais masculino, mas se tem muita depressão por conta disso. Tem muita pressão e pode ser pressão sua com você mesmo, ou pressão do clube com você ou do treinador com você ou dos familiares com você. É um entorno que você tem que estar muito bem mentalmente ou procurar ajuda para isso. Hoje a gente vê meninas muito jovens, meninas da base, que já tem depressão por causa do futebol⁶⁵¹.

A jogadora demonstra bem como a cobrança por um alto rendimento afeta a subjetividade das atletas. Elas precisam lidar com os “próprios monstros” e é difícil desenvolver confiança nesse meio. Acrescenta-se ainda a incompreensão de quem é “de fora” e dificuldades físicas, como vomitar, estar doente, aguentar frio e calor. O trecho final sobre saúde mental e a possibilidade de desenvolver depressão, assunto mais cuidado no futebol de homens que de mulheres na sua visão, é simbólico das condições desgastantes as quais estão expostas as futebolistas. Leda traz um outro elemento sobre essas questões:

Então, eu vou te falar uma coisa: eu acho que hoje as meninas têm mais a pressão do que a gente, sabia? Eu acho que sim, porque hoje o futebol feminino é profissional de fato e na nossa época não era profissional. Hoje as jogadoras elas dos grandes clubes têm contrato. Elas têm carteira assinada. Então, hoje eu vejo que elas têm uma pressão muito maior do que a nossa, porque antigamente a gente tinha essa questão: você jogava futebol? Muitas na minha geração jogava futebol, ganhava uma merrequinha pra estar ajudando ali dentro de casa, pra ajudar os pais. Eu, graças a Deus, eu nunca tive essa preocupação. A minha preocupação era única exclusivamente estudar e jogar futebol. Então, para mim, não era pressão, era uma coisa muito até confortável. Assim era muito. Eu conseguia lidar muito bem com essa questão. Estou falando de mim, Leda Maria, única exclusivamente. A única preocupação era ou jogar e estudar ou jogar e trabalhar. Mas não que enquanto jogadora profissional eu tivesse essa pressão: “Ah, porque tem que ganhar isso... ah, porque a gente precisa de título, a gente precisa disso, disso daquilo”. Eu acho que a minha geração não sofreu esse tipo de pressão. Eram pressões diferentes. Mas enquanto essa cobrança, tipo de clubes, acho que hoje em dia as meninas têm muito mais isso do que a nossa geração teve. Acho que a pressão vai muito daí: você, enquanto profissional, você tem que arcar com as responsabilidades. Enfim, é isso⁶⁵².

Como Leda não via a sua geração vivenciando um futebol plenamente profissional, com as atletas tendo contratos e carteira assinada com os grandes clubes havia comparativamente uma diminuição da pressão sobre elas, tanto em termos competitivos como até mesmo na

⁶⁵¹ JATOBÁ, S. 2022.

⁶⁵² ABREU, L. 2022.

questão de renovação de contratos ou salários vinculados ao rendimento, pois essa parte já era deficitária por si só. Por isso seriam pressões diferentes, a da geração de Leda era justamente pavimentar um caminho até então inexistente. Culvin encontrou percepções semelhantes em suas entrevistadas. Muitas jogadoras inglesas jogavam antes do marco da profissionalização da FA WSL e seguiram jogando depois, ou seja, pegaram justamente essa transição e afirmaram que após a oficialização da profissão houve um aumento da pressão sofrida por elas, pois havia um discurso implícito (ou não tanto) de que elas deveriam ser gratas por aquela situação, logo, deveriam se dedicar mais e apresentar melhores resultados.

Essa pressão direcionada ao futebol de mulheres foi recordada por Jatobá: “Porque às vezes vem mais pressão do que remuneração. No caso, como sempre foi o futebol feminino”⁶⁵³. Conecta-se a algo já exposto pela Carla, a cobrança desnivelada sobre a modalidade, a despeito de ter sido marginalizada por muitos anos e como se precisasse sempre “se provar”. O que Maravilha falou também da ameaça de acabarem os times ou até o selecionado nacional se elas não obtivessem conquistas relevantes dentro das quatro linhas. Nessa direção, Thaisa contou sobre um receio com relação aos investimentos recentes:

O meu medo é: vários clubes estão recebendo bastante investimento. Mas eu tenho medo que o investimento seja aplicado de forma errada, entendeu? E que essa evolução que a gente espera não aconteça e que joguem a culpa em quem? Nas atletas. Porque vou dar um exemplo para você: hoje, eu, o Flamengo feminino, está com uma pressão enorme. A gente tem que ganhar porque foi feito investimento. Trouxe Thaisa, que jogou no Real Madrid, trouxe Daiane, que jogou no Real Madrid e trouxe fulana que jogou na Espanha. Fulana que jogou... Só que eles não estão me dando a estrutura que eu preciso para desenvolver o que eles estão me pedindo. Só que eu também não posso falar para mídia, então assim... A gente acabou de conseguir um patrocínio do Guaraná Antártica super legal só para o futebol feminino. O meu medo é que não vá para o desenvolvimento da maneira correta. Esse é o meu medo, porque investimento está tendo, está tendo mídia, tá tendo investimento, só que quem está na... o que a gente tem comentado é que você tem uma mina de ouro, mas essa mina de ouro está sendo protegida? Está sendo realmente lapidada? Não sei. Eu acho que tem muita coisa que a gente precisa melhorar. Infelizmente, meu medo é esse, que seja uma cobrança excessiva por ter investimento ou por ter visibilidade, mas o produto não está sendo lapidado da maneira correta.

Os investimentos por si só não são suficientes para o desenvolvimento apropriado da modalidade e para dar condições adequadas às atletas. É uma parte desse processo. A gestão desse dinheiro, de acordo com Thaisa, precisa ser realizada de maneira correta, visando bons resultados. Lembro novamente como os cargos decisórios no esporte são em sua maioria ocupados por homens e não por mulheres. Eles recebem tais rendimentos, mas aplicam de que forma? Talvez essa situação também seja propícia para ponderar se saídas mercadológicas são efetivamente o melhor caminho para o futebol de mulheres, se não ocorre apenas uma

⁶⁵³ JATOBÁ, S. 2022.

replicação dos problemas do futebol espetáculo dos homens. Ainda há o agravante de que para as mulheres a pressão já existe mesmo com a má gestão dos dirigentes e estrutura deficitária.

Por fim, outra dificuldade recorrente na fala das entrevistadas foi a necessidade de abdicar de vários aspectos das suas vidas: convivência com família, relacionamentos afetivos, lazer, eventos sociais, adaptar-se em lugares distantes etc. A mobilidade é uma das características principais da carreira de futebolista, por isso, elas passam anos longe de amigos, familiares e do que entendem como lar, como algo conhecido. Como colocou Jatobá: “É estar longe das pessoas que você ama e ter que viver uma cultura diferente, ter que aceitar uma cultura diferente”. Dayane também expressou bem esse sentimento:

Mas é que tem muita coisa no meio, Fernanda. Por exemplo, o fato da minha família estar longe também, no começo era muito difícil. Agora eu tiro de letra, mas no começo era muito difícil, tá? E abri mão de várias coisas na minha vida para estar aqui. **A gente vai largando um pedaço da gente para trás.** Quem passa e acompanha a gente por um certo ano, vem junto. Quem não vem, fica para trás, enfim. Eu tento sempre manter a minha família bem, amigos, rolos na vida foram passando e ficando e eu fui dando prosseguimento na minha vida, mas sempre com a minha família do meu lado, né. Sempre volto de férias, sempre procuro acompanhar eles em tudo o que eles fazem. Mas amigos eu perdi, vários amores da vida, então ó... Então, assim que eu vou te falar, é a minha vida o futebol⁶⁵⁴.

Carla compartilhou a mesma sensação:

Quando eu fui pro Foz e eu sou filha de um casal que já teve filho muito tarde. Minha mãe teve filha com 35 anos. Então, eu comecei a ter essa preocupação quando eu estava fora daqui com a saúde dos meus pais. Aí eu comecei a entender aquelas coisas que antes eu não temia perder que era casamento, momentos com família e tal, mas era que eu perdia um momento, esse tipo, um casamento, mas eu não perdi a convivência com meus pais. E a partir do momento que eu fui pra Foz, para o Kindermann, que eu comecei a perder a convivência. E a saúde deles ao mesmo tempo começou a debilitar. Por exemplo, meu pai teve câncer. Eu não estava ainda no Rio de Janeiro de volta e isso começou a me fazer questionar a minha carreira, a questionar o local que eu morava, mas assim, foi só num segundo momento, num primeiro momento eu não sei se eu fui até um pouco egoísta com todas as outras coisas ao meu redor ou se eu realmente era uma pessoa privilegiada, que não tinha muita coisa com que me preocupar, a não ser minha carreira.

O trecho destacado do relato de Dayane é bastante didático do que elas abrem mão em prol da construção das suas carreiras. Não à toa o futebol passar a ser eixo central da identidade das jogadoras, porque muitos outros aspectos subjetivos são marginalizados em favorecimento ao esporte.

4.3.4 Transferências e (i)migrações

A carreira de futebolista é marcada pela mobilidade. Ela passa por vários clubes localizados em diferentes locais. Todas as entrevistadas jogaram fora da sua cidade natal ou da

⁶⁵⁴ ROCHA, D. 2022.

cidade em que moravam quando começaram a jogar. A que conseguiu atuar de maneira mais concentrada na sua localidade foi Leda, pois jogou somente em São Paulo além da capital fluminense, sua cidade natal. E mesmo assim já contabiliza como deslocamento interestadual. De toda forma, “rodar”⁶⁵⁵, no sentido cunhado por Rial, compõe o fazer-se jogadora. Mais do que uma emigração as transferências realizadas são melhor representadas pela noção de “circulação”, ou mais especificamente, é uma circulação futebolística. Rial estava pensando na carreira dos homens, mas como afirmado por Pisani, as mulheres também realizam esse movimento⁶⁵⁶.

Damo expandindo esse raciocínio e considerando a ida para países estrangeiros fala que no caso dos homens a maior parte dos boleiros migra (“roda”, se preferirmos o sentido de Rial) por falta de oportunidades no mercado nacional, razão pela qual se aventuram em nações completamente estranhas⁶⁵⁷. Se isso é uma realidade para eles, para as mulheres é ainda mais palpável, pois a modalidade aqui é historicamente bastante deficitária e elas buscam fora do Brasil condições melhores. Pensando nas nossas entrevistadas, das oito apenas duas não jogaram em clubes no exterior. E as que circularam internacionalmente foram categóricas ao afirmar a superioridade qualitativa de atuar fora do país. Abordo no próximo item as vivências delas jogando em território estrangeiro.

Ainda sobre as motivações para realizar a circulação internacional, destaca-se que a busca por melhores condições e a carência de oportunidades não são os únicos fatores. Almeida aponta também a experiência cultural, as ambições pessoais, um incremento no capital cultural e futebolístico e, aproximando-se de Culvin, o grande amor delas pelo futebol, que chegaria no ponto de influenciar diretamente nas decisões de vida⁶⁵⁸. A intenção agora é compreender como se deram as transferências delas entre os clubes. Ou seja, como era o processo de passar de um clube para outro. Começo com a experiência de Duda:

Entraram [em contato]. A primeira vez foi através do empresário Gilmar Veloz, um dos maiores empresários gaúchos, que acabou me levando pro Milan. Eles viram a gente jogar. Na época teve uma Seleção gaúcha que saiu em tudo que é lugar aqui no Rio Grande do Sul. A gente foi muito bem, eu joguei muito bem e acabaram vendo a gente. E acabei indo pra pro Milan logo depois desse Campeonato Brasileiro de seleções. (...) Do Milan para o Verona, na verdade, daí já vieram direto em mim. E obviamente que a gente passou tudo para ele [Gilmar] também, mas aí foi devido às apresentações dentro do clube. Porque na época o Verona era uma dos melhores equipes da Itália de futebol feminino, tanto que no outro ano, depois, quando eu voltei pro Brasil, o Verona acabou sendo campeão italiano. Porque o Milan não era o time de ponta, ele era um time de meio de tabela e o Verona não. Verona já era um time

⁶⁵⁵ RIAL, C. 2008, p. 58.

⁶⁵⁶ PISANI, M. S. 2020^a, p. 81.

⁶⁵⁷ DAMO, A. 2005, p. 185.

⁶⁵⁸ ALMEIDA, C. 2013, p. 204.

que era pra ganhar o campeonato. Já era um time bem melhor no feminino naquela época. Tanto que quando eu sai, o Verona acabou contratando a Sissi que na época era grande jogadora do Brasil do futebol feminino⁶⁵⁹.

A gaúcha foi uma das primeiras brasileiras a emigrarem e jogou duas temporadas na Itália⁶⁶⁰. Duda apesar de não ter se considerado uma jogadora profissional e nem o futebol feminino na sua época como profissional vivenciou alguns aspectos bem profissionais. Comentou algumas vezes das suas aparições na imprensa, sobretudo, gaúcha. Teve patrocínio nos anos 1990 da marca esportiva Reebok: “eu tive por muito tempo um patrocínio da Reebok, que queria ter alguns ícones do esporte no Brasil. E eu acabei sendo do futebol feminino”. E conforme relatado no trecho acima teve a mediação de um empresário ao se transferir para o Milan. Era uma prática bastante incomum para aquele contexto da modalidade. Na realidade, faz poucos anos que se popularizou.

Leda, da mesma geração, teve uma experiência diferente: “a comissão técnica que era do América foi toda para o Vasco e apareceu lá um cara e disse ‘agora vou montar aqui’. Aí o treinador conhecia o supervisor: ‘ah vamos pro Vasco. Vamos jogar lá no Vasco’”. Ou seja, foi um acordo realizado entre a comissão técnica, que se transferiu para o Vasco, e acabou levando as jogadoras junto. Basicamente uma transferência coletiva. Carla contou a sua experiência:

Eu nunca tive empresário, empresário no futebol feminino é uma coisa mais nova. Então, com treze anos eu fiz o teste pro Flamengo. Aí essa menina que me chamou para jogar no time do bairro era do Flamengo também. Eu joguei campeonatos de favela e eu fui vista pela treinadora do Campo Grande, fui chamada. Os olheiros da seleção foram no Campo Grande, me viram e me levaram para a Seleção. Eles me convocaram. Depois da Seleção eu estava jogando futsal e, na verdade, um dos caras estava começando o projeto na Marinha foi no meu time de futsal e aí me chamou. O Foz veio fazer uma peneira aqui no Rio de Janeiro e eu fui na peneira. As minhas amigas até falaram assim “cara, você vai numa peneira? Você não é mais jogadora de peneira”. “Mas gente, me deixa ir na peneira, eu vou lá”. É como se fosse descer um degrau. Mas, na verdade, eu fui mais me apresentar pro cara e tal. Acho que eu joguei quinze minutos e ele me levou para o Foz. E o Kindermann também foi o convite diretamente comigo, contato direto comigo. Mas sem intermediários, sem empresário, sempre eu e o clube tratando⁶⁶¹.

Descreveram-se três formas de chegar em um clube. Primeiro, a peneira realizada quando tinha treze anos e depois mais velha, por volta dos vinte e cinco. Interessante a visão das amigas “você não é mais jogadora de peneira” no sentido de que Carla já estava em nível acima disso. Nessa lógica, as peneiras caberiam para as principiantes, quem não tinha uma

⁶⁵⁹ LUIZELLI, E. 2022.

⁶⁶⁰ Creio que é um tema passível de ser explorado futuramente por outras pesquisas a relação das jogadoras brasileiras com a Itália. Só das nossas entrevistadas três jogaram lá e possuem cidadania italiana. Justamente pela histórica imigração italiana para o Brasil é algo a se pensar. Além disso, Dayane comentou: “nós somos fortes, nós somos boas naquilo que a gente faz aqui na Itália. O Campeonato Italiano tem duzentas jogadoras. Te digo aí que média de oitenta são Ítalo brasileiras”. Mesmo se referindo ao futebol de salão é uma temática a ser aprofundada.

⁶⁶¹ OLIVEIRA, C. 2022.

rodagem e maior experiência. Segundo, os olheiros como os que a levaram para a Seleção ou para a Marinha. Viram-na jogar em outros espaços e fizeram o convite diretamente para ela. A atleta enfatiza o fato de não ter empresário e como esse é um agente mais recente no circuito do futebol de mulheres. Terceiro, a partir do contato de uma companheira de time e/ou outra jogadora. Essa é a forma mais tradicional de uma atleta se transferir para um clube na história da modalidade. Jatobá descreveu:

Em 2003, a gente foi fazer um campeonato nos Estados Unidos pela Seleção Brasileira e eu conheci a Milene Domingues, que foi para Seleção também. A gente acabou num período lá, fazendo clínica, dando treinamento mesmo pela Seleção para algumas escolinhas e acabou se aproximando mais. Quando a gente está na Seleção às vezes tem mais afinidades com uma, mais afinidades com outra. A gente acabou caindo na dupla para poder atrair os grupos, passou alguns dias ali e acabou se aproximando mais. Acabou e aí voltamos para o clube. Acabou o clube que eu estava, já não tinha mais patrocínio. Aquela instabilidade. Aí eu mandei e-mail para Milene e falei: “Milene, se você souber de algum clube aí fora que queira uma brasileira, que esteja contratando uma brasileira, eu posso mandar meu currículo e tal”. Passou-se um tempo, ela me respondeu: “meu clube está querendo contratar uma brasileira”. Eu mandei o currículo, daí ela conversou e me falou: “olha, eu joguei com a nossa comissão. É assim, assim, assado”. Eu acabei indo para o para o Rayo Vallecano, aí já tinha um contrato pré-feito, outras atletas também tinham o mesmo contrato. E aí de lá, uma amiga que estava na França, tinha um empresário e fala assim: “olha, eu estou querendo levar uma atleta para a Europa e tal”. Ela falou: “tem uma amiga que está no Rayo, está disputando a Liga e se você quiser dar uma olhada”. Ele pesquisou, foi ver, gostou e falou: “quero fechar um contrato com você. Quero te levar pro Lyon. É um clube que você pode se encaixar muito bem”. Eu fui pro Lyon, fiquei ali fazendo um mês de aprovação de testes e tal, porque naquela época era assim, e acabei ficando, deu tudo certo e aí as coisas foram gradativas nesse sentido. Aí acabei com ele, com a parceria, aí voltei pro Brasil. Aí eu me negocieei. Depois disso eu acabei negociando todos os meus contratos⁶⁶².

A ida para o Rayo Vallecano, após o time onde jogava encerrar as atividades (o motivo para imigrar foi pautado pela instabilidade do futebol no Brasil), foi mediada por Milene Domingues, assim como, a ida para o Lyon ocorreu graças à amiga que já morava na França. Segundo Pisani, uma característica marcante do futebol de mulheres no Brasil é o estabelecimento de redes informais entre as jogadoras, principalmente, com as que atuam fora do país para viabilizar as transferências.

A rede funciona da seguinte maneira: uma atleta através de um olheiro vai para um time no exterior e lá fica sabendo da necessidade do clube contratar outra futebolista e ela acaba indicando prontamente alguma amiga brasileira. O treinador ou responsável pesquisa sobre a indicada, se interessa e faz o contato com a jogadora que está no Brasil, se ela aceitar, também vai jogar no clube estrangeiro. Em decorrência desse processo, as atletas evidenciaram que não basta jogar bem, é necessário um círculo de convivência e a manutenção de bons

⁶⁶² JATOBÁ, S. 2022.

relacionamentos com as colegas⁶⁶³. Além de Jatobá, lembro que Marina chegou no Verona por indicação de Dayane. E Dayane conseguiu ir para a Espanha indicada por uma amiga: “eu recebi uma oferta pra ir jogar na Espanha e aceitei essa oferta. Essa oferta chegou através de uma amiga minha que já jogava lá e falou ‘ó, meu time tá precisando de uma atacante, você não quer vir?’”⁶⁶⁴. Já para Itália, ela trilhou outro caminho:

E o meu sonho era vir jogar na Itália. Eu queria conhecer a Itália e jogar na Itália. Eu estava no Brasil e comecei a enviar e-mails para os clubes italianos. Até que um clube me respondeu em português, pela minha surpresa, e me falaram assim “olha, o teu currículo é um currículo muito bom e alto para os clubes que você está escrevendo, para clubes da tabela para baixo. Você tem que escrever do meio da tabela para cima, não do meio da tabela para baixo”. E para minha surpresa, escrevi pro líder do campeonato, o clube que sempre ganhava tudo e eles falaram que sim, que poderiam fazer uma oferta. Embarquei para a Itália e vim jogar no Verona⁶⁶⁵.

Diferente das outras situações em que houve indicação ou intervenção de um olheiro, neste caso, houve a iniciativa da jogadora de procurar clubes onde atuar e enviar o seu currículo. A situação teve um desfecho positivo e até surpreendente considerando a perspectiva inicial de Dayane de mandar o currículo para os times mais fracos daquele campeonato. Com relação aos empresários houve os relatos de Jatobá e Thaisa:

Quando eu fui para o Lyon eu fui com um empresário. Quando eu fui pro pro Rayo Vallecano eu não tinha empresário. Então, eu que conversei e tal, ia pagar tanto seu salário vai ser assim e ponto. Quando eu fui pro Lyon foi um empresário que negociou e fez tudo. Só que esse empresário ele começou a fazer tudo mais no primeiro ano. Aí, a partir do segundo ano, ele não fazia mais nada, mas ele me ligava e falava “olha, seu salário vai cair tal dia e a minha porcentagem pode depositar nessa conta”. E começou a ficar ruim, porque eu ia no clube e eu falava sobre o salário, sobre as condições, sobre situações. Só que eu tinha que continuar pagando ele e aí depois eu falei “olha, vamos encerrar nosso ciclo, porque eu estou fazendo o seu trabalho, estou pagando para você, então não é justo”. Ele saiu chateado, ele não gostou, mas eu fui sincera. E então esse foi um dos pontos. Quando eu fui falar mesmo com o diretor e com o presidente foi ruim porque é difícil você negociar algo para você mesma. Você tem que falar sobre a profissional, mas é você mesma que está falando aí. Então, é sempre bom você ter alguém que faça isso por você, mas alguém de confiança e que realmente faça o seu trabalho. Então, eu sempre ao longo da minha carreira, sempre fui eu que fui falando, negociando e tratando⁶⁶⁶.

Jatobá foi para o Lyon por indicação da amiga, mas quem fez os trâmites da negociação foi o empresário. A fala demonstrou os problemas que ela teve com o empresário no ano seguinte, pois ele parou de cumprir com as suas obrigações. A jogadora ainda destacou a dificuldade de negociar sozinha com os dirigentes, pois há um constrangimento de falar de si mesma e acaba sendo uma função a mais a ser desempenhada. Thaisa teve experiências melhores:

⁶⁶³ PISANI, M. 2012, p. 127.

⁶⁶⁴ ROCHA, D. 2022.

⁶⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶⁶ JATOBÁ, S. 2022.

Antigamente era: uma amiga joga lá. Jogamos contra. O treinador gostou e fala: “fala com a fulana que eu tô interessada nela”. O treinador mesmo falava. Antigamente era assim, então você ia trocando de clube, jogava contra o treinador, falava “vamos contratar” e tal. Hoje em dia não, hoje em dia já é diferente. Lógico que tem, o que também acontece no masculino. Jogadora: “já joguei com fulana, fulana, ó ela é gente boa, vai de campo, tal tal tal. Eu acho que ela é uma boa contratação” aí o que acontece? O diretor entra em contato com um agente que a gente tem e o agente entra em contato comigo, fala: “Thaísa, o clube está interessado em você, você tem interesse?” Então, assim mudou um pouquinho. A minha contratação do Real Madrid foi mesma coisa. Entraram em contato com o meu empresário. Joguei a Copa do Mundo e nas oitavas quando a gente perdeu para a França, eu fiz um jogo legal, fiz um gol e nisso o Real Madrid estava assistindo. Tava buscando jogadoras, aí eles entraram em contato com o meu agente e foi assim. O Flamengo é a mesma coisa, eu estava com interesse em voltar pro Brasil, porque já não estava conseguindo jogar na Europa, estava com muitas dores porque o frio também atrapalha a minha cirurgia. Então eu tive que voltar e a minha volta foi isso também. Uma jogadora tinha falado: “Thaísa, eu vim falar com você, quer voltar pro Brasil e tal, o Flamengo está procurando jogadoras” e eu falei: “fala pra eles entrarem em contato”, aí eles entraram em contato, fizeram a negociação e voltei⁶⁶⁷.

No caso dela o empresário, chamado também de agente, cumpriu com as suas funções e realizou a mediação correta nas negociações entre clube e atleta. Interessante que a indicação de uma jogadora a partir da rede informal de contatos segue vigente, agora houve a inserção de um novo elemento, no caso, o empresário. De acordo com Almeida, quando uma futebolista se acerta com um agente coloca nesse ato a esperança de progressão da carreira. Esse é um serviço é algo recente no futebol de mulheres, aparecendo nas pesquisas a partir de 2009. Anteriormente era mais espaçado e/ou ligado a agentes representantes de universidades estadunidenses procurando jovens atletas para atuarem na Liga Universitária⁶⁶⁸.

4.3.5 Viver fora do Brasil

O Brasil é reconhecidamente um exportador de pé-de-obra, sobretudo, no futebol espetáculo dos homens. Mas no futebol de mulheres as brasileiras também são constantemente lembradas e consideradas como uma das primeiras opções no momento de contratação dos clubes estrangeiros⁶⁶⁹, principalmente, EUA e Europa⁶⁷⁰. Das oito entrevistadas apenas Leda e Carla não jogaram no exterior e todas as outras seis atuaram no continente europeu. Thaísa jogou na Europa e nos EUA, durante a graduação. Cabe agora compreender as vivências delas fora do Brasil e o que significou em suas trajetórias.

⁶⁶⁷ MORENO, T. 2022.

⁶⁶⁸ ALMEIDA, C. 2018, p. 168.

⁶⁶⁹ PISANI, M. S. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol : mercadoria que ninguém compra? **Espaço e Sociedade**, ano 9, n. 23, p. 1–11, 2014.

⁶⁷⁰ Almeida demonstrou que, por outro lado, o Brasil nos últimos anos tem se tornado também um receptor importante de atletas estrangeiras, sobretudo, daquelas oriundas de outros países da América Latina. Cf. ALMEIDA, C. 2018.

Como já visto em falas anteriores, o grande diferencial de jogar na Europa são as melhores condições de trabalho e uma boa estrutura ofertada pelos clubes. Foi um consenso entre as seis. Foram encontradas situações distintas de um clube para outro, sem dúvida, contudo, o parâmetro de profissionalismo é acima do brasileiro, de acordo com essas concepções. Não vou repetir elementos já elencados por elas anteriormente, mas trago a seguinte contribuição de Jatobá:

A gente fazia muita concentração e trabalhava muito. Meus últimos jogos, no meu último time na França, era já no padrão bem profissional mesmo. A gente ficava em um local, todo mundo concentrado para os jogos durante a semana. A gente fazia os treinamentos para enfrentar o adversário na semana seguinte, então era todo baseado no que a gente ia enfrentar. As melhores, pelo menos lá na França, os melhores testes que a gente tinha, a recuperação, fisioterapia, fisiologia, alto, padrão, alto nível, de alto rendimento de um atleta. Então eu acho que tratando-se de futebol feminino profissional, eu acho que no final da minha carreira eu consegui vivenciar o melhor que se podia dar para um atleta⁶⁷¹.

A experiência no Metz fez com que ela vivenciasse “o melhor que se podia dar para um atleta”. Em todos os quesitos de estrutura há um alto padrão envolvido, tudo para possibilitar o mais alto rendimento das jogadoras. É um parâmetro profissional. Thaisa conta da diferença dos dias de jogo na Europa e agora no Brasil:

Aqui no Flamengo, agora deu uma parada, mas normalmente era obrigatório você chegar, almoçar junto com a equipe e tal. E lá fora, na Europa eles te dão mais liberdade. Na verdade, você chega, você tem que fazer seu trabalho independente que você esteja fazendo. Eles não importam muito o que você faz fora de campo, se você dentro está rendendo, então lá é bem mais aberto. Por exemplo, às vezes aqui no Flamengo tem que chegar quatro horas e meia antes do jogo. De lá, eu chego duas horas antes, chego no campo, no estádio ou onde seja o que for o jogo, a gente faz a preleção, mostra vídeo, conversa e vai pro jogo. Então é um pouco diferente, sim⁶⁷².

A jogadora passou por Real Madrid e Roma quando jogou no continente europeu e com base nessas experiências considerou que há um menor controle sobre as atletas, se comparado com o que existe aqui no Flamengo. E justificou isso com a necessidade de chegar com bem mais antecedência em dia de jogo. Sobre a comissão técnica acrescentou:

Sim, eu acho que evoluiu principalmente fora do país. Vamos lá, eu tenho que bater nessa tecla, porque é o que realmente acontece lá fora do país. Eu vejo as comissões técnicas muito... como que eu posso falar isso? Capacitadas! Entendeu? Vamos dizer, não é que um treinador está num clube grande ou um preparador físico está num clube grande, ele não tá lá porque ele tá lá. Ele tá porque ele estudou muito, entendeu? Então eu vejo isso muito lá fora. Eu vejo essa evolução. Eu vejo muita evolução lá fora.

Interessante ressaltar a enunciação da frase “tenho que bater nesta tecla” porque demonstra realmente o quanto foi reiterado ao longo da entrevista dela a diferença entre a

⁶⁷¹ JATOBÁ, S. 2022.

⁶⁷² MORENO, T. 2022.

estrutura do futebol no Brasil e na Europa. Nesse caso as melhores condições europeias foram demonstradas na capacitação adequada da comissão técnica, com formação duradoura na respectiva área. Logo em seguida, Thaisa comparou com o preparador físico do Flamengo, que em sua percepção só está no clube porque é capitão da Marinha e presta um serviço desatualizado, pois os treinamentos passados não evoluíram, são os mesmos de quinze anos atrás.

E o que significava para as atletas jogar fora do Brasil? Nas palavras de Jatobá:

Foi mágico. Foi outra situação: segurança, um bom salário, uma boa estrutura. Coisa que eu não vivia no Brasil. Então, você morar sozinha, viver sua vida profissional sozinha, sem dividir o alojamento com todo mundo, viver num país de primeiro mundo. Foi extraordinário. Tanto que a minha preocupação era: “nossa, eu quero continuar com isso. Eu quero me manter aqui”. Eu queria sempre dar o meu melhor, porque estar lá fora, é outra coisa⁶⁷³.

O trecho é bem didático para demonstrar a alegria de jogar na Europa: mágico, extraordinário, “outra coisa”, a preocupação em querer se manter ali. E não por acaso, como ela disse no começo, a situação era bem distinta da instabilidade brasileira, lá havia segurança, salário e estrutura apropriados, uma casa só sua. Marina seguiu na mesma linha:

Quando eu cheguei na Europa já dando um passinho lá à frente. Eu sabia que eu queria aquele mundo profissional para mim e na Europa é extremamente profissional. A gente vive de futebol feminino, você tem uma carteira assinada, você tem um passaporte, você tem um registro que você entra no país como jogadora profissional e aquilo eu já estava preparada para viver (...) Na Suécia, foi o meu maior momento de alto rendimento. Porque parece que eu estava no local certo, no campeonato certo. Fazendo aquilo que de fato eu gostava e era um momento bacana da minha vida. Eu tinha saído do Brasil, estava num campeonato que era tem a série A, B, C, D e E do futebol feminino. Existem muitas pessoas na arquibancada. Era um campeonato extremamente organizado. Era um calendário que existia no começo e no final do ano, ou seja, tinha o calendário do início de fevereiro, por mais que lá seja muito frio, até novembro, quando esfriava muito. Daí o campeonato parava. Todo esse percurso que aconteceu na Suécia eu tive muito focada, muito no meu alto rendimento, por isso que eu falo que ali, independentemente de eu estar na Seleção Brasileira, talvez tenha sido no meu melhor momento de performance.⁶⁷⁴

Há o destaque sobre a estrutura de qualidade vivenciada: registro como jogadora profissional, carteira assinada, torcida nas arquibancadas, organização do calendário e campeonatos, e todos esses elementos na narrativa de Marina foram essenciais para ela estar no melhor da sua performance em toda a carreira. Sem dúvida, são elementos que caminham juntos. E ela ainda expõe: “fazendo aquilo que eu gostava”. Graças à essa estrutura as jogadoras se sentiram efetivamente profissionais, em certas situações, pela primeira vez na carreira. Como contou Duda:

⁶⁷³ JATOBÁ, S. 2022.

⁶⁷⁴ AGGIO, M. 2022.

Ah, eu não tenho nenhuma dúvida de quando me senti profissional, quando eu fui pra Itália. Eu acho que quando eu fui para a Itália eu vivi momentos muito legais, porque, tipo, organização de campeonato que aqui no Brasil não existia. Periodização de treinamento que aqui também era uma coisa que era muito amador⁶⁷⁵.

Dayane acrescentou:

Acho que quando eu assinei meu primeiro contrato fora do país. Quando eu cheguei lá no Lyon da França e me deparei com toda aquela estrutura. Eu falei “nossa, eu realmente vou viver do futebol”. E pra mim, aquilo é sensacional. Eu chegava lá no CT do Lyon e tinha o Juninho Pernambucano batendo falta, tinha o Fred entrando com o carro, tinha o Chris brincando com as crianças dele, saindo do refeitório. A gente almoçava e jantava ali aonde “os cara profissional” estavam. Então, quando eu cheguei ali, meio que a minha ficha caiu que realmente o esporte ia fazer parte da minha vida⁶⁷⁶.

Assim, atuar em algum país estrangeiro e melhor estruturado é um momento definidor do fazer-se jogadora. Completa-se ali a transição para o status de profissional, de “viver do futebol”. Entretanto, jogar fora do país não se relacionava apenas com aspectos econômicos ou materiais, havia ganhos em outros sentidos. De acordo com Thaisa:

Para mim foi também uma realização de um sonho. Eu acho que toda vez que eu mudava de lugar, que eu aprendia um idioma, não sei, eu sentia que eu estava ganhando. Aquilo não era só com futebol. Eu não sentia assim só no futebol. Sentia na minha vida. Eu falava: “caramba”. Eu sabia que eu não ia ser milionária jogando futebol. Eu sei a realidade que a gente vivia no futebol. Então eu falava: “meu Deus, eu vou lá, vou aprender inglês logo, aprender espanhol, aprender italiano”. Pra mim eu acho que era isso a minha maior conquista pra mostrar pra minha mãe também que ela falava: “não para de estudar”, era mostrar pra minha mãe que o futebol também poderia me levar outros horizontes. Não só querer ganhar o dinheiro em si, entendeu? Acho que foi isso, ir para fora, aprender outras culturas. Para mim acho que foi sensacional⁶⁷⁷.

O futebol como um propulsor para conhecer outras realidades, aprender outras línguas, ter outras vivências ou como Thaisa colocou “levar outros horizontes”. Por isso se enquadra como a “realização de um sonho”. A conquista de ganhos subjetivos, de um capital cultural muito grande estava envolvida nas imigrações. Há na fala também a consciência de “não ia ser milionária jogando futebol”, ou seja, a preocupação ali não é econômica, “não só querer ganhar o dinheiro”. Duda tem a mesma percepção: “Foi muito legal. Foi uma experiência fantástica, eu diria assim, que eu conheci o mundo, né? Eu conheci a Europa inteira, a gente conseguia passear e se divertir. Hoje eu falo português, inglês, espanhol, italiano. Então tu aprende uma outra cultura”⁶⁷⁸.

⁶⁷⁵ LUIZELLI, E. 2022.

⁶⁷⁶ ROCHA, D. 2022.

⁶⁷⁷ MORENO, T. 2022.

⁶⁷⁸ LUIZELLI, E. 2022.

Apesar de todos os elogios e a melhora que todas vivenciaram e relataram ao jogarem fora do Brasil, houve relatos também das dificuldades. Jatobá contou uma história específica sobre a transferência para um time russo (não identificou o nome dele):

Nossa... esse time da Rússia foi de caloteiros. Eles ficaram me devendo, não me pagaram. Porque assim, eu desconfiava que era algo muito ilegal, porque eles tinham muito dinheiro, mas eles no final da temporada, alegaram falência para não pagar os funcionários, todas as atletas. Foi através de um contato que falou que o time russo estava precisando de jogadoras brasileiras e tal, aí eu acabei mandando meu currículo através de um outro contato, mas que o cara não era empresário, acabou chegando lá e deu certo. Aí eles mandaram os papéis, eu fui, aí, chegou lá, era uma baita de uma enrascada, assim, imensa. Um clube maluco. O presidente, ele era presidente, treinador e dono do clube. Ele era bem fora da casinha, então aconteceram muitas coisas. Foi um clube assim, onde eu aprendi muito. Onde eu cresci muito, como pessoa, porque eu vi coisas assim, extremas, que não foram legais. Foi uma negociação meio que assim uma barca furada. Porque outras pessoas foram, meio que deu certo, mas como eu não conhecia o clube, as pessoas que me passaram também não conheciam. E o presidente falou: “vamos com renovar com você com mais dois, três anos”. Eu estava lá quatro, cinco meses, e o cara não tinha pago nem um mês de salário ainda. Falei não e aí eu falei: “não, vou pro Brasil”. Eu estava com medo já de eles não deixarem eu voltar pro Brasil, da minha passagem, situações bem malucas assim. E aí o dia que o motorista foi me levar porque tinha uma tradutora...Tinha eu de brasileira e tinha mais uma menina da Jamaica, duas de Camarões e uma sueca e uma americana. Nós éramos em seis. Aí a de Camarões foi embora. E nós ficamos em cinco. E aí eu só sei que no final das contas, assim o clube não pagou ninguém. Eu queria só ir embora porque eu estava com medo já de ficar ali. Eles queriam renovar o contrato. Falei: “não vou pro Brasil de férias, a gente vai se falando, mas a princípio eu não quero”. “Não, mas você tem que ficar”. Aí eu falei “Não. Quando chegar no Brasil depois eu penso”, porque eu queria vir embora, não é? No dia que o motorista foi me buscar no apartamento, estava chapado de vodca e no caminho, eu lembro que ele fazia isso [balança os braços simulando volante e uma direção ofensiva]. Eu falei: “meu Deus, não vou conseguir chegar no aeroporto”. Para você ter uma ideia nesse clube, eu fiz um calendário, riscava os dias e aí eu lembrava das pessoas que estavam presas e riscam os dias que passam, que querem sair dali. Eu estava me sentindo, nossa, aprisionada naquele lugar. O dia que eu cheguei no aeroporto, eu chorei, eu falei “meu Deus!”. Eu entrei no avião, “nossa, escapei disso”. Não quero nunca mais voltar para um clube desse. Porque assim eu vi coisas, situações ali assim, malucas, malucas mesmo. Então, assim, a Rússia foi um trauma na minha vida. Esse clube da Rússia foi um trauma na minha vida e não recebi. Não me pagaram.

Ela preferiu não entrar nos pormenores das situações “malucas”, mas só por essa fala já é bastante perceptível a péssima situação das atletas naquele clube. A comparação com a prisão, o medo de não conseguir ir embora, o motorista bêbado parecem elementos de um filme de terror. Além do calote que as jogadoras levaram. A situação estava tão complicada que preferiram ir embora o mais rápido possível, independente de receberem ou não. Outra dificuldade em ser estrangeira na Europa foi contada por Dayane e se relacionava com a burocracia e visto de entrada.

4.3.6 Instituições, dirigentes e treinadores

Abordar os significados atribuídos aos vínculos estabelecidos entre as jogadoras e as instituições (federações e clubes) esportivas, os dirigentes e os treinadores é um caminho pertinente para analisar como se estabelecem as relações de gênero no campo esportivo. Primeiramente, recordo algo já reiterado algumas vezes nesta tese: os cargos decisórios do esporte, seja na gestão ou no treinamento, são majoritariamente ocupados por homens.

Apenas para exemplificar, Torga, Pires e Mourão revelaram que dentre os sessenta times participantes do Campeonato Brasileiro de homens, das séries A, B, C e D, apenas cinco mulheres ocupavam cargos de gestão em 2020⁶⁷⁹. Em pesquisa semelhante realizada no ano seguinte, mas considerando os 255 dirigentes de vinte e cinco clubes das séries A e B registraram-se sete mulheres (um aumento), o equivalente a 2,7%⁶⁸⁰. Com relação aos técnicos, a Copa do Mundo de 2023 conta com 32 seleções, das quais, apenas 8 contam com treinadoras mulheres⁶⁸¹.

Apesar de ser um panorama dos anos recentes é possível considerar que nas décadas anteriores o cenário não era distinto. Tal processo evidencia a distribuição desigual de poder entre os gêneros no campo esportivo. As consequências são variadas, mas sem dúvida, passam pela manutenção da própria hegemonia masculina no futebol e o afastamento de meninas e mulheres dele. No campo prático a falta de diversidade – estamos considerando o gênero, mas facilmente se aplica para o recorte de raça, afinal, quantos desses dirigentes são negros e quantos são brancos? – pode levar à incompreensão sobre as características específicas dos diferentes futebóis, privilegiando sempre o futebol espetáculo em detrimento aos outros.

É desses elementos que deriva a visão dos investimentos no futebol de mulheres como uma caridade ou ainda a própria ausência desses investimentos. No quesito de treinamento impacta as relações cotidianas, afinal, o treinador é uma figura de autoridade que estabelece os treinamentos diários, a rotina e o mais importante, quem joga as partidas e quem não (e quanto tempo joga). Relembrando Culvin: mulheres e homens nunca terão as mesmas vivências e condições quando se fala de treinamento, estrutura e gestão. Para verificar como tais elementos aparecem nas narrativas das entrevistadas abordarei três instâncias de poder: as instituições, os dirigentes e os treinadores.

⁶⁷⁹ TORGA, M.; PIRES, B. A.; MOURÃO, L. Gênero e futebol: as mulheres na gestão do futebol brasileiro. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 4, p. 1–7, 2020.

⁶⁸⁰ SILVA, V. R.. Apenas 2,7% dos gestores de clubes de futebol são mulheres. **Gênero & Número**. 9 jun. 2021. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-no-futebol/> Acesso em: 24 abr. 2023.

⁶⁸¹ Essa tese foi finalizada antes do início da Copa do Mundo, assim, pode ser que até lá haja mudanças nos comandos técnicos, ainda que improvável, de toda forma, cabe o registro temporal.

Poucas foram as jogadoras que delineararam uma visão positiva acerca das instituições, no geral, foram bastante criticadas. Maravilha após contar do problema judicial com a Portuguesa fez a ressalva de ter trabalhado em bons clubes, como o Grêmio, onde a tratavam muito bem, “com bastante respeito”, e até mesmo o São Paulo, apesar do imbróglio com a supervisora quando lesionou. Acrescentou ainda o Saad por conta da gestão do Romeu de Castro.

Duda elogiou a CBF especificamente durante a gestão de Rogério Caboclo⁶⁸². Ela vivenciou de perto esse período, pois foi justamente quando era Coordenadora de Seleções da entidade. Junto com Aline Pellegrino, as primeiras mulheres a ocuparem cargos importantes na confederação. Mas depois ponderou: “Aí a partir do momento que ele acabou saindo era inerente que, infelizmente, o futebol feminino mais uma vez ficou um pouquinho à deriva e aí, acabou saindo não só eu, mas como praticamente 80% das pessoas que trabalhavam na CBF”.

Sobre o período que estava lá comentou: “quando a gente chegou na CBF, uma das grandes conquistas com a nossa chegada, tanto a minha quanto a da Aline, foi a questão da equidade, das bonificações das premiações para as atletas, eu acho que isso foi muito legal”. Ela estava se referindo à igualdade no pagamento das diárias e das premiações (essa proporcional ao valor pago pela organização do respectivo campeonato) para as seleções brasileiras masculina e feminina. Até setembro de 2020 as diárias pagas aos homens eram maiores que das mulheres.

A desigualdade no pagamento das diárias pela CBF foi uma reclamação constante das jogadoras entrevistadas. Então, foi efetivamente uma conquista após anos de reivindicação e não por acaso aconteceu quando havia mulheres ocupando posições de poder. Caboclo no dia do anúncio chegou a falar “Não há mais diferença de gênero, pois a CBF está tratando de forma igual homens e mulheres”⁶⁸³. Meses depois foi afastado pelas acusações de assédio à uma funcionária da entidade. Ainda sobre instituições, Duda enalteceu as ações da FIFA em prol do futebol de mulheres:

Eu acho que hoje o futebol feminino uma realidade muito por imposição da FIFA. Com certeza a FIFA visualizou que o futebol feminino poderia ser um novo gancho no meio do futebol. É quando ela viu que o futebol masculino não tinha mais para onde crescer ela conseguiu perceber que o futebol feminino seria um outro módulo de negócio, eu diria assim. E isso ela conseguiu expandir pra Conmebol, ela conseguiu

⁶⁸² Em 2021, o ex-presidente da CBF, Rogério Caboclo, foi afastado da instituição devido a denúncias de assédio sexual e assédio moral por uma das funcionárias. Para maiores informações sobre o processo: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/rogerio-caboclo-e-afastado-da-presidencia-da-cbf.ghtml> Acesso em: 24 abr. 2023.

⁶⁸³ CBF equipara diárias e premiações pagas às Seleções Brasileiras. CBF, Rio de Janeiro, 2 set. 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br> Acesso em: 24 abr. 2023.

expandir para a CBF no caso. Para as confederações todas, porque hoje tu vê estádios lotados com rendas enormes. Futebol feminino na Europa, que está acontecendo muito já. Mas eu acho que a gente está no caminho certo, basta as pessoas que estão no poder hoje terem um pouquinho de um olhar pro futebol feminino e entendam que vai ser um grande negócio nos próximos anos. E que às vezes é necessário um pouquinho de investimento sim. Obviamente organizado, planejado, dentro de um planejamento, mas ninguém ganha do nada. Pra gente ganhar alguma coisa, tem que existir um planejamento e uma organização. E eu espero que as pessoas que estejam no poder hoje possam começar a ver o futebol feminino como um grande negócio e algo que vai ser também uma paixão nacional, assim como é o masculino⁶⁸⁴.

Há o crédito do crescimento da modalidade às medidas tomadas pela FIFA e que forçou as demais federações sob sua hierarquia a fazerem o mesmo e o reconhecimento claro de que tais ações foram tomadas para garantir a mercantilização do “produto” futebol feminino. Processo visto numa chave positiva. Duda também cobrou “as pessoas que estão no poder” de olharem melhor para o futebol de mulheres, reconhecendo as suas potencialidades enquanto negócio.

Leda, por outro lado, apresentou uma visão bastante crítica sobre a CBF:

Agora quando a gente fala em Seleção Brasileira o negócio já fica mais pesado, né? Por conta do brigar. Do lutar por melhores condições, de lutar por bons salários, de lutar por uma diária melhor. A minha geração era a geração que batia de frente. Então porra, tu bate de frente e depois não é convocada, você abre a boca e você é cortada. E eu fui uma das jogadoras que sofri isso, não só eu, mas muitas sofreram com relação a isso. Até por conta do machismo. A CBF era obrigada a ter uma Seleção feminina, por conta de ter que disputar os campeonatos. Eles davam azar, que a gente sempre, eu falo sério, eles tinham esse azar porque a gente se classificava pro Sul-americano, se classificava para os Mundiais, se classificava para as Olimpíadas e eles eram obrigados a engolir gente⁶⁸⁵.

De fato, a geração pioneira é uma das mais incisivas quando se trata de criticar a gestão da Seleção Brasileira. Isso aparece em vários outros relatos das pioneiras acessados através do projeto Garimpando Memórias. É notável no trecho de Leda a indignação sentida, até pelas expressões usadas: “o negócio fica mais pesado”, “então, porra”, “tu bate de frente”, “obrigados a engolir a gente”. Vale ressaltar também a ênfase na luta por melhores condições e como muitas sofreram as consequências disso, eram cortadas e/ou não eram mais convocadas. Na mesma linha há uma fala de Maravilha:

O que a gente ganhava era uma migalha, era um mínimo, era o mínimo que era exigido. Eles faziam o mínimo do que era exigido para que se tivesse futebol feminino, porque era uma exigência da FIFA. O futebol e principalmente o Brasil é considerado o país do futebol. Tinha que ter futebol feminino, então a gente ganhava um mínimo⁶⁸⁶.

⁶⁸⁴ LUIZELLI, E. 2022.

⁶⁸⁵ ABREU, L. 2022.

⁶⁸⁶ WAHLBRINK, M. 2022.

Ela estava contando sobre as convocações para a Seleção Brasileira e a disputa dos grandes torneios e expressa que só havia aquele selecionado nacional por exigência da FIFA, no mesmo sentido de Leda, elas garantiam as classificações para os campeonatos a despeito da vontade dos dirigentes. Ainda sobre a CBF, Thaisa acrescenta:

Nem um, pouco eles não fazem, não. Por exemplo, os clubes começaram a fazer porque foram obrigados pela federação, mas realmente foi a federação que quis? Não. A Confederação Brasileira não queria, quem obrigou ela, a FIFA, aí lá, sim, lá eu vejo que tem muita gente brigando pela modalidade, porque a Inglaterra já viu que o investimento correto no futebol feminino, que tem retorno. Então assim, é o que eu estou falando no Brasil, acho que a gente tapar o sol com a peneira⁶⁸⁷.

O tom de Thaisa é mais ameno que o de Leda, mas a crítica à CBF permanece. Ela se aproxima de Duda ao elogiar a FIFA, pois lá sim, teria “gente brigando pela modalidade”. Na sua percepção a inércia e/ou desinteresse da CBF dificulta o desenvolvimento do futebol de mulheres brasileiro. Pensando na realidade atual, Maravilha compartilhou também sua experiência na comissão técnica da Seleção Sub-17:

O que a gente teve dificuldades, em termos de..., para esse mundial foi gigantesca. Tiraram a pessoa que mais nos apoiava. Tanto que no Sul-Americano, quando a gente jogou muito, a Seleção estava, assim, bem encaminhada para ir muito bem para o Mundial para tentar ganhar título, a nossa coordenadora de seleções disse que a gente não deveria ser campeão mundial ainda. Falou na nossa cara, é isso. Então, a gente não entendia... Se a gente está trabalhando para o melhor da equipe. A gente não é pra ser a melhor⁶⁸⁸.

É mais uma situação que não temos como saber das entranhas da entidade e dos diálogos travados, mas de toda forma, é uma percepção preocupante. Reduzindo a escala, Leda falou sobre a federação carioca:

A gente vê isso muito em grandes clubes, esse machismo, esse preconceito, essa barreira. E eu vou te falar uma coisa: Rio de Janeiro, federação carioca dá vontade de você pegar uma bomba e explodir lá. Explodir, porque o que a gente vê nos campeonatos aqui são coisas surreais, são surreais. Sabe, eles fazem um campeonato assim que não tem a menor estrutura, não te dão o menor incentivo, tipo, a gente vê a federação Paulista que premia atletas em valores financeiros, você vê o Rio Grande do Sul que não tem muitas equipes, mas já tem transmissão, enfim, e a federação carioca é tosca. E aí hoje, enquanto comissão técnica, eu tenho a mesma visão que eu sempre tive como atleta, nunca mudou. Só que antigamente a gente tinha alguns dirigentes que batiam de frente, entendeu? Pra fazer a coisa acontecer. Isso aí acho que não vai mudar, pode amenizar um pouco, mas mudar não vai, porque é cultura nossa⁶⁸⁹.

A indignação com a Federação Carioca está no mesmo grau daquela sentida para com a CBF. As críticas de Leda se referem à inaptidão da entidade para oferecer estrutura decente e conseguir organizar campeonatos das equipes. Além da falta de incentivo e de transmissão das

⁶⁸⁷ MORENO, T. 2022.

⁶⁸⁸ WAHLBRINK, M. 2022.

⁶⁸⁹ ABREU, L. 2022.

partidas. Compara ainda com a época em que era jogadora, quando havia “dirigentes que batiam de frente”, ela não deu nomes, mas aqui poderíamos cogitar as mobilizações de Eurico Lyra, na época do Radar.

Claro que as instituições não são entidades com vida própria, falando por si mesmas, são construídas e mantidas por pessoas e as decisões mais importantes são tomadas justamente pelos gestores, detentores de poder. Separei aqui em instituições e dirigentes, pois é uma divisão que aparece na própria narrativa das entrevistas. Há momentos em que elas falam “a CBF”, “os clubes”, “a federação” e em outros se referem a pessoas específicas “os supervisores”, “os profissionais”. Assim, abordo agora a percepção delas sobre os dirigentes. Como são diretamente relacionados às entidades, as jogadoras também tem uma visão bastante crítica sobre eles, salvo algumas exceções. Dayane ao pensar sobre o que os gestores haviam feito em prol do futebol de mulheres foi bem dura:

Nunca, nunca fizeram, nunca fizeram! [olhar enfático] E por mais que o futebol feminino trouxesse um pouco mais de dinheiro para eles, eles usavam em outro tipo de esporte ou outro tipo de categoria. Mas não usava no futebol feminino. Sempre fizeram caixa 2 em nós, s e m p r e fizeram, sempre. Tem atletas que até hoje não voltou mais para a Seleção porque falaram na cara do presidente da CBF: “você faz caixa 2 em cima de nós.” Enfim, tem gente que vai pra guerra e vai para lutar e tem gente que vai lá para a guerra só para dizer que foi, não é? Enfim. Eu sempre fui atleta muito de brigar em relação a isso, essas coisas, para poder ter os incentivos e ter as coisas que são do nosso direito. Mas, enfim, você sempre acha aquelas pessoas que não estão nem aí para nada [cara de deboche]⁶⁹⁰.

A ênfase no fato de que os dirigentes nunca fizeram algo para desenvolver acompanha a indignação por tudo isso e mais ainda acompanha a aversão sentida ao comentar sobre o “caixa 2”. Não por acaso ela passa a utilizar uma analogia de guerra e reivindica a identidade de ser uma atleta que briga pelos seus direitos e pelos incentivos necessários. Jatobá também elaborou uma crítica:

Eu acho que seria bacana se os homens que acham que é só o futebol masculino, que pode dar dinheiro, que pode dar retorno, que eles possam olhar de uma forma diferente. Porque lá fora já está olhando dessa forma. Compra de atletas, compra de passes de atletas, investimento altíssimo e retorno já de atletas, empréstimos. Então eu acho que, na verdade, falta coragem. Deixar o machismo de lado e ter coragem de investimento, coragem de ser visionários. Eu acho que mulheres também, que tem muito poder no país, também comprar a causa aí, falar: “por que não? Por que não investir? Por que não fazer?” Então acho que a evolução do futebol feminino, ela precisa de pessoas de coragem. Pessoas que têm poder, que são corajosas, que não fiquem sempre na mesmice⁶⁹¹.

A crítica é bem mais amena que a de Dayane, talvez, possa ser configurada mais como sugestão do que como crítica. Mas é interessante Jatobá se dirigir, primeiramente, aos homens

⁶⁹⁰ ROCHA, D. 2022.

⁶⁹¹ JATOBÁ, S. 2022.

e convocá-los a deixarem o machismo de lado e serem corajosos e, em um segundo momento, dirige-se também às mulheres “que tem muito poder” para comprarem a causa da modalidade. Ademais, é uma visão semelhante a de Duda, de um futebol de mulheres mais mercantilizado. Thaisa foi objetiva sobre o desempenho dos gestores: “eu ainda acho que o futebol feminino, a grande parte dos clubes, está em mãos erradas e não tem sido profissionais, infelizmente”. Remete a uma visão clássica de enxergar os dirigentes como amadores e afastados de uma gestão racional e organizada. Duda trouxe uma perspectiva interessante:

Na época do futebol feminino, eu diria que no Inter, a dirigente era eu mesma. Então, eu nunca tive nenhum problema. Obviamente que a gente sempre tentou procurar o nosso espaço dentro dos clubes, os clubes não entendiam o futebol feminino como uma realidade, então sempre uma grande dificuldade a cada vez que mudava o presidente do clube eram novos desafios, tentar convencer todo mundo novamente. Isso sempre foi uma grande dificuldade. Mas aí eu falo dos cartolas, dos políticos, que eu espero que cada vez tenha menos no Brasil, cada vez tenha pessoas mais profissionais hoje que entendam realmente do que é correto e o que não é⁶⁹².

Ela fala da posição de gestora também e não como jogadora. O desafio ali era conseguir um espaço no âmbito das decisões dos clubes – espaço de hegemonia masculina em dois sentidos: no esporte e em cargos de poder, pois no mercado de trabalho usualmente mulheres são relegadas a posições subordinadas. Reaparece também a instabilidade do futebol de mulheres, pois a cada nova direção era preciso convencê-la da viabilidade do time feminino. No final há uma associação dos dirigentes aos políticos, em um sentido pejorativo, e uma percepção próxima a de Thaisa, ao utilizar o termo “cartolas” remete ao amadorismo desses homens e espera que eles saiam de cena, para ter cada vez “pessoas mais profissionais”. É quase uma tentativa de despolitização da figura do dirigente, que deveria ser movido, apenas por aspectos profissionais, ou seja, econômicos. O porém é que não há separação dessas esferas.

Leda comentou especificamente sobre os supervisores da CBF:

Na Seleção Brasileira eram os supervisores que a gente enchia o saco deles o tempo todo, porque as condições que a gente tinha para trabalhar enquanto Seleção Brasileira eram péssimas. Eram péssimas, porque o uniforme era do masculino, porque a gente não tinha direito de imagem. O que a gente tinha uma diária, que era uma miséria. Então a gente tinha que lutar por condições melhores. E lá atrás a gente não tinha praticamente essa função de supervisor. A gente não tinha. Na verdade, o que a gente tinha ali a gente se submetia, porque a gente só queria jogar futebol, só queria jogar bola. Então é isso⁶⁹³.

É a mesma linha de pensamento citada antes. Na verdade, Leda reiterou esses aspectos durante a entrevista. Apesar do orgulho e da alegria em ser convocada para Seleção, as jogadoras encontravam condições difíceis e um claro descaso da CBF com elas. Desde a

⁶⁹² LUIZELLI, E. 2022.

⁶⁹³ ABREU, L. 2022.

utilização de uniformes do masculino⁶⁹⁴ até o valor muito pequeno das diárias. A atleta dá a sua explicação sobre a péssima atuação dos gestores, de maneira geral:

Se eu for partir do princípio que o Brasil é um país preconceituoso e machista a gente continua a bater na mesma tecla. A gente vê que muitos clubes, eles não dão o apoio necessário por conta dos dirigentes que não gostam da modalidade. (...) Por quê? Porque acham que é um esporte masculino. Que não pode ser praticado por mulheres e porque toda mulher que joga futebol é homossexual. Enfim, então a gente carrega isso com a gente. Eu acho que isso a gente vai levar para a vida toda.

Leda diz com todas as letras: é o machismo que faz muitos dirigentes atuarem contra a modalidade, eles baseiam as suas decisões na ideia de inferioridade das mulheres e do futebol como um espaço restrito aos homens. Ela acrescenta ainda a LGBTfobia, pois os gestores acreditariam que todas as jogadoras são lésbicas e como se isso fosse um problema. Quando uma das principais potencialidades do futebol de mulheres é a possibilidade maior de acolher a população LGBT se comparada ao futebol espetáculo. Muitas jogadoras assumem seus relacionamentos com outras mulheres. Obviamente, não é um espaço isento de discriminação, porém, no caso da homossexualidade há uma aceitação muito maior em termos comparativos com o futebol praticado pelos homens.

Carla recordou experiências distintas com os dirigentes ao longo de sua carreira:

Cara, assim, o primeiro foi o Campo Grande. E a dirigente era essa pessoa que hoje é um pouco minha mãe, já dormi tantas vezes na casa dela. Depois no Foz, o treinador e dirigente era a mesma pessoa. Foram aqueles problemas todos que eu já relatei em relação ao Foz Cataratas. No Kindermann minha relação com o dirigente também foi muito tranquila, foi rápida, mas foi muito tranquila, muito boa. Inclusive um deles me chamou para jogar a Copa do Brasil que o Kindermann foi campeão e eu falei pra ele assim “eu não vou, porque eu não quero só ganhar o seu dinheiro, eu quero colaborar, o meu joelho hoje não tem condição de me fazer colaborar com seu time, então eu vou aí só ganhar seu dinheiro”. Ele falou assim “Por causa disso que você está me falando, quando for no Campeonato Brasileiro, eu vou atrás de você”. E ele veio, falou “agora o seu joelho permite”. Falei “agora meu joelho permite que eu jogue, colabore, então agora eu vou para aí”. E daí ficou essa relação de confiança e gratidão ao mesmo tempo. Porque se eu tivesse ido, eu teria um título de Copa do Brasil, porque não importa se eu não joguei. Depois eu fui, a gente não foi tão bem no campeonato, mas era um compromisso meu, comigo, dessa honestidade, com esse trato honesto com todos os dirigentes. E na Marinha é muito difícil, porque a gente não está falando de uma estrutura de clube. A gente está falando de uma estrutura que envolve um militarismo, foi muito problemática a minha relação com o militarismo da Marinha do Brasil. Com a questão de dirigente assim do que seria parecido no clube foi bem problemática dentro da Marinha. Era uma estrutura militar... eu prefiro uma Terra sem leis do que uma Terra com leis só serem cumpridas por alguns e o militarismo tinha muito disso de: “isso não pode, mas fulano pode”. Sabe, o fulano que era apadrinhado de alguém podia e isso me irritava extremamente. Aconteceu isso muitas vezes. Isso para mim era um problema⁶⁹⁵.

⁶⁹⁴ Vale lembrar que apenas em 2019 a Seleção feminina teve um modelo de uniforme específico delas na disputa da Copa do Mundo.

⁶⁹⁵ OLIVEIRA, C. 2022.

Da relação próxima e carinhosa com Dona Inês aos problemas com os militares da Marinha, Carla estabeleceu diferentes vínculos com os dirigentes. Alguns positivos como também no caso do Kindermann e os problemáticos, como do Foz Cataratas e na própria Marinha. Ou seja, não é possível cravar uma única forma de relação estabelecida entre as jogadoras e os gestores, elas variam muito. Como a própria Carla disse: “Eu acho que, com raras exceções, não faziam [algo pela modalidade] e não fazem. Há exceções. Tem quem fazia e tem quem faz. Hoje em dia eu acho que aumentou o número de quem faz”.

Com relação aos treinadores, as jogadoras foram bem menos críticas e muitas vezes elogiosas e destacaram o papel importante que muitos desempenharam em suas trajetórias. Mais de uma também contou como gostava de estar próxima das comissões técnicas para poder aprofundar seus conhecimentos, desenvolver uma compreensão aprofundada de aspectos táticos. Também houve relatos de incompatibilidades e discordâncias, mas comparando com os dirigentes, em uma quantidade bem menor e críticas mais amenas. Há um aspecto que salta aos olhos nas narrativas das entrevistadas: as treinadoras mulheres. A maioria foi treinada por uma mulher em algum momento da carreira e isso sempre foi visto com bons olhos.

Leda contou sobre Helena Pacheco:

Nós tínhamos uma equipe, acho que 90% de mulheres. E era tiro. Desculpa a expressão: era tiro, porrada e bomba para cima da gente o tempo todo, porque Helena era assim “A” treinadora. A melhor que a gente teve na época. Então, a gente sempre chegava em finais de campeonato. (...) Com as mulheres que nós tínhamos no Vasco. Era Helena como treinadora e a Carmen, que era coordenadora, duas vascaína roxas e sempre lutaram por boas condições, né? Pra gente estar ali sempre, sempre brigando nas melhores posições nos campeonatos⁶⁹⁶.

E Marina sobre Magali Fernandes:

A minha treinadora, chamada Magali Fernandes, ela foi uma mulher assim, de grande pulso, porque ela dominava. Nós jogávamos nesse campeonato e por sua vez, ela tinha muitas meninas novas que transitaram em outros clubes depois do Juventus, então ela tinha um praticamente um time de formação que também disputava o Paulista⁶⁹⁷.

Helena e Magali são dois nomes pioneiros como treinadoras no Brasil e merecem bastante reconhecimento, como o proferido por Leda e Marina. Sem dúvida, abriram vários caminhos para as mulheres dentro do futebol. Destaca-se também Carmen, supervisora do Vasco dos anos 1990, e fundamental para aquele time ter se consolidado no cenário nacional. Thaisa também foi treinada por mulheres:

Foi sensacional. Eu acho que na verdade é melhor. Eu acho que elas entendem mais a gente. E eu tive a Emily Lima, sensacional. Foi uma pena o que aconteceu com ela na

⁶⁹⁶ ABREU, L. 2022.

⁶⁹⁷ AGGIO, M. 2022.

Seleção Brasileira⁶⁹⁸. Eu fui uma das que briguei para ela ficar, e eu tive uma também uma italiana que ela brigava muito pela gente. Eu acho que como elas vivenciaram o futebol, em uma época passada, elas entendiam as nossas, como que eu posso dizer? Os nossos pedidos. Então assim, para mim foi melhor. Eu não sei, eu tive o Vadão também, Fabrício, que foram treinadores homens que foi muito legal, mas assim eu acho que com Emily e com a Carolina Moratti, que era minha treinadora da Itália, eu acho que tive mais liberdade. Eu não tinha medo de falar, eu sabia que eu poderia falar e não seria julgada de certa forma⁶⁹⁹.

É uma fala cristalina sobre a importância de mulheres ocuparem cargos decisórios no futebol. Thaisa demonstrou uma maior conexão com as treinadoras, uma comunicação mais direta. Uma das explicações é justamente o compartilhamento de experiências em comum. As treinadoras são mulheres e também haviam sido jogadoras. Carolina Moratti foi citada também na entrevista de Duda, pois jogaram na mesma época: “a Carolina Moratti, que era a grande jogadora italiana naquela época que fazia o futebol feminino existir, eu diria”⁷⁰⁰. Um encontro de gerações e de Brasil e Itália.

A perspectiva de Jatobá sobre o assunto é interessante:

Eu tive uma treinadora mulher chamada Vanda. Não sei se ela ainda é treinadora do futsal de Londrina. Uma treinadora muito conceituada, muito inteligente, muito exigente também que me fez crescer muito como atleta e evolução, profissional e pessoal. (...) Não, dos meus treinadores não, nenhum [me inspirou a ser técnica]. Assim, eu tenho uma amiga que ela é treinadora hoje e sempre foi. Na verdade, foi primeiro do que eu. A gente jogou juntas e ela se formou. E a forma como ela colocava as situações dentro de campo e fora, talvez me tenha feito virar um pouquinho mais a chavinha no sentido de que isso pode ser bom. Isso pode ser positivo. É a Lindsay, ela é treinadora hoje do Atlético Mineiro⁷⁰¹. Ela sempre enfrentou e sempre bateu muito de frente em todas as situações, independente se era mulher ou homem. Então, isso me fez ver, talvez de uma forma muito positiva, porque só tinha homens antes. Só treinadores. Então, ela sempre encarou e isso positivo. Não que eu tenha me inspirado nela, mas eu vi coisas muito positivas que eu aprendi muito e que hoje eu levo também⁷⁰².

Quando tinha seis, sete anos, Jatobá foi para São Paulo, assistiu mulheres jogando em um estádio e pensou “é isso que eu quero pra mim”. Na verdade, viu materializado na sua frente a possibilidade de ser jogadora. É difícil não traçar uma analogia com essa fala. Ela disse que antes só havia homens e a sua amiga se tornou treinadora, ou seja, também houve a materialização de que aquilo era uma carreira viável para as mulheres. Depois, como se sabe, Jatobá se tornou técnica também e falou um pouco sobre isso:

⁶⁹⁸ Emily Lima foi a primeira mulher a assumir como técnica da Seleção Brasileira em 2016. Porém, com apenas dez meses de trabalho foi demitida precocemente pela CBF, sem uma explicação plausível. Sua demissão gerou revolta entre várias jogadoras.

⁶⁹⁹ MORENO, T. 2022.

⁷⁰⁰ LUIZELLI, E. 2022.

⁷⁰¹ Lindsay Camila saiu do comando técnico do Atlético-MG em março de 2023, meses depois da realização da entrevista.

⁷⁰² JATOBÁ, S. 2022.

Eu acho que eu aprendi muito com esse processo que eu entrei, principalmente, na Seleção, porque quando eu estava com outros clubes, com as categorias mais jovens e sendo treinadora para a formação e tal... Mas durante a Seleção eu aprendi muito, porque muitas coisas foram acontecendo. Eu fui aprendendo na prática mesmo, porque ninguém chegou pra mim e falou assim “ó, você vai chegar aqui, vai fazer isso, isso”. Não. Joga ali dentro e fala: “se vira”. Só vai. Eu fui aprendendo com as situações do dia-a-dia com atletas, com parte política, com a gerência, com tudo, como lidar com pessoas à volta que deveriam estar a favor, mas estavam contra. Mas eu acho que está sendo muito bacana essa experiência na Seleção. Eu acredito que a partir do momento que eu sair dela, eu vou estar preparada para muita coisa que eu nem imaginava, porque eu acho que esses três anos de Seleção agora foram mais do que um mestrado, assim foram realmente situações que eu vivenciei que eu desconhecia como atleta e da parte da comissão e eu tenho aprendido muito.

Há uma ênfase na aprendizagem realizada enquanto treinadora da Seleção Brasileira Sub-17, como foi diferente das experiências anteriores, talvez mais impactante. Jatobá comentou também sobre as relações estabelecidas ali e como lidar com “pessoas que deveriam estar a favor, mas estavam contra”. Não há uma especificação sobre qual era o motivo da contrariedade dessas pessoas, mas fica implícito que é algo desafiador.

4.4 A vida além do futebol: educação, maternidade e aposentadoria

Neste subcapítulo o objetivo é pensar três pontos chave da vida das jogadoras: a educação, a maternidade e a aposentadoria. Compreender como as entrevistadas relacionam esses pontos com o futebol e com as suas carreiras e o significado de cada um deles em suas narrativas.

4.4.1 Formação educacional

Qual era formação educacional foi uma das primeiras perguntas feitas nas entrevistas. Estava junto de outras questões mais objetivas, tais como: data e local de nascimento e tempo de carreira. Tinha uma intenção de registro e mapeamento socioeconômico das entrevistadas. Contudo, ao longo das entrevistas percebi a centralidade da Educação em suas narrativas. Não era possível negligenciar tal aspecto, por isso, escrevo esse item.

O discurso consensual de todas elas é sobre a importância de ter uma formação, de estar sempre estudando e buscando se aperfeiçoar. Diferente do proposto por McGillivray et. al.⁷⁰³ – que afirmam uma espécie de anti-intelectualismo por parte dos seus jogadores entrevistados e a educação é vista como um empecilho no desenvolvimento de suas carreiras, pois precisam de tempo para se dedicar somente ao esporte e também porque o capital corporal é visto como

⁷⁰³ MCGILLIVRAY, D.; FEARN, R.; MCINTOSH, A. 2005.

muito mais valioso do que o capital educacional – a Educação é central para o desenvolvimento de suas trajetórias, tendo vantagens, inclusive, dentro de campo.

Jatobá expressou isso de forma bem direta: “eu me preocupava muito porque eu sempre achava que, sempre vou achar, que os estudos são muito importantes”⁷⁰⁴. Leda relacionou os estudos à responsabilidade e como isso foi importante para se tornar jogadora: “por conta da criação que eu tive dos meus pais, eles sempre me deram essa responsabilidade, né? A questão de estudo. Você sempre tem que estudar e ter responsabilidade com isso. Eu a penso que se eu não tivesse essa responsabilidade, eu não seria uma jogadora”⁷⁰⁵.

Carla pensou o quão fundamental era estudar quando se decepcionou com as condições existentes na CBF durante uma convocação para a Seleção Brasileira Sub-19 e os estudos seriam a possibilidade de uma condição financeira melhor: “É uma coisa que eu olho para trás e eu me orgulho de mim. (...) E ao mesmo tempo, a realidade: o primeiro momento que eu me dei conta de que talvez aquilo não foi suficiente para me sustentar financeiramente. Foi um misto assim de frustração também. Um pouco depois foi logo quando eu decidi que eu ia estudar”⁷⁰⁶. Maravilha aprofundou essa temática:

Conheci meu marido e a gente namorou um mês, depois de um mês, a gente foi morar junto. Estamos juntos até hoje. E ele me ajudou muito. Ele é professor de História e Geografia. E quando eu conheci ele, eu comecei a estudar bastante. Ele dava aulas no colégio na cidade. A gente começou a estudar, mas em casa. Ele me dava um livro, dois livros para ler a noite, quando ele ia para a escola, quando ele voltasse, a gente ia discutir esse livro. Eu conseguia ler um livro só, mas eu ia lendo e a gente discutia esse livro. Foi muito bom porque eu comecei a compreender aquelas dúvidas que eu tinha quando eu era adolescente, quando eu tinha treze, catorze anos, porque fui estudar como é que funcionava a sociedade, como é que funciona o sistema capitalista, como é o socialismo, como é o comunismo, o que é o fascismo? Então eu fui entendendo como que funcionava a sociedade, da onde que vem o lucro? Por que as pessoas são pobres? Algumas que trabalham muito e são pobres. Aí eu fui sanando todas aquelas minhas dúvidas. Aí eu voltei a jogar no Grêmio, em 2001, 2002 e quando eu entrava em campo, eu conseguia jogar muito melhor, com aquele conhecimento todo, porque eu fazia a leitura das pessoas que me cercavam, eu conseguia entender. Eu falava um pouco com uma pessoa, com as meninas, com os treinadores, com quem fosse que eu falasse, em poucas palavras, eu conseguia entender o que essa pessoa pensava. E dentro de campo, eu comecei a largar muitas superstições que eu tinha antes. Quando eu comecei a estudar exatamente isso, a ciência, eu comecei largar muitas superstições que eu tinha, porque a gente acaba se agarrando a um monte de coisas, porque você não tem base de identidade ainda. Nossa, para mim aquilo foi fantástico. (...) O conhecimento foi algo extraordinário para mim que me encantou, então eu entrava dentro de campo só para jogar. Eu jogava mais leve, mais solta. Eu conseguia fazer a leitura de jogo mais rápido. Minhas tomadas de decisões eram melhores, então na verdade, eu comecei a jogar bem depois disso e hoje eu sempre falo para as meninas que elas tem que estudar, tem que ler, tem

⁷⁰⁴ JATOBÁ, S. 2022.

⁷⁰⁵ ABREU, L. 2022.

⁷⁰⁶ OLIVEIRA, C. 2022.

que entender a sociedade para que elas possam jogar melhor futebol, porque isso vai dar o suporte para a tomada de decisões⁷⁰⁷.

Mesmo se referindo neste trecho ao conhecimento fora de uma institucional formal de ensino, pois foi com leituras dos livros compartilhados com o marido, Maravilha demonstra a importância de aquisição de conhecimento para a sua trajetória. Isso também a mobilizou a posteriormente cursar o magistério e a graduação. Outro ponto a se ressaltar é justamente o fato de como todas possuem formação na área da Educação Física – Marina ainda tem Mestrado em Educação e Jatobá fez o curso completo da UEFA para treinadores, também com conhecimentos dessa área.

A escolha por esse campo de conhecimento se relaciona ao futebol, aos saberes e ao mundo que para elas já era muito conhecido. Dayane ao ser perguntada se escolheu aquela graduação em virtude do futebol respondeu prontamente “100%!”. Carla seguiu na mesma direção: “Eu sempre sonhei em fazer Educação Física só por causa do futebol. Nunca me passou pela cabeça “eu vou trabalhar em academia, rodar”, não. Eu quero ser professor de Educação Física. Eu vou trabalhar com futebol”.

Entretanto, as condições para conseguirem efetivamente se manter nos estudos e conseguir a sua formação não eram fáceis. Elas relataram as dificuldades para conseguir estudar e para conciliar com a rotina futebolística. Jatobá contou:

Eu não conseguia tempo pra parar pra estudar e jogar futebol ao mesmo tempo. Por exemplo: minha família é aqui do Paraná, então, eu sempre joguei fora, porque o futebol no Paraná nunca foi estruturado, nunca teve federações e isso tudo que apoiasse. Então assim era, amadoríssimo, e eu queria algo muito além disso. Então eu terminei o colegial aqui. E eu queria fazer uma faculdade, queria fazer alguma coisa, mas não tinha como porque, fora daqui, tinha os torneios, campeonatos mais longos. Eu até cheguei a receber uma proposta quando eu tinha dezenove ou vinte anos para ir para uma universidade nos Estados Unidos. Só que eu tinha também a oportunidade de ir para a Seleção. Eu falei “são escolhas”. E como eu era um pouco imatura, eu falei: “puxa, talvez é minha chance de atingir o pico profissional e de conseguir outras coisas depois”, então acabei não indo para esse convite, mas sempre pensei ali, eu preciso estudar⁷⁰⁸.

A rotina extenuante com uma jornada longa ocupa grande parte do tempo das atletas, encaixar na agenda a formação educacional se torna um desafio. Como agravante ainda há as viagens para disputar os torneios, tendo um calendário muito quebrado. Jatobá ainda relatou sobre ter negado um convite para uma universidade estadunidense graças à Seleção Brasileira demonstrando essa dificuldade em conciliar interesses. Dayane contou também sobre a convocação para as Olimpíadas que recebeu enquanto fazia uma prova (que já estava em atraso) da faculdade. Saiu correndo da sala para fazer as malas e ir para Atenas. Há por outro lado casos

⁷⁰⁷ WAHLBRINK, M. 2022.

⁷⁰⁸ JATOBÁ, S. 2022.

em que o futebol é justamente o fator que proporciona os estudos. Marina, Dayane, Carla, Thaisa tiveram bolsas por serem atletas. Thaisa chegou a garantir uma vaga em uma universidade dos EUA. Não é raro, inclusive, os clubes firmarem parcerias com faculdades, como uma forma de patrocínio, e ofertar bolsas para as atletas. Duda descreveu como o desafio de conciliar as atividades é uma realidade no futebol, mesmo em outras posições, como de gestora:

Eu sou formada em Educação Física e eu tenho vários cursos de formação, especialização, também em gestão. Nesse momento até eu estou tentando fazer o curso de gestão da CBF, mas os horários, eles não são fáceis assim da gente conseguir enquadrar. Mas, enfim, a gente está sempre tentando evoluir, melhorar. Eu acho que isso faz parte de qualquer ser humano⁷⁰⁹.

Para superar esses obstáculos as jogadoras empreenderam diferentes estratégias. Carla chegou, em suas palavras, “dar uma pausa” na carreira para fazer a faculdade, jogou somente futsal pelo time da instituição para garantir a bolsa. Maravilha optou por cursar Educação Física em uma faculdade à distância:

E nesse período eu fazia a faculdade de Educação Física, então eu tinha toda a casa, morava numa chácara, moro numa chácara aqui, então, eu tinha toda a chácara pra cuidar. Tinha comida pra fazer, faxina, eu faço pão, eu não compro pão na padaria, faço tudo em casa e ainda fazia faculdade. Ainda tinha filho pequeno e ainda dava treinamento de goleiro à tarde e duas vezes a noite ainda. Fazia faculdade a distância, que era a condição que eu tinha pra fazer⁷¹⁰.

Essa modalidade de ensino permitiu encaixar os estudos na rotina atribulada de Maravilha, que acumulava as tarefas domésticas, com a criação do filho e o trabalho como preparadora de goleira. Vale destacar que ela fez a graduação após parar de jogar. Para conseguir se formar, Dayane levou mais tempo dentro do curso. Em um período da sua carreira, morava fora do Brasil alguns anos e depois retornava para casa. Quando estava em Curitiba cursava a faculdade:

Eu entrei na minha faculdade em 2004 e fui sair em 2014. Eu fiquei dez anos dentro da faculdade para conseguir me formar, mas assim não me arrependo. Que hoje, graças a Deus, eu tenho uma universidade nas costas, né? (...) E eu era bolsista, então eu trancava a minha faculdade, e mesmo quando eu voltasse, eu tinha a minha bolsa à minha disposição, sabe? Agradeço, inclusive muito a faculdade Dom Bosco até hoje, por causa disso. (...) Aí quando eu voltei para o Brasil, eu fui na universidade, a universidade falou “pois é o teu tempo acabou. Agora ou você estuda e termina a tua faculdade ou o curso vai jubilar”. Eu já estava nessa de vai, vem, fecha, vai, volta. E aí foi aonde eu tomei uma decisão na minha vida que foi estudar pela manhã e à noite para terminar a universidade sendo bolsista. Eu não me restava outra opção que estudar. Eu fazia cinco matérias pela manhã e fazia seis matérias à noite, porque à

⁷⁰⁹ LUIZELLI, E. 2022.

⁷¹⁰ WAHLBRINK, W. 2022.

noite, como eu não tinha uma grade fechada, eu podia ir acumulando matéria. Então em seis meses me formei em Educação Física⁷¹¹.

No último semestre, Dayane precisou acumular várias disciplinas para conseguir concluir o curso em tempo hábil, pois havia deixado disciplinas a cumprir devido aos trancamentos realizados em anos anteriores. A estratégia de Jatobá foi acordar com o clube, em contrato, o pagamento do curso da UEFA, que possui um valor alto. Ela só aceitaria jogar no clube com essa condição:

A grande diferença foi que quando eu voltei para a França eu já voltei com o intuito de formação. De me preparar para a pós carreira, então eu exigi, junto do contrato, dentre outras coisas, uma formação e a formação dentro do futebol. Até então, antes eu não queria ser treinadora. E no decorrer da carreira e muitas coisas acontecendo... Mas no final dela, antes de 2014, no último time da minha carreira, eu não queria ser, mas aí vendo muitas coisas acontecendo, eu acabei optando no sentido de querer transformar muitas coisas que estavam erradas durante muito tempo. Então eu exigi isso no meu contrato porque essas formações são caras, e lá então o clube bancou essa formação e durante muito tempo eu vinha me preparando, estudando, dando treinamento para as categorias mais jovens e jogando também⁷¹².

Jatobá demandou do clube o pagamento de curso visando o “pós carreira”. Essa preocupação foi compartilhada pela maioria das jogadoras, que fizeram a mesma associação, a importância dos estudos para ter outra atividade profissional após “pendurar as chuteiras”. Jatobá mesmo falou:

Mas sempre pensei ali, eu preciso estudar, preciso estudar, preciso estudar! Eu sempre tive essa preocupação de no pós carreira não ser como muitas atletas que hoje eu vejo que não tiveram formação, que não tiveram instruções e que hoje fazem coisas assim que são completamente fora do esporte, da paixão da vida delas. E que não são remuneradas, que vivem uma vida difícil, então eu sempre olhei para esse lado com uma preocupação.

A preocupação com o pós-carreira foi importante para impulsionar os estudos, buscando se manter dentro do futebol, “a paixão da vida”. Além disso, havia, claro, a preocupação econômica de como se sustentar após deixar os gramados. Marina compartilha dessa visão e de todas as entrevistadas, sem dúvida, foi a que mais reiterou esse aspecto:

Recebi outras propostas quando eu cheguei no Brasil, mas decidi que eu tinha que estudar. Aí eu tava jogando, mas pensava comigo: “o que eu vou fazer depois que eu parar?” Então, a questão acadêmica sempre veio junto com a questão profissional. Pensava: “o que eu vou fazer quando eu parar? Eu preciso estudar”. Aí em 2009 vim, comecei a faculdade em Curitiba, continuei jogando o campeonato paranaense pelo Novo Mundo Futebol Clube, que era uma equipe tradicional da cidade e por três anos eu fui a única jogadora a ser paga da equipe. (...) Por incrível que pareça, eu não sei, essa fixação de ter que estudar, eu tinha muito medo de parar e não saber o que fazer. (...) Eu fui muito atrás da parte acadêmica, porque eu sabia que eu tinha muita parte prática, mas eu precisava formalizar tudo isso a partir de uma formação acadêmica de um certificado. Então fiz a educação física. Na sequência, quando eu fui para a Itália e voltei, eu pensei no mestrado, porque eu também pensei, vou parar de ser jogadora,

⁷¹¹ ROCHA, D. 2022.

⁷¹² JATOBÁ, S. 2022.

mas eu preciso também ter um pouquinho mais de conhecimento científico. Foi aí que eu fui fazer o mestrado⁷¹³.

A necessidade de estudar para ter alguma atividade após encerrar a carteira foi tão presente na trajetória de Marina que ela deixou de aceitar propostas de clubes para conseguir cursar a faculdade, mantendo-se em Curitiba. Não parou na graduação e se propôs a fazer o mestrado. Iniciou a pós-graduação depois de ter parado de jogar, mas em Araraquara, pois seu último clube foi a Ferroviária, time daquela cidade. Dayane também abordou a importância dos estudos e as especificidades disso na Itália, onde pretende continuar após deixar as quadras:

Eu estou no processo de fazer com que a Itália reconheça a minha profissão como Educadora Física. Como tudo na vida, não é um processo muito fácil. Porque tem que ter milhões de papéis e fazer milhões de coisas. Mas eu já estou nessa fase assim, sabe? De procurar a via de saída do futsal pra começar uma nova vida. E eu estou me preparando para isso. Eu já tenho aí uns três, quatro anos da minha vida que eu estou investindo em uma série de coisas para que isso aconteça. Não é que eu acordei de ontem pra hoje, resolvi fazer isso. Então eu estou tendo que fazer um complemento de uma pós, que eles chamam aqui na Itália. Aqui são 24 créditos formativos para você poder dar aula em uma escola, já faz um ano que eu estou fazendo essa pós. Eu estou terminando de tirar o diploma de língua “Madre”, que eles chamam aqui que é o C1, diploma também muito difícil, inclusive eu reprovei na primeira prova, na parte de escrita⁷¹⁴.

A validação do diploma de Educadora Física para poder atuar profissionalmente na Itália depende do curso que Dayane está fazendo, assim, como a proficiência da língua. Mas como ela mesma colocou, é necessário para fazer a transição das quadras para a sala de aula e demonstra novamente a centralidade da formação educacional na trajetória das jogadoras.

4.4.2 Maternidade

“Se eu engravidar, tô ferrada”. Thaisa contou que tem vontade de ter filhos, mas enquanto for uma atleta profissional “não tem como”. Ela segue uma tendência geral. De acordo com dados do FIFPro das 3295 jogadoras pesquisadas apenas 2% responderam serem mães⁷¹⁵. Entre as entrevistadas dessa tese, Duda, Maravilha e Marina são mães. Três das oito. Entretanto, o trio teve seus filhos após o encerramento da carreira de futebolista. Inclusive, os dois processos estavam interligados. Leda também falou que da sua geração poucas engravidaram naquela época: “Tenho amigas que foram, mas a gente consegue contar nos dedos”.

Os dados apontam para uma relação complexa entre a maternidade e a prática esportiva de alto rendimento. Culvin relatou como mais mulheres, em comparação com os homens,

⁷¹³ AGGIO, M. 2022.

⁷¹⁴ ROCHA, D. 2022.

⁷¹⁵ FIFPro, 2017.

tendem a desistirem de suas carreiras por questões familiares e, sobretudo, por terem filhos⁷¹⁶. Obviamente, não é por acaso, pois há expectativas sociais operadas pelo gênero e projetadas nas mulheres para colocarem em segundo plano as suas carreiras em prol de construir uma família. Acrescenta-se a isso a hegemonia masculina do campo esportivo, com pouquíssima ou nenhuma preocupação com esse tópico ou em criar um espaço propício para atletas mães e seus filhos/as.

Em decorrência, há uma clara falta de políticas públicas (do Estado) e institucionais (dos clubes e federações) para dar maior apoio às futebolistas que desejam ser mães e para a ofertar atendimento de cuidado às crianças. De tal modo, as jogadoras não se sentem confortáveis ou confiantes para vivenciarem a maternidade durante suas carreiras, como bem explicitado na fala de Thaisa. Ela complementou:

Querida ter, mas não dá. Infelizmente não. Não tem como. Na Espanha, se eu não me engano, faz um ou dois anos que aprovaram uma lei que quando a jogadora, ela engravida, o clube, por obrigatoriedade tem que assinar, se eu não me engano, é um ou dois anos a mais com a jogadora. Entendeu? Até aconteceu isso. Você pode, se você quiser pesquisar no Real Madrid com uma jogadora lá, ela acabou engravidando e eles tiveram que renovar o contrato dela por mais dois anos, mas isso é uma coisa que a associação lá na Espanha, brigou porque isso não acontece na Itália, como aconteceu na Espanha. A Itália está brigando por isso, porque como eu saí da Espanha fui pra Itália, eu vi um movimento para que isso aconteça, mas aqui no Brasil não tem. Se eu engravidar, tô ferrada, entendeu, então, infelizmente, não. Tem que parar de jogar para eu poder engravidar⁷¹⁷.

Fica bem clara a incompatibilidade percebida pela jogadora entre carreira e a maternidade e chamou a atenção também para a ausência de políticas para darem o apoio necessário. A lei brasileira protege a trabalhadora gestante e prevê a licença-maternidade sem o prejuízo do emprego ou do salário, garantindo a estabilidade desde a confirmação da gestação até cinco meses após o parto. Os tribunais entendem que esse direito se estende para os contratos por tempo determinado, que é o caso dos contratos desportivos. Recentemente (e após a entrevista com Thaisa) as ministras Ana Moser, do Esporte, e Cida Gonçalves, das Mulheres elaboraram um PL para garantir que as atletas recebam até quinze parcelas mensais sucessivas do Bolsa Atletas, é um avanço, sem dúvidas⁷¹⁸. O PL foi aprovado na Câmara no início de maio de 2023.

Entretanto, com base em suas vivências, as jogadoras demarcaram a dificuldade em ser mãe e ser jogadora. Como colocou Jatobá:

⁷¹⁶ CULVIN, A. 2019, p. 240.

⁷¹⁷ MORENO, T. 2022.

⁷¹⁸ Licença maternidade: atletas receberão Bolsa Atleta durante gestação e puerpério. **Secretaria de Comunicação Social**, 12 mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/03/licenca-maternidade-atletas-receberao-bolsa-atleta-durante-gestao-e-puerperi> Acesso em: 5 mai. 2023.

Em termos de, acho que de campeonato, até dava. Eu acredito que sim, mas para quem quer crescer, quem quer viver uma vida profissional, nem sempre o parar para ter filho é algo que você consegue fazer. Você quer continuar, crescer, treinar, encontrar um clube. Você que está querendo sempre chegar mais longe, então você acaba deixando essa parte da maternidade um pouquinho de lado⁷¹⁹.

Conciliar a progressão da carreira com a maternidade foi a dificuldade exposta na fala acima, pois há a necessidade de “parar para ter filho”, ou seja, o afastamento em decorrência da gravidez e do puerpério pode prejudicar a trajetória profissional, impedir de “chegar mais longe”. Algumas jogadoras entrevistadas por Culvin compararam a gravidez a uma lesão, justamente por conta da necessidade de se afastar dos treinos, jogos, preparação física por um período mais longo⁷²⁰.

Há mais um agravante nessa situação, como visto, a carreira das jogadoras é marcada pela brevidade, afastar-se por um ou até dois anos é um tempo considerável proporcionalmente, e os contratos são de curta duração, mesmo que a lei trabalhista brasileira contemple a licença maternidade para contratos por tempo determinado, há ainda a pressão de não performar esportivamente naquele período, podendo prejudicar uma possível renovação dos contratos. É mais uma insegurança presente e lembrando que a partir de então a mãe precisará sustentar, além de si mesma, a criança.

Carla afirmou categoricamente que era “difícil, difícil, muito difícil” conciliar maternidade e carreira esportiva. Da sua época lembrou de Tamires⁷²¹ que teve o filho Bernardo, demonstrando ser possível apesar das dificuldades, mas enfatizou “ela teve uma lacunazinha, ali na carreira dela”. Para Carla hoje seria mais fácil para as atletas serem mães do que quando jogava. Dayane tem perspectiva semelhante:

Hoje está tudo mais fácil, né? Hoje a galera sai de licença maternidade. Dali um ano está jogando de novo. Antes, nossa, a coisa de uma licença maternidade no futebol feminino! Nossa, era um bicho de sete cabeças, hoje em dia está muito mais fácil. Hoje em dia até, se você não tem o filho, mas tem a mulher que você está casada, você consegue entrar nos planos ali de odontologia, plano médico, tudo pelo clube. Antigamente, nossa, duas mulheres casadas era uma coisa assim que, nossa... Os presidentes: “nossa, mulher casada”. Agora que virou febre? Todo mundo quer, todo mundo grávida. Porque a coisa facilitou mais agora, não é? Mas eu acho que sim, que dá para conciliar, sim⁷²².

É um pouco o contraponto da visão de Thaisa, que demarcou a grande dificuldade em ser mãe no futebol ainda hoje, mas Dayane trouxe outra perspectiva muito interessante, sobre

⁷¹⁹ JATOBÁ, S. 2022.

⁷²⁰ CULVIN, A. 2019, p. 244.

⁷²¹ Tamires atualmente joga no Corinthians e é titular da Seleção Brasileira. Ganhou o apelido de “mãe da Fiel”, em alusão à torcida corintiana e, claro, ao fato de ser mãe, que nesse caso é visto como uma característica central da sua identidade.

⁷²² ROCHA, D. 2022.

a companheira da jogadora engravidar e possibilitar a maternidade, pois nesse caso, não haveria o afastamento em decorrência das mudanças corporais durante a gravidez, a licença maternidade seria direcionada para os cuidados após o nascimento da criança. Não sabemos se foi por esse motivo que optaram por essa escola, mas a jogadora Cris Rozeira, mãe do Bento, não gestou ou pariu o Bento, quem fez isso foi a esposa Ana. O casal fez inseminação artificial. É um caminho possível. Além da existência e fortalecimento de políticas que deem conta das demandas das jogadoras mães.

Duda logo no começo da entrevista quando perguntei objetivamente sobre o tempo de carreira me respondeu: “eu comecei com treze anos de idade, jogando meu primeiro Campeonato Brasileiro adulto. E eu parei de jogar aos trinta e dois anos pra ter meus filhos, na verdade”. A maternidade de certa forma fez parte da sua apresentação e também o motivo de sua aposentadoria dos gramados. Ela contou que chegou a jogar um Grenal⁷²³, em que o Internacional virou em cima do Grêmio de 3x0 para 4x3, quando estava com três semanas de gravidez do primeiro filho, mas logo em seguida, aposentou. Ela expressou o significado de todo esse processo:

Foi uma opção minha e nisso eu já estava sempre dentro do meio do futebol com as escolas. (...) Pra mim foi bem tranquilo assim. Eu acho que não tive nenhuma dificuldade. Eu tive na época a minha sogra, meus pais, que me ajudaram. A gente sempre teve o apoio, o suporte da família, então foi tudo muito tranquilo, não me atrapalhou em nada. Mas ali eu vi que eu não precisava mais jogar futebol. Até porque na época não se ganhava com aquilo, eu ganhava era com a escolinha, então eu resolvi investir realmente nas escolas e foi assim que a gente acabou fazendo a nossa história aí dentro do futebol feminino⁷²⁴.

Em sua percepção foi “tudo muito tranquilo”, pois contou com uma rede apoio próxima (a sogra e a família) para darem suporte e também pesou o fato de que não era a sua atividade como jogadora que garantia o sustento, mas sim, as escolinhas da Duda, as quais já eram uma realidade naquele período. É uma situação distinta de uma jogadora que depende exclusivamente do salário pago pelo seu clube, por exemplo. Ela também usou a expressão “eu não *precisava* mais jogar futebol”, passando a ideia de já ter alcançado o necessário ali, um ciclo encerrado. De toda forma, sair dos gramados como uma escolha derivada da gravidez e da criação dos filhos expressa a incompatibilidade prática dessas atividades. Marina passou por situação semelhante:

2014 eu resolvi parar de jogar. Eu já tinha trinta e quatro anos. Já tinha feito toda essa trajetória como atleta, já estava bem cansada do ambiente também e eu queria muito ser mãe. (...) Foi muito natural. O processo foi acontecendo de forma muito tranquila, muito natural. Depois dos meus trinta anos, que eu já tinha vivido aquele futebol de

⁷²³ Partida entre o Internacional e o Grêmio, chamado usualmente de “clássico”, pois são times rivais.

⁷²⁴ LUIZELLI, E. 2022.

alto rendimento, apesar de eu ter ido ainda para a Itália, com trinta e dois anos, também vivendo no alto rendimento lá. Eu já sabia que eu queria ser mãe. Então o que todo mundo diz daquele bendito relógio que vai batendo na porta e você vai querendo ser mãe e todo lugar que eu via uma criança, eu via uma mãe, eu me via também, quis muito ser mãe. O Marcos foi muito planejado na minha vida. Eu pensei, com trinta e quatro eu paro e eu tinha performance pra ir até os trinta e oito anos tranquilamente, pelo físico bacana que eu tinha, que eu mantinha ao longo desse tempo todo. Então jogaria mais quatro anos em alto rendimento tranquilamente, mas em 2014 eu resolvi parar no final do ano. Conheci o Eduardo, o pai do Marcos. Eu decidi sair do mundo do futebol e ter o Marcos⁷²⁵.

Outros elementos pesaram na decisão de se aposentar (como o cansaço do ambiente, a sensação de já ter vivido bastante o alto rendimento), mas é perceptível que o motivo principal foi o desejo de ser mãe. Marina abdicou de, pelo menos, mais quatro anos como jogadora em virtude da maternidade. Em nenhum momento ela coloca isso como um pesar, pelo contrário, tem uma percepção bastante positiva do processo, “acontecendo de forma tranquila”. Mas assim como Duda, a opção por se aposentar para poder ser mãe e vivenciar a maternidade plenamente demonstra que há uma dificuldade de conciliação ali.

Há outro ponto interessante neste trecho, a menção ao “reloginho”, o discurso de que as mulheres possuem um “relógio biológico” que em algum ponto da vida despertará, pois alerta de que a partir de determinada idade não poderão mais ser mães, batendo um senso de urgência em viver a maternidade. É um discurso que pressiona em direção à maternidade compulsória, como se toda a mulher precisasse obrigatoriamente ser mãe. Constitui-se em uma norma de gênero que visa associar sempre as mulheres à família, ao cuidado, ao “instinto materno”.

Maravilha também contou sobre a experiência de ser mãe:

Eu acabei encerrando a carreira porque queria ter filho. Parei no final de 2009. Acho que foi no final de novembro, que eu parei mais ou menos, na última quinzena de novembro e em dezembro, já engravidei. Foi rápido. Em fevereiro do ano seguinte, 2010, comecei a estudar, fazer magistério. Fiz dois anos de magistério, meu filho acompanhou toda a gravidez dentro de uma escola. Quando ele tinha três anos, eu comecei a trabalhar como treinadora de goleiras pela prefeitura de Maravilha e ele ia junto comigo para os treinos e ele foi aprendendo os treinamentos de goleiro que ele queria treinar também. Desde os três anos ele aprendeu já as técnicas do treinamento de goleiros, sempre foi um bom goleiro, mas hoje estou deixando a liberdade. Eu quero que ele faça e seja feliz naquilo que ele faça. Quando ele tinha seis anos para sete anos, o Romeu [de Castro] já trabalhava na CBF, perguntou se eu tivesse proposta para sair de Maravilha, para dar treinamento de goleiros, se eu sairia. Eu disse não. “Meu filho precisa de mim, não vou sair não, ainda não”. Aí quando ele tinha nove anos eu percebi que ele estava mais maduro e falei para o Romeu: “ó se um dia aparecer uma oportunidade, eu saio para começar, os trabalhos de goleiro”. Enquanto isso, eu treinava os goleiros aqui da nossa cidade. (...) Mas eu acho que foi a decisão mais maravilhosa que eu tomei na minha vida, porque nada, nada se iguala a ser mãe, a ter um filho e um filho maravilhoso. Acho que eu vivenciei muito a maternidade, foi uma coisa encantadora. Eu acho que foi outra coisa que me deu suporte e que me dá base também para trabalhar hoje com as goleiras. Eu acho que esse essa nova visão,

⁷²⁵ AGGIO, M. 2022.

essa sensibilidade que a gente desenvolve na maternidade, ela ajuda muito para que a gente perceba muitas coisas.⁷²⁶

Foi um processo muito semelhante ao de Marina, chegou em determinado ponto da carreira e resolveu parar para poder ser mãe. Durante e após a gravidez fez a transição para outra carreira, no caso de Maravilha, como professora e preparadora de goleira. Destaca-se também a sua fala sobre a maternidade quando seu filho já estava mais velho, com seis anos, e ela foi perguntada se aceitaria um trabalho fora da sua cidade, a resposta foi não, pois gostaria de se manter mais próxima do filho. Só aceitou essas condições quando ele já estava mais velho.

4.4.3 Aposentadoria

A aposentadoria é uma questão delicada para futebolistas. A carreira é relativamente curta, porém, muito intensa, dentro e fora do espaço de trabalho. Segundo Damo, as possibilidades de reconversão dos capitais futebolísticos são restritas, pois os investimentos são demasiadamente especializados para serem utilizados em algo que não seja o futebol⁷²⁷. Esses dois elementos fazem do processo de pendurar as chuteiras algo preocupante. Outro elemento destacado por Roderick se refere à relação identitária dos jogadores com o futebol. Como suas identidades são fortemente baseadas no jogo, o encerramento da carreira pode afetar a própria construção do “eu”⁷²⁸. Ademais, há uma carência de políticas públicas e institucionais para apoiar esse processo. Nas palavras de Marina: “Faltam muitas políticas públicas no Brasil para direcionar o atleta, né? E é normal. Você vê algumas informações, algumas reportagens dizendo: “fulano, ficou pobre, o ciclano ficou pobre”, mas é porque não existe um planejamento de carreira para esse atleta”⁷²⁹.

É preciso considerar esses elementos estruturais conectados à trajetória individual das atletas para pensar sobre a aposentadoria. Os sentimentos, significados e percepções variam bastante de acordo com a experiência de cada uma. Na visão de Duda:

Eu sempre... na verdade, eu não pensei porque eu nunca parei. Eu sempre continuei. Minha vida sempre foi com as escolas e até hoje, agora, a gente sai daqui, já tem outra reunião já, então é sempre vivendo nas escolas, vivendo através das escolas, então isso não mudou nada na minha vida, assim, na verdade⁷³⁰.

É uma perspectiva muito particular, pois ao ser perguntada sobre se aposentar enquanto jogadora, a resposta é de que na verdade ela nunca parou. Tal raciocínio é coerente com a

⁷²⁶ WAHLBRINK, M. 2022.

⁷²⁷ DAMO, A. 2005, p. 176.

⁷²⁸ RODERICK, M. 2006, p. 173.

⁷²⁹ AGGIO, M. 2022.

⁷³⁰ LUIZELLI, E. 2022.

narrativa de Duda sobre a sua trajetória no futebol, pensada de maneira ampla. Ela afirmou não ser uma atleta profissional, o seu trabalho com o futebol era as escolinhas e depois como dirigente de clube e da CBF. Nesse sentido, realmente ela continuou na carreira. O “pendurar as chuteiras” dela foi devido à gravidez, como visto no item anterior, e dadas essas condições explica porque ela considerou “tudo muito tranquilo”.

Leda, por outro lado, teve um processo de aposentadoria mais conturbado. Em seu relato se apresentou como “eu sempre fui uma pessoa que deixei a vida ir correndo ali o seu curso e tal, mas eu sabia que em algum momento da minha vida eu ia ter que parar de jogar”, porém, essa preocupação só ficou mais forte no final da carreira. Pela preocupação com os estudos e por insistência da mãe foi cursar a faculdade de Educação Física – até porque alegou a dificuldade em conciliar o curso com a rotina de jogos e treinos constantes. Nesse processo percebeu que não teve uma preparação adequada para a reconversão da carreira:

Eu acho que a nossa geração teve esse primeiro impacto porque mesmo eu sabendo que eu tinha que fazer uma faculdade [olhar cabisbaixo] para tentar seguir uma carreira fora das 4 linhas, a gente não se prepara para a transição [fala pausada]. A gente não se preparou para a transição. E hoje em dia isso é muito falado, inclusive no meio do futebol masculino. Acho que é a fase mais difícil pro atleta. Cara, você fez aquilo ali tua vida inteira e você começar a pensar no que você vai fazer pós carreira. Hoje isso é possível. Gerações após a minha conseguiram fazer isso. E a minha? Infelizmente, a gente teve essa dificuldade. Então eu mesmo parando ali de jogar e já entrando na Educação Física e trabalhando com Educação Física, eu não me preparei para encerrar a carreira. Eu não me preparei porque eu acho que isso tem que ser tudo pensado. E eu não pensei, e a gente não pensou: “puxa, eu quero isso mesmo?” e te digo uma coisa, se eu tivesse que escolher uma carreira, talvez não escolheria fazer Educação Física. Hoje, se eu talvez tivesse feito fisioterapia, nutrição, eu estaria inserida dentro do futebol. Eu poderia ser até treinadora porque eu fui ex-atleta. Enfim... Mas eu não me preparei. E eu descobri isso: parar de jogar. Eu fui disputar um último campeonato de futsal pela faculdade em 2006. Foram os JUBS e eu já estava com 42 anos e aí eu fui. Meu desempenho foi horrível, porque nessa época eu já estava trabalhando e eu só ia treinar na faculdade duas vezes por semana. Mas ainda estava lá e tal, e eu fui, aí quando eu voltei, foi em Recife. Quando eu voltei, eu falei “gente...”. Eu vi que meu desempenho foi horrível. E eu sempre fui muito exigente [gesto com a mão no alto, mostrando altura] com meu desempenho, com competitividade, essas coisas. E eu falei “gente, eu tô aqui me despedindo de vocês”. Olha que loucura! Dentro do ônibus a gente recebeu um diplomazinho. Eu falei: “eu estou aqui me despedindo de vocês, que eu estou parando de jogar, está sendo a minha última competição”. Como é que tu resolve isso numa viagem? Cara, olha que loucura. Se antes, eu poderia ter feito isso antes “pô, eu estou indo para lá, vai ser minha última competição”. Você se prepara, psicologicamente. Só que não. E aí ficou assim, ó, vapo, você corta [faz com as mãos a simulação de uma tesoura cortando], né? Você corta um fio, né? O fio está aqui estendido, você faz assim, paf. Não tem como não ter depressão depois. Porque de uma hora pra outra você está ali inserida no processo, você está ali correndo, você está ali, convivendo com todo mundo. E aí, quando você chega no Rio de Janeiro, tchau, tchau. Um abraço. Olha que doideira. Então foi bem difícil, foi bem difícil. E eu vou te falar uma coisa: eu agora que eu estou fazendo a transição. Agora, aqui na minha cabeça, eu estou fazendo a transição... Tardiamente, porém, é agora que eu estou fazendo⁷³¹.

⁷³¹ ABREU, L. 2022.

A despedida dos gramados foi bastante abrupta. Voltando de uma viagem, dentro do ônibus, ao analisar que tinha tido um péssimo desempenho em campo em uma competição. Como Leda expressou não houve uma preparação para aquele momento. Nem em termos materiais e nem no sentido psicológico. Quando ela cita o corte do fio, “o vapo”, metaforicamente é um corte em si mesma. Conecta-se bastante com as discussões de Roderick, o futebol fez parte da vida dela inteira, construiu a sua identidade e de repente, aquilo simplesmente não faz mais parte do cotidiano, de quem ela é. O impacto para o bem-estar e a saúde mental é bastante grande. Culvin destacou que a depressão não é incomum em atletas após a aposentadoria, exatamente como Leda descreveu. A ideia de estar fazendo a transição agora, ela explicou que se deve ao acompanhamento psicológico que está realizando. Fazer o curso da CBF como pioneira também auxilia nesse processo de recuperação e é uma forma, como ela expôs, de viver do futebol novamente.

Jatobá e Marina, como vimos no item sobre formação educacional, sempre tiveram uma preocupação com os estudos, justamente, para garantir o pós-carreira. Ambas compartilharam o medo da insegurança financeira e de chegar na hora e não saber o que fazer. Por isso fizeram uma transição mais planejada, o que tornou o processo mais equilibrado. Jatobá comentou também que já estava cansada de algumas coisas da profissão e contou sobre a transição em si:

Acho que foi tranquilo, foi tranquilo. (...) Então era muito desgaste, preocupaçãozinha, coisinha, eu já estava começando a ficar cansada de muitas coisas que eu vivenciava antes e que eu não queria continuar para temporada, então eu já há muito tempo longe da minha avó, que já tava velhinha. Eu acho que assim foi um propósito muito de Deus também eu ter voltado pro Brasil, ter aceitado esse projeto da Seleção, para poder ter ficado com a minha avó, os três últimos anos de vida dela. (...) Mas acho que o processo foi bem feito. Eu acho que o processo foi bem feito. Parei num momento que tinha que parar, já estava bem, estava me preparando para aquilo no momento que acontecesse eu ia estar pronta.⁷³²

Como visto no capítulo três, ela concluiu o curso da UEFA e estava de férias no Brasil – jogava no Metz – e estava planejando seus próximos passos quando veio a oferta da CBF para assumir a Seleção Sub-17, foi a oportunidade perfeita para deixar os gramados. Aliado a isso havia o planejamento feito, a formação garantida, o desgaste existente e a vontade de ficar próxima da avó. Jatobá contou que ainda tem vontade de trabalhar como empresária de atletas ou na gestão esportiva em algum momento da carreira.

Marina, como contado no item anterior, uniu a aposentadoria à maternidade, além de já estar preparando a sua reconversão graças ao investimento nos estudos, tanto na graduação como no mestrado. Formou-se professora de Educação Física e mestre em Educação, buscando

⁷³² JATOBÁ, S. 2022.

atuar na área da docência, pois queria uma área menos insegura e instável com relação aos direitos trabalhistas, do que o futebol profissional. E contou: “Fiz essa transição e comecei a me reconstruir como professora e por sorte que instituições de ensino abriram as portas para que eu conseguisse continuar na área da docência e fazer toda essa parte de formação”.

Maravilha também se aposentou, pois sentiu o desejo de ser mãe e buscou concretizar esse desejo. Quando perguntada sobre a aposentadoria só relacionou o processo com a maternidade mesmo, por isso, considerou uma boa experiência. Pretende continuar atuando como preparadora de goleiras: “Hoje o meu planejamento é ser treinadora de goleiras. É a minha profissão, é o que eu quero fazer. É que algumas coisas você vai descobrindo e se identificando quando você está vivenciando. Então, isso me deixa muito feliz”.

A aposentadoria para Carla foi dolorida:

"Dolorido, muito dolorido. Eu digo que foi uma aposentadoria à revelia, porque não era um negócio que... Esportivamente, as pessoas achavam que dava mais, que ainda dava para mim. Eu também achava que ainda dava para mim, mas eu falei: vou sair. A questão foi financeira. Eu recebi uma proposta. Eu recebi poucas propostas. Eu vinha de dois anos de lesão. O Kindermann abriu as portas para mim, agradeço demais, só que foi um período muito curto. E aí você vem de uma desconfiança. Uma jogadora de trinta anos com duas cirurgias no joelho, muitas jogadoras despontando e as propostas foram assim: Pernambuco, Santo Antônio. Já estava essa coisa na minha cabeça de proximidade dos meus pais, então é muito longe, um valor muito baixo. Eu já tinha comprado um carro na época da Marinha e cara, isso não pagava nem o seguro do meu carro. Então eu falei assim: é agora. É a hora que eu vou parar. Daí apareceu também uma oportunidade de trabalhar com preparação física. No CT que eu tinha usado para me preparar para ir para o Kindermann, aqui no Rio de Janeiro, que era de um preparador físico que eu admirava, que tinha sido o preparador físico da Seleção, que é o Jairo Porto. Então eu falei assim, aqui é oportunidade para eu dar a guinada na minha carreira de render na outra parte, agora do lado de fora do campo. Tanto que eu fiquei lá três ou quatro anos trabalhando com ele e absorvendo. Daí o Lauro, que tinha me contratado pro Kindermann, foi para o Iranduba. E teve um momento que na época, a Seleção Brasileira fez um draft, que sorteou jogadoras para irem para distribuir nos clubes. Ele chegou no Rio de Janeiro, eu fui almoçar com ele e ficou “eu vim te desaposentar. Eu vou te levar pro Iranduba”. Eu falei “não, você não vai conseguir me desaposentar. Você vem no Rio de Janeiro, você vai no draft, pede uma zagueira no draft. Porque eu não vou mais desaposentar. Eu já chorei tudo que eu tinha que pra chorar eu já sofri tudo que eu tinha pra sofrer. Eu estou há três meses, já me acostumei na minha vidinha, me deixa na minha vidinha, vou ficar aqui na minha vidinha aposentada”. Ele até levou a Taila no draft e eu não me desaposentei e não me arrependo. Acho que foi importante continuar no caminho que eu já estava trilhando⁷³³.

A lesão no joelho, a distância da família, o salário baixo, poucas propostas, a desconfiança enquanto atleta e uma nova oportunidade de trabalho foram os elementos citados por Carla para decidir se aposentar. Ela já era formada, já tinha o CREF e decidiu fazer a transição, sair de dentro dos gramados para atuar fora. Como falado, houve choro e sofrimento, caracterizando como um momento difícil e dolorido. E mesmo com a oportunidade de voltar a

⁷³³ OLIVEIRA, C. 2022.

jogar decidiu seguir como preparadora física e hoje faz a leitura de que foi a atitude correta. Completou a reconversão.

Dayane, como visto, está vivenciando a transição: “Eu estou naquele processo doloroso, porque é ruim deixar o futebol. A coisa que eu sempre fiz, mas estou pensando, eu tenho 37, quem sabe com os 40 eu largo?”. O planejamento para se aposentar está ocorrendo há uns anos, quando começou o curso na Itália para validar o diploma de Educação Física, os estudos para a proficiência da língua e está verificando a questão da documentação. Além disso já atua em alguns lugares como educadora física ou professora de futsal:

E terça e quinta, no período da tarde ali das 4:30, até umas 5 e 6 horas por aí eu dou aula em uma escolinha de futsal. E tem um time misto de meninos e meninas até 12 anos. (...) Entrei em uma cooperativa onde eles fazem a tua formação e te colocam no mercado para trabalhar. Então eu quis tentar alguma coisa nova na área da Educação Física, estou tendo formação com eles, do que eles chamam aqui “ginástica doce”, o que seria? É a ginástica para as pessoas idosas, para as pessoas mais de idade, né? Então eu vou lá durante uma hora e trabalho com eles. A gente faz caminhada, a gente faz alongamento. Uma coisa nova para mim, porque eu sempre fui ligada no 220. Sempre fui lá de ir na academia puxar peso, força, força e força. E agora chego ali, encontro vinte idosos na minha frente. Até o ritmo da aula é assim... Essa cooperativa também está me preparando para o futuro, porque eles sabem que agora eu dou disponibilidade de horas para eles, bem poucas assim. Porque ainda meu principal objetivo é o futebol, não é? Mas como eu te disse, eu já estou nesse processo de procurar o algo depois do futebol. No começo, era meio difícil entender que era hora de parar. Mas agora sim, a parte do aprender mais na educação física também tá me ajudando, sabe? Você começa a ver uma outra estrada para tua vida, porque até então eu estava vendo só aquela estrada do futebol. Agora que eu comecei a ganhar um pouco de dinheiro também como professora de educação física, isso me dá mais vontade de viver, de encarar a vida de uma outra forma, de aceitar também que chega a hora de parar⁷³⁴.

Nota-se na fala a característica de quem está transacionando de um momento para o outro. Fala dos desafios da nova atividade, do futebol ainda ser o foco, de ser dolorido pensar em deixá-lo, mas por outro lado, há uma perspectiva positiva de estar se encontrando em um novo lugar. Thaisa tem trinta e três anos, joga no Flamengo e, por isso, está longe de se aposentar, mas contou que o sonho é continuar no futebol, provavelmente, na área de preparação física. Planeja ou atuar em algum clube ou voltar para os EUA e abrir uma escolinha de futebol, pois lá tem mercado.

⁷³⁴ ROCHA, D. 2022.

Considerações Finais

A frase “não é só futebol” se popularizou muito nos últimos anos e apesar da boa intenção de querer exaltar ações ou relações estabelecidas carece de respaldo, pois tudo que é originado, mobilizado e causado pelo futebol é futebol. Prefiro pensá-lo como um fato social total e/ou como uma janela privilegiada para compreendermos as sociedades humanas. Afinal, como nos lembra Marc Bloch, “o historiador se parece com o ogro da lenda, onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”. Dessa forma, essa tese procurou analisar as *pessoas* que jogam futebol. Mais especificamente, as brasileiras que jogaram e jogam futebol e de alguma forma deram um sentido de trabalho para aquele jogo.

O tema se localiza em uma encruzilhada entre a história do futebol brasileiro, a história das mulheres e a história do trabalho. Pensar esses campos de maneira articulada se demonstrou um desafio. Porém, mostrou-se um caminho acertado, pois preencheu uma lacuna na bibliografia sobre o futebol de mulheres ao problematizá-lo e historicizá-lo como trabalho. O objetivo era compreender de que forma as jogadoras experienciaram e experienciam o futebol como futebol.

Para isso antes foi preciso contextualizar historicamente o futebol brasileiro dentro do recorte temporal estabelecido. Dessa necessidade foi elaborada uma periodização que divide o futebol de mulheres no Brasil em três fases: 1) de 1979 a 1995, começa com a Deliberação nº 10/79 e finaliza com a Copa do Mundo da Suécia, em 1995; 2) de 1996 a 2019, inicia com a Olimpíada de Atlanta e segue até o princípio da Copa do Mundo da França; 3) de 2019 em diante, considerando justamente a Copa da França como um marco de ruptura e inaugural dessa nossa fase. Cada uma com as suas características específicas, porém, pensadas também de maneira conectada, pois há sempre rupturas e permanências na diacronia.

Em termos metodológicos utilizei a História Oral Temática e entrevistei oito jogadoras brasileiras. Suas narrativas orais demonstraram a diversidade de significados atribuídos ao trabalho de futebolista. Também utilizaram uma miríade de termos para caracterizá-lo: dedicação, salário, responsabilidade, estrutura, sacrifício, dia a dia, contrato, foco, treinamento. A partir disso procurei pensar a singularidade do circuito do futebol de mulheres, sem considerá-lo um anexo ou uma cópia falhada do futebol espetáculo dos homens.

A pesquisa também caracterizou a profissão de futebolista: breve, instável, marcada por contratos de curta duração, exige demais da atleta, a centralidade do corpo. E mesmo assim as mulheres tentam construir suas carreiras no esporte. O que se conecta ao fato de que o futebol se tornou inerente às suas identidades, pois foi incorporado a elas, desde a infância. A partir daí

elas começam a *fazer-se* jogadora, um processo ativo que ocorre graças à agência de cada uma delas e aos condicionantes estruturais. Um desses condicionantes é trabalhar em um ambiente de hegemonia masculina e todas as consequências que isso traz.

Sempre parti da premissa de que o futebol se configurou como um trabalho de diferentes formas para as atletas ao longo do tempo, porém, só fui compreender como isso se dava após as entrevistas e a análise. Primeiramente, houve a necessidade de um *reconhecimento* social das jogadoras e da própria modalidade – elemento que aparece muito na entrevista de Leda, da geração pioneira – e somente depois se estabeleceram demandas mais articuladas em prol da profissionalização em si. De toda forma, ambas se relacionam com estrutura adequada e condições adequadas para desempenhar a função de atleta.

Nesse sentido, foi feita a análise das condições de trabalho e de vida das futebolistas. Foi verificado que as condições de trabalho variam muito: ao longo do tempo, por questão geográfica, cultura do clube, de acordo com a própria carreira da jogadora. Uma atleta pode passar em sua trajetória por várias equipes bem estruturadas e por muitas deficitárias. A precariedade, entretanto, é uma constante na profissão. As jogadoras iniciaram a luta por profissionalização justamente em um contexto de acumulação flexível do regime capitalista e de desregulamentação do trabalho. Ou seja, quando a precariedade se torna a norma do mercado de trabalho. Já é um agravante em uma modalidade que historicamente foi marginalizada.

A precarização se expressou de diferentes maneiras. Até comida negada as atletas tiveram. Para além desse caso mais extremo foram relatados diversos aspectos: inexistência de contrato formal, insegurança salarial, instabilidade no trabalho (nunca sabem se o time vai ter condições de pagar ou manter suas atletas), estrutura de má qualidade (campos inadequados, comissão técnica mal capacitada, falta de profissionais especializados), atendimento médico incorreto ou até mesmo a ausência dele.

Alia-se a isso as inúmeras e intensas pressões sofridas pelas jogadoras. Causadas pela ânsia de performar sempre em alto rendimento, o que gera cobranças excessivas, mal-estar e pode levá-las a fazerem sacrifícios para conseguir cumprir essas “metas” inatingíveis. Treinam doentes, forçam o corpo, trabalham em dias de folga etc. Outra pressão é oriunda das condições materiais, principalmente, da instabilidade e insegurança da profissão, mas elas precisam sobreviver financeiramente. Muito foi falado também sobre abdicar de tempo com a família e amigos. Tiveram que deixar pessoas para trás para poderem viver de futebol.

As transferências e (i)migrações para outros países também foram abordadas, pois seis das entrevistadas jogaram fora do Brasil. A comparação era sempre inevitável e todas falaram como era melhor jogar na Europa, devido à estrutura, boas condições de trabalho, torneios

competitivos, calendários organizados etc. O que por vezes também afetava o psicológico delas, pois havia um medo maior de perder aquela estabilidade e vida de qualidade. Contudo, a história de Jatobá na Rússia demonstrou também os problemas que podem ser vividos. Sobre as transferências destacaram-se as diferentes formas de ser contratada por um clube. A mais corriqueira e tradicional no futebol de mulheres é através da constituição de redes informais de jogadoras, uma acaba levando a outra. Os olheiros também foram bastante citados, um olheiro viu uma delas jogar e convidou para o time. Mais recentemente surgiu um novo personagem: o agente ou empresário, que intermedia as negociações.

O vínculo e a visão das atletas sobre as instituições, dirigentes e treinadores se revelou um boa maneira de analisar as relações de gênero estabelecidas no futebol. Logo de início se reitera o futebol como um espaço de hegemonia masculina, vide que a grande parte dos cargos decisórios é ocupada por homens. Mulheres precisam trabalhar/jogar nesse ambiente. Não por acaso as críticas às instituições e dirigentes foram quase unânimes, tiradas algumas exceções. As relações com os treinadores foram melhores, relataram discordâncias e desentendimentos, mas nada comparado aos dirigentes. Muitas também agradeceram e elogiaram os treinadores que tiveram na carreira, pois sempre buscaram aprender com eles. Mas elogiaram e se identificaram ainda mais com as treinadoras.

Pensar a vida além do futebol promoveu reflexões interessantes ao longo da pesquisa. A formação educacional foi colocada como prioridade para todas as entrevistadas, independente das dificuldades para conseguir uma formação de nível superior. Para isso elas traçaram diferentes estratégias para cursar suas graduações. Todas fizeram na Educação Física, justamente por já terem experiência e proximidade com as práticas corporais e/ou por quererem se manter no futebol. A maternidade foi apresentada como incompatível com a carreira de jogadora. A ausência de políticas públicas e institucionais que amparem as atletas que querem ser mãe inibe esse desejo. Além disso, ficar afastada por tanto tempo dos gramados e treinos gera uma ansiedade e um medo de perder aquele lugar, de não ter o seu contrato renovado, de ficar sem salário.

A aposentadoria aconteceu de forma variada para as entrevistadas. Para algumas foi um processo “natural”, haviam planejado aquele momento e fizeram uma transição relativamente tranquila. Outras associaram a aposentadoria com a maternidade. Queriam ter filhos e por isso desistiram de suas carreiras. Para algumas foi um processo dolorido ou abrupto, o que acabou afetando o bem-estar e a saúde mental. A explicação para esses casos está justamente na construção identitária das atletas baseada demasiadamente no futebol.

Creio ser impossível chegar na conclusão de uma tese e não ficar com o sentimento de que faltaram aspectos a serem abordados, jogadoras a serem entrevistadas, leituras a serem feitas. Porém, espero que esta pesquisa contribua com a história do futebol brasileiro e abra possibilidades de novos trabalhos. Acredito que uma aproximação maior entre os debates do Mundo do Trabalho e a História do Esporte é necessária. Assim como formas de pensar gênero, raça e classe de maneira articulada no futebol.

REFERÊNCIAS*

Fontes

Atos normativos

BRASIL. **Decreto-lei 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

BRASIL, **Deliberação CND nº 7/1965**, de 2 de agosto de 1965. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres.

BRASIL, **Deliberação CND nº 10/1979**, de 21 de dezembro de 1979. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país, para a prática de desportos pelas mulheres.

BRASIL. **Deliberação CND nº 01/1983**, de 25 de março de 1983. Dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol feminino. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF, 11 de abril de 1983. Seção I, p. 5794.

BRASIL. **Decreto nº 11.458**, de 30 de março de 2023. Institui a Estratégia Nacional para o Futebol Feminino.

Audiovisual

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **Absolutas – Ep. 3 O Futebol Feminino Contra-Ataca**. 6 nov. 2022. 1 vídeo (14min45seg). Disponível em: <https://www.facebook.com/futebolpaulista/videos/765842013972410>

SORYS, Gabriela. **Rose do Rio, técnica de futebol, parte 1**. Canal Sorys Gabriela, 4 set. 2011. 1 vídeo (4min57seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XPNXyfCkoHk>

Documentos estatais

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Dossiê Movimento Operário. 1978. Fundo: Política Operária. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_f3/0/0/0009/br_rjanrio_f3_0_0_0009_d0001de0001.pdf

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Correspondência particular recebida – Governo Figueiredo. 25 mai. 1981. Fundo: Gabinete Pessoal do Presidente da República. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_JF/JBF/0/0253/BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0253_d0001de0001.pdf

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Divisão de Segurança e Informações. 24 nov. 1981. Fundo: Divisão de Inteligência do Departamento de Polícia Federal. (Sistema de Informações do

* De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

Arquivo Nacional) Disponível em:
http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_zd/br_dfanbsb_zd_0/br_dfanbsb_zd_0_0/br_dfanbsb_zd_0_0_0016c/br_dfanbsb_zd_0_0_0016c_0008/br_dfanbsb_zd_0_0_0016c_0008_d0001.pdf

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Estrutura Político-Administrativa e Social. 19 abr. 1985. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em:
http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/EEE/85016852/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_85016852_d0001de0001.pdf

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Movimento grevista dos servidores das universidades federais no Rio Grande do Sul. 1987. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em:
http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/ggg/87014928/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ggg_87014928_d0001de0001.pdf

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Congresso de Fundação da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB). 12 ago. 1988. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional) Disponível em:
http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/EEE/88020814/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_88020814_d0001de0005.pdf

Periódicos

Atlético ganha o jogo. **Diário do Paraná**, 28 nov. 1976, p. 12.

Bolsonaro critica questão do Enem sobre Marta e jogadora rebate. **Placar**. 18 jan. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/bolsonaro-critica-questao-do-enem-sobre-marta-e-jogadora-rebate>

Brasil luta. Norueguesas mostram melhor futebol e ficam com a medalha de bronze. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 ago. 1996, Esportes, p. 10.

CBF celebrará os 30 anos da Primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino. CBF, Rio de Janeiro, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/cbf-celebrara-os-30-anos-da-primeira-selecao-brasileira-de-futebol-fem>

CBF divulga calendário da base e futebol feminino 2019 com novidades. CBF, Rio de Janeiro, 1 fev. 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/calendario-da-base-e-futebol-feminino-2019-mais-jogos-e-competicoes>

CBF equipara diárias e premiações pagas às Seleções Brasileiras. CBF, Rio de Janeiro, 2 set. 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br>

Com mais de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história. **Globo Esporte**. 18 out. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-divulga-audiencia-da-copa-do-mundo-feminina-e-diz-que-mais-de-1-bi-de-pessoas-assistiu-ao-torneio.ghtml>

Coritiba empata e ganha Octogonal. **Diário da Tarde**, 23 ago. 1979, p. 8.

Cristiane relembra desafios até a prata do futebol feminino em Atenas 2004. **Globo Esporte**. São Paulo, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/cristiane-relembra-desafios-ate-a-prata-do-futebol-feminino-em-atenas-2004.ghtml>

Fora de Campo. **Mulherio**. São Paulo, ano 2, número 10, nov./dez., 1982, p. 23.

Fracassa o congresso das mulheres. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 dez. 1980, p. 28.

Futebol Feminino na Cotrasa. **Diário da Tarde**, 30 abr. 1977, p. 2.

Futebol feminino para valer. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1997, p. 44-46.

Futebol feminino vence preconceito. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 jan. 1982, p. 42.

Futebol feminino vence preconceito. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 set. 1986, p. Matutina, Jornais de Bairro, p. 17.

Havelange defende o futebol feminino, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 ago. 1982, p. 23.

Futebol feminino teve choro e eleição de miss. **Diário do Pará**, Belém, 10 abr. 1984, Caderno 2, p. 1.

Irão todos a Seul? **Revista Placar**, São Paulo, 24 ago. 1984, p. 27.

Legalização no setor feminino. **Diário da Tarde**, Curitiba, 30 set. 1981, p. 7.

Meninas prontas para o torneio. **Diário do Pará**, Belém, 7 abr. 1984, Caderno 2, p. 1.

Mulher quer registro na FPF. **Diário da Tarde**, Curitiba, 12 mai. 1983, p. 6.

Mulheres, novo problema. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 1983, p. 26.

Mulheres já podem se registrar na FPF. **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 mai. 1983, p. 7.

Mulheres no futebol: de olho na Copa. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro 15 dez. 1982, p. 138.

- Mulheres preferem as competições amistosas. **Diário da Tarde**, Curitiba, 09 abr. 1983, p. 6.
- Mulheres só esperam o sinal verde da FIFA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 ago. 1982, p. 13.
- No Recife, luta do futebol feminino. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.
- O Brasil descobre agora suas craques. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1996, Esportes, p. 14.
- O charme da conquista. **Revista Placar**, São Paulo, 24 fev. 1984, p. 42.
- O desafio feminino está sem resposta. Vila Tapajós. **Diário do Paraná**. Curitiba, 2 jul. 1975, p. 5.
- O futebol para as mulheres e a classe amadora. **Diário da Tarde**, Curitiba, 29 dez. 1980, p. 7.
- O Santos sai na frente mas termina derrotado pela Ponte. **A Tribuna**, Santos, 25 jun. 1984, p. 12.
- Pais e mestres em festa. **Diário da Tarde**, 28 abr. 1977, p. 2.
- Paraná quer jogos oficiais. **Diário da Tarde**, Curitiba, 13 abr. 1983, p. 7.
- Por que Mulherio? **Mulherio**. São Paulo, ano 1, número 0, mar./abr. 1981, p. 1.
- Radar, campeão do Open, já é apontado como favorito. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro 8 mar. 1982, p. 8.
- Radar conquista torneio da na Itália. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1986, Matutina, Esportes, p. 32.
- Radar dá goleada na estréia. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 15 out. 1984, p. 8.
- Radar em Belém. **Diário do Pará**, Belém, 10 jun. 1984, Segundo Caderno, p. 1.
- Radar viaja para jogar o Mundialito. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jul. 1986, Matutina, Esportes, p. 22.
- Santos FC. **A Tribuna**, Santos, 8 jul. 1987, p. 15.
- Seleção cobra apoio financeiro ao futebol feminino do país. **UOL Esporte**. São Paulo, 30 set. 2007. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2007/09/30/ult59u132082.jhtm>
- Seleção disputará o certame nacional. **Diário do Pará**, Belém, 12 jun. 1984, Segundo Caderno, p. 1.
- Sem título. **Diário do Paraná**, 27 e 28 nov. 1976, p. 2.

- Sem título. **Diário do Paraná**, Curitiba, 31 jul. 1982, p. 2.
- Sem título. **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 fev. 1983, p. 7.
- Sem título. **O Globo**, 28 jul. 1996, Esportes, p. 2.
- Só no sapatinho. **Revista Placar**. São Paulo, mai. 2000, p. 55-57.
- Só para o campeão. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 4 ago. 1984, p. 4.
- Sul-Americano 91: Marcia Tafarel fala da conquista. CBF, Rio de Janeiro, 30 mar. 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/sul-americano-91-marcia-tafarel-fala-da-conquista>
- Time acaba para ajudar esporte. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 9 jan. 1989, p. 5.
- TV vai mostrar o quadrangular. **A Tribuna**, Santos, 15 ago. 1987, p. 15.
- Um novo mercado para a indústria de artigos esportivos. **Revista Placar**, São Paulo, 24 fev. 1984, p. 44.
- Vigora o regulamento do futebol feminino. **Diário da Tarde**, Curitiba, 14 abri. 1983, p. 6.
- BORGES, A. De Atenas a Los Angeles. **Mulherio**. São Paulo, ano 4, número 16. mai./jun. 1984, p. 14-15.
- CARDOSO, I. Deixem que as mulheres joguem, seus machistas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 jan. 1983, p. 26.
- CARDOSO, I. Também no esporte, a opressão da mulher. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 out. 1982, p. 2.
- CARNEIRO, L. Na marca do gol. **Mulherio**, São Paulo, ano 8, número 36, jan. 1988, p. 21.
- CARVALHO, M. C. Conquistando o mundo. **Revista Placar**, São Paulo, 25 ago. 1986, p. 70.
- CARVALHO, M. C. O Brasil de Pretinha enfrenta a China. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 jul. 1996, Esportes, p. 16.
- COSENZO, L. Só minoria no Brasileiro feminino tem atletas com carteira assinada. **Folha de São Paulo**, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/so-minoria-no-brasileiro-feminino-tem-atletas-com-carteira-assinada.shtml>
- DUARTE, M.; GARCIA, S.; LUZ, S. R. Valeu meninas, e agora? **Revista Placar**, São Paulo, set. 1996, p. 46-50.
- ECHEVERRIA, R. O charme vai a campo. **Revista Placar**, São Paulo, 14 jul. 1984, p. 24-27.

FIGUEIREDO, R. Mulher ainda não entra. **Mulherio**. São Paulo, ano 7, número 29, mai./jun. 1987, p. 19.

MARTINS, L. A bela e as feras. **Revista Placar**, São Paulo, 28 out. 1983, p. 49-50.

MENDES, B. A mulher entra em campo. **Revista Placar**, São Paulo, 15 abr. 1983, p. 36-37.

MENDONÇA, R. Por que Corinthians x Fla Feminino não pôde ser preliminar do masculino? **Dibradoras**, São Paulo, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2019/07/22/por-que-corinthians-x-fla-feminino-nao-pode-ser-preliminar-do-masculino/>

MOREYRA, Sandro. Bola Dividida. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 out. 1984, p. 29.

PEREIRA, M. Denúncias contra diretor mancham temporada 2022 perfeita do Palmeiras. **Dibradoras**, 5 jan. 2023. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2023/01/05/denuncias-contra-diretor-mancham-temporada-2022-perfeita-do-palmeiras/>

RAMALHO, C. ABRUNHOSA, O. Futebol é coisa de moça. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 7 dez. 1996, p. 76-80.

SILVA, V. R.. Apenas 2,7% dos gestores de clubes de futebol são mulheres. **Gênero & Número**. 9 jun. 2021. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-no-futebol/>

TAKIZAWA, H. As mulheres atacam. **Revista Placar**, São Paulo, 18 set. 1981, p. 33.

VILLAR, S. A história de Bel, a ex-jogadora do Inter e da seleção que venceu a luta contra o câncer de mama. **GZH Esportes**, 24 jun. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/06/a-historia-de-bel-a-ex-jogadora-do-inter-e-da-selecao-que-venceu-a-luta-contra-o-cancer-de-mama-9824147.html>

Relatórios

FIFA – Fédération Internationale de Football Association. **Global Transfer Report 2021**. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/2b542d3b011270f/original/FIFA-Global-Transfer-Report-2021-2022-indd.pdf>

FIFPRO. **FIFPro Global Employment Report: Working Conditions in Professional Women's**. Manchester, 2017.

Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (IPIE) – UFPR. Disponível em: <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/>

Orais: entrevistas

AGGIO, Marina Toscano. **Marina Toscano Aggio**: entrevista [28 nov. 2017]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba, 2017. Documento digital (38 min). Arquivo pessoal.

AGGIO, Marina Toscano. **Marina Toscano Aggio**: entrevista [27 set. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Iretama, 2022. Documento digital (1h37). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

DE ABREU, Leda Maria. **Leda Maria de Abreu**: entrevista [23 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rio de Janeiro, 2022. Documento digital (1h30). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

DE BELO, Roseli. **Roseli de Belo**: entrevista [23 mai. 2015]. Entrevistadores: Luciane Castro e Edson de Lima. São Paulo, 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134872/000988847.pdf>

DO AMOR, Sisleide Lima. **Sisleide Lima do Amor (Sissi)**: entrevista [27 nov. 2015]. Entrevistadoras: Silvana Vilodre Goellner. Concord (EUA), 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139188/000989822.pdf>

DOS SANTOS, Mariléia. **Mariléia dos Santos (Michael Jackson)**: entrevista [31 mai. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Suellen Ramos. Pelotas, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109608/000950318.pdf>

JATOBÁ, Simone Gomes. **Simone Gomes Jatobá**: entrevista [31 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba, 2022. Documento digital (1h34). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

LUIZELLI, Eduarda Marranghello. **Eduarda Marranghello Luizelli (Duda Luizelli)**: entrevista [24 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Porto Alegre, 2022. Documento digital (54 min). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

MORENO, Thaisa de Moraes Rosa. **Thaisa de Moraes Rosa Moreno**: entrevista [3 nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rio de Janeiro, 2022. Documento digital (1h07). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

NUNES, Isabel Cristina de Araújo. **Isabel Cristina de Araújo Nunes (Bel)**: entrevista [2 mar. 2016]. Entrevistadoras: Silvana Goellner, Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos. Porto Alegre, 2016. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170073/001052742.pdf>

OLIVEIRA, Carla S. **Carla Santos de Oliveira**: entrevista [18 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rio de Janeiro, 2022. Documento digital (1h38). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

PELLEGRINO, Aline. **Aline Pellegrino**: entrevista [27 nov. 2017]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. São Paulo, 2017. Documento digital (52 min). Arquivo pessoal.

PIORESAN, Margarete Maria. **Margarete Maria Pioresan (Meg)**: entrevista [8 set. 2015]. Entrevistadoras: Luiza Aguiar dos Anjos e Suélen de Souza Andres. Salvador, 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201272/001103747.pdf>

ROCHA, Dayane F. **Dayane de Fátima Rocha**: entrevista [14 out. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Rovigo (ITA), 2022. Documento digital (1h20). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

RODRIGUES, Daiane Menezes. **Daiane Menezes Rodrigues (Bagé)**: entrevista [25 abr. 2015]. Entrevistadora: Luciane Castro. São Paulo, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128089/000975416.pdf>

TAFAREL, Márcia. **Márcia Tafarel**: entrevista [27 nov. 2015]. Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner. Concord (EUA), 2015. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143206/000996205.pdf>

WAHLBRINK, Marlisa. **Marlisa Wahlbrink (Maravilha)**: entrevista [4 set. 2014]. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos. Porto Alegre, 2014. Entrevista concedida ao projeto “Garimpendo Memórias”. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139748/000991152.pdf>

WAHLBRINK, Marlisa. **Marlisa Wahlbrink (Maravilha)**: entrevista [5 dez. 2022]. Entrevistadora: Fernanda Ribeiro Haag. Curitiba/Maravilha, 2022. Documento digital (1h34). Entrevista concedida ao projeto “O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil”. Arquivo pessoal.

Sítios eletrônicos

A "Michael Jackson": Seleção brasileira e Europa. **Museu do Futebol**, São Paulo. Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/7wVhsuhff_RAKA?hl=pt-br

Coleção Simone Carneiro, 1988. **Museu do Futebol**, São Paulo. Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/7wVhsuhff_RAKA?hl

Competições. **Futebol Paranaense de Futebol**. Disponível em: <http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Competicoes/Competicao.aspx>

Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1995. **Centro de Referência do Futebol Brasileiro**. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/616980/>

DE CASTRO, Romeu. “O SAAD NA TAÇA BRASIL DE FUTEBOL FEMININO DE 1986. Grupo do Saad EC na vitória por 4x0 diante do Internacional/RS no DF”. 25 jul. 2020. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1287063363961401344>

DE CASTRO, R. Iniciamos o futebol feminino no Saad em 84, assumindo toda a equipe que pertencia ao Guarani de Campinas! O clube foi uma das principais referências do continente por três décadas...”¹ 20 mar. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1505650220817952773>

DE CASTRO, R. “111 anos do Guarani FC. Hoje o Bugre Campineiro completa 111 anos de fundação! O clube foi um dos pioneiros do futebol feminino, tendo conquistado o I Título do Interior em 1983. Abaixo as meninas e o staff técnico da nossa primeira equipe na competição.” 2 abr. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1510272523665133573>

DE CASTRO, R. “Completamos 40 anos de atividades a gestão do futebol feminino, jornada iniciada no Guarani de Campinas em 1982. Daqui brotaram as raízes para as equipes do Saad, São Paulo e Palmeiras entre os anos 80 e 90, somando 9 títulos nacionais, e a própria gestão da Seleção Brasileira.” 20 jun. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1538987130013327360>

DE CASTRO, R. Em 1987, as finais do Campeonato Paulista Feminino foram disputadas nas preliminares da versão masculina. Saad e Juventus jogaram para 109.474 torcedores no Morumbi. Recorde absoluto para a modalidade. Na foto, o elenco do Saad com o saudoso árbitro Olten Ayres de Abreu.” 12 set. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1569429313975455744>

DE CASTRO, R. “O Estádio do Morumbi foi palco de grandes jogos do Futebol Feminino. Em 1993, 88.644 pagantes apoiaram as meninas do Saad na conquista da Copa São Paulo, na preliminar de Palmeiras x Vitória. O jogo teve transmissão pela Band em TV aberta, com grande repercussão”. 12 set. 2022. Twitter: @RomeuDeCastro. Disponível em: <https://twitter.com/RomeuDeCastro/status/1569425577093828613>

ESTUDE VASCO. “[Maior era do Feminino]. Pretinha e cia (1993-2000). 64 jogos (encontrados); 54 vitórias; 4 empates; 6 derrotas; 241 gols feitos; 30 gols sofridos. Tricampeãs Brasileiras (1993, 1994, 1998). Pentacampeãs cariocas (1996-2000). Bicampeãs do Torneio Início (1999 e 2000). 6 ago. 2022. Twitter: @EstudeVasco. Disponível em: <https://twitter.com/EstudeVasco/status/1556106184398180352>

FIFPro. How FIFPRO helped make the 2023 Women’s World Cup more professional and equitable for players. Disponível em: <https://fifpro.org/en/who-we-are/what-we->

do/foundations-of-work/how-fifpro-helped-make-the-2023-women-s-world-cup-more-professional-and-equitable-for-players

Futebol. **Clube de Regatas do Flamengo**. Disponível em: <https://www.flamengo.com.br/>

Futsal-História. Club de Regatas Vasco da Gama. Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/futsal-historia/>

Informações Gerais – Classificação Brasileira de Ocupações. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Brasília. Disponível em: <https://cbo.mte.gov.br/cbosite/pages/informacoesGerais.jsf;jsessionid=PQ0R15vdTdf6X9p6Sq7IY-80L603elKLiSz5omUP.CBO-SLV03:mte-cbo>

JUVENTUS FUTEBOL FEMININO. "Você sabia que o Juventus é o 1º Campeão Paulista de Futebol Feminino? Em 1987, a FPF organizou o primeiro Campeonato Paulista e as campeãs foram nossas Juventinas! Além disso, das 24 edições do campeonato, a equipe do Juventus esteve presente em 21." 23 jul. 2020. Twitter: @juventusfutfem. Disponível em: <https://twitter.com/juventusfutfem/status/1286366106408701953>

Licença maternidade: atletas receberão Bolsa Atleta durante gestação e puerpério. **Secretaria de Comunicação Social**, 12 mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/03/licenca-maternidade-atletas-receberao-bolsa-atleta-durante-gestao-e-puerperi>

Relatório da Família: Atletas profissionais – Classificação Brasileira de Ocupações. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Brasília. Disponível em: <https://cbo.mte.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaDescricao.jsf>

SILVA, Marta V. Carta para eu mesma quando jovem. **The players tribune**. 24 ago. 2017. Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/marta-letter-to-my-younger-self-portuguese/>

Tabelas. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://ge.globo.com/>

Bibliografia

ADAMS-HUTCHESON, G.; LONGHURST, R. At least in person there would have been a cup of tea: interviewing via Skype. **Area**, v. 49, p. 148–155, 2016.

AHMAD, A. Problemas de classe e cultura. In: WOOD, E.; FOSTER, J. B. (org.). **Em defesa da História: Marxismo e Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALMEIDA, C. S. de. **“BOAS DE BOLA”**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 151 f. 2013. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

ALMEIDA, C. S. de. **Do sonho ao possível:** projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 254 f. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

ALMEIDA, C. S. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 72–87, 2019.

ALMEIDA, C. Nas praias e nas várzeas: o movimento de retorno do Futebol Feminino entre os fins da década de 1970 e início de 1980. *In*: KESSLER, C.; DA COSTA, L.; PISANI, M. da S. (org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

ALMEIDA, C. S. DE; PISANI, M. S. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil . **Labrys, études féministes / estudos feministas**, v. 28, jul./dez., 2015.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. Seleção permanente: algumas reflexões após o primeiro ano da experiência. **Ludopédio**, São Paulo, v. 81, n. 3, 2016.

ANJOS, L. A. **De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”:** uma história da torcida Coligay. 391 f. 2018. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, A. M.; LOMBARDI, M. R. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 452–477, 2013.

ARAÚJO, D. T. **Lugar de mulher é no futebol:** Dulce Rosalina e a Representatividade Feminina nas Torcidas. 104 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Artes e Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2019.

ARAÚJO, R. **Os gênios da pelota:** um estudo do futebol como profissão. 100 f. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, n. 23, p. 33–56, 2015.

ASTRUC, C. O futebol como profissão: origem, ascensão social e o mundo do trabalho dos futebolistas brasileiros (1950-1980). *In*: HOLLANDA, B. B.; FONTES, P. (org.). **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

BAKAN, A. B. Marxismo e antirracismo: repensando a política da diferença. **Revista Outubro**, n. 27, nov., 2016.

BANDEIRA, G. A. "**Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração**": currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 128f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BANDEIRA, G. A. **Do Olímpico à Arena**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. 342 f. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

BANDY, S. J. Gender and sports studies: an historical perspective. **Movement & Sport Sciences - Science & Motricité**, v. 27, n. 86, p. 15–27, 2014.

BARBIERI, F.; BENITES, L.; SOUZA NETO, S. Os sistemas de jogo e as regras do futebol: considerações sobre suas modificações. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 427–435, abr./jun., 2009.

BENNETT, R. S. *et al.* Changing the rules of the game: Reflections toward a feminist analysis of sport. **Women's Studies International Forum**, v. 10, n. 4, 1987, p. 369–379.

BIRRELL, S. Feminist Theories for Sport. *In*: COAKLEY, J.; DUNNING, E. (org.). **Handbook of Sports Studies**. London: SAGE Publications Inc., 2000.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 213 f. 2019. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2019.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL, E.; NASCIMENTO, L. F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, v. 33, n. 69, p. 196–219, 2020.

BURLAMAQUI, L. G. **A dança das cadeiras**: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). (Coleção Entrejogos) São Paulo: USP-Capes Intermeios, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CABRAL, J.; GOELLNER, S. 30 anos depois: os relatos das pioneiras no primeiro mundial da FIFA. **Ludopédio**, v. 149, n. 18, 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/30-anos-depois-os-relatos-das-pioneiras/>

CABRAL, J.; GOELLNER, S. As pioneiras pedem passagem: Memórias do Torneio Experimental da China (1988). **Ludopédio**, v. 154, n. 17, 2022. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/as-pioneiras-pedem-passagem-memorias-do-torneio-experimental-da-china-1988>

CAMARGO, W. X. Dimensões de Gênero e os múltiplos futebóis no Brasil. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

CAMPOS, F. O lulismo em campo. In: MARINGONI, G.; MEDEIROS, J. (org.). **Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

CAMPOS, M. C. C. Futebol e relações de gênero em Maracanã, adeus. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n. 0, 1994, p. 53-59.

CESTARI, P.; ROCCO JR, A. A relação entre as práticas de gestão e a evolução do futebol feminino na Ferroviária/Fundesport. **Anais do IV Singep - Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade**. São Paulo, 2015.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1a. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, L. M. da. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, v. 13, p. 493–507, 2017.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História E Imprensa. **Projeto História**, v. 35, n. 2, p. 253–270, 2007.

CULVIN, A. **Football as work: the lived realities of professional women footballers in England**. 420 f. 2019. Thesis (PhD in Philosophy) - School of Sport and Wellbeing, University of Central Lancashire, 2019.

CUNHA, A. C. P. **A produção de dissertações e teses sobre os "futs" de mulheres no Brasil (2010-2016)**. 235 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, 2020.

CUNHA, C. Uma escritora feminista: fragmentos de uma vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 271–276, 2008.

DAMO, A. S. **Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores do Brasil e na França**. 435 f. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DAMO, A. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, set.dez., p. 37–66, 2018.

DANTAS, M. M.; ANJOS, L. A. dos. Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016). *In: KESSLER, C. S; DA COSTA, L. M. ; PISANI, M. da S. (org.). As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020 (Ebook).

DE MENESES, U. B.. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992.

DRUCK, G. A precarização social do trabalho no Brasil: indicadores selecionados. *In: ANTUNES, R. (org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

FARIA JUNIOR, A. G. de. Futebol, questões de gênero e coeducação. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n. 2, 1995, p. 17-39.

FERREIRA, H. J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. 101 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, 2012.

FERREIRA, J. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. *In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). O Brasil Republicano: o tempo da Nova República*. Da Transição Democrática à Crise Política de 2016. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERREIRA, M.; AMADO, J. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FICO, C. **História do Brasil Contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais**. São Paulo: Contexto, 2015 (epub).

FONTES, V. **O Brasil e o capital-imperialismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

FREITAS, V. G. O jornal Mulherio e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista. **História, histórias**, v. 2, n. 4, p. 149–166, 2014.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, v. 163, n. jul./dez., p. 293–350, 2010.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esporte: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 173–196, 2007.

GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45–52, 2013.

GOELLNER, S. V. Sport Clube Rio Grande e Clube Esportivo Bento Gonçalves: seria este o primeiro jogo de mulheres autorizado no país? **Ludopédio**, v. 141, n. 15, 2021.

GOELLNER, S. V.; CABRAL, J. R. **As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer.** São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GUIMARÃES, N.; PAUGAM, S. Work and Employment Precariousness: a transnational concept? *In*: LA ROSA, M.; MORLICCHIO, E.; PAUGAM, S. (org.). **Sociologia del Lavoro.** Milano: Franco Angeli, 2016.

HAAG, F. R. “Futebol feminino, a sensação do momento”: O futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense. **Recorde**, v. 14, n. 2, p. 1–32, jul./dez. 2021.

HARGREAVES, J. **Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women’s Sports.** Nova York: Routledge, 1994.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HIRATA, H. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 24–41, 2009.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. A classe trabalhadora tem dois sexos. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 93–100, 1994.

HOLLANDA, B.; MELO, V. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, B. B. B.; RIBEIRO, R. R. História Oral, prática futebolística e cidades no Brasil: conflitos e apropriações nas narrativas de ocupação dos campos de “futebol de várzea” de Belo Horizonte. **História Oral**, v. 22, n. 2, p. 33–57, 2019.

HOLLANDA, H. B. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JORAS, P. S. **Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino.** 128 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

JORAS, P. S. **“CONHECER PARA RECONHECER”:** O futebol de mulheres e a trajetória de Maria Ivete Gallas. 136 f. 2020. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

KESSLER, C. S. **Mais que Barbies e Ogras: uma Etnografia do Futebol de Mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.** 375 f. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

MAGALHÃES, S. Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007). **Record**. v. 1, n. 2, p. 1–39, 2008.

MALAIÁ, J. M. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, v. 13, n. jan./jul., p. 125–155, 2008.

MARINGONI, G.; MEDEIROS, J. **Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K. **O Capital**: livro 1: capítulo 6. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTOS, M. B. E. P. **Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019.

MAUAD, A. M. Usos do passado e história pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). **História Crítica**, n. 68, 2018, p. 27-45.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MCGILLIVRAY, D.; FEARN, R.; MCINTOSH, A. Caught up in and by the beautiful game: A case study of Scottish professional footballers. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 29, n. 1, p. 102–123, 2005.

MEIHY, J. C. S.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MENEZES, R. **Bete mendes**: o cão e a rosa. (Coleção Aplauso. Série Perfil) São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

MESSNER, Michael A. Sports and Male Domination: The Female Athlete as Contested Ideological Terrain. **Sociology of Sport Journal**, v. 5, n. 3, p. 197–211, 1988.

MESSNER, M. A. **Taking the field**: women, men and sports. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

MORAES, E. V. **Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90**. Salvador: EDUFBA, 2014.

MORGAN, R. “No More Miss America”. *In*: BLOOM, A.; BREINES, W. (org.). **Takin’it to the streets. A sixties reader**. New York: Oxford University Press, 2003.

MOTTA, M. História, memória e tempo presente. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R., **Novos domínios da história**. Elsevier, 2012, p. 21-36.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As Narrativas Sobre O Futebol Feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, jan. 2005.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, 1993, p. 1-22.

NORONHA, E. “INFORMAL”, ILEGAL, INJUSTO: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 53, p. 111–179, 2003.

OLIVEIRA, M. A. T. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985). *In*: PRIORE, M. D.; MELO, V. A. (org.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009 (Kindle).

PACHECO; A. J. P.; CUNHA JUNIOR, C. F. F. da. Jogos Olímpicos de Atlanta 1996: a imprensa e o “futebol de saias” do Brasil. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n. 5, 1997, p. 95-108.

PEDRO, J. Mulheres. *In*: PINSKY, J. (org.). **O Brasil no Contexto: 1987-2007**. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERROT, M. **As mulheres e os silêncios da História**. Bauru: EDUSC, 2005.

PESSANHA, N. F. **Arquibancada Feminina: Relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro**. 157 f. 2020. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2020.

PESSOA, F. M. L. **HUMOR, FUTEBOL, POLÍTICA E SOCIEDADE NAS CHARGES DO JORNAL DOS SPORTS: Um estudo comparativo entre as obras de Lorenzo Molas (1944-1947) e Henfil (1968-1973)**. 207 f. 2013. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

PFISTER, Gertrud. Women in sport-gender relations and future perspectives. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 234–248, 2010.

PFISTER, Gertrud. Assessing the sociology of sport: On women and football. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 4–5, p. 563–569, 2015.

PFISTER, G.; HARTMANN-TEWS, I. **Sport and Women: Social Issues in International Perspective**. London: Routledge, 2003.

PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 1, p. 159–189, 2009.

PINTO, M. R. **Pelo Direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 128f. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2017.

PISANI, M. da S. **PODEROSAS DO FOZ**: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. 166 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

PISANI, M. S. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol : mercadoria que ninguém compra ? **Espaço e Sociedade**, ano 9, n. 23, p. 1–11, 2014.

PISANI, M. S. Prática de lazer, amadorismo ou profissão? *In*: MARTINS, M. Z.; WENETZ, I. (org.). **Futebol de mulheres no Brasil**: desafios para as políticas públicas. Curitiba: CRV, 2020. p. 85–101.

PISANI, M. S. A circulação e os circuitos futebolísticos de jogadoras brasileiras. **CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, v. 31, p. 76–90, 2020a.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, [s. l.], v. 14, n. fev., p. 25–39, 1997.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PROST, A. **Doze Lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RAMOS, S. dos S. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul**: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghelli Luizelli (Duda). 157 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

REIS, L. C. **Representações da Mulher que joga futebol**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, 1997.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21–65, 2008.

RIBEIRO, R. R. **A VÁRZEA E A METRÓPOLE: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)**. 492 f. 2021. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, 2021.

RODERICK, M. **The Work of Professional Football. A labour of love?** Londres: Routledge, 2006.

SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classes**. 3a.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SALVINI, L.; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JÚNIOR, W. O FUTEBOL FEMININO NO CAMPO ACADÊMICO BRASILEIRO: MAPEAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES (1990-2010). **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, p. 1–14, 2014.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, v. 27, p. 1–18, 2020.

SANTOS, J. M.C. M. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 501f. 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

SANTOS, J. M. C. M. . Placar: 1970. *In*: HOLLANDA, B.; MELO, V. A. (org.). **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEITZ, S. Pixilated Partnerships, Overcoming Obstacles in Qualitative Interviews via Skype: A Research Note. **Qualitativo Research**, v. 16, n. 2, p. 229–235, 2016.

SILVA, F. C. T. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. *In*: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). **O Brasil Republicano: o tempo do regime autoritário**. 9ª. ed. Ditadura Militar e Redemocratização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SILVA, G. C.. **Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 144 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2015.

SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História.**, v. 27, n. 54, p. 281–300, 2007.

SORJ, B. SOCIOLOGIA E TRABALHO: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 43, p. 25–34, 2000.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 35–48, 2007.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. 314 f. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

STOKER, C. FIFA's First International Women's Tournaments. **Unlocking the Hidden History of Women's Football – National Football Museum**. 28 ago. 2017. Disponível em: <https://unlockingthehiddenhistory.wordpress.com/2017/08/28/fifas-first-international-womens-tournaments/>

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa. A árvore da liberdade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes, 2021.

TONINI, M. D. **Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu**. 480 f. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Hummanas, Universidade de São Paulo, 2016.

TORGA, M.; PIRES, B. A.; MOURÃO, L. Gênero e futebol: as mulheres na gestão do futebol brasileiro. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 4, p. 1–7, 2020.

TRANter, N. **Sport, economy and society in Britain, 1750-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WILLIAMS, J. **Women's Football, Europe and Professionalization (1971-2011)**. Leicester: De Montfort University, 2011.

WOOD, E. O que é a agenda pós-moderna? *In: Em defesa da história: Marxismo e Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

